



# JACQUELINE SUSANN

Autora de  
**A MÁQUINA DO AMOR**



# O Vale das Bonecas

O maior sucesso dos últimos 20 anos —  
65 semanas consecutivas na lista  
de bestsellers do **New York Times** —  
8 milhões de exemplares vendidos  
nos Estados Unidos.



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Jacqueline Susann

# O Vale Das Bonecas

Tradução de Zora Maria Úrsula Valêncio Pesek

**Título original:**

*The Valley of the Dolls*

© **Copyright 1966, by Jacqueline Susann.**

**Publicado mediante acordo com Bantam Books, Inc. Nova York.**

**Todos os direitos reservados.**

**Publicado sob licença da Bantam Books, Inc, Nova York, e da Distribuidora  
Record de Serviços de Imprensa S.A., Rio de Janeiro.**

**Tradução publicada sob licença da Distribuidora  
Record de Serviços de Imprensa S.A., Rio de Janeiro.**

*A Josephine  
que se sentou a meus pés,  
certa de que eu estava  
escrevendo uma sequência...  
. mas acima de tudo a Irving*

## O VALE DAS BONECAS

Você terá que escalar o Monte Everest  
para alcançar o Vale das Bonecas.

A escalada é brutal  
e poucas pessoas viram esse pico.

Você jamais soube o que exatamente encontraria lá,  
mas a última coisa que esperaria  
era o Vale das Bonecas.

Você fica ali parado,  
esperando pela felicidade  
que esperava sentir —  
mas ela não vem.

Você está muito longe para ouvir os aplausos  
e para agradecê-los.

E não há mais para onde subir.

Você está sozinho e esse sentimento  
é mais forte que tudo.

O ar é tão rarefeito que fica quase impossível respirar.

Você conseguiu e o mundo o chama de herói.

Foi mais divertido, porém, no começo da escalada,  
quando havia apenas a esperança e o sonho de realizá-la.

Tudo o que você podia ver então era o cume da montanha,  
ninguém que o informasse sobre o

Vale das Bonecas.

Quando você alcança o píncaro tudo é diferente.

A jornada o deixou arrasado, surdo, cego e cansado demais  
para que possa apreciar a vitória.

Anne Welles nunca pretendeu fazer a escalada.

Ainda assim, deu o primeiro passo no dia em que olhou à  
sua volta e disse:

— Não, isso não me basta. Quero alguma coisa mais. — Quando encontrou Lyon

Burke era muito tarde para voltar atrás.

ANNE

*Setembro, 1945*

*Fazia* um calor de 40 graus no dia em que Anne chegou. Nova York ardia — era um animal de concreto apanhado por uma onda de calor fora de estação. Ela, porém, não se incomodava com o calor nem com a confusão de uma praça chamada Times Square. Achava Nova York a cidade mais excitante do mundo.

A moça da agência de empregos sorriu e disse:

— Ah, vai ser fácil. Mesmo que você não tenha experiência. Atualmente, todas as boas secretárias estão nos bem remunerados empregos oferecidos pelo Departamento de Defesa. Mas, francamente, querida, se eu tivesse a sua aparência iria direto a John Powers ou a Conover.

— Quem são eles?

— Dirigem as maiores agências de modelos da cidade. Isso é o que eu gostaria de fazer. Só que sou muito baixa e não suficientemente magra. Mas você é exatamente o tipo que eles procuram.

— Acho que prefiro mesmo trabalhar num escritório — disse Anne.

— Está bem, mas acho que é uma tolice. Passou-lhe um maço de papéis.

— Aqui está, todos são bons. Mas vá primeiro ao Henry Bellamy, um grande agente teatral. A secretária dele acaba de se casar com John Welles.

Porque Anne não reagiu ao nome, ela disse:

— Não me diga que nunca ouviu falar em John Welles. Já ganhou três Oscars e acabo de ler que vai dirigir Greta Garbo no seu filme de retorno.

O sorriso de Anne garantiu que ela nunca mais esqueceria John Welsh.

— Agora, faça uma ideia do ambiente e do tipo das pessoas que você vai encontrar. Bellamy & Bellows — um grande escritório. Com toda espécie de grandes clientes. Myrna, a moça que se casou

com John Welsh, não chegava a seus pés em aparência. Acho que você, também, vai logo agarrar algum.

— Algum?

— Um sujeito. . . quem sabe até um marido.

A moça olhou o pedido de emprego.

— De onde você disse que era? Fica na América, não fica?

Anne sorriu.

— Lawrenceville. É no começo do Cabo, quase uma hora de trem de Boston. E se quisesse um marido teria ficado lá mesmo. Em Lawrenceville toda gente se casa assim que sai da escola. Eu gostaria de trabalhar um pouco primeiro.

— E você deixou um lugar desses? Aqui, toda a gente procura um marido. Inclusive eu mesma. Talvez você me pudesse dar uma carta de apresentação para Lawrenceville.

— Você quer dizer que se casaria com qualquer um? — Anne estava curiosa.

— Bem, não com *qualquer um*. Mas com alguém que me desse um belíssimo casaco de castor, uma empregada para meio período, e que me deixasse dormir até o meio-dia. Os caras que eu conheço não só esperam que eu continue no meu emprego, mas que me pareça, ao mesmo tempo, com Carole Landis de *négligé*, enquanto preparo alguns pratos dignos de um *gourmet*.

Anne riu, e ela continuou:

— Está bem, você vai ver. Espere até se ver envolvida com alguns dos Romeus desta cidade. Aposto que volta para Lawrenceville pelo primeiro trem. E não se esqueça de me apanhar no caminho e de me levar junto.

Ela *já* voltaria a Lawrenceville. Não tinha apenas deixado Lawrenceville. Tinha fugido de lá. Fugido de um possível casamento com algum sólido rapaz de Lawrenceville e da sólida e monótona vida de Lawrenceville. Da mesma monotonia em que sua mãe vivia. E a mãe de sua mãe. Da mesmíssima casa em que viveram gerações e gerações de uma boa família da Nova Inglaterra, todas elas sufocadas por emoções disfarçadas sob uma armadura de aço chamada *boas maneiras*. ("Anne, uma senhora nunca ri alto. Anne, uma senhora nunca chora em público." "Mas não estou em público,

mamãe. Estou chorando aqui, com você, na cozinha." "Uma senhora só chora quando está sozinha. Você já não é uma criança, Anne, e sua tia Amy está presente. Agora, vá para o seu quarto.")

De alguma forma, Lawrenceville a perseguira até Radcliffe. Lá havia garotas que riam, que choravam, que faziam mexericos, que viviam, enfim, os "altos" e "baixos" da vida. Ela nunca fora, porém, convidada a fazer parte daquele mundo. Era como se estivesse usando um emblema que dizia *Conserve-se a distância. Tipo frio e reservado da Nova Inglaterra.*

Refugiara-se, então, cada vez mais, nos livros e mesmo ali encontrava uma norma que se repetia: parecia que, virtualmente, todos os escritores que admirava haviam deixado suas cidades natais. Hemingway alternava a Europa com Cuba e Bimini. O pobre e confuso, mas talentoso, Fitzgerald também vivera no estrangeiro. Até o ruivo, com cara de estúpido, Sinclair Lewis, encontrara romance e excitação na Europa. Fugiria de Lawrenceville. Simplesmente. Anne decidiu-se a isso em seu último ano no colégio e informou à mãe e à tia Amy durante as férias de Páscoa.

— Mamãe, tia Amy. . . quando eu sair da escola vou para Nova York.

— Péssimo lugar para as férias.

— Pretendo viver lá.

— Já discutiu isso com Willie Henderson?

— Não. Por que é que deveria discutir?

— Bem, vocês têm andado juntos desde que tinha dezesseis anos. Naturalmente, toda gente imagina. ..

— Exatamente. Em Lawrenceville *tudo* é imaginação suposto.

— Anne, você está levantando a voz — disse-lhe a mais calmamente. — Willie Henderson é um ótimo rapaz. E fui colega de escola de seus pais.

— Mas eu não o amo, mamãe.

— Nenhum homem pode ser amado — replicou tia Amy.

— Você não amou papai, mamãe? — Não era uma pergunta, era quase uma acusação.

— É claro que o amei. — Sua voz tornou-se áspera. — O que sua tia quer dizer é que. . . bem, os homens são diferentes. Eles não

pensam e não reagem como as mulheres. Veja o exemplo do seu pai. Um homem extremamente difícil de compreender. Era impulsivo e apreciava uma bebida. Se ele tivesse se casado com qualquer outra pessoa, que não eu, teria certamente tido um mau fim.

— Nunca vi papai beber — disse Anne, defendendo-se.

— É claro que não. Havia a Lei Seca, e eu nunca tive uma gota de álcool em casa. Tirei-lhe o hábito antes que ficasse arraigado. Ah, tivemos muitas cenas no começo. A mãe dele era francesa, você sabe.

— Todos os latinos são meio malucos — concordou tia Amy.

— Papai não era nenhum maluco. — De repente, Anne desejou tê-lo conhecido melhor. Tudo parecia tão distante. . . o dia em que ele cambaleou para a frente, ali mesmo na cozinha. Anne tinha doze anos. Ele não disse uma palavra, simplesmente escorregou para o chão e morreu antes mesmo que o médico chegasse.

— Você tem razão, Anne, seu pai não era realmente nenhum maluco. Era um bom homem, um bom homem. Não esqueça, Amy, que a mãe dele era uma Banister e fez todo o curso com nossa mãe.

— Mas, mamãe, você *realmente* nunca amou papai? Quer dizer, quando o homem que a gente ama nos toma nos braços, nos beija, bem, deve ser maravilhoso, não é? Não era maravilhoso com papai?

— Anne, como ousa perguntar uma coisa dessas à sua mãe?  
— disse tia Amy.

— Infelizmente, minha filha, beijos não são tudo o que um homem espera do casamento — disse-lhe a mãe asperamente. — Você já beijou Willie Henderson?

Anne fez uma careta.

— Sim, algumas vezes.

— E gostou? — perguntou a mãe.

— Odiei... os lábios dele eram úmidos. . . e o hálito cheirava a azedo.

— Você já beijou algum outro rapaz? Anne sacudiu os ombros.

— Alguns anos atrás, quando o Willie e eu começamos a sair juntos, nas festas, quando brincávamos de prenda. Acho que cheguei a beijar a maioria dos rapazes da cidade, e cada beijo me parecia mais repulsivo do que o outro. — Riu. — Mamãe, acho que não há beijoqueiro decente em toda Lawrenceville.

O bom humor da mãe voltou.

— Você é uma senhora, Anne. Por isso é que não gosta de beijos. Nenhuma verdadeira senhora gosta.

— Oh, mamãe, eu realmente não sei do que é que eu gosto ou o que sou. Por isso é que quero ir para Nova York.

A mãe encolheu os ombros.

— Anne, você tem cinco mil dólares. Seu pai deixou esse dinheiro para você gastar como bem entender. Quando eu morrer, haverá mais uma boa soma. Não somos ricos, como os Henderson, mas estamos em boa situação e, afinal de contas, a nossa família representa alguma coisa em Lawrenceville. Gosto de pensar que você voltará para ficar nesta casa. Minha mãe nasceu aqui. É claro que Willie Henderson talvez queira acrescentar mais uma ala — há bastante terreno para isso — mas, pelo menos, será a *nossa* casa.

— Eu não *amo* Willie Henderson, mamãe.

— Não existe o amor no sentido em que você está falando. Você descobrirá que esse tipo de amor só existe nos filmes baratos e nas novelas. Amor é companheirismo, é ter amigos comuns, é ter os mesmos interesses. Isto do que você fala é sexo, e deixe que lhe diga, menina, que, se esse tipo de amor existe, morre bem depressa, depois do casamento — assim que a gente vê do que se trata. Mas vá a Nova York. Não impedirei o seu caminho. Tenho certeza de que Willie vai esperar. Mas ouça bem o que lhe digo, Anne: dentro de algumas semanas você estará de volta, muito satisfeita por deixar aquela cidade imunda.

A cidade *estava* suja, quente, e cheia de gente no dia em que ela chegou. Marinheiros e soldados passeavam pela Broadway o seu espírito descuidado e os olhos ávidos, com um convulsivo excitação de fim de guerra. Contudo, misturado à sujeira, à umidade e à estranheza da cidade, Anne experimentava certa sensação que a fazia sentir-se viva. A pavimentação fendida fazia

com que as árvores e o ar puro de Nova York parecessem frios e sem vida. O homem que retirou da janela o cartaz que dizia: "Alugue-se um quarto", depois que ela pagou o aluguel de uma semana, parecia-se com o Sr. Kingstom — o homem que trabalhava no correio de Lawrenceville —, só que o seu sorriso era mais simpático.

— O quarto não é grande coisa, mas o teto alto permite uma boa circulação do ar e eu estou sempre por aqui para fazer qualquer conserto necessário.

Anne sentiu que ele simpatizou com ela e ela com ele. Em Nova York havia uma aceitação ou rejeição à primeira vista, o que fazia com que as pessoas parecessem ter acabado de nascer, isentas de qualquer passado.

Agora, enquanto estava parada diante da imponente porta de vidro do escritório de Bellamy & Bellows, esperava ter a mesma aceitação por parte de Henry Bellamy.

Henry Bellamy não pôde acreditar no que via. Não podia ser verdade. Era uma das moças mais bonitas que já vira, e note-se que estava acostumado a ver moças bonitas. Em vez de usar o atrevido penteado à Pompadour e sapatos de salto alto que acabavam de entrar na moda, usava os cabelos soltos, naturais, e podia-se ver que a sua cor era também natural. Os olhos, porém, é que o deixaram aturdido. Eram decididamente azuis, mas glaciais.

— Por que quer este emprego, Srta. Welles? — Por alguma razão, sentiu-se nervoso. Diabo, estava curioso. A moça vestia um costume escuro muito simples, nenhuma jóia, a não ser o pequeno relógio de pulso; mas tinha qualquer coisa nela que deixava claro não estar precisando de um emprego.

— Quero viver em Nova York, Sr. Bellamy.

Apenas isso. Uma resposta direta. Por que será que estava se sentindo como um abelhudo? Afinal, tinha todo o direito de fazer perguntas. E, se fizesse as coisas muito fáceis, era bem possível que ela não aceitasse o emprego. Isto também era outra tolice. Ela estava sentada ali, não estava? E não tinha vindo apenas para tornar chá. Então, por que estava tentando dar uma impressão favorável, como se ele é que estivesse pedindo emprego?

Lançou um olhar na folha que a agência tinha enviado.

— Vinte anos de idade, bacharelada em inglês, estudos em Radcliffe. Sem experiência de escritório. Diga-me, agora, que utilidade poderá ter para nós esse cabedal de conhecimentos extravagantes? Será que poderá ajudar-me a manejar uma vadia como Helen Lawson, ou conseguir que um bêbado, como Bob Wolfe, entregue a tempo o seu artigo semanal para o rádio? Ou convencer algum cantor calouro a deixar o escritório de Johnson Harris e passar para o nosso?

— É isso o que terei de fazer?

— Não, eu é que tenho. Você só tem que ajudar.

— Bem, eu pensei que o senhor fosse advogado.

Notou que ela recolheu as luvas. Então exibiu um de seus sorrisos mais descuidados.

— Sou agente teatral. Existe uma certa diferença — eu preparo os contratos dos meus clientes. Contratos que não tenham furo algum, a não ser a favor deles. Ajudo-os, também, com os impostos, cuido dos seus investimentos, livro-os de toda e qualquer dificuldade, sirvo de árbitro em seus problemas conjugais, mantenho suas amantes e suas mulheres a distância umas das outras, sirvo de padrinho e de ama-seca para seus filhos, principalmente quando eles estão trabalhando em um novo espetáculo.

— Sempre pensei que atores e escritores tivessem seus próprios agentes.

— Sim, eles têm. — Notou as luvas no colo novamente. — Só os "grandes", com os quais eu lido, é que precisam da minha assistência. Por exemplo: um agente comum empurra-os naturalmente para qualquer trabalho que pague melhor. Ele está interessado apenas nos seus dez por cento. Eu, porém, devo aconselhá-los no sentido de fazerem o que será melhor para suas carreiras. Em suma: um advogado teatral deve ser uma combinação de agente, de mãe e de Deus. E você, se obtiver o emprego, deverá ser uma santa padroeira.

Anne sorriu.

— Por que é então que os advogados teatrais não substituem todos os agentes?

— Provavelmente é o que fariam se existissem suficientes *schmucks*<sup>1</sup> dedicados como eu — corrigiu-se rapidamente. — Perdoe-me a linguagem. É que quando começo a falar nem reparo no que digo.

— Que linguagem? *Schmuck*? — repetiu ela com curiosidade.

A palavra pareceu tão atrevida, pronunciada por ela, que ele riu alto.

— É uma palavra judaica, e sua tradução literal iria deixá-la corada. Atualmente, porém, é usada como gíria, para designar qualquer narcótico. Não deixe que o nome Bellamy a engane, nem esta minha face episcopal, pois nasci com o nome de Birnbaum. Quando era jovem, trabalhava no verão como diretor social de excursões e fazia o jornalzinho de bordo. As pessoas não apreciavam muito os artigos sob um cabeçalho que dizia "Viajando com Birnbaum" — e então alguém sugeriu Bellamy. Conheci muitas pessoas importantes nessas excursões e uma cantora foi a minha primeira cliente. Tanta gente ficou me conhecendo pelo nome de Bellamy que acabei por adotá-lo, mas nunca permito que esqueçam que, por baixo de Bellamy, haverá sempre um Birnbaum. — Sorriu. — Bem, agora que você tem uma ideia da coisa, acha que poderá manejá-la?

Desta vez o sorriso dela foi franco.

— Gostaria de tentar. Sou boa datilógrafa e uma taquigrafa apenas regular.

Sacudiu as mãos:

— Tenho aí fora duas garotas que poderiam ganhar qualquer concurso de taquigrafia. Você terá que ser algo mais que secretária.

— Acho que não estou entendendo.

Céus! Não era nada disso que ele queria dizer. Amassou o cigarro no cinzeiro e acendeu outro. Viu que ela se retesava na cadeira e, inconscientemente, endireitou-se também.

— Srta. Welles, ser mais do que uma simples secretária significa não apegar-se à rotina costumeira das nove às cinco. Em certos dias não haverá necessidade de chegar antes do meio-dia, se eu a tiver feito trabalhar até tarde na noite anterior. Por outro lado, em caso de crise, mesmo que tenha trabalhado até às quatro da

manhã no dia anterior, esperarei que chegue antes do escritório abrir, inclusive porque a senhorita *quererá* estar aqui. Em outras palavras, fará seu próprio horário, não esquecendo de que, eventualmente, deverá estar disponível à noite.

Fez uma pequena pausa e como ela não reagisse continuou:

— Digamos que eu estivesse jantando no 21, com um provável cliente. Se tudo estiver correndo direito, é bem provável que ele assine o contrato comigo. Pode ser que tenha que tomar uns seis ou sete uísques com ele e ouvir todas as suas queixas a respeito do seu agente atual. É claro que jurarei, pela minha vida, que jamais acontecerão essas coisas. Prometer-lhe-ei até a Lua, com o seu nome gravado nela. É claro que não poderei cumprir todas as minhas promessas — ninguém poderia. Mas não há dúvidas de que farei um esforço honesto para evitar todos os erros cometidos pelo seu agente e, ao mesmo tempo, cumprir todas as promessas. Só que na manhã seguinte não serei capaz de me lembrar de quase nada. Aí é que você entra, pois não poderá estar de ressaca depois de ter tomado apenas um *sherry* durante a noite toda; poderá lembrar-se de tudo o que foi discutido. Na manhã seguinte, você me apresentará uma lista das minhas promessas e eu poderei estudá-las quando minha cabeça estiver desanuviada.

Anne sorriu.

— Serei então uma espécie de ditafone humano?

— Exatamente. Acha que seria capaz?

— Bem, tenho uma memória excelente e detesto *sherry*.

Desta vez os dois riram juntos.

— Está bem, Anne. Quer começar amanhã? Concordou.

— Deverei trabalhar também para o Sr. Bellows? Ele olhou o espaço e disse:

— Não há nenhum Sr. Bellows.. . Bem, existe George, o sobrinho dele. Mas não é o Bellows do Bellamy & Bellows. Esse era o tio de George, Jim Bellows. Comprei a parte de Jim, na sociedade, antes de ele partir para a guerra. Tentei dissuadi-lo, mas em vão. Foi para Washington e conseguiu um uniforme da Marinha e uma patente. Guerra é para os jovens, e Jim Bellows tinha cinquenta e três anos. Velho demais para a guerra. .. jovem demais para morrer.

- Morreu na Europa ou no Pacífico?
- De um ataque de coração em um submarino, o idiota.

A aspereza de sua voz conseguia apenas salientar ainda mais a afeição que sentia pelo amigo morto. Aí, com brusca mudança de humor, abriu um de seus sorrisos mais cativantes:

— Bem, Anne, creio que já contamos a história de nossas vidas. Posso pagar-lhe setenta e cinco dólares por semana. O que acha?

Era mais do que esperava. O aluguel do quarto custava dezoito, e ela poderia comer por quinze. Disse-lhe que estava muito bem.

### *Outubro, 1945*

Setembro foi um bom mês. Anne encontrou o emprego que lhe agradava, uma amiga chamada Neely e conheceu um rapaz gentil e atencioso chamado Allen Cooper.

Outubro trouxe também Lyon Burke.

Foi imediatamente aceita pela recepcionista e pelas duas secretárias. Almoçava todos os dias com elas no restaurante da esquina. Lyon Burke era o tópico perfeito delas e a Srta. Steinberg, a secretária mais categorizada, era perita no assunto. Estava com Henry Bellamy há dez anos e *conhecia* Lyon Burke.

Lyon estava no escritório há dois anos quando à guerra foi declarada e alistou-se no dia seguinte a Pearl Harbor. Jim Bellows já tinha sugerido que seu sobrinho se juntasse a firma. Henry nada tinha contra George Bellows, mas recusara: "Negócios e parentes não se misturam" — insistia. Quando Lyon partiu, Henry não teve outra escolha.

Não havia nada errado com George. Era um advogado eficiente, mas lhe faltavam certas coisas que sobravam em Lyon Burke, pelo menos aos olhos da Srta. Steinberg. As atividades de Lyon na guerra tinham sido seguidas avidamente pelo pessoal do escritório, e, quando ele recebeu as divisas de capitão, Henry tirou meio dia para festejar. A última carta chegou em agosto, de Londres. Lyon estava vivo, mandava lembranças, mas não sabia se ia voltar.

No começo, Henry estava sempre atento à correspondência. Quando setembro passou sem uma palavra, começou a conformar-se com um possível desligamento de Lyon da firma. Só a Srta. Steinberg não desistia. E com razão. O telegrama chegou em outubro.

*Caro Henry: Bem, esta acabou e eu estou inteiro. Visitei parentes em Londres e fiquei uns dias em Brighton descansando. Estou em Washington esperando pela exoneração oficial. Voltarei assim que me deixarem trocar o uniforme pelo velho terno azul. Lyon.*

O rosto de Henry Bellamy se iluminou quando leu o telegrama. Pulou da cadeira.

— Lyon vai voltar. Céus, sabia que ele voltaria.

Nos dez dias seguintes, o escritório era uma confusão de decoradores e de mexericos.

— Nem posso esperar — suspirava a recepcionista. — Acho que ele é exatamente o meu tipo.

O sorriso da Srta. Steinberg irradiava conhecimento.

— Ele é o tipo de todas, querida. Se a aparência dele não for suficiente, o sotaque inglês faz o resto.

— Ele é inglês? — Anne estava surpresa.

— Nasceu aqui — explicou a Srta. Steinberg. — A mãe dele era Neil Lyon. Isso foi muito antes de seu tempo. Do meu também. Ela, uma grande comediante inglesa, veio para cá dar uns espetáculos e se casou com um advogado, Tom Burke. Deixou o palco e Lyon nasceu aqui, o que o faz cidadão americano. A mãe conservou a cidadania inglesa, e, quando Lyon estava com cinco anos, o pai morreu. Ela o levou para Londres, voltou para o palco e ele estudou lá. Quando a mãe morreu, Lyon voltou e fez o curso de advocacia aqui.

— Tenho certeza de que me apaixonarei perdidamente por ele — suspirou a secretária mais nova.

A Srta. Steinberg deu de ombros.

— Todas as moças do escritório tinham uma queda por ele. Mal posso esperar sua reação quando ele a conhecer, Anne.

— Eu? — Anne parecia espantada.

— Sim, você. Ambos têm uma qualidade em comum: a reserva. Só que Lyon, no começo, engana com aquele sorriso. A gente chega a achá-lo amigável. Mas nunca ninguém consegue aproximar-se dele. Ninguém, nem mesmo o Sr. Bellamy. Bem no fundo, o Sr. Bellamy tem um pouco de inveja de Lyon, e não somente devido à sua aparência ou às suas maneiras. Lyon se entrega. Ele ainda será o dono desta cidade. Tenho visto o Sr. Bellamy firmar grandes contratos, mas para isso tem que lutar por centímetro de terreno, porque todos conhecem a sua sagacidade e estão preparados contra ela. Lyon não — simplesmente entra com todo aquele encanto britânico e aquela cara de artista de cinema e... pronto. Consegue tudo o que quer. Só depois de algum tempo é que se percebe que não o conhecemos absolutamente, que não sabemos o que ele realmente pensa a nosso respeito ou a respeito de qualquer outra pessoa. O que eu quero dizer é que ele parece gostar igualmente de todas as pessoas. Aí então a gente começa a achar que, bem no fundo, ele não se incomoda com ninguém e com coisa alguma. Mas, seja lá o que for que se pense de Lyon, a gente acaba sempre por adorá-lo.

O segundo telegrama chegou dez dias depois, numa manhã de sexta-feira:

*Caro Henry: Consegui o terno azul. Chego Nova York amanhã à noite vou direto ao seu apartamento. Veja se pode reservar hotel. Espero começar segunda-feira. Lyon.*

Henry Bellamy saiu ao meio-dia para comemorar. Arme estava justamente acabando de fechar a correspondência quando George Bellows parou em sua mesa:

— Por que não vamos a algum lugar comemorar também? — perguntou.

Arme não pôde esconder o seu espanto. Suas relações com George se limitavam a um "bom-dia" e a um aceno ocasional.

— Eu a estou convidando para almoçar — disse ele.

— Sinto muito, mas prometi às colegas que iria reunir-me a elas na hora do almoço.

— Muito mal — disse, ajudando-a com o casaco. — Este poderá ser o nosso "último dia na Terra". — Sorriu penalizado e se dirigiu ao escritório.

No almoço, ouviu distraidamente a infundável conversa a respeito de Lyon Burke, imaginando por que teria recusado o convite de George. Medo de complicações? Lealdade a Allen Cooper? Bem... Allen era o único homem que ela conhecia em Nova York, e era ótima pessoa. Talvez isso o fizesse merecedor de certa lealdade.

Anne lembrou-se do dia em que ele invadiu o escritório determinado a concluir um negócio que, mais tarde, soube ser a venda de um seguro. Henry foi de uma frieza fora do comum com o rapaz e livrou-se dele em poucos minutos. Depois, sentiu-se tão penalizada, que transferiu toda a sua simpatia para o rapaz. Enquanto o levava para fora, murmurou:

— Melhor sorte na próxima parada.

O rapaz ficou surpreendido com o calor de sua voz. Duas horas depois o telefone tocou.

— Aqui é Allen Cooper, lembra-se? Aquele-vendedor dinâmico. Bem, quero que saiba que, em comparação com minhas outras paradas, a conversa com o seu patrão foi um enorme sucesso. Pelo menos, encontrei você.

— Quer dizer que você não fez uma única venda? — Anne estava realmente preocupada.

— Não. Bem, creio que hoje não é o meu dia. .. a menos que você lhe queira dar um bom final, tomando um drinque comigo.

— Mas eu não...

— Não bebe? Nem eu tampouco. Vamos jantar então.

Foi assim que começou e continuou. Ele era agradável e tinha um belo senso de humor. Anne o considerava mais um amigo do que um namorado. Nem se preocupava em trocar de roupa depois do trabalho. Ele parecia nunca notar o que ela vestia, mas ficava sempre feliz e agradecido em sua companhia. Iam a pequenos restaurantes desconhecidos e Anne sempre escolhia o prato menos

dispendioso do cardápio. Gostaria de pagar a sua parte, mas receava que uma proposta dessas o fizesse sentir-se um fracasso ainda maior.

Allen, decididamente, não tinha nascido para vendedor. Suas maneiras eram gentis demais para a profissão. Gostava de perguntar coisas sobre Lawrenceville, sobre a escola, até sobre os acontecimentos do escritório. Fazia-a sentir-se a moça mais fascinante e interessante do mundo.

Anne continuava a sair com ele porque não lhe pedia nada. Nem tentava beijá-la ao despedir-se. Sentia-se aliviada, mas ao mesmo tempo achava que alguma coisa não ia bem. Era quase embaraçoso não despertar qualquer desejo no pobre Allen, mas estava disposta a deixar as coisas correrem naturalmente. A ideia de beijá-lo trazia a mesma repugnância que tinha experimentado quando beijara Willie Henderson em Lawrenceville, e isso a fazia conjecturar a respeito de sua própria capacidade para o amor. Talvez fosse anormal — ou talvez sua mãe tivesse razão — e as paixões e os romances fossem pura ficção.

Durante a tarde desse mesmo dia, George Bellows parou novamente diante de sua mesa:

— Venho fazer uma nova tentativa. Que tal no dia 16 de janeiro? Não é possível que você esteja comprometida com tanta antecedência.

— Mas são quase três meses. . .

— Bem, aceitarei qualquer vaga antes disso. Helen Lawson acaba de telefonar, gritando por Henry, e isso me fez lembrar que o espetáculo dela começa no dia 16.

— Isso mesmo, *Tocando as Nuvens* entra em ensaios na semana que vem.

— Bem, você vai comigo?

— Vou, sim, George. Acho Helen Lawson maravilhosa. Ela costumava começar todos os espetáculos em Boston.

Quando eu era pequena, papai me levou a vê-la em *Madame Pompadour*.

— Ótimo, está combinado. Mas, Anne, quando começarem os ensaios, Helen é capaz de estar por aqui algumas vezes, e, se por

acaso vocês chegarem a conversar, não vá entrar nesses detalhes de "quando eu era menina já gostava da senhora". Ela pode esganá-la.

— Mas eu era menina. E, por mais ridículo que pareça, isto foi há apenas dez anos. Mesmo Helen Lawson era uma mulher madura — tinha pelo menos trinta e cinco anos.

— Por aqui agimos como se ela tivesse vinte e oito.

— George, você não pode estar falando sério. Helen Lawson é uma grande atriz. Não tem idade. É o seu talento e a sua personalidade que a fazem tão atraente. Tenho certeza de que ela é bastante inteligente para pensar que parece uma garota.

George sacudiu os ombros.

— Dentro de vinte anos eu ligo o telefone para perguntar como se sente. A vontade de aparentar vinte e oito anos é uma doença que todas as mulheres contraem quando atingem os quarenta. O melhor é não tocar no assunto idade na presença de Helen. E, por favor, marque em sua agenda: 16 de janeiro. Enquanto isso, tenha um bom fim de semana e descanse. As coisas por aqui vão ficar bastante atrapalhadas na segunda-feira, quando o nosso herói chegar.

A recepcionista vestia um costume novo muito justo.

O penteado da datilógrafa estava alguns centímetros mais alto e até a Srta. Steinberg apareceu com um novo casaco azul-marinho. Anne estava sentada em seu cubículo, fora do escritório de Henry Bellamy, e tentava concentrar-se na correspondência. Como as outras, tinha a atenção voltada para a porta.

Lyon chegou às 11 horas. Apesar de todas as descrições e especulações que ouvira, Anne não estava preparada para alguém tão atraente como Lyon Burke. Henry Bellamy era um homem alto, Lyon Burke excedia-o vários centímetros. Seu cabelo era negro, como o de um índio, e sua pele parecia ter um bronzeado permanente. Henry não escondia o seu orgulho ao fazer as apresentações. A recepcionista corou visivelmente ao apertar-lhe a mão, a datilógrafa sorriu tolamente e a Srta. Steinberg ficou tonta de excitação. Pela primeira vez, Anne agradeceu a sua típica reserva da Nova Inglaterra. Sabia, porém, que demonstrava uma calma que não sentia ao apertar a mão de Lyon Burke.

— Henry não pára de falar de você. Agora que a conheço, é fácil saber por quê. — Não havia dúvida de que o sotaque inglês lhe era vantajoso.

Anne conseguiu dar uma resposta adequada e agradeceu aos céus quando Henry Bellamy o tomou pelo braço e o empurrou para o escritório recém-decorado.

— Anne, venha conosco — ordenou Henry.

— É irresistível — disse Lyon. — Faz-me apreensivo quanto ao trabalho que me espera em troca de tudo isto. — Afundou-se numa cadeira e sorriu despreocupadamente.

Anne, subitamente, compreendeu o significado do que dissera a Srta. Steinberg. Lyon Burke sorria para toda a gente e esse sorriso tão fácil era também impenetrável.

Henry sorriu paternalmente:

— Seja o mesmo preguiçoso e boa-vida que era antes de nos deixar e mando redecorar o escritório todos os anos. Agora, vamos ao que importa. Anne, Lyon precisa de um apartamento. Ficará comigo até instalar-se. Foi impossível conseguir-lhe um hotel, acredita?

Acreditava. Por que, entretanto, isso lhe dizia respeito?

— Quero que você lhe consiga um apartamento — disse Henry.

— Que *eu* lhe consiga um apartamento?

— Aposto que você é capaz. Isto é que é ser *mais* do que uma secretária.

Desta vez foi Lyon quem riu:

— Ela é uma beleza, Henry. Tal como você disse. Mas não é nenhuma mágica. — Piscou para Anne.

— Henry, você está levando uma vida muito retraída. Não tem procurado por apartamentos em Nova York ultimamente?

Henry sacudiu a cabeça.

— Ouça, esta moça chegou aqui há dois meses e não distinguia a Sétima Avenida da Broadway. Ela não apenas encontrou um apartamento logo no primeiro dia como também este belíssimo emprego, onde me tem comendo por sua mão.

— Bem: o meu caso não é exatamente um apartamento. É bem pequeno.. .

O olhar dele estava distante.

— Minha querida Anne: depois daqueles lugares arrasados em que dormi durante a guerra, qualquer coisa com um teto em cima para mim parece o Ritz.

— Anne vai descobrir alguma coisa. Tente East Side. Sala de estar, quarto, banheiro e cozinha, mobiliado, por uns cento e cinquenta dólares por mês. Talvez, cento e setenta e cinco, se necessário. Comece já, hoje à tarde. Ocupe o dia todo amanhã, ou tantos dias quantos forem necessários, mas não volte enquanto não tiver o apartamento.

— Henry, talvez nunca mais a vejamos novamente — avisou Lyon.

— Aposto nela. Vai achar alguma coisa.

O quarto de Anne ficava no segundo andar. Naquele dia, os dois lances de escada pareciam não ter fim. Ficou parada no meio da escada, com o *New York Times* na mão. Passara a tarde visitando os apartamentos anunciados e todos já estavam tomados. Os pés doíam. Vestira-se para estar no escritório e não para procurar apartamento. Na manhã seguinte, começaria bem cedo — e de saltos baixos.

Antes de continuar a subir, bateu à porta de Neely. Ninguém respondeu. Arrastou-se pelas escadas acima e entrou no quarto. Alegrou-se ao ouvir o barulho do vapor no velho aquecedor. Apesar da atitude de Lyon Burke de "aceitar qualquer coisa", não podia imaginá-lo num quarto como aquele. Não que fosse de todo mau. Era limpo e bem localizado. Claro que, comparado com o seu quarto em Lawrenceville, era péssimo. A velha cama informe parecia não aguentar mais um ano. Às vezes, ficava a imaginar quantas pessoas já não teriam nela dormido. Talvez centenas. Ela, porém, não as conhecera e era esse anonimato que fazia com que esta fosse a *sua* cama. Enquanto pagasse o aluguel, tudo o que estava naquele quarto lhe pertencia. A pequena mesa-de-cabeceira, toda cheia de riscos e de queimaduras de cigarro; a cómoda com três gavetas, que não deviam ser fechadas completamente, pois ficavam emperradas,

e, se, a gente forçasse muito, os puxadores saíam; a gorda cadeira cheia de molas, ansiosas por saírem do estofamento.

Podia tornar-se um quarto atraente, mas no fim da semana nunca sobrava dinheiro (decidira não tocar nos cinco mil dólares depositados no banco) e ainda não tinha pago as prestações do vestido e do casaco pretos que comprara.

Ouviu a costureira batida na porta e gritou "pode entrar" sem ao menos levantar os olhos. Neely entrou e atirou-se na cadeira, que rangeu, quase ao ponto de se desmantelar.

— Para que esses anúncios do *Times*? Pensando em se mudar?

Quando Anne explicou sua nova missão, Neely riu-se gostosamente.

— Você me diz que ele não faz questão de um terraço interno nem de, no mínimo, uns quatro armários em que até possa entrar?

— Deu o caso por encerrado e entrou logo no "assunto importante".

— Anne, você teve oportunidade de falar a respeito daquilo hoje?

"Aquilo" era um favor, sobre o qual, há duas semanas, Neely vinha martelando.

— Neely, como é que eu poderia? E justamente hoje. . . com Lyon Burke chegando?

— Mas nós simplesmente temos que entrar em *Tocando as Nuvens*. Por alguma razão que não entendo, parece que Helen Lawson gostou do nosso ato. Fomos chamados já três vezes para apresentá-lo e Helen Lawson estava sempre presente. Agora, bastaria uma palavra de Henry Bellamy para entrarmos.

"Nós" significa Neely e seus dois parceiros. O verdadeiro nome de Neely era Ethel Agnes O'Neil ("Não é uma bomba?" — dizia ela), mas o apelido Neely vinha desde o tempo de menina; e, uma vez que fazia parte de um trio chamado Os Gaúchos, nunca houve necessidade de se pensar em nome mais eufônico.

A amizade de Anne e Neely começou com um aceno diário no *hall* e consolidou-se rapidamente. Neely era uma adolescente exuberante. Nariz arrebitado, grandes olhos castanhos, sardas, e

cabelo castanho ondulado. Desde os sete anos dançava em espetáculos ambulantes.

Era difícil imaginar Neely atuando em um palco. Uma noite, arrastou Anne até um hotel em que Os Gaúchos se apresentavam. Lá, uma estranha transformação teve lugar. As sardas desapareceram sob uma grossa camada de pintura e a silhueta adolescente como que amadureceu, com a ajuda de um vestido dourado e colante. O ato era passável. Dois dançarinos de sombrero e calças justas, girando, com a indefectível batida de pés e o estalar de dedos com pretensões a dança espanhola. Anne tinha visto inúmeros atos semelhantes em sua cidade. Mas, positivamente, nunca vira alguém como Neely. Nem estava certa se ela era excepcionalmente boa ou péssima. Não chegava propriamente a fazer parte de Os Gaúchos. Dançava ao mesmo tempo que eles, girava com eles, curvava-se com eles, mas não fazia parte do trio. A gente só via Neely.

Sem a pintura e sem a fantasia, sentada na velha cadeira, parecia exatamente o que era: uma adolescente de olhar vivo e dezessete anos de idade. A primeira amiga de Anne.

— Gostaria de poder ajudá-la, Neely, mas não posso falar ao Sr. Bellamy de um assunto pessoal. Nossas relações são estritamente de trabalho.

— E daí? Toda gente sabe que ele foi amante de Helen Lawson, há muitos anos, e que ela leva em consideração tudo o que ele lhe diz.

— Ele era o quê?

— Amante dela. Não me diga que não sabia.

— Neely, onde é que você ouviu uma tolice dessas?

— Tolicice! Céus, quer dizer que ninguém lhe contou isso ainda? Foi há muito tempo, e ela teve três maridos depois disso, mas os dois foram o assunto predileto da cidade durante anos. Por que então acha que estou atrás de você todos esses dias? Será que pode tocar no assunto amanhã?

— Amanhã estarei procurando um apartamento. Mas, Neely, já lhe disse antes: simplesmente não acho correto levar assuntos pessoais para o escritório.

Neely suspirou.

— Essas suas maneiras esquisitas vão atrapalhar o seu caminho. A gente deve andar em linha reta para aquilo que deseja conseguir. E pedir na hora certa.

— E o que acontece se negam?

Neely sacudiu os ombros.

— E daí? Não será pior do que antes. Pelo menos, jogaremos com uma probabilidade de cinquenta por cento.

Anne sorriu com a lógica de Neely. Ela não tinha quase instrução, mas a inteligência inata de um cãozinho mestiço. Muito viva e franca, sua inocência mostrava, às vezes, surpreendentes rasgos de sabedoria. Passara os primeiros sete anos da vida em lares adotivos. A irmã, dez anos mais velha, casou-se com Charlie, um dos componentes de Os Gaúchos. Foi ela que retirou Neely da vida monótona dos lares adotivos e dos currículos escolares e a introduziu na vida agitada de um conjunto ambulante de artistas de terceira classe, onde ela dançava com o trio. Não frequentara a escola, mas alguém sempre a ajudou na companhia, no aprendizado da leitura e da aritmética. Aprendeu geografia através das janelas dos trens e história através de vários atos representados pela companhia. E sempre contou com o porteiro, que dava o alarma quando algum fiscal do Departamento de Educação vinha fazer investigações. Quando fez quatorze anos, a irmã se retirou a fim de ter um filho, e ela, que sabia o ato de trás para diante, substituiu-a. Agora, depois de tantos anos de pequenos espetáculos, tinham uma boa probabilidade de estrear na Broadway.

— Talvez eu possa tocar no assunto com George Bellows — ponderou Anne, pensativamente, enquanto renovava a pintura do rosto. — Ele me convidou para a estreia de *Tocando as Nuvens*.

— Bem, é o caminho mais longo, mas, enfim, melhor do que nada — comentou Neely, enquanto observava Anne vestir o costume de lã grossa.

— Vai sair com Allen esta noite?

Anne concordou.

— Logo vi. Se fosse com o Sr. Bellamy, você estaria usando o vestido preto. Céus! Será que ele não se cansa de ver sempre aquele mesmíssimo vestido preto?

— O Sr. Bellamy nem ao menos toma conhecimento de mim quando saio com ele. Só tratamos de trabalho.

— Menina, positivamente esse seu escritório é bem movimentado. Em comparação com ele, o teatro é de uma monotonia. . . Você tem George para levá-la a uma estreia, o Sr. Bellamy para jantares no 21 e, ainda por cima, encontrou Allen nesse escritório. E agora, Lyon Burke. Puxa, Anne, você com quatro, eu com nenhum.

Anne riu:

— O Sr. Bellamy não é meu namorado, a estreia só será em janeiro e eu não sou nada mais que um corretor de imóveis para Lyon Burke. Agora, Allen, bem. . . Allen e eu apenas saímos juntos.

— Ainda assim tem cinco vezes mais ação do que eu. Nunca tive realmente um encontro. Os únicos homens que conheço são o meu cunhado e o outro parceiro, Dickie, e este é afeminado. O acontecimento social mais emocionante de que participo é uma conversa com outros atores desempregados, lá no bar, onde a gente almoça.

— Você nunca encontrou atores que a levassem a passear?

— Ah! Você não conhece os atores se pergunta uma coisa dessas. Passear com a gente? Eles não lhe pagariam sequer um refresco de cinco centavos. Não que os atores sejam uns pães-duros natos. É que permanecem tanto tempo sem trabalho que, no fim, não têm outro jeito. A maioria deles ainda trabalha à noite — são ascensoristas, trocadores de ônibus, recepcionistas de hotel, qualquer coisa que lhes deixe o dia livre para procurar trabalho e falar com os agentes.

— Você espera viajar breve? — Anne percebeu, de repente, como lhe seria penoso não ver mais Neely.

— Espero que não. Minha irmã diz que o bebê está justamente começando a conhecer o pai. Por isso é que Char-lie está aceitando todo trabalho que aparece em boates. Dickie é que está descontente, pois ganhamos muito mais quando estamos viajando. Fomos procurados para apresentações em Buffalo, Toronto e Montreal. Por isso é que temos que conseguir essa ponta em *Tocando as Nuvens*. Os espetáculos de Helen Lawson são sempre

*sucessos*. Poderíamos ficar em Nova York durante toda a estação, ou mais. Aí talvez eu pudesse encontrar um rapaz decente e me casar.

— Por isso é que você quer ficar no espetáculo? Para encontrar alguém com quem se casar?

— Claro, pois então serei alguém. Serei a Sra. Alguém. Viverei num lugar fixo. Terei amigos. As pessoas de meu quarteirão saberão quem sou.

— E o amor? Não é tão fácil encontrar alguém a quem realmente a gente possa amar.

Neely franziu o nariz:

— Ouça: se alguém me amar, eu amarei esse alguém. .. Puxa, Anne, se você se resolvesse a falar com o Sr. Bellamy.

Anne sorriu:

— Está bem, Neely. Farei isso na primeira oportunidade. Quem sabe você não será uma nova Pavlova?

— Que é isso?

— Foi uma grande bailarina.

Neely riu.

— Isso é para os pássaros. Eu quero ser uma estrela. Tenho certeza de que poderia ser estrela. Não com o nosso ato, é claro. Mas, quando estou diante de uma audiência, me acontece uma coisa engraçada. Sei que danço razoavelmente bem, mas, quando me aplaudem com entusiasmo fora do comum, sinto que poderia sair voando. Não tenho realmente uma grande voz, mas, quando ouço os aplausos e sinto que gostaram de mim, sei que poderia cantar até ópera. É esquisito o que sinto quando estou no palco. . . é como se estivesse sendo carregada em triunfo, ou coisa semelhante. Falei a respeito com Charlie e com Dickie, e eles me acharam maluca. Para eles tudo é indiferente.

— Neely, talvez você devesse estudar, frequentar cursos de representação. Quem sabe poderá chegar ao topo?

Neely sacudiu a cabeça.

— As possibilidades seriam mínimas. Se você soubesse quantos saudosistas conheço que estão sempre falando em como foi que quase conseguiram. ..

— Decerto são pessoas que não têm talento suficiente — retrucou Anne.

— Ouça: ninguém se agarra ao teatro porque ele proporciona diversão ou dinheiro, certo? Qualquer garota principiante acha que virá a ser uma grande estrela. Mas para cada Mary Martin, Ethel Merman ou Helen Lawson há uma legião de pequenas atrizes que quase chegaram lá, e que hoje passam fome em companhias de quinta categoria.

Anne permaneceu em silêncio. Não podia retrucar a lógica de Neely. Deu um último retoque na pintura do rosto.

— Está bem, Neely. Farei o que puder com o Sr. Bella-my. Mas quem sabe você não conseguirá o trabalho de qualquer maneira? Se vocês foram chamados três vezes para a apresentação, é porque gostaram do ato.

Neely deu uma gargalhada.

— Isso é o que eu não consigo entender. Por que nos chamaram de volta? Como é que Helen Lawson pode ter gostado do nosso ato, a menos que todos os outros dançarinos da cidade estejam de cama, com sarampo ou coisa parecida? Veja, se eu achasse que o nosso ato estava bom, não estaria amolando você. Não posso entender por que Helen Lawson estaria interessada — a menos que estivesse caída por Charlie. Dizem que ela se interessa por qualquer coisa que use calças, e, ainda que Charlie não seja exata-mente uma inteligência, é o que se chama um bonitão.

— Mas o que faria Charlie se isso fosse verdade? Afinal, há sua irmã.. .

— Deitaria com Helen Lawson, se esse fosse o seu preço — retrucou Neely sem emoção. — No fundo, acharia que estava fazendo isso por minha irmã e pelo bebê, pois não haveria realmente grande satisfação — você sabe que Helen Lawson não é exatamente uma beleza.

— Neely, você quer dizer que ficaria quieta e deixaria as coisas simplesmente acontecerem? Sua irmã jamais a perdoaria.

— Anne, você não só fala como uma virgem mas raciocina como um vigário. Ouça, eu sou virgem, mas compreendo que sexo e amor são coisas completamente distintas para um homem. Charlie

fica sempre no quarto mais barato do hotel e manda três quartos do seu ordenado à minha irmã, a fim de que ela e o bebê possam viver decentemente. Isso, porém, não significa que uma vez ou outra ele não tenha suas pequenas aventuras com alguma garota da companhia. Isso nada tem a ver com o seu amor por Kitty e o bebê. E eu estou virgem até hoje porque sei que os homens dão importância a isso e porque espero encontrar alguém que me ame, como Charlie ama Kitty. Com um homem, porém, a coisa é diferente. Você não espera que eles se conservem virgens.

A campainha do quarto tocou. Isso queria dizer que Allen estava na porta de entrada do prédio. Anne apertou o botão, para dizer que estava descendo, agarrou o casaco, a bolsa, e gritou para Neely:

— Vamos, é possível que ele esteja de táxi.

— Espere. . . você ainda tem algum daqueles formidáveis biscoitos de chocolate? — perguntou Neely enquanto revirava o pequeno armário.

— Leve toda a caixa — respondeu Anne, segurando a porta aberta.

— Que maravilha! — disse Neely, seguindo-a, com a caixa nos braços. — Pedi emprestado . . . *E o Vento Levou*, na biblioteca; tenho uma garrafa de leite e todos estes biscoitos. Meu Deus, que orgia!

Foram a um pequeno restaurante francês. Allen ouviu-a atentamente sobre sua nova missão. Quando terminou, ele engoliu o restante do café e pediu a conta.

— Anne, acho que o momento chegou.

— Que momento?

— O momento da verdade. O momento de você deixar Henry Bellamy num esplendor de glória.

— Mas eu não quero deixar o Sr. Bellamy.

— Mas vai querer, — Seu sorriso era estranho. Confiante. Seus modos mudaram completamente. — Acho que conseguir um apartamento para Lyon Burke será uma grande vitória.

— Você quer dizer que sabe de alguém?

Concordou, rindo misteriosamente. Na rua, acenou para um táxi e deu um endereço em Sutton Place.

— Allen, para onde vamos?  
— Ver o novo apartamento de Lyon Burke.  
— A esta hora da noite? De quem é esse apartamento, afinal?  
— *Você verá* — respondeu ele. — Tenha paciência. — E permaneceu silencioso o resto da viagem.

O táxi parou diante de um prédio elegante no East Ri-ver. O porteiro disse um muito atencioso "Boa noite, Sr. Cooper". O ascensorista cumprimentou e automaticamente parou no sétimo andar. Allen enfiou despreocupadamente uma chave na fechadura da porta do apartamento. Acendeu as luzes, revelando uma sala de estar muito bem decorada; apertou um botão, uma música suave encheu o ambiente. Era um apartamento perfeito. Feito sob medida para Lyon Burke.

— Allen, de quem é esse apartamento?

— Meu. Venha ver o resto. O quarto é enorme. .. ótimos armários. — Abriu uma porta corrediça. — Aqui é o banheiro, lá é a cozinha. Pequena, mas tem uma janela.

Anne seguiu-o sem comentários. Era inconcebível: o tímido e apagado Allen vivendo ali.

— Vou mostrar-lhe agora a nota dissonante.

Entrou na sala e puxou as enormes cortinas, expondo à vista o apartamento vizinho e uma janela tão próxima que parecia ser possível tocá-la estendendo um braço.

— É o ponto triste da história — disse. — Este apartamento tem tudo o que se possa desejar, menos uma vista bonita. Ainda que eu tenha que admitir que mora aí em frente um camarada tão gordo que me deixa fascinado. Ele vive sozinho e, em dois anos, jamais o vi comer qualquer coisa — o homem se alimenta unicamente de cerveja — no desjejum, no almoço e no jantar. Veja.

Como que aproveitando a deixa, um homem muito gordo, vestindo camiseta, entrou na cozinha e abriu uma garrafa de cerveja. Allen fechou a cortina.

— Eu costumava me preocupar com ele no começo. Tinha certeza de que acabaria com uma avitaminose, ou coisa semelhante, mas parece que a tal dieta está lhe fazendo muito bem.

Levou-a ao sofá:

— Que tal? Acha que serve para o Sr. Burke?

— Acho maravilhoso, com o homem gordo e tudo. Mas, Allen, por que desfazer-se de um apartamento como este?

— Achei um muito melhor. Posso me mudar amanhã mesmo, mas quero que você o veja primeiro. É importante que você goste dele também.

Bom Deus! Ele ia pedi-la em casamento. O delicado, o gentil pequeno Allen? Não queria magoá-lo. Talvez pudesse fingir que não estava entendendo. Anne forçou um tom indiferente na voz ao responder:

— Allen, o fato de ter sido designada para encontrar um apartamento para Lyon Burke não faz de mim uma perita. Pediram isso unicamente para apressar as coisas no escritório, pois Lyon Burke não pode se ausentar. Se você conseguiu encontrar um apartamento como este sozinho, então não tem necessidade nenhuma dos meus conselhos.. . — Sabia que estava falando depressa demais.

— Você disse que ele pode pagar até cento e cinquenta — continuou Allen. — E que, eventualmente, poderia subir a cento e setenta e cinco. Sabe de uma coisa? Vou ceder o apartamento por cento e cinquenta, que é o que eu pago, sem os móveis. Estes podem ficar de lambuja. Que tal?

Anne começou a se preocupar.

— Mas você precisará dos móveis no outro apartamento. Além disso, devem ter custado muito dinheiro.

— Não importa — retrucou Allen alegremente — Será que Lyon Burke pode se mudar imediatamente?

— Bem. . .

— Deve poder, não? Venha, quero mostrar-lhe o meu novo apartamento.

Conduziu-a para o elevador, ignorando seus protestos sobre a hora tardia.

Na rua, o atencioso porteiro se aproximou.

— Táxi, Sr. Cooper?

— Não, Joe. Vamos aqui perto.

Guiou-a até o próximo quarteirão, onde entraram num prédio que parecia estar dependurado sobre o rio. O apartamento parecia um cenário cinematográfico. A sala de estar estava inteiramente forrada por um tapete branco. O bar era revestido de mármore italiano. Havia uma escada que levava ao andar de cima. O mais espetacular, entretanto, era o panorama.

Portas de vidro se abriam para um terraço sobre o rio. Saíram. Soprava um vento úmido e gelado, mas a beleza do panorama dominava tudo. As luzes da ponte faziam um rendado sobre o rio e entre os suportes brilhavam as luzes menores. Anne olhava deslumbrada, sem tomar conhecimento da presença de Allen.

— Vamos fazer um brinde ao novo apartamento? — perguntou.

Anne saiu do sonho para tomar o frescor que ele oferecia.

— Allen, de quem é esse apartamento?

— Meu, se eu quiser.

— A quem pertence agora?

— A um homem chamado Gino. Ele, porém, o acha grande demais e está vivendo no Waldorf.

— Allen, você não pode se dar a um luxo destes!

— Você ficaria surpreendida se soubesse de tudo o que eu posso me permitir. — Lá estava ele novamente, com aquele sorriso enigmático. Anne saiu em direção à sala.

— Allen, acho que está na hora de ir embora. Estou cansadíssima, e tão confusa. ..

— Anne. . . eu sou rico, muito rico.

Anne olhou-o pensativamente. Sabia que estava dizendo a verdade.

— Anne, eu a amo. No começo, mal podia acreditar que você não soubesse.

— Soubesse o quê?

— Quem sou eu.

— Quem é você?

— Bem, eu ainda sou Allen Cooper. Isto é a única coisa que você sabe a meu respeito. Meu nome. Só que, para você, ele não significa absolutamente nada. Você me aceitou pensando que eu

fosse um fracassado agente de seguros — sorriu — e não pode nem imaginar o que significaram para mim estas últimas semanas, escondendo-a em pequenos restaurantes desconhecidos, vendo-a pedir os pratos mais baratos do cardápio, sabendo que você se preocupava com as minhas vendas. Anne, jamais alguém se importou *comigo* antes. A princípio, pensei que fosse brincadeira, que você sabia de tudo e estava se divertindo. Sabe, já tentaram isso antes. Por isso é que lhe fiz tantas perguntas — de onde você era, tudo a respeito de Lawrenceville. Contratei até um detetive para verificar.

Allen viu os olhos dela se contraírem e tomou-lhe as mãos.

— Anne, não se aborreça. Você era perfeita demais para ser verdadeira. Gino também não acreditou. Mas, quando os relatórios foram entregues, quando tudo o que você contou era verdade — a casa de família, sua mãe viúva, sua tia, e todo aquele sólido passado na Nova Inglaterra.. . Anne, você tem classe, verdadeira classe. Deus, quando descobri, fiquei maluco. Sempre tive certeza de que jamais alguém de quem eu gostasse se importaria comigo. Não percebe o que isso significa para mim? Você se importa comigo! Realmente. Não pelo meu dinheiro — mas pela minha pessoa.

Anne soltou-se e tomou fôlego.

— Como é que eu poderia saber, a menos que você me contasse?

— Não compreendo como você pôde ignorar. Estou sempre nos mexericos dos jornais, ou então alguma amiga poderia ter-lhe contado ou mesmo Henry Bellamy.

— Não leio os mexericos e não tenho nenhuma amiga a não ser Neely, e ela só lê a revista teatral. Além disso, nunca discuto meus assuntos pessoais com Henry Bellamy ou quem quer que seja.

— Bem, agora você pode dar uma porção de novidades a nosso respeito. — Allen tomou-a nos braços e a beijou.

Anne ficou parada — então, subitamente, libertou-se. Meu Deus, aconteceu novamente. Uma onda de repulsa a atravessou.

— Minha pequena e doce Anne. Sei que você deve estar confusa.

Anne caminhou para o espelho e retocou a # pintura dos lábios. Sua mão tremia. Havia algo de errado com ela. Por que haveria de sentir tal asco pelo beijo de um homem? Muitas garotas gostavam de beijar homens que não amavam. Era considerado normal. E ela gostava de Allen; ele não era um estranho. Portanto, o problema não era com Willie Henderson ou com os rapazes de Lawrenceville, mas com ela.

— Eu amo você, Anne. Sei que isto aconteceu muito de repente e confundiria qualquer pessoa. Mas realmente quero me casar com você. Quero apresentá-la a Gino — meu pai.

Allen entregou-lhe uma chave.

— Dê isto amanhã a Lyon Burke. Diga-lhe para me procurar em meu escritório, amanhã. O contrato estará pronto. Anne, se você acha este apartamento muito exagerado para o seu gosto, pode jogar tudo fora e mobiliá-lo à vontade. Gino gastou uma fortuna com ele; acho, entretanto, que, de alguma forma, não combina com você. Se preferir, podemos comprar uma casa fora da cidade — o que você quiser.

— Allen... Eu. . .

— Bem, falamos o suficiente por esta noite. Eu a amo. E você se casará comigo. Esteja certa disso.

Anne ficou pensativa no caminho de casa. A verdade é que devia ser fria. Tal como as meninas na escola diziam que eram certas mulheres, que nunca chegavam a sentir o clímax da verdadeira paixão. Era uma delas. Deus, não podia suportar nem ao menos um beijo. Talvez fosse uma felicidade ter alguém como Allen. Era bom, poderia ajudá-la. Talvez se casasse com ele. A mãe tinha razão. A grande paixão não acontecia para as "damas" que tinham repulsa por um simples beijo. Pelo menos fugira de Willie Henderson e de Lawrenceville. Havia pessoas que não realizavam nem a metade de seus sonhos.

Mandou o táxi esperar quando chegaram à casa dela.

— Tente sonhar comigo, Anne.

Allen inclinou-se e a beijou suavemente na face.

— Boa noite.

Ela olhou o táxi desaparecer, correu para dentro e bateu à porta de Neely, que apareceu agarrada a um volume de .. *E o Vento Levou*. Sem largar o volume, fez Anne entrar.

— Neely, largue esse livro um minuto, eu preciso lhe dizer algo muito importante.

— Eu não largaria o Rhett Butler neste momento por nada deste mundo.

— Neely, você já ouviu falar de Allen Cooper?

— Ei, que é isso, alguma brincadeira?

— Nunca falei mais sério do que agora.

— Quem é Allen Cooper? Este nome significa algo para você?

Neely bocejou e fechou o livro, dobrando cuidadosamente o canto da página para manter o Rhett no lugar.

— Muito bem, então continuemos a brincadeira. Allen Cooper é um ótimo rapaz com quem você sai de três a quatro vezes por semana. Pelo que pude observar da minha janela, diria que ele não é exatamente Cary Grant, mas é aproveitável. Posso voltar para Rhett agora? Ele é bem mais interessante, e parece que Scarlett não o aprecia de jeito nenhum.

— Então, você nunca ouviu falar de Allen Cooper!

— Não. E por que deveria? Ele trabalha no cinema ou coisa parecida? Conheço um Gary Cooper e um Jackie Cooper, de Allen Cooper nunca ouvi falar.

— Muito bem, pode voltar para Rhett Butler. — Anne se dirigiu à porta.

— Você está agindo de modo engraçado esta noite. Andou bebendo?

— Não. Eu a vejo amanhã.

Neely concordou com a cabeça e voltou para Rhett e Scarlett.

Deitada no escuro, Anne pensava. Allen não era um pobre agente de seguros — era rico. Por que deveria ela ter ouvido falar dele? Haveria mais alguma coisa que deveria saber? Como descobrir? George Bellows, é claro! Se havia alguma coisa que valesse a pena saber a respeito de Allen Cooper, ou de qualquer outra pessoa, George Bellows saberia.

George Bellows olhou-a surpreso, quando ela entrou em seu escritório.

— Você não devia estar procurando apartamento?

— Posso falar com você, George? É assunto pessoal.

Ele se levantou e fechou a porta.

— É claro. Sente-se. Pode falar à vontade. Tome um pouco de café.

Serviu-o de uma garrafa térmica.

— Muito bem, vamos ver do que se trata.

Anne olhou para o café na xícara.

— George, você conhece Allen Cooper?

— Quem não conhece? — Ele a olhou atentamente. — Ora, não me diga que está envolvida com ele.

— Eu o conheço. Pelo que sei é bastante rico.

— Rico? — George riu gostosamente. — Moça, deveriam inventar um novo nome para ele. Gino, seu pai, começou o império. São donos da metade da cidade. Dizem que são sócios até daquele armador grego milionário. A revista *Time* trouxe uma reportagem sobre Gino há alguns anos. Posso conseguir uma cópia, se você quiser. Dizem que a fortuna deles não pode nem ser avaliada. Havia uma fotografia de Allen também. Único herdeiro de todo o império. Você pode imaginar que publicidade isso não representou para os dois. Desde então precisa usar todas as armas para manter as garotas a distância. Por isso, se você encontrou Allen, não o tome a sério. Ele é um patife.

— Acho que é um bom rapaz — insistiu Anne.

George riu novamente.

— Oh, ele é muito bom superficialmente; no fundo, acredito que seja tão duro quanto o pai. Já efetuou alguns negócios bastante astuciosos por conta própria; por exemplo, livrou-se de servir o Exército comprando uma fábrica de pára-quedas.

Anne se levantou.

— Obrigada, George.

— Não há de quê. Posso lhe dar um relatório sobre qualquer lobo mau da cidade. Com a sua aparência, é capaz de você os encontrar a todos.

O rosto de Henry Bellamy mostrava desapontamento quando viu Anne.

— Não me diga que você já desistiu. Anne, sei que é duro. Eu mesmo já telefonei para alguns corretores hoje. Mas continue tentando.

— Já tenho o apartamento para o sr. Burke.

— Não! Meu Deus, você é sensacional! — Tocou o sinal para chamar Lyon.

— Eu tenho a chave. O sr. Burke pode olhar o apartamento esta tarde.

— Por que não esta manhã mesmo? — disse Lyon, entrando no escritório. — Assim não terão tempo para mudar de ideia. Anne, você é uma maravilha. Qual é o endereço?

Tomou nota.

— Grande localização. Estará dentro de minhas posses?

— Custa cento e cinquenta dólares por mês.

— Você é uma feiticeira. Como é que lhe deram a chave? O proprietário não está?

— Deve estar no escritório.

— Como se chama ele?

— Allen Cooper — disse ela calmamente.

Lyon limitou-se a escrever o nome; Henry, porém, olhou-a curiosamente.

— Como foi que você encontrou este apartamento, Anne? Através de anúncio?

— Não. Allen Cooper é meu amigo.

A expressão do rosto de Henry desanuviou.

— Se é amigo seu, então não é o Allen Cooper que conheço.

— Conheci-o neste escritório, sr. Bellamy.

— Aqui? — Henry estava intrigado. — Por Deus! É mesmo! — Levantou-se tão bruscamente da cadeira que bateu com ela na parede. — Você e Allen Cooper, essa não! — Balançou a cabeça em desacordo.

— Imaginava que ele fosse apenas um agente de seguros quando o encontrei — comentou Anne.

— O filho da mãe esteve aqui tentando se livrar de uma corista, uma de nossas clientes menores. Queria que eu a indenizasse e lhe fizesse algumas ameaças. Toquei-o daqui para fora. — Lançou a Anne um olhar zangado. — Pelo que vejo, não fui suficientemente rápido.

— Henry — a voz de Lyon era cortante. — Certamente Anne é capaz de escolher seus próprios amigos. — Então, com um rápido sorriso: — Você não está sendo muito justo, Henry. Dá a Anne uma missão impossível, e, quando ela a cumpre, em vez de felicitá-la, você lhe lança acusações e se intromete em sua vida particular.

— Allen Cooper. . . — repetia o nome com incredulidade. — Lyon, se você conhecesse esse Allen Cooper!

Lyon sorriu.

— Não quero conhecê-lo, quero apenas o seu apartamento.

— Já ouviu falar dele? — perguntou Henry. Lyon parecia pensativo.

— Parece-me que sim. É terrivelmente rico, segundo ouvi. Ninguém pode acusá-lo por isso.

— Anne não é páreo para um camarada daqueles. Não joga naquele time. Vai ser liquidada, na certa — insistiu Henry.

Anne permaneceu quieta, ligeiramente embaraçada por falarem dela como se não estivesse presente.

— Está bem. — Henry voltou-se e endireitou a cadeira. — Não é da minha conta. De agora em diante, você é que está com a bola.

— Tenho certeza de que ela conhece as regras — retrucou Lyon, voltando-se para Anne e sorrindo. — Gostaria muito de ver o apartamento. Incomoda-se se ela for comigo, Henry?

Henry acenou concordando e voltou ao trabalho. Anne ouviu-o suspirar profundamente quando saíram do escritório.

Ela concentrou sua atenção na janela do táxi enquanto atravessavam a cidade. Era um daqueles maravilhosos dias de fim de outubro, em que o ar perfumado e o sol pálido davam uma impressão de primavera.

— Não fique zangada — murmurou Lyon. — Henry explodiu daquela forma porque gosta de você como de uma filha, e não quer vê-la magoada.

— Não estou zangada. . . apenas confusa.

— Uma vez que toda a gente está lhe oferecendo conselhos que não foram solicitados, deixe-me dar-lhe alguns também. Nunca julgue ninguém através da opinião dos outros. Todos nós temos diferentes facetas, que mostramos a diferentes pessoas.

Anne sorriu.

— Você quer dizer que mesmo Hitler poderia ter sido amável e delicado com Eva Braun?

— Mais ou menos isso. E Henrique VIII não matou todas as suas mulheres. Se bem me recordo, a última dominou-o completamente.

— Mas Allen é realmente um ótimo rapaz — insistiu ela.

— Tenho certeza disso. E, se este é o prédio, estou bem impressionado.

O táxi parou. O porteiro de serviço era outro.

— Queremos ver o apartamento do sr. Cooper — explicou Anne.

— O sr. Cooper falou-me a respeito. Queiram subir ao décimo andar.

Anne entregou-lhe a chave.

— Esperarei no saguão.

— Quê? Excursão sem guia? Vamos, menina, quero que me aponte todas as vantagens do apartamento. Onde está a roupa, como funciona o fogão, a localização da caixa dos fusíveis...

Anne sentiu que corava.

— Estive lá apenas uma vez, para ver o apartamento.

— Ainda assim você o conhece melhor que eu.

Lyon gostou muito do apartamento. Gostou até da vizinhança do homem gordo.

— Chamarei Allen Cooper esta tarde. Antes de tudo, devo expressar minha gratidão a você. Sugiro que almoçemos por conta de Henry.

Foram ao Barberry Room. Anne gostou da suave escuridão azulada, das estrelas artificiais que brilhavam no teto, e das confortáveis poltronas. Aceitou um *sherry*. Muitas coisas tinham acontecido nas últimas vinte e quatro horas. Sen-tia-se ligeiramente

confusa. E Lyon falava descuidadamente sobre a maravilha que era o apartamento, do luxo que era a comida civil, do renovado prazer que sentia de voltar à vida civil. Aos poucos, Anne foi saindo de seu mutismo. Gostava da sua pronúncia, e da suave atmosfera do salão. Gostou de observar seu rosto. . . a mudança de suas expressões faciais. . . do seu sorriso fácil.

— Você terá que se acostumar a ver Henry se intrometer em sua vida particular — disse Lyon, enquanto acendia o cigarro de Anne —, mas é só porque ele lhe deseja o melhor. Colocou-a num pedestal.

— Foi a você que ele colocou num pedestal — retrucou Anne.  
— Vê em você o próprio futuro de Bellamy & Bel-lows.

— Isso ele via há quatro anos. As pessoas mudam bastante em quatro anos.

— O sr. Bellamy não mudou de opinião a seu respeito.

Lyon pegou sua mão.

— Anne, vamos deixar desta história de senhor? Eu sou Lyon e o sr. Bellamy é simplesmente Henry.

Anne sorriu.

— Está bem. . . Lyon. Você deve saber que Henry esperou ansiosamente a sua volta. — Então, parou de repente. Não era da sua conta. Nunca se intrometiera na vida dos outros. Apesar disso, no momento, sentia que devia proteger Henry. Subitamente, compreendeu por que Henry era contra Allen — fazia o papel de amigo. Vislumbrou também a lógica de Neely — não se podia ser um verdadeiro amigo e permanecer no plano impessoal. Falaria com Henry a respeito do interesse de Neely em *Tocando as Nuvens*. Sentiu uma onda de liberdade, como se estivesse cortando mais uma das amarras que a prendiam a Lawrenceville.

— Estou ciente das esperanças e dos planos de Henry — respondeu Lyon — e talvez não vá desapontá-lo. Mas, por Deus, esse é um trabalho bastardo! Nem bem advogado, nem bem agente.

— Todos, porém, são unânimes em dizer que você é um dínamo. Você deve gostar do trabalho, para lhe dedicar tamanha energia.

— Eu amava a luta... o desafio... até mesmo a diplomacia das conversações.

Anne estava confusa. Tudo o que dizia vinha em contradição ao que diziam dele.

Lyon tomou o silêncio dela por preocupação com Henry.

— Não tenha receio. Vai ver, só tive uma fadiga temporária.

— Mas você está contente em voltar, não está?

— Bem, estou de volta, não é?

Anne sentia-se curiosa.

— Parece que há alguma coisa que você preferiria fazer.

— Será que há muitas pessoas que se podem dar ao luxo de fazer exatamente aquilo de que gostam?

— Eu, por exemplo, gosto do que faço.

Lyon ofereceu-lhe o seu famoso sorriso.

— Sinto-me lisonjeado.

— Quero dizer, trabalhar para Henry, morar em Nova York. E você? Que é que gostaria realmente de fazer?

Lyon esticou as longas pernas sob a mesa.

— Ser horivelmente rico, por exemplo. Sentar-me em algum belíssimo lugar na Jamaica. Ter uma porção de garotas lindas, iguais a você, para tomar conta de mim, e escrever um livro sensacional sobre a guerra.

— Você gostaria de escrever?

— Claro. Todos os que saem do Exército têm a certeza absoluta de que são os únicos capazes de escrever o único romance verdadeiro sobre a guerra.

— Então por que não escreve?

— Um dos motivos: trabalhar para Henry é ter todo o tempo ocupado. E o apartamento que vimos também não é de graça. Temo que o que a literatura perder será lucrado por Henry Bellamy.

Anne chegou à conclusão de que Lyon Burke não poderia ser catalogado e definido de modo exato. Certamente possuía sentimentos; fazia, entretanto, questão de escondê-los debaixo de um sorriso ou de uma afirmação contraditória.

— É estranho, mas tenho certeza de que você não é dos que desistem — disse Anne categoricamente.

Os olhos de Lyon estreitaram-se.

— Perdão, acho que não entendi.

— Desistir, sem ao menos tentar. Isto é, se você acha, honestamente, que tem algo a dizer, então escreva. Todos devem, no mínimo, tentar fazer aquilo que desejam. Mais tarde, a própria vida força as pessoas a ter várias espécies de compromissos. Mas, agora. . . seria o mesmo que desistir antes de começar.

Lyon pegou-a pelo queixo. Seus olhos se encontraram.

— Tenho certeza de que Henry não a conhece direito. Até aqui, ele só sabe que você é incrivelmente bonita. Mas, por Deus, é também uma lutadora de primeira.

Anne recostou-se na cadeira.

— Para dizer a verdade, sinto-me diferente hoje. As coisas estão me acontecendo muito rapidamente. Durante vinte anos, nada de especial me aconteceu. . . Acho que é por isso que estou agindo um tanto estranhamente. Tudo isso a respeito de Allen Cooper. Eu nem sabia quem ele era, até a noite passada.

— Não deixe que a opinião de Henry a influencie. Acontece que ele não está lá muito disposto a abrir mão de você. O certo é que lutará com todas as armas para conservá-la.

— Allen é apenas um amigo. . .

— Isto é uma ótima novidade. — Desta vez, Lyon a olhava sem sorrir.

Anne ficou embaraçada. Para disfarçar, disse:

— O que eu disse antes, a respeito de pessoas que tentam fazer aquilo de que realmente gostam, quero dizer que consegui, quando vim a Nova York. Ninguém deve desistir de um sonho sem ao menos dar-lhe uma oportunidade de realização.

— Eu não tenho sonhos, Anne. Nunca tive. Essa ideia de escrever só me veio depois da guerra. Antes dela, eu me dedicava ao êxito e a fazer uma montanha de dinheiro. Agora, contudo, nem tenho certeza de desejar isso. De fato, não tenho certeza de querer alguma coisa realmente. — Então, com uma daquelas mudanças de humor que lhe eram peculiares, Lyon sorriu. — Bem, existe uma coisa que realmente desejo: aproveitar e estar bem consciente de cada minuto de minha vida.

— Posso compreender bem isso — retrucou Anne. — Deve ser o sentimento natural das pessoas que passaram por uma guerra.

— Sim? Sabe, eu já estava duvidando que alguma das mulheres que conheço ainda se lembrasse de que houve guerra.

— Oh, tenho certeza de que toda a gente sentiu a guerra.

— Não concordo. Quando se está na guerra, nada mais existe. É impossível imaginar que em algum lugar existam pessoas que estejam dormindo em camas confortáveis, ou que estejam sentadas em restaurantes como este. Na Europa é diferente. Por onde quer que se ande, a gente pode ver os prédios destruídos — as lembranças estão vivas. Quando voltei, porém, todas aquelas mortes e aquele derramamento de sangue me pareceram tão remotos. . . como se jamais tivessem acontecido. Lá estava Nova York, o Edifício Para-mount ainda lá estava, com o seu velho relógio funcionando como sempre. O calçamento tinha as mesmas rachaduras, os mesmos pombos ou seus descendentes estavam esvoaçando no Plaza, a mesma fila podia ser vista do lado de fora do Copa, esperando para ver os mesmos atores. A noite passada saí com uma criatura maravilhosa, que passou o tempo todo contando os sacrifícios que teve de fazer durante a guerra. Sem meias de *nylon*, sem tubos plásticos para os batons, sem rolos plásticos para os cabelos. . . era horrível. Penso que a falta de meias a afetava mais que tudo. É modelo, e as pernas são importantes para ela. Disse-me estar tremendamente contente por termos finalmente descoberto a bomba atômica — ela tinha justamente aberto o seu último pacote de meia dúzia de pares.

— Acho que, quando a gente está na guerra, o mais importante é sair dela com vida — disse Anne, calmamente.

— Não se ousa pensar tão para diante — respondeu Lyon. — Pensa-se apenas no dia-a-dia. Se nos atrevemos a pensar no futuro — qualquer futuro pessoal —, perde-se a calma. De repente, a gente se lembra de todas as coisas com que perdemos tempo... de todos os minutos que nunca recobramos. Chegamos à conclusão de que a coisa-mais importante de todas é o tempo. Porque o tempo é vida. É a única coisa que não podemos ter de volta. Pode-se perder uma garota e talvez tê-la de volta — ou ainda achar outra. Mas um

segundo — este segundo —, quando passa, faz irremediavelmente parte do passado.

A voz dele era suave, uma voz que se recordava de algo, e ela notou as finas rugas nos cantos de seus olhos.

— Havia um cabo. . . estávamos passando a noite no que restava de um celeiro. Nenhum de nós tinha sono. O cabo deixava escorregar a terra do chão entre os dedos e dizia: "Boa terra, esta". Ele tinha uma fazenda na Pennsylvania. Contava-me os problemas que tinha com os pessegueiros e os seus planos de aumentar a fazenda quando voltasse. Queria que fosse uma ótima fazenda quando seus filhos crescessem. O solo, porém, preocupava-o, pois não era muito rico. Esse era o assunto de que ele mais gostava. Em pouco tempo, até eu estava me preocupando com tal solo miserável; a ponto de oferecer-lhe sugestões. Dormi sonhando com uma imensidão de terra coberta de pessegueiros. O dia seguinte foi terrível. Andamos através de campos minados. . . e o tempo não ajudava. A noite, fiz os relatórios sobre os homens desaparecidos. Verifiquei as chapas de identificação. Uma delas pertencia ao cabo. Sentei-me contemplando a chapa — na noite anterior, existia um homem. . . um homem que passou a sua última noite preocupando-se com solo e fertilizantes; agora, o seu sangue devia estar adubando um pedaço de solo estrangeiro.

Olhou para ela.

— E aqui estou eu, jogando fora o seu tempo, falando nisso.

— Por favor, continue.

Lyon olhou-a com estranheza.

— Falei um bocado, hoje... a respeito de coisas que estavam provavelmente enterradas em algum canto da minha mente. Mas já tomei muito do seu tempo. Tire o resto da tarde para você. Compre um vestido, vá ao cabeleireiro — ou faça qualquer uma daquelas coisas que as garotas bonitas devem fazer.

— Esta garota vai voltar para o escritório.

— Nem pense nisso. É uma ordem. Na verdade, Henry estava preparado para ficar sem você vários dias. O menos que você merece é meio dia de folga. E um prémio de duas semanas de salário, que também providenciarei.

— Mas não posso imaginar. . .

— Tolice. Eu esperava mesmo ter de gratificar qualquer corretor com pelo menos o equivalente a um mês de aluguel. Isso será o meu primeiro ato oficial em Bellamy & Bellows. Você terá duas semanas de salário e o resto da tarde livre.

Anne tomou a tarde de folga, mas não fez nenhuma das coisas que Lyon lhe sugerira. Subiu a Quinta Avenida. Observou a nova moda de inverno. Sentou-se na praça do Plaza. E pensou em Lyon Burke. Ele superava qualquer pessoa que ela já conhecesse. Fora conquistada pelo Lyon sorridente e inescrutável, pelo Lyon que falou a respeito da guerra — esse parecia acessível, capaz de se preocupar com as coisas. Preocupou-se com o cabo. Afinal, quem era realmente Lyon Burke?

Saiu da praça e caminhou pela Quinta Avenida. Era tarde. Tinha de ir para casa e mudar de roupa. Allen. Não poderia se casar com Allen. Isso seria negar todas as coisas que dissera. Isso seria desistir. Era muito cedo para se comprometer apenas com um pedaço de sonho. Diria isso a ele no jantar, suavemente, com tato. Não poderia simplesmente dizer: "Allen, não vou me casar com você". Durante o jantar, entraria delicadamente no assunto e seria firme e positiva. Simplesmente isso.

Não foi simples, porém. Eles não foram a um sossegado restaurante francês. Allen não precisava mais esconder sua identidade. Foram ao 21. Os garçons curvavam-se à sua passagem e toda gente o chamava pelo nome. Allen parecia conhecer a maioria das pessoas que estavam no restaurante.

— Anne, você gostaria de viver fora da cidade? — perguntou ele de repente. — Temos uma casa em Greenwich. . .

Esse foi o começo.

— Não, já morei o suficiente em Lawrenceville. De fato, Allen, há uma coisa que eu gostaria de lhe dizer. . . algo que você deve compreender.

Allen olhou para o relógio e acenou para que o garçom lhe trouxesse a conta.

— Allen. . .

— Continue, estou ouvindo — disse, enquanto assinava a conta.

— É a respeito do que você falou na noite passada. E agora, a respeito de viver fora da cidade. Allen, gosto muito de você, mas.. .

— Ainda bem que me lembrou. Mande o contrato a Lyon Burke hoje, e falei com ele. Parece boa pessoa. Inglês, não é?

— Educado na Inglaterra. Allen, ouça-me.

Allen levantou-se.

— Você pode me dizer no táxi.

— Por favor, sente-se. Prefiro falar aqui.

— No táxi é escuro, mais romântico. Além disso, estamos atrasados.

Anne levantou-se desesperançada.

— Aonde vamos?

— Ao El Morocco.

Distribuiu várias gorjetas, discretamente, enquanto saíam. No táxi, recostou-se e sorriu.

— Meu pai está no El Morocco. Disse-lhe que passaríamos lá. Agora, que é que você queria dizer?

— Allen, estou lisonjeada com a sua atenção. Agradeço-lhe muito, também, o apartamento para Lyon Burke. Poupou-me uma porção de trabalho. Acho você uma das melhores pessoas que já encontrei, mas. .. — nesse momento, ela já podia ver, em letras de néon, o nome do El Morocco; então se precipitou — a respeito de casamento... do que você disse a noite passada. . . sinto muito. Allen. . . eu. . .

— Boa noite, sr. Cooper. — O porteiro do El Morocco quase cantou a saudação, enquanto segurava a porta do táxi. — Seu pai está lá dentro.

— Obrigado, Peter. — Mais uma nota mudava de mão. Allen conduziu-a para dentro. Anne tinha falhado em se fazer entendida — ou será que Allen fazia questão de não entender?

Gino Cooper estava, com um grupo de homens, em uma grande mesa perto do bar. Acenou para Allen, dando a entender que se juntaria a eles. O garçom conduziu o casal para uma mesa perto da parede. Eram dez e meia, cedo para o El Morocco. Apesar de ser

a primeira vez que Anne ia lá, já tinha visto filmes e fotografias de várias celebridades sentadas nos seus sofás, que imitavam pele de zebra. Olhou à sua volta: muitas listras por toda parte; no resto, era como qualquer outro salão, com uma boa orquestra, tocando músicas conhecidas.

Gino juntou-se a eles imediatamente. Sem esperar por uma apresentação, segurou a mão de Anne e a sacudiu com força.

— Então, esta é a moça, hein? — Assobiou baixinho. — Menino, você tinha razão. Esta tem classe. Verdadeira classe. Valeu a pena esperar. Posso dizer isso antes de ela abrir a boca.

Estalou os dedos. Um garçom pareceu materializar-se na atmosfera.

— Traga-me champanha — ordenou, sem tirar os olhos de Anne.

— Anne não bebe — começou Allen.

— Hoje ela há de beber — disse Gino animadamente. — Esta é uma ocasião especial.

Anne sorria. O entusiasmo de Gino era contagiante. Moreno, corpulento, um belo homem. O cabelo preto já tinha começado a pratear, mas sua imensa vitalidade e o seu entusiasmo eram quase infantis.

Quando o champanha foi servido, ele brindou:

— À nova dama da família.

Esvaziou metade da taça de um gole só. Limpou os lábios nas costas da mão e perguntou:

— Você é católica?

— Não, eu. . . — começou Anne a dizer.

— Bem, você se converterá quando casar com Allen. Marcarei uma entrevista com o padre Kelly. Ele poderá apressar tudo.

— Sr. Cooper... — Anne fez quase um esforço físico para encontrar a voz.

Felizmente, Allen interrompeu apressadamente.

— Ainda não discutimos religião, papai. E não há motivo para que ela se converta.

Gino ponderou por alguns momentos.

— Bem. . . não há, se ela está absolutamente convencida do contrário. Contanto que ela case na Igreja e prometa educar as crianças pela religião católica.

— Sr. Cooper, não vou me casar com Allen — pronto, ela o dissera bem alto e bem claro.

Os olhos de Gino se estreitaram.

— Quer dizer que você é anticatólica a esse ponto?

— Não sou anti coisa nenhuma.

— Então o que é que há?

— Eu não amo Allen.

A princípio, Gino a olhou com espanto. Depois, virando-se para Allen, indagou estupefato:

— Que diabo foi que ela disse?

— Disse que não me ama — respondeu Allen.

— Isso é uma piada, ou coisa assim? Você não disse que ia se casar com ela?

— E vou. Só que primeiro terei de fazer com que ela me ame.

— Estão os dois loucos, ou coisa parecida? Allen riu.

— Já lhe disse, papai, que até a noite passada Anne pensava que eu era um simples agente de seguros. Agora, precisa adaptar-se à nova situação.

— Adaptar-se? Desde quando o dinheiro é obstáculo para alguma coisa?

— Nós nunca discutimos sobre o amor, papai. Anne nunca me levou a sério. A maior preocupação dela era que eu poderia perder o emprego.

Gino olhava para Anne com curiosidade.

— Você, realmente, saiu com Allen durante todas essas semanas comendo em restaurantes baratos como ele me contou?

Anne sorriu levemente. Estava começando a se sentir notada. A voz forte de Gino fazia com que a conversa fosse ouvida em quase metade da sala.

Gino deu uma gostosa gargalhada.

— Esta é muito boa. — Serviu-se de mais champanha. Um garçom apressou-se a ajudá-lo, mas foi despedido com um aceno.

— Eu costumava abrir estas garrafas com os dentes. Agora acham que preciso de meia dúzia de lacaio para me ajudar. — Virou-se para Anne: — Gosto de você. Seja bem-vinda à família.

— Mas não vou me casar com Allen.

— Ouça, se você suportou seis semanas de péssimas refeições com ele, há de amá-lo agora. Tome o seu champanha. Comece a cultivar gostos caros. Poderá permitir-se isso. Alô, Ronnie. — Um homem magro apareceu não, se sabe de onde e estava em pé ao lado da mesa deles.

— Este é Ronnie Wolfe — disse Gino: — Sente-se, Ronnie.

Estalando os dedos, dirigiu-se ao espaço.

— Traga o usual para o sr. Wolfe.

— Agora, não me diga que nunca ouviu falar de Ronnie; toda a gente lê a-coluna dele — disse Gino orgulhosamente.

— A srta. Welles é nova em Nova York — apressou-se Allen a dizer —, só conhece o *Times*.

— Bom jornal — disse Ronnie secamente. — Puxou um caderninho preto e seus olhos escuros iam de Allen para Gino.

— Muito bem, vejamos o nome dela. Quem a acompanha? O pai ou o filho?

— Ambos, desta vez — declarou Gino. — Esta moça será da família, em breve. Vai se casar com Allen.

Ronnie assobiou. Olhou para Anne com respeito.

— Grande história, realmente. Novo modelo ganha o grande prémio. Ou será atriz? Agora, não diga nada. . . deixe-me adivinhar. É do Texas?

— Sou de Massachusetts e trabalho em um escritório — declarou Anne friamente.

Os olhos de Ronnie piscaram.

— Só me falta ouvir que você é capaz de datilografar.

— Não creio que seja notícia para sua coluna. Acho também que deve saber que Allen e eu. . .

— Ora, Anne — interrompeu Gino rapidamente. — Ronnie é um amigo.

— Não, deixe-a continuar. — Ronnie olhava para Anne cheio de respeito.

— Tome mais champanha — disse Gino, enchendo a taça de Anne.

Ela tomou o champanha fazendo esforço para conter a sua ira. Queria insistir, dizendo que não ia se casar com Allen, mas Gino a interrompeu deliberadamente e, com certeza, a interromperia de novo. Seria embaraçoso para ele ser desmentido em público. Quando Ronnie Wolfe se retirasse, pediria a Gino que não fizesse mais nenhuma declaração. Tinha dito aos dois — ao pai e ao filho — que não ia se casar com Allen. Será que o dinheiro deixava as pessoas surdas e cegas?

— Para quem a senhorita trabalha? — perguntou Ronnie.

— Henry Bellamy — interrompeu Allen —, mas só temporariamente. ..

— Allen! — Anne voltou-se para ele, furiosa, enquanto Ronnie dizia:

— Bem, srta. Welles. O meu trabalho é fazer perguntas. — Sorriu, de modo franco. — Gosto da senhorita. É consolador encontrar uma moça que não veio a Nova York para ser atriz ou modelo.

Depois, olhando-a fixamente.

— Maços do rosto salientes. Poderia fazer fortuna como modelo, se quisesse. Se Powers ou Langworth a vissem, ficaria talvez mais rica que o seu noivo. — Piscou para Gino.

— Se ela quisesse trabalhar, comprar-lhe-íamos uma agência de modelos — declarou Gino. — Mas ela vai sossegar e criar bebês.

— Sr. Cooper! — As faces de Anne estavam em fogo.

— Ora, comecemos do princípio — socorreu-a Allen.

— Lá vem sua amiga, Gino — disse Ronnie. — Ela já sabe da novidade?

Todos olharam para a moça alta e bonita que se aproximou da mesa. Sem se levantar, Gino indicou uma cadeira.

— Sente-se, boneca. E diga alô a Anne Welles, noiva de meu filho.

Os olhos maquilados de Adele se abriram ainda mais. Sem tomar conhecimento de Anne, olhava para Allen e para Ronnie em busca de confirmação.

Ronnie fez que sim com a cabeça e seus olhos se divertiam com a consternação de Adele. A moça, porém, se recuperou depressa. Sentou-se ao lado de Gino e ofereceu um leve sorriso a Anne..

— Como é que conseguiu, querida? Estou há meses tentando levar este gorila ao altar. Ensine-me a palavra mágica e poderemos ter uma cerimônia dupla. — Olhou para Gino como que o adorando.

— Você tem uma carreira, Adele — declarou Ronnie, piscando para Gino.

Adele olhou-o com fúria assassina.

— Escute, Ronnie. É necessário ter certo talento para chegar a ser corista.

— Acho que você é a melhor corista da cidade, Adele — disse Ronnie, enquanto guardava o caderninho preto.

— Pode repetir isso — replicou Adele, já mais cordata. — Recusei duas ofertas para fazer cinema só para estar aqui com meu querido.

Debruçou-se e beijou Gino na face.

Ronnie levantou-se e sacudiu a cabeça em despedida. Anne observou-o sentar-se à outra mesa, enquanto o garçom se apressava em colocar nova xícara de café à sua frente. Então tomou vagarosamente o café enquanto seus olhos estavam atentos à porta.

Allen seguiu o olhar de Anne.

— Ronnie é um bom rapaz. Só publica as notícias que ele mesmo constata.

— É um intrometido — replicou Adele.

— Ora, você só diz isso porque ele publicou a notícia, de que precisamos ficar noivos — disse Gino.

— Bem, é o tipo da declaração que me faz parecer uma idiota. Que é que você me diz, querido? Vai deixar que seu filho o vença na caminhada para o altar?

— Já estive no altar. Depois que Rosana morreu, morreu minha vida de casado. Um homem só pode ter uma esposa. Romances? Inúmeros. Mas só uma esposa.

— Quem escreveu essa regra? — perguntou Adele.

Gino serviu-a de champanha. Anne sentiu que o assunto já tinha sido discutido entre os dois muitas vezes.

— Adele, esqueça, sim? Ainda que eu me casasse de novo, não seria com você. Lembre-se de que é divorciada.

Vendo Adele amuada, apressou-se a dizer:

— Antes que me esqueça, mandei Irving levar dois casacos à sua casa amanhã. Escolha o que lhe agradar.

A expressão do rosto dela mudou instantaneamente.

— De *vison*?

— De que poderia ser? De rato-almiscarado?

— Oh, Gino! — Aproximou-se dele. — Às vezes, você me deixa tão furiosa, mas tenho de perdoá-lo. Amo-o tanto. . .

Gino olhou para o casaco de seda de Anne, que estava sobre a cadeira, e disse ao filho:

— Ei, Allen, que acha se eu mandasse um para Anne como presente de noivado? — Depois, sem esperar resposta, voltou para Anne.

— Qual é sua cor preferida?

— Cor? — Anne sempre imaginou que o *vison* fosse marrom.

— Ele quer dizer doméstico ou selvagem, querida. Creio que o selvagem ficaria ótimo com o seu cabelo.

— Acho que não posso aceitar — declarou Anne, tranquilamente.

— Por que não? — explodiu Gino.

— Talvez Anne prefira ganhar o casaco de mim, depois de estarmos casados — arriscou Allen.

— Quer dizer que o seu *visou* terá que ser legal? — Riu-se Gino.

— Que é que existe de ilegal em aceitar um *vison*? — perguntou Adele.

— Creio que ilegal é recusar um.

Anne sentiu-se desconfortável. O champanha lhe dava calor. A boate estava cheia; a pista de danças diminuía enquanto garçons colocavam apressadamente novas mesas minúsculas para gente importante que chegava. As pessoas espremiavam-se de encontro às cordas de veludo e não havia uma polegada de espaço no lado em

que eles estavam sentados. Por incrível que parecesse, porém, ainda havia mesas vazias do outro lado. Allen explicou-lhe que aquilo era a *Sibéria*. Ninguém respeitava quem estivesse sentado daquele lado do salão. Apenas os *quadrados* e os forasteiros sentavam-se lá. Não conheciam a diferença. Um frequentador habitual, contudo, morreria de embaraço se tivesse de sentar lá. Havia um constante rodízio de pessoas, uma onda contínua de apresentações. Outro colunista juntou-se a eles, e alguém tirou uma foto. Gino pediu mais champanha. Garotas que pareciam réplicas exatas de Adele paravam à mesa, cumprimentavam Allen com familiaridade e lançavam a Anne olhares que pareciam perguntar se ela se dava conta da sorte que tinha, olhares que denotavam também inveja e curiosidade.

Anne estava ereta na cadeira, tensa, tentando disfarçar o pânico que crescia dentro de si. Tinha de esclarecer tudo com Allen a caminho de casa. Então, chamaria Ronnie Wolfe e os outros colunistas. Precisava fazê-los compreender.

Tocou o braço de Allen:

— É uma hora já, Allen. Tenho de ir para casa.

Gino escandalizou-se.

— Para casa? Mas a festa apenas começou.

— Tenho de trabalhar amanhã, sr. Cooper.

— Minha querida, você não tem que fazer coisa alguma de hoje em diante, a não ser agradar o meu garoto — disse Gino sorrindo.

— Mas eu tenho um emprego. . .

— Largue-o — encorajou-a Gino, enquanto servia champanha.

— Largar meu emprego?

— Por que não? — desta vez era Adele Marin que fazia a pergunta. — Se Gino me pedisse em casamento eu deixaria minha carreira imediatamente.

— Que carreira? — Riu Gino. — Ficar de pé num palco durante duas horas todas as noites? — Voltou-se para Anne.

— *Miss América*, aqui, tem que trabalhar amanhã. Pertence a um tal sindicato de atores. Mas você não tem contrato.

— Gosto do meu trabalho e não deixaria o meu patrão em dificuldades — replicou Anne.

Gino sacudiu os ombros.

— Está bem, concordo. Você tem classe. Um patrão deve ser prevenido. Diga-lhe amanhã, dê-lhe oportunidade de procurar outra pessoa. — Acenou para o garçom. — Bem, acho que todos nós poderemos dormir cedo uma noite, para variar.

Anne vestiu o casaco. Sim, acertaria tudo com Allen quando estivesse no táxi, a caminho de casa. Mas não havia táxi. Um enorme carro preto, com motorista, esperava. Gino fez sinal para que entrasse, enquanto dizia:

— Entrem, deixaremos primeiro a Cinderela.

Quando atingiram o prédio em que Anne morava, Gino e Adele ficaram no carro, enquanto Allen a acompanhou até a porta.

— Allen — murmurou Anne —, preciso falar com você.

Ele se debruçou e a beijou levemente.

— Anne, sei que esta noite foi terrível, mas não se repetirá. Você tinha que encontrar Gino. Agora já se conhecem. Amanhã sairemos sozinhos.

— Gostei de Gino. Mas, Allen, você tem de dizer a ele. . .

— Dizer o quê?

— Allen, não vou me casar com você. Nunca disse que iria.

Allen acariciou-lhe os cabelos.

— Não a culpo por estar em pânico. Esta noite teria amedrontado qualquer pessoa. Amanhã será diferente. — Tomou-lhe o rosto entre as mãos e disse: — Creia ou não, você vai se casar comigo.

— Não, Allen.

— Anne. . . você está apaixonada por alguém?

— Não, mas. . .

— Isso me basta. Dê-me apenas uma oportunidade.

— Ei! — berrou Gino pela janela do carro. — Pare com a conversa e dê-lhe o beijo de boa-noite.

Allen beijou-a novamente.

— Virei buscá-la amanhã, às sete e meia da noite. — Voltou-se e desceu as escadas correndo.

Anne ficou parada, tremendo, enquanto o carro se afastava. Bem, tinha tentado. Se Ronnie Wolfe publicasse a notícia, teria que

desmenti-la. Subiu as escadas correndo até seu quarto. Um envelope branco estava colado à porta. Uma letra infantil dizia: "Acorde-me qualquer que seja a hora. Urgente. Neely".

Olhou para o relógio. Duas horas. A palavra "urgente" estava sublinhada. Desceu novamente e bateu de leve à porta de Neely, intimamente torcendo para que ela não ouvisse. Notou, porém, em seguida, o ruído da cama, e uma fresta de luz apareceu por baixo da porta. Neely a abriu esfregando os olhos.

— Meu Deus, que horas são?

— É tarde, mas seu recado dizia "urgente".

— Certo. Entre.

— Não pode deixar para amanhã? Estou tremendamente cansada também, Neely.

— Estou completamente acordada agora. E congelada — disse Neely, enquanto pulava, de um pé para outro, no chão gelado.

Anne seguiu-a até o quarto, enquanto Neely voltava para a cama, sob as cobertas.

— Bem, adivinhe o que é!

— Neely, diga logo ou me deixe dormir.

— Estamos no *show*!

— Ótimo. Agora, Neely, se você não se incomoda, eu. ..

— Então é assim? E boa noite? A melhor coisa que já me aconteceu? Conseguimos entrar em *Tocando as Nuvens* e você nem liga.

— Estou contente por você, é claro — declarou Anne, tentando pôr um pouco de entusiasmo na voz.—, mas é que esta foi uma noite terrível.

Neely preocupou-se.

— Que aconteceu? Allen tentou tomar liberdades com você, ou o quê?

— Não. Pediu-me para casar com ele.

— Que é que há de terrível nisso?

— Eu não quero me casar com ele.

— Então, diga.

— Eu disse, mas ele nem quer me ouvir.

— Diga novamente, amanhã.

— Mas amanhã vai ser publicado nos jornais. Neely olhou-a com estranheza.

— Anne, você está engraçada hoje. Por que motivo iria algum colunista publicar que você vai se casar com um simples corretor de seguros?

— Porque esse simples corretor de seguros é um milionário. Quando Neely finalmente compreendeu, estava estática.

— Anne! — Neely pulou da cama e começou a valsar à volta do quarto. — Anne, você conseguiu.

— Mas, Neely, eu não amo Allen.

— Com todo esse dinheiro, será fácil aprender — insistiu Neely.

— Mas eu não quero me casar ou desistir do meu emprego. Pela primeira vez na minha vida, estou vivendo à minha custa e não estou disposta a desistir disso. Tive apenas dois meses de liberdade e. . .

— Liberdade! É a isso que você chama de liberdade? Viver numa sala-dormitório, levantar-se às sete e correr ao escritório, almoçar de pé, talvez jantar uma vez ou outra no 21, com Bellamy e algum cliente, enquanto fica congelada nesse casaco de seda? É para essa espécie de glória que você deseja permanecer livre? Amanhã é 1.º de novembro. Espere até janeiro e fevereiro. Não haverá então nada mais que lama em Nova York. E o pequeno e malcheiroso aquecedor do seu quarto parecerá um fósforo. Do que é que você está desistindo? Diga-me!

— Da minha identidade, do meu futuro, da minha vida inteira. Desistindo de tudo antes de realmente começar. Neely, jamais aconteceu alguma coisa fora do comum a uma pessoa de minha família. Casaram-se, tiveram filhos, e isso é tudo. Eu quero que as coisas me aconteçam, quero senti-las, quero. . .

— Mas já aconteceu! — gritou Neely. — Com a única diferença de que você não teve de esperar. Está por acaso decepcionada por não ter que se escravizar durante anos, usar sapatos de seis dólares, e vestir-se em liquidações? Anne, se você deixar passar essa oportunidade, ela não voltará nunca mais. Ou acha que quando estiver entediada do papel de secretária aparecerá

um outro milionário que lhe dirá: "Está bem, Anne, já é tempo de casar". Fique esperando...

— Não estou procurando um milionário. Para mim isso não tem importância.

— Você nunca foi pobre — disse Neely, com certo ar de zombaria.

— Neely, deixe-me explicar. Você está exultante por ter conseguido um papel em *Tocando as Nuvens*. Suponhamos que, depois de algumas semanas de ensaio, surgisse alguém como Allen e lhe pedisse para casar com ele e deixar o espetáculo antes mesmo da abertura. Você faria isso?

— Se faria isso? Faria tão rapidamente que eu a deixaria tonta. Vejamos, pode ser que eu tenha realmente talento e que algum dia apareça uma oportunidade de prová-lo. Que é que ganharei com isso? Dinheiro, posição, respeito. Isso é tudo. E talvez tenha de trabalhar durante longos anos para obter o que Allen está lhe oferecendo em uma bandeja de prata.

Anne não podia acreditar no que ouvia. Neely, com aquela cara lavada, que a fazia parecer mais jovem que os seus dezessete anos, era capaz de reduzir tudo, clinicamente, à expressão mais simples. Dirigiu-se para a porta.

— Boa noite, Neely. Estou cansada demais para discutir. Falaremos amanhã.

— Falaremos coisa alguma. Case com ele e pronto. Talvez eu vá morar com você se *Tocando as Nuvens* for uma bomba.

*Novembro, 1945*

Quando o despertador tocou, Anne acordou com o seu costumeiro bem-estar. Mas, na medida em que se espreguiçava e ficava mais desperta, sentiu uma súbita apreensão. Havia algo de errado. . .

Allen! A noite passada! Ronnie Wolfe! Então, sua apreensão se transformou em raiva. Fizera o possível. Quantas maneiras existiam para se dizer não?

Vestiu-se apressadamente. Telefonaria para Allen no momento em que chegasse ao escritório. Resolveria tudo de uma vez por todas. Viu uma porção de homens parados à porta do escritório quando chegou. Abriam caminho para ela passar, e então alguém gritou:

— Ei, pessoal, é ela!

*Flashes* estouraram, perguntas foram gritadas, e entre a confusão toda pôde ouvir o nome de Allen. Conseguiu livrar-se do tumulto, mas alguns seguiram-na até o escritório, chamando-a pelo nome. Era como nos seus pesadelos de criança, quando era perseguida e ninguém aparecia para salvá-la. A recepcionista lá estava, sorrindo. A secretária e a Srta. Steinberg, sorrindo também. Finalmente, sentou-se à sua mesa, cercada de gente e sozinha.

— Quando foi que conheceu Allen Cooper, Srta. Welles?

Os *flashes* estouravam, cegando-a.

— Anne, olhe para cá, sim? Isso, sorria, sim?

*Flash, flash...*

— O casamento será na Igreja, Srta. Welles?

— Anne, como é que se sente no papel de Cinderela? Anne queria gritar. Abriu caminho entre eles e entrou no escritório de Henry Bellamy. Lyon Burke amparou-a quando ela entrou correndo. Começou a falar, mas a porta se abriu. Os jornalistas a tinham seguido até ali. Henry sorria. . . cumprimentava-os. Lyon também sorria.

Henry enlaçou-a pelos ombros, paternalmente.

— Agora, Anne, você terá de se acostumar a isto. Não é todos os dias que uma moça fica noiva de um milionário.

Henry sentiu que ela tremia e apertou-a mais contra si.

— Ora, acalme-se e declare alguma coisa. Afinal, esses rapazes precisam ganhar a vida.

Ela olhou para os repórteres.

— Que é que desejam?

— O que eles desejam é a história completa. — Henry Bellamy curvou-se sobre a mesa e apontou uma fotografia enorme, estampada num matutino, na primeira página. Lá estava ela, com

Allen, e o cabeçalho dizia: *A mais recente Cinderela da Broadway — Allen Cooper casa-se com secretária.*

Henry enlaçou-a novamente.

— Está bem, rapazes. Batam mais uma chapa. E podem publicar: "Henry Bellamy congratula-se com sua secretária milionária".

Mais *flashes*. Alguém pedia-lhe para sorrir. .. alguém queria outra pose. . . alguém subiu numa cadeira e a fotografou de cima. . . vozes pediam-lhe para olhar para cá.. . para lá. . . vozes que pareciam vir de longe. Era como se o barulho do mar a estivesse atordoando e, no meio de tudo, ela só conseguia ver o rosto de Lyon, observando e sorrindo enigmaticamente.

Em seguida Henry apertava as mãos dos repórteres, enquanto os conduzia alegremente à saída. Enquanto fechava a porta, ouviu-o dizer:

— Sim, eles se encontraram aqui no escritório.

Anne ficou olhando para a porta fechada. O súbito silêncio parecia mais irreal do que a confusão anterior. Lyon atravessou a sala e entregou-lhe um cigarro aceso. Ela aspirou profundamente e tossiu.

— Vamos com calma — disse Lyon sorrindo.

Anne jogou-se numa cadeira e perguntou:

— Que farei, meu Deus?

— Você está agindo muito bem. Vai se acostumar a tudo isso. Com o tempo, vai até gostar.

— Não vou me casar com Allen Cooper.

— Ora, ora, não deixe que isso a aborreça. Qualquer um fica meio em pânico com publicidade de primeira página.

Henry voltou ao escritório. Olhou-a com verdadeiro orgulho e disse:

— Muito bem. Por que é que me fez de bobo ontem? Se eu soubesse que o rapaz tinha intenções sérias com você, nunca lhe teria dito o que disse.

— Ela tem uma qualidade rara — interrompeu Lyon —, isto é, faz com que só os outros falem.

Anne sentiu um nó na garganta. ("Uma dama nunca chora em público.") Devia ser um pesadelo. Lyon, com aquele sorriso frio. .. Henry bancando o pai orgulhoso.

— Chamarei a agência imediatamente — disse Henry. — Você deve ter a agenda toda tomada, Anne. Não se incomode com o escritório. Arranjarei alguém.

Anne sentiu-se flutuar. Uma fraqueza engraçada que vinha do estômago parecia separar sua cabeça do corpo. Todos estavam se afastando dela. Henry já estava folheando a lista telefônica para falar com a agência de empregos.

— Você pensa que vou largar meu emprego? — A voz de Anne era tensa.

Henry tomou-a pelos ombros, sorrindo.

— Querida, acho que você ainda não se compenetrou completamente de tudo isso. Espere até começar com a lista dos convidados, as provas do enxoval, as entrevistas. Você é que vai precisar de uma secretária.

— Henry, preciso falar com você.

— Já vou saindo — disse Lyon, levantando-se. — Henry merece um adeus em particular. E, para você, boa sorte. Você merece o melhor.

Anne observou a porta que se fechava e voltou-se para Henry.

— É inacreditável! Nenhum de vocês se importa!

— Mas é claro que nos importamos! Estamos contentes por você — afirmou Henry um tanto surpreso.

— Mas vocês simplesmente esperam que eu saia, e não se importam. Talvez nunca mais me vejam. Simplesmente me substituem por outra moça, e pronto.

— Ora, é claro que me importo, Anne. Muito mais do que pensa. Acha que encontraremos uma substituta à altura? Acha que gosto da ideia? Afinal, que espécie de amigo seria eu se deixasse que isso a aborrecesse? E que espécie de amiga é você? Então acha que vai sair por aquela porta e que nunca mais nos veremos? Isso não! Não será fácil assim. Claro que espero ser convidado para o casamento. . . e para padrinho do primeiro filho, ou de todos os seus filhos. Aprenderei até a gostar de Allen. Na verdade, não tenho nada

contra ele. É que o diabo do rapaz é tão rico que eu tive medo de vê-la ferida de alguma forma. Agora, porém, tudo é diferente Adoro os milhões dele.

Anne sentiu novamente o nó na garganta.

— Lyon não se importou nem um pouco também.

— Lyon. — Henry parecia intrigado. — Por que acha que Lyon se importaria? A Srta. Steinberg vai cuidar da correspondência dele e. . .

De repente, Henry parou. A expressão do seu rosto mudou completamente.

— Oh, não. Não você, Anne. Um simples almoço, e você está fisgada?

A moça virou o rosto para o outro lado.

— Não é isso, Henry. . . nós conversamos. . . pensei que fôssemos amigos.

Henry mergulhou na poltrona de couro. Tomou as duas mãos de Anne e disse:

— Ouça, Anne, se eu tivesse um filho, gostaria que ele fosse exatamente como Lyon. Mas, se eu tivesse uma filha, dir-lhe-ia para fugir dele como do diabo.

— Isto não faz muito sentido.

— Querida, mesmo sem querer, certos homens são um azar para as mulheres. Allen costumava ser, mas você acaba de tirá-lo de circulação.

— Azar em que sentido? — perguntou ela.

Henry sacudiu os ombros.

— É que conseguem tudo com muita facilidade. Allen consegue-o por causa do dinheiro, Lyon, porque é diabolicamente bonito. De certo modo, compreendo-os perfeitamente. Por que iriam eles fixar-se em uma única mulher, se podem tê-las todas? Basta escolher. E você, Anne, conseguiu apanhar Allen, coisa que a cidade inteira achava impossível. E, em vez de estar eufórica, senta-se aí a fazer manha.

— Henry, compreenda, eu não amo Allen. Comecei a sair com ele há seis semanas, do modo mais casual. Nem sabia quem ele era,

sempre pensei que fosse agente de seguros. E agora, de repente, há duas noites, toda essa confusão. . .

Os olhos de Henry quase se fecharam.

— Quer dizer que ele é para você um estranho?

— Isso mesmo.

— E bastou um almoço com Lyon para que vocês se tornassem almas gémeas?

— Não é verdade. Estou falando a respeito de Allen. Não o amo e Lyon não tem nada a ver com isto.

— Mentirosa.

— Henry, eu juro. Allen nunca significou nada para mim.

— Então como é que saiu com ele durante essas seis semanas? Não há dúvida de que ele lhe parecia ótimo, até Lyon entrar em cena.

— Não é verdade. Saí com ele porque não conhecia mais ninguém e porque tinha pena dele. Parecia tão inócuo. Nunca houve qualquer espécie de romance entre nós. acredite, ele nunca me beijou, nem para dizer boa noite. E agora, há duas noites. . . Henry, eu disse a Allen que não o amava, e disse a mesma coisa ao pai dele.

— Você lhe disse isso? — A voz de Henry denotava incredulidade.

— Sim. Aos dois.

— E eles, o que disseram?

— Aí é que está o inacreditável. Nunca conheci alguém como eles. Parecem ter a capacidade de ignorar tudo o que não desejam ouvir. Allen continua dizendo que me ama. . . e que fará com que eu o ame também.

— Pode acontecer — sentenciou Henry. — Esta é, às vezes, a melhor forma do amor: ser amado.

— Não! Eu quero mais do que isso.

— Claro! Ficar aqui, por exemplo. Quer mesmo que eu descreva com detalhes o que estou prevendo? É isto: você dá o fora em Allen. Claro, por que não? Milionários com propostas de casamento encontram-se por aí às dúzias. Então, você ficará esperando que Lyon a convide para sair. É o que você espera, não é?

Claro, será formidável. . . no começo. Talvez dure um mês. Um belo dia, porém, vou notar que seus olhos estão vermelhos. Você inventará uma história de enxaqueca, só que os olhos vermelhos vão continuar vermelhos. Então, terei que falar com Lyon. Ele sacudirá os ombros e dirá: "Henry, é claro que tenho saído com a garota, até gosto dela um bocado. Mas isso não significa que lhe pertença. Tenha uma conversa com ela, sim? Veja se consegue tirá-la do meu caminho, está bem?"

— Você fala como se tivesse experiência do assunto — disse Anne amargamente. — Será que sempre faz este discurso às suas secretárias?

— Não às minhas secretárias. É que nunca tivemos uma tão bonita como você. Posso dizer-lhe, entretanto, que já fiz este discurso outras vezes, e a garotas com muito mais experiência do que você. Infelizmente, os discursos foram sempre feitos depois do desastre. E, depois, essas garotas não tinham dado o fora em milionários por causa de Lyon.

— Você faz com que ele pareça um patife.

— Não, ele é um belo rapaz, livre e solteiro. Qualquer mulher que o atraia é a mulher perfeita. . . para o momento. E existe uma enorme quantidade de momentos e uma enorme quantidade de garotas no inferno desta cidade.

— Não posso acreditar que todos os homens pensem dessa forma.

— Lyon Burke não é "todos os homens", da mesma forma que Nova York não é "todas as cidades". Claro, há de chegar o dia em que Lyon estará tão saturado de tudo isso que poderá se concentrar numa única mulher. Mas isso só acontecerá depois de muito tempo — e mesmo assim não creio que realmente haverá apenas uma mulher.

O telefone tocou. Anne levantou-se para atender, mas Henry a\_ impediu.

— Sente-se, herdeira. Lembre-se de que não trabalha mais aqui. Alô? Claro, ponha-a na linha. Como vai, Jennifer? Sim, está tudo combinado. Quê? Bem, na verdade, ela está sentada aqui, perto de mim. Claro que está emocionada. Você devia vê-la. Só falta

enrolar o tapete para que ela se ponha a rolar de alegria. — E para Anne: — Jennifer North manda-lhe parabéns. — Falando ao telefone novamente: — Sim, os contratos estão prontos, e assim que der o meu visto eu os mando a você para assinar. Certo querida. Às cinco horas.

Desligado o telefone, voltou-se para Anne.

— Aí está uma garota esperta.

— Quem é ela?

— Ora, não me diga que não sabe. Não costuma ler os jornais? Acaba de livrar-se de um príncipe. Está nas primeiras páginas dos jornais quase todos os dias. Apareceu na cidade como um furacão, vinda não se sabe de onde. Parece-me que ela é da Califórnia, mais ou menos da sua idade. De repente, aparece esse príncipe de verdade, com dinheiro e tudo. Corteja-a com casaco de *vison*, brilhantes, as coisas de costume. Todas as agências noticiosas dão cobertura ao romance. Um prefeito, em Jersey, oficia o casamento, ao que comparecem todas as celebridades da cidade. Quatro dias depois, ela pede uma anulação — primeira página dos jornais novamente.

— Mas você não trata de divórcio, trata?

— Não, ela tem um ótimo advogado, que me recomendou para tratar dos negócios dela. Para uma garota esperta, ela fez uma grande tolice. Parece que assinou um documento, antes do casamento, pelo qual não receberá um centavo se houver divórcio. E ela quer o divórcio. Não diz por quê, mas quer se livrar do príncipe o mais breve possível. Por isso, terá de trabalhar.

— Ela tem algum talento? Henry sorriu.

— Jennifer não precisa de talento. Se ela quiser, pode entrar já para o cinema. Você nunca viu um rosto mais bonito. . . e que corpo! Eu diria que é a moça mais bonita do mundo. Pensando bem, Anne, acho que não é Verdade. De certa forma, você é mais bonita. Quanto mais se olha para você, mais bonita parece. Com Jennifer é diferente. A beleza dela causa um impacto instantâneo, como uma descarga de mil watts. Assim que conseguir a anulação e estreiar em *Tocando as Nuvens*, será fácil arranjar-lhe um grande contrato para o cinema.

— Ela canta?

— Vou lhe dizer uma coisa: ela não faz nada.

— Mas ela não está em *Tocando as Nuvens*.

— Coloquei-a numa pequena ponta — uma espécie de corista glorificada. Helen concordou. Isto é uma das coisas que eu ensinei a Helen muito tempo atrás. O talento é importantíssimo para o espetáculo, contanto que esteja rodeado de um belo cenário. Mas por que esta conversa a respeito de Helen e de Jennifer, se o importante agora é você?

— Henry, quero conservar o meu emprego com você. . .

— Tradução: Henry, quero dar uma oportunidade a Lyon Burke — interrompeu-a Henry.

— Nem olharei para ele, se é isso que o preocupa.

Henry balançou a cabeça.

— Você está suplicando para que lhe partam o coração, e eu não quero tomar parte nisso. Saia daqui já, case-se com Allen Cooper e seja feliz.

Anne levantou-se.

— Está bem. Vou-me embora. Mas não me casarei com Allen Cooper. Vou procurar outro emprego.

— Vá em frente. Se você quer destruir sua vida, não sou eu quem vai contribuir para isso, e nem quero assistir.

— Você não é meu amigo de verdade, Henry.

— Sou o melhor amigo que você terá em toda sua vida.

— Então me deixe ficar. Henry, você não compreende. Não quero me casar com Allen. Se eu sair daqui e arranjar outro emprego, poderá ser um emprego do qual eu não goste. Allen irá me pressionar e haverá publicidade em torno do assunto... as perguntas ao pai de Allen... você não pode imaginar quando Gino e Allen começam. É como se carregassem a gente sem que a gente quisesse. Henry, ajude-me, por favor. Não quero me casar com Allen Cooper.

— Anne, ele tem milhões, talvez bilhões.

— Já fugi de Willie Henderson em Lawrenceville. Talvez ele não tenha os milhões de Allen, mas tem dinheiro. E eu conheço

Willie e sua família desde que nasci. Você não percebe que o dinheiro não significa nada para mim?

Henry ficou silencioso pôr alguns minutos, e depois falou:

— Está bem, você pode ficar, mas sob uma condição: continua noiva de Allen.

— Henry, será que você enlouqueceu? Ou não ouviu o que eu disse? Não quero me casar com Allen.

— Eu não disse casar. Disse noiva. É a única maneira de salvá-la.

— Salvar?

— Sim. Assim não a verei envolvida com Lyon. Há uma coisa a respeito dele: nunca persegue a garota dos outros.

Anne sorriu.

— Pelo menos, você reconhece que ele tem um certo código de honra.

— Que honra? Ele simplesmente não quer se complicar. E para quê, se há uma quantidade enorme de garotas livres se atirando sobre ele?

— E eu? Se continuo noiva de Allen, que é que faço?

— Contemporize. Se você foi capaz de fisgá-lo, tenho certeza de que será capaz de fazer isso.

— Acho isso desonesto. Ainda que não queira me casar com ele, é certo que gosto dele como pessoa. Isso não seria justo.

— De certo modo seria mais justo sob vários pontos de vista. Em primeiro lugar, mais justo comigo. Já tenho suficientes preocupações com a estreia do espetáculo para ter que pensar em você. Seria também mais justo para com Allen. . . pois isso lhe daria oportunidade de fazer uma tentativa decente. E, mais do que tudo, seria justo para você, porque lhe daria uma perspectiva melhor para ver as coisas que estão agora completamente obscurecidas por Lyon Burke. — Henry levantou a mão para silenciar as objeções de Anne, e continuou: — Não importa o que você diga; você está apaixonada por ele. Comece, porém, a observar, a ler as colunas dos mexericos sobre o pessoal da Broadway e você verá com que frequência e facilidade Lyon muda de garota. Então, desaparecerá todo aquele

encanto que o formidável almoço deixou e você terá salvo a sua virgindade e não terá o coração partido.

Anne enrubesceu, Henry continuou:

— Temos de cuidar bem de você, minha querida. Há poucas jovens assim hoje em dia.

Ela o olhou por alguns momentos e, depois, disse:

— Henry, não creio que possa fazer isso. Seria viver uma mentira.

— Anne... — A" voz dele era suave — com o tempo você há de aprender que nem todas as coisas devem ser necessariamente pretas ou brancas. Você pode ser honesta com Allen. Pode dizer-lhe que Nova York é ainda uma novidade para você, que quer viver por sua própria conta ainda por algum tempo, e não correr afoitamente para o casamento. Quando é que vai completar vinte e um anos?

— Em maio.

— Ótimo. Diga-lhe que quer esperar até maio. Até maio pode haver, por exemplo, uma guerra atômica. Ou então ele poderá encontrar uma outra garota. Lyon Burke pode ficar afeminado de repente. Quem sabe? Tudo pode acontecer. Você pode se apaixonar por Allen. Pode até mudar de ideia em maio. Lembre-se de que nada é definitivo, até que esteja diante do altar. Mesmo então, você pode fugir antes de pronunciar as palavras fatais.

— Você fala como se tudo fosse tão fácil.

— Quando se está escalando o Monte Everest nada é fácil. Sobe-se apenas um passo de cada vez, não se olha para trás e mantêm-se os olhos fixos no alto do pico.

De longe, Anne pôde perceber que havia um aglomerado de jornalistas e fotógrafos esperando por ela, na frente do prédio em que morava. Baixou a cabeça e correu escadas acima. Neely já a esperava no patamar.

— Meu Deus, Anne! Quase desmaiei quando minha irmã me telefonou hoje de manhã. Tome o meu presente de noivado — disse Neely, enquanto estendia a Anne um enorme pacote.

Era um grande caderno, tomado por fotografias de Anne e notícias a respeito do noivado publicadas pelos jornais.

— Trabalhei o dia todo nele — disse Neely orgulhosamente. — Preenchi seis páginas e isso é só o começo. Espere até que se realize o casamento. Puxa, você será famosa!

Nessa noite, Allen chegou em um *sedan*, com motorista.

— Jantaremos a sós — disse. — Gino se juntará a nós para o café. Sei que prometi que estaríamos a sós, mas ele insistiu em nos levar à estreia de Tony Polar, no La Ronde.

— Tony Polar?

Allen sorriu.

— Anne, não me diga que você não é uma de suas admiradoras?

— Nunca ouvi falar nele.

Allen riu.

— Ele é a maior sensação depois de Sinatra. — Debruçou-se para o motorista e disse: — Leon, vamos passear pelo parque até que eu lhe diga que pare. — Para Anne: — Sei que você deve estar faminta, mas tenho uma razão muito especial para este passeio.

Quando Allen tomou-lhe as mãos, ela as retirou.

— Allen, preciso falar-lhe.

— Ainda não. Feche os olhos. — Abriu uma caixinha de veludo e disse: — Pode olhar agora. Espero que sirva.

Mesmo na penumbra do carro, iluminado intermitentemente pelas luzes da rua, o brilhante era magnífico. Anne virou o rosto para o outro lado.

— Allen, não posso aceitá-lo.

— Não gostou dele?

— Se gostei? É a coisa mais fantástica que já vi na minha vida.

— Dez quilates — disse, com simplicidade —, mas nessa lapidação, de formato quadrado, não fica nada ostensivo.

— Claro que não. — Riu Anne, nervosamente. — Todas as secretárias têm um igual.

— Por falar nisso... já entregou o pedido de demissão a Henry Bellamy?

— Não, e nem pretendo, Allen. Você simplesmente tem de me ouvir. Nós não estamos noivos.

Allen enfiou-lhe o anel no dedo.

— Serve perfeitamente.

Anne olhou-o com atenção.

— Allen, será que você não quer mesmo entender o que estou tentando lhe dizer?

— Sim, você não me ama.

— Então, por que é que faz isso?

— Porque acredito que não há nada no mundo que não se possa conseguir, se realmente quisermos. E eu nunca desejei realmente nada até o momento em que a conheci. Dê-me apenas uma oportunidade. É tudo o que peço. Durante todo esse tempo, você me conheceu como um., pobre rapaz tímido. Em um mês de convivência com o meu verdadeiro eu, você haverá de me amar ou de me odiar. Resolvi correr o risco. — Dirigiu-se ao motorista: — Está bem, Leon. Leve-nos ao Stork Club.

Anne ficou em silêncio. Será que Allen acreditava mesmo que as coisas poderiam mudar? Rico ou pobre, Allen era Allen. Tanto num barato restaurante francês como no El Morocco.

Sentiu que o mundo parecia se fechar ao seu redor. Era fácil para Henry Bellamy, sentado confortavelmente à sua mesa, oferecer soluções e ultimatos. Não podia ver a expressão dos olhos de Allen. Tratava com fatos, não com pessoas. Deprimida durante todo o percurso, encontrou pouca coisa a dizer enquanto atravessavam a multidão de porteiros uniformizados, que os encaminharam para o pequeno salão do Stork Club (é o "único" salão), enquanto alguém lhe entregava um embrulho de presente ("é o perfume com que Shermann presenteia suas favoritas") e o champanha era servido ("é melhor tomarmos, senão poderemos ofender Shermann"). Gino chegou às dez, cumprimentando amigos em várias mesas, com voz muito alta; isto fez com que Allen mostrasse uma careta. Por fim, Gino juntou-se a ele e se atirou ao champanha.

— Papai, você não devia parar em todas as mesas — disse Allen tranquilamente. — Sabe que não gostam disso por aqui.

— Quem é que se importa? — respondeu Gino em voz alta. — Ouça, filho: não suporto esse tratamento esnobe que todos apreciam por aqui. Se estão dispostos a aceitar o meu dinheiro,

saibam, então, que eu gosto de agir da forma que mais me agrada e não de acordo com certas regras malucas. O que eu faço é só da minha conta.

Allen parecia aliviado quando saíram do Stork e foram para o La Ronde.

A julgar pelas boas-vindas que todos os garçons e porteiros davam a Gino, era de se afirmar que ali ele estava em casa. Abraçou vários deles e os chamava de "patrício", enquanto o levavam para uma mesa de pista. Eram onze horas e o salão estava lotado. Gino pediu champanha e uísque.

— Adele prefere uísque, diz que o champanha engorda. Disse que viria depois do espetáculo.

Anne olhava as pessoas que faziam fila para as mesas, discutindo para arranjar um lugar melhor, entregando discretamente fartas gorjetas aos garçons. Fotógrafos, contratados pela boate para fornecer fotografias aos jornais, bateram algumas chapas de Anne e Allen, e voltaram à porta, à espera de mais celebridades. Adele chegou às onze e meia, com a maquilagem que usara para o espetáculo.

— Por que está usando essa droga? — perguntou Gino com desagrado. — Você sabe que odeio isso.

— Mas, querido, retirei os cílios postiços e a maior parte da maquilagem. Não quis fazer uma nova, para não perder nada do espetáculo. — Depois, olhando à volta da sala: — Oh, esta é a maior estreia da estação! Todo mundo está aqui. — Acenou alegremente para um colunista.

— Alguns anos atrás era Sinatra — comentou Allen. — Agora, as mulheres estão se matando por Tony Polar. Não compreendo.

— Não critique — aconselhou Gino, sorrindo. — Lembre-se de que os dois são nossos "patrícios".

— Olhem para a porta! — exclamou Adele. — Lá está Helen Lawson. Vejam o seu *vison*. Está praticamente vermelho. Aposto que tem, no mínimo, dez anos. E com todo o dinheiro que tem. Aliás, ouvi dizer que ela é muito pão-dura. . . Ei, aquela deve ser Jennifer North!

— Madonna! — *Isto é que eu chamo de corpo!* — comentou Gino. — Adele, você comparada com ela parece mais um rapaz.

A atenção de Anne se concentrou também em Jennifer North, rodeada de fotógrafos. A moça era inegavelmente belíssima. Alta, um corpo espetacular. Seu vestido branco, bordado de vidrilhos, era suficientemente decotado para não deixar dúvidas quanto à autenticidade dos seus encantos. O cabelo comprido era quase branco de tão louro. Foi, contudo, o rosto que prendeu a atenção de Anne. Era um rosto tão belo que, de certo modo, contrastava com o cabelo e o corpo absolutamente teatrais. Um rosto perfeito: queixo quadrado, maçãs do rosto salientes, testa inteligente. O olhar, simpático; o nariz, perfeito, parecia de criança, bem como os dentes e as covinhas da face. Era um rosto inocente, que olhava tudo com entusiasmo e ingenuidade, e que parecia não perceber a sensação que causava o corpo em que estava plantado. Era também um rosto que denotava interesse autêntico pelas pessoas que pediam sua atenção, presenteando cada uma com um cálido sorriso. O corpo e o seu equipamento continuaram a ondular e a posar para os fotógrafos e para o aglomerado de basbaques que ali estavam; o rosto parecia ignorar todo esse furor e continuava a cumprimentar as pessoas como se cada uma fosse um amigo muito querido.

Finalmente, os garçons conseguiram levá-la até uma mesa de pista, exatamente oposta a Gino. Anne não viu Henry Bellamy até o momento em que todos se sentaram.

— Veja, seu patrão sabe escolher companhias — comentou Allen. — Jennifer North e Helen Lawson. Isto é o que se chama de acumulada.

— Não, há mais alguém — exclamou Adele. — Deve ser o acompanhante de Jennifer North. Veja, está sentado. Ei, mas ele é um espetáculo!

— Aquele é Lyon Burke — disse Anne tranquilamente.

— Ah, então esse é o tal de Burke — exclamou Allen.

Anne concordou com a cabeça, enquanto observava Lyon ajudar Jennifer a colocar o casaco de pele no espaldar da cadeira. Jennifer agradeceu com um sorriso que cegaria qualquer um.

Allen assobiou:

— Será que essa Vénus loura dançará à volta de minha cama esta noite?

— Ela é cliente do sr. Bellamy — interrompeu Anne friamente.

— Lyon Burke deve estar apenas escoltando-a.

— Claro, e vai exigir pagamento extra por tão árduo trabalho.

— Bem, Henry acertou no pote com Helen Lawson — interrompeu-o Gino. — Aquele traste velho paga melhores dividendos do que A. T. & T. Ela tem um bocado de quilometragem; mesmo assim eu pagaria cinquenta pacotes por uma entrada só para vê-la.

Allen apontava para cada uma das celebridades que iam chegando, fornecendo, inclusive, a história completa de suas vidas particulares. Anne procurou mostrar interesse, mas a sua atenção se voltava sempre para a mesa de Henry. Que poderia estar dizendo uma moça como Jennifer e que pudesse ser tão engraçado? E Lyon, o que estaria dizendo a ela? Estava claro que não era a história do celeiro bombardeado e do cabo fazendeiro. Viu-o atirar a cabeça para trás e rir. Não tinha rido daquela maneira quando almoçaram juntos. Claro, ela tinha sido a insípida moça do escritório, que o havia incentivado a escrever, e que o fizera recordar todas as coisas desagradáveis do seu passado. Anne virou a cabeça para o outro lado quando Lyon acendeu um cigarro e o ofereceu a Jennifer.

De repente, as luzes diminuíram. Garçons corriam a fim de anotar os últimos pedidos. Aos poucos, todo o ruído foi cessando, a audiência ficou atenta, as luzes se apagaram completamente, e a orquestra começou a tocar o conhecido tema musical das apresentações de Tony Polar. O foco dos holofotes foi centralizado no palco, apareceu Tony Polar, sob uma verdadeira ovação. Inclinou-se e recebeu os aplausos com modéstia. Era alto, boa aparência, tinha um ar de criança desamparada. Uma jovem confiaria nele. Uma mulher de mais idade teria vontade de protegê-lo. Embora parecesse tímido, cantava bem e manejava a audiência com muita segurança. Depois de algumas canções, afrouxou o laço da gravata para mostrar que estava dando duro; pegou um microfone manual e pôs-se a andar pelo salão, cantando para cada celebridade, brincando com os jornalistas, cantando trechos românticos para

matronas que olhavam romanticamente, esquecidas de seus embaraçados maridos. Quando passou por Jennifer, seus olhos se encontraram, ele esqueceu um pedaço da letra, mas se recuperou depressa. Depois, como que não acreditando no que vira, voltou sobre os próprios passos e terminou a canção com os olhos fixos nela. A audiência, subitamente transformada num aglomerado de curiosos, olhava a cena com prazer. Quando terminou a canção, voltou ao palco e foi até o fim do espetáculo sem olhar novamente para Jennifer.

O público se recusava a deixá-lo ir. As luzes se apagaram e os aplausos continuavam, misturados aos gritos de "Mais! Mais!". A orquestra, sem saber o que fazer, começou a tocar o tema musical, como que esperando por uma ordem. Os aplausos eram cada vez mais insistentes. Tony permanecia no palco, sorrindo, uma gratidão infantil. Apontou para a garganta, querendo dizer que estava cansado. Os aplausos se tornaram mais altos ainda. Então, sacudindo os ombros, de bom humor, conferenciou rapidamente com o acompanhante e voltou ao centro do palco. Quando a música recomeçou, voltou-se para Jennifer e cantou diretamente para ela. Era uma canção de amor muito conhecida e, como acontece com muitas músicas populares, o significado podia tomar um sentido altamente pessoal. Parecia ter sido escrita para que Tony Polar pudesse confessar a Jennifer, e às oitocentas pessoas que se apinhavam na sala, que, de repente, ele encontrara o amor.

Terminada a canção, curvou-se diante da audiência e, por longos e embaraçosos-momentos, ficou olhando para Jennifer. Então, saiu do palco. Houve mais aplausos, mas as luzes se acenderam e a orquestra começou a tocar música de dança.

Allen tirou Anne para dançar. Quando ela se levantou, notou que Lyon levava Jennifer para a pista de danças. Assim que ele a viu, acenou-lhe com um sorriso.

— Anne! E este deve ser Allen, meu senhorio. — O sorriso dele era fácil e simpático. As apresentações foram feitas enquanto vários pares começavam a dançar e algumas pessoas tentavam se aproximar para ver Jennifer mais de perto.

Jennifer sorriu para Anne:

— É o fim! Cada vez que faço um movimento, caem centenas de contas do meu vestido.

Anne procurou uma resposta; só conseguiu mostrar um sorriso muito sem graça. Separaram-se e Allen guiou-a para o outro lado da pequena pista.

Lentamente, a sala foi esvaziando, ficando apenas os poucos noctívagos que faziam questão de tomar a consumação mínima. Anne notou que a mesa de Jennifer foi das primeiras a ficar desertas. Imaginou para onde teriam ido. Talvez para um lugar com uma pista de danças maior. A cabeça lhe doía, queria desesperadamente ir para casa. Gino, porém, não dava sinal de querer terminar a noitada.

— Vamos ao Morocco para um último drinque — sugeriu, quando o garçom trouxe a conta.

Anne abençoou Adele quando esta anunciou que era muito tarde e que tinha uma matinê no dia seguinte.

Alguns dias depois, Anne era novamente mencionada pelos colunistas. Ronnie Wolfe publicou algo sobre o anel de noivado. Quando chegou ao escritório, encontrou a Srta. Steinberg e as outras moças em grande excitação esperando por ela.

— Deixe a gente ver — pediu a recepcionista. — Quando foi que o ganhou?

— É verdade que tem mais de dez quilates? — perguntou a Srta. Steinberg.

Anne estendeu a mão com relutância, enquanto elas suspiravam sobre o anel. Até então, usara-o com a pedra voltada para dentro. Não o deixara no apartamento por ser muito valioso, e, de qualquer maneira, pretendia devolvê-lo a Allen na primeira oportunidade.

Anne estava separando a correspondência quando Lyon Burke chegou. Parou na mesa dela, tomou-lhe a mão em que usava o anel e assobiou com admiração:

— Pesado, hein? — E depois: — Parece-me um ótimo rapaz, Anne.

— Ele é muito bom — disse Anne, sem entusiasmo. — Jennifer parece uma ótima moça, também.

Uma expressão estranha tomou conta do seu rosto.

— Sim, Jennifer é uma das melhores moças que conheci — respondeu ele, calmamente. — Boa moça, mesmo.

Virou-se e entrou em seu escritório.

Anne recostou-se na cadeira. Teria o seu elogio parecido sincero? Claro que Jennifer parecia uma ótima moça. Talvez o tom em que dissera pudesse parecer um tanto convencional, por estar ela tão confusa e nervosa.

Almoçou com as colegas e gastou o resto do tempo perambulando pela Quinta Avenida. Olhando para a vitrina de uma loja, lembrou-se de Neely. Tinha comprado um pé de coelho, no dia anterior, para lhe dar sorte, pois os ensaios de *Tocando as Nuvens* tinham começado nessa manhã. Invejara Neely, tão vibrante e tão sem complicações. Jamais algo de mau aconteceria a uma pessoa como Neely.

Quando voltou ao escritório, achou um jornal em sua mesa. Uma das moças devia tê-lo posto ali, para que visse, provavelmente, alguma nova notícia sobre o anel. Quando ia jogá-lo no cesto de papéis, percebeu que trazia um bilhete preso ao canto. Dizia: *Memo de Lyon Burke para a Srta. Welles. Talvez a interesse a história da página dois.*

Na segunda página, uma belíssima fotografia de Jennifer e Tony Polar. O cabeçalho dizia: *O mais recente romance da Broadway.* A história dizia que Tony declarara que tinha sentido "uma descarga elétrica ao encontrar Jennifer". As declarações de Jennifer eram menos explosivas, mas admitia que a atração fora mútua. Tinham sido apresentados depois do espetáculo de Tony por um amigo comum, Lyon Burke.

"Lyon, simplesmente, aproximou-se e a entregou a mim, dizendo: 'Tony, eu lhe disse que tinha um presente para você na noite de sua estreia' — declarara Tony aos jornalistas."

Anne fechou o jornal e se recostou na cadeira, sentindo-se súbita e inexplicavelmente muito feliz. "Lyon a entregou a mim..." — A frase não lhe saía da cabeça.

— Anne

Neely estava diante de sua mesa.

— Anne, sei que não deveria vir aqui. Mas é que eu, simplesmente, não suportava ir para casa. Precisava falar com você.

O rosto de Neely estava coberto de lágrimas.

— Por que você não está no ensaio? — perguntou Anne.

Neely começou a soluçar incontrolavelmente.

Anne lançou um olhar preocupado para a porta fechada do escritório de Henry e fez com que Neely sentasse em sua cadeira.

— Neely, tente controlar-se. Vou buscar meu casaco e vamos para casa.

— Não quero ir para casa — disse Neely teimosamente. — Não poderia suportar meu quarto agora. Eu estava tão feliz esta manhã quando saí. Escrevi no espelho, com batom: *Os Gaúchos Triunfam na Broadway*. Não poderia olhar para isso agora.

— Mas, Neely, você não pode ficar sentada aí e ter uma crise.

— Quem disse que não posso? Não fui educada em Radcliffe. Se tenho vontade de ter uma crise, tenho e pronto.

As lágrimas caíam em seu vestido.

— Oh! — Começou a soluçar ainda mais alto. — Veja, meu vestido novo: está todo manchado de lágrimas. Está arruinado, não está?

— Abotoe o casaco. Mandaremos limpar o vestido.

Anne ficou olhando Neely abotoar o casaco, obedientemente. No íntimo, não sentia pena alguma do vestido, que era horrendo. ("Neely, as pessoas não usam tafetá púrpura para trabalhar" — dissera-lhe Anne, quando ela comprou o vestido. — "Você não veste" — argumentou Neely —, "mas eu quero ser notada nos ensaios.")

Anne sentou-se.

— Está bem, Neely. Você insiste em ficar aqui, então tente me contar tudo com calma. Por que você não está no ensaio?

— Anne, não estou no espetáculo.

— Você quer dizer que não vão aproveitar *Os Gaúchos*?

— Oh! Anne, é terrível! Vão e não vão.

— Bem, comece do princípio. Que foi que aconteceu?

— Compareci ao ensaio esta manhã e ainda cheguei cinco minutos adiantada. Maquilei-me toda, e tinha o seu pé de coelho na

bolsa. Aí, apareceu um afeminado magricela, de cabelinho aparado, carregando o livro com o texto. Dick e Charlie chegaram em seguida.

— Neely, vá direto ao assunto.

— Estou contando como aconteceu. Aí apareceram as coristas. Nessa altura, já me sentia meio deslocada, mesmo usando meu vestido novo. Você precisava ver o aparato de 'algumas das coristas. Seis delas tinham casacos de *vison* autênticos, sendo que o resto vestia calças de castor ou de raposa prateada. Não havia um casaco de lã. E todos se conheciam entre si, com exceção de nós. Quando Jennifer North chegou você juraria que era Rita Hayworth que estava entrando. O assistente do diretor correu para ela todo afoito, não parava de dizer como estava contente com ela no elenco. Estava atrasada dez minutos e ele parecia achar formidável que ela se dignasse a aparecer. Me senti horrível, completamente deslocada. A gente parecia apenas um pobre conjunto de variedades. Charlie estava com a barba por fazer e Dick parecia mais afeminado do que nunca; o meu vestido de tafetá subitamente mostrava quanto tinha custado, isto é, dez dólares e noventa e cinco centavos. Durante uns quinze minutos, toda a gente se cumprimentava e falava do último espetáculo em que tinham trabalhado juntos. Até mesmo os rapazes do coro já se conheciam. Aí, apareceu o diretor, que na minha opinião é um afeminado também.

— Neely. . . — Anne tentava disfarçar a sua exasperação. — Por favor, conte apenas o que houve.

— É o que estou fazendo: não estou omitindo absolutamente nada. Aí entrou Helen Lawson, como se fosse a rainha da Inglaterra. O diretor a apresentou, dizendo: "Elenco, essa é sua estrela. Srta. Lawson". Me senti com a obrigação de levantar e cantar *Deus Salve a Rainha*, ou coisa parecida. O diretor deu uma volta com ela, apresentando-a às pessoas que não conhecia. Foi quando chegou à nossa frente. . . — Neely parou, seus olhos encheram-se novamente de lágrimas.

— E então? — Anne insistiu.

— Ela cumprimentou Dick e Charlie e olhou sobre a minha cabeça, como se eu não estivesse ali. Anne, ela é um pedaço de gelo. Então disse a Dick e Charlie, com dureza: "Ah, sim. Vocês são

Os Gaúchos. Faremos uma dança juntos. Melhor que comam montanhas de espinafre, pois terão de me atirar de um lado para outro".

— Ela?

— Certo. Ela. Aí me levantei e disse: "Alô, Srta. Lawson. Acho que deve saber que Os Gaúchos são três. E eu sou um deles. Eu sou Neely". Mesmo sem olhar para mim, ela se voltou para o diretor e disse: "Pensei que isso já tivesse sido acertado". E foi embora. Alguns minutos depois, vi que o diretor chamou Charlie para um canto, onde tiveram uma pequena conversa. Parecia que o diretor estava discutindo com ele e que Charlie tentava explicar alguma coisa. Aí Charlie voltou e disse: "Ouça, Neely, eles não nos contrataram exatamente para fazer o nosso número. Contrataram para um número cômico, parodiando a nossa dança. É uma sequência, representando um sonho. Teremos de atirar Helen Lawson de um lado para outro".

— Mas, Neely. . . afinal de contas, você tem um contrato — lembrou Anne.

Neely sacudiu a cabeça.

— Quem assina os nossos contratos é Charlie. Esse contrato diz apenas: Os Gaúchos. Quinhentos dólares por semana. Charlie e Dick ganharão duzentos cada um, eu fico com cem. Ganharei os cem de qualquer maneira, mesmo sem trabalhar, o Charlie disse. Acontece que não confio nele. Se ele se livrou tão facilmente de mim, como é que vou acreditar que vai me pagar? E depois, que esperam que eu faça? Que me sente em meu quarto e fique lamentando? Não conheço ninguém. Toda a minha vida se resume no nosso número.

— Compreendo, é realmente horrível — concordou Anne. — E posso também compreender o dilema de Charlie. Ele não está em condições de recusar todo esse dinheiro. Talvez você possa encontrar outro emprego, apenas para se manter ocupada.

— Fazendo o quê?

— Bem, vamos para casa conversar sobre o assunto. Acharemos alguma solução. Poderemos ir, talvez, à agência de empregos onde eu fui e. . .

— Anne, não sei datilografar, nunca fui à escola, não sei fazer coisa alguma. . . e, além de tudo, quero estar no espetáculo.

Neely começou a soluçar violentamente, outra vez.

— Por favor, Neely — suplicou Anne. Sabia que a Srta. Steinberg e as outras moças estavam olhando. O pior, porém, aconteceu quando Lyon Burke abriu a porta de seu escritório. Anne sorriu levemente quando ele chegou até onde estavam e olhou para a soluçante Neely.

— Esta é Neely. Está um pouco transtornada.

— Creio que "transtornada" é um adjetivo um tanto fraco para o estado da moça.

Neely olhou para cima.

— Meu Deus! Sinto muito. Quando choro, choro de verdade — soluçou Neely, e, arregalando os olhos, acrescentou: — Mas você não é Henry Bellamy, é?

— Não, sou Lyon Burke. Neely sorriu entre as lágrimas.

— Oh, agora vejo o que Anne queria dizer.

— Neely teve uma grande decepção hoje — interrompeu Anne abruptamente.

— Decepção? Estou quase morrendo. — E, para prová-lo, Neely deixou escapar uma nova série de soluços.

— Bem, acho que é bastante incômodo morrer aqui, numa cadeira de encosto duro — comentou Lyon. — Por que não transferimos o velório para o meu escritório?

Sentada confortavelmente na poltrona de couro do escritório de Lyon, Neely repetiu a história toda, enfeitando-a com novos gemidos. Quando terminou, Anne olhou para Lyon e comentou:

— É realmente chocante o que aconteceu. Você não imagina o que significa para Neely este espetáculo.

Lyon concordou, compreensivamente:

— Só não posso acreditar é que a própria Helen fizesse isso.

— Ela é uma assassina — gritou Neely. Lyon balançou a cabeça.

— Não que eu a esteja defendendo. Ela é dura, mas esse não é seu modo habitual de agir. Em geral, manda que os outros se

encarreguem da poda — a menos que tenha sido tomada de surpresa.

— Tudo aconteceu como eu contei. Não inventei nada — insistiu Neely.

Lyon acendeu um cigarro e pareceu pensativo por um momento. Depois, olhando para Neely:

— Você aceitaria um papel no espetáculo, mesmo que não fosse com Os Gaúchos?

— Aqueles ordinários! Depois do que me fizeram, faria qualquer coisa para não ter que novamente trabalhar com eles. Mas o que é que eu poderia fazer no espetáculo?

— Um musical é muito clássico. Vamos ver se conseguimos esticá-lo um pouco mais — disse Lyon, levantando o telefone.

Elas o ouviram discar um certo número e perguntar por Gilbert Case, produtor da peça. Primeiro, cumprimentaram-se afavelmente e discutiram sobre futebol. Então, como se de repente se lembrasse de algo, Lyon acrescentou:

— Antes que me esqueça, Gil, você assinou contrato com um conjunto chamado Os Gaúchos. . . sim?. . . claro que o assunto não é com você. . . — Lyon pôs a mão sobre o telefone e sussurrou para Neely: — Seu cunhado é mesmo um patife. Combinou tudo antes de assinar o contrato.

Neely saltou da poltrona e berrou:

— Você quer dizer que aquele insignificante me fez ir ao ensaio para bancar a idiota? Oh, eu. . .

Lyon fez-lhe sinal para ficar quieta, mas os olhos de Neely chispavam:

— Vou lá e o mato — murmurou.

— Olhe, Gil — disse Lyon com voz despreocupada —, sei que o caso não é exatamente com você. Tecnicamente você está fora disso. Se os rapazes prometeram que iam falar com a moça, é claro que teve de acreditar.

Anne viu-o olhar fixamente para Neely. Sabia que Lyon queria ganhar tempo. Pôs novamente a mão sobre o bocal do telefone e sussurrou:

— Neely, qual é a sua idade? Diga a verdade.

— Dezenove. . .

— Ela tem dezessete anos — interrompeu Anne.

— Eu tenho que dizer dezenove, para poder trabalhar em certos Estados — argumentou Neely.

O rosto de Lyon se iluminou com um sorriso vitorioso.

— Ouça, Gil. Nós certamente não queremos que surjam dificuldades. Temos Helen Lawson na peça, mais o coreógrafo e, também, Jennifer North. É do nosso interesse que tudo corra bem. A última coisa que desejaríamos era um processo. Sim, eu disse um processo, Gil. A companheira de Os Gaúchos tem apenas dezessete anos, e esses dois estiveram viajando com ela por todo o país, mentindo sobre sua idade. Você compreende, se ela resolver abrir um processo, haverá uma tremenda confusão. Gil, sei que eles lhe disseram que tudo estaria muito bem. Mas o caso é que não está bem. Como é que sei que ela pretende processá-los? Porque a moça está sentada aqui, no meu escritório.

Piscou para Neely e acendeu um cigarro.

— Gil, eu sei que a esta altura é duro procurar outro conjunto de dançarinos. Mas acho que podemos resolver tudo já, pelo telefone. Os Gaúchos têm um contrato para quinhentos dólares, não é? Por outro lado, você pode despedi-los com cinco dias de ensaios, sem ter de pagar um centavo, certo? Então, simplesmente, faça-os assinar um outro contrato, de quatrocentos dólares, e prepare um contrato de cem dólares para a moça. Ponha-a no coro, ou como eventual substituta de alguma cantora, dê-lhe uma ponta, qualquer coisa. . . contanto que fique na peça. Isto não lhe custará um centavo a mais e todos ficarão felizes. Certo, eu lhe direi para se apresentar no ensaio amanhã. Ótimo... No Copa? Quando? Esta noite? Com prazer, eu o vejo lá.

Pôs o fone no gancho e sorriu para Neely:

— Senhorita, você está na peça.

Neely atravessou a sala e abraçou Lyon numa explosão de gratidão.

— Oh, Sr. Burke! O senhor é fantástico! — Então, correu para Anne e abraçou-a. — Anne, eu a adoro! Nunca esquecerei disto. Você é a única amiga que eu tenho. Até o meu cunhado está contra

mim. E minha irmã — aposto que ela sabia. Charlie nunca se atreveria a fazer isso sem que ela soubesse. Oh, Anne, se algum dia conseguir alguma coisa, ser alguém, ou se você precisar de qualquer coisa. .. eu me lembrarei. Juro, eu. ..

Anne libertou-se delicadamente do abraço da amiga.

— Neely, estou tão contente por você! De verdade.

O telefone tocou. Lyon atendeu e falou baixinho, com a mão no bocal:

— É Gil Case, novamente. — Anne sentiu uma onda de apreensão enquanto Lyon sorria.

— Não sei, Gil. — E, virando-se para Neely: — Qual é o seu nome? — Seus olhos infantis se abriram muito.

— É Neely.

— Neely — repetiu Lyon ao telefone. Sim. N-E-E-L-Y. Neely de quê?

Ela o olhava nervosa.

— Meu Deus! Eu não sei. Quer dizer, nunca me incomodei com um nome artístico, porque sempre fiz parte de Os Gaúchos. Não posso usar Ethel Agnes O'Neil?

— Quer que eu lhe diga para esperar até amanhã, até você se decidir?

— E dar-lhe uma oportunidade para que mude de ideia? Jamais! Anne, que nome devo escolher?

Anne sorriu.

— Acho que pode encontrar coisa mais excitante.

Neely olhou para Lyon, selvagememente.

— Sr. Burke?

Lyon balançou a cabeça.

— Neely Burke não tem encanto.

Neely parou e ficou imóvel um momento. De repente, seus olhos brilharam.

— Neely O'Hara!

— Quê? — Lyon e Anne engasgaram juntos com a palavra.

— Neely O'Hara é perfeito. Sou irlandesa e Scarlett é o meu tipo inesquecível.

— Ela acaba de ler . . . *E o Vento Levou* — apressou-se Anne a explicar.

— Neely, tenho certeza de que poderíamos achar algo mais eufônico — sugeriu Lyon.

— Mais o quê?

— Sim. Gil, ainda estou na linha — falou Lyon ao telefone. — É que estamos tendo uma pequena discussão a respeito de um nome.

— Quero ser Neely O'Hara — insistiu Neely teimosamente.

— É Neely O'Hara — disse Lyon ao telefone novamente. — Sim, O'Hara. É melhor estar com contrato pronto amanhã na hora do ensaio. Ela é do tipo nervoso. Gil, faça um contrato individual e não para o coro. Melhor que a moça comece direito.

Desligou o telefone.

— E agora, Srta. Neely O'Hara, o melhor que tem a fazer é inscrever-se no Sindicato dos Atores. A taxa de inscrição é um pouco alta, talvez cem dólares. Por isso, se precisar de um adiantamento. .

— Tenho setecentos dólares de economia — disse Neely orgulhosamente.

— Ótimo. E, se você está mesmo decidida a ficar com esse nome, terei prazer em fazer o necessário para que o mesmo se torne legal.

— Você quer dizer que daí ninguém poderá roubá-lo?

Lyon sorriu.

— Bem, digamos que isso fará as coisas mais fáceis, por exemplo, para assinatura de cheques de aposentadoria.

— Assinatura de cheques? Puxa, será que algum dia precisarei disso?

O telefone tocou outra vez.

— Aposto que o homem mudou de ideia — murmurou Neely.

— Sim, é Lyon. Ah! (O tom da voz mudou.) Claro, li tudo nos jornais. Não lhe disse que estava apenas bancando o Cupido? Ora, Diane, meu anjo, há pessoas aqui no escritório. Podemos falar a este respeito esta noite. Gostaria de ver o *show* do Copa? Gil Case nos convidou. Ótimo, irei buscá-la por volta das oito. Até logo. — E

virou-se para Neely e Anne, com leve sorriso, pedindo desculpas pela interrupção.

Anne se levantou.

— Já tomamos demais o seu tempo. Muito obrigada por tudo, Lyon.

— Não há de quê. Não se esqueça de que eu lhe devo também um grande favor. Na verdade, devo-lhe a própria cama em que durmo. Assim, estaremos quase quites.

Quando estavam fora do escritório, Neely fez uma pirueta e abraçou Anne:

— Oh, estou tão feliz que seria capaz de cantar a plenos pulmões.

— Também estou muito feliz por você, Neely.

Neely olhou para Anne, surpreendida.

— Que foi que houve, Anne? Você parece tão aborrecida. Será que fiz mal em estourar por aqui como fiz? Sinto muito. Lyon não pareceu aborrecido e o Sr. Bellamy nem ao menos nos viu. Tudo deu certo. Por favor, Anne, diga que não está aborrecida comigo, pois isto estragará tudo.

— Não estou aborrecida com você, sinceramente. Estou apenas um pouco cansada — disse Anne, sentando-se à sua mesa.

Neely parecia ainda um pouco desconfiada.

— Tem razão, nós duas passamos por um bocado de coisas nestes dois dias. Oh, Anne, juro que algum dia eu lhe retribuirei de alguma forma. Eu juro.

Olhou Neely sair pela sala e colocou uma folha de papel na máquina de escrever. O papel carbono sujou o anel e ela se pôs a limpá-lo cuidadosamente.

De repente, Anne sentiu que tomava parte em tudo o que dizia respeito a *Tocando as Nuvens*. No começo, limitava-se a ouvir a descrição detalhada de cada ensaio. Neely fazia parte do conjunto de danças e, por três dias, mostrou a Anne cada passo das danças. Um dia veio a novidade arrasadora: Neely teria uma fala, em uma cena de multidão. Eram apenas três linhas, mas o mais importante mesmo era que conseguira ser a eventual substituta da artista que tinha o segundo papel mais importante da peça.

— Você pode imaginar uma coisa dessas, Anne? Eu, substituta de Terry King! Helen Lawson sempre escolhe para o papel de ingénua alguém completamente apagada. Mas Terry King é linda e atraente. Imagine só, eu devo tentar ser atraente e bonita.

— Então, por que escolheram você?

— Acho que é porque sou a única das dançarinas que sabe cantar. E, também, porque não costumam contratar substitutas efetivas antes da estreia da peça. Acho que só fico enquanto durar a excursão.

— Você canta bem, Neely?

— Eu? Bem, acho que canto e danço com igual facilidade. — Fez uma pirueta e continuou: — Bem, agora só preciso de um namorado.

— Há algum rapaz simpático na peça?

— Você está brincando? Uma peça musical é como um deserto nessas coisas, a não ser que você fale de bichas. Dickie está todo feliz com aqueles rapazes do coro — um verdadeiro banquete! O astro da peça é bonito, tem uma mulher que parece mãe dele e que não tira os olhos de cima dele nem um segundo. O galã de Terry King é completamente calvo sob a peruca. O único homem normal é o velho devasso que faz o papel de pai de Helen Lawson e deve ter uns sessenta e cinco anos. Uma das dançarinas tem um namorado, que tem um amigo jornalista, chamado Mel Harris; vamos sair os quatro um dia desses. Tomara que dê certo, pois acho muito triste não ter com quem comemorar na noite da estreia. E você? Ainda está disposta a ir com George Bellows?

— Claro que não. . . já que estou noiva de Allen.

— Então, deixe que eu lhe dê duas entradas para a estreia. Será meu presente de noivado, aceita?

— Você pode consegui-las de graça?

— Você está brincando? Ninguém ganha entrada grátis, nem mesmo Helen Lawson. Mas ouvi dizer que ela costuma comprar quatro entradas todos os dias e, quando a peça é sucesso, faz uma fortuna vendendo-as no câmbio negro.

— Então, Neely, não posso deixá-la comprar as nossas entradas. Allen vai comprá-las e fica combinado que, se não der

certo com este rapaz, Mel Harris, nós a levaremos a cear na noite da estreia.

Neely saiu com Mel Harris na noite seguinte. Era um rapaz absolutamente divino, insistia ela. Levava-a para jantar no Toots Shor e lhe contou toda a sua vida: vinte e seis anos, diplomado na Universidade de Nova York, jornalista, esperava ser produtor teatral um dia. Morava em um hotel central e ia ao Brooklyn, todas as sextas-feiras, jantar com os pais.

— Você sabe, os judeus têm muito arraigado o sentimento de família — explicou Neely.

— Você gosta mesmo dele? — perguntou Anne.

— Eu o amo!

— Neely, você só saiu com ele uma vez. Como pode dizer que o ama?

— Veja só quem diz isso! Lembre-se de que você também só almoçou uma vez com Lyon Burke.

— Neely! Não há nada entre mim e Lyon! Eu nem sequer penso nele. Na verdade, estou começando a gostar de Allen.

— Bem, eu tenho certeza de que amo Mel. Ele é tão bonito! Não tão bonito como Lyon Burke, é claro, mas, mesmo assim, é sensacional.

— Como é ele?

Neely sacudiu os ombros.

— Talvez se pareça um pouco com Georgie Jessel, mas eu o acho maravilhoso. E não se tornou atrevido nem quando eu lhe disse que tinha vinte anos. Achei que se dissesse que tinha dezessete ficaria assustado.

Neely mantinha a atenção voltada para a porta aberta. As duas estavam no quarto de Anne e o telefone ficava embaixo, no andar térreo, defronte à porta de Neely. Isto era, ao mesmo tempo, uma sorte e um inconveniente, pois era forçada a tomar recados para toda a gente.

— Desta vez é para mim — disse Neely, quando ouviu o toque.

Cinco minutos mais tarde, voltava triunfante.

— Era ele! Vai me levar ao Martinique esta noite. Ele é agente de publicidade de uma cantora lá.

— Deve ganhar muito bem — disse Anne.

— Não, ganha apenas cem dólares por semana. Trabalha para Irving Steiner, que tem uma dúzia de bons clientes. Logo, porém, pretende trabalhar por conta própria, e já está tentando trabalhar junto às estações de rádio. Todos sabem que os judeus dão maridos maravilhosos.

— Já ouvi dizer. Mas e eles, que acham das irlandesas?

— Bem, sempre posso dizer a ele que sou meio judia. Que o nome O'Hara é só para o palco.

— Neely, você não poderia sustentar essa mentira.

— Se eu quiser, posso. Eu vou me casar com ele. Pode escrever isso. — Abraçou-se a si mesma e atravessou o quarto dançando e cantando a meia voz.

— Que bela canção! Como se chama?

— É música da peça. Anne, porque você não aceita o casaco de *vison* que o pai de Allen lhe ofereceu e me vende o seu casaco preto? Preciso de um.

— Neely, cante novamente essa música.

— Por quê?

— Cante, por favor.

— É uma das músicas de Terry King, mas acho que Helen Lawson vai roubá-la. Aliás, ela já fez isso com uma outra canção, e deixou só duas para Terry. Uma delas é realmente espetacular, mas Helen não pode cantá-la — seu papel na peça não deixa.

— Então cante essa canção, Neely.

— Se eu cantar, você me vende o casaco preto quando ganhar um de *viso*»?

— Eu o darei a você, se algum dia tiver um de *vison*. Agora, cante.

Neely suspirou e, como uma criança que é forçada a declamar, postou-se no meio do quarto e cantou. Anne não podia acreditar. A voz de Neely era incrivelmente bonita e clara como cristal. As notas graves eram melodiosas e fortes, e as agudas tinham força e beleza.

— Neely! Você sabe cantar, realmente!

— Ora, toda a gente sabe cantar — disse Neely rindo.

— Não desse jeito. Eu não poderia cantar uma linha, nem que disso dependesse minha vida.

— Se você tivesse crescido num teatro de variedades como eu, poderia. Eu posso dançar, fazer truques de prestidigitação, cantar. De tanto ficar olhando por trás dos bastidores, a gente aprende tudo.

— Mas, Neely, o que quero dizer é que você canta bem, muitíssimo bem.

— Isso e mais uns centavos compram uma xícara de café.

Na segunda semana de ensaios de *Tocando as Nuvens*, Anne viu-se pessoalmente envolvida com a peça: Henry a chamou, justamente quando ia para casa.

— Anne, que bom que ainda está aqui. Minha querida, você pode me salvar esta noite. Acontece que tenho um compromisso na NBC. O *show* de Ed Holson vai esta noite para o ar às nove horas, e os últimos vinte minutos têm que ser reescritos. Os redatores estão quase se demitindo e ele próprio já despediu o produtor. Não posso deixar de ir e Helen Lawson espera que eu lhe leve algumas ações, que eu prometi e que estão nesta pasta.

— Devo mandá-la por um mensageiro?

— Não, leve-as você mesma. Não lhe diga que estou na NBC. Diga que convoquei uma reunião para tratar da compra de umas propriedades em que ela está interessada. Se pensar que estou tratando dos interesses dela, não se importará. Entregue-lhe a pasta pessoalmente e, pelo amor de Deus, seja convincente ao dar o recado.

— Farei o melhor que puder — prometeu Anne.

— Está no Teatro Both. Deve terminar o ensaio a qualquer momento. Diga-lhe que amanhã discutirei tudo com ela.

Anne se aborreceu com essa incumbência. Nunca foi muito boa para coisas assim. Enfrentar Helen Lawson atemorizava-a um pouco. Por isso, estava nervosa quando chegou ao teatro e, timidamente, abriu a porta que dava para os bastidores. Até o velho porteiro, que lia o jornal perto do aquecedor, lhe pareceu temível.

O homem a olhou.

— Que deseja?

Lembrou-se dos filmes que vira: as coristas chamavam os porteiros dos teatros de "papai". Este a olhava como se fosse um policial interrogando alguém suspeito.

Anne explicou-lhe o que queria, indicando a pasta como prova. O homem mexeu levemente a cabeça, murmurou um "ali" e voltou a ler o jornal.

"Ali" ela encontrou um homem aflito, que manuseava um texto e que lhe perguntou:

— Que diabo está fazendo aqui?

Anne repetiu a explicação, xingando Henry por dentro.

— Ainda estamos em ensaio — murmurou —, mas você não pode ficar aqui nos bastidores. Passe por aquela porta e sente-se na plateia até terminarmos.

Foi tateando no escuro até entrar no teatro vazio. Na terceira fila, estava sentado Gil Case, o chapéu sobre os olhos, para protegê-los do intenso brilho das luzes que vinham do palco. As coristas estavam sentadas em grupo perto da parede de fundo do palco nu. Algumas conversavam entre si, outras massageavam as pernas e uma delas fazia tricô. Neely, ereta, grudava os olhos em Helen Lawson, que cantava uma canção romântica, com um cantor alto e bonito. Cantava em seu famoso estilo. O sorriso era claro e feliz, e mesmo na canção de amor que cantava percebia-se aquele ar saudável e simpático que lhe era familiar. Os olhos brilhavam de alegria quando a letra da canção se tornava cómica, e se entristeciam quando começava o inevitável lamento amoroso. Notava-se que estava chegando à meia-idade pela cintura, que já não era tão fina, e pelo volume das cadeiras. Lembrando-se da beleza de Helen no passado, Anne não pôde deixar de sentir pena, como se visse a deterioração de um monumento. A idade não ficava tão mal nas pessoas comuns, mas nas celebridades dava a impressão de ser um machado destruindo uma obra de arte. O corpo tinha sido sempre a parte mais importante na representação de Helen, especializada em comédias com guarda-roupas luxuosos. Seu rosto, que nunca fora de uma beleza clássica, era, porém, vivo e atraente, emoldurado por uma belíssima cabeleira negra.

Há cinco anos, Helen Lawson não se apresentava na Broadway. Sua última peça ficara dois anos em cartaz e um ano em excursão pelo país, onde encontrou o último marido, depois de uma corte furiosa em Omaha e Nebraska, seguida de um casamento espetacular; então, ela declarara à imprensa que pretendia abandonar a carreira artística para se fixar na fazenda do marido. Lá iria desempenhar o supremo papel de sua vida — o de esposa. O marido, Red Ingram, grandalhão e risonho, também afirmou à imprensa que o lugar de Helen era em sua fazenda, pois "nunca vi nenhuma peça desta menina e agora ela atuará só para mim".

Helen sossegou por dois anos. Então, sua foto apareceu novamente em todos os jornais, ilustrando a declaração de que a fazenda era "um verdadeiro inferno" e que o seu verdadeiro lar era a Broadway. Henry providenciou, imediatamente, um rápido divórcio no Reno, enquanto compositores e produtores acenavam a Helen com novos espetáculos. Agora estava em seu elemento, ensaiando para a estreia de *Tocando as Nuvens*.

Ela não devia representar esse papel de apaixonada, pensou Anne. Não com aquele duplo queixo. Mas, enquanto cantava aquela canção de amor, via-se que seus olhos ainda faiscavam alegremente e a sua famosa vivacidade estava intacta. Os longos cabelos pretos caíam pelos ombros. A canção falava de uma viúva à procura de um novo amor. Por que Helen não tentou perder alguns quilos antes de aceitar esse papel, ou será que ela não se dava conta da mudança que os anos operam? Talvez essa mudança tenha acontecido tão lentamente que ela não a percebeu. "Há oito anos que não a vejo", pensou Anne, "foi um choque para mim. Provavelmente, continua a mesma diante dos próprios olhos."

Eram esses os pensamentos que ocupavam a mente de Anne enquanto assistia a Helen desempenhar o seu papel. Ao mesmo tempo, era obrigada a reconhecer que o magnetismo da atriz não residia em seu rosto nem em seu corpo.. Alguma coisa obrigava a olhá-la e, em poucos minutos, a gente esquecia a cintura grossa e o duplo queixo, para sentir apenas o tremendo calor humano que irradiava.

Quando terminou, Gilbert Case gritou-lhe:

— Maravilhoso, Helen! Espetacular!

Ela caminhou para a beira do palco, olhou-o e disse:

— É uma droga.

A expressão dele não mudou.

— Você acabará gostando, menina. No começo você sempre detesta essas músicas românticas.

— Você está brincando? Adorei aquela que cantei com Hugh Miler, em *Bela Dama*, desde o momento em que a ouvi. E note-se que Hugh é desafinado e eu tinha de conduzi-lo. Pelo menos o Bob sabe cantar. — Dizendo isso, lançou um lânguido olhar para o belo homem a seu lado. — Por isso, não venha me dizer que acabarei gostando dessa canção. Cheira mal. Não diz coisa alguma, e detesto combinar comicidade com romantismo. A melodia não é má, mas acho melhor dizer a Lou para tentar fazer uma letra melhor.

Virou-se bruscamente e saiu do palco. O assistente do diretor convocou um ensaio para as onze horas do dia seguinte e avisou que os que teriam prova de guarda-roupa encontrariam o nome afixado no quadro. "E, pelo amor de Deus, que ninguém se atrase." Houve uma confusão geral e parecia que ninguém ligava à nova canção de Helen, nem mesmo Gilbert Case, que acendeu um cigarro, levantou-se e caminhou vagorosamente para o fundo do teatro.

Quando o palco ficou vazio, Anne dirigiu-se aos bastidores. O homem do texto apontou para a porta do camarim de Helen.

Anne bateu e a famosa voz rouca gritou:

— Entre!

Helen pareceu surpresa.

— Quem diabo é você?

— Sou Anne Welles e. . .

— Olhe, estou cansada e ocupadíssima. Que deseja?

— O Sr. Bellamy me pediu para trazer-lhe isto — disse Anne, enquanto colocava a pasta na mesa do toailete.

— Muito bem. E onde diabo está Henry?

— Está retido em uma reunião para a compra de umas propriedades. Pediu para lhe dizer que vem amanhã, e explicará qualquer coisa que não compreender.

— Está bem, está bem. — Helen deu as costas ao espelho e despediu Anne com um sinal de mão. De repente, voltou-se e gritou: — Ei, você não é a moça que agarrou Allen Cooper com anel e tudo?

— Sou Anne Welles.

Helen sorriu.

— Bem, prazer em conhecê-la. Sente-se. Eu não quis ser desagradável, mas você não imagina os tipos que conseguem passar pelo porteiro para falar comigo. Todos têm algo para vender. Ei, deixe-me ver o anel. — Agarrou a mão de Anne e assobiou com admiração. — Formidável! Tenho um com o dobro do tamanho, mas tive de pagar por ele eu mesma. — Levantou-se e vestiu o casaco de *vison*. — E paguei por este casaco também. Jamais um homem me deu realmente alguma coisa — disse, lamentando-se. Depois, sacudiu os ombros. — Bem, quem sabe algum dia encontrarei o homem certo, que me cobrirá de presentes e me tirará desta corrida de ratos.

Sorriu quando Anne demonstrou surpresa.

— Sim, isso mesmo. Ou então você acha que são divertidas estas quatro semanas de ensaio e depois o inferno que tenho de suportar durante a excursão, antes da estreia na Broadway? E se a peça é um sucesso? Ganha-se umas notícias no *News* e no *Mirror*. Só.

Anne se dirigiu à porta.

— Aonde é que você vai? Tenho um carro. Posso deixá-la em casa.

— Eu moro perto. Posso ir a pé — disse Anne, rápida.

— Eu também, mas esta é uma das coisas que fazem parte do meu contrato. O produtor paga pelo carro e pelo motorista durante o tempo em que a peça estiver em Nova York, mesmo em ensaios. A menos que eu tenha sorte e arranje um namorado — acrescentou, com um sorriso.

Estava frio quando saíram à rua, por isso Anne aceitou o oferecimento de Helen.

— Deixe-me em casa primeiro — gritou Helen para o motorista. — Depois, leve a Srta. Welles para onde ela quiser ir.

Quando pararam diante do prédio onde morava, Helen tomou a mão de Anne num gesto impulsivo e pediu:

— Suba e tome algo comigo, Anne. Detesto beber sozinha. São apenas seis horas e você pode ligar para o seu gajo vir buscá-la aqui.

Preferia ir para casa; havia, entretanto, um quê de solidão na voz de Helen que fez com que Anne aceitasse o convite. Ao entrarem no apartamento, o humor de Helen mudou, enquanto olhava orgulhosamente à sua volta:

— Gosta, Anne? Sabe, paguei uma verdadeira fortuna ao bicha que o decorou. Veja, aquele é um Vlaminck... e este é um Renoir autêntico.

Um apartamento acolhedor. Anne olhou com admiração para o melancólico Vlaminck, mostrando a neve. Era uma faceta da personalidade de Helen que ela nunca teria imaginado. . .

— Não entendo patavina de arte —; falou Helen —, mas faço questão de ter o melhor. A esta altura da minha vida, posso me permitir esse luxo. Por isso, pedi a Henry que procurasse alguns quadros para mim que fossem um bom investimento e combinassem com a decoração do apartamento. O Renoir não está mal, mas esta cena de neve. . . Henry disse que, em pouco tempo, um Vlaminck triplicará de valor. Vamos entrando. Esta é a minha sala predileta. . . O bar está ali.

As paredes contavam toda a história da vida teatral de Helen. Uma série de fotografias alinhadas com precisão mostrava Helen de *shorts* e cabelos crespos segundo a moda dos anos vinte, autografando um bastão de beisebol para Babe Ruth; Helen sorrindo, ao lado de um prefeito de Nova York; Helen com um famoso senador; Helen com um conhecido compositor; Helen recebendo o prêmio de melhor estrela da Broadway; Helen embarcando para a Europa com o segundo marido; Helen em várias poses, com outras celebridades do teatro. Havia, também, uma estante de livros, cheia de volumes encadernados em couro: Dickens, Shakespeare, Balzac, Maupassant, Thackeray, Proust, Nietzsche. Anne imaginou que Henry também tinha sido

encarregado de comprar os livros. Notando o interesse de Anne, apressou-se a explicar:

— Todo o lixo clássico está aí, não é? Digo-lhe uma coisa, esse Henry sabe de tudo, embora ninguém me convença de que existem pessoas que realmente lêem essa droga. Já tentei ler algumas páginas. . . meu Deus!

— Alguns são realmente difíceis — concordou Anne —, especialmente Nietzsche.

Os olhos de Helen denotaram surpresa.

— Você quer dizer que, realmente, lê esses livros? Nunca li um livro em toda a minha vida.

— Agora você é que está brincando comigo — insistiu Anne.

— Não, mesmo. Quando estou trabalhando, trabalho no duro. Depois do espetáculo, às vezes, tenho a sorte de ter um encontro. Senão, volto para casa sozinha. Depois de tomar banho e ler a página econômica e os colunistas dos jornais, já estou pronta para embarcar. Durmo até o meio-dia, leio os jornais da tarde, cuido da correspondência, telefono para os amigos... a essa altura, já é hora do jantar. Nunca janto fora quando estou representando e nunca bebo coisa alguma antes do espetáculo. Depois, sim, gosto de me divertir. Apesar disso, quase cheguei a ler um livro durante o meu último casamento. Foi quando tive a certeza de que o mesmo estava no fim. Como é que você gosta de champanha? Com gelo?

— Tomarei um refresco, se você não se incomoda — disse Anne.

— Ora, tome um pouco desta minha água borbulhante. É a única coisa que eu bebo e, se você não me ajudar, serei obrigada a acabar com a garrafa sozinha. E sabe de uma coisa? Essa delícia deixa a gente inchada — disse, dando tapinhas no estômago —, e eu ainda estou tentando me livrar do peso que trouxe daquela fazenda. — Entregou o copo a Anne.

— Por Deus, você já morou numa fazenda?

— Não, sou da Nova Inglaterra — respondeu Anne.

— Sabe, pensei que ia passar toda a vida na tal fazenda. . . venha cá. — Helen agarrou Anne pelo braço e a levou para o quarto. — Está vendo aquela cama? Tem oito pés de largura. Mandei fazê-la

de encomenda quando casei com Frank. Foi o único homem que amei na minha vida. Mandeí levar essa cama para Omaha quando casei com Red e mandei-a de volta para cá. Gastei mais em frete do que' o valor dela. . . Este é Frank — disse, apontando para uma fotografia sobre a mesa-de-cabeceira.

— Muito atraente :— murmurou Anne.

— Está morto. — As lágrimas vieram aos olhos de Helen. — A culpada de tudo foi aquela cadela com que ele se casou. Morreu num desastre de automóvel, dois anos depois do nosso divórcio. — Um suspiro percorreu seu corpo todo.

Anne olhou para o relógio que estava sobre a mesinha.

— Posso usar o telefone?

— Vamos para a sala. Você pode falar de lá. É mais confortável.

Helen serviu-se de mais champanha, enquanto Anne chamava Allen.

— Onde está você? — perguntou Allen. — Chamei-a três vezes e só consegui falar com Neely. Ela deve estar chateada; está se vestindo para um encontro com-o seu grande amor. Anne, estou aqui com Gino. Mandou perguntar se você não se incomoda de ele jantar conosco.

— Gostaria muito, Allen. Você sabe disso.

— Ótimo, irei buscá-la dentro de meia hora.

— Certo. Mas não estou em casa. Estou com Helen Lawson.

Depois de pequena pausa, Allen disse:

— Quer que vá buscá-la aí?

Tomou nota do endereço e falou com Gino:

— Quê? Você está brincando? — Depois, novamente para Anne: — Anne, acredite ou não, Gino pede para você trazer Helen também.

— Eles se conhecem? — perguntou Anne.

— Não, mas que tem isso?

— Allen, eu não poderia. . .

— Convide.

Anne hesitava. Como podia pedir a uma mulher da importância de Helen para ir jantar com alguém que ela nem sequer conhecia? E

justamente com Gino. Allen notou a sua hesitação e perguntou:

— Anne, você ainda está na linha?

Então, disse a Helen:

— Allen gostaria de saber se você aceita jantar conosco. O pai dele também irá.

— Quem mais irá?

— Só nós quatro.

— Claro. Eu o vi no El Morocco. Achei-o atraente.

— Ela aceita, com prazer.

Pendurou o fone no gancho e disse a Helen:

— Virão nos buscar dentro de meia hora.

— Meia hora? Então não vai dar tempo para você ir até sua casa e mudar de roupa.

— Vou do jeito que estou.

— Mas você está vestindo um casaco próprio para jogar pólo. E um vestido de lã grossa.

— Allen já saiu comigo desse jeito. Não se importará.

O rosto de Helen fechou-se num amuo de criança mimada.

— Ora, Anne. Eu pretendia me enfeitar toda, mas, com você desse jeito ao meu lado, ia parecer uma árvore de natal. Eu queria causar boa impressão em Gino. Ele é um par-tidão.

Não podia ser verdade. Helen Lawson agindo como uma adolescente diante de um encontro. E esse súbito ataque de puerilidade não combinava com a sua personalidade; ela que tinha fama de ser dona de uma dignidade meio áspera. Fez votos para que esta faceta de Helen se mostrasse raramente.

— Chame-os novamente e peça-lhes para demorar um pouco mais. Assim você terá tempo de ir para casa se arrumar — insistiu Helen.

— Estou muito cansada, trabalhei o dia todo — respondeu Anne.

— Que diabo acha você que eu estive fazendo? — O tom de Helen parecia o de uma criança que tivesse sido deixada de lado num brinquedo. — Levantei às nove horas da manhã. Dancei durante três horas com aqueles idiotas de Os Gaúchos. Caí sobre o meu traseiro pelo menos meia dúzia de vezes. Depois, cantei aquela

canção horrorosa pelo menos cem vezes. E aqui estou eu, ansiosa para sair. E olhe que sou um pouco mais velha do que você. Eu tenho. . . trinta e quatro anos.

— Certamente não tenho a sua energia — disse Anne, tentando disfarçar sua surpresa. George Bellows tinha razão: trinta e quatro anos!

— Que idade tem você, Anne?

— Vinte anos.

— Pare com isso! Você pode dizer essa m. . . aos jornais. Mas que idade tem na verdade? — A expressão dos olhos de Anne fez com que ela mudasse de tom, e exibisse um sorriso de menininha. — Ei, não me diga que você é dessas que desmaiam quando ouvem um palavrão? Minha mãe fica furiosa quando os uso. Olhe, vou tentar policiar minha linguagem esta noite. Quando eu disser algo inconveniente, basta você me lançar um desses olhares gelados que me lembrarei, está bem?

Anne sorriu. Havia qualquer coisa simpática nas rápidas mudanças de humor de Helen. Sua franqueza parecia tão ingênua e ela mesma tão vulnerável, a despeito de sua posição.

— Você tem realmente apenas vinte anos, Anne? É que me parece tão fantástico que já tenha conseguido agarrar alguém como Allen Cooper. Vou pôr um vestido negro e umas poucas jóias.

Dirigiu-se ao quarto e gritou para Anne:

— Entre aqui. Mesmo com essa voz, que dizem ser a mais possante da Broadway, não posso conversar de tão longe.

Helen continuou falando torrencialmente enquanto mudava de roupa. A maior parte da conversa girava em torno de seus ex-maridos e de como eles a haviam maltratado.

— E a única coisa que sempre lhes pedi foi amor — continuou repetindo lamentosamente. — Frank me amou, era um artista. Deus, se ele pudesse me ver com um Renoir, agora. Não que ele pintasse tão bem. Trabalhava como ilustrador, mas nas horas vagas se dedicava à pintura, que ele chamava de "séria". O sonho da vida dele era poder um dia deixar de fazer ilustrações para se dedicar unicamente à pintura.

— Foi quando você estava começando a carreira, então?

— Não! Eu estava estrelando *Sadie's Place* quando nos casamos. Era a terceira peça que eu estrelava, ganhando três mil dólares por semana, enquanto Frank ganhava apenas cem dólares. Por aí você pode ver que me casei com ele por amor.

— Então, por que ele não podia se dedicar à pintura?

— Você está brincando? Acha que eu iria sustentá-lo? Se o fizesse, como é que poderia saber se ele se casava comigo por amor ou por interesse? Eu pus as cartas na mesa. Tinha um grande apartamento, naquela ocasião, e gostava de viver bem. Por isso, disse a ele que poderia se mudar para lá, que eu continuaria pagando o aluguel, a empregada, as minhas roupas, as bebidas e a comida. Quando saíssemos, porém, ele é que pagaria as contas. Frank se queixava de que duas noitadas levavam o seu salário de uma semana inteira. Deus sabe que o amava; até tentei ter um filho com ele, e olhe que isso seria desistir, no mínimo, de uma peça. Ajude-me aqui com o fecho; que tal estou?

Estava muito bem. Anne achou que tinha algumas jóias a mais do que permitia o bom gosto, mas, afinal, ela era Helen Lawson e podia se permitir tais coisas.

A campainha tocou. Helen escolheu um casaco de seda vermelha, todo bordado de lantejoulas. Olhou para Anne, dizendo:

— Acha vistoso demais?

— Por que não veste o *vison* que você usou esta tarde?

— Acha que deveria ser tão discreta? Imagine um vestido preto com um casaco marrom. Acho que, se a gente tem uma coisa, deve usá-la e pronto. Afinal, não sou nenhuma dessas damas enjoadas da alta sociedade.

A campainha tocou novamente.

— Está bem, está bem — Helen gritou. E apanhando o casaco de *vison*, depois de uma breve hesitação, sorriu para Anne: — Ganhou, meu anjo. Tenho certeza de que você tem bom gosto.

O encontro entre Helen e Gino não poderia ter sido melhor. Ambos decidiram que todos deviam ir ao El Morocco, lugar que adoravam. Pediram a mesma comida, riam das piadas que contavam e consumiam rios de champanha. Colunistas apareciam a toda hora para cumprimentá-los; a orquestra não parava de tocar as músicas

das peças que Helen havia estrelado. Anne sentiu-se, de repente, tão contagiada pela alegria de todos que chegou a rir até de velhas anedotas contadas por Helen. Era impossível não gostar dela.

Gino berrava enquanto dava tapinhas nas costas de Helen:

— Gosto desta garota; ela diz tudo o que pensa. Nada de hipocrisias com ela. Sabe de uma coisa, Helen? Vamos dar uma grande festa para comemorar a sua estreia, que tal?

Helen mudou completamente e assumiu aquele ar pueril para dizer, com voz de menininha acanhada:

— Oh, Gino, isso é maravilhoso. Adorarei tê-lo como acompanhante na minha noite de estreia.

Anne percebeu que Gino foi tomado de surpresa, pois obviamente pretendia incluir Adele na festa, imaginando que Helen tivesse um acompanhante.

— Em que dia será? — perguntou Gino.

— No dia 16 de janeiro. Vamos partir para New Haven dentro de duas semanas e passaremos três semanas em Filadélfia.

— Então iremos a New Haven — disse Gino rapidamente. — Anne, Allen e eu.

— Não! — interrompeu Helen. — Aquilo é uma confusão. Só daremos três espetáculos lá, apenas para dar os últimos retoques antes de Filadélfia.

— Descontaremos isso — respondeu Gino alegremente.

— Não é isso — disse Helen, fazendo beicinho de menininha amuada, o que em nada a favorecia. — É que-estreademos numa sexta-feira e, no dia seguinte, teremos uma matinê, sem contar o ensaio da manhã anterior. Se vocês forem, vou querer comemorar até tarde e não posso fazer isso no dia em que tenho matinê.

— Janeiro está longe demais para que eu possa fazer planos — disse Gino, com firmeza. — Meus negócios podem me obrigar até a viajar para fora do país de uma hora para outra. New Haven será possível, a menos que não queira mesmo.

Helen chegou mais perto de Gino, enfiou o braço no dele e falou languidamente:

— Não, não vou deixá-lo escapar assim. Combinemos, então, para New Haven e também Nova York, se na noite da minha estreia

você estiver na cidade.

— Você quer dizer vê-la duas vezes?

— Escute, seu filho da mãe. Há pessoas que vão me ver cinco vezes — disse Helen com bom humor. — Anne, vamos nos arrumar um pouco.

A senhora que cuidava da sala de toalete abraçou Helen quando entraram.

— Foi a minha primeira camareira — explicou Helen.

— Você devia vê-la — dizia a mulher —, parecia uma boneca e tinha pernas lindas.

— Ainda tenho belas pernas — respondeu Helen —, só que preciso perder uns quilos, o que espero acontecerá durante a excursão.

Quando ficaram sozinhas, Helen confidenciou:

— Anne, eu gosto de Gino — disse quietamente, e a falta de expressão do seu rosto parecia dar mais intensidade às suas palavras. Brincava com uma mecha de cabelo, olhos fixos no espelho. — Gosto realmente dele, Anne. Você acha que ele gosta de mim?

— Tenho certeza disso — respondeu Anne, de maneira casual.

— Anne, preciso de um gajo. Sinceramente, tudo o que quero é alguém para amar.

Anne sentiu um aperto no coração à vista daquele rosto patético. Lembrou-se das histórias maldosas que ouvira contar a respeito de Helen Lawson, histórias que, provavelmente, tinham sido inventadas por pessoas invejosas do seu sucesso, ou chocadas pela sua rudeza. Era difícil acreditar que alguém pudesse deixar de gostar dessa mulher, cuja personalidade na ribalta não era mais que uma máscara para uma natureza sensível, que procurava desesperadamente afeto.

— Meu Deus! Gosto de você, Anne. Seremos muito amigas e sairemos sempre juntas, quero dizer, nós quatro. Não tenho a oportunidade de ter muitas amigas. Ei, Amélia — a voz forte de Helen chamou pela atendente —, me dê um lápis e um pedaço de papel.

A atendente trouxe um bloco.

— Srta. Lawson, podia dar um autógrafo para minha sobrinha?

— Que faz com eles? Vende-os? — perguntou Helen, enquanto assinava o nome num papel, que entregou à mulher. E para Anne: — Esse é o número do meu telefone. Não o perca, pois não está na lista. E, por Jesus Cristo, não o dê a ninguém a não ser Gino. Escreva o seu telefone aqui.

— Você pode me telefonar sempre para o escritório.

— Sim, eu sei. Mas é para o caso de eu querer falar com você em casa.

Anne escreveu o número do telefone do *hall* do edifício em que morava.

— Olhe, eu estou no escritório de nove e meia às cinco — repetiu — e à noite, em geral, estou com Allen.

— Está bem — disse Helen, enquanto punha o pedaço de papel na bolsa. — Agora é melhor voltarmos à mesa, senão vão pensar que caímos lá dentro.

Eram quase três horas da manhã quando o carro negro chegou à casa de Anne. Tinham levado Helen primeiro. Gino estava cochilando e Allen parecia cansado; Anne, porém, estava completamente desperta pela alegre noitada. Havia luz no apartamento de Neely; por isso, resolveu bater levemente.

— Como esperei por você! — disse Neely. — Que noite tivemos! Conte tudo a Mel, isto é, que eu tinha só dezessete anos e ele nem se importou. Disse que eu conhecia mais o mundo do que muitas moças de vinte anos. Conte-lhe, também, que era virgem. E você, onde esteve?

Anne contou a noitada ao lado de Helen Lawson, a partir do momento em que foi procurá-la no teatro. Quando terminou, Neely sacudiu a cabeça, descrente.

— Você age como quem se divertiu muitíssimo. Só espero que não me diga que gostou de Helen Lawson:

— Claro que gostei, e muito. Todas essas histórias a respeito dela são contadas por pessoas que nem ao menos a conhecem. Quem a conhece, pessoalmente, mas conhece mesmo, acaba

gostando dela. Confesse, Neely, que agora, depois de ter visto que não foi Helen -quem quis tirá-la da peça, não gosta dela?

— Claro. Ela é adorável.

— Estou falando sério, Neely.

— Você está doente? — perguntou Neely, pondo a mão na testa de Anne. — Ela é uma mulher horrível. Ninguém gosta dela.

— Não é verdade. Acho que qualquer pessoa que fale mal dela é porque não a conhece de verdade.

— Ouça, Anne, as únicas pessoas que a adoram são as que ficam na plateia. E isto porque estão separadas dela por uma orquestra e pelo palco. E não é bem dela que gostam, é do papel que está representando. A maioria das pessoas não sabe de uma coisa: Helen não é só uma grande comediante e cantora, ela é uma tremenda atriz. Tão boa que, quando representa aqueles papéis simpáticos, a gente acaba mesmo acreditando que tem um coração de ouro. Mas, Anne, quando não está representando, é fria. Uma verdadeira máquina.

— Neely, você não pode saber o que ela é no íntimo.

— Querida, você me mata. Sai durante um mês com Allen e fica sem saber nada a respeito dele. Agora, basta uma noite com Helen para você se tornar autoridade no assunto. Está pronta a contradizer todas as pessoas que trabalham com ela e que a odeiam e desprezam porque a conhecem. Quer saber? Ela é áspera, dura, sem sentimentos, grossa e podre. Talvez tenha usado a máscara de boa companheira com você só para variar, ou porque quer alguma coisa. Deixe eu lhe dizer uma verdade: se você algum dia se puser no seu caminho, ela não hesitará em pisá-la, como se você fosse um verme.

— Esse é o juízo que você faz dela. Ouviu falar isso tantas vezes, que nem se dá ao trabalho de conhecê-la tal como ela é realmente. Não duvido que possa ser dura quando necessário. É parte do seu trabalho. Tem que lutar pelo que deseja. Mas, afaste-a disso e verá que é uma mulher sensível, que sente o peso da solidão e que só deseja ter amigos sinceros e alguém que possa amar.

— Amar! — gritou Neely. — Anne, a verdadeira Helen é aquele monstro que eu conheço dos ensaios. E não tem nada a ver

com o fato de que é uma estrela. Nasceu assim, porque é impossível que alguém fique assim. Se algum dia eu chegar a estrela, serei tão grata pelo fato de gostarem de mim, de pagarem para me ver. .. oh, acho que beijaria toda gente. Olhe, até Mel, que a viu apenas uma vez, em uma festa beneficente, chama-a de Jack, o Estripador.

— Não discutirei mais — respondeu Anne — mas, por favor, não fale mal dela na minha frente. Eu gosto dela.

— Meu Deus!

O telefone tocou no *hall*.

— Que doido chamaria alguém a esta hora? — perguntou Neely. — Deve ser número errado.

— Deixe que eu atendo — disse Anne, dirigindo-se ao telefone. Reconheceu a voz de Helen.

— Alô, garota.

— Helen! Aconteceu alguma coisa?

— Helen! — gritou Neely, pela fresta da porta. — Agora acredito que são mesmo do peito.

— Eu só queria lhe dizer boa-noite. Já me despi, lavei as calcinhas e as meias, passei creme no rosto, enrolei o cabelo e agora estou na cama.

Anne pensou na enorme cama de Helen e estremeceu de frio no patamar gelado. Então, mesmo com Neely escutando a conversa sobre o seu ombro, quis satisfazer sua curiosidade:

— Helen, você disse que lavou as meias e a calcinha?

— Claro, é um hábito que a minha velha me ensinou, e, apesar de eu ter uma camareira, continuo fazendo isso todas as noites, antes de ir para a cama. Acho que é a minha parte irlandesa, O'Leary, a culpada disso.

— É esse o seu verdadeiro nome?

Neely não podia aguentar. Sussurrou:

— Se vão conversar mesmo, vou vestir o meu roupão. — E correu para o quarto.

— Não, o meu verdadeiro nome é Laughlin — respondeu Helen —, e é escocês. Eu sou escocesa, francesa e irlandesa. Mas mudei o nome para Lawson; achei que ficaria melhor nos cartazes.

— Você fala como se soubesse que o seu nome iria estar nos cartazes.

— Exatamente. Comecei a cantar aos dez anos, em festas beneficentes. Aos dezesseis, comecei a estudar canto. Aos dezoito, dava audições. Consegui um papel, numa peça da Broadway, onde cantei uma única canção, mas todos só falaram de mim. Pareciam muito surpresos, menos eu. Se não tivesse certeza de que era uma cantora formidável, não teria me candidatado ao papel.

— Quer dizer que nunca teve dificuldades, nunca ficou sem trabalho?

— Teve sucesso de um dia para o outro — interrompeu Neely —, por isso é que é tão mesquinha com gente como eu; nunca teve que lutar.

— Não, comigo foi fácil — continuou Helen. — Admito, porém, que não é assim com todo mundo. Acredito que se alguém tem talento, chega ao topo. Fim. Pode demorar um pouco mais, às vezes, mas ninguém que tenha realmente talento deixa de chegar até o topo. Por isso é que não suporto ouvir essas histórias de m. . . sobre grandes talentos com falta de sorte. Agora, é preciso ter algo mais do que voz, pois eu conheço um mundo de cantoras de orquestra com voz muito melhor que a minha e, no entanto, estão ganhando setenta e cinco dólares por semana. Por quê? Porque têm voz e mais nada.

Anne começou a se apoiar ora num pé ora noutro. Tinha deixado o casaco no quarto de Neely e estava ficando congelada.

— Helen, tenho de ir para a cama. O aquecedor está desligado e eu estou gelada.

— Está bem, eu espero.

— Mas. . . quer dizer. . . o telefone. . .

— O fio é muito curto?

— O telefone está no patamar.

— O quê?

— No patamar. Eu moro numa casa de cómodos. Não tenho um telefone só para mim.

— Você está brincando! Usa um anel de cinquenta mil no dedo e não tem telefone. Onde diabo é que você mora, afinal de

contas?

— Na Rua Vinte e Dois, Oeste, perto do Edie's.

— É uma rua horrorosa essa! E, depois, você vai se casar em breve. Como é que pode viver sem telefone no quarto?

— Na verdade, não acho que preciso de um.

— Por Deus, é incrível! — Anne ouviu-a bocejar e um barulho de jornal sendo amassado. — Oh, escreveram duas colunas a meu respeito — comunicou Helen sonolentemente. — Está bem, anjo. Vá dormir e passe no ensaio amanhã, depois do escritório.

— Bem, eu saio muito tarde e depois corro para casa e me arrumo para sair com Allen.

— Isso mesmo, Anne. Vista-se melhor. Você é muito bonita, mas isto de sair com aquele casaco de pólo e vestido de lã grossa tem de acabar. Lembre-se: a coisa mais importante do mundo é ter um homem que a ame. Vista-se para ele. Eu a chamarei no escritório, amanhã.

Anne voltou ao quarto de Neely. Apanhou o casaco e a bolsa. Neely seguiu-a até a porta e, sacudindo a cabeça, murmurou:

— Não compreendo, não compreendo. Se não tivesse ouvido com meus próprios ouvidos, não acreditaria. Mas ainda insisto em dizer que ela deve ter algum interesse. . .

— Não, não tem. É que ela se divertiu muito esta noite... ela é, de verdade, tão solitária... E gostou de Gino.

— Então é isso! — gritou Neely. — Ela usa você para agarrar Gino.

— Não é verdade. Ela me tratou bem e foi muito simpática mesmo antes de eu a convidar para o jantar. Fez questão que eu conhecesse o seu apartamento.

— Talvez o velho cavalo de batalhas tenha uma queda por mocinhas...

— Neely!

— Acontece, minha cara. Ouça, algumas dessas grandes estrelas e, especialmente, as que, como Helen, apreciam o sexo, às vezes, ficam tão saturadas do pouco caso dos homens, que se viram para as mulheres. Uma velha estrela de cinema, que trabalhou conosco numa boate. . .

— Neely, Helen é absolutamente normal.

— Está bem, não vou discutir isso, mesmo porque ela tem a reputação de ser louca por homens. Deita-se com qualquer coisa que vista calças. Todo mundo sabe como foi que ela perdeu o primeiro marido. Ele chegou um dia em casa e a pegou em flagrante com um *gangster*, que tinha sido seu amante tempos atrás.

— Neely, não é verdade. Ela me disse que amava o primeiro marido.

— Anne, se você falasse com as garotas da peça, .um dia, veria que todas sabem que Helen se gabava de pertencer a Tony Laggeta. Era louca por ele. Acontece que ele era italiano, católico, e pai de sete garotos. Andava com ela, é claro, só isso. Quando ela se tornou famosa da noite para o dia, Henry Bellamy entrou na história e fez com que largasse Tony. Ela estava ficando lima celebridade, e se a mulher de Tony abrisse um processo estragaria sua imagem diante do público. Teve, então, um longo romance com Henry, mas continuou dormindo com Tony, quando tinha oportunidade. Todos sabiam, menos Henry, que continuou fazendo dela uma estrela e uma milionária. Aí Tony arranjou outra amante e Helen ficou tão furiosa que se casou com o primeiro que lhe apareceu pela frente — o pintor. Nesse tempo, já não havia os grandes bares com reservados e Tony abriu um lugar meio suspeito, um restaurante ítalo-francês, onde Helen costumava ir com o marido, para deixar Tony enciumado. Acho que isso deu certo; um dia, o pintor chegou em casa e pegou Helen e Tony numa pequena cena íntima. . . aí, abandonou Helen e nunca mais foi o mesmo homem. Casou novamente, mas virou bêbado.

— E onde foi que você ouviu toda essa história?

— No que se refere a Tony, já sabia há séculos. Quando alguém queria se referir a Helen dizia "a garota de Tony". Agora, a parte sobre Henry Bellamy e o marido, soube com o pessoal da peça. Toda a gente sabe. . .

— Toda a gente sabe. . . — interrompeu Anne impaciente — da mesma forma que você sabe, isto é, por ouvir dizer. E, como toda a gente, você espalhará a história, como os outros fizeram, e a coisa vai crescendo. . . Você estava lá? Viu Helen e Tony juntos? Eu ouvi

dos lábios dela que amava o marido. Escute, Neely: Helen pode ser um tanto áspera, às vezes, é certo. Acho que o sucesso dela foi tão rápido que, sob certos ângulos, ela não conseguiu se adaptar a ele. No fundo ela é ainda a menina que veio de Nova Rochele e que precisa se fazer de dura para evitar que certas coisas possam feri-la.

— Está bem, desisto — disse Neely. — Ela é adorável, doce, e uma vez que tudo indica que vocês duas vão se tornar inseparáveis, e você é a única pessoa que a compreende, por que não lhe fala sobre a segunda melhor amiga sua e do grande talento que ela tem? Quem sabe me dará uma pequena ponta na peça?

— Ninguém pode com você, Neely. — Sorriu Anne.

— Sabe, posso até ver nós três juntas trocando confidências.

— E por que não? Amanhã, durante o ensaio, vá a Helen e diga que você é minha amiga.

— Sim, claro.

— Por que não?

— Porque simplesmente ninguém vai a Helen sem mais nem menos e fala com ela.

— Tente. Quem sabe terá uma surpresa?

— Claro. Poderemos discutir o melhor meio de lavar meias. Que marca de meia você usa? Acha isso divertido? Então, posso lhe mandar algumas das minhas para você lavar.

— Boa noite, Neely.

— Boa noite. Mas, Anne.. . falei sério. Se essa gloriosa amizade continuar e você tiver uma oportunidade, fale a meu respeito. Por favor, tente... sim?

— Isso é o que eu chamaria de um quarteto fora do comum — disse George Bellows, enquanto colocava os jornais matutinos na mesa de Anne. Ela olhava a fotografia, tirada na noite anterior, no El Morocco. Helen estava grotesca. Gino sorria. Allen fora parcialmente cortado. Sua fotografia, porém, era mais do que lisonjeira. Enquanto lia um recado deixado em sua mesa, perguntou a George:

— Quem é Nick Longworth?

— Uma das maiores agências de modelos da cidade. Por quê? Fizeram-lhe alguma proposta?

— Não sei. Encontrei este recado, pedindo para chamá-los.

— Isso é o que você deveria estar fazendo. Você nasceu para modelo. Mas, provavelmente, acabaria do mesmo jeito — disse George, olhando significativamente para o anel.

O telefone tocou. George despediu-se e saiu.

— Como é, recuperou-se da noite passada? — disse Allen.

— Foi divertido, não foi? — perguntou Anne alegremente.

Allen permaneceu em silêncio.

— Não posso acreditar no que estou ouvindo.

— Gosto de Helen Lawson — disse Anne defensivamente.

— Que é que a faz gostar dela? Suas encantadoras piadas? Suas maneiras de dama? Olhe, Gino é, às vezes, difícil de ser suportado, mas em todo caso ele é meu pai. Mas Helen...

— Gosto do seu pai.

— Você não precisa ser tão gentil, Anne. Afinal, a gente não pode escolher os próprios pais, mas pode escolher os amigos.

— Allen, acho terrível isso que acaba de dizer.

— Por quê? Estou apenas sendo sincero. Se eu tivesse encontrado Gino e ele não fosse meu pai, certamente o acharia barulhento e detestável. Posso admirar suas qualidades como homem de negócios, assim como admiro o talento de Helen no palco. Mas, socialmente falando, posso passar sem eles. Quando nos casarmos, teremos amigos completamente diferentes, entre as pessoas certas. Explicarei tudo a você esta noite.

A cabeça de Anne começou a latejar de dor.

— Allen, tenho dormido muito pouco ultimamente. Desculpe-me, hoje pretendo sair do escritório e ir diretamente para a cama.

— Essa é uma outra coisa que pretendo discutir com você, querida. Por quanto tempo ainda pretende ficar nesse emprego? Até o dia em que casarmos?

— Eu quero trabalhar, Allen. E não quero me casar. Já lhe disse isso.

Allen forçou um sorriso despreocupado.

— Bem, vejo que você está cansada. Olhe, Anne, sei que prometi não apressá-la, mas gostaria que começasse a pensar em casamento. Pensar. . . é tudo o que lhe peço.

O dia foi se arrastando. A agência Longworth chamou novamente. Anne disse que não estava interessada em ser modelo, mas que os chamaria se um dia mudasse de ideia.

Henry chegou depois do almoço. Anne levou-lhe a correspondência, que ele pôs de lado. Mandou que sentasse.

— Bem, o *show* de Ed Holson está ótimo, mas o filho da mãe é de morte. Que é que a gente faz quando tem um bêbado por cliente? Imagine que se embebedou logo após o espetáculo, diante do patrocinador. Claro, tive que fingir que isso nunca aconteceu antes. Vinte mil dólares por semana e se embebedada diante do patrocinador. Por sorte, foi uma de suas bebedeiras mais leves; quando se embebedada de verdade, começa a chamar toda a gente de judeu bastardo.

— Então, por que o aceitou?

— Calcule vinte e cinco por cento sobre vinte mil e terá a resposta. Acontece, também, que ele tem um enorme talento. Escolho os meus amigos entre pessoas de quem gosto, e os meus clientes entre os que têm talento.

A dor de cabeça pesava agora sobre os olhos de Anne.

— Acho que é bastante difícil tratar com integridade todas as coisas.

— Isso nada tem a ver com a integridade pessoal. Trata-se de integridade comercial. Toma-se o melhor e não se deixa que os sentimentos interfiram. No instante em que a gente começa a pensar com o coração, e não com a cabeça, estamos perdidos.

O telefone tocou.

— Alô, sim, querida, como está indo tudo? Sim, claro que vi. Você está ótima. Ela está justamente aqui. Claro. — Passou o telefone para Anne: — É Helen.

— Alô? Como está minha amiga trabalhadora? — A voz de Helen se mostrava alegre.

— Um pouco cansada.

— Eu também. Meu ensaio começou às dez. Estou aproveitando um intervalo de cinco minutos. Ouça, há um novo *show* no Copa esta noite. Chamei Gino e sugeri que fôssemos nós

quatro novamente, e ele logo ficou entusiasmado. Pegaremos o segundo *show*. Isso nos dará tempo de deitar um pouco.

— Allen já sabe?

— Como posso saber? — Helen se calou, e então a voz de menininha se fez ouvir: — Oh, você não quer ir ao Copa, Anne?

— Bem, claro que quero. Principalmente se der para dormir um pouco primeiro.

— Ótimo. E enfeite-se toda, pois todo mundo vai estar lá.

— Devo usar vestido longo?

— Não, vestido curto, mas bem especial. E, por favor, ponha um casaco de pele.

— Bem, tenho um casaco preto. . . — Anne olhou subitamente para cima. Lyon Burke entrara no escritório.

— Ótimo, Anne. E quando você chegar em casa, vai encontrar um pequeno presente que lhe mandei.

— Um presente? Mas por quê?

— Será um novo talismã. Bem, tenho de voltar -ao ensaio — o telefone ficou mudo.

— Anne é a nova amiga de Helen — disse Henry a Lyon.

Lyon sentou-se e esticou as pernas, enquanto dizia:

— Anne é feita daquele estofa duro da Nova Inglaterra, por isso acredito que sobreviverá.

— Estou quase cansada de ter de dizer isto a toda hora: acontece que gosto, realmente, de Helen Lawson.

— Que bom — comentou Henry. — Helen precisa de uma amiga sincera. Acho que bem no fundo ela é uma pessoa muito solitária.

— Ela tem novas amigas em cada estação. — Riu Lyon.

— Não sei se teve jamais uma amiga sincera — insistiu Henry —; a maioria das mulheres tenta usar Helen para alguma coisa, fazendo troça dela. Ela se consagrou como atriz muito rapidamente para poder aprender as pequenas sutilezas. A metade das atrizes que conheço começaram sem nenhum conhecimento de bom gosto ou de boas maneiras. Mas, na medida em que vão ficando famosas, aprendem quais os livros que devem ler, ou dizer que leram, e como devem se vestir. Quando chegam a ser estrelas, todas as arestas

grosseiras estão devidamente suavizadas. Helen passou alguns anos cantando num bar, sem aprender nada. Aí, com a primeira peça, subiu tal qual um foguete. Então já era tarde para aprender, pois as pessoas aceitam tudo de quem é celebridade. Todos riam de sua linguagem pornográfica, fazendo-a crer que era colorida. Prenda-se a ela, Anne, ela precisa de alguém como você.

O telefone de Henry tocou. Ele o atendeu e entregou a Anne.

— Allen.

— Posso atender lá fora — disse Anne, prontamente.

— Calma, você está entre amigos — disse Henry.

Pegou o telefone consciente de que Lyon a estava observando.

— Então, você estava muito cansada para jantar comigo! — A voz de Allen estava furiosa. — No entanto, acabo de saber que vamos todos ao Copa.

— Helen e Gino é que combinaram tudo — disse Anne vagamente.

— Claro. É tão fácil se livrar de mim, mas você não pode negar nada a Helen. Será que a celebridade a fascina tanto?

— Allen, estou no escritório do Sr. Bellamy. Se você quiser, podemos cancelar esta noite.

— Não. . . espere um momento. Eu não queria isso. É claro que vamos.

— Falo com você mais tarde, Allen.

— Anne, sinto muito. Compreendo que você trabalha para Henry Bellamy e que Helen é cliente dele. Depois desta noite vamos esquecê-la, está bem? Se você tem mesmo que sair com ela, então façam compras, almochem juntas, mas mantenha-a longe de nós dois.

Henry segurava o outro telefone, também para Anne.

— Allen, vejo-o esta noite.

Desligou, enquanto Henry lhe passava o telefone e piscava o olho para Lyon:

— Parece que vamos ter de arranjar uma secretária para Anne.

— Ei, qual é o seu endereço? — Era a voz de Helen. — Preciso dele para que o meu presente seja enviado.

Anne lhe disse:

— Oh, m. . . não tenho lápis. Espere. . .

— Helen — disse Anne rapidamente —, pergunte a Neely O'Hara.

— A quem?

— Neely O'Hara. Ela está na peça. Nós moramos no mesmo edifício. Ela o escreverá para você.

— O que é que ela faz aqui? É corista?

— Sim, fazia parte de Os Gaúchos.

Uma pequena pausa.

— Ah, aquela.

— Ela é muito minha amiga. Tem dezessete anos e está apenas dançando na peça; e sabe cantar muito bem. Na verdade, ela tem muito talento.

— Está bem — disse Helen alegremente —, vou pedir o endereço a ela. Você diz que ela canta? Verei se posso lhe dar uma canção na peça. Afinal, a coisa saiu um tanto dura para ela; sinceramente, não tive nada a ver com a história. Verei se posso fazer algo agora. . . tenho uma ideia.

Anne voltou à sua mesa e se perdeu no trabalho. Sua cabeça ainda latejava no fim do dia. Quando chegou em casa, subiu as escadas pensando unicamente num bom cochilo. A porta de Neely estava escancarada. Ela saiu correndo e alcançou Anne na escada.

— Neely, estou realmente cansada. Conversaremos mais tarde, sim?

— Não vou ficar. Só quero ver a sua cara quando vir o presente que Helen lhe mandou. Está no seu quarto. Chamei o servente e fiz com que abrisse a porta do seu quarto.

Anne olhou para o quarto. Não viu nenhum pacote, nada de novo em lugar algum.

— Lá. — Neely apontou para a mesinha-de-cabeceira e Anne ficou olhando estupidamente para um brilhante telefone negro.

— Ela pagou pela instalação e pelos dois primeiros meses. Disse que, depois disso, você já estará provavelmente casada com Allen.

— Não posso permitir que ela faça isso.

— Ouça bem, ela já fez. Não sei, Anne, acho que você lhe pôs algum feitiço. Não há dúvida de que ela foi muito gentil comigo depois que você lhe disse que eu era sua amiga. Agora, isso não mudou as coisas; tenho certeza de que, no fundo, ela é um monstro.

O Copa foi uma repetição da noite anterior. A atenção de todos girava em torno de Helen. As suas grandes gargalhadas, a voz rouca chamando todas as pessoas conhecidas; Gino incentivando-a, enchendo-a de champanha. Aquecida pela atenção pessoal que Helen lhe dedicava, entusiasmada por dois copos de champanha, Anne se tornou um membro participante da camaradagem geral. Só Allen permanecia taciturno.

— Deixaremos Anne primeiro — sugeriu Helen, quando entraram no carro.

— Sim, eu moro mais perto — disse Anne prontamente, evitando os olhos suplicantes de Allen. Quando o carro chegou à frente do edifício, saiu rapidamente, evitando que o motorista a ajudasse a abrir a porta.

— Não saia, Allen. Está frio aqui fora — disse, e subiu as escadas correndo, consciente da fúria de Allen, que ela pôde vislumbrar na semi-obscuridade do carro.

Vinte minutos depois, o telefone tocou, dando o primeiro sinal de vida.

— Eu tinha de inaugurá-lo. — Era a voz de Helen. — Será que a acordei?

— Não, apesar de já estar na cama. — Anne sentia-se verdadeiramente confortável. Em Lawrenceville ninguém tinha telefone ao lado -da cama.

— Foi divertido, hein?

— Foi uma noite maravilhosa — respondeu Anne —; uma das melhores noites de minha vida.

— É. . . — Helen fez uma pausa. — Anne, não estou conseguindo nada com Gino.

— Ele se divertiu muito — disse Anne sinceramente.

— Mas nem sequer tentou me beijar ao dar boa noite — queixou-se; nova pausa. — Sabe, nós deixamos primeiro o garoto. Aí, eu tinha certeza de que Gino ia pedir para subir, para tomar um

último drinque. Recostei-me nele e disse que tinha uma garrafa de Don Perignon no gelo. Quando chegamos, ele simplesmente me deu um tapinha nas costas e disse "boa noite, companheira".

— Bem. . . — Anne procurava as palavras apropriadas —, isso demonstra que ele a respeita.

— Quem quer respeito? O que eu quero é bem o contrário.

A surpresa de Anne devia ter sido audível; Helen continuou:

— Sabe, anjo, quando você tiver andado por aí tanto quanto eu, vai saber que essa é a única maneira de um camarada demonstrar que está caído por você.

— Não, Helen, eu acredito que é bem o contrário.

— Contrário uma m. .. De que outro modo um cara pode demonstrar... ?

— Levando-a para sair, dedicando-lhe tempo, divertindo-se com você.

— Você está brincando? No meu livro, se um cara está caído por você, tenta dormir com você. Mesmo aquele bastardo do meu último marido deitou comigo na noite em que me conheceu. Depois do casamento foi mais devagar, digamos, umas quatro vezes por semana. Daí, caiu a uma vez por mês, e depois nada. Foi quando pus uns detetives atrás dele e descobri que estava me enganando.

— Mas eu já saí tantas vezes com Allen e ele não ficou atrevido.

— Ora, pare com isso.

Por um momento, o silêncio ficou pesado. Helen quebrou-o com a voz de menininha amuada:

— Anne, não fique zangadinha. Acredito no que Anne disse. Más, por Deus, você não quer isso? Como é que você sabe se vai gostar de estar casada com ele? Ele pode ser horrível nesse ponto. Pelo menos você pretende experimentar antes, não pretende?

— Certamente que não.

Desta vez, Helen ficou mais tempo em silêncio e, depois, com um tom de voz duro", mas estranhamente mesclado de admiração, disse:

— Então, é unicamente o dinheiro dele que a interessa.

— Eu saí com Allen durante seis semanas, pensando que era apenas um simples agente de seguros.

— Quer dizer que você é uma dessas mulheres frias?

— Não creio.

— Como, não crê? Não venha agora me dizer também que você é virgem. Você ainda está na linha? Por Deus, aposto que você é virgem!

— Da maneira como você fala, até parece doença.

— Não é; agora, mesmo aos vinte anos, a maioria das moças. . . O que quero dizer, Anne, é que, se você gosta de um homem, quer ser possuída por ele. Não vai querer esperar. . .

— É assim que você se sente a respeito de Gino?

— Claro. E note que nem estou apaixonada por ele, ainda. Mas poderei ficar.

— Bem, dê-lhe um pouco de tempo — respondeu Anne francamente.

— Tentarei amanhã à noite. Há uma estreia no Marti-nique.

— Você tem compromisso com ele?

— Ainda não. Vou chamá-lo amanhã, no escritório, para marcar.

— Helen. . . por que não espera?

— Esperar o quê?

— Dê uma oportunidade para que ele a chame.

— Suponhamos que eu espere e ele não chame?

— Você não gostaria de sair com ele se tiver de forçá-lo a isso, não é verdade?

Anne ouviu Helen bocejar.

— Por que não? Às vezes é bom que um homem se habitue a nós primeiro.

Tinha certeza de que Gino não poderia deixar de sair com Adele durante três noites seguidas, e, mais que tudo, não gostaria de ver Helen humilhada. Por isso, disse:

— Helen, me faça um favor. Não chame Gino amanhã. Dê uma oportunidade para que ele a procure.

— Suponha que ele não procure.

— Está bem, concordo que talvez ele não a chame durante alguns dias, talvez até durante uma semana.

— Uma semana? Essa não! Não vou esperar tanto tempo.

— Talvez você não tenha que esperar tanto. Mas não o chame amanhã. . . não creio que Gino goste de sair três noites seguidas.

— Está bem. Vou lhe dar um dia para que me chame. Acho, porém, que o meu método é o melhor. E eu que queria tanto ir à estreia do Martinique.

— Não há outra pessoa que possa levá-la?

— Bem, sempre posso arranjar alguém. Meu desenhista pode me levar, ou Bobby Eaves, meu acompanhante. Acontece que ambos são bichas. Essa é a grande dificuldade de hoje. Milhares de bichas e poucos homens de verdade. E eu detesto ir a uma estreia com bichas. É como carregar um cartaz: "Isto é tudo o que eu pude conseguir".

— Diria que você pode escolher com quem sair.

— Isso é o que todas pensam quando conquistam Nova York. Era assim nos bons tempos da lei seca. Aquilo sim é que era vida. Os grandes bares com reservados, lugares como o Park Avenue Club, o Ha Ha. Hoje em dia já não há vida noturna. Lembro de que Eddie Duchin tocava no Cassino do Parque e que a gente ia tomar o desjejum no Harlem. . . Naqueles dias, Tony costumava distribuir gorjetas de cinquenta dólares. Hoje em dia aquele que dá um quarto de dólar acha que é um perdulário. Deus, como eu amava aquele Tony! Aquilo sim é que era homem.

— Você não me disse ontem que Frank foi o único homem que você amou?

— E foi. Tony era excitante, mas não tinha coração. Frank, não. Frank era bom, amável e. . . — De repente, começou a soluçar. — Oh, Anne, eu amava Frank. . . sinceramente. . . e agora ele está morto.

— Helen, pense que você, pelo menos, teve o verdadeiro amor uma vez na vida.

— Acredito que sim. . . tive sorte, ter o homem que realmente amei. . . Algumas mulheres nunca conseguem isso.

— Você não amou Henry?

— Que quer dizer com isso?

— Bem, você amou Henry Bellamy, não? — De alguma forma, Anne sentiu que tinha dito algo errado.

— Ele lhe disse isso? — A voz de Helen era gelada.

Anne ficou chocada com a incrível mudança de tom. Em um segundo, todo o calor e a amizade de Helen pareciam ter evaporado.

— Não, desconfiei disso pelo modo como ele fala de você — respondeu Anne, confusa.

— Ei, espere um momento. Você se ofende tão facilmente. Claro que conheço Henry há muito tempo, mas por que será que as pessoas não conseguem esquecer isso? Dormimos juntos, o que não quer dizer nada, nem significou nada, pelo menos para mim. Era muito moça, Henry era importante para a minha carreira, e não havia mais ninguém com quem eu pudesse ser vista em público, e . . . diabos, é a mesma velha história de sempre. Às vezes chego até a esquecer que houve alguma coisa entre nós. E, depois, ele é ainda o meu agente, por isso não lhe diga nada.

— Não tenha medo. Gosto muito de Henry e não iria magoá-lo.

Helen bocejou e disse:

— Engraçado, há um ano, mais ou menos, saímos juntos, Henry e eu. Estava deprimida, e ele subiu comigo. Decidimos experimentar novamente, em memória dos velhos tempos. Nada! Não consegui fingir e Henry. . . bem, ele está com cinquenta e muitos. Não deve ser fácil.

— Gino deve ter a mesma idade. . .

— Lembre-se de que ele é italiano, e esses latinos têm fogo. Não há outros como eles. Oh, esse Gino! Não posso esperar. Ouça, vou chamá-lo agora mesmo e dizer-lhe boa noite. Fazê-lo sonhar comigo. . .

— Helen, não faça isso! São quatro da manhã. Você vai acordá-lo.

— Não acredito; me lembrei dele de repente, e dizem que quando a gente se lembra de alguém sem motivo é porque a outra

pessoa está também pensando em nós. E se Gino está pensando em mim, não está dormindo.

— Isso não foi de repente, Helen. — O tom amigável de Helen fez com que Anne restaurasse sua confiança na amizade da atriz. — Nós estamos aqui há quase uma hora falando de Gino.

— Está bem, farei como você diz. Esperarei que ele me chame.

— Certo.

— Está bem, anjo, falo com você amanhã. Durma bem.

Três dias se passaram sem que Gino chamasse. Helen falava disso a Anne várias vezes por dia, Ela a chamava no escritório, chamava-a em casa, quando Anne se vestia para se encontrar com Allen, chamava-a às duas da madrugada.

Neely pedia-lhe conselhos. Fora convidada para jantar com a família de Mel e não sabia o que vestir. Tirou todos os vestidos do guarda-roupa e queria que Anne a ajudasse a escolher. Naturalmente, sabia que o tafetá cor de púrpura era o mais indicado, só queria ter certeza; então, tiveram uma enorme discussão quando Anne a aconselhou a usar o vestido de lã marrom. Neely achava que era muito velho, tinha dois anos. Argumentaram horas a respeito, até que, finalmente, concordou em vesti-lo, ainda que contra a vontade.

O escritório vibrava com o espetáculo radiofônico de Ed Holson. Anne sentia-se contagiada pela atividade à sua volta, feliz com o seu trabalho. Henry precisava dela; Helen e Neely precisavam dela; escalava o Everest e o ar era revigorante e maravilhoso. Mesmo quando chegava à beira de uma crise, isso fazia parte da vida e ela não tinha de ficar à margem, simplesmente observando.

No quarto dia de silêncio de Gino, Helen decidiu que devia entrar em ação.

— Ouça, não quero saber o quanto ele está ocupado — gritava ao telefone. — Acho que, se um camarada está caído pela gente, pode ao menos tocar o telefone para dizer alô.

— Bem. . . talvez eu esteja errada. Quer dizer. . . talvez ele não esteja interessado — disse Anne cuidadosamente.

Allen comprara entradas para o teatro e ela queria chegar cedo em casa para mudar de roupa.

— Ele está caído por mim, posso sentir isso — insistiu Helen teimosamente —, e vou chamá-lo agora mesmo.

— Por favor, Helen. . .

— Ouça, segui o seu conselho e até agora não ganhei nada com isso.

— Nós concordamos em que ele chamaria, se estivesse interessado.

— Deixei a coisa ir muito longe. A esta altura, já estaria habituado a sair comigo. Oh, esta é a história da minha vida. Acabo sempre levando um pontapé no traseiro. . . — Começou a soluçar. — Sinceramente, Anne, no momento em que eu quero agradar um homem, ele me passa para trás. Já fui magoada mais vezes que qualquer outra mulher. Não tenho nada... só trabalho, trabalho, trabalho, fazer dinheiro para toda a gente e no fim ficar tão só. Pensei que Gino gostasse de mim. Você disse isso naquela noite, no El Morocco. Por que ele não me procura, Anne?

O coração de Anne voou para a pobre mulher. Sentiu uma certa responsabilidade; ela os tinha apresentado. Não ficava bem para Gino não tê-la chamado nem uma vez. Bem que poderia sair com Helen uma vez ou outra; devia até se sentir lisonjeado com isso.

— Helen, um dia mais, está bem?

Nessa noite, depois do teatro, Anne sugeriu a Allen que fossem ao El Morocco. Gino estava sentado à sua mesa habitual. Acenou-lhes e insistiu para que se sentassem com ele. Adele faiscava com o novo casaco de *vison* e dava o braço possessivamente a Gino. Anne ficou, de repente, imaginando o que poderia acontecer entre Gino e Helen. Quase esquecera de como Adele era bonita. Ronnie Wolfe juntou-se a eles. Adele mencionou uma nova boate, que abria na noite seguinte, e Gino, entusiasticamente, convidou Anne e Allen. Foi um erro ter vindo ao El Morocco. Por que teria vindo? Será que, inconscientemente, esperava que Gino se lembrasse de Helen ao vê-la? Olhou a mão

dele acariciar o ombro de Adele e pensou no rosto acabado de Helen. Sentiu uma paixão sem limite pela "velha" atriz.

— Anne, vamos dançar — disse Gino rindo e se levantando. — Sabem que nunca dancei com a prometida do meu filho? Não posso perder esta oportunidade.

Depois de uma volta na pista, Gino, que cumprimentara todas as pessoas que conhecia, disse baixinho, no ouvido de Anne:

— Ouça, Anne. Você tem de me fazer um favor. Procure tirar aquela sra. Lawson de minhas costas.

— Não entendo... — disse Anne, forçando um ar de inocência.

— Ela me telefonou esta noite. Queria saber quando íamos fazer mais uma noitada. Teve o atrevimento de perguntar se eu estava doente e por que não a chamei.

— E por que não a chamou? Pensei que tivesse gostado dela.

— Claro que gostei. Ela é um companheiro. Gostei muito de ter saído com ela. Nunca ri tanto. E sairia de novo com ela se fosse só isso o que ela quer.

A voz de Anne estava fria quando disse:

— Talvez você esteja vendo coisas que não existem.

— Anne. .. — Gino baixou a voz. — Eu não ia lhe contar isso, mas é preciso, para que compreenda. Depois que deixamos você e Allen em casa, naquela noite, imagine que aquele morcego velho teve a ousadia de. . . bem, praticamente, me tocar em certas partes e implorar para que eu subisse para um último drinque. Fingi não compreender e fugi dela como do diabo.

— Eu a acho. . . atraente.

— Claro, porque ela tem idade para ser sua avó e você tem respeito pelas pessoas mais velhas e pelo talento dela. Agora ouça. Anne, do ponto de vista masculino, ela não é atraente. Claro que, quando está no palco, cantando uma de suas famosas canções, ninguém lhe chega aos pés. Quando se trata de ter. . . um romance.

. .

Gino olhou para Adele, que estava na mesa.

— A única coisa que me interessa é o que tenho nos braços.

Anne aspirou profundamente. Não podia suportar a ideia de ver Helen humilhada por uma total rejeição de Gino. Com um pouco

de tempo e a peça saindo em excursão, Helen provavelmente esqueceria Gino. No momento, o orgulho de Helen devia ficar a salvo.

— Estou surpreendida com você, Gino — disse Anne calmamente. — Um homem como você, que criou um império, quer me dizer que é capaz de se apaixonar por uma garota só porque ela tem um lindo rosto? Helen é uma legenda. Você devia se orgulhar de ser visto com ela. Ela é alguém.

— Olhe, querida, você entendeu tudo errado. Quem falou de amor? Você acha que estou apaixonado por aquela sirigaita com miolo de passarinho que está ali? Estive apaixonado, uma vez. . . pela mãe de Allen; ela era uma verdadeira dama. Se um homem de minha idade começa a pensar em amor, então estará sempre metido em dificuldades. Acha que preciso disso agora? Tudo o que quero é uma garota que seja bonita, tenha um belo corpo, e seu nome não precisa ser uma legenda, nem ela precisa ser uma inteligência. Tudo o que ela tem a fazer é ser bonita e me agradar. Estou sempre pronto a pagar a minha parte com algumas peles e outras bugigangas, para que ela se sinta feliz. Sendo assim, que pensa que eu possa querer com Helen Lawson? Agora, Anne, você precisa me fazer esse favor ou eu me verei obrigado a insultá-la.

— Mas você vai a New Haven para a estreia?

— New Haven?

— Gino, foi você quem sugeriu; aliás, prometeu.

— New Haven. . . não! Isso significa horas dentro de um trem. Eu devia estar bêbado. De qualquer maneira, ela não estava muito entusiasmada. Diga-lhe que irei a Filadélfia.

— Você irá?

— Não, mas até lá arranjarei uma desculpa.

— Gino, ela é minha amiga e não tomarei parte no que, tenho certeza, será uma decepção para ela.

— Está bem, então vou lhe dizer. E direi também que ela é uma vaca velha e que me deixe em paz.

— Nunca o perderei se você fizer isso. — Os olhos de Anne fuzilavam de fúria.

Gino a olhou sério e depois sorriu.

— Anne, veja o meu dilema: não quero magoar Helen, mas não vou bancar o apaixonado.

— Você pode ir a Filadélfia para a estreia.

— E daí? Isso só vai encorajá-la.

— Eu não acreditaria nisso — disse Anne com frieza. — Você é um homem atraente; não acho, porém, que Helen vá perder peso se você desprezá-la. E é só porque eu apresentei um ao outro e acho que quando alguém faz uma promessa deve cumpri-la.

— Está bem, está bem. Deus que me ajude a não brigar com um futuro membro da minha família. Vou fazer um trato com você: irei à estreia em Filadélfia se você prometer mantê-la longe de mim até lá. Combinado?

— Muito bem, Gino, combinado.

Cada dia que passava era mais difícil conter Helen. Anne inventou uma história sobre Gino estar envolvido em um grande negócio, muito ocupado para poder sair.

— Está ocupado? E que diabo pensa que eu estou fazendo. Descascando batatas?

— Mas foi você mesma quem sugeriu que ele fosse a Filadélfia, não a New Haven.

— É verdade. Só que não aceito essa história de ele estar muito ocupado. Por mais ocupada que eu esteja, sempre encontro tempo para ver alguém quando quero.

— Então se esqueça de Gino; não acho que ele mereça toda essa atenção.

— Eu quero alguém, Anne. — A voz de Helen ficou ainda mais juvenil. — E não tenho ninguém em vista a não ser ele.

— Helen, talvez Gino não queira ter uma garota fixa. . .

— Claro que quer. Conheço toda a sujeira dele. Anda com uma corista chamada Adele-qualquer-coisa.

— Você sabe disso?

— Claro, leio os colunistas. Olhe aqui: ele saiu comigo e ao mesmo tempo com ela, não é? Quer dizer que ela não é tão importante. Ouvei dizer que ele a sustenta há uns seis meses, e ainda não lhe pediu para deixar de trabalhar e viver exclusivamente para ele, não é? Por isso cheguei à conclusão de que ele está prontinho para fazer uma mudança. E vai ser para mim. Nós nos divertimos tanto nas duas noites em que saímos. . . tenho certeza de que ele vai por mim. Acho que, por causa do meu nome, da celebridade, de toda essa m. . ., ele deve estar um pouco receoso. Olhe, vou chamá-lo agora mesmo.

— Helen!

— Por Deus, Anne! Ficar sentada aqui esperando é que não dá em nada. O negócio é chamar, e, se ele disser que não, não nos

veremos esta noite e pronto.

— Helen, ele irá a Filadélfia.

— Como posso ter certeza?

— Porque Allen e eu também vamos. Eu lhe prometo que os três estaremos lá.

— Está certo. — Helen estava alegre novamente. — Talvez seja para melhor. Os próximos dias serão terríveis com os ensaios. Depois da estreia haverá uma grande festa em Filadélfia. Gino e eu ficaremos lá alguns minutos e depois iremos para a minha suite e. . . Anne, nem queira saber . . .

A semana antes da estreia em New Haven foi uma verdadeira sucessão de crises. O escritório estava sempre tendo reuniões a respeito do espetáculo de Ed Holson, os roteiristas e escritores iam e vinham. Helen chamava, várias vezes por dia, às vezes só para conversar, quase sempre para se queixar de Gino. Ele fora ao El Morocco três noites seguidas com Adele Marin, seu desenhista os vira. E o tal de negócio?

— Helen, ele só se encontra com ela depois das onze, talvez para um drinque rápido.

— Bem, eu também me encontraria com ele para um drinque rápido.

Então, no meio de toda a confusão, Allen resolveu tomar uma atitude. Com Helen temporariamente fora do cenário, tinham voltado a sair sozinhos, como no começo. Certa noite, quando estavam no Stork Club, voltou ao assunto casamento abruptamente:

— Anne, por quanto tempo ainda vai continuar com isto?

— Que quer dizer?

— Quando é que nos casamos?

— Casamos?

— Bem, acho que a ideia era essa. . .

— Allen, pensei que você tivesse compreendido; quero dizer. .

— Eu disse que esperaria. E esperei. Já faz um mês.

— Allen, não quero me casar. Ele a olhou de um jeito esquisito.

— O que eu gostaria de saber é o seguinte: você não gosta do casamento, ou de mim?

— Sabe que gosto de você, mas não posso dizer que o amo se não é verdade.

— Então, me diga uma coisa: já amou alguém em sua vida?

— Não, mas. . .

— Acha que é capaz de amar alguém?

— Claro que sim.

— Alguém que não seja eu.

Anne brincou com a taça de champanha e olhou as borbulhas. Não podia suportar a expressão dos olhos de Allen.

— Anne, o que eu acho é que você tem medo do sexo.

Desta vez foi ela quem olhou esquisito para ele.

— Suponho que vai dizer que eu ainda não fui despertada devidamente. . . e você irá mudar tudo isso.

— Exatamente. Suponho que já lhe disseram isso antes.

— Não, mas já ouvi a mesma coisa em certos filmes de mau gosto.

— Certas coisas parecem vulgares porque são verdadeiras. E é tão mais fácil zombar da verdade.

— Da verdade?

— Você tem medo da vida, medo de viver.

— É isso que você pensa? Só porque não me caso com você agora, apressadamente? — Tinha um leve sorriso nos olhos.

— Você acha que é natural chegar virgem aos vinte anos de idade?

— A virgindade não é um defeito.

— Não em Lawrenceville, é claro. Mas foi você quem disse que não queria ser como as pessoas de Lawrenceville. Deixe que lhe conte alguns fatos. A maioria das moças de vinte anos não é virgem. Na verdade, muitas dormem até com homens que nem amam, levadas pela curiosidade e pelo impulso natural do sexo. Não acredito que você tenha tido a mais leve intimidade física com um rapaz. Como pode saber que não gosta de uma coisa se nem ao menos experimentou? Alguma vez na sua vida já experimentou se abrir com alguém, seja uma criança, uma mulher, ou um homem?

Anne, sinto que tenho que quebrar esse gelo, porque a amo e porque não quero vê-la transformada em mais uma solteirona murcha da Nova Inglaterra. Ouça, Anne, esqueça a minha pessoa por um momento. Haverá alguma outra pessoa com quem você se importa? Algumas vezes tenho vontade de sacudi-la, só para ver se é possível brilhar algum sentimento nesse seu rosto perfeito. Terça-feira passada não significou nada para você?

— Terça-feira? — Anne não se lembrava.

— O Dia de Ação de Graças, Anne. Comemoramos no 21. Meu Deus, será que Você não se importa nem com isso? Eu tinha esperança de que me convidasse para conhecer sua mãe e sua tia, em Lawrenceville, naquele dia.

— Alguém devia estar no escritório na quarta-feira; a Srta. Steinburg fora a Pittsburg, para ver a família.

— E você, Anne? Você é filha única. Será tão pouco ligada à sua mãe? Você já notou que nunca a menciona? Que eu nem sei o que é que ela pensa de nós?

Anne brincava com o palito do coquetel e pensava. No começo, escrevera à mãe todas as semanas; depois, notou que as respostas eram forçadas; finalmente, deixou de escrever. Claro que a mãe não podia se interessar por-Nova York, Neely ou Henry Bellamy.

— Telefonei a ela quando os jornais publicaram a notícia do nosso noivado.

— E que foi que ela disse?

— Mamãe? Bem. ... "Anne, você provavelmente sabe o que está fazendo. Toda a gente de Lawrenceville leu a notícia nos jornais de Boston. Imagino que os homens de Nova York sejam iguais a qualquer outro homem. Só que ninguém sabe coisa alguma sobre suas famílias. Esse rapaz será, por acaso, parente dos Cooper de Plymouth?" — Arme sorriu vagamente. — Ela disse que eu devia saber o que estava fazendo. Como de costume, estava errada.

— Quando me apresentará a ela?

— Não sei, Allen.

— Pretende trabalhar para Henry Bellamy o resto de sua vida? É essa sua suprema ambição?

— Não. . .

— Então, que é que realmente quer, Anne?

— Não sei o que quero fazer realmente, mas sei o que não quero fazer. Não quero voltar a Lawrenceville. Prefiro morrer. Não quero me casar, pelo menos, enquanto não me apaixonar realmente por alguém. E quero me apaixonar, Allen, quero-o desesperadamente. Quero ter filhos, ou melhor, uma filha, quero amá-la, ser amiga dela.

Allen inclinou-se para lhe dizer: .

— Querida, você nunca se abriu como hoje, desde que a conheço. Talvez você não me ame, mas deseja tudo aquilo que eu também desejo. Não, não diga nada. — Allen pôs os dedos nos lábios de Anne, quando ela tentou falar. — A nossa garota há de frequentar os melhores colégios e debutar no devido tempo. Vamos ter amizades com as pessoas certas, teremos um agente para notícias à imprensa, tudo o que quisermos. Frequentaremos Newport e Palm Beach. Chega de Miami e do Copa.

— Allen, mas eu não o amo.

— Você não ama ninguém. Mas vi seus olhos brilharem quando disse que gostaria de amar alguém, e que gostaria de ter uma filha. Está tudo em você, basta que alguém a desperte. Você é o tipo de mulher que se transforma em amante selvagem e total.

— Allen!

Ele sorriu.

— Não, não me dê palpites sobre o que não sabe. Não quero parecer convencido, mas tenho andado muito por aí. Eu a despertarei. . . até um ponto que você não julga possível.

— Não ficarei aqui ouvindo isso.

— Está bem. Não direi mais nada. Não direi mais nada sobre casamento até. . . o Natal. Então marcaremos a data.

— Não, Allen.

— Eu sempre consigo o que quero, Anne. E desta vez eu quero que você me ame. E agora, nem mais uma palavra. Até o Natal.

Isso tinha acontecido na terça-feira.

Na quarta, o elenco de *Tocando as Nuvens* partiu para New Haven, a fim de se preparar para a estreia, na sexta-feira.

Na quinta, Henry Bellamy disse:

— Anne, amanhã partimos para New Haven pelo trem de uma hora, e já reservei quarto para você no Taft.

— Para mim?

— Você quer ir? Lyon e eu teremos de estar lá, pensei que você gostaria de ir também. Afinal, você é amiga de Helen e daquela garota que está na peça, a Neely O'Hara.

— Adoraria ir. Nunca estive numa estreia.

— Então, prepare-se, não há nada que se compare a uma estreia em New Haven.

*Dezembro 1945*

Encontraram-se na Estação Central. O dia estava frio e ventava. Henry parecia cansado. Lyon cumprimentou-a com um sorriso cálido. No trem sentaram-se no carro de estar. Os dois homens abriram suas pastas e se curvaram para discutir diversos contratos. A viagem de trem era uma extensão do seu dia de trabalho. Anne tentou se concentrar na revista que estava em seu colo. Os raios de sol que passavam pela vidraça conseguiram penetrar as nuvens que caíam sobre a paisagem de inverno. Pensou em Lawrence-ville. Em Nova York já tinha esquecido como o inverno podia ser frio e desolado — as luzes de néon, as multidões que se movimentavam, as ruas cheias de táxis transformavam a neve em uma lama cinzenta que rapidamente desaparecia; esquecerera as grandes planícies geladas, a solidão do inverno, as longas tardes que entravam pela noite adentro, passadas na grande cozinha, em companhia da mãe e da tia Amy. De vez em quando, o cinema, o boliche, uma reunião de *bridge*. Deus, agradeço-lhe por ter me dado forças para fugir. Jamais permita que eu tenha de voltar. Jamais!

Quando o trem entrou na escura estação de New Haven, as duas pastas se fecharam e os dois homens se levantaram, a fim de esticar as pernas. O rosto de Henry denotava cansaço e apreensão.

— Bem, lá vamos nós para a linha de fogo — disse.

Lyon tomou o braço de Anne.

— Vamos, menina. Você vai se divertir com sua primeira estreia em New Haven e eu não vou deixar que Henry a estrague.

— Já estive umas cinquenta vezes em New Haven — disse Henry — e só quando chego aqui é que me lembro como odeio isto. New Haven é a cidade das dificuldades. Com um espetáculo de Helen Lawson, então, é desastre total.

O hotel tinha uma aparência triste.

— Encontre-nos no bar — disse-lhe Henry — e se eu fosse você não chamaria Helen agora. Ela é um monstro em New Haven. Provavelmente, ainda está no teatro. Vou até lá falar com ela, é aqui pegado ao hotel.

Anne abriu as malas rapidamente. O quarto era pequeno e deprimente. Nada, entretanto, podia obscurecer o seu entusiasmo e alegria. Sentia-se como uma mocinha em sua primeira viagem só e estava cheia de expectativa, como se a qualquer momento algo de maravilhoso pudesse acontecer. Foi até a janela e olhou para a rua. A escuridão cinzenta do inverno estava começando a cair sobre a cidade e as luzes iam lentamente aparecendo. Do outro lado da rua o anúncio de um restaurante piscava incertamente. Anne se voltou bruscamente quando o telefone tocou.

Era Neely.

— Acabo de voltar do ensaio. O sr. Bellamy estava no teatro e me disse que você tinha vindo! Oh, Anne, estou tão emocionada!

— Eu também. Como está o espetáculo?

— Horrível — Neely falava naquele seu modo, sem tomar fôlego. — Na noite passada tivemos um ensaio geral que foi até as quatro da manhã. Helen está tentando tirar mais um número de Terry King. Terry abandonou o ensaio e o seu agente veio se entender hoje com Gil Case. Terry diz que Helen não pode lhe tirar mais uma canção. E a dança com Os Gaúchos está horrorosa. Aposto que será cortada; então, Charlie e Dick cairão fora. — A voz de Neely demonstrava pura alegria.

— Neely, que horror! Helen já voltou?

— Não, ainda está no teatro, fechada no camarim com Henry Bellamy. Não sei se conseguirão resolver tudo a tempo.

— Acha que não haverá estreia esta noite?

— Ora, a cortina terá que subir de qualquer maneira. Mas vai ser terrível. Ei, Anne, você sabe que Mel está aqui?

— Então deve ter vindo no nosso trem.

— Não, chegou ontem. — E depois de uma pausa: — Ei. . . Anne, aconteceu!

— Aconteceu o quê?

— Você sabe.

— Neely, você quer dizer. . .

— Isso mesmo. Claro, foi dolorido, e eu não consegui. . . mas Mel me compensou de outra forma.

— De que você está falando?

— Ora, você sabe.

— Neely!

— Anne, pare de ser afetada. Só porque você não faz o mesmo com Allen, isso não significa que eu seja uma vagabunda. Acontece que amo Mel.

— E isso desculpa tudo.

— Certíssimo. Nós dois nos queremos, nos amamos. Hoje em dia as pessoas não se casam só por isso. Sei que Mel me respeita e me ama hoje, tanto quanto ontem, ou até mais. E eu o amo. Além disso, não podemos nos casar ainda, pois ele precisa ajudar a sustentar os pais. Mas, se a peça fizer sucesso e eu puder contar com os meus cem dólares por semana, casaremos imediatamente.

— Neely, o que você fez. . . — Anne se engasgou, embaraçada.

— Ouça, Anne. Mel diz que tudo o que duas pessoas que se amam fazem juntas é normal. E, além de tudo, é sensacional! Mal posso esperar por esta noite.

— Neely, por Deus!

— Espere até que aconteça com você. Eu a vejo depois do espetáculo. Preste atenção em mim, tenho três linhas na segunda cena.

Lyon estava sentado a uma mesa no bar.

— Henry ainda está no teatro. Pedi um fresco para você, está bem? — disse-lhe, sorrindo.

Anne olhou para o copo com um sorriso.

— Talvez eu deva aprender a tomar uísque. Sinto que até os garçons me olham com desaprovação.

— Então, olhe-os também da mesma forma. Nunca deixe que alguém a obrigue a fazer algo que realmente não quer. Mantenha sua personalidade.

— Não acho que já tenha uma.

— Todos têm uma. Ou duas. Uma para si e outra para exhibir. Acho que você gosta de se mostrar enigmática enquanto não encontra o seu verdadeiro eu.

— Lembro de que você disse que sou uma lutadora. . .

— Sim, pelos outros.

Anne sorveu um gole de refresco. Lyon ofereceu-lhe um cigarro.

— Terei dito algo de errado? — perguntou.

— Não. Acho que acertou em cheio. Lembre-se de que já lutei por uma coisa que desejava.

— Sim, você veio para Nova York. . . mas, diga-me, Anne, você terá conseguido tudo o que queria na vida?

— E você? — Os olhos dela se encheram de raiva. — A guerra acabou. A vida continua. Pretende lutar por mais alguma coisa?

— Estou lutando agora — disse ele, calmamente.

— Parece que não consigo dizer nada inconsequente ou divertido quando estou com você — lamentou-se Anne. — Mas não fui eu quem começou. E acho que vou mesmo tomar um uísque.

Quando as bebidas chegaram, Anne fez um brinde:

— Espero que depois de engolir isso eu consiga dizer algo que o faça rir.

Ela tomou a metade do uísque de um gole só e então disse, mansamente:

— Tem um gosto horrível e não consigo ainda dizer nada de espirituoso.

Lyon tomou-lhe o copo:

— Por que é tão importante me fazer rir?

— Eu o vi no La Ronde, com Jennifer North. Você ria de tudo o que ela lhe dizia. Do que era? — Tomou outro gole.

— Vamos, termine o uísque. Afinal, foi uma boa ideia tomá-lo. Agora está lutando por você.

— E você, Lyon, por quem está lutando?

— Por você.

Seus olhos se encontraram.

— Então não precisa lutar — disse Anne quietamente. Rapidamente, Lyon tomou-lhe a mão. O brilhante de Allen machucou-a, mas ela não deu sinal de ter sentido nada. Os olhos de Lyon estavam tão perto dos seus. . .

— Bem, percebe-se que vocês, os dois, já tomaram alguns — disse Henry Bellamy, alegremente, ao se aproximar, fazendo um sinal ao garçom para que trouxesse uma bebida.

Anne retirou a mão. Henry sentou e suspirou:

— Continuem de mãos dadas. Não se incomodem comigo. Diabos, afinal são ambos jovens, divirtam-se. Quando se é jovem, a gente acredita que a juventude é eterna. De repente, um dia, acordamos, e estamos com mais de cinquenta anos. Os nomes que aparecem no obituário não são mais de gente desconhecida, mas de contemporâneos e de amigos.

O uísque de Henry chegou e ele o tomou de um gole só.

— Ânimo, Henry — disse Lyon alegremente. — Nada pode ser tão terrível. — Apertou a mão de Anne sob a mesa, com uma intimidade excitante.

— É ainda pior — insistiu Henry. — Esta estreia, por exemplo, promete ser a mais terrível de todas. Ou Helen está ficando mais dura ou eu estou ficando velho.

— Helen é sempre um monstro até a estreia em Nova York — disse Lyon, calmamente.

Henry tirou do bolso um caderninho de notas e perguntou:

— Querem ouvir uma boa? E isto é apenas o começo: "péssima luz no número de bateria; na segunda cena, o vestido de gala é horrendo; a orquestra está tocando alto demais durante a canção; a canção de Terry King atrasa a peça e ela a canta como se fosse uma marcha fúnebre; a sequência do sonho com as coristas é muito longa; todas as minhas canções terminam ao se apagarem as luzes; quero agradecer aos aplausos, pelo menos, em uma; a canção

que canto com o galã terá de ser transformada em solo para mim, pois o rapaz é desafinado; Terry King desempenha o papel séria demais, tirando o equilíbrio do elenco". — Sacudiu a cabeça e pediu outro uísque.

— Por Deus, odeio este bar — disse, olhando à volta e acenando para alguns agentes e produtores que tinham vindo para a estreia. — E odeio cada filho da mãe que vem até aqui esperando ver um fracasso. Principalmente quando o produtor é um diplomado em Harvard, como Gil Case. — Suspirou profundamente e terminou: — Este é o bar mais miserável do mundo e eu passei nele as mais miseráveis noites da minha vida.

Anne e Lyon trocaram um sorriso. Ela olhou à volta e achou que estava no mais belo bar do mundo. Se pudesse reter para sempre este momento. . . pensou. Não importa o que me possa acontecer daqui por diante, este será o momento mais maravilhoso da minha vida.

Jantaram no antigo salão de refeições do hotel. Henry e Lyon conheciam quase toda a gente que lá estava. Ninguém do elenco da peça estava presente. Todos os atores deviam estar em seus camarins, engolindo rapidamente um sanduíche. Anne olhava constantemente para Lyon e, quando seus olhos se encontravam por um momento, não podia acreditar que aquilo estava acontecendo. Acontecendo exatamente como ela havia sonhado.

Henry pediu a conta.

— Anne, pelo que vejo a excitação da estreia a contagiou — você nem tocou no prato. Bem, poderá comer mais tarde. Gil Case oferece uma festa depois do espetáculo.

O teatro estava repleto. Com toda aquela gente de teatro presente, a estreia dava a impressão de ser em Nova York. Anne estava entre Lyon e Henry, na terceira fila. As luzes se apagaram e a orquestra começou a tocar a abertura. Lyon tomou-lhe a mão. Ela apertou a dele, tonta de felicidade. O espetáculo começou por um número musical. O guarda-roupa era alegre e bonito. As coristas, que pareciam cansadas e sem atrativos há algumas horas, estavam lindas, roupas e maquilagem cor de pêssego. Em alguns minutos a

plateia estava eletrizada — uma intangível corrente parecia ligá-la aos atores no palco e nascer um novo sucesso.

Quando Jennifer North surgiu, caminhando indolentemente dentro da luz de um holofote, um suspiro correu por toda a assistência. Usava um vestido dourado, que parecia ter sido costurado ao seu incrível corpo.

— Jesus! — murmurou Henry. — Desta vez ela conseguirá um contrato de cinco anos. Weis, da Twentieth, está aqui, e também Meyers, da Paramount.

— Terá de ser um ótimo contrato — interveio Lyon.— Ela está caída por Tony Polar e só o deixará se o contrato for desses que não se pode recusar.

— Tony nunca se casará com ela. Deixe isso comigo.

— Lá está sua amiga — disse Lyon rápido.

Anne só percebeu Neely quando esta já saía do palco, acompanhada por dois dançarinos do conjunto. Em seguida, Helen fez sua entrada e a peça parou — o teatro inteiro a aplaudia com um entusiasmo que beirava a histeria. Parada, com um leve sorriso nos lábios, agradecia a aclamação. Todos os que estavam no palco, lá estavam por causa dela; o teatro estava cheio por causa dela; todos os músicos ali estavam por causa dela; a peça fora escrita para ela; se Gino estivesse ali, estaria gritando e aplaudindo, como todo mundo. Depois do espetáculo, pediria a Anne que "o livrasse dela", mas naquele momento ela era a namorada de todos.

E, afinal, a peça era de Helen, do começo ao fim. Cada canção que ela cantava enchia o teatro com uma nova onda de aplausos. Não era mais uma plateia que ali estava, mas verdadeiros devotos, que se uniam para a adoração de Helen Lawson. A risada rouca, que fazia Anne estremecer em público, parecia saudável e vibrante quando dada no palco. Neely brilhou em sua pequena ponta. Jennifer North apareceu com um vestido bastante revelador, imediatamente aprovado pela assistência, a julgar pelos aplausos que recebeu. Terry King mereceu muitos aplausos pelas duas canções, cantadas em uma voz muito mais suave e bonita que a de Helen; entretanto, a personalidade de Helen se impunha acima de todas; a autoridade que dela emanava era uma arte por si só.

— Acho Terry uma ótima atriz — murmurou Anne ao ouvido de Lyon— mas não é competidora para Helen. É uma atração apenas regular.

— A beleza dela, porém, está acima de regular — respondeu Lyon.

Durante o intervalo, saíram para o corredor. Gil Case fez um sinal e eles o seguiram até o bar.

— Gil, é o melhor espetáculo que Helen já estrelou — disse Henry, enquanto tomavam uma bebida.

— Também acho, meu caro — concordou Gil, com um sorriso feliz. — Talvez precisemos cortar umas poucas coisas; no geral, vai ficar exatamente assim. Nem precisaremos ir até Boston; quatro semanas em Filadélfia resolvem.

— Certo. Se os cortes forem nos lugares precisos.

Olharam-se em silêncio até que Gil Case forçou um projeto de sorriso.

— Ora, Henry, você sabe muito bem que estou numa enrascada. O contrato de Terry King é válido pelo tempo em que a peça estiver em cartaz, quer ela trabalhe ou não. Por isso não posso despedi-la.

— Como foi que ela conseguiu um contrato desses?

— Boa pergunta essa. Acha que uma atriz que conheça Helen Lawson aceitaria um papel numa peça dela sem um contrato desses? Olhe para o passado: Betty Mobile, despedida em Boston; era boa demais. Sherry Haides teve o papel cortado da peça em Filadélfia; era boa demais. Será que terei de continuar? Não se consegue uma boa atriz para uma peça de Helen, a não ser que concordemos em assinar um contrato igual ao de Terry King.

— Helen não vai permitir que ela estreie em Nova York, disso eu tenho plena certeza — disse Henry mansamente.

— Henry, peço-lhe, fale com Helen. Se eu despedir Terry King, como poderei me justificar perante os meus financiadores? Tenho mais duas peças programadas para esta estação, por isso preciso deles. Se despedir Terry King, serei obrigado a lhe pagar quatrocentos dólares por semana, até 1.º de junho, e o mesmo salário para a atriz que a substituir. Somando as percentagens de

Helen, mais o seu salário, bem... aí está uma coisa que eu não posso fazer.

— Gil, se você mantiver Terry, isto vai lhe custar muito mais dinheiro e preocupações. Vamos ver: se Terry ficar, Helen reclamará todo o tempo a respeito dos números e das orquestrações. Você terá que ficar três semanas em Boston. Pense nas despesas de transporte — vai achar oitocentos dólares por semana uma pechincha. Então, de repente, Helen ficará detestando todo o seu guarda-roupa. Exigirá, também, que você contrate compositores de fora. Agora, livre-se de Terry, Helen vai adorar tudo na peça, incluindo você, e poderão estrear em Nova York logo depois de Filadélfia.

— Bem, há sempre o outro meio. — Gil sacudiu os ombros.

Henry concordou em silêncio e Gil soltou um suspiro, dizendo:

— Tentarei; na verdade, estou ficando velho demais para estas excursões.

Henry deixou dinheiro na mesa e os três voltaram ao teatro. O segundo ato era ainda melhor que o primeiro. Helen cantou duas canções que fizeram parar o espetáculo, e ela foi obrigada a voltar ao palco três vezes. A peça era um sucesso eletrizante; a audiência se recusava a deixar Helen sair do palco e ainda aplaudiam quando o pano baixou no final. O programa que Henry tinha na mão estava todo cheio de anotações, para modificações e cortes. Sua testa estava franzida quando saíram para o corredor.

— Por sua cara, a gente fica pensando que a peça é uma droga — disse Anne, com alegria.

— Não, querida, estou pensando nas batalhas que virão. Mas não há dúvida de que é o melhor espetáculo que Helen já fez. — Depois, acendendo um cigarro, acrescentou: — Bem, vamos abrir caminho até os bastidores.

Havia uma multidão em frente ao camarim de Helen. Todos queriam abraçá-la e lhe desejar boa sorte. Ela estava na porta, grotesca, com a pesada maquilagem que usara no palco. Sorria e aceitava os cumprimentos com falsa simpatia. Quando viu Henry, Lyon e Anne, gritou:

— Ei, vocês, entrem. — Quando Anne passou, disse-lhe ao ouvido: — Assim que me livrar destes chatos iremos à festa de Gil.

Então, com um largo sorriso, dirigido ao primeiro da fila, continuou a cumprimentar a todos efusivamente.

A festa estava animada quando chegaram; à entrada de Helen, todos ficaram em silêncio por um momento, antes de explodir em uma tremenda ovação. A atriz agradeceu com bom humor e fez sinal para que todos continuassem se divertindo. O assessor de imprensa apresentou-a a alguns jornalistas locais e aos financiadores da peça. Lyon levou Anne para um canto e trouxe-lhe um refresco e um prato de sanduíches.

— Tem comida quente do outro lado — disse. — Irei buscar alguma coisa quando a multidão se dispersar.

— Não estou com fome — respondeu Anne, enquanto seus olhos corriam à volta. Não vejo Neely por aqui.

— Só os principais atores são convidados para esta festa — explicou Lyon. — As coristas e o resto do elenco têm sua própria festa.

— Mas isso é desagradável.

— Na verdade, não é. Fazem coleta entre si, conseguem comida bem melhor que esta, reúnem-se no -quarto de um deles e se divertem esplendidamente, gozando e criticando todos os atores que estão nesta festa.

Um murmúrio passou pela sala quando Jennifer North entrou, escoltada por Jim Taylor, principal colunista de New Haven. Cada vez que Anne olhava Jennifer North, a incrível beleza da moça a espantava, como se ainda não a tivesse visto. Observou os financiadores da peça lutarem por uma apresentação e, mais uma vez, ficou encantada com a atenção que Jennifer conseguira dispensar a cada um. Helen juntou-se a eles e se sentou a uma cadeira.

— Vocês é que são espertos, escondidos neste canto. Só Deus sabe como detesto estas festas. É o jeito de Gil compensar os financiadores; eles adoram se misturar à gente de teatro.

Gil Case juntou-se a eles.

— Há um ótimo frango lá do outro lado — disse. — E também comida chinesa.

— Gil, por que você sempre serve essa m. .. em suas festas?  
— perguntou Helen.

— É ótima comida. Recomendação do hotel.

— Claro. E também recomendou rosbife; só que é caro demais.

— Ora, Helen, essa noite é sua. Divirta-se.

Dizendo isso, desapareceu entre a multidão.

— Ei, Gil — gritou Helen, indo atrás dele. — Temos um assunto a tratar.

— O coitado não escapa desta — comentou Lyon.

— Você acha mesmo que ela vai insistir na saída de Terry King? — perguntou Anne.

— Não cederá nem um fio de cabelo.

— Talvez eu devesse falar com ela — disse Anne pensativamente. — Terry King não pode competir com Helen, mas merece uma oportunidade. Tenho certeza de que a convenceria.

— Anne, não tente, ela arrancaria sua cabeça.

— Não, Lyon, somos amigas. A verdade é que ninguém trata Helen como ser humano. Sei que ela me ouvirá.

Lyon tomou-lhe as mãos e olhou-a nos olhos.

— Anne, maravilhosa Anne. Como foi que você veio parar no meio dessa corrida de ratos? Você acha que conhece Helen; olhe, sob o verniz, só existe puro aço.

— Você está errado, Lyon. Sei que conheço Helen. Falo com ela todas as noites, até tarde. Então ela tira a máscara e fala com o coração. É uma mulher maravilhosa. Toda essa dureza é fingida. Ninguém se dá ao trabalho de ir até o fundo para conhecê-la.

Lyon sacudiu a cabeça.

— Posso acreditar nisso, mas essa não é Helen: essa faceta só aparece raramente, e se eclipsa em um segundo. Agora, a dureza, esta está sempre presente.

— Lyon. . .

De repente houve uma movimentação intensa, no momento em que alguém apareceu com um monte de jornais, que saíam

pela manhã. Helen agarrou alguns e leu avidamente as críticas da peça. Gil Case lia em voz alta. A peça era considerada um sucesso sem precedentes. Os críticos elogiavam a música, o texto e, sem exceção, aplaudiam o desempenho de Helen. Era a legenda viva, a maior atriz musical de todos os tempos etc. Terry King também recebeu alguns elogios e a beleza de Jennifer North foi comentada por todos. Todos se congratulavam. Os financiadores apresentavam sorrisos idiotas e cercavam Helen de atenções.

— Este é o melhor momento para fugir — murmurou Lyon.

Já estavam à porta quando Henry lhes bloqueou a saída, dizendo, como quem não quer nada:

— Vão a algum lugar?

— Pensamos em ir jantar decentemente no outro lado da rua — respondeu Lyon.

— Oh, não, meu rapaz. Você não vai me deixar aqui sozinho com isto.

— Com quê? O espetáculo está perfeito. — Lyon fazia um ar inocente.

— Claro. Só que Helen insiste numa reunião imediata com Gil Case.

— Quando?

— Dentro de dez minutos, no apartamento de Gil. E eu preciso de você, pelo menos para conforto moral.

Anne disfarçou o desapontamento com um sorriso.

— Vá, Lyon. É tarde, já, e eu não tenho fome.

— Não, já que conhece a verdadeira Helen, talvez possa desenterrá-la para nós. Precisamos de toda a ajuda que for possível obter.

A atmosfera no apartamento de Gil Case oferecia um violento contraste à alegria da festa. Helen, num sofá, sorvia champanha com aquele ridículo beicinho de menina amuada. A maquiagem do rosto se desfazia, deixando aparecerem sulcos e rugas.

— Isto é uma loucura completa! — exclamava Gil, levantando os braços em desespero. — Aqui estamos nós, com cara de velório, quando temos garantido o maior sucesso da temporada nas mãos.

— Pode apostar nisto — rosnou Helen. — Todas as minhas peças são sucesso. E esta fará de você um homem rico. Com certeza, vai vendê-la a Hollywood, enquanto eu fico sentada, vendo Betty Grable ou Rita Hayworth fazendo o meu papel. Sobre isso, está bem, sei que o jogo é esse. Agora, não sou obrigada a assistir a uma reles vagabunda, como Terry King, conseguir um contrato cinematográfico através dos meus esforços.

— Helen, ela não teve mais que uma simples referência nos jornais.

— Sim? Um deles disse que ela era um sucesso no cinema. E ela tem também a melhor canção da peça.

Henry resolveu entrar na conversa:

— Helen, já falamos sobre isso. Não há possibilidade da canção ser reescrita para o seu papel. Os rapazes passaram duas noites seguidas tentando; você sabe que é uma canção para a ingênua da peça.

— Disseram também que Jennifer North será um sucesso no cinema — acrescentou Gil.

— Sim, mas Jennifer não canta — lembrou Helen.

— Helen, Terry King não pode fazer sombra a você — insistiu Henry.

— Aposte o seu traseiro nisso — ela não terá essa oportunidade. Essa peça é minha, e eu não sou Papai Noel. A única estrela que há de brilhar numa peça de Helen Lawson é a própria Helen Lawson — gritava.

— A garota é boa — insistiu Gil, mais uma vez —, as duas canções que ela canta ajudam a peça. O que é bom para a peça é bom para você. E, como eu já disse, o espetáculo é seu.

— Se ela é tão boa assim, faça-a estrela do seu próximo espetáculo. Quanto dinheiro acha que os seus financiadores estão dispostos a arriscar no nome dela?

Henry se levantou.

— Helen, você é grande demais para isso. A garota não pode ofuscá-la e merece uma oportunidade. Lembre-se de que você também teve de começar, de sua primeira peça. Suponhamos que

Nancy Shaw a tivesse despedido em New Haven. Onde estaria você hoje?

— Onde, com todos os diabos, está Nancy Shaw hoje? Ouça, Henry, ela estava saindo dos quarenta quando eu estava começando, e, se ela tivesse sido esperta, teria se livrado de mim. Tão presunçosa, porque era considerada uma beldade, achava que eu não podia concorrer com ela em beleza; acho que não podia mesmo. O caso é que consegui me sobressair, o que não quer dizer que o mesmo deva acontecer com Terry King, é claro. Ela não é Helen Lawson. E, já que falamos nisso, Nancy Shaw não era Helen Lawson também. Eu aprendi com o erro que ela cometeu; ninguém vai me usar para construir o seu próprio ninho.

Gil sacudiu os ombros.

— Ela tem um contrato que vale pelo tempo em que a peça estiver em cartaz.

O sorriso de Helen era sórdido, quando disse:

— Conheço tudo a respeito dessa espécie de contratos.

— Mas, Helen, ela teve boa crítica. Não posso, simplesmente, chegar aos financiadores e dizer que preciso despedi-la porque não está bem no papel.

— Concordo — respondeu Helen amavelmente.

— Além disso, não será boa publicidade para você se houver qualquer comentário sobre uma despedida assim — continuou Gil.

— Certo — concordou Helen —, isto é a última coisa que iríamos querer. Pelo menos aí estamos de acordo. — Os olhos de Helen se estreitaram e ela continuou: — Por isso, livre-se dela de maneira inteligente. Você pode fazê-lo. Já fez isso antes.

Parecia que Gil Case tinha diminuído dez centímetros no tamanho quando encolheu os ombros e suspirou.

— Está bem. Acho porém melhor esperar até Filadélfia.

— Essa não! — berrou Helen. — Deixá-la ganhar mais alguns bons comentários da crítica? Livre-se dela neste fim de semana.

Gil perdeu um pouco da paciência:

— Minha querida, quem a substituirá na estreia de segunda-feira na Filadélfia?

— Mande chamar Penny Maxwell. Ela se candidatou ao papel e aprende muito depressa. Além disso, foi ela que eu quis desde o começo.

— Está ensaiando para o espetáculo de Max Seller.

— Você está brincando? Cristo! A voz dela é esganiçada e ela é uma porca.

— Então fica assim. Terry estreia em Filadélfia. Não há outro jeito. Ainda que eu consiga falar com todos os agentes teatrais de Nova York, amanhã de manhã, não há ninguém que possa aprender o papel a tempo.

— Conheço alguém que pode — disse Anne subitamente, enquanto todos olhavam para ela. — Sei que não é da minha conta. . . — acrescentou nervosamente.

— Quem é que você conhece, meu anjo? — perguntou Helen candidamente.

— Neely O'Hara. É a substituta eventual de Terry. Sabe todas as canções e canta bem.

— Fora de cogitação — berrou Gil. — Ela está como substituta apenas durante a excursão. Em Nova York, pretendo arranjar uma melhor. Neely é muito insignificante. Parece uma orfãzinha desamparada.

Os olhos de Helen ficaram ainda menores.

— E com quem deve parecer a ingênua da peça? Com uma ruiva voluptuosa, que acabou de sair de uma cama?

— Helen, o papel é importante. Não posso me arriscar a estrear em Filadélfia com uma menina desconhecida.

— Ela trabalhou em teatro de variedades durante toda a vida — afirmou Anne. — Está habituada com o público. E depois, sr. Case, Neely poderá fazer o papel.

Gil Case ainda hesitava:

— Bem, podemos tentar. . . acho. Afinal de contas, terei três semanas em Filadélfia para achar outra, se ela não servir.

— Então está tudo combinado. Podemos ir todos dormir — disse Helen, levantando-se.

— Como cordeirinhos — murmurou Gil. — Só que eu é que terei de me arranjar com Terry King.

— Aposto que já se arranhou muito bem com ela antes de assinar o contrato — ironizou Helen, dirigindo-se à porta. — Marque um ensaio para amanhã, às onze horas, para todos, menos eu. Preciso dormir, amanhã tem matinê. — E, voltando-se para Anne: — Que bom você ter vindo, queridinha. Telefone-lhe quando estiver na cama.

Gil fechou a porta e olhou acusadoramente:

— Gente, vocês não foram de nenhuma ajuda.

— Eu tentei — disse Henry, curvando os ombros —, mesmo sabendo que era inútil. — Olhou para Lyon e Anne. — Vocês podem tratar de comer agora, enquanto Gil e eu fazemos os planos da matança.

A caminho do elevador, Lyon disse:

— Como é, vamos tentar o restaurante do outro lado da rua?

— Não tenho fome.

— Cansada?

— Nem um pouco. — Os olhos de Anne brilhavam.

— Acho que eu gostaria de dar um passeio a pé, e você?

Caminharam pela rua deserta. A certa altura, Anne perguntou:

— Que farão a Terry King?

— Vão forçá-la a se demitir.

— Como?

— Vá ao ensaio amanhã, se tem estômago forte.

Anne estremeceu.

— Bem, pelo menos Neely terá uma chance. Você esteve maravilhosa. Gostaria de ter uma amiga como você.

Ela o olhou muito séria.

— Lyon, que é que você pensa que eu sou? Acha que estou andando com você nesta noite fria só porque gosto de ficar congelada?

— Eu também estou andando porque sou seu amigo, e porque sou realista. Você tem uma enorme pedra no dedo e um ótimo rapaz que a espera em Nova York. E é uma moça boa demais para um simples romance de fim de semana.

— Vai ser só isso?

— Acha que poderia ser mais do que isso? — Lyon parou e ficou a olhá-la.

— Pode ser tudo o que você quiser, Lyon.

Sem uma palavra, ele a tomou pelo braço e a levou de volta ao hotel. Não falaram até entrar no quarto dele, exatamente igual ao quarto antiquado e sem vida em que estava hospedada. Por um momento, ele a olhou com ternura, depois abriu os braços. Correu para ele, para os seus lábios, que estavam frios do ar da noite, mas firmes e sequiosos como os dela. Estava surpresa pela maneira como retribuía os beijos dele, como se toda a vida esperasse ser beijada assim; agarrou-se firmemente ao seu corpo, enquanto mergulhava inteira na magia daqueles beijos. Quando se separaram, olhou-o com lágrimas nos olhos:

— Oh, Lyon, muito obrigada por me fazer acreditar...

— Fazê-la acreditar?

— Não posso explicar. . . me abraçe forte. — Ela o abraçou de novo e ele a beijou, enquanto rezava para que aquilo nunca tivesse fim. Seu corpo tremia todo nos braços dele.

Repentinamente, ele a largou e disse com voz rouca, porém terna, enquanto lhe segurava as mãos:

— Anne, eu a amo muito, mas é você quem deve decidir. Você pode fazer com que isso se transforme no que quiser. Se decidir que acaba em New Haven, compreenderei.

— Lyon, não quero que seja apenas um romance de fim de semana.

— Sente-se, Anne. — Lyon ajudou-a sentar-se na beira da cama. — Se eu achasse que você quer isso, não teria tocado no assunto. E se eu quisesse uma aventura de fim de semana não iria escolher você. Acontece que há sempre algo de tão estranho em uma estreia em New Haven. Mas, esta noite passará, e virá a segunda-feira. . . Estaremos em Nova York na segunda-feira. Será um outro mundo, e este fim de semana parecerá irreal. Quero que saiba, se isso acontecer, que eu compreenderei.

— E você? — perguntou ela.

— Oh, por Deus! Você sabe a quantas estreias em New Haven, Boston e Filadélfia eu já assisti? Isso é apenas mais uma

noite, com uma maravilhosa exceção. . . você está aqui.

Anne passou-lhe as mãos pelo rosto.

— Eu o amo, Lyon.

— Não pedirei contas disso também.

— Você não acredita?

— Sim, acho que é sincera, neste momento. Não acho que você iria para a cama com um homem, a menos que acreditasse que o ama.

— Eu nunca disse isso a ninguém. Lyon, eu o amo.

Lyon levantou-se e acendeu um cigarro. Quando a olhou, tinha um ar determinado.

— Anne, vou mandá-la de volta ao seu quarto.

— Lyon. . . não compreendo.

— Isso pode esperar. Vejamos como se sentirá a respeito na segunda-feira, em Nova York.

— Sentirei o mesmo.

— Não posso me arriscar.

Anne levantou-se lentamente.

— Você quer realmente que eu vá embora? — Os olhos dela começaram a tremer.

— Anne, é a última coisa que eu quero; para o seu próprio bem. . . eu. . .

— Lyon, quero ficar.

Ele a olhou curiosamente, como que tentando alcançar o sentido exato de suas palavras. Então, dirigiu-lhe um daqueles sorrisos instantâneos e atirou longe o paletó. Aproximou-se dela e, abrindo os braços:

— Venha cá, sua feiticeira louca. Tentei ser nobre, mas você acabou com a minha resistência.

Abraçou-a levemente, largou-a e começou a tirar a gravata. E agora? Que é que ela deveria fazer? Na verdade, queria ir para a cama com ele, entretanto, isto devia exigir uma certa etiqueta. Não podia começar a tirar a roupa como uma rainha de espetáculo burlesco. Oh, Deus, por que não vestira a anágua nova? E por que nunca perguntara qual era o procedimento usual numa situação dessas? Agora, Lyon tirava a camisa. Tinha que fazer algo. Não

podia simplesmente ficar ali parada. Lyon tirou o cinto e apontou a porta do banheiro.

— Quer um quarto de vestir?

Acenou desajeitadamente com a cabeça e caminhou até o banheiro. A salvo, atrás da porta fechada, tirou a roupa. E agora? Não podia entrar no quarto assim, nua. Sonhara com este momento, quando se entregaria ao homem que amasse. Mas não assim, não em um pequeno quarto de hotel em New Haven. Em seus sonhos, via uma luxuosa cama de casal, e ela, flutuando dentro de uma linda camisola de gaze, em direção aos braços do marido. Pouca luz, tudo tão maravilhoso. Nunca passara do sonho, nunca chegara ao ato do amor. Só pensara no lado romântico; um amado sem rosto. O de agora tinha. Estava ali,, do outro lado da porta, e ela sem uma camisola de gaze. Tremia de frio, sob uma lâmpada que lançava uma luz "crua sobre o seu corpo, e não sabia o que fazer.

— Ei, olhe que estou tremendamente solitário aqui! — gritou Lyon.

Anne olhou aflitadamente à sua volta, agarrou uma enorme toalha de banho, enrolou-se nela e saiu timidamente do quarto. Lyon estava na cama, coberto até a cintura. Amassou o cigarro que estava fumando e estendeu-lhe os braços. Ela se voltou para apagar a luz do banheiro.

— Deixe acesa — disse ele —, quero vê-la. . . para acreditar que é mesmo você que está aqui.

Anne se aproximou da cama e Lyon pegou suas mãos. A toalha caiu no chão.

— Minha linda Anne — pronunciou Lyon suavemente. A admiração e o modo natural como ele a olhava fizera com que Anne perdesse toda a timidez. Ele jogou as cobertas para o lado e estendeu-lhe os braços. Subitamente, parecia que a coisa mais natural do mundo era sentir a força do corpo dele de encontro ao seu, assim como a impossível e delirante sensação de sentir-lhe a boca procurar a sua. Anne correspondia aos seus abraços com um ardor que nunca julgou possuir. As mãos dele a acariciavam, a excitação emocional superava toda a sensação física. . . tê-lo em seus braços.. . estar junto dele e saber que ele a queria.

De repente, estava acontecendo. Oh, Deus, este era o momento! Queria entregar-se, mas a dor a pegou desprevenida. Soltou um grito, Lyon largou-a de súbito.

— Anne. . . — Ela podia ver a enorme surpresa nos olhos dele.

— Pode continuar, Lyon — pediu —, está tudo bem.

— Meu Deus, não pode ser! — continuava surpreso.

— Lyon, está tudo bem. Já lhe disse que o amo.

Lyon debruçou-se sobre ela e a beijou ternamente. Então, deitou-se de costas com as duas mãos sob a nuca. Anne ficou muito quieta. Ele apanhou um cigarro e ofereceu-lhe outro. Recusou e ficou olhando-o em silêncio. Ele aspirou profundamente a fumaça e disse:

— Anne, acredite, eu nunca teria tocado em você se soubesse. . .

Ela pulou da cama, correu para o banheiro, e afundou a cabeça numa toalha de rosto, para abafar os soluços. Ele a seguiu e escancarou a porta.

— Não chore, querida, você está inteira.

— Não estou chorando por causa disso.

— Então, por quê?

— Porque você não me quer.

— Ah, minha querida. — Abraçou-a. — Claro que a quero.

Claro que a quero. Muitíssimo, mas não posso. . . você vê, nunca imaginei.

— O que é que você esperava? Não sou nenhuma vadia.

— Claro que não é. Mas julguei que, certamente, você e Allen.

..

— Allen nunca me tocou.

— Assim parece.

— Isso faz tanta diferença para você? Eu ser virgem?

— Toda a diferença do mundo.

— Sinto muito. — Anne ouviu as próprias palavras sem poder acreditar que as estava pronunciando. Tudo aquilo era ridículo. Ali estavam eles, nus sob a lâmpada do banheiro, discutindo uma coisa que devia ser sagrada. Anne apanhou a toalha e se cobriu. — Por

favor, saia para que eu me vista. Jamais pensei que tivesse de me desculpar por ser. . . inexperiente. Sempre pensei que isso agradaria ao homem que eu amasse. . . — Sua voz se transformou em soluços de humilhação.

Com um gesto rápido, ele a tomou nos braços e a carregou para o quarto.

— Você está contente. . . — murmurou Lyon — e também confusa, comportando-se de um modo inteiramente idiota. — Colocou-a na cama, dizendo: — Tentarei ser gentil, e se você não quiser chegar até o fim é só me dizer.

— Mas eu quero, Lyon. Eu o amo e quero fazê-lo feliz.

— Isso deve ser recíproco; dessa vez não será para você. Raramente é da primeira vez, eu acho...

— Você não sabe? Quero dizer. . . você nunca teve uma virgem?

— Nunca — admitiu ele com um sorriso. — Por isso estou tão nervoso quanto você.

— Ame-me, Lyon. É tudo o que lhe peço.

Agarrou-se a ele e não pensou em mais nada que não fosse a grande felicidade de pertencer àquele homem maravilhoso e em fazê-lo feliz. Quando sentiu que o corpo dele ficava tenso, surpreendeu-se ao ver que se libertava dela, de súbito. Então, compreendeu; mesmo no auge do prazer, Lyon pensou em protegê-la; e sua felicidade redobrou com isso. Anne o abraçou, compreendendo que a maior felicidade do mundo consistia em fazer feliz o homem amado. Sentiu que era a mulher mais importante e poderosa do mundo.

Mais tarde, Lyon lhe disse, com uma nova ternura na voz:

— Não foi muito divertido para você hoje; será, eu lhe prometo.

— Prometa apenas me amar. . . Lyon, eu o amo tanto!

— E eu a adoro. Poderei passar o resto da noite dizendo-lhe como você é maravilhosa. — Acariciou-lhe os cabelos. — Agora, acho que precisamos dormir um pouco. Haverá aquele ensaio amanhã às onze horas.

— Ensaio?

— Bem, é assim que o chamam. Depois você me dirá que nome devia ter realmente.

— Lyon. . . não posso dormir aqui.

— Por que não? — A voz dele estava sonolenta.

— Não sei, talvez Helen ou Neely chamem de manhã.

— Esqueça-se. Quero achá-la aqui quando acordar.

Ela beijou-lhe o rosto, os olhos, a testa.

— Você terá isso muitas vezes, Lyon. Não esta noite. — Anne entrou no banheiro e vestiu-se rapidamente. Não, não era por causa de Helen ou de Neely que ela queria ir para o seu quarto. A verdade é que tudo o que acontecera tinha sido demais para ela. Não teria conseguido dormir um minuto ao lado dele. E de manhã. .. bem, coisas como esta deviam ser absorvidas lentamente. Os homens davam muito menos importância a isso que as mulheres. O principal é que acontecera para ela a coisa mais importante do mundo. Sabia agora o que era amar, a coisa mais importante da vida.

Saiu do banheiro e se aproximou da cama. Começou a falar, viu, porém, que Lyon dormia profundamente. Foi até a mesinha, apanhou um pedaço de papel e um lápis e escreveu: "Boa noite, belo adormecido. Vejo-o amanhã. Eu o amo". Pôs o papel sob o telefone e saiu quietamente do quarto.

Ficou sozinha, durante muito tempo, em sua própria cama, excitada demais para poder dormir. Sua mente teimava em recordar cada palavra que ele pronunciara, e cada expressão que o seu rosto assumira naquela noite. "Tudo vai melhorar, eu lhe prometo"... Seria possível? Sentiria ela também, algum dia, todo o êxtase que ele sentira? Não tinha importância, tudo o que importava era Lyon; tê-lo nos braços, satisfazê-lo, saber que era capaz de amá-lo, e que esse homem maravilhoso a queria. Adormeceu. Acordou às nove horas da manhã. O dia estava claro, havia muito vento. Olhou pela janela, viu um homem caminhando contra o vento, segurando o chapéu; uma moça, no ponto de ônibus — e sentiu pena deles. Sentiu pena de todas as pessoas que existiam e que não estavam sentindo o que ela sentia. "Pobres pessoas. Para vocês, este é apenas mais um dia. Olhem para mim. Tenho vontade de gritar para que todos saibam como sou feliz, pois há um homem, o homem

mais maravilhoso do mundo... que me pertence." Que dia lindo! Que cidade linda!

Um banho quente, o penteado cuidadoso. Mudou a cor do batom duas vezes e ficou atenta alternadamente ao telefone e ao relógio. Às dez e quinze começou a se preocupar. Ele teria dito que a encontraria no teatro? Ou que iriam juntos? Quando o telefone tocou, precipitou-se para ele. Era Neely.

— Você poderia, pelo menos, ter me procurado depois do espetáculo — disse-lhe a amiga, queixosa.

— Pensei que estaria na festa.

— Eu? Lembre-se de que sou do coro. E agora tenho um ensaio. Não é o fim? Marcar um ensaio antes de uma matinê? Pobre Mel. . . ele está exausto.

— Onde está ele?

— Embaixo, tomando café. Vou encontrá-lo lá.

— Então eu a verei no ensaio.

— Que é que vai fazer lá? Será chatíssimo.

— Neely. . . não diga uma palavra a ninguém. . . mas há uma possibilidade de você substituir Terry King na peça. Você sabe todas as canções dela, não sabe?

— Se sei? De trás para diante! E também sei todas as canções de Helen. Anne, você está brincando comigo?

— Não, temos um plano. Assisti à reunião deles ontem à noite. Não diga uma palavra a ninguém.

— Deus do céu! Não posso acreditar. Espere até que eu conte tudo a Mel. Até logo. Vejo-a no teatro.

Dez e quarenta e cinco: Lyon não tinha telefonado ainda. Por três vezes, aproximou-se do telefone para chamá-lo e decidiu o contrário. Acendeu um cigarro e ficou olhando pela janela. Os minutos passavam. . . Que devia fazer? Ficar no quarto o dia todo? Ir ao teatro sozinha? Não, não ficava bem. Se ele estivesse lá, pareceria que ela estava indo atrás dele. Ridículo! Isso não era Lawrence-ville, e Lyon não era um rapazinho com quem tinha tido um simples encontro. Não havia lugar para essas regras tolas. Marchou resolutamente para o telefone e pediu que ligassem para o quarto dele.

Sua voz estava sonolenta a princípio, logo ficou imediatamente desperta.

— Meu Deus! Querida, são mesmo cinco para as onze? Pensei que tinha deixado uma nota para me chamarem às dez.

— Não vejo como poderia, a menos que tivesse acordado no meio da noite.

A risada dele era contagiante.

— Estou lendo sua nota. Menina, sou mesmo o Sir Galahad! Desça até aqui, para me fazer companhia enquanto me barbeio. Pedirei café para dois.

A porta estava entreaberta. Quando- bateu levemente, Lyon gritou-lhe um alegre "entre". Estava no banheiro, de cuecas, fazia a barba. Puxou-a para si e lhe deu um beijo de leve, para não sujá-la com o sabão, e continuou a se barbear. A simplicidade dele contribuiu para aumentar a intimidade que nascia, parecendo a Anne que vê-lo fazer a barba em trajes menores era a coisa mais natural do mundo. Sentou na beira da cama, feliz como nunca em sua vida. Lyon se aproximou, curvou-se sobre ela, beijou-a ternamente e se pôs a assobiar enquanto vestia a camisa. A felicidade que Anne estava sentindo era diferente de tudo o que sentira até então; quase desmaiava. Ficou imaginando se Lyon se sentia assim. Não acreditava, uma quantidade enorme de mulheres já devia tê-lo visto fazer a barba na mesma intimidade. . . Expulsou rapidamente esse pensamento. Tinha certeza de que nenhuma delas sentira exatamente o que ela estava sentindo — aí a diferença. Não devia permitir que esses pensamentos estragassem o dia mais feliz de sua vida.

O garçom bateu à porta e empurrou a mesinha com o café para dentro do quarto. Lyon assinou a nota e fez um sinal a Anne para que se sentasse, enquanto bebia um copo de suco de laranja, em pé. Tomou, em seguida, uma xícara de café, foi ao telefone e pediu uma ligação para o quarto de Henry Bellamy. Com certeza, Henry estava atrasado, também, porque Lyon disse, sorrindo:

— Está bem, seu covarde. Vamos acertar nossos relógios. São onze e trinta no meu. Que tal nós dois entrarmos no teatro

exatamente às onze e quarenta? — Voltou-se para Anne e perguntou: — Acha mesmo que quer assistir à execução?

— Não perderia isso. Que irá acontecer?

— Nada demais. Apenas uns poucos homens fortes vão obrigar uma moça indefesa a se demitir.

— Você age como se já tivesse visto isso muitas vezes.

— E vi. Não é raro surgir uma Terry King com possibilidade de chegar a Helen Lawson.

Encontraram Henry no elevador. Se ele ficou surpreso de ver Anne e Lyon juntos, não deu nenhum sinal.

Todo o elenco, com exceção de Helen, estava no teatro. As coristas sentaram-se no palco, algumas de calças compridas, outras enroladas em casacos de peles, todas de óculos, para esconder os olhos sem maquilagem. Tomavam café em copos de papel e pareciam aborrecidas. Neely, tensa, sentada à beira de uma cadeira, pronta para explodir.

Anne estava na quarta fila, com Henry e Lyon. Jenni-fer North entrou correndo e pedindo desculpas a cada um por ter dormido demais. O diretor, que conferenciava com o maestro, voltou-se para ela e disse:

— Não há mudança alguma no seu papel, princesa, por isso pode voltar para a cama por algumas horas ainda, se quiser.

Jennifer sorriu e desceu para a plateia. Henry fez-lhe um sinal para que sentasse ao lado deles. Reconheceu Anne e sorriu:

— Não é maravilhoso? A peça é um sucesso; se bem que eu não faça quase nada, estou contente por estar nela.

— Você está ótima no seu papel — disse Anne amavelmente.

— Obrigada. Não creio, porém, que meu nome vá levar alguém à bilheteria.

— Não se venda barato, menina — interrompeu-a Henry. — Quando a peça chegar a Nova York você estará em todos os jornais. Garanto que terá um-contrato para o cinema dentro de seis semanas.

— Oh, Henry, eu adoraria isso. — Vibrava. — Juro. Mas só se for um contrato muito grande. Nada desses contratozinhos insignificantes.

— Às vezes se transformam em grandes contratos — disse Henry cuidadosamente.

— Sim, quando há talento, Henry. O que eu não tenho. Por isso, preciso de um ótimo contrato. Quando nos pagam bastante, têm que usar a gente. E têm de nos ensinar, treinar. . .

— Deixe que eu decida sobre isso. Se for pouco dinheiro, com um bom estúdio, e eu lhe disser para assinar, você assina. Com o fantasma da televisão por perto, já não é tão fácil conseguir um grande contrato.

— Então, talvez seja melhor ficar em Nova York. Tive uma oferta de Powers & Longworth para posar. Daria para ganhar muito bem se continuar na peça.

— Diga-me, Jennifer. — Persuasivo: — O que é que você quer? Um contrato no cinema? Ou uma carreira de modelo? Não pretendo me esforçar tanto se você realmente não se importa. . . E, por falar, nisso, o seu caso com Tony Polar é sério?

— Os jornais exageram. — Jennifer sorriu. — Adoro Tony, mas não acho que qualquer um de nós queira se casar já. E, depois, estou ainda legalmente casada com o Príncipe Mirallo.

— Os papéis estão praticamente assinados para a anulação. Não se esqueça do que deve fazer diante do juiz. Você é uma boa católica e desejava ter filhos. E o bastardo do seu marido não quer.

— Você é católica? — perguntou Lyon.

— Minha mãe era, meu pai não. Eles se divorciaram e eu nem fui batizada. Ninguém vai investigar, não é, Henry? "

— Faça o que eu digo. Você é católica. Quis casar na Igreja, o príncipe preferiu uma cerimônia civil. Daí por diante será fácil. Fale então sobre os filhos, que desejava ter. Anne será sua testemunha.

— Serei o quê? — estranhou Anne.

— Precisamos de uma testemunha. Pretendia lhe falar sobre isso, não se impressione. Será um tribunal fechado. Tudo o que você tem a dizer é que é amiga de Jennifer e que, antes de se casar, ela lhe confidenciou que pretendia ter muitos filhos, nem que tivesse que morar na Índia. Não se esqueça de insistir no assunto filhos.

— Mas será mentir sob juramento — argumentou Anne.

— Cruze os dedos — disse Henry.

Voltando a atenção para o palco, murmurou:

— Apertem os cintos. . . lá vamos nós.

Terry King estava no meio do palco, olhando para o diretor com uma expressão de incredulidade.

— Cortar a canção? — gritava ela. — Você está louco? Não leu, por acaso, as críticas?

— A peça está comprida demais, querida, e temos canções demais. — A voz dele se esforçava por parecer despreocupada.

— E daí? Corte outra canção. Você sabe muitíssimo bem que a minha é a melhor canção da peça.

— Já decidi — disse o diretor com ar cansado.

— Onde está Gil Case?

— Não está aqui, está ocupado com os letristas. . . Bill, ei, Bill Towley! — Um rapaz magro, ar juvenil, aproximou-se. — Bill, a cena de amor que você tinha com Terry está cortada. Estamos coreografando um novo solo de dança para você que vai estreiar em Filadélfia. Em vez de dizer a Terry que a ama, dançará. Acho que isso vai dar mais movimento à peça.

Bill aceitou maravilhado e se retirou.

— E eu, que é que faço enquanto ele dança? Fico sentada no meu camarim? — A voz de Terry era aguda. — Já notou que, se for cortada a cena de amor e a canção, só obterei duas linhas no primeiro ato e um pequeno número no segundo?

— Esse número fica — respondeu o diretor. — E o coro dançará atrás de você, para, na segunda estrofe, ficar na frente do palco.

— E eu?

— Em vez de cantar a segunda estrofe, você se retira pela esquerda do palco, o holofote a acompanha e se apaga para dar tempo ao coro de tomar a dianteira.

— Isso é o que você pensa.

A moça apanhou o casaco e saiu do palco. Em seguida, abandonou o teatro. O diretor continuou a dar ordens e a fazer pequenos cortes, como se nada tivesse acontecido. Dez minutos depois, Terry voltou, acompanhada de um homem pequeno, com cara de urso, que se dirigiu à coxia e berrou:

— Que é que significa isso?

— Isso o quê? — perguntou o diretor inocentemente.

— Ouça, Leroy. Não pense que essa sua cara de inocente vai me enganar. Conheço esse método. Helen está com medo, só que desta vez Terry tem a sorte de ter cantado a melhor balada da peça. Não me diga que os letristas vão permitir que Helen corte a melhor canção que fizeram.

— Fale com eles — sugeriu Leroy.

— Tentei, estavam em reunião com Gil Case. Sabe que isso significa que ele terá que pagar a Terry quatrocentos dólares por semana para que ela diga duas linhas e cante uma estrofe?

— Terá de pagar, se ela resolver ficar.

— Então é isso. Vocês adorariam que ela renunciasse. Sim, porque se a despedirem terão de pagar da mesma forma, e pagar a sua substituta também.

— Ninguém está despedindo Terry King.

— Claro. Não têm razão para isso. Então, estão tentando forçá-la a se demitir.

O diretor sentou-se à beira do palco e falou, com uma paciência exageradamente forçada:

— Ninguém está tentando fazer com que Terry desista. Não estamos pensando em personalidades agora. Só olhamos para o espetáculo como um todo. Você como agente pensa apenas em sua cliente, e não o estou culpando por isso. Afinal, é o seu negócio. O meu negócio, entretanto, é pensar no espetáculo. Achamos que está longo demais. Estou fazendo os cortes que Gil Case, os escritores e todos nós achamos aconselháveis, sem pensar em quem será afetado.

O homenzinho atirou furiosamente a ponta de um cigarro sobre o grosso tapete do teatro e berrou:

— Não me venha com essa m. . . Você está seguindo as ordens que Case recebeu de Helen Lawson. Ele não tem outra escolha senão proteger aquele velho couraçado. Com a voz que ela tem, precisa realmente se proteger contra uma boa cantora.

— Não entremos para o campo pessoal — interrompeu-o Leroy.

— Por quê? Nós dois sabemos que ela está velha e antiquada. Se pretendesse começar a carreira hoje, jamais passaria da primeira audição.

— Acho que podemos parar por aqui. — A voz de Henry veio da escuridão da plateia.

O agente de Terry voltou-se.

— Não o tinha visto, Sr. Bellamy. Como vai? Ouça, não desejo levar nada para o terreno pessoal, mas o meu dever é lutar por minha cliente, da mesma forma que o senhor teve provavelmente que lutar por Helen Lawson vinte e tantos anos atrás.

— Nunca ataquei uma grande estrela pelas costas para defender Helen — gritou Henry. — Com todos os diabos, quem é você senão um mexeriqueiro, que tem uma mesa alugada em algum lugar da Rua Sessenta e Quatro e a petulância de vir aqui insultar uma das maiores estrelas da atualidade?

O homenzinho assumiu um tom bajulador:

— Sr. Bellamy. . . que é que o senhor faria se estivesse em meu lugar?

— Dependeria do cliente. Se fosse Helen Lawson, nós nos retiraríamos imediatamente, com dignidade. Porque para Helen Lawson, mesmo uma Helen Lawson que estava começando, haveria sempre um espetáculo melhor e um papel mais interessante. No caso de sua cliente, claro, apanharia todas as migalhas que me fossem oferecidas. Ficaria com duas linhas e uma estrofe e exigiria o pagamento, mesmo à custa dos gracejos de todos os produtores da Broadway. O funeral seria dela, não meu. Talvez encontre outra cantora para agenciar quando tiver enterrado esta. Você preferirá deixá-la na peça, para não perder os miseráveis dez por cento, e disso é óbvio que tem medo. Talvez essa seja a última peça que ela pode conseguir e você não parece disposto a perder algum dinheirinho fácil.

Terry King interrompeu-os gritando:

— Ouça, posso cantar melhor que Helen Lawson, na hora que quiserem! Eu e Al não estamos com medo. Esta droga de espetáculo não é o único. E podem tomar nota de que serei uma estrela muito maior que Helen Lawson. Saio já. E com dignidade.

— Querida, espere — suplicou-lhe o agente. — É isso exatamente o que eles querem que você faça.

— E você, que quer que eu faça? Que estreie em Filadélfia e em Nova York fazendo uma simples ponta? Apenas para que você possa fazer os seus dez por cento?

— Você sabe muito bem que isso não vem ao caso. Poderíamos ganhar o dobro disso cantando em boates. Concordamos que uma peça na Broadway era o caminho certo para um contrato no cinema.

— Contrato no cinema! — voltou Henry. — Ora, essa maneira de pensar está superada desde os filmes de Ruby Keeler. Qualquer agente que pense que tudo o que é preciso para arranjar um contrato no cinema é aparecer na Broadway está perdendo seu tempo. Claro que a Broadway ajuda: por exemplo, quando se faz realmente alguma coisa na Broadway. A menos que sua cliente aceite um contrato comum, que, aliás, posso conseguir mesmo sem essa peça. Não um verdadeiro contrato, porque só uma verdadeira estrela consegue isso.<sup>4</sup> E um agente faz uma estrela nunca permitindo que apareça em qualquer lugar, a menos que dê a impressão de que ela é uma estrela, seja na Broadway ou num simples bar. Como eu disse, acho que você não tem fé na sua cliente, pois vai permitir que ela apareça numa simples ponta.

Terry agarrou o agente pelo braço.

— Vamos, Al. Vamos sumir daqui.

— Espere. Você ainda tem um contrato e uma matinê para fazer — lembrou Al.

— Não pisarei no palco com todos esses cortes.

— Acho que vai ser obrigada — respondeu-lhe Henry. — Você tem ainda que nos dar duas semanas de aviso prévio e estreiar na Filadélfia.

— Não serei humilhada desta maneira. Não aparecerei em Filadélfia, representando uma ponta — insistiu Terry.

— Que barulho é esse? — Ouviu-se a voz de Gil Case, que chegava. — Quem é que não vai aparecer?

— Sr. Case! — Terry correu para ele quase chorando. — O senhor cortou o meu papel. E eu não posso aparecer no palco fazendo uma ponta.

— Eu lhe disse que ela tem de fazer isso — disse Henry devagar. — Ainda que peça demissão imediatamente.

— Espere um momento — disse Gil com bondade. — Ninguém quer ferir ninguém mais do que é necessário.

Olhou para Terry com simpatia e continuou:

— Minha pobre criança. Não notei como o seu papel ficou pequeno senão depois que terminamos os cortes. É, na verdade, pouco mais que uma ponta, agora. — Parecia penalizado.

— Não posso mais fazê-lo — insistia Terry.

— Você não vai ter de fazê-lo — sorriu Gil.

— E a respeito da matinê? — perguntou Henry.

— Esqueça isso. O papel é tão pequeno que poderá ser feito pela substituta. — E, pondo o braço à volta dos ombros de Terry, continuou: — Vamos até o meu quarto, e você também, Al. Terry poderá assinar a rescisão do contrato e eu lhe pagarei dois meses de salário como prémio. E sabe que mais? Chamarei o meu assessor de imprensa e ele notificará os jornais de Nova York de tal forma que você ainda ganhará publicidade com isso. Minha querida. . . não lhe dou uma semana para que todos os produtores da Broadway estejam atrás de você. Não é qualquer uma que sai assim de uma peça de Helen Lawson.

Conduziu-a para fora do teatro, sempre acompanhado do agente.

Assim que os três saíram, Henry foi até o palco e teve um breve entendimento com o diretor, que sacudia a cabeça concordando, e depois gritou:

— Neely O'Hara! — Ela correu até onde ele estava. — Você acha que pode aprender a canção até as duas e meia?

— Já sei as duas de cor.

— Está bem, então vamos à primeira canção e ao número de dança. Vamos, minha gente, temos muito que fazer. Neely, vá ao guarda-roupa e veja se a roupa de Terry lhe serve.

— Vamos sair um pouco. Acho que todos nós precisamos de ar puro — disse Henry.

Fora, passaram por um silêncio embaraçoso.

— Acho que vou dormir — disse Jennifer, e caminhou em direção ao hotel.

Henry ficou olhando silenciosamente para o espaço. Lyon apertou a mão de Anne.

— Acho tudo isso revoltante — disse Anne, tentando ainda sorrir. — Mas acredito que assim é o teatro.

— Isto não é teatro — resmungou Henry — e cheira mal. Não importa de que modo o chamemos, cheira mal. Tenho vontade de vomitar. Eu parecia Joe Louis, num ringue, lutando contra dois anos. Bem, agora vou chamar Helen e contar as boas-novas. — Caminhou, lentamente para o hotel.

Lyon conduziu Anne para o restaurante,- do outro lado da rua. Pediu ovos para dois.

— Henry está errado — voltou ao assunto. — Nós arranhamos a gatinha e ela não reagiu. E o agente é um agente comum e não um Henry Bellamy. Ele é um campeão e há vinte anos já era um campeão. E vinte anos atrás, se alguém arranhasse Helen Lawson, teria quebrado as unhas. Henry não foi torpe. Aquela gente é que não é páreo para ele.

— Mas cortaram quase todo o papel de Terry. Como é que ela poderia lutar? O que ela disse tem sentido.

Lyon atacou os ovos.

— Você acredita que as canções de Terry serão cortadas? Uma vez que Terry tenha assinado a demissão e esteja no trem, em direção a Nova York, tudo voltará ao que era. Se Terry tivesse teimado em ficar, as canções ficariam fora da peça até o fim da excursão. Helen teria feito todos infelizes, mas na estreia de Nova York as canções estariam de volta e Terry teria ganho. É como um jogo de pôquer. Terry tinha todas as cartas, Henry blefou e ganhou.

Quinze minutos depois, Henry se juntou a eles. Comeu um sanduíche de galinha, reclamando que as úlceras o estavam maltratando novamente. À uma e meia, alguns componentes do coro

entraram para lanchar. Sentaram-se em pequenos grupos, comentando os últimos acontecimentos. O assunto do dia era Neely.

Anne, porém, resolveu não visitar Neely nos bastidores antes da matinê. Conhecendo-a bem, sabia que o caos devia ser completo. Ficou ao lado de Lyon atrás da plateia, o teatro lotado. Neely desempenhou seu papel com competência profissional, e, na opinião de Anne, sua atuação não acrescentava nada de novo à peça; por outro lado, não lhe causava nenhum prejuízo. O papel era tão pequeno que significava muito pouco.

— Anne, sei que você tem alguma coisa a ver com isso — sussurrou Neely, quando Anne foi aos bastidores para felicitá-la. — Helen me contou tudo hoje. Anne, adoro você. Para mim, você é como uma irmã. .. Oh, este é Mel.

Anne olhou para o jovem, que estivera a um canto, tentando passar despercebido. Ele se adiantou, apertou a mão de Anne e voltou para onde estivera. Alto, magro, seus olhos escuros se fixavam em Neely com visível adoração, Anne simpatizou imediatamente com ele e se sentiu muito feliz por Neely.

— Não acha que ela esteve sensacional? — perguntou Mel, orgulhoso.

— Maravilhosa — respondeu Anne.

— Na segunda-feira, em Filadélfia, vão pôr novamente a canção e a cena de amor no texto; Helen Lawson me disse que vai providenciar um novo guarda-roupa para mim em Nova York. Acha que os vestidos de Terry são muito sofisticados para o meu tipo.

— Sua amiga esteve simplesmente ótima — gritou Helen, quando Anne entrou no seu quarto, naquele dia.

Anne estava surpresa. O desempenho de Neely fora bom, o entusiasmo de Helen era exagerado.

— Fez com que aquela vadia parecesse doente — continuou. — Neely é justamente o tipo que o papel exige, isto é, uma garota inocente. Preste atenção quando ela cantar a canção de amor na segunda-feira. Uma garota inocente cantando aquela canção vai entusiasmar o público.

Anne dirigiu-se à porta.

— Onde é que você vai? — inquiriu Helen.

— Lyon Burke está esperando por mim.

Helen olhou-a de modo esquisito.

— Ouça, eu vi você de mãos dadas com ele na festa de ontem. Se quer brincar com ele em New Haven, está tudo bem. Mas, lembre-se, minha querida, de que o que realmente interessa é esse pedaço de vidro que está no seu dedo.

— Pretendo devolvê-lo.

— O quê? — gritou Helen. — Anne, pelo amor de Deus, não vá levar a sério o companheiro de uma noite.

Anne virou-se bruscamente e isto fez Helen amaciar no mesmo instante.

— Olhe aqui, meu anjo. . . você é jovem. Sei como são essas coisas e, na verdade, Lyon é um pedaço de homem. Divirta-se, a gente vive só uma vez. Agora, não desista de Allen por uma tolice.

Anne sorriu.

— Vai voltar a Nova York hoje? — perguntou Helen.

— Acho que sim.

— Amanhã de manhã estaremos em Filadélfia para ensaiar. Vamos repor aquela canção e cuidar de outras coisas; sua amiga terá um bom papel; já disse a Gil Case que não procurasse outra para Nova York. Estou muito satisfeita com Neely.

— Boa sorte na segunda-feira — desejou Anne, sem muito entusiasmo.

— Vejo-a depois, com Gino e Allen. Lembre-se de que temos grandes planos para esta noite.

Allen! A estreia! Gino!

— Então até lá — gritou Helen alegremente.

Lyon estava esperando do lado de fora.

— Já está livre dos seus compromissos sociais? — perguntou bem-humorado.

Concordou com a cabeça e ele a tomou pelo braço.

— Tenho as nossas passagens — disse ele. — Temia que tivéssemos de ficar aqui. Henry fará isso e nos encontrará em Filadélfia, na segunda-feira.

Anne sentiu uma onda de contentamento ao notar que Lyon achava natural que, de agora em diante, ela estivesse "com ele".

Levou, um choque, porém, quando se lembrou de que teria de enfrentar Allen. Como tudo seria simples se ela pudesse sentar-se e escrever-lhe uma carta dizendo: *Meu caro Allen. Junto a esta estou lhe enviando um anel de brilhantes de dez quilates. Acho você ótimo, acontece que me apaixonei por outro rapaz, depois de uma longa separação de quarenta e oito horas.*

Jantaram no trem e se dirigiram ao apartamento de Lyon sem comentários. Anne sentiu um arrepio ao entrar. O apartamento parecia quase familiar. Como se lesse seus pensamentos, Lyon disse:

— Este apartamento na verdade é seu. Sempre o imaginei assim.

— Você quer dizer que alguma vez pensou em mim. . . mesmo antes?

Ele a tomou nos braços.

— Anne, então você acha que eu a vi pela primeira vez em New Haven?

— Não sei. . . nunca me ocorreu que você pudesse reparar em mim..

— Bem, não me lembro de tê-la visto olhar para mim alguma vez.

— Acho que sempre o amei. Só não queria admiti-lo.. . nem a mim mesma.

— Pense no tempo perdido...

— A culpa é sua. O que é que uma moça pode fazer? Simplesmente chegar à sua frente e declarar: "Sabe, apesar de nos termos conhecido há pouco, você é exatamente o homem por quem eu esperava".

— É uma ideia maravilhosa. Acredite, a primeira garota que fizer isso vai me impressionar. Especialmente se for bonita como você. Agora, sente-se, vou preparar uma bebida para nós. Isso poderá relaxá-la.

— Acha que estou nervosa?

Lyon entregou-lhe o copo.

— Absolutamente. Mas é que tudo é tão novo para você, isto é. . . eu, o sexo, tudo.

Sentou-se ao lado dela e acariciou seus cabelos. Anne aconchegou-se a ele.

— Sinto-me mais ligada a você do que a qualquer outra pessoa neste mundo. Quero saber de tudo a seu respeito. Não quero que haja segredo algum entre nós. Devemos ser uma só pessoa, Lyon. E eu lhe pertença.

Lyon levantou-se e sorveu sua bebida, pensativo.

— Fico imaginando se seria capaz de corresponder a essa espécie de amor, Anne. Porque não quero magoá-la.

— Você nunca me magoará, Lyon. Você já me deu muito. Mesmo que nada mais houvesse entre nós eu lhe seria grata pelos dois dias mais maravilhosos da minha vida.

Ele sorriu e disse, apontando para o anel no dedo de Anne:

— Não estaremos esquecendo de alguma coisa?

— Isso acabou. Vou devolver o anel.

— Anne. . . o que eu sinto por você. . . é verdadeiro. Quero que você saiba disso. Mas já lhe dei tudo que me é possível dar. Eu.

— É o bastante, é tudo o que quero. O seu amor. Não amo nem nunca amei Allen. Jamais pensei realmente em casar com ele. Tudo aconteceu tão rapidamente que fui arrastada pelos acontecimentos; mesmo que não tivesse conhecido você, tenho a certeza de que jamais chegaria a me casar com ele.

— Gostaria de acreditar nisso, Anne. Daria paz à minha consciência.

— À sua consciência? Então você não me ama?

Ele olhou para o espaço, como que procurando uma resposta. Viu os olhos dela se encherem de lágrimas, tomou-a pelos ombros e disse:

— Anne! Sim, é claro que a amo e a quero. Mas o seu amor tem algo que me assusta e eu me pergunto se o amor que eu posso lhe dar será suficiente.

Anne fechou os olhos.

— Oh, Lyon, você me assustou. É claro que você não pode me amar da mesma maneira que eu o amo. Não espero isso, pois

ninguém é capaz de amar alguém tanto quanto eu o amo. Eu só quero que me ame, é tudo o que peço, e deixe que eu o ame.

Acordou nos braços dele na manhã seguinte. Ficou assim parada, olhando para o seu belo perfil. Lyon era tão bonito quando dormia! O ato do amor tinha sido doloroso novamente. Anne, porém, sentiu-se recompensada pelo intenso prazer que proporcionara ao amado. Pela primeira vez na vida, sentiu que pertencia a alguém. Todas as coisas que jamais sonhara discutir, até mesmo com uma amiga, por achar que eram íntimas demais, tinha discutido livremente com Lyon. O método do ritmo, as precauções. .

Levantou-se e entrou na cozinha. Pôs água a ferver para o café e os ovos, antes mesmo de olhar para o relógio. Quando olhou, era meio-dia. Lyon estava acordado quando ela pôs o café e os ovos na mesinha. Elogiou os ovos, perfeitos. O café, uma obra de arte. Depois, leu o *Times* enquanto ela tomou um banho de chuveiro. Quando ela apareceu vestida para sair, com o casaco no braço, ficou surpreso.

— Me abandonando? — Puxou-a para o sofá. — Você é a namorada mais apressada que já tive. — Beijou-lhe a nuca.

Fez força para se libertar e disse:

— Lyon, não posso ir ao escritório amanhã com estas mesmas roupas. Preciso de meias, de roupas de baixo. . . Tenho de ir para casa.

Ele olhou para o relógio.

— Concordo. Então irei buscá-la às sete, para jantar. Prepare-se para passar a noite aqui.

Anne o beijou quase com gratidão. Sentira um desejo súbito de que ele não a convidasse para voltar. Deu-se até ao luxo de pegar um táxi, pois eram já três horas e tinha muito a fazer antes das sete. O mundo, entretanto, caiu sobre sua cabeça no momento em que ela fechou a porta do quarto e viu um enorme vaso de flores, com um cartão de Allen: *Espero que tenha sentido tanta falta de mim como eu senti de você. Chame-me no instante em que chegar. Eu a amo. Allen.*

Até sexta-feira passada, aquele quarto conhecera uma outra pessoa; agora, ela parecia uma estranha dentro dele. Tinha se desprendido dele, como se desprendera de Lawrenceville. Olhou para as rosas. O assunto não podia ser adiado. No dia seguinte, embarcaria para Filadélfia com Lyon, e Allen pretendia ir também. . . e Gino.

Começou a discar o número de Allen; parou no meio, desligou. Talvez pudesse mandar um telegrama. Não, precisava devolver o anel, pendurado no seu dedo, como se subitamente tivesse ficado muito pesado.

Discou novamente e Allen atendeu no segundo toque.

— Alô! Como estava New Haven e o velho couraçado?

— A peça é um sucesso absoluto.

— Já sei. Gino encontrou ontem no El Morocco algumas pessoas que estiveram em New Haven.

— Que tal estava o Morocco?

— Não fui lá. Você se lembra? Sou um homem comprometido. Sentei-me em casa, as duas noites, com um bom livro, à espera da minha garota.

— Allen. . . Allen, preciso lhe dizer uma coisa — interrompeu-o o mais depressa que pôde, pois sabia que se parasse não teria coragem de ir até o fim. — Allen, não sou mais sua garota, não me casarei com você e quero lhe devolver o anel.

Houve um longo silêncio; e, então, Allen disse:

— Anne, espere que já vou até aí.

— Não, Allen. . . posso encontrá-lo em algum lugar e devolver o anel.

— Não quero o anel. Só quero falar com você.

— Não há nada para ser dito.

— Não há? Por Deus, Anne! Durante três meses estivemos saindo juntos e eu me apaixonei por você; agora quer acabar tudo com um telefonema. Que foi que aconteceu? Disseram-lhe alguma coisa a meu respeito em New Haven? Ouça, não nego que fiz uma série de loucuras no passado; isso foi muito antes de encontrar você. Nada tinha importância até o dia em que a conheci. Acho que alguém fez com que você ficasse assustada comigo e ea quero vê-la

para saber de tudo. Não vou aceitar sua decisão sem que você ouça a minha defesa primeiro.

— Allen, ninguém me falou de você em New Haven e será inútil falar comigo.

— Vou já para aí.

— Allen, não venha. Eu me apaixonei por outro.

Desta vez, o silêncio foi tão prolongado que Anne disse:

— Allen! Você compreende?

— Quem é ele?

— Lyon Burke.

A risada de Allen foi extremamente desagradável.

— Você está falando do inglês, que está morando no meu apartamento? Bem. . . tenho o prazer de, pelo menos, ter proporcionado a vocês um lugar decente para a lua-de-mel.

— Allen, aconteceu, simplesmente.

— Claro, de repente. E de repente você se desapaixonou por mim.

— Nunca disse que estava apaixonada por você. Lembre-se disso. Você é que insistiu nesse noivado.

— Está bem, Anne. Boa sorte.

— Como posso devolver a você o anel?

— Não o pedi de volta.

— Mas eu quero devolvê-lo.

— O que você quer dizer é que, provavelmente, Lyon Burke ficará ofendido de vê-lo em seu dedo. Ou será que ele já o substituiu? Pelo que ouvi falar, o único anel que ele pode dar é uma argola no nariz.

— Allen, não vamos terminar assim.

— Que é que você espera? Que eu lhe mande um telegrama de felicitações? Menina, isto é o que eu recebo por ter, pela primeira vez na vida, tratado uma garota de maneira decente. Nós nos veremos por aí. Com Lyon Burke, o caminho para o altar será bastante longo e demorado, pode acreditar.

— Por favor, Allen. Posso encontrá-lo amanhã, na hora do almoço, para lhe devolver o anel?

— Não, meu caro *iceberg*. Pode ficar com ele.

— O quê?

— Fique com ele, sua. . . Posso comprá-lo às dúzias, se quiser. Você, certamente, vai precisar dele, é ideal para pôr no prego. Melhor ainda, use-o. Deixe que ele lhe corte a carne quando alguém lhe fizer o que você me fez. Tenho a vaga impressão de que Lyon Burke será o primeiro.

O telefone foi desligado com violência.

Anne discou imediatamente e disse:

— Allen, sei que você está furioso comigo e que tudo o que falou foi uma explosão de raiva. Por favor, continuemos amigos.

— Para amigos prefiro os homens.

— Está bem. Mas não posso ficar com o anel.

— Se é por isso que chamou, esqueça.

— Allen, espere! Quero lembrá-lo de Gino. Ele prometeu ir a Filadélfia, amanhã.

— Você quer dizer que vai manter esse nosso compromisso?

— Havia um pouco de esperança em sua voz:

— Bem, o nosso não. Já não poderia ir com você. Agora, não há motivo para que Gino não vá. Helen espera por ele.

— Essa não; você deve estar brincando.

— Por quê? Helen reservou acomodações para ele. Não vejo motivo para que Helen fique decepcionada por nossa causa.

— Não vê? Bem, acho que já ouvi tudo. Você, por acaso, imagina que Gino queira ir? Imagina que é um prazer para ele entrar em combate com o velho couraçado?

— Pare de chamar Helen assim! Ela é uma mulher atraente e seu pai devia ficar orgulhoso na companhia dela. É uma grande estrela e. . .

— Uma mulher grosseira e sem compostura. Fique sabendo que meu pai pode ter as mais lindas garotas da cidade. E não esqueça nunca que este mundo é dos homens, e que as mulheres apenas reinam nele enquanto são jovens e muito bonitas. Você vai constatar isso um dia. Helen Lawson pode ser a maior estrela da Broadway; no momento em que desce do palco, não passa de uma velha desbocada. Claro que Gino iria amanhã. . . e não pense que ele não tentou, por todos os modos, se livrar disso. Eu o forcei. Não

é de morrer de rir? Tudo para agradá-la. E, além disso, passei o fim de semana tentando achar um meio de fazê-lo passar a noite em Filadélfia, porque ele havia concordado em ir, mas jurava voltar a Nova York no momento em que terminasse o espetáculo. Finalmente, eu o convenci de que, se ele passasse a noite com Helen, seria como um presente de casamento para mim. Você pede imaginar uma coisa dessas? Eu comprometendo meu próprio pai, apenas para agradá-la? E dizer que enquanto eu estava tentando convencer Gino, você. . . — Sua voz sofreu um colapso. — Bem, em todo caso algo de bom resultou de tudo isso: Gino foi poupado. E agora posso passar a bola para Lyon Burke. Vamos deixar que o pai dele durma com sua amiga.

E desligou.

A estreia em Filadélfia foi ainda mais brilhante que a de New Haven. Anne estava surpresa por ver a quantidade de modificações introduzidas na peça em tão curto espaço de tempo. Sentou-se ao lado de Lyon e se identificou mais com o elenco do que propriamente com a audiência. Ficaram de mãos dadas e ela se perguntava se ele havia notado a ausência do anel, depositado num envelope, na caixa-forte que resolvera alugar. O brilho do solitário parecia um protesto contra a solidão em que foi deixado. Lyon chamou sua atenção para o palco. Era o grande momento de Neely. A canção fora incluída novamente na peça. Anne chegou-se à beirada da poltrona quando a amiga começou a cantar. Sua interpretação era completamente diferente da de Terry King, que, no seu insinuante vestido de cetim vermelho, parecera desencantada e deprimida. Com um vestido azul e uma gola à Peter Pan, Neely parecia desamparada e sozinha, na voz um lamento emocionante. A canção ficou ardente e muito sentimental, os aplausos foram estrondosos. Durante a representação, Anne olhou várias vezes para as quatro poltronas vazias da quarta fila, que Helen tinha reservado. Sua poltrona teria sido a do meio, entre Gino e Allen. Não comunicara ainda a ausência de Gino a Helen, por temer que isso afetasse o seu desempenho.

Quando a cortina se fechou, às onze e quinze, não havia dúvidas sobre o sucesso absoluto da peça. Até a habitual expressão

preocupada de Henry Bellamy desaparecera. Passou por Lyon e por Anne, nos bastidores, dizendo-lhes:

— A festa vai ser no Warwick.

— Você faz mesmo questão de ir a essa festa? — perguntou Lyon, olhando para o relógio.

Anne não pensara nessa possibilidade, achava que Henry tinha reservado acomodações para todos no hotel. Foram ao teatro diretamente da estação. Inútil, tinha enfiado uma camisola e uma escova de dentes na bolsa; notara, porém, que Lyon estava sem a sua maleta.

— Se dermos um pulo até os bastidores, e cumprimentarmos Helen e Neely rapidamente, poderemos tomar o trem de meia-noite e vinte e cinco para Nova York.

— Como você quiser, Lyon.

— Acho que será melhor tomar nossa bebida no carro-restaurante. Precisamos de uma boa noite de sono e esta festa é daquelas que vão durar até a madrugada.

Com muito custo, conseguiram passar entre a multidão que enchia o patamar dos camarins. Anne foi diretamente ao camarim de Neely. Ela estava na porta, falando a alguns jornalistas, Mel ao seu lado, cheio de orgulho.

— Neely, você esteve maravilhosa. — Anne abraçou-a.

— De verdade? Vou melhorar muito quando me acostumar ao papel e quando tiver o novo guarda-roupa, feito sob medida para mim.

Lyon felicitou-a. Neely pareceu um pouco perplexa, quando perguntou:

— Onde está Allen?

— Eu lhe conto em outra ocasião — disse Anne, baixinho.

— Aconteceu alguma coisa? Meu Deus, Helen parecia uma adolescente porque Gino estava na plateia esta noite. E você, não está com Allen?

Anne encabulou. A voz clara de Neely podia ser ouvida no fim do corredor.

— Allen não está aqui — falou por entre os dentes.

— Isso se nota — respondeu Neely. — Ei, o anel? Onde está o anel?

— Neely, falo com você em outra ocasião. Preciso cumprimentar Helen.

— Se Gino não vem mesmo é melhor que você saia já da cidade.

Quando conseguiram chegar ao camarim de Helen, ela se livrou de uma porção de pessoas que estavam à sua volta e gritou, alegremente, estendendo os dois braços para Anne:

— Alô! Onde está o pessoal?

— Eles não vieram.

— O quê?

— É uma história muito comprida, Helen.

— Aquele filho da mãe. . . que foi que aconteceu?

— Conto mais tarde.

— É melhor que a desculpa seja boa. Entre, enquanto mudo de roupa. Conte tudo.

— Helen. . . nós. . . Lyon e eu vamos tomar o trem de meia-noite e vinte e cinco para Nova York.

— Você está brincando?

Anne sacudiu a cabeça em negativa.

— Quer dizer que não vai à festa?

— Tenho que estar no escritório amanhã cedo, Helen.

— Bolas! Se. eu quero que você fique aqui é o menos que Henry pode fazer por mim. Ele já foi embora, portanto, fica você. — E, para todos os que estavam no camarim, gritou: — Pessoal, a festa é no Warwick. Agora, desapareçam que eu vou mudar de roupa.

Houve um murmúrio e despedidas misturados aos últimos elogios. Quando ficaram a sós, Helen disse a Anne e Lyon:

— Lyon, espere no patamar. Anne pode sentar aqui enquanto eu troco de roupa.

Lyon olhou para o relógio.

— É melhor sairmos já, Anne, se quisermos apanhar o último trem.

— Que m. . .! Henry não deixou nem você para substituí-lo? Da próxima vez, só falta me mandar aquele cara de coruja do

George Bellows! Henry vai ouvir umas boas! Quem é o cara que vai me acompanhar à festa?

— Por que Henry não ficou? — perguntou Anne.

— Porque eu lhe disse que Gino estaria aqui. E é isso que eu quero saber. Que diabo aconteceu?

Lyon olhou novamente para o relógio.

— Vou chamar um táxi, Anne. — Sorriu para Helen e saiu do camarim.

— Gente, todo mundo está me dando o bolo esta noite — disse Helen, enquanto começava a tirar a pintura do rosto.

— Helen, o espetáculo foi um sucesso — começou Anne — e sinto muito ter que ir embora, mas Lyon quer tomar o último trem.

— Deixe-o tomar, meu Deus do céu. Que é que isso tem a ver com você?

— Não tenho reserva no hotel. — Anne procurou uma desculpa.

— E daí? Tenho uma suite com duas camas. Pode ficar comigo.

— É que eu vim com Lyon. . .

Os olhos de Helen se abriram demais.

— Ah, compreendo. Ainda brincando com Lyon. Jesus, você é igual ao resto. Você, a garota de classe, com quem eu me preocupei, a amiga do peito. . . me deixando assim. Pode ir. Inferno, esta é a história da minha vida. Eu dou tudo de mim. . . sempre confio nas pessoas. . . — Lágrimas começaram a correr pelo seu rosto. — Eu acreditei em você, Anne. . . minha única amiga. Mas você é igual a todo mundo; me dá um pontapé quando eu mais preciso de você. E aqui estou eu, na minha noite de estreia, sozinha, sem um cara que me faça companhia; e a minha melhor amiga só pensa em. . .

— Helen, sou sua amiga. Talvez haja um trem mais tarde. Vou falar com Lyon.

— Não, depois desse trem só há um de carga — disse Helen, tentando secar a pintura do rosto, que escorria. — Mas vá, estava maluca quando pensei que você era diferente.

— Espere, vou falar com Lyon. — E saiu correndo. Lyon estava ao lado de um táxi. Anne correu para ele.

— Lyon, não podemos deixá-la sozinha. Está sofrendo tanto!  
Lyon, pasmado:

— E não há nada que possa fazer Helen sofrer.

— Você não a compreende. Está chorando, abandonada, na noite de estreia.

— As lágrimas vêm muito facilmente para Helen. E desaparecem assim, também. Ouça, Anne, a solidão das Helen Lawson deste mundo é criada por elas mesmas.

— Não podemos fazer isso com ela.

— Tudo o que devemos a Helen é lealdade em nossas relações comerciais. Coisas simples, como a crucificação de Terry King, por exemplo. Isso ela entende, e exige. Mas não há nenhuma cláusula em meu contrato que me obrigue a acompanhá-la a festas.

— Mas Lyon, ela é minha amiga.

— E você prefere ficar?

— Sinto que devemos.

Lyon sorriu:

— Está bem, então. Adeus, amiga — disse e rapidamente entrou no táxi.

No primeiro momento, não podia acreditar no que acontecera. O táxi, entretanto, fora embora. Não sabia se estava furiosa ou assustada. Teria dado o bolo em Lyon? Ou o bolo era dele? Se tivesse ido com ele, isso seria abandonar Helen. Abandonara Allen também. Sentiu que começava a chorar. Tudo parecia reduzido a pedaços: -Tinha ferido a todos e, mais ainda, a ela mesma.

A festa no Warwick foi uma repetição de New Haven, só que desta vez Neely estava lá como uma das principais atrizes. Reuniu gente de Nova York, mais jornalistas, e Helen, bebendo muito, parecia a bem-humorada e risonha estrela de sempre. No camarim, Anne não pudera explicar a ausência de Gino. Por isso, ficou a um canto, durante a festa, olhando, sentindo-se por fora de tudo, preocupada com Lyon, entorpecida. Às duas horas da manhã, sentiu uma pontinha de inveja quando viu Neely e Mel saírem

silenciosamente. Lyon, então, devia estar chegando a Nova York. Estaria furioso? Infeliz?

Às três da manhã foram à suite de Helen e a atriz abriu uma garrafa de champanha. Serviu-se generosamente e exigiu:

— Muito bem. Agora me conte: o que foi que aconteceu com Gino?

Anne procurou as palavras exatas.

— É tudo minha culpa, acho — disse cuidadosamente —, pois rompi o noivado com Allen.

— Por quê?

— Bem. .. Lyon e eu.. .

— E daí? — perguntou Helen. — Notei que vocês estavam juntos e tudo o mais, mas que é que isto tem a ver com o seu noivado?

— Não podia continuar noiva de Allen, se estou apaixonada por Lyon.

— Você está brincando? Não está pensando que ele vai se casar com você só porque a levou para a cama, está?

— Claro que vai.

— Por acaso mencionou casamento?

— Helen, isso aconteceu apenas há três dias.

— E onde está o seu grande Romeu neste momento?

Anne não respondeu. Helen apressou-se a manifestar o seu ponto de vista:

— Ouça, se um cara está apaixonado pela gente, fica com a gente. Allen, por exemplo, ficaria. Por isso é que Gino não veio. Provavelmente pensa que sou tão vulgar quanto você.

— Helen!

— Sim, você acha que tem classe agindo dessa maneira? Usa o anel de noivado de um cara e cai na cama com outro. E ainda me suja aos olhos de Gino. Claro, ele pensa que somos da mesma espécie. Teme agora que eu possa fazê-lo sofrer da mesma maneira que você fez seu filho sofrer.

— O meu caso com Allen não tem nada a ver com você e Gino.

— Então, por que é que ele não está aqui? Sei que gostou muito de mim. Divertimo-nos tanto juntos. Se não fosse você se atirar nos braços de Lyon Burke, ele estaria comigo aqui neste momento. Perdi o meu homem só porque você é uma vadiazinha. — Anne cruzou a sala e apanhou o casaco.

— Aonde acha que vai? — perguntou Helen, enquanto enchia novamente o copo.

— A qualquer lugar, bem longe de você.

— Ah! O único lugar para onde você vai, daqui para a frente, é para baixo. Acha que alguém se preocupa com você? Você e o seu narizinho arrebitado? Eu, pelo menos, chamo as coisas pelos nomes certos. Você bancou a grande dama. Claro, enquanto estava usando aquele enorme brilhante, você era alguém. Até pensei que você devia ter algo de diferente se Allen Cooper queria se casar com você. Agora você não é ninguém, é só mais uma dessas que costumam dormir com Lyon Burke.

— E eu que pensei que você fosse minha amiga — conseguiu dizer Anne.

— Amiga? Quem é você para que eu seja sua amiga? Uma droga de secretária e uma grandíssima chata. E ainda por cima perco um sujeito que me adora. — Levantou-se, mal se sustentando sobre as pernas. — Vou para a cama. Pode dormir no sofá, se quiser.

A fúria de Anne era tão grande que a voz saiu calma:

— Helen, você acaba de perder a única verdadeira amiga que já teve.

— Pobre de mim, se tivesse de depender de amigas como você — disse Helen, o rosto se contorcendo.

Anne se dirigiu à porta do quarto.

— Adeus, Helen. E boa sorte.

— Não, minha cara. Quem vai precisar de boa sorte é você. Tudo que lhe resta agora são mais alguns momentos de intimidade com Lyon Burke, antes que ele se enjoje de você. E olhe que ele se enjoja muito facilmente. Eu sei, porque já tive a minha vez com ele há seis anos. — Sorriu ao ver incredulidade nos olhos de Anne. — Sim, minha cara. Eu e Lyon. Eu estreava uma peça nova e ele tinha justamente começado a trabalhar com Henry Bellamy. Ele soube

fazer a coisa". . . Fez a encenação completa do grande romance. Gostava de ser visto comigo. Pelo menos, não era a ingênua que você é. Tomei a coisa tal qual era. Eu me diverti enquanto pude, e quando acabou saí para outra. E, acredite, eu tinha muito mais a oferecer do que uma pobre secretária.

Anne abriu a porta e saiu correndo, enojada e furiosa. Quando chegou ao elevador, parou de repente. O seu pânico crescia à medida que revirava o conteúdo de sua bolsa. Não trouxera dinheiro. Apressou-se tanto a encontrar Lyon que não se tinha dado ao trabalho de descontar um cheque. Fez uma última busca e encontrou oitenta e cinco centavos. Eram mais de quatro horas da manhã. Não podia chamar Neely a essa hora, também não poderia ir a pé a Nova York.

Sentou em uma cadeira perto do elevador. Na entrada do hotel, poderia esperar e chamar Neely. . . talvez às nove horas. Meu Deus, fizera a maior confusão. Experimentou uma enorme sensação de perda. Helen não era sua amiga, pensando bem, nunca fora. . . Todos tinham avisado, e avisado a respeito de Lyon Burke, também. Lyon e Helen. Não, não podia ser; mas Helen não diria uma coisa dessas se não fosse verdade. Oh, Deus! Por que Helen contara aquilo?! Começou a soluçar, escondendo o rosto nas mãos. Ouviu quando o elevador parou. Passou o lenço nos olhos e baixou a cabeça. Uma moça saiu dele e passou por ela, para, logo depois, parar e voltar-se.

— Você não é Anne?

Anne passou novamente o lenço nos olhos. Jennifer North.

— Que é que há de errado? — perguntou Jennifer.

— Acho que tudo — respondeu Anne.

Jennifer sorriu com simpatia.

— Já tive dias como este. Venha para o meu quarto, talvez possamos discutir sobre o que a aflige. — Pegou o braço de Anne e a conduziu pelo corredor.

Sentada na cama de Jennifer e fumando sem parar, Anne contou toda a história. Nd fim, Jennifer sorriu.

— Vejo que teve um péssimo fim de semana.

— Desculpe tê-la aborrecido com essa história, e ainda mais a uma hora destas.

— Não se incomode com isso. De qualquer forma, nunca durmo — respondeu Jennifer. — E o meu maior problema é esse. Um de seus problemas já está resolvido: você dorme aqui esta noite.

— Não, preciso voltar a Nova York hoje. Se você me emprestar o dinheiro, amanhã eu lhe enviarei um cheque.

Jennifer apanhou a bolsa e jogou a carteira a Anne.

— **Sirva-se.** Mas acho que é loucura. Há aqui duas camas. Você pode dormir e voltar amanhã em um trem decente.

— Prefiro voltar agora — resolveu-se Anne, enquanto tirava uma nota de dez dólares da carteira. — Amanhã envio um cheque.

Jennifer sacudiu a cabeça.

— Não, espere que eu vá até Nova York e me convide para almoçar. Gostaria de saber como vai terminar esta história.

— A história já terminou.

— Sim, com Helen e possivelmente com Allen. Não com Lyon. A gente pode ver isto na expressão do seu rosto quando você fala nele.

— Como posso voltar para ele depois do que me contou Helen?

Jennifer olhava-a com incredulidade.

— Não me diga que isso a aborrece. Por acaso você pensou que ele fosse virgem?

— Não, mas... Helen. Ele tem pouca consideração por ela como mulher.

— Talvez tivesse sido diferente seis anos atrás. Devia estar provavelmente impressionado por ela, e estava tentando ter sucesso no novo emprego com Henry Bellamy. Não o culpo pela aventura com Helen. Talvez até tenha sido obrigado a isso. A culpa é dela, tão vulgar a ponto de lhe contar, sabendo que você se importaria.

— Ela disse que Lyon golpeia e foge. . .

— Anne, tenho certeza de que todos os homens golpeiam e fogem. . . de Helen. E ela salva o seu orgulho dizendo que todos os homens agem assim com todas as mulheres. Ela é até capaz de se

convencer de que Gino a adora. Anne, tenho certeza de que Lyon gosta de você. Não digo que a ame, quase.

— Agora estraguei tudo. . . ele me abandonou.

— Provavelmente ele acha que você o abandonou também. De certo modo tem razão, pois você o preteriu por Helen.

— Eu não o preteri. É que senti pena dela, e ela era minha amiga.

— Que amiga! — disse Jennifer com uma careta. — Amanhã, quando encontrar Lyon Burke, seja muito boazinha com ele. Deixe que seus olhos se encham de lágrimas. Diga que sabe agora como foi estúpida em imaginar que Helen podia ser sua amiga. Mostre que está magoada. E seja doce. E, por Deus, jamais lhe diga que sabe o que houve entre ele e Helen. — Acompanhou Anne até a porta. — Lembre-se de que só existe um meio de possuir um homem. É fazer com que ele a queira. Na verdade, acho que deveria obrigá-la a ficar uns dias aqui, a fim de não complicar ainda mais as coisas.

— Não, preciso ir.

— Anne. . . — disse Jennifer, enquanto a acompanhava à porta. — Gosto de você. Sinto que seremos amigas. Confie em mim e faça o que lhe disse, se quiser ter Lyon de volta.

Anne sorriu fracamente.

— Tentarei, Jennifer, tentarei. . .

A viagem de volta a Nova York parecia não ter fim. O sol brilhava quando o trem entrou finalmente na estação. Era de manhã. Uma multidão desembarcava do trem de Long Island. Só teria tempo de tomar banho, comer alguma coisa rápida e ir para o escritório. Os olhos ardiam e as pernas pareciam de chumbo quando subiu as escadas que levavam ao seu quarto.

Viu o telegrama enfiado por baixo da porta. Lyon! Tinha de ser ele! Rasgou o envelope.

*Tia Amy morreu durante o sono na noite passada. O funeral será na quarta-feira. Gostaria que você viesse. Beijos. Mamãe.*

Anne ficou olhando para o telegrama. Era bem do feitio de sua mãe: "gostaria que viesse" em vez de "por favor, venha", ou então "preciso de você". Muito bem, não iria. Na verdade, sua mãe não se importava, o que a preocupava é que sua presença "ficaria bem"

para Lawrenceville. Agora pertencia a Nova York, pertencia a Lyon. Pegou no telefone e, num impulso momentâneo, ligou para ele. No quarto toque ele respondeu, voz sonolenta. Anne sentiu-se decepcionada, ficara acordada toda a noite no banco de um trem gelado, enquanto ele estava dormindo.

Via que ele acordara e estava irritado; ficou segurando o telefone, sem poder falar.

— Alô? Quem está aí? — A voz de Lyon assustou-a. — É você, Elizabeth?

Elizabeth! Anne olhava estupidamente para o telefone.

— Vamos, que criancice é essa? — continuou Lyon friamente. — Se tem alguma coisa a dizer, diga logo ou eu desligo, Elizabeth.

Esperou ainda um momento e desligou.

Elizabeth? Quem era Elizabeth? Ficou amargamente surpresa ao verificar que Lyon tinha uma vida particular da qual não sabia absolutamente nada. Conhecia-o, na verdade, há quatro dias. Há apenas quatro dias! Claro que deveria haver uma Elizabeth. Muitas Elizabeths, provavelmente. Ligou para o telégrafo e avisou a mãe que iria imediatamente. Consultou o horário dos trens. O próximo trem para Boston partiria às nove e meia. Jogou algumas peças de roupa numa maleta. Eram oito e meia. Tinha o tempo justo para passar pelo banco e descontar um cheque. Não podia deixar de telegrafar avisando Henry. Discou novamente para a companhia telegráfica.

*Caro Henry. Assuntos particulares pedem presença em Lawrenceville. Explicarei tudo ao voltar na sexta-feira. Anne.*

Quando partiu para Boston, não imaginou que o seu telegrama seria interpretado erroneamente.

Henry amassou o telegrama com raiva.

— Merda! Ela provavelmente fugiu com Allen Cooper.

Não falou sobre a sua suspeita com ninguém, mas a preocupação fez com que tratasse rispidamente o pessoal do escritório. Na sexta-feira, quando entrou no escritório e viu Anne à sua mesa, não coube em si de surpresa.

- Você voltou!
- Eu não disse que estaria de volta na sexta-feira?
- Estava certo de que você tinha se casado.
- Casado? — Espantou-se Anne. — Com quem?

George Bellows entrou nesse momento e também pareceu surpreso ao vê-la.

— Pensei. . . — Henry parecia acanhado — pensei que, fugira Com o Allen.

— Fugir? O que houve foi que minha tia morreu e tive de ir a Boston. Como o escritório estava fechado, tive de mandar um telegrama. Quem disse que fugi?

Henry abraçou-a.

— Não pense mais nisso. Você voltou e eu estou contente.

Lyon entrou. Parou bruscamente quando a viu. Henry soltou-a e disse, com uma alegria infantil:

— Ela voltou, Lyon. . .

— Estou vendo. — A voz de Lyon era despida de qualquer emoção.

— Sinto muito se fiz com que se desiludissem. — Anne baixou a cabeça.

— A tia dela morreu — explicou Henry, alegremente. Depois, com uma expressão mais séria, acrescentou: — Sinto muito, Anne. — Virando-se para Lyon, disse: — Ela foi a Boston para o funeral.

Lyon sorriu e entrou em seu escritório.

— Entre no meu escritório — disse Henry. — Quer tomar um café? Um licor? Ou quer um aumento? Peça o que quiser. . . como estou feliz!

O interfone tocou e transmitiu a voz cortante de Lyon:

— Henry, quer fazer o favor de mandar Anne me trazer a pasta com o contrato de Neely O'Hara?

Henry piscou para ela e desligou o interfone. Abriu o arquivo e procurou a pasta.

— Vamos tomar conta de sua pequena amiga. Ela não tem nenhum agente e achamos que tem um pequeno futuro, estritamente no teatro. Vamos agenciá-la por sua causa. —

Entregou-lhe a pasta e fez um sinal para que fosse ao escritório de Lyon.

— Suponho que Henry já lhe contou que vamos agenciar Neely. Ele insiste, dizendo que isso a fará sentir-se uma grande estrela. — Lyon levantou-se enquanto ela entrava.

Anne, com os olhos no contrato, disse:

— Sim, Henry me contou.

Lyon deu a volta à mesa e pegou a pasta das mãos dela.

— Contou-lhe, também, que passei esses quatro dias como uma alma penada?

Ela o olhou e ele a tomou nos braços.

— Oh, Lyon, Lyon.. . — Agarrou-se a ele.

— Sinto muito por sua tia. Nenhum de nós sabia o que tinha acontecido. Henry agia como se tivesse certeza de que você nunca mais voltaria. E eu não podia acreditar nisso. Recusei acreditar que você tivesse saído de minha vida. Sei que agi mal, Anne. Devia ter esperado por você naquela noite, Helen é sua amiga e. . .

— Não, eu me enganei. Nunca mais darei importância a alguém que não seja você. Helen não valia a pena. Oh, Lyon, eu o amo tanto!

— Eu a amo, Anne.

— Oh, Lyon, é verdade? — Agarrou-se mais fortemente a ele.

Ele beijou seus cabelos.

— De verdade.

Quando Anne o olhou nos olhos, sabia que não estava mentindo. E, mais uma vez, disse a si mesma que jamais poderia ser tão feliz como naquele momento.

Anne passou o fim de semana no apartamento de Lyon, entregando-se totalmente ao seu amor. Na segunda noite, sentiu-se, de súbito, desfalecer num estremecimento. Abraçou-o e acariciou seus cabelos.

— Oh, Lyon, aconteceu. — Anne tremia.

— Pela primeira vez — acrescentou ele.

— Estava começando a me preocupar.

— Sem razão. É muito raro uma mulher alcançar o clímax nas primeiras vezes.

— Lyon, agora sei que sou mulher. — E o beijou. Seu amor se tornou agressivo naquela noite. Jamais sonhara que sua paixão física pudesse ser tão grande quanto o seu amor. Estava contente e assustada ao mesmo tempo. Não amava Lyon unicamente porque ele era Lyon, desejava-o fisicamente também. O seu amor era insaciável. Um pequeno fato, porém, impedia que o fim de semana fosse perfeito. Na segunda-feira, iria ao tribunal testemunhar a favor de Jennifer para a anulação do seu casamento.

— Sei que odeia fazer isso — dissera-lhe Henry. — Mas você é a única pessoa em quem posso confiar. Ela não tem outras amigas. Será uma coisa muito rápida. Não se preocupe, esteja no escritório às nove e meia. O julgamento será às dez e meia e Jennifer virá de Filadélfia para ficar o dia todo aqui. Antes faremos um pequeno ensaio.

Pensou no caso. várias vezes durante o fim de semana. Até mesmo quando estava nos braços de Lyon, surpreendeu-se pensando na segunda-feira.

— Bem, se isso a preocupa tanto, acho que não precisa fazê-lo — disse Lyon.

— Sei que é bobagem, mas estou apavorada. Isso é perjúrio, não é?

— Tecnicamente, é. Embora se faça isso todos os dias. E ninguém se importa realmente. Nem mesmo o juiz. Se é contra os seus princípios, diga ao Henry. Ele pode pedir a colaboração da Srta. Steinberg.

— Por que não pediu a ela desde o princípio?

— Ele pensou nela. Aliás, tínhamos pensado nela primeiro. Será que o juiz acreditaria Jennifer North capaz de ser amiga e fazer confidências a um tipo como a Srta. Steinberg?

Levantou o fone do gancho.

— Vou falar com Henry agora mesmo. Afinal, você não deve coisa alguma nem a ele nem a Jennifer North. Portanto, por que haveria você de.. .

— Ah! — Anne sentou-se na cama. — Lyon, não chame Henry.

— Por que não?

— Porque devo muito a Jennifer. . . Dez dólares, e uma outra coisa. Tinha me esquecido completamente. Ela me emprestou o dinheiro da passagem em Filadélfia.

Anne contara a Lyon o incidente entre ela e Helen, omitindo, cuidadosamente, as referências desairosas que a atriz fizera a ele. Não tinha contado, também, que Jennifer a amparara moralmente.

— Quando cheguei a Nova York, encontrei o telegrama e viajei para Lawrenceville, sem me lembrar de devolver o dinheiro.

— Bem, tenho certeza de que Jennifer não está preocupada pelos dez dólares. Vou devolvê-los a ela amanhã.

— Lyon, ela foi incrivelmente bondosa comigo naquela noite. Acho que o menos que devo fazer por ela é testemunhar em seu favor.

— Muito bem, se você acha que com isso fica quite com ela. .

Anne olhou-o com estranheza.

— Essa é uma expressão tão fria! Como se se tratasse de uma conta a pagar. Lembro quando você a usou comigo. Foi como se tivesse me batido com a porta na cara.

— Com você? Quando?

— Quando eu lhe agradei por ter incluído Neely na peça. Você disse que me devia algo, por eu lhe ter arranjado este apartamento.

— Que é nosso agora.

— Nosso?

— Por que não? A menos que você adore aquele quarto da Rua Cinquenta e Dois. Há bastante espaço aqui e armários suficientes para os dois. Sou um sujeito que não faz muita desarrumação. Portanto, não será tão difícil morar comigo.

Lançou os braços à volta do pescoço dele.

— Oh, Lyon! Nós nos conhecemos há tão pouco tempo, mas acho que sempre soube. Desde o momento em que o conheci, senti que você era o único homem com quem eu me casaria.

Lentamente, ele se livrou do abraço.

— Anne, estou lhe pedindo apenas para vir morar comigo. Isso é tudo o que eu posso lhe pedir. . . por enquanto.

Ela virou-lhe as costas, mais embaraçada do que magoada. Lyon pegou-a pelos ombros e, gentilmente, fez com que ela o olhasse.

— Anne, eu a amo.

Anne tentou disfarçar as lágrimas, mas elas a sufocaram enquanto dizia:

— Quando duas pessoas se amam, casam.

— Em Lawrenceville, talvez. Onde as coisas são assentadas desde o nascimento e o futuro de toda a gente está traçado.

— O seu futuro já está resolvido; Henry confia tanto em você.

. .

— Não tenho certeza de que quero continuar com Henry. De repente, descobri que estou certo só de uma coisa: não quero ter uma vida como a de Henry. — Parecia perdido em pensamentos. — Você vê, tinha decidido que quando a guerra terminasse não voltaria, ao Henry e ao antigo modo de vida. Voltei, e o entusiasmo de Henry me contagiou. E eu estava quase voltando ao meu padrão antigo, quando almoçamos juntos no Barberry Room. Tudo o que você me disse, naquele dia, fez com que começasse a pensar em muitas coisas. Depois, aquele fim de semana em New Haven e o que fizeram a Terry King. Depois, o choque do seu desaparecimento. Pesei bem as coisas, com todo o cuidado, e decidi fazer uma tentativa para escrever aquele livro.

— Isso é maravilhoso, Lyon. Por que acha que o casamento mudaria as coisas?

— Digamos que ainda tenha algumas ideias antiquadas. Ainda penso que um marido deve sustentar a mulher. Se me casasse com você, daria o máximo do meu esforço no trabalho com Henry. Ganharia muito dinheiro com isso, e nosso casamento ficaria prejudicado.

— Tenciona deixar Henry?

— Infelizmente, não é possível. Tenho dinheiro para passar alguns meses sem trabalhar, mas o risco é grande. Ficarei com Henry e escreverei o livro nas horas vagas. . . à noite. . . durante os fins de semana. Sei que não é a maneira ideal, mas no momento é a única. Não tenho uma casa de campo que possa me servir de retiro,

e estou bem consciente das dificuldades que me esperam. Mesmo que o livro seja aceito, o adiantamento em dinheiro que um escritor desconhecido pode conseguir é muito pequeno. São precisos de seis a oito meses para a conclusão de um livro, e, às vezes, mesmo com um bom livro, o escritor ganha pouco dinheiro. Os grandes sucessos de venda são muito raros. Portanto, só restam duas alternativas: ficar com Henry e escrever o livro nas horas vagas ou então achar uma velha rica que queira me financiar.

— Não sou rica nem velha, mas tenho dinheiro e poderia continuar trabalhando.

Lyon afundou os dedos na seda que era o cabelo dela e murmurou:

— Somando o seu maravilhoso estipêndio às minhas economias nós não poderíamos nem manter este apartamento.

— Tenho algum dinheiro. Meu pai deixou cinco mil dólares e acabo de herdar sete mil de minha tia. Doze mil é mais do que suficiente.

— Bom Deus, achei uma herdeira! — Assobiou de admiração e a beijou ardentemente. — Anne, estou desvanecido, mas não daria certo. Nem sei se sou realmente capaz de escrever e nem posso ter certeza de que o livro será bom. Agora mesmo deve haver, pelo menos, meio milhão de ex-combatentes martelando suas máquinas de escrever numa tentativa de dar a sua própria versão de Okinawa, da Normandia, ou da batalha de Londres. E cada um de nós tem uma coisa a dizer, realmente. O que importa é quem irá dizê-lo primeiro. E quem irá dizê-lo melhor.

— Eu tenho certeza de que você é capaz de escrever — insistiu ela. — Não sei explicar por quê, mas tenho.

— Então você sabe mais do que eu. . . e eu a amo por isso.

— Lyon. . . depois que terminar o livro, vai se casar comigo?

— Ficarei encantado com isso. . . se o livro for um sucesso.

Por um momento, Anne ficou em silêncio, e depois disse:

— Mas, você disse que, às vezes, mesmo um bom livro não é financeiramente compensador. . .

— Eu não disse que o sucesso financeiro é o barômetro. Se o livro for bom e eu não ganhar um centavo com ele, mesmo assim

continuarei a escrever. Trabalharei mais arduamente até, por saber que estarei perseguindo algo mais do que um sonho. Se não for aceito por nenhum editor, voltarei ao meu emprego com Henry e me dedicarei a ele de corpo e alma. Enterrarei para sempre o velho Lyon Burke e tentarei compensar os anos perdidos.

— Como era o velho Lyon Burke?

— Não perdia um momento sequer. Sim, acho que essa é a definição apropriada: jamais fiz um gesto sem uma razão premeditada.

A lembrança da voz aguda de Helen estava viva em Anne. Então era verdade. O velho Lyon Burke não tinha escrúpulos por manter uma aventura com Helen; praticamente admitira isso. Lyon abraçou-a.

— Mas esse Lyon Burke está morto para sempre. Talvez tenha morrido na guerra ou naquela noite em que ouvia a história das pereiras, contada pelo soldado fazendeiro. Se isto é verdade, o cara não viveu a sua última noite em vão.

— Você nunca mais será aquele. Não enquanto falar assim. Se o primeiro livro não for o que espera, então você escreverá outro, e outro. Você é isso que é agora, e nada poderá transformá-lo novamente. Se você quer ficar com Henry e escrever, muito bem, esperarei. Esperarei sempre, nem que tenha de escrever uma dúzia de livros. Só lhe peço para continuar sendo o que é.

— Não sei se algum dia serei realmente alguém. Mas, qualquer coisa é preferível a ser um outro Henry Bellamy. E é o que eu seria em breve. Na verdade, acho que seria muito maior que Henry porque não sou tão bom como ele. Henry se dá ao luxo de vacilar, de se preocupar. Sou capaz de enxergar apenas o fim, sem pensar nos meios. Seria um Henry Bellamy exagerado ao máximo, isto é, um homem de sucesso profissional e um fracassado no plano pessoal.

— É isso o que pensa de Henry?

— Durante trinta anos Henry lutou para chegar aonde está. O topo, é como dizem. A palavra é banal. Henry cha-ma-o de Monte Everest. E é lá que ele está, tanto profissionalmente quanto financeiramente. Mas. . . e a sua vida particular? Se alguém escrever

sobre Henry no *Quem É Quem*, poderá dizer muita coisa de sua atividade junto ao teatro e do seu êxito comercial. Quanto à sua vida particular, apenas uma linha, dizendo: "Solteiro, sem parentes vivos". Em resumo, nada que não seja sua vida profissional. Sozinho, no topo do Monte Everest.

— Olhe, você acaba de provar o que eu disse, Lyon. Henry adiou tanto o casamento que acabou não se casando nunca. Você está fazendo a mesma coisa.

— Não. O casamento não significa muita coisa para quem está no topo do Monte Everest. Existem homens como Henry que se casam e têm filhos, e a vida particular é igual à dele. Suponhamos que Henry tivesse casado. Com uma boa moça, que não tivesse ligação com o seu trabalho. À esta altura, os filhos dele estariam casados, cuidando de seus próprios filhos. A mulher, passando o inverno na Flórida. Teria desistido de se queixar do horário desregrado, e acostumado a viver sem a sua companhia, coisa que, de fato, nunca tivera. Aproveitaria, porém, as boas coisas que a dedicação de Henry ao trabalho proporcionaria, isto é, o luxuoso apartamento, as peles, o alto padrão de vida. Existem muitos Henrys que são casados e que chegam ao topo sozinhos. Têm de ficar sozinhos porque se descartaram de todos durante a escalada. Nesta corrida de ratos, usam a mentira, a corrupção e todos os truques que forem necessários para chegar ao cimo onde Henry está agora. Este tipo de atividade exige isso. Não é contra a pessoa de Henry que eu me revolto, mas contra aquilo que ele representa.

Ficaram em silêncio por alguns momentos. Lyon foi o primeiro a falar.

— Desculpe a explosão.

— Estou contente; posso entendê-lo melhor agora. Só me preocupo com uma coisa.

— Com o quê? — Olhou-a docemente.

— Quando é que vai se casar comigo?

Lyon soltou uma gargalhada e Anne ficou imaginando se ele se dava conta de como ficava irresistível quando fazia isso. Jamais conhecera alguém que risse como ele, atirando a cabeça para trás, rindo com vontade.

— Sabe de uma coisa? Você será a primeira pessoa a ler o manuscrito depois de concluído; então, terá de decidir.

— É melhor que eu vá dormir; tenho milhares de coisas a fazer amanhã.

— É verdade, a anulação.

— Lyon. . . você tem outra chave do apartamento?

— Mandarei fazer uma. Então, você vai se mudar para cá?

— Não. Vou trazer uma máquina de escrever e uma montanha de papel logo de manhã. Será um presente de pré-casamento.

— Aceito. Com a condição de você vir junto.

— Não. Virei sempre que você quiser. Ficarei aqui nos fins de semana e passarei a limpo o que você escrever. Não viverei com você, viverei para você e esperarei.

Ele beijou suas sobrancelhas:

— Como advogado, devo dizer que você ficou com a parte menor do negócio. Como seu amante, direi que farei tudo para não decepcioná-la.

O julgamento foi rápido. Qualquer temor que Anne ainda tivesse desvaneceu-se quando ela viu que tudo se processava de acordo com uma norma já estabelecida. Henry entregou alguns papéis ao juiz, que fingiu ler, fez algumas perguntas, Jennifer recitou o pequeno discurso que ensaiara e Anne pronunciou as palavras que devia. Em menos de dez minutos, Jennifer tinha conseguido a anulação.

Henry levou as duas para almoçar.

— Tenho muito trabalho à minha espera; vocês podem ficar à vontade, comentando os acontecimentos. Anne, você não precisa voltar ao escritório hoje.

Assim que Henry saiu, Jennifer pediu a Anne:

— Agora, me conte como foi resolvido o seu caso com Lyon.

Enquanto contava, surpreendeu-se pela facilidade com que confiou em Jennifer; havia na moça qualquer coisa que convidava à confiança.

— Parece que ele é duro. Acho que você jamais conseguirá controlá-lo — disse Jennifer.

— Não desejo controlá-lo.. .

— Não quero dizer desse modo. Um homem deve sentir sempre que está dirigindo as coisas; mas, enquanto a gente conseguir se controlar, estará controlando o homem. Deixe que ele lhe ponha uma aliança no dedo e você será uma escrava.

Anne olhou para a sua mão, nua de anéis.

— O importante não é isso. Tenho o maior anel que você já viu depositado numa caixa-forte.

Jennifer olhou para Anne com uma admiração nova.

— Você quer dizer que conseguiu se livrar de Allen sem lhe devolver o anel?

— Ele não quis, de jeito nenhum, aceitá-lo de volta. Jennifer sacudiu a cabeça.

— Você deve mesmo fazer algo de muito especial na cama. Sempre pensei que eu soubesse todas as respostas.

— Nunca estive na cama com Allen.

Por um momento, Jennifer perdeu a palavra. Depois riu.

— Então, isso é o que havia de especial. Você era para Allen um desafio.

— Bem, para Lyon é diferente.

— Continuo torcendo por você. Pelo menos, fez uma coisa acertada, recusou-se a ir morar com ele. Estou fazendo o mesmo com Tony Polar. Quer que eu abandone a peça e viaje com ele. Também não fala em casamento. Mas não farei isso. A propósito, de que tamanho é o seu apartamento?

— Tenho um quarto apenas. No mesmo prédio de Neely.

— Ainda não tenho onde morar quando a peça vier para Nova York. Não acha que poderíamos achar um apartamento e morar juntas?

— Seria ótimo, só não sei se poderia pagar até mesmo a metade de um apartamento.

— Tive uma ideia! — Os olhos de Jennifer brilharam. — Você disse que Neely mora também em um quarto. Que tal se nós três alugássemos um apartamento? Sairia mais barato.

— Acho ótimo.

— Dentro de três semanas a peça estreará na Broad-way. Talvez você possa achar alguma coisa nesse período.

— Vou procurar; não será fácil. Encontrei logo um apartamento para Lyon, mas Allen me ajudou.

Os olhos azuis de Jennifer estreitaram-se quando ela perguntou:

— Anne, o que é que você planeja fazer com o anel? Anne sacudiu os ombros.

— Deixá-lo no cofre, acho. Claro que não tenho vontade de usá-lo.

— Vai deixá-lo no cofre, quando poderia estar trabalhando para você?

— Como?

— Venda-o e aplique o dinheiro.

— Não o considero meu.

— Você quis devolvê-lo e ele recusou. Logo, é seu. E você bem que o mereceu. Toda vez que você fizer companhia a um homem que não pode suportar merece uma recompensa. Venda-o.

Anne pensou em Lyon. Talvez Jennifer tivesse razão. No fim do ano, se o livro dele não fizesse sucesso, e ela tivesse algum dinheiro.

..

— Acho que você tem razão. Poderia vender o anel e colocar o dinheiro a juros no banco.

— Nada disso. Venda o anel e peça a Henry Bellamy que empregue o dinheiro em ações. Você poderá dobrar o seu dinheiro em poucos anos. Depois de uma guerra, a época é sempre boa para negócios.

— Não é arriscado?

— Não acho, principalmente se Henry Bellamy tratar disso para você. Ele me disse que o mercado vai crescer agora; pena que eu não tenho um vintém, além deste casaco e do que ganho na peça. Na hora em que eu puser as mãos em algum dinheiro, vou pedir a Henry que o empregue para mim.

JENNIFER

*Dezembro, 1945*

*Tocando as Nuvens* seria apresentada ainda três vezes em Filadélfia. A previsão de Henry fora correta. Boston pôde ser eliminada do roteiro e a estreia em Nova York aconteceria mais cedo do que esperavam. O elenco estava ansioso por estreiar em Nova York, confiante de que a peça seria um sucesso; a tensão, porém, era grande. Os críticos de Nova York, sempre imprevisíveis, não garantiam certeza a ninguém.

Jennifer não tomava conhecimento da história geral. Filadélfia tinha sido muito lucrativa para ela. Na entrada do hotel, exibia o seu mais radiante sorriso ao persistente advogado que lhe implorava para que fossem tomar qualquer coisa.

— Já são três horas — dizia — e eu realmente preciso dormir um pouco.

— Você poderá dormir o dia inteiro amanhã. Vamos, conheço um lugar aqui mesmo, nesta rua, que fica aberto a noite toda.

— Está fazendo frio e eu preciso dormir um pouco, Robby. Além disso, não bebo; se tomar mais uma Coca vou explodir.

— Como é que pode sentir frio com esse casaco? — disse ele, olhando significativamente para o novo casaco de pele de castor que ela estava usando.

Jennifer passou a mão na pele, carinhosamente.

— Você foi um anjo, obrigada, ele é muito mais quente que o meu *vison*. Mas é que eu preciso mesmo dormir.

— Me deixe subir com você — implorou o rapaz.

— Você já esteve comigo ontem, Robby.

— Existe alguma lei contra duas noites?

— Sim, quando estou trabalhando. Chame amanhã. — O sorriso de Jennifer encerrava muitas promessas.

— A que horas?

— Por volta das seis. Jantaremos antes do espetáculo.

— E depois. .. ?

— Sim, depois.

Jennifer jogou um beijo ao rapaz e entrou no elevador.

Encontrou alguns recados no chão, enfiados por baixo da porta. Um deles era de um colunista, dois outros para que chamasse a telefonista 24, de Cleveland. Bem, era tarde para chamar a mãe.

Leu o horário do último recado de Cleveland: uma e meia. Nem mesmo a mãe seria tão persistente a ponto de esperar tanto tempo por um chamado dela. Havia, também, um recado de Anne: assinara o contrato do apartamento, conforme o combinado, e estava tudo arranjado. Anne era uma moça maravilhosa. Jennifer chegou a invejar o amor que ela sentia por Burke. Devia ser ótimo ter um amor assim, só que, então, seria impossível fazer certas coisas. . . — acariciou o casaco enquanto pensava — uma noite com Robby. Para isso é que servia um corpo bonito, para conseguir as coisas que quisesse. Ficou imaginando como seria amar alguém como Lyon Burke. Seria fácil apaixonar-se por Lyon.. . tinha pensado nisso quando o viu pela primeira vez.

— Vamos assistir à estreia de Tony Polar esta noite — dissera Henry. — Você deve ser vista em público, para manter sua publicidade. Lyon Burke vai acompanhá-la e eu acompanharei Helen.

Não estivera preparada para encontrar alguém como Lyon Burke. Sentiu uma onda de excitação quando percebeu que ele era um homem com quem desejaria estar, sem outro interesse que não fosse o seu próprio prazer. Planejara ter esse prazer naquela noite, mas apareceu Tony Polar. Em um momento de tensão, foi obrigada a decidir. O holofote fixado em Tony; Tony cantando para ela; todo o público olhando, sentindo, ao mesmo tempo, o magnetismo de Lyon e a homenagem pública que lhe fazia Tony Polar. Como homem, não se poderia comparar Tony com Lyon. Os dois deviam estar pelos trinta anos. Tony, entretanto, seria sempre um garoto, enquanto Lyon, há muito, era um homem. Lyon Burke era apenas um agente; Tony, um astro. Isso fez com que se decidisse. Simplesmente isso.

Despiu-se, jogando a roupa descuidadamente na cadeira. Talvez desse a Robby a noite seguinte. . . estava precisando de um novo vestido de noite. Franziu o nariz quando lembrou quão pouco atraente era e como respirava com dificuldade. Ela, porém, precisava de algumas roupas e os homens como Robby eram sempre muito generosos. Tinham de ser. Lyon Burke. . . esse era um luxo que ela não podia se permitir. Parecia ter em sua mente um mecanismo que automaticamente eliminava qualquer coisa ou qualquer pessoa que pudesse intervir em suas emoções ou em suas decisões.

Não foi sempre assim. No começo, tinha de lutar muito contra as emoções; há muito tempo. Pensou em Lyon Burke outra vez. Naquela noite tinha de ser Tony ou Lyon.

Lyon pareceu compreender. De repente, um pensamento assaltou-a: "somos iguais" — esta era a resposta — "e eu também sou um luxo que ele não se pode permitir". Ou será que ele não a achou atraente? Bobagem. Todos os homens a achavam atraente. Jogou o sutiã e as calcinhas no chão e ficou diante do enorme espelho. Observou o seu corpo com um interesse clínico. Perfeito. De perfil, examinou o busto. Dobrou os braços e fez metodicamente vinte e cinco exercícios para manter a firmeza do busto. Abriu o armário do banheiro e tirou um grande pote de manteiga de coco. Com uma precisão quase cirúrgica, fez uma massagem suave mas firme nos seios. Com igual cuidado, retirou a pintura do rosto. Quando terminou essa operação, abriu outro pote e passou o seu conteúdo ao redor dos olhos. Tirou de uma caixa um esparadrapo, em forma de V, e o colocou entre os olhos. Fez mais vinte e cinco exercícios e vestiu uma camisola.

Olhou o relógio. Meu Deus! Quase quatro horas, e não tinha nenhum sono. Quando ligariam o aquecedor naquele hotel? Estava gelada. Foi para a cama, leu os jornais matutinos. Viu duas fotografias suas: uma radiofoto, ao lado de Tony. Tony já a teria pedido em casamento se não fosse a irmã dele. Franziu a testa quando pensou em Míriam. O esparadrapo protestou. Distendeu imediatamente os músculos do rosto. Que é que podia fazer em relação a Míriam? Nunca se livraria dela. Se não fosse a pressa que Tony tinha de ir para a cama com ela, nunca estariam a sós. Pensando bem, era a única ocasião em que estavam a sós.

O telefone tocou timidamente, como se hesitasse em acordar alguém àquela hora tardia. Atendeu, esperando que fosse Tony, pois ele também, às vezes, ficava acordado até tarde. Era a telefonista de Cleveland.

— Jen. . . — a voz queixosa da mãe —, tentei falar com você durante toda a noite.

— Acabo de chegar, mamãe. Achei que era muito tarde para chamá-la.

— Como é que eu posso dormir? Estava tão preocupada. Publicaram uma grande história a seu respeito nos jornais daqui. Dizem que você não ganhou um centavo do príncipe no processo de anulação.

— É verdade.

— Jen, você está louca? Você sabe que John vai se aposentar no ano que vem. E nós nunca conseguiremos viver dessa aposentadoria. Agora já é difícil equilibrar o orçamento.

— Eu lhe mandei cinquenta dólares na semana passada, mamãe. E vou mandar-lhe mais cinquenta assim que receber o pagamento desta semana.

— Eu sei, mas sua avó tem estado doente. Tive de levá-la ao médico, tivemos também um problema com o aquecedor e . , .

— Verei se posso conseguir mais alguma coisa, mamãe. Mas eu só ganho cento e vinte e cinco dólares, menos os impostos e a aposentadoria.

— Jen, não passei privações para mandá-la à escola, na Suíça, para, no fim, você ganhar essa miséria como corista.

— A senhora nunca passou privações por isso, mamãe. Estudei com o dinheiro que papai me deixou. E você me mandou para a Suíça só para me separar de Harry.

— Porque eu tinha decidido que você não acabaria como Jeannete Johnson, que casou com um mecânico.

— Harry não era um simples mecânico. Estava estudando para engenheiro, e eu o amava.

— Bem, ele ainda é mecânico, com as mãos sujas de graxa, e com três crianças encardidas também. Harriet Irons era uma das moças mais bonitas que havia por aqui; tem sua idade, agora parece ter quarenta, depois que se casou com ele.

— Mamãe, como pode uma moça .de vinte e cinco anos parecer que tem quarenta?

— Quando uma moça não tem dinheiro e se casa por amor, envelhece muito depressa. Os homens só querem uma coisa. Lembre-se do seu pai.

— Mamãe, este chamado é interurbano — lembrou-a Jennifer, pacientemente. — E você não me chamou apenas para se queixar

de papai. Além disso, John tem sido um ótimo marido para você. E não me lembro de papai, só sei que não podia ter sido tão bom quanto John.

— Seu pai era um patife. Rico, bonito, e um patife. Mas eu o amava. Minha família nunca teve dinheiro, tínhamos nome. Não esqueça que sua avó era uma Virgínia Tremont. E eu ainda acho que você deveria ter adotado o nome artístico de Tremont, em vez desse ridículo North.

— Não concordamos que eu deveria adotar um nome diferente, a fim de que ninguém se lembrasse de mim? Se pretendo passar por uma garota de dezenove anos, então tenho de ser Jennifer North. Se eu tivesse adotado o Tremont, então alguém de Virgínia se lembraria do nome. Se eu tivesse adotado Johnson, todos em Cleveland se lembrariam de mim.

— Com a publicidade que você teve, a cidade toda se lembrou de você. E todos falam de você desde o dia em que fugiu para se casar. Apenas um jornal duvidou que você tivesse dezenove anos, e toda a gente estava tão impressionada com o príncipe que ninguém se importou. Eu também não me importei, porque você, pelo menos, já estava casada. E agora você vai e joga tudo fora, sem reclamar um tostão.

— Mamãe, por que acha que fugi? Porque, um pouco antes de partirmos para a Itália, descobri que ele não tinha nada.

— Como? Se eu vi suas fotografias nos jornais, com os brilhantes e o casaco de *vison*. . .

— O colar é jóia de família. Ele comprou o *vison*, mas acho que o tenha conseguido de graça, só pela publicidade que fez do peleteiro. Ocupava um andar inteiro no Waldorf, pago por um produtor de vinhos; era uma espécie de relações-públicas da firma. O título é legítimo, só que ele não tem um vintém. A família perdeu tudo com Mussolini, ficou um castelo horroroso, perto de Nápoles. Eu poderia viver lá, frequentando a sociedade internacional, usando as jóias da família. . . numa pobreza nobre. Foi sorte ter descoberto a tempo. Começou a me falar de um rico comerciante de vinhos italiano, que eu deveria entreter. . . e chegar a dormir com ele, se o

homem quisesse. Mamãe, ele não passava de um rufião de alta classe e ainda tive a sorte de ficar com o casaco de *vison*.

— Bem. .. e a respeito de Tony Polar?

— É um amor.

— Jen!

— Mamãe, ele é mesmo um amor e eu gosto dele. E acontece, também, que tem muito dinheiro. Além disso, o meu agente acha que poderei conseguir um contrato no cinema.

— Nem pense nisso.

— Por quê? Talvez tenha sorte.

— É tarde para isso. Você não tem dezenove anos. Você tem vinte e cinco e tem a sorte de ter um corpo e um rosto que agradam aos homens, se bem que o seu tipo envelhece logo. Que é que você contou a esse Tony Polar sobre o seu passado e a sua família?

— Inventei uma história baseada na verdade. Que o meu pai era rico e que morreu num bombardeio em Londres, deixando tudo para a segunda mulher.

— Isso é verdade. Que mais?

— Que ele me deixou dinheiro . suficiente para que cursasse uma escola na Suíça. Uma vez que estou passando por dezenove anos, não mencionei o fato de que passei cinco anos na Europa.

— O que lhe contou a meu respeito?

— O quê? Mamãe, acha que deveria lhe dizer que tenho mãe, um padrasto e uma avó que só vêm a hora em que eu me case para morar comigo?

— E se você se casa com ele, como vai me apresentar?

— Você será minha tia. A querida irmã de minha mãe que eu tenho de sustentar.

— Está bem. Você está vigiando o seu peso?

— Estou bem magra, mamãe.

— Sei disso. Mas não comece a engordar e a emagrecer. É o que há de pior para o busto. Seios grandes como os seus tendem a cair muito cedo, e então. . . aproveite-os enquanto os tem. Os homens são como animais: adoram-nos. Talvez eu não tivesse perdido o seu pai se tivesse um busto como o seu. Poderia então ter

tido uma vida decente. . . — Começou a soluçar. — Oh, Jen, não suporto mais. Quero ir viver com você, queridinha.

— Mas, mamãe, você não pode deixar John e a vovó.

— Não posso por quê? John que fique com a vovó. Ele e aquele insignificante emprego dele. Ele nunca poderá nem mesmo comprar uma casa.

— Mamãe! — Jennifer apertou os dentes e procurou ter um pouco mais de paciência. — Deixe que eu case primeiro com Tony, então poderei cuidar de você.

— Ele já falou em casamento?

— Ainda não.

— Que é que você está esperando? Jennifer, dentro de cinco anos você terá trinta. Eu tinha vinte e nove quando seu pai se cansou de mim. Jen, você não tem muito tempo.

— Não é tão simples como parece, mamãe. Ele tem uma irmã que controla tudo. Assina os cheques, trata de tudo. A mãe deles morreu quando Tony nasceu. Ela o criou e o adora. E me odeia.

— Jen, você tem de ser dura. Livre-se dela. Tome o lugar dela. Não pode deixá-la morar com vocês quando casarem. Isso arruinaria minha vida, pois ela nunca permitiria que eu viesse morar com você. Queridinha, use a cabeça e seja esperta. Se uma mulher tem muito dinheiro, nada conseguirá magoá-la. Lembre-se de que eu só desejo o seu bem. . .

A claridade do sol começou a entrar pela veneziana e Jennifer ainda estava acordada. O telefonema da mãe não a perturbou porque já estava acostumada a eles. O que a preocupava era a falta de sono. O único meio de se manter jovem era descansar bastante. Ficar na cama, deitada, mesmo sem dormir, já ajudava. Tinha lido isso em algum lugar. Acendeu outro cigarro. Que espécie de repouso era esse, se ela passava a noite toda andando pelo quarto e fumando um maço de cigarros inteiro? Foi ao banheiro e passou um pouco mais de creme sob os olhos. Não tinha ainda rugas — por quanto tempo se manteria assim? Não conseguia dormir mais que três horas por noite desde. . . aquelas últimas semanas na Espanha. Suspirou. Antes disso, dormia normalmente. Na verdade, o sono era para ela um refúgio. Quando os problemas pareciam insolúveis,

ansiava pela noite. . . Até aquelas últimas semanas que passara na Espanha, com Maria. . .

Maria. . . Maria era a moça mais bonita da escola, e Jennifer, como todas as outras alunas do primeiro ano, considerava aquela beleza espanhola um verdadeiro ídolo. Maria cursava o último ano, e não falava com ninguém. Se alguma vez percebeu a idolatria que despertava nas colegas, jamais demonstrara. Não tinha nenhuma amiga. Sua altivez aguçava ainda mais a admiração das estudantes mais novas, ao mesmo tempo em que causava inveja às suas contemporâneas. Parecia que Maria jamais iria permitir que alguém penetrasse naquela barreira imperial. Até aquele dia, na biblioteca. .

Jennifer estava chorando, ao ler a carta que recebera da mãe. O dinheiro tinha acabado: Jennifer deveria voltar para casa no final do período escolar. Fizera algumas amizades valiosas? Cleveland ainda mostrava sinais de depressão, se bem que a guerra na Europa houvesse proporcionado a abertura de novas fábricas. Harry tinha se casado com Harriet Irons e trabalhava numa bomba de gasolina. Era essa parte da carta que a fizera chorar.

— Vamos, nada pode ser tão triste.

Jennifer olhou para cima. Maria. A majestosa Maria, falando com ela! Sentou, ouviu com simpatia toda a história das lágrimas de Jennifer.

— Não sei o que minha mãe esperava — terminou Jennifer, queixosamente. — Talvez pensasse que o professor de inglês é um lorde, com uma enorme mansão.

Maria sorriu.

— Ah, os pais. . . veja o meu caso: tenho vinte e um anos e esperam que eu me case com um homem escolhido por meu pai. Essa escolha será baseada em terras, que devem ser juntas às nossas, ou em outros interesses que beneficiarão as duas famílias. Desde a guerra civil, minha terra está devastada e o dever das poucas famílias poderosas que ainda restam é reunir suas forças. Teoricamente, concordo com essas decisões; como mulher, serei, infelizmente, obrigada a dormir com aquele porco. . .

— Eu amava Harry — disse Jennifer, tristemente — mas ele não serviu para as ambições de minha mãe.

— Que idade tem você, Jeannete? — O verdadeiro nome de Jennifer era Jeannete.

— Dezenove.

— Você já dormiu com um homem?

Jennifer corou e olhou para o chão. .,

— Não, mas Harry e eu fomos bastante longe. . . isso é, deixei que ele me tocasse e. . .

— Eu já dormi com um homem — disse Maria.

— Você?

— Claro. No. verão passado. Passei as férias com uma tia, na Suécia, e conheci um homem muito bonito. Tinha participado das Olimpíadas e trabalhava como instrutor de natação. Os homens que meu pai estava considerando para se casarem comigo eram: o primeiro, um alemão gordo, que fugira com vários tesouros de arte; o segundo, um dos rapazes da família Carrillo, e nenhum deles tem queixo. Por isso, decidi que, pelo menos na primeira vez, eu teria relações com um homem que fosse bem bonito.

— Eu me arrependo de não ter feito o mesmo com Harry. . . agora ele está casado com outra.

— Fique contente por não ter feito isso. É horrível! O homem morde-a. E entra dentro da gente. Dói. Respira e sua como um animal. . . Eu sangrei. . . e fiquei grávida.

Jennifer não acreditava: Maria, a inacessível deusa da escola, confiando seus segredos.

— Oren. . . — cuspiu quando pronunciou o nome do rapaz — ele tomou conta das coisas. . . um médico. . . mais dores. . . e adeus gravidez. Aí, fiquei doente, com febre. . . Tive de ser operada, nunca mais poderei ter filhos.

— Sinto muito.

Maria sorriu astutamente.

— Mas isso é ótimo! Deixarei que o meu pai faça os arranjos que quiser para o meu casamento e então contarei tudo ao candidato. Nenhum homem quer se casar com uma mulher que não pode ter filhos. E eu jamais serei obrigada a me casar.

A expressão de Maria era triunfante.

— O que dirá seu pai?

— Minha tia se encarregará de falar com ele, pois sabe de toda a verdade. Eu estava sob sua responsabilidade, e ela terá de me apoiar. Direi que tive um tumor no útero e que foi preciso removê-lo.

— E foi realmente removido?

— Sim, porque tive peritonite. Acho isso maravilhoso, assim não tenho mais o aborrecimento de regras mensais.

Jennifer queria dizer que sentia muito, entretanto não era possível mostrar compaixão por um fato que Maria considerava um maravilhoso golpe de boa sorte.

— Bem, pelo menos você tem a sua vida resolvida; eu tenho que voltar para Cleveland.

— Você não tem que voltar. Você é bonita demais para passar a vida esperando ser maltratada pelo primeiro homem que estiver disponível.

— Como posso?

— Dentro de duas semanas entraremos em férias. Você irá comigo à Espanha, passar o verão. Então poderemos pensar numa solução.

— Maria! — Jennifer achou maravilhoso demais para ser verdade. — Mas eu não tenho dinheiro, tudo o que tenho é uma passagem de volta para casa.

— Você será minha hóspede. Eu tenho muito mais dinheiro do que preciso.

As duas últimas semanas de aula foram um triunfo pessoal para Jennifer. A novidade correu pela escola: a pequena Jeannete Johnson se tornara amiga de Maria. As colegas olhavam Jennifer com inveja. Maria mantinha ainda sua atitude altiva, até mesmo com Jennifer, pois só trocava algumas palavras com ela quando se encontravam por acaso.

No momento em que deixaram a escola, a atitude de Maria mudou. Tornou-se afável, simpática, comunicativa. Quando tomaram um táxi, rumo a Lausanne, Maria entregou um telegrama a Jennifer, dizendo:

— É do meu pai. Aconselha-me a passar as férias na Suíça, pois a Espanha ainda sofre a devastação causada pela guerra. Com um milhão de mortos e milhares de feridos, é impossível conseguir empregados suficientes; por isso, a casa está fechada, a família morando num hotel. Há esperança de que as coisas logo voltem ao normal. Até lá, devo me divertir no estrangeiro e, para isso, telegrafou, também, o número de uma conta bancária na Suíça. Temos muito dinheiro, o suficiente para dar a volta ao mundo. Como a Europa está em guerra, temos de excluir a França, a Alemanha e a Inglaterra.

— Podemos ir aos Estados Unidos — sugeriu Jennifer. — Nunca estive em Nova York.

— Como? Eu não sou americana. Você poderia obter prioridade em algum navio da Cruz Vermelha; ainda assim, correria o perigo das minas e dos submarinos. De qualquer maneira, não tenho nenhuma vontade de ir a Nova York. Passaremos o verão aqui mesmo. Hitler vai ganhar a guerra e logo tudo vai terminar.

Ficaram na Suíça durante três anos.'

Tornaram-se amantes na primeira noite. Apesar de Jennifer ter ficado chocada com a proposta, não sentiu propriamente repulsa; na verdade, ficou até um pouco curiosa. Maria ainda era a heroína da escola, e a explicação lógica que deu apagou qualquer vestígio de anormalidade que pudesse haver em suas relações.

— Nós gostamos uma da outra. Eu quero que você aprenda tudo sobre o sexo comigo e não com algum homem brutalizado. Não estaremos fazendo nada demais. Não somos como aquelas horríveis lésbicas, que se vestem de homem e andam de cabelo raspado. Somos duas mulheres que se adoram e que serão gentis e afetuosas uma com a outra.

Nessa noite, Maria se despiu e ficou orgulhosamente de pé, diante de Jennifer. Tinha um belo corpo. Jennifer, porém, sentiu uma secreta satisfação por saber que o seu era muito mais bonito. Tirou a roupa timidamente, e ouviu o suspiro de Maria quando descobriu os seios.

— Você é muito mais bonita do que sonhei — disse Maria suavemente, acariciando-a e se curvando para tocar-lhe com a face.

— Você vê, eu amo a sua beleza e a respeito. Um homem estaria agora tentando fazê-la em pedaços.

Para sua própria surpresa, Jennifer sentiu-se vibrar. . .

— Venha, vamos fumar um cigarro — disse Maria, pegando-a pela mão.

— Não, Maria, toque em mim.

— Mais tarde, primeiro quero que se sinta à vontade comigo.

Ela foi gentil e paciente, lentamente ensinando a Jennifer a corresponder ao seu ardor. Ao fim de algum tempo, Jennifer podia alcançar uma exaltação que jamais sonhara existir. Gostava da dupla relação que mantinha com Maria. À noite, ansiava por ela; durante o dia, considerava-a como amiga. Não sentia por ela nenhuma outra ligação pessoal. Quando faziam compras juntas, ou exploravam alguma cidadezinha desconhecida, Maria era apenas uma amiga. Quando se encontravam com algum homem atraente, instrutores de esqui ou estudantes, a conversa se tornava difícil. Maria fazia questão de permanecer alheia a ela. Jennifer, contudo, chegou a achar alguns rapazes bem simpáticos. Muitas vezes, enquanto dançava com um deles, sentia-se atraída pela masculinidade. Quando um rapaz tentava cortejá-la, sentia ímpetos de corresponder.

Uma noite foi dar um breve passeio com um estudante panamenho, que achara particularmente atraente; ele estudava Medicina e pretendia ir a Nova York, depois da guerra, para completar os estudos. Beijaram-se e ela se surpreendeu a corresponder com igual ardor. Era bom abraçar os ombros fortes de um homem, sentir sua presença viril, depois da suavidade de Maria. Sentir a firmeza de uns lábios masculinos. . . Desejou ardentemente o rapaz, mas se livrou do seu abraço e retornou ao restaurante. Maria tinha notado sua ausência e fez uma cena à noite. Jennifer teve de jurar que fora tomar um pouco de ar por estar com dor de cabeça.

Na maior parte do tempo, porém, Jennifer achava tudo maravilhoso. Maria era muito extravagante e lhe comprava roupas lindíssimas. Jennifer aprendeu a esqui e a falar francês fluentemente. Quando ficaram entediadas em Lausanne, mudaram-

se para Genebra. Três anos depois, o pai de Maria exigiu que ela voltasse, mas ela se recusou. Então, em 1944, ele parou de lhe enviar dinheiro. Não teve outra escolha senão voltar para a Espanha.

— Você irá comigo — disse a Jennifer. — Teremos que vender a sua passagem, pois o dinheiro que tenho não será suficiente para a viagem.

Jennifer sabia que estava vendendo a própria liberdade. No último ano, ficara cada vez mais cansada do domínio de Maria sobre o seu corpo. Cleveland e sua mãe também não a atraíam. Quem sabe, na Espanha, não encontraria um rapaz de boa família. . . Tinha apenas vinte e três anos, era, tecnicamente, virgem e. . . por que não? :

Jennifer ficou na Espanha mais um ano. Conheceu muitos homens interessantes. Maria, porém, mantinha sobre ela tamanha vigilância que era impossível começar o mais inocente namoro. Quando saíam eram sempre escoltadas por uma das tias de Maria. À beira do desespero, sentia que os atos possessivos de Maria a estavam sufocando. Pela primeira vez na vida, compreendeu o pavor que sua mãe tinha da pobreza. O dinheiro podia comprar a liberdade; sem ele, ninguém podia ser livre. Na Espanha, vivia no luxo, usando roupas maravilhosas, mas pertencia a Maria. Se voltasse a Cleveland, teria de enfrentar outra espécie de prisão: casamento com um homem de terceira classe, que, da mesma forma, faria uso do seu corpo. De qualquer ângulo que se olhasse, uma pessoa sem dinheiro seria prisioneira de alguém ou de algo. Devia, porém, haver uma saída.

Começou a ficar acordada durante a noite. Sofria com o amor de Maria e por ser obrigada a fingir um ardor que já não sentia. Fingia que estava dormindo e, quando percebia que Maria estava adormecida, atrevia-se a levantar e ficar à janela, fumando. . . e pensando.

Dinheiro. Para ganhá-lo, a resposta estava no seu corpo: deveria trabalhar para ela. Por causa dele, chegou aonde estava agora. Iria a Nova York, adotaria outro nome, mentiria a respeito de sua idade. Poderia, talvez, empregar-se como modelo. De alguma

forma ganharia dinheiro. E nunca mais seria apanhada numa armadilha.

Quando a bomba atômica caiu sobre Hiroxima, toda Madri fervia para saber das novidades. Até Maria deixou de vigiá-la o tempo todo, para sentar diante do rádio, ansiosa por notícias. Jennifer aproveitou essa oportunidade para enviar secretamente uma carta à mãe, instruindo-a para exigir sua presença imediatamente em casa, por motivo de doença. A mãe de Jennifer obedeceu e Maria não teve outra alternativa. Separaram-se jurando devoção eterna. Jennifer prometeu voltar assim que sua mãe melhorasse. Teve um sentimento de culpa quando Maria lhe deu um talão de cheques.

— Aqui tem três mil dólares. Economize o suficiente para a passagem de volta; se não puder, telegrafe que eu lhe mandarei mais, Viverei somente para o dia em que você voltar.

Para evitar qualquer suspeita de Maria, Jennifer deixou a maior parte de suas roupas na Espanha, como para garantir que voltaria. Foi diretamente a Nova York e se hospedou num hotel. Mandou quinhentos dólares para a mãe e pediu que lhe mandasse toda a correspondência vinda da Espanha; que, em circunstância alguma, desse o seu endereço ou seu novo nome a qualquer pessoa.

No começo, Maria escrevia todos os dias. Jennifer nunca respondeu. Por estranha coincidência, no seu primeiro dia em Nova York encontrou o estudante panamenho. Ele aceitou o novo nome dela sem fazer qualquer pergunta, e, durante três semanas, viveram uma aventura, que culminou com o rapaz apresentando-a ao Príncipe Mirallo. . .

Eram sete horas da manhã. Jennifer "amassou o último cigarro. Precisava dormir. Queria ser muito boazinha para Robby. Então, talvez conseguisse ganhar o vestido de noite. E o dinheiro que a mãe exigia.

NEELY

*Janeiro, 1946*

Os críticos de Nova York foram unânimes em exaltar a nova peça de Helen Lawson. A adoração do público por ela alcançara novas e mais altas dimensões; Neely recebeu muitos elogios, nenhum tão grande a ponto de levantar a animosidade de Helen; de qualquer maneira, eram muito mais do que Neely ousara esperar. Houve um crítico que chegou a dizer que ela era o melhor talento que aparecera durante as últimas temporadas. Esse louvor e o apartamento novo fizeram com que ela se sentisse alguém.

Estava pasmada com o luxo do novo apartamento. Anne tinha sido simplesmente fabulosa. A sorte parecia acompanhá-la sempre e sempre com uma certa conexão com Allen. Só que desta vez foi com o pai de Allen. Gino acabara de romper com Adele, e ela, de tão furiosa, aceitou um contrato para ser corista do Hotel Dorchester, de Londres. Anne encontrou-a, por acaso, às vésperas da partida, e ficou com o seu suntuoso apartamento. Neely não se cansava de tocar em tudo: nas colchas, nos abajures. . . jamais sonhara morar em um apartamento que tivesse uma sala com tapete branco.

Claro que se tratava apenas de uma sublocação. Adele voltaria a ocupá-lo a partir de 1.º de junho. Por essa época, Jennifer já estaria certamente casada com Tony. Anne talvez estivesse casada com Lyon e ela com Mel, principalmente se o novo emprego dele desse certo. Tinha sido um verdadeiro presente dos céus Johnny Mallon ter-lhe oferecido um teste de duas semanas para a redação de um novo programa de rádio. Se ele conseguisse agradar, poderiam ficar ricos. Os redatores de rádio ganhavam, mais ou menos, quinhentos dólares por semana, dissera-lhe "Mel, e, às vezes, até mais; começaria com duzentos. Além disso, a peça chegara a Nova York com três semanas de antecedência e não foi preciso fazer a temporada em Boston. Ah, tudo estava simplesmente perfeito.

Pretendia comprar algumas roupas extravagantes, pois toda gente já vira o seu vestido de tafetá cor de púrpura, uma centena de vezes. Que roupas maravilhosas Jennifer trouxera de Filadélfia! Enchera o guarda-roupa. Não era de estranhar que estivesse sempre sem um centavo. E ainda dizia que Tony Polar era pão-duro. Como podia dizer uma coisa dessas, se ele lhe dera, no Natal, aquele anel,

com um enorme pedra azul? Jennifer disse que era apenas uma água-marinha, mas ela ficaria feliz em ganhar um anel assim. Bem, para começar, compraria um novo casaco para o inverno na primeira liquidação que encontrasse.

Ela e Mel foram convidados para a grande festa de Ano-novo em casa de Johnny Mallon. A passagem de ano, porém, seria comemorada no camarim de Helen.

— Vocês nunca conseguirão sair do teatro a tempo de estar na festa à meia-noite — insistira Helen, servindo-os de champanha.

A festa de Johnny fora espetacular. Neely nunca tinha ido a uma festa repleta de celebridades como aquela. E a maior surpresa foi que todos a conheciam, todos sabiam quem era ela. Então, Johnny Mallon segredara a Mel que ele podia se considerar membro permanente do grupo. Céus, isso era fantástico! E ela devia parar de dizer céus a toda hora. Uma porção de pessoas na festa rira quando ela empregara a palavra. Não foram risadas de caçoada, é que pensaram que ela estivesse fazendo graça. . . Talvez, com o tempo, e a convivência com os amigos intelectuais de Mel, melhoraria a linguagem. Jamais ouvira nos bastidores dos teatros outra coisa que não expressões que sabia pouco distinto repetir. E, depois, Mel tinha um vocabulário muito bom, frequentara a universidade. Céus, um homem de classe, como Mel, apaixonado por ela! Jamais esqueceria essa véspera de Ano-novo. Mel dissera o mesmo. Ela o abraçou fortemente, naquela noite, quando chegaram ao hotel onde ele morava.

— Mel, estou tão feliz que tenho medo.

— Isso é o que eu chamo começar bem o ano — dizia Mel, enquanto se preparava para deitar. — Sabe que senti um pouco de pena de Helen, esta noite, quando a deixamos sozinha no camarim?

Neely fez uma careta.

— Ora, Helen nunca está com ninguém. Esta noite, ainda teve a sorte de conseguir que aquele desenhista bicha a acompanhasse a uma festa. Mel, este hotel é mesmo uma droga. Já é quase de manhã e ainda não ligaram o aquecedor. No nosso apartamento

temos aquecimento durante a noite inteira. — Pulou para a cama e para os braços de Mel, onde ficou a tremer.

— Está bem, diga quando quer casar e arranjarei um bom apartamento.

Neely enroscara-se nele para se aquecer.

— Não responde? Você ouviu o que Johnny disse esta noite. Estou definitivamente empregado. E ganhando duzentos dólares por semana.

— E eu também.

— Então vamos nos casar.

— Sim, só no dia 1.º de junho.

— Por que esperar até lá?

— Porque alugamos o apartamento até aquela data. Nós combinamos que, se alguma de nós saísse antes daquele dia, teria de continuar pagando o aluguel até lá. Você sabe, estamos todas à beira do casamento.

— Então pagaremos.

— Está brincando? Pagar dois aluguéis?

— Mas, Neely, eu a quero tanto.

Ela riu.

— Você me tem.

— Neely.. .

— Vamos nos casar no dia 1.º de junho. E agora, Mel, me ame. . . Não, assim não; não estou usando o diafragma. Por favor, Mel. . .

*Fevereiro, 1946*

Anne e Jennifer quase não acreditaram nos seus olhos quando viram Neely dar ordens aos carregadores para que pusessem um enorme piano a um canto do apartamento.

— Acabo de assinar um contrato com a agência de Johnson Harris — anunciou Neely.

— E o seu contrato com Henry Bellarny? — perguntou Anne.

— Bem, tive uma longa conversa com ele ontem. Conte-ihe que a agência de Johnson Harris tinha me procurado e ele

imediatamente concordou em rescindir o contrato. Na verdade, ainda não sou suficientemente grande para ter um agente. Eu preciso é ter uma grande agência atrás de mim. Henry concordou e vejam o que aconteceu. . .

— Deram-lhe o piano? — perguntou Jennifer.

— Não, mas vão pagar pelo aluguel dele. E me conseguiram um contrato no La Rouge. Vou estrear dentro de três semanas.

— E *Tocando as Nuvens*? — perguntou Anne.

— Farei as duas coisas. No La Rouge, faço apenas o *show* da meia-noite, ganhando trezentos dólares por semana. Não é fantástico? E sabem o que mais? A agência conseguiu Zeke Whyte para mim, e eles é que vão pagá-lo para encenar o meu ato. Ele só trabalha com as grandes estrelas; quando me ouviu cantar, falou que, com um pouco de trabalho, poderei ser grande. Chegou a dizer que eu era assim algo entre Judy Garland e Mary Martin.

— Bem, só não convide Helen Lawson para vir aqui, ou jogaremos as duas e o piano na rua — brincou Jennifer, piscando o olho para Anne.

— Não acham o piano espetacular? — perguntou Neely, passando amorosamente a mão pelo já bastante gasto Steinway. — Zeke insistiu na marca. Não acham que melhora o ambiente?

Jennifer balançou a cabeça.

— Tem razão. Parece que estamos num autêntico salão de ensaio.

O rosto infantil de Neely parecia desapontado.

— O piano atrapalha vocês?

— Não — sorriu Jennifer —, só estou pensando onde você porá a barra de exercícios. Não é isso que vem em seguida?

— Deixe de ser ambiciosa, Jen. Será ótimo termos uma estrela na família — interrompeu Anne, bem-humo-rada.

Neely fez uma careta.

— Faça tudo isso apenas para ganhar dinheiro. Em junho, quando eu e Mel nos casarmos, quero ter dinheiro suficiente para poder decorar um apartamento tão bonito como este.

— Quando é que Mel encontra tempo para escrever para Johnny Mallon? — perguntou Jennifer. — Parece que ele está

trabalhando todo o tempo como seu agente de imprensa. Nunca- vi ninguém conseguir tanta publicidade.

— E por que não? Afinal, tudo o que ganho é para o nosso futuro.

— Você, realmente, não ambiciona ser estrela? — perguntou Jennifer.

— Para quê? Para acabar passando a véspera de Ano-novo sozinha num camarim, e depois sair, tendo como única companhia uma pobre bicha? Claro que quero continuar trabalhando depois de me casar, mas, para mim, o casamento sempre será mais importante. Você não fez o mesmo quando recusou um contrato para o cinema por causa de Tony Polar?

Jennifer encolheu os ombros.

— O contrato não era bom. O salário era apenas de cento e cinquenta por semana.

— Henry aconselhou-a a aceitá-lo — insistiu Neely. — Ou será que você aceitaria se pagassem mais?

— Talvez aceitasse. O que acontece é que eu não tenho talento, Neely. E você tem.

— Sim, mas é necessário algo mais que talento. Bem, vamos limpar um pouco este lugar. Zeke deve chegar a qualquer momento.

— O apartamento está limpo — protestou Anne.

Neely corria de um lado para outro, esvaziando cinzeiros.

— Jen, você usa todos os cinzeiros ao mesmo tempo. Zeke está contente por eu não fumar; diz que mesmo a fumaça que há numa sala, quando alguém fuma, afeta a voz de uma cantora.

Jennifer ergueu as sobrancelhas.

— Será que vão proibir o fumo na noite de sua estreia?

— Não, mas não preciso contaminar minha casa.

Nas três semanas seguintes, Zeke Whyte tornou-se dono do apartamento. Ensaiaava Neely interminavelmente e Anne e Jennifer nunca chegaram sem o encontrar lá. O seu ar afeminado chegava a ser simpático, parecia muito cômico de sua importância e era um excelente musicista. Não tinha piedade da pobre Neely.

— Que é que ele quer de mim? — perguntava, entrando no quarto, numa explosão de lágrimas. — Nunca tive uma aula de

música na minha vida e sei que estou cantando direito. De repente, ele quer me transformar numa nova Lily Pons, em apertadas três semanas. Anne, vá falar com ele e mande-o embora.

Aí, Zeke aparecia na porta do quarto:

— Está bem, Neely. A hora da histeria passou. Vamos voltar ao trabalho.

— Não posso. Você exige demais. — Soluçava.

— Claro que exijo. Por que ser ótima quando se pode ser grande?

Neely sempre voltava. . . e recomeçava tudo. As escalas. . . mais explosões de nervos. . . mais exercícios vocais. . . parecia não ter fim. O pior, porém, aconteceu no fim da segunda semana. Neely irrompeu pelo escritório de Henry Bellamy adentro perguntando onde ele estava.

— Onde está quem? — perguntou Anne.

— Henry. Quero-o de novo para meu agente. Preciso dele. Preciso me livrar de Zeke.

— Henry está na NBC. Que foi que Zeke fez desta vez?

— Quer que eu queime todas as minhas roupas.

— O quê?

— Isso mesmo que você ouviu. Que eu as queime. Disse que são tão horríveis que não vai nem permitir que eu as dê a alguém, incluindo este casaco novo. Paguei por ele setenta dólares.

— Bem, eu também acho que é um tanto sofisticado para o seu tipo. — Anne conseguiu disfarçar um sorriso.

— Anne, durante toda a minha vida vesti as roupas que minha irmã não queria mais. Tenho todo o direito de escolher as minhas roupas agora.

— Que é que Zeke quer que você vista?

— Quem é que sabe? Devo me encontrar com ele mais tarde, na loja de um costureiro. Por isso é que eu quero falar com Henry, perguntar se não tenho alguns direitos.

— Ora, Neely, para isso você não precisa de Henry. Diga você mesma.

— Não, não quero brigar com Zeke, tenho medo que ele largue tudo. Céus! Anne, você não imagina as coisas que ele

conseguiu fazer com a minha voz. Às vezes, nem eu mesma acredito que seja eu. E em duas semanas apenas. Sabe que pela primeira vez na minha vida começo a acreditar que posso chegar a ser estrela? Consigo alcançar notas tão altas que nem sonhava que existissem, e consigo mante-las claras e fortes.. . Anne, ele é génio.

— Então, talvez ele tenha razão também quanto às roupas.

Neely suspirou.

— Bem, então deixarei que ele escolha o vestido que usarei na estreia. Está sendo desenhado especialmente para as danças e os movimentos de alguns números. Tem uma coisa: jamais desistirei deste casaco.

Na semana seguinte, Neely mandou para a irmã o casaco, o vestido de tafetá cor de púrpura e seis vestidos que tinha comprado desde que a peça estreara em Nova York. Zeke fez com que comprasse apenas um vestido de gala para a estreia, dois vestidos de lã para serem usados durante o dia, e um sóbrio casaco azul-marinho. Neely olhava para esse parco guarda-roupa com enorme desgosto. Alternava os dois vestidos e tinha até medo de comer com eles, pois qualquer mancha em um deles a privaria da metade do seu guarda-roupa.

— Imagine, pagar cento e vinte e cinco dólares por isso — dizia ela.

Mel estendia cuidadosamente um guardanapo no colo. Estavam sentados no Sardi, onde Neely era sempre conduzida a uma mesa de frente, fato que nunca deixara de encantá-la.

— É muito elegante — comentou Mel. — Na verdade, não parece ter custado tanto dinheiro.

— Zeke diz que devo criar um tipo e ficar fiel a ele durante todo o tempo.

— Que espécie de tipo ele espera criar com esse vestido?

— Não sei. Que é que você acha? Você, que frequentou a universidade.

Mel começou a comer o seu sanduíche e ficou olhando-a pensativamente.

— Bem, está claro que não parece uma estrela da Broadway em ascensão, isso eu posso garantir. Faz com que você se pareça

com uma estudante. É isso: uma moça recém-saída de um colégio grã-fino.

— E isso é bom?

— Não sei, querida. Eu a amo de qualquer maneira, mesmo quando está usando aquele horrível tafetá cor de púrpura.

— Mel! Você nunca me disse que não gostava daquele vestido.

— Você o usava quando a vi pela primeira vez, e eu não quis magoá-la.

— E o que acha do meu casaco preto, com gola de raposa vermelha?

— Bem, tinha um aspecto bastante vulgar. . . e um ar envelhecido.

— E esse simples casaco azul-marinho tem. alguma coisa de invulgar?

— Não sei ao certo, minha querida, mas acho-o totalmente adequado a você. Todos sabem que, de modo geral, as bichas têm muito bom gosto.

— Oh, está bem.

Neely suspirou e atacou o seu sanduíche.

*Março, 1946*

Ninguém estava preparado para receber o impacto da estreia de Neely. Anne lá estava, com Lyon e Henry. Jenni-fer estava com Tony Polar, a irmã deste e mais uma porção de compositores e letristas, em uma enorme mesa. Helen Lawson chegou, acompanhada por um assistente de direção, acenou para Henry e ignorou Anne ostensivamente.

Tudo começou como qualquer outra estreia de boate. Os jornalistas estavam presentes por dever de ofício. As celebridades tinham vindo para serem vistas pelos jornalistas. Ninguém esperava grande coisa do espetáculo. Já tinha acontecido outras vezes: uma nova garota, aproveitando-se da publicidade obtida em uma peça de sucesso, para aumentar o seu parco salário, estreava em uma boate. O público ao chegar, mostrara o devido respeito por uma cantora

que demonstrava energia e decisão. Quando se retirou, transformaram-na em objeto de verdadeira idolatria. Anne não podia acreditar. Trocou olhares com Jennifer durante a representação e ambas não esconderam estar, ao mesmo tempo, surpresas e maravilhadas. Henry Bellamy sentava-se à beira da cadeira.

Neely esteve fantástica. As luzes faziam seu rosto de menina parecer mais bonito, e o vestido, uma saia de cetim branco e blusa de cetim azul-marinho, extremamente simples, deixava descobertas as suas maravilhosas pernas. Anne surpreendeu-se por nunca tê-las notado antes, nem a perfeita silhueta juvenil, cintara fina, o busto de menina.

— Acabamos de perder uma estrela — murmurou Henry. — Por Deus, Lyon, como foi que deixamos que ela «capasse por entre os dedos, dessa maneira?

Lyon sacudiu a cabeça.

— Quando cometemos um erro é para valer.

— Ela é realmente ótima, não é? — sussurrou Anne.

— Ótima não é a palavra adequada — respondeu Lyon. — Ela é simplesmente inacreditável. Não há, no momento, outra igual a ela.

A partir daí, a excitação que cercava a vida de Neely tornou tudo caótico no apartamento. O telefone não parava de tocar e a sala de estar era ininterruptamente solicitada para entrevistas, fotografias, ensaios. Neely apareceu em quase todos os programas de rádio, como convidada especial. Assinou contrato com uma grande gravadora. A Metro queria-a para um filme. A Twentieth, também. E Helen Lawson deixou de falar com ela.

Neely sentia-se chocada.

— Imagine, Anne, que ela me trata como se eu estivesse morta.

Jennifer não conteve o riso.

— Isso significa que você é agora uma estrela. Comigo ela continua sendo muito amável.

— Pretendia continuar na peça até a próxima temporada — explicou Neely —, resolvi o contrário. Gilbert Case me ofereceu um

novo contrato, a partir de 1.º de junho, com um aumento de cem dólares. Mas não posso aceitar, se Helen me trata dessa maneira.

Anne riu e disse:

— Ora, Neely, você está apenas querendo apaziguar sua consciência por abandonar a peça. Afinal, você não entra com Helen em nenhuma cena.

— Por que deveria sentir gratidão em relação a Case? Eu jamais conseguiria o papel na peça se não fosse por você, Anne, e se Helen não tivesse ficado com medo de Terry King.

Finalmente, assinou um contrato com a Century, e explicou:

— É um estúdio menor do que os outros, mas a agência acha que é o melhor para mim. Dois filmes deles foram premiados pela Academia no ano passado e estão contratando todas as novas estrelas. A Century me dará tudo o que é necessário para a criação de uma estrela.

Mel não ficou feliz com o contrato cinematográfico.

— É maravilhoso — insistia Neely —, ficarei na peça até o último dia de maio. Adele escreveu que estará aqui em meados de junho, e vai querer o apartamento. Portanto ...

— E com relação a Jennifer e Anne? — perguntou Mel.

— Bem, *Tocando as Nuvens* ficará, pelo menos, mais um ano em cartaz. Jennifer estará na peça até casar com Tony, se bem que as coisas não pareçam encaminhadas nessa direção.

— E onde é que elas vão morar?

— Bem, as coisas agora já estão mais fáceis. Elas podem se mudar temporariamente para o Hotel Orwin, alugar uma suite por um preço razoável.

— E nós, como ficamos?

— Casaremos no dia 1.º de junho, como planejamos.

— Puxa, pensei que você jamais me pedisse — disse Mel sorrindo.

— Depois do casamento, iremos imediatamente para a Califórnia, passar a lua-de-mel. O Chefe vai nos conseguir uma casa.

— O Chefe?

— Ah, esqueci de lhe contar — balbuciou Neely. — Ele esteve em Nova York, na semana passada. Cyril H. Bean é o nome dele,

mas ninguém o chama de Cyril ou de Sr. Bean. Chamam de O Chefe. É um velhinho muito simpático, mais ou menos cinquenta anos, pele bem tostada e cabelos brancos. É tão bondoso, verdadeiramente paternal. Vai alugar uma enorme casa para mim em Hollywood, por trezentos dólares mensais, com piscina e tudo. Só que me avisou para não tomar sol, pois já tenho sardas suficientes. Ele me disse que, se as coisas saírem bem e eu triunfar, poderei alugar uma casa em Beverly Hills.

— E qual é a diferença?

— Quem sabe? Achei que ele estava quase me pedindo desculpas porque a casa era em Hollywood. Fingi que não me importava. Imagine, Mel, uma casa com piscina!

— Neely. — Mel tomou-lhe as mãos. — Você sabe que eu a amo.

— Mel, começarei ganhando mil dólares por semana! Imagine a quantidade de dinheiro que teremos.

— Neely... o programa de Johnny Mallon é em Nova York.

— Desista dele.

— Sem mais nem menos?

— Mel, você está maluco? Só ganha duzentos dólares por semana.

— No próximo ano ganharei trezentos.

— Eu estarei ganhando mil, sem contar o dinheiro com os discos. A agência diz que vou faturar vinte e cinco mil só em discos no ano que vem. Imagine!

— E, enquanto isso, que é que eu farei? Ficarei sentado à beira da piscina?

— Mel, você está comigo. Nós somos um. Preciso de você e de toda a publicidade que puder obter; agora mais que nunca.

— O estúdio vai lhe dar alguém para isso.

— Sim, mas não será como você; é um agente para todas as estrelas. Quero que você trabalhe só para mim, e tome conta da parte financeira. Mel, nunca assinei um cheque na minha vida. Mesmo no apartamento, com as garotas, elas me dizem qual é a minha parte e eu dou o dinheiro. Não serei nem capaz de dirigir uma arrumadeira e uma cozinheira, nem saberei o que dizer. Nunca tive

uma casa. Você vai tomar conta de tudo. Mel, você tem de vir. Não serei ninguém sem você.

— Não, Neely. Não vai dar certo.

— Por quê? Afinal, você é responsável por tudo isso. Como foi que consegui o contrato no La Rouge?

— Foi a sua agência que conseguiu.

— Mel, a agência só ficou interessada em mim por causa da publicidade que você vinha me dando. Não vieram correndo para mim quando estreei em *Tocando as Nuvens*. Talvez não fosse a cantora que sou hoje, e que Zeke criou, se você não me fizesse notada.

Ele pegou suas mãos.

— Zeke não lhe deu a voz que tem e não fui eu que a inventei. Você sempre foi o que é. Nós apenas ajudamos a chamar a atenção das pessoas para você.

— Então continue me ajudando, Mel.» . . preciso de você, e o amo.

— Neely, duvido que dê certo. Nunca estive em Hollywood, mas sei como são essas coisas por lá. Seria sempre o Sr. Neely O'Hara. Ninguém me respeitaria.

— Você não está achando que eu vou frequentar as extravagantes festas de Hollywood ou me misturar àquela gente? Tudo será como aqui. Vivo recebendo convites para comparecer a estreias e, às vezes, nós vamos. E ninguém o chama de Sr. O'Hara.

— Aqui é diferente, Neely.

— Mas nós somos os mesmos! Ouça, Mel, quero trabalhar duro, ganhar bastante dinheiro e, talvez, dentro de uns cinco anos, dar um pontapé em tudo. E todos vão saber que você é responsável por mim. Eu não irei se você não for comigo.

— Neely. . .

— Mel, por favor. . .

O rapaz apertou-lhe a mão e disse alegremente:

— Está bem, sempre sonhei em ter um bronzado à moda de Hollywood. Menina, o pessoal de Brooklin vai ficar impressionado.

JENNIFER

*Dezembro, 1946*

Jennifer, trepada numa cadeira, tentava colocar uma caixa de chapéus na última prateleira do guarda-roupa; se não se esquivasse rapidamente, duas malas cairiam na sua cabeça.

— Esta escassez de armários está se tornando insuportável.

Anne ajudou-a a colocar as malas novamente no lugar.

— Eu poderia oferecer o meu, mas já está completamente cheio das roupas que você me deu.

— Como é que um hotel espera que alguém possa viver com dois insignificantes armários? Por que é que Adele não se casou com um lorde inglês e ficou por lá? Meu Deus, como sinto falta daquele apartamento.

— Jennifer, os armários são enormes, mas ninguém precisa de tanta roupa.

— E eu não gosto de nenhuma.

— Jen, não se atreva a comprar mais um vestido! Eu já possuo o melhor guarda-roupa da cidade, só porque você enjoa de um vestido na primeira vez que o usa. Os olhos de Lyon saltam das órbitas quando vê a quantidade de novas criações que ando vestindo.

— Bem, se Tony me der um *vison* novo no Natal, você pode ficar com o velho.

— Velho? Você o ganhou no ano passado!

— Eu o odeio. Lembra aquele príncipe. Além disso, é um *vison* selvagem e combinará com o seu cabelo. Eu quero um bem escuro.

— Então eu o comprarei de você.

— Não seja boba!

— Eu tenho dinheiro, Jen. Henry aplicou os doze mil mais o dinheiro da venda do anel.

— Quanto lhe rendeu o anel?

— Bem, só conseguimos vinte mil por ele. Vale mais, mas a oferta era maior do que a procura. Henry investiu tudo em títulos, que não estão subindo muito, mas que me proporcionaram bons dividendos.

— Muito bem, não toque nas ações.

— Você só fala. No entanto, posou para o *Vogue* e para o *Harper's* esta semana e já não tem um vintém. Jenni-fer, você deve ter ganho uma fortuna desde que assinou contrato com o Longworth. Mas gasta tudo em roupas. E nem liga para elas, afinal.

— Como posso economizar se o que não gasto em roupas mando para mamãe? Como modelo, ganho de trezentos a quatrocentos por semana, e isso não é grande coisa. Não, o meu grande trunfo é Tony. Tenho vinte e seis anos, Anne, e não tenho nem muito tempo nem muito futuro. Tony se impressiona com as minhas roupas e os jornais dizem que sou glamourosa. Encaro isto como um investimento. Estou pondo tudo neste jogo. Se sair premiada com o casamento, serei independente pelo resto da vida.

— Ainda não vejo motivo para você se desfazer do casaco de *vison*.

— Toda gente já me viu com ele por mais de um ano. Se me casar com Tony, poderei comprar uma dúzia deles. Você, no entanto, a menos que o livro de Lyon faça um sucesso fora do comum, terá de esperar muito tempo por um *vison*.

— Bem, Lyon terminou seu livro na semana passada.

— Que ótimo! Então vocês já podem casar.

— Não é tão simples. — Anne sorriu. Em primeiro lugar, o livro terá de ser aceito por um editor. Lyon enviou-o a Bess Wilson, que é uma agente literária muito importante. Se ela gostar, e concordar em cuidar de sua publicação, será meio caminho andado. Qualquer editor lerá com o maior interesse um manuscrito indicado por Bess Wilson.

— Quando é que ele vai saber?

— Qualquer dias desses. Esperamos que antes do Natal. Ei, o disco de Neely acabou. — Anne correu para a vitrola e tirou o disco.

— Você está quase gastando esses discos — disse Jennifer.

— São tão bons e estou tão orgulhosa de Neely.. . Mal posso esperar pelo filme.

— Você se incomoda se eu desligar agora? Quero ler um pouco.

Anne desligou a vitrola.

— Jennifer, são duas horas da manhã. Precisamos dormir.

— A luz do abajur vai incomodá-la?

— Não. Fico preocupada por você dormir tão pouco. Às vezes, acordo no meio da noite e a sua cama está vazia.

— Estou fumando na sala, para não incomodar você.

— Por quê, Jennifer? Preocupa-se com Tony?

Jennifer encolheu os ombros.

— De certa forma, sim. Mas não tenho dormido faz mais de um ano. Estou preocupada também com Tony. Sabe, em fevereiro ele deverá ir à Califórnia, para um programa de rádio.

— Talvez ele a peça em casamento antes de ir para lá.

— Não enquanto Míriam não o largar. Quando estamos sozinhos, sou capaz de fazer com que ele concorde com tudo. E só estamos sozinhos na cama.

— Por que não fogem?

— Já pensei em fugir para Maryland; no momento em que levanta da cama, Tony faz o que Míriam ordena. Agora, vá dormir. Não há necessidade das duas ficarem acordadas.

— Tente dormir um pouco — disse Anne arrumando o travesseiro.

— Primeiro vou fazer meus exercícios e lubrificar o meu equipamento.

Jennifer fechou a porta do banheiro e pegou o pote de manteiga de coco. Olhou-se no espelho, sob a impiedosa luz do banheiro. Finíssimas linhas formavam-se sob seus olhos. Dentro de quatro anos, seria trinta anos! A peça estaria em cartaz até junho e fazia um ano que trabalhava nela. Nada acontecera ainda. Claro, sempre havia o pequeno contrato que lhe ofereceram na Twentieth. Mas, se ela o aceitasse e seguisse Tony à Califórnia, não conseguiria casar com ele nunca. Por outro lado, se ele fosse sozinho, será que sentiria tanta falta dela a ponto de chamá-la? Nunca! Míriam se encarregaria de cercá-lo de garotas lindas e . . . jovens.

Tony imaginava que ela tivesse vinte anos de idade. Se algum dia ele prestasse mais atenção a uma garota de dezenove ou vinte anos, poderia perder na comparação. Ultimamente, Míriam a observava disfarçadamente, fazendo perguntas esquisitas, tentando

apanhá-la em uma armadilha, a respeito de datas na escola. Ainda bem que Tony não era muito inteligente. Jennifer parou de repente. Sim, era verdade, Tony não era nada inteligente. Ou Míriam nunca lhe dava oportunidade de mostrar sua inteligência? Não há dúvida de que tinha inteligência para representar. Sabia de pronto quando uma música saía quase que imperceptivelmente do tom. Não, Míriam é que não lhe dava nunca oportunidade para que ele pensasse por si. Míriam! Passou um pouco mais de creme sob os olhos. *Tinha* que dormir. Voltou para o quarto. Anne estava quase dormindo. Foi até a cama e apagou a luz.

Uma hora mais tarde, estava ainda completamente acordada. Esta seria mais uma daquelas noites. Saiu da cama quietamente e entrou na sala. Poderia dormir, se tivesse coragem. Pegou a bolsa e tirou dela um pequeno vidro. Ficou olhando para as pequenas cápsulas vermelhas em forma de bala. Irma lhe dissera: "Tome uma só, e dormirá por muitas horas".

Seconal. Irma lhe dera quatro cápsulas: "Para mim, valem ouro. Não posso dar mais que isso". Irma era a substituta de Neely na peça. Dizia que as pequenas "bolinhas" vermelhas tinham salvo sua vida. "Eu lhe daria mais algumas, Jennifer, mas você precisa arranjar uma receita médica. Eu só consigo dez cápsulas por semana."

Deveria experimentar? Era uma ideia que lhe causava medo, saber que uma cápsula, tão pequena, podia pôr a gente a dormir. Foi até a pequena copa e serviu-se de um copo d'água. Ficou segurando a cápsula por um momento, sentindo o coração bater forte. Podia conduzir ao vício. . . ridículo. Irma tomava uma, todas as noites, e estava sempre bem; estivera nervosa ao entrar na peça, e ainda continuava bastante nervosa, sete meses depois: "Sinto que toda a gente me compara a Neely quando canto. Ela está tão conhecida, agora que saiu o seu novo álbum".

Bem, uma simples pílula não podia fazer mal. Engoliu-a, pôs novamente o frasco na bolsa e correu para a cama. Quanto tempo demoraria? Ainda estava se sentindo completamente acordada. Podia ouvir a respiração compassada de Anne, o tique-taque do relógio na mesinha-de-cabeceira, os sons de tráfego lá longe. . . Na

verdade, todas as sensações pareciam intensificadas. Então sentiu. Oh, Deus! Era fantástico! Seu corpo parecia flutuar. . . a cabeça estava pesada e, ao mesmo tempo, tão leve quanto o ar. Iria dormir. . . dormir. . . ah! aquela linda cápsula vermelha.. .

No dia seguinte, foi consultar o médico de Henry, que a tratou friamente. Estava em excelentes condições físicas. Que ideia era aquela?! Não, não receitaria Seconal. Que deixasse de tomar café e de fumar tanto; certamente, dormiria. E, se não dormisse, era porque o seu organismo não estava necessitando de sono.

— Não é assim que se faz — explicou Irma, alguns dias mais tarde. — Você não pode ir a um bom médico e, simplesmente, pedir Seconal. Precisa achar um médico humilde, cuja ética esteja um pouco "escondida".

— Onde? Irma, dormi quatro noites seguidas com aquelas abençoadas bolinhas vermelhas e foi um paraíso. Sem elas, há duas noites que não durmo.

— Procure um daqueles hotéis de terceira classe no West Side. Você verá uma placa de médico em alguma janela suja. Não entre e peça as pílulas. É preciso fazer todo o jogo. Entre e diga que você não é daqui. Califórnia é sempre um bom lugar. E não vá com o *vison*, que o preço será maior. Diga que não consegue dormir. Ele fingirá que está auscultando o seu coração, enquanto você continua a dizer que tudo o que necessita são algumas noites de sono. Aí, ele lhe dá uma receita para uma semana em troca de dez dólares, e saberá que, dentro de uma semana, você estará de volta; ele saberá que tem garantidos dez dólares por semana daqui por diante. Talvez você tenha que tentar alguns antes de acertar. Dois deles não quiseram fazer o meu jogo, mas a gente sempre acaba encontrando algum. E não vá ao Hotel Mackley, que é onde eu vou. Ele pode ficar desconfiado.

Jennifer achou o seu médico na Rua Quarenta e Oito. Sabia que tinha acertado, quando o viu tirar um estetoscópio empoeirado para auscultá-la. Depois, simplesmente puxou um caderno de receitas e perguntou:

— Nembutal ou Seconal?

— As vermelhas — murmurou Jennifer.

— Aqui tem uma receita para Seconal. Deve dar para uma semana, e fazê-la melhorar. Senão, pode vir novamente.

Anne estava encantada com a mudança operada em Jennifer. Não sabia das pílulas; estava, entretanto, contente por ver Jennifer dormir a noite inteira. Pensou se Tony lhe teria dado alguma palavra de encorajamento.

Alguns dias antes do Natal, quando Anne estava arrumando a maleta para passar, como de costume, o fim de semana com Lyon, Jennifer tomou a grande decisão.

— É isso: vou fazer com que Tony vá comigo a Elkton esta noite, ou então não o verei nunca mais. Fiz este plano ontem à noite. Se isso não funcionar, então terei ainda seis semanas para agir. Como ele vai ficar seis semanas na cidade, durante esse tempo poderei surgir com algum outro sujeito nos lugares em que ele estiver e deixá-lo maluco. Maluco a ponto de fazê-lo afrouxar e casar comigo. Se eu esperar até que ele vá para a Costa, estou frita. . .

— E onde estará Míriam esta noite?

— Onde sempre está. . . conosco. Hoje haverá uma estreia no La Bombra. Eu disse a Tony que iria para casa mudar de roupa depois de sair do teatro, e que ele me apanhasse aqui. Míriam estará esperando no La Bombra, com o resto do grupo. Eu o terei sozinho para mim e o pegarei de surpresa. E se eu conseguir, como pretendo. . .

Jennifer estava de roupão quando Tony chegou.

— Ei. . . vista-se depressa. O *show* começa à meia-noite e meia.

Ela se aproximou dele.

— Me abrace primeiro — disse suavemente.

Quando a largou, ele suspirou.

— Menina, me deixe respirar. Puxa, preciso de uma transfusão de sangue apenas estando perto de você. — Suas mãos acariciavam os seios de Jennifer; os dedos lutavam com os botões do roupão de cetim.

— Por que você usa esses botões todos?

Puxou a roupa dela até a cintura. Deu um passo atrás, respirando mais rapidamente.

— Jen, ninguém devia vê-los assim.

— São seus, Tony.

Tony afundou o rosto neles, ajoelhando-se.

— Não posso acreditar. Cada vez que toco neles, não posso acreditar. — Sua boca estava faminta, e ela segurava suavemente a sua cabeça.

— Não quero sair daqui — murmurou ele.

— Tony, vamos nos casar.

— Claro, menina, claro... — Continuava lutando com o resto dos botões. O roupão caiu no chão. Ela recuou. Ele engatinhou atrás dela. Ela recuou novamente.

— Tony, tudo isto — apontou para o próprio corpo — não é seu... é meu. — Ele a perseguiu, ela fugiu novamente. Continuava a passar as mãos pelo próprio corpo e a apontar entre as pernas. — É minha, também — disse com suavidade. — Mas nós queremos você, Tony. Tire a roupa.

Ele arrancou a camisa com tanta fúria que os botões caíram ao chão. Ficou nu, parado na frente dela.

— O seu corpo é bonito — disse ela, com um sorriso vagaroso. — O meu é muito mais. E se acariciou demoradamente, enquanto ele a observava, com a respiração ofegante. Tony correu para ela, ela recuou novamente.

— Pode olhar. . . mas não pode tocar, até que tudo isso pertença a você.

— Mas me pertence. . . você é minha! — Tony estava quase rosnando.

— Por empréstimo. — Ela sorria docemente. — E agora, estou tomando de volta. A menos que queira ficar com tudo, para sempre.

Ele a seguiu, tremendo.

— Eu quero. Venha comigo. . . agora.

— Agora, não. Não, até que você se case comigo.

— Claro — disse alegremente. — Casarei com você. — Tony continuou a segui-la, ela fugia, sorrindo e acariciando o seu corpo todo o tempo, deixando que suas mãos deslizassem pelos seios, pelas pernas e entre elas, com os olhos sempre fixados nele.

— Quando é que vai casar comigo, Tony?

— Falaremos nisso mais tarde, logo depois de. . . — Tony continuava a querer alcançá-la, completamente hipnotizado pelo novo jogo que ela inventara. Jennifer deixava que ele a alcançasse, que a tocasse, que a mordesse, e então fugia.

— Jen. — O rapaz ofegava. — Que é que você está tentando fazer? Quer me matar?

— Vamos nos casar ou será esta a última vez na vida que você toca em mim.

— Vamos nos casar, sim. . .

— Já. Esta noite.

— Como é possível casar esta noite? Precisamos fazer exame de sangue. Precisamos de uma licença. Começaremos amanhã pela manhã. Eu lhe prometo.

— Não, até lá Míriam fará você desistir.

Mencionar o nome de Míriam tinha sido má estratégia.

Isso fez com que ele voltasse à realidade. Sua excitação começou a arrefecer. Rapidamente, ela atravessou a sala acariciando os seios e dizendo:

— Vamos sentir falta de você, Tony.

Ele se aproximou dela e agarrou-a.

— Case conosco esta noite, Tony. Nós o queremos. —Jennifer encostou-se nele.

— Como?

— Pegue o carro. Podemos guiar até Elkton, em Maryland.

— Quer dizer que nos casariam assim de repente?

— Isso mesmo.

— Mas, Míriam. ..

— Falarei com Míriam — disse ela. — Telefonaremos para ela assim que nos casarmos. Eu lhe direi, deixe que ela grite comigo. Você estará em meus braços, e eu lhe pertencerei inteirinha. . . para sempre. Toque em mim, Tony. Tudo isso lhe pertencerá. Você poderá me fazer tudo o que quiser. Mesmo as coisas que eu não deixo fazer agora. E farei tudo o que você quiser, tudo o que você me suplicou que fizesse. . . Depois de estarmos casados.

— Agora, por favor. Depois iremos a Elkton.

— Não. Só depois de Elkton.

— Não poderei suportar, não poderei esperar até lá.

Ela chegou mais perto.

— Sim, você pode. Porque esta noite, depois de nos casarmos, vamos nos divertir muito. — Os dedos dela o acariciavam minuciosamente.

Com a boca seca, Tony gritou: -

— Você ganhou. Por Deus do céu, vamos.

Ela se lançou ao seu pescoço.

— Você não se arrependerá. Eu o farei tornar-se um selvagem.

Houve uma batida seca na porta.

— Não estou esperando viva! Tony. Você disse a alguém que estaria aqui?

Ele sacudiu a cabeça. Ela se vestiu. Um mensageiro.

— É para Anne. Vou telefonar. Pode ser importante. Sentou-se na cama e ligou para o apartamento de Lyon. Tony entrou no quarto. Era uma estupidez fazer aquilo. Onde estava Anne? Por que não respondiam?

— Alô? — Era Lyon. — Sim, vou chamar Anne.

Tony começou a lutar com o roupão. Ela o empurrou.

— Alô, Anne. Acaba de chegar um telegrama para você. Claro, vou ler. Um momento.

Jennifer abriu o telegrama. Tony deitou-a com força na cama. Ela ficou segurando o fone com uma das mãos, o telegrama com a outra, enquanto, silenciosamente, tentava se livrar dele. Cobriu o bocal com a mão, dizendo baixinho-

— Não, Tony! Agora, não. — Mas ele já estava em cima dela e ela olhava para o telegrama. . . — Oh, Deus! Anne, sim... . estou aqui. . . Anne! Bom Deus, sua mãe morreu! — Jennifer sentiu que ele a penetrava rudemente. Apertou os dentes e tentou manter a voz no mesmo tom, enquanto dizia: — Sim, Anne. Isso é tudo o que diz. Sinto muitíssimo. — Tony caiu atravessado sobre ela, arquejante de satisfação.

— Tony, isto não foi justo. Você simplesmente se aproveitou de mim.

Ele sorria preguiçosamente.

— Menina, com os dois predicados que você tem, o que é que esperava?

— É melhor nos vestirmos. Anne vem já para cá.

Ele vestiu a camisa.

— Puxa, eu estava doido por você, não é? Esta camisa ficou sem um botão. Vou dar um pulo no hotel e pegar outra.

— E arrume a mala, Tony.

— Para quê?

— Nós vamos a Maryland, lembra-se?

Ele sorriu.

— Agora não, menina. Se nos apressarmos, ainda poderemos ver uma parte do espetáculo do La Bombra. Esteja vestida quando eu voltar, dentro de vinte minutos.

— Tony, se não viajarmos hoje, você não me verá nunca mais. Caminhou para ela e afagou o seu queixo.

— Claro que a verei, menina. Eu sou o maior. Quem poderá me substituir?

Foi até a porta e disse, ainda:

— Vista alguma coisa sensacional. Os jornalistas estarão lá.

Jennifer ficou olhando para a porta fechada. Malditos! Malditos! Maldita mãe de Anne! Malditas todas as mães! Até na morte conseguiam fazer alguém sofrer. De repente, lembrou-se. Esquecera de mandar um cheque para a mãe naquela semana. E o Natal estava ali. A mãe vira um casaco de cordeiro persa e simplesmente *tinha* de comprá-lo. Queria, pelo menos, ter um casaco de pele antes de morrer. Foi até a mesinha e emitiu um cheque de quinhentos dólares, enfiou-o num envelope e escreveu: "Feliz Natal, e feliz casaco de cordeiro. Jeannete". Bem, pelo menos a mãe ia ter um Natal feliz. Quando é que ela teria um?

Começou a se vestir com pressa. Não queria estar ainda em casa quando Tony chegasse. Tinha de forçar as coisas. O tempo era tão curto!

Iria a Lawrenceville com Anne. Claro, devia isso a Anne como amiga. Chamou Henry Bellamy. Sua voz sonolenta tornou-se alerta quando ela lhe contou as novidades. Claro que devia ir com Anne. E que não se preocupasse, pois ele falaria com Gil Case. Devia

também alugar um carro e mandar-lhe a conta. Seria mais fácil ir de carro a Lawrenceville do que se incomodar com as várias conexões dos horários de trem. Pobre Anne — uma tia e a mãe, tudo no mesmo ano.

Quando Anne chegou com Lyon, tudo estava providenciado. Jennifer tinha até arrumado uma maleta de viagem para Anne.

— Pus dois vestidos pretos e o seu costume cinzento.

— Poderemos tomar o primeiro trem da manhã — disse Anne.

— Não, é apenas meia-noite e meia e, de qualquer maneira, nunca durmo mesmo. Eu dirijo e você dorme durante a viagem. Estaremos lá amanhã cedo. Já aluguei o carro, que deverá estar lá embaixo a qualquer momento.

— Irei com o funeral — disse Lyon.

— Não, Lyon. Afinal, você nem conhecia minha mãe. Estarei bem com Jennifer e você poderá dedicar mais tempo ao livro.

— Telefone quando chegar.

Jennifer apressou-se a descer. O porteiro estava esperando ao lado de um enorme carro preto. Deu as chaves e os documentos a Jennifer e, em cinco minutos, já estavam a caminho. Lyon ficou olhando as luzes do carro se misturarem ao tráfego. Tudo acontecera tão depressa, estava espantado com a liderança assumida por Jennifer. Enganara-se ao julgá-la; positivamente, ela não era fútil. Desceu à rua; por pouco não se encontrou com Tony Polar, que chegava em um táxi.

O funeral foi na segunda-feira. Em Lawrenceville, Anne encarregou-se friamente de tudo. A mãe morrera em um acidente do qual ela mesma tivera culpa: ultimamente, sofria de catarata. Enquanto tia Amy vivia, era ela quem dirigia. Mas, após a morte de Amy, insistira em dirigir. Numa noite de chuva, quando voltava de um jogo de bridge, na igreja, não conseguiu ver a tempo o enorme caminhão. Um choque terrível, a morte instantânea.

O funeral foi sereno e dignificante. Lyon e Henry enviaram enormes arranjos de flores. A Srta. Steinberg e as moças do escritório também enviaram uma coroa. À noite, Anne se dispôs a enfrentar a rotina de receber os amigos. Toda a cidade compareceu para expressar seus sentimentos, e olhar Jennifer.

Na terça-feira de manhã, Jennifer falou da volta a Nova York. Estavam sentadas na ensolarada sala, tomando café. Jennifer gostara de Lawrenceville. Divertiu-se com a admiração de toda a cidade. Mais que tudo, no entanto, ficara impressionada com a enorme casa que pertencia agora a Anne.

— Preciso voltar por causa da peça — disse Jennifer. — Imagino, porém, que você gostará de ficar mais algum tempo.

— Eu? E para quê?

Jennifer olhou à volta.

— Bem, esta casa. Você não pode largar tudo e ir embora.

— Já falei com meu advogado. Dei instruções no sentido de que ele a ponha à venda, com móveis e tudo.

— É uma casa tão linda, Anne. Talvez fosse melhor você alugá-la.

— Eu a odeio. Eu odeio esta cidade. Por isso quero cortar todas as amarras que me possam ligar a isto. Se continuar com a casa, ela será sempre um motivo para que ainda volte aqui. Se a vender, então saberei, que nunca, jamais, voltarei aqui.

— Sua infância foi tão infeliz assim?

— Infeliz, não. Feliz, também não. Não foi coisa alguma.

— Imagino que você não gostava de sua mãe.

— Bem, eu não gostava dela. Mas não a detestava. Nunca me deu oportunidade para nenhuma dessas alternativas. Não a culpo por isso. Culpo Lawrenceville. Oh, Jennifer prefiro passar o resto da minha vida naquele pequeno quarto da Rua Cinquenta e Dois a morar aqui. Lawrenceville me sufoca. Posso sentir isso quase que fisicamente. Durante todo o tempo que passei aqui, conheci umas trinta garotas e nenhuma delas se tornou minha amiga. Estou em Nova York há pouco mais de um ano, e tenho você, Neely e Lyon.

— Bem, quanto a mim e a Lyon, eu garanto. Mas não temos tido notícias da nossa estrela de cinema há meses.

— O filme dela estreia em março. Imagine, sua primeira fita estrear no Music Hall.

— É, parece que ela vai muito bem. Li em algum lugar que já começou a fazer o segundo filme. Quando começará a ter filhos? E Mel, será que engordou? Era tão magro!

As duas riram e Jennifer serviu-se de mais café.

— Bem, preciso partir hoje à tarde. Chegarei a Nova York tarde da noite. Pelo menos, amanhã, faço a matinê. Tony, provavelmente, deve estar pensando que fui raptada, pois não deixei nenhum recado. E Míriam deve estar comemorando. — Pensou muito em Tony durante a monótona viagem de volta a Nova York. Mesmo que as coisas dessem certo e eles se casassem, sempre haveria Míriam. Para Tony, ela era um tabu.

— Ela me criou, deu sua vida toda para isso — gritava Tony, quando ela se queixava da eterna intromissão da irmã na vida deles. — E é a única pessoa no mundo que se importa mesmo comigo.

Míriam, entretanto, não podia ir para a cama com eles. E depois, não queria casar com ele apenas pelo dinheiro e pela segurança. Queria também ser uma boa esposa. Queria ter filhos. Tony ganharia tanto quanto ela. Não pretendia enganá-lo. Enganá-lo? Teria graça. Um homem era exata-mente igual a qualquer outro. Tony conseguia satisfazê-la, qualquer um conseguiria. Maria lhe ensinara os segredos do **seu** corpo e como conseguir excitar-se. Era fácil. . .

Sua caixa de correspondência estava repleta: recados da Agência Longworth (esquecera de notificá-la), recados de Tony. A telefonista do prédio informou-a de que o Sr. Tony Polar tinha acabado de chamá-la, pela décima vez naquele dia. Jennifer sorriu satisfeita. Duas horas da manhã. Subiu ao apartamento e despiu-se; não tomou Seconal. Na cama, ficou esperando.

Vinte minutos depois, o telefone tocou. Sentiu o alívio de Tony quando respondeu. Ele rosnou:

— Onde é que você se escondeu?

— Longe daqui.

— Eu sei. — O tom de sua voz mudou e, em seguida com súbito fervor: — Escute, menina, tenho estado meio doido. Onde é que se meteu?

Não se convenceu de todo quando ela lhe contou. Nem ficou sossegado.

— Desde quando sai correndo da cidade para assistir a funerais?

— Anne é a minha melhor amiga.

— Está certo, mesmo assim você ficou fora da cidade um tempo enorme. Que foi que aconteceu? Será que um dos carregadores do caixão era tão bonito?

— Todos eram. Na verdade nunca vi tantos homens bonitos como nessa cidade — disse ela docemente.

A verdade é que não tinha falado com um homem que não tivesse para mais de cinquenta anos.

— Jen — disse ele suavemente —, posso ir até aí?

— Tony, são quase três horas.

— Posso chegar aí em cinco minutos.

Ela forçou um bocejo.

— Sinto muito, estou exausta.

— Então amanhã. De tarde. Às três horas tenho uma gravação, estarei livre mais ou menos às quatro.

— Tenho matinê. É quarta-feira, você se lembra?

— Então estarei aí depois da matinê.

— Não. Você sabe que fico maquilada até o espetáculo da noite. Além disso, desmancharia o meu penteado.

— Está bem, está bem. Então vou levá-la para jantar.

— Vamos ver. . . — E desligou.

Não foi para casa depois da matinê. Esforçou-se para assistir a um filme entre os dois espetáculos. Depois da sessão noturna, deu instruções ao porteiro para que dissesse a Tony que saíra se ele perguntasse, e ficou no caminho até a hora de fechar o teatro. Sim, o Sr. Polar tinha vindo, ele dissera o que ela mandara. Deu cinco dólares ao porteiro e foi para casa a pé.

O telefone estava tocando quando entrou no quarto. Deixou que tocasse. Continuou tocando a cada vinte minutos. Toda vez que ela perguntava à telefonista, era sempre o Sr. Polar. Finalmente, às cinco horas da manhã atendeu ao telefone ao terceiro toque.

Ele estava furioso.

— Onde é que você esteve?

— Fui ao cinema entre os dois espetáculos. — Deliberadamente fez com que parecesse mentira.

— Sim, claro, e nesta noite? Não há dúvida de que. saiu voando.

— Eu estava lá. O porteiro deve ter se enganado.

— Imagino que esteve em casa a noite toda?

— Mmmmmmm. . .

— Bem, para sua informação, chamei desde as onze e trinta, em intervalos de vinte minutos. Você simplesmente acaba de chegar.

— A voz dele era triunfante.

— Eu devia estar dormindo, não ouvi o telefone.

— Não duvido. Provavelmente, dormindo com alguns daqueles bonitões que você encontrou no funeral.

Jennifer desligou o telefone com um sorriso de beatitude. O plano estava funcionando. Entrou no banheiro e pegou um vidro cheio de cápsulas vermelhas. Que sorte inesperada. Em Lawrenceville, falou inocentemente ao velho Dr. Rodgers sobre o seu problema de insónia. E ele, cego pelo seu sorriso, foi muito compreensivo. Os funerais, em geral, davam insónia nas pessoas. No dia seguinte, apareceu com um vidro de vinte e cinco cápsulas de Seconal.

Ouviu o insistente toque do telefone novamente. Tony não desistia. Pediu à telefonista que não a chamasse mais, que dissesse que ela não estava aceitando mais chamados naquela noite. Como precaução extra, passou a corrente de segurança na porta. Então, abriu o vidro de pílulas. Pegou duas, pensando: se uma funciona tão bem, imagine duas — a mais deliciosa sensação do mundo! Pôs suavemente a cabeça no travesseiro e o delicioso torpor começou a percorrer o seu corpo. Oh, Deus! Como é que ela conseguira viver sem aquelas deliciosas bolinhas vermelhas?

Continuou a brincar de gato e rato com Tony ainda por dois dias. E todas as noites olhava para o vidro de Seconal com afeto. Nunca teria conseguido aquilo sem as pílulas; passaria as noites fumando, preocupada, sem dormir, acabaria perdendo a coragem.

Na sexta-feira, de noite, Tony estava à entrada do teatro quando ela chegou. Agarrou-a rudemente pelo braço.

— Está bem, você ganhou. Vamos a Elkton esta noite. .. já.

— Mas eu tenho espetáculo agora, e amanhã, matinê.

— Direi ao diretor que você está doente.

— Todos vão ler nos jornais amanhã que nós fugimos para casar. E eu serei despedida, e talvez até chamada à ordem pelo sindicato dos atores.

— E daí? Você será a Sra. Tony Polar. Não pretende continuar trabalhando na peça, não é?

(É claro que não pretendia — seria alguma maluca? E, depois, Henry arranjaria tudo para ela.)

Agarrou Tony pelo braço e disse:

— Diga a eles que estou muito doente, Tony. Na verdade, estou mesmo começando a ficar tonta.

Jennifer estava feliz e Tony estupefato. Estavam casados: os jornais de Elkton foram informados. Posaram para os cinegrafistas e fotógrafos locais. Fizeram declarações à AP e à UPI. Finalmente, conseguiram chegar até um pequeno hotel fora da cidade. Agora, enquanto Tony estava sentado à beira da cama, observando Jennifer desarrumar a mala, todo o torpor causado pela excitação começou a se desvanecer. Ficou subitamente muito assustado.

— Míriam vai me matar — disse ele vagarosamente.

Jennifer chegou perto dele e o abraçou.

— Você não é uma criança, Tony. Você é meu marido.

— Terá de ficar ao meu lado quando lhe dissermos — murmurou.

— Sou sua mulher, querido. Ficarei sempre a seu lado.

— Mas ela vai ficar tão furiosa, Jen. . .

Lágrimas lhe vieram aos olhos de repente; enterrou a cabeça no travesseiro e ficou soluçando.

— Estou com medo, Jen. . . estou com medo.

Por um momento, Jennifer ficou parada. Sentiu uma onda de repulsa e uma vontade louca de sair correndo. . . mas, para onde? Ninguém compreenderia. Todos pensariam que havia algo de errado com ela. Tinha de fazer com que esse casamento funcionasse de alguma forma. Afinal, Tony era um astro; e os artistas tinham suas manias. Talvez fosse isso. Tony era bastante mais emotivo que a maioria dos homens.

Sentou na cama e pôs a cabeça dele no seu colo.

— Tudo vai ficar bem, Tony — disse suavemente.

— Míriam vai se sentir ofendida. E vai gritar comigo — Olhava para ela com os olhos cheios de lágrimas; e acrescentou: — Você é a culpada. Você é que me obrigou a isso.

— Eu já lhe disse que enfrentarei Míriam.

— Sinceramente? Você vai fazer isso?

— Claro que sim. Lembre-se de que sou sua mulher. — E acariciou a sua cabeça.

Tony tocou nos seios dela. Vagarosamente, enxugou as lágrimas e começou a sorrir.

— Então agora posso fazer tudo o que quiser com você.

— Sim, Tony. . . — Ela conseguiu sorrir.

Ele puxou o roupão que ela vestia e ordenou:

— Vire.

Jennifer apertou os dentes em agonia à medida que ele.. . depois, sentiu as unhas dele rasgarem suas costas, Sorria, Jen, disse para si mesma. . . você conseguiu o que queria. . . agora você é a senhora Tony Polar.

Míriam amassou o telegrama e ficou olhando para o espaço. Elkton! Bem, aconteceu, apesar de ela ter tomado todas as precauções. Duzentos dólares por semana para aquele Ornsby! Levantou o telefone e discou violentamente.

— Desculpe interromper o seu sono, Sr. Ornsby, acontece que eu não estou lhe pagando para dormir — gritou.

O homem acordou instantaneamente.

— Eu o segui até a porta do teatro, às oito. Ficou esperando por ela até oito e pouco e começaram a conversar. Sabia que ela devia entrar daí a meia hora. Então resolvi sair por alguns minutos e comer qualquer coisa. Sabia que, durante três horas, podia ficar sossegado, pois ela tinha de entrar na peça. Voltei às onze horas. Não o vi por perto. Quando vai buscá-la, chega às onze e quinze, o mais tardar. Esperei até as onze e meia, e então fui para o meu posto no hotel. Saí de lá há pouco tempo, e ele ainda não tinha chegado. Verifiquei em todas as boates, ele não está em nenhuma. Por isso, achei que devia ter algum outro encontro esta noite, e ela

também. Ela o tem evitado todas as noites e tem ido para casa sozinha depois do espetáculo.

— Bem, esta noite ela não entrou no teatro. Fugiram Para casar — gritava Míriam.

Houve um breve silêncio no outro lado da linha.

— Tenho pago a você duzentos dólares por semana, apenas para evitar que acontecesse isso. Afinal de contas, que espécie de detetive você é?

— Um dos melhores — respondeu o homem rispidamente. — Mas aqueles dois são de amargar. Muitas noites eu congelei o meu traseiro, observando o hotel dele, enquanto os dois estavam bem quentinhos e confortáveis na cama. . . Perdão, senhora, mas eu não sou o FBI. Tenho de comer e, de vez em quando, fazer xixi. Acredito que a única hora em que estou garantido é quando aquela sujeita está no palco. Quem poderia imaginar que ela iria faltar ao espetáculo?

Míriam bateu o telefone. Reconheceu, porém, que o homem tinha razão. Jennifer tinha sido muito esperta. Suspirou. Tomara tanto cuidado e agora, provavelmente, tudo iria por água abaixo. Até agora, o público, todos tinham sido enganados. Aceitavam as respostas infantis de Tony como parte do seu encanto. Alguns até acreditavam que se tratava de um fingimento muito inteligente. Apenas Míriam sabia da verdade, e ela a tinha ocultado de todos, até mesmo de Tony. Com uma mulher, funcionava como um homem, só fisicamente. Seu talento era uma dádiva do céu. Quando cantava, fazia, automaticamente, tudo certinho. Mentalmente, emocionalmente, Tony não tinha mais de dez anos de idade.

E agora? Até agora estivera presente a todas as entrevistas que o irmão dera e conseguira encobrir a verdade. Agora havia Jennifer. Até que ponto teria Jennifer adivinhado? Ela não tinha particularmente nada contra a moça. Provavelmente, devia estar verdadeiramente atraída por Tony. E por que não? Ele era bonito, talentoso, sensual. Talvez não tivesse notado nada. Afinal, não estavam nunca sozinhos, a não ser para o sexo. Míriam se encarregara de ficar sempre com eles e de fazer com que estivessem sempre rodeados por um ou dois escritores e letristas.

Tinha treinado Tony a acertar isso. "Um astro sempre anda com um grande grupo" — inculcava-lhe na mente. ~E agora ele só achava natural viajar e circular cercado de uma porção de gente. Dessa maneira, não havia oportunidade para que alguém conversasse mais demoradamente com ele.

Até o aparecimento de Jennifer, tudo fora fácil. Míriam sabia que ele precisava satisfazer-se fisicamente, e ela sempre o encorajava a isso, cuidando, ao mesmo tempo, que tudo se realizasse em bases transitórias. Em geral, sempre havia uma corista, nos lugares em que Tony cantava, disposta a aparecer com ele e brilhar um pouco à sombra de sua glória, até que tudo terminasse com votos de mútua afeição e um presente que a deixasse satisfeita. Fora sempre assim, até ele conhecer Jennifer. Míriam fizera tudo para que rompesse. Cada vez que saíam da cidade, praticamente atirava-lhe nos braços as mais belas garotas do mundo. Ele as tomava, também, mas sempre voltava para Jennifer. Só lhe restava esperar que a estada na Califórnia terminasse com tudo. E agora, a menos de duas semanas da viagem, acontecia isso.

Míriam suspirou. A maioria das pessoas achava que ela não largava Tony porque gostava do reflexo que a glória dele lançava sobre ela. No entanto, teria dado qualquer coisa para ter uma vida normal e sossegada. Só não podia abandonar Tony. Por isso, ali estava ela, uma virgem de quarenta e quatro anos, conduzindo Tony para um sucesso espetacular. E por que devia ser assim? O pecado dos pais, pensou tristemente. Sim, os pecados caíram sobre Tony, e ela é que tinha de aguentar o pior; a culpada de tudo, a infeliz mãe que tiveram, quantos segredos escondera de Tony e do mundo! Inventara a bela história de um pai que morrera em um acidente ferroviário, antes que Tony viesse ao mundo. A mãe, todos imaginavam uma linda e frágil mulher; não suportando o choque da perda do marido, morrera, também, ao dar à luz o garoto, deixando Míriam, uma menina de quatorze anos, a cuidar do bebê. A imprensa acreditara na história, Tony também. Nunca soube que o pai, como o pai de Míriam, seria sempre um mistério, não desvendado nem pela própria mãe.

A verdade é que os dois tinham sido gerados por homens diferentes, dos muitos que passavam, todas as noites, pelos braços da pobre mãe. O que lhe deu Tony devia ter sido belíssimo. . . Pensou na vida errante da mãe, trabalhando como garçonete-cantora. Ela tinha jurado que o pai de Míriam era um bom sujeito de Pittsburg. Talvez. Mas o pai de Tony, fosse lá quem fosse, devia ter sido muito bonito. Tony herdou, sem dúvida, as características mais bonitas do pai e da mãe: os olhos da mãe, cobertos por uns cílios inacreditáveis; o nariz curto, a boca sensual; ela, de baixa estatura e quase sem um traço de beleza. Sorriu tristemente. O tal sujeito de Pittsburg podia ser um homem muito bom, mas, decididamente, não era nenhum Robert Taylor. Na verdade, se algum dia encontrasse, em Pittsburg, um homem baixo e gordo, o nariz parecendo uma batata, certamente sentiria vontade de chamá-lo de "papai".

Escolhera o nome Polar por simples sentimentalismo. O amante mais bondoso e permanente que a mãe teve chamava-se Polarski. Sempre gostara dela, então uma tímida menininha, e nunca se esquecia de lhe trazer um pequeno presente e de lhe acariciar o rosto. Jamais o esqueceu. Por isso, anos depois, ao pensar em um sobrenome para ela e Tony, encurtou o nome de Polarski, num silencioso tributo.

Não foi difícil esconder a verdadeira identidade dos dois, nem da imprensa nem do próprio Tony. Toda cidade tinha mulheres como a mãe, mulheres já não tão jovens, que tocavam piano e cantavam, com voz rouca, pelos bares. Belle começara a cantar no Tony Pastor, única época dourada de sua vida. Daí por diante, passou para os bares e cervejarias, e de homem para homem.

Míriam nasceu em um hospital de caridade de Filadélfia. Belle internou-a em um abrigo de menores até a idade de oito anos. Quando encontrou um emprego, que parecia mais ou menos permanente, em Coney Island, mandou buscá-la. Então, por alguns anos, Míriam conheceu o luxo de morar em um apartamento com dois cômodos, e a afeição paterna do Sr. Polarski; quando ele seguiu o seu caminho, veio uma terrível sucessão de homens. Belle já estava ficando madura e as duas ficaram estarecidas quando ela descobriu que estava novamente grávida.

Permaneceu no emprego até os seis meses de gravidez; quando o vestido não podia esconder mais sua condição, foi despedida. Mudaram-se para um quarto e Míriam, então com quatorze anos, deixou a escola e se empregou como balconista. Não tinham amigos nem vizinhos. Uma noite, Belle teve de ser conduzida ao hospital em uma ambulância, Míriam sempre ao seu lado. Morreu cinco minutos depois de ter dado à luz um garoto.

Míriam levou o bebê para casa. Foi fácil convencer o pessoal do hospital que havia uma avó em casa para cuidar dele. E, completamente sozinha, a garota de quatorze anos criou Tony. Quando recordava aqueles anos, parecia impossível o que conseguira. As primeiras semanas, a mamadeira, as fraldas, os duzentos dólares que ela e a mãe conseguiram economizar, cada centavo contado, a alimentação de sopa em lata e enormes caixas de bolacha barata.

Quando tinha quatro meses de idade, Tony teve a primeira convulsão. Outra vez, a ambulância e o hospital. Testes, muitos médicos, Tony teve de ficar no hospital durante um ano. Míriam, mesmo desesperada de preocupação, pôde conseguir um emprego, que lhe permitiu economizar algum dinheiro. Então, devolveram-lhe Tony. Até os cinco anos de idade ele teve muitas convulsões e muitas idas ao hospital. Daí por diante, as convulsões pararam e ela o matriculou no jardim de infância. De alguma forma, o menino conseguiu passar para o segundo ano; foi aí, porém, que lhe sugeriram uma escola especial para o garoto. Resolveu mantê-lo em casa, não iria permitir que o seu Tony se misturasse a um grupo de crianças malucas. Pacientemente, ensinou a ele tudo o que era capaz de aprender.

Sim, fora quase impossível. Aos quinze anos, a gente pode sobreviver a tudo. Aos vinte, pode-se lutar contra o próprio mundo. Agora, porém, as dificuldades estavam se amontoando novamente e Míriam estava cansada. Algumas vezes, quase chegara a confessar a verdade a Jennifer, para que a moça se convencesse de que qualquer ideia de casamento com Tony seria uma loucura. Seria arriscar muito. Vamos que a moça se voltasse contra eles e espalhasse a história? Destruiria a carreira de Tony, e o próprio Tony.

Mas ela não podia desistir de tudo agora. Custara muita luta chegar aonde estava. Deus, tinha lutado até contra o Exército! Tony se entusiasmara com o aviso para servir, era como brincar de soldado. A carreira dele estava começando, nunca soube das viagens secretas que ela fizera a Washington, da burocracia que tivera de enfrentar e da insensibilidade das altas patentes militares. Estava quase desistindo quando encontrou o Major Brackman. Ele tinha um irmão como Tony. Leu todos os relatórios médicos, que Míriam guardava num enorme envelope pardo. O neurologista do Exército examinou Tony e, finalmente, Míriam recebeu uma nova coleção de relatórios para guardar no envelope pardo. Ele foi recusado definitivamente pelo Exército. O major se encarregou de declarar aos jornais que Tony fora rejeitado por causa de um rompimento do tímpano.

Não, não desistiria agora. Lutara contra o Exército, contra a imprensa, contra esse mundo maldito, não iria permitir que uma loira sabida estragasse tudo. Ficaria com eles. Iriam para a Costa, dentro de duas semanas, ela iria junto. Quem sabe. . . era possível até que tudo desse certo. Amarrou o roupão em torno do corpo cansado e, resolutamente, organizou um plano de ação. Avisaria a imprensa, os colunistas. A quem devia dar o furo? Não, melhor que não favorecesse a ninguém especialmente. Os serviços telegráficos deviam ter notificado todos os jornais. Quando eles voltassem, arranjaria entrevistas com Jennifer e Tony.

ANNE

*Dezembro, 1946*

Na noite em que Anne voltou a Nova York, encontrou o quarto completamente desarrumado e uma nota de Jennifer sobre a mesinha-de-cabeceira. "A luta foi dura, mas eu ganhei. Quando você estiver lendo este bilhete, já serei a Sra. Tony Polar. Desejo-lhe boa sorte. Jen."

Ficou contente por Jennifer; a vitória dela, entretanto, pareceu dar mais ênfase à melancolia de sua situação. Lyon telefonou para

Lawrenceville, para contar a grande novidade. Bess Wilson gostara do livro, achava que prometia muito; disse, porém, precisar ser inteiramente reescrito antes que pudesse mostrá-lo a um editor. Lyon estava entusiasmadíssimo. Claro que isso significava ficar sentado à máquina de escrever por mais seis meses; mas Bess Wilson gostara do livro e ela era difícil de contentar. . .

Anne tentou esconder o seu desapontamento. Seis meses mais. . . e, agora, Jennifer fora embora. A suite do hotel parecia tão vazia. . . Poderia pagar sozinha pela suite. Tinha bastante dinheiro, ou melhor, teria, assim que tudo ficasse em ordem. Infelizmente, ainda não pudera se livrar de tudo o que a ligava a Lawrenceville, simplesmente entregando ao Sr. Walker as chaves. Vários ajustes legais exigiam sua presença, o testamento devia ser formalizado; quanto aos móveis, não poderia simplesmente jogá-los na rua. O Sr. Walker dissera que cada peça tinha algum valor. Tudo teria que ser etiquetado e enviado a Boston ou a Nova York para ser leiloado. Apuraria bom dinheiro com isso. A mãe deixara também cinquenta mil dólares em bônus, em ações e em dinheiro. O dinheiro de tia Amy também seria para ela. Vinte e cinco mil dólares. O Sr. Walker achava que poderia conseguir quarenta mil dólares pela casa vazia, bem situada e em um terreno de um acre de ótima terra. Sim, teria bastante dinheiro, mais de cem mil dólares, sem contar com a venda dos móveis; devia, porém, voltar a Lawrenceville, pelo menos por uma semana. Estremeceu. Só de pensar em mais uma semana naquela casa ficava inexplicavelmente deprimida.

Tomou um banho rápido, mudou de roupa e pegou um táxi para ir ao apartamento de Lyon. Estava escrevendo quando chegou.

— Vamos, entre na masmorra — disse-lhe, abraçando-a carinhosamente. — Não se incomode com o lixo, trabalhei a noite toda. Está saindo, mais facilmente do que esperava.

Anne forçou um sorriso.

— Fico contente com isso, Lyon. Tenho certeza de que será um bom livro... — Pegou um maço de páginas recém-terminadas e passou os olhos por elas. — Essa não é a época apropriada para ficar presa em Lawrenceville, mas vou levar o que você terminou e passar a limpo.

— Que é que eu faria sem você? Minha letra parece hieróglifos. — De repente enrugou o cenho. — Acho que tudo isso não é justo, você tem sido tão paciente. . . E agora ainda tenho que reescrever tudo.

Anne sorriu.

— Eu lhe disse que esperaria para sempre, se fosse necessário. Não se incomode com o meu humor sombrio, Lyon. Lawrenceville me deixa assim.

Mais tarde, nos braços de Lyon, Lawrenceville parecia estar a milhares de quilômetros de distância. Como se nunca tivesse existido. Só bem mais tarde é que ela se lembrou de contar a respeito do casamento de Jennifer.

— Estou contente por ela — disse ele. — Mas isso não a deixa numa pequena dificuldade, isto é, sem companheira de quarto?

— Tenho dinheiro, Lyon. Minha mãe deixou algum.

— Não diga a ninguém. Algum caçador de dotes pode agarrá-la.

— Lyon, por que não nos casamos? Tenho dinheiro suficiente para vivermos durante. . . bem, durante muito tempo.

— E você levantaria cedo todas as manhãs e iria trabalhar . . .

— Para não atrapalhá-lo. Uma vez que o livro estivesse publicado, só trabalharia para você. Datilografaria seus manuscritos, cuidaria da correspondência das fãs. ..

— Não é assim que a coisa funciona, Anne Você sabe o que Bess Wilson disse: ainda que seja um bom livro, talvez não ganhe com ele nada mais que uma pequena reputação. Aí, teria de trabalhar mais um ano, sem receber dinheiro algum. E não pense

que não gostaria de escrever, o tempo todo. Estas últimas noites provaram que a gente se acostuma a um certo ritmo, quando pode se dedicar ao trabalho horas a fio.

— Então eu tenho razão — disse Anne, sentando-se.

— E também não tem. Anne, tenho algum dinheiro; até que comece o próximo livro, teria gasto tudo. Então teria de lhe pedir, até para comprar cigarros. Ficaria humilhado demais para escrever. Não, querida, não dá certo.

— Que é que espera que eu faça? Que fique sentada aqui, torcendo para que você ganhe o Prémio Pulitzer?

— Não. Sente-se e espere para ver como será recebido esse livro. Mas não tenho nem certeza absoluta de que será publicado.

— Será. Tenho certeza de que será. E eu esperarei. — Ficou por uns momentos pensativa e perguntou: — Quanto demora para se publicar um livro?

Ele riu e a tomou nos braços.

Anne passeava, de um lado a outro, pela plataforma de madeira da estação de Lawrenceville. Como de costume, o trem estava atrasado. Pobre Lyon! A viagem de cinco horas até Boston já era horrível, e tomar o trem local, sem aquecimento, que fazia tantas paradas.. .

Os últimos três dias tinham sido terríveis para ela. Agradeceu a Willie Henderson tê-la conduzido a todos os lugares em seu novo carro. Havia tanta burocracia ligada a cada pequeno detalhe, e, às vezes, parecia que nada ficaria resolvido. Teria, ainda, que ficar até meados da próxima semana, para que o leiloeiro de Boston viesse discutir os detalhes sobre os móveis. Tudo devia ser discutido, tudo devia ser feito de acordo com a burocracia legal. Era como se tivesse caído numa armadilha.

Lyon, porém, vinha passar o fim de semana com ela, dois maravilhosos dias juntos; para isso, até Lawrenceville servia. Pela primeira vez, a enorme cama da mãe abrigaria duas pessoas unidas pelo amor. Quando a arrumara naquela tarde, ficou imaginando quantas noites de frustração o pai passara nela, quantas rejeições teria recebido de sua mãe, uma mulher emocionalmente virgem.

— Bem, prepare-se para ter esta noite muitas surpresas — murmurou para a velha cama, enquanto lhe dava um último olhar.

Agora, contudo, quando estava na estação, à espera de Lyon, ficou imaginando se isso tinha sido prudente. Toda Lawrenceville saberia que Lyon ficaria ali, hospedado na casa dela. E daí? Depois que vendesse a casa, jamais a veriam novamente. Bolas para a cidade! Não se incomodaria com o que pensassem.

Ouviu o apito do trem se aproximando e o viu primeiro. Uma finíssima neve começara a cair, pondo manchas nos negros cabelos de Lyon à medida que ele caminhava pela plataforma. Sentiu aquele aperto no peito, sempre que via Lyon. Quando chegaria o dia de ficar sossegada, certa de que ele lhe pertencia? Agora, quando o viu sorrir ao cumprimentá-la, sentiu, com assombro, que sim, que ele lhe pertencia. Viera a Lawrenceville apenas para estar com ela.

— Já não acreditava que chegaria — disse ele, abraçando-a. — Meu Deus, a quantidade de cidades por que passamos! Aposto que ninguém sabe que existe uma Roma em Massachusetts.

— Ou uma Lawrenceville — disse Anne.

— Lawrenceville toda a gente conhece. Você a fez famosa. Como é que se vai à mansão dos seus ancestrais? De trenó?

Levou-o até um táxi. Aconchegou-se a ele, enquanto olhavam a paisagem pela janela.

— Não precisava dizer ao motorista para onde vamos?

— O Sr. Hill sabe onde todas as pessoas da cidade moram. Se você tivesse chegado sozinho, ele o levaria, sem perguntas, ao pequeno hotel.

Lyon sorriu.

— Gosto disso. Um pouco diferente dos táxis de Nova York. Bem, mas esta sua terra é muito bonita.

— A neve ajuda — disse Anne sem entusiasmo.

— Quando foi que começou? O tempo em Nova York estava bom.

— Deve ter começado em agosto. Aqui neva durante quase todo o tempo.

Ele pôs o braço ao redor dos ombros dela.,

— Não vai ficar deprimida, não é? Quando você odeia uma coisa, parece que não há remédio.

— Dei vinte anos de minha vida a Lawrenceville. Acho que isso é suficiente para qualquer cidade.

Lyon adiantou-se para falar com o motorista.

— O senhor gosta de Lawrenceville, Sr. Hill?

— Claro, por que não? Nasci aqui. É uma bela cidade. A Srta. Anne acaba de passar por muitos desgostos aqui, mas vai mudar. Logo que fique aqui por algum tempo.

— Eu lhe disse que ia embora para sempre, Sr. Hill.

— Tenho certeza de que quando chegar a hora de vender sua bela casa a senhorita vai mudar de ideia. Lembro ainda do dia em que sua mãe nasceu, naquela mesma casa. E sou capaz de apostar que os seus filhos nascerão lá também. Claro que agora já temos o grande hospital de Weston, a oito milhas daqui. Melhor que muitos hospitais de Nova York. Imagine que Boston mandou buscar o pulmão de aço em Weston quando houve a epidemia de pólio.

O táxi entrou na estrada que levava à casa de Anne e parou defronte a ela. Lyon desceu e a olhou silenciosamente.

— Esta casa é sua? — Voltou-se para Anne, com os olhos iluminados de admiração. — Anne. . . esta casa é belíssima!

— Parece pitoresca, assim na neve — disse Anne sombriamente.

Lyon pagou ao motorista, desejou-lhe um feliz Natal e a seguiu, entrando na casa. Anne teve que admitir que o fogo da lareira fazia com que a enorme sala parecesse acolhedora. Em seguida, mostrou a casa toda a Lyon e os olhos dele demonstraram aprovação por tudo quanto via. Ela sabia que ele não estava apenas sendo gentil, tinha realmente gostado da casa.

Assaram carne na enorme cozinha e jantaram diante da lareira. Lyon insistiu em acender a lareira do quarto. Anne surpreendeu-se ao ver a agilidade com que ele manejava os ferros.

— Não se esqueça de que passei a maior parte de minha vida em Londres, onde não acreditam em aquecimento central — lembrou Lyon. — É uma casa maravilhosa. Você está muito perto

dela para poder apreciá-la devidamente. Combina com você, e se vê logo que você pertence a este lugar.

— Não diga isso nem brincando — respondeu Anne ameaçadoramente. — Não acho isso um elogio.

No domingo, parou de nevar e eles fizeram um longo passeio a pé. Passaram pela igreja, quando mais da metade dos habitantes saíam. Anne cumprimentou várias pessoas; não parou, entretanto, para falar com ninguém, porque sentiu o peso dos olhares curiosos à medida que ela e Lyon continuavam andando. Quando voltaram a casa, Lyon se ocupou da lareira e Anne lhe trouxe um copo de *sherry*.

— É a única coisa que encontrei. Não há uma só gota de uísque.

— Considere-se desonrada — disse Lyon, enquanto tomava a bebida. — Vi quando seus vizinhos nos olhavam. Verificarão que não estou registrado no hotel e eu terei de me casar com você para restaurar sua honra nesta cidade.

— Não me importo com o que a cidade possa pensar de mim. Sentou-se ao lado dela.

— Vamos, minha pequena teimosa da Nova Inglaterra. Concorde que esta é, realmente, uma casa maravilhosa. Que sala belíssima! O retrato sobre a lareira não é de um sargento?

— Acho que sim. É meu avô. Vou mandá-lo a uma das galerias de Nova York. Ofereceram bom preço por ele.

— Conserve-o por mais um tempo. O preço subirá. — Fez silêncio por algum tempo e depois lhe disse: — Anne, falo sinceramente, você nunca foi tão bonita como agora, sentada aqui. Este é o ambiente perfeito para você. Não parece estar deprimida, acho que Lawrenceville combina com você.

— Porque você está aqui, Lyon.

— Você quer dizer: o lar é onde nosso coração está. — Abraçou-a e ficaram olhando para o fogo da lareira. Depois de alguns minutos, ainda olhando sonhadoramente para a madeira que ardia, disse: — Talvez dê certo.

— O quê?

— Nós.

Chegou-se mais a ele.

— Sempre achei que daria. É inevitável.

— Anne, tenho uns seis mil dólares. Quais são os impostos aqui?

— Aqui?

— Não devem ser muito altos. Lembre-se: eu disse que não podia casar com você e aceitar que você me sustentasse. Mas posso aceitar sua hospitalidade nesta casa. Com seis mil dólares, poderíamos viver durante um ano. E, se conseguir um bom adiantamento sobre o livro, poderia começar a escrever outro. Anne, pode dar certo.

Lyon se levantou e esfregava as mãos enquanto dizia:

— Ah, seria maravilhoso! E eu poderia escrever aqui.

— Aqui? — perguntou Anne, com voz sufocada.

— Anne! — Ajoelhou-se diante dela. — O tipo de nossa relação não é considerado muito respeitável. Aqui, nesta bela e respeitável casa, proponho-lhe, da maneira mais respeitável, e de joelhos: você quer se casar comigo?

— Claro que quero. Você quer dizer que gostaria que eu conservasse a casa, para que você pudesse vir aqui escrever? Eu faria isso, mas se leva tanto tempo para chegar aqui, e o fim de semana é tão curto. . .

— Moraríamos aqui, Anne, a casa é sua e eu pagaria os impostos e a alimentação. Estaria sustentando-a. E algum dia ganharei dinheiro bastante para acrescentar uma nova ala à casa. Acredito que foi isso que o seu pai fez, pois o Sr. Hill disse que sua mãe nasceu aqui. Serei um bom escritor. Você vai ver.

— Morar aqui? — Olhava-o com espanto.

— Irei a Nova York e explicarei tudo a Henry. Se você quiser, poderemos casar em Nova York. Jennifer está lá e.. .

— *Tudo* está lá.

— Nada que nos faça falta.

— Lyon, odeio isto aqui! Odeio esta cidade, odeio esta casa! Pela primeira vez, percebeu pânico na voz dela.

— Mesmo comigo aqui? — perguntou cuidadosamente.

Anne começou a andar pela sala, tentando desesperadamente ordenar o seu pensamento. Precisava fazê-lo compreender.

— Lyon, você disse que poderia escrever aqui. Provavelmente poderia. Oito horas por dia. E eu, o que faria? Entraria no clube das senhoras? Jogaria bingo uma vez por semana? Renovaria minha pseudo-amizade com as tolas garotas com quem cresci? E ninguém o aceitaria logo, Lyon. Você é um estranho; devia ser, pelo menos, a terceira geração se quisesse ter alguma importância nesta cidade esnobe.

O rosto dele se desanuviou.

— Então é disso que tem medo? Muito bem, aceitarei o ostracismo. Não se preocupe, sou muito duro. Iremos à Mareja. Andaremos por aí. Quando perceberem que pretendemos ficar, tenho certeza de que me aceitarão.

— Não. Não posso fazer isso. Não posso viver aqui.

— Por quê, Anne? — A voz dele era muito suave.

— Lyon, você não compreende? Assim como você tem os seus princípios, quando não admite que eu o sustente em Nova York, bem, eu também tenho os meus pontos fracos. Não muitos. Na verdade só um: Lawrenceville. Eu a odeio! E adoro Nova York. Antes de ir à Nova York, vivia neste mausoléu. Eu não era ninguém. Me sentia morta. Quando cheguei a Nova York, levantei um véu. . . Pela primeira vez, senti que respirava, que vivia.

— Agora temos um ao outro. — Os olhos dele estavam fixos, indagadores.

— Não aqui, não aqui. Você não compreende? Uma parte de mim morreria.

— Então, pelo que vejo, você só pode me amar em Nova York. Simples questão de embalagem.

— Eu o amo, Lyon. — As lágrimas corriam agora pelo rosto. — Eu o amaria em qualquer lugar do mundo, e iria a qualquer lugar onde o levasse o seu trabalho. Menos aqui. . .

— Você nem sequer concorda em tentar. . . um ano ou dois?

— Lyon, venderei a casa. . . darei a você todo o dinheiro, viverei num cómodo com você, não aqui.

Virou as costas e ficou olhando para o fogo.

— Bem, então está resolvido. — Depois, continuou em outro tom: — É melhor que eu ponha mais lenha antes de ir embora. O fogo está morrendo.

— É cedo ainda.

— Acho melhor pegar o trem das quatro horas. Amanhã vai ser um dia cheio, e com o Natal caindo na quarta-feira. . .

— Vou com você à estação.

Discou o telefone e chamou o Sr. Hill.

O fogo estava quase apagando quando voltou. Sem Lyon a sala parecia mais triste do que nunca. Oh, Deus, teria Lyon compreendido? Estivera tão quieto durante a ida à estação.

— Voltarei na terça-feira — prometera-ela. — Nada fará com que eu passe o Natal longe de você.

Quando entrou no trem, não se voltou para lhe acenar. Anne sentiu quase uma vertigem. Maldita Lawrenceville! Era como um polvo, que tentava agarrá-la de qualquer maneira.

No dia seguinte, Jennifer telefonou. Ela e Tony estavam morando no Essex, em uma bela suite. Míriam estava num quarto, no andar de baixo, e agira muito amavelmente a respeito do casamento. Iriam para a Califórnia antes do que esperavam, a 2 de janeiro. Quando é que Anne voltaria? Ela e Tony dariam uma grande festa na véspera do Natal.

— Estarei lá — prometeu Anne. — Parece que as coisas nunca ficarão resolvidas por aqui. Falei com Henry há alguns dias, e ele foi ótimo. Disse para ficar o tempo que for preciso. Mas resolvi voltar a Nova York antes do Natal. Quando Lyon telefonar esta noite, eu lhe falarei a respeito da festa.

Lyon não telefonou à noite. Provavelmente, estava amuado. Era a primeira briga deles, além do desentendimento em Filadélfia. Bem, ela também não se curvaria. Amanhã, telefonaria ao escritório para lhe dizer que viajaria pelo trem do meio-dia.

Ligou para o escritório às dez da manhã. Henry não estava no escritório, nem Lyon. Falou com George Bellows.

— Não sei onde está Lyon. Ninguém me diz nada do que se passa neste escritório. Lyon chegou ontem de manhã e saiu ao meio-dia. Henry foi para a Califórnia na sexta-feira; houve uma

emergência com o espetáculo de Jimmy Grant. Talvez tenha chamado Lyon. Como lhe disse, ninguém me conta nada.

Anne desfez a mala. Não tinha motivo para ir a Nova York. Estava desapontada, mas, ao mesmo tempo, sossegada. Lyon, provavelmente, tinha ido à Califórnia, por isso não telefonara. Pelo menos, não estava zangado. Talvez a chamasse à noite para explicar.

Passou a noite de Natal sozinha. Lyon não chamou. Às três da manhã, ligou para o seu apartamento. Talvez não tivesse ido à Califórnia. Talvez estivesse amuado. Ninguém respondeu.

Foi o pior Natal de sua vida. Culpava Lawrenceville por isso. Não tinha mais lenha para a lareira, ligou o aquecedor. A casa estava aquecida, mas morta. Tomou uma xícara de café e comeu alguns biscoitos. As canções de Natal que ouvia pelo rádio deixaram-na mais deprimida ainda. A noite era fraternidade e amor, e ela estava sozinha. Jennifer com Tony. Neely com Mel. E ela, sozinha em Lawrenceville.

Passou os dias seguintes com o Sr. Walker. Tudo foi etiquetado e posto em ordem. Poderia ir embora no fim da semana; onde estava Lyon? Passaram-se cinco dias. Em desespero, ligara para Henry, no Beverly Hills Hotel, na Califórnia.

— Henry, onde está Lyon?

— Isso é o que eu gostaria de saber. — A voz dele soava furiosa. — Ele não está aí com você?

— Comigo, não. Pensei que estivesse com você. Não o vi nem ouvi desde domingo.

— Não brinque. — A voz de Henry denotava preocupação agora. — Chamei o escritório ontem à tarde. George disse que ele não aparece lá desde segunda-feira. Naturalmente, pensei que tivesse ido passar o Natal com você.

— Henry, temos de encontrá-lo.

— Por quê? Que acha que aconteceu? Bem, um sujeito não desaparece assim, sem mais nem menos. . . . Telefonei para o apartamento dele três noites seguidas, e ele não estava lá.

— Volto amanhã para Nova York. Henry, você precisa encontrá-lo. — Estava, de repente, apavorada.

— Vamos com calma. Vocês tiveram alguma briga?

— Apenas um desentendimento. Não pensei que fosse tão sério.

— Volto amanhã, também — disse Henry —, a menos que o tempo piore. Vou tomar um avião às quatro horas de hoje. Não se preocupe. Lyon não nos abandonaria assim. Provavelmente estará no escritório segunda-feira, com uma explicação lógica. Por que não descansa aí durante o fim de semana?

— Descansar? Não vejo a hora de sair daqui.

Quando chegou a Nova York havia uma carta à sua espera no hotel. Era de Lyon.

*"Cara Anne.*

*Agradeço a oportunidade que me deu para que eu fizesse um exame de tudo. Foram cinco horas de meditação. A viagem de volta me proporcionou tempo suficiente para pensar nas coisas que devo fazer e — escrever. Até agora estava sempre procurando desculpas. Tinha que trabalhar para Henry. . . Então surgiu sua casa, o lugar perfeito. Até parece que o que eu quero é que tudo neste' mundo funcione, de tal maneira, que eu possa escrever. Ora, afinal de contas, quem sou eu para pretender tanto? Foi realmente egoísmo de minha parte querer transformá-la na pobre esposa sacrificada de um pequeno escritor, como a gente lê em tantos livros. Na minha opinião, no momento, estou no limbo. Isto é, não sou mais o ativo Lyon Burke que Henry conheceu, mas também não sou o escritor dedicado que pretendo ser. Tudo que consigo ver do meu futuro são meias-verdades: meio-escritor, meio-agente, adiando sair do emprego até que tenha alcançado sucesso comercial como escritor, adiando o casamento por não poder ser um marido de tempo integral, adiando escrever porque preciso trabalhar para Henry. Até agora, entreguei uma parte de mim a você, outra a Henry e outra a meu livro. Evidentemente, isso não basta. Por isso, o melhor é desaparecer da vida das duas pessoas a quem mais quero. Escrevi quase a mesma coisa a Henry. George Bellows é um bom homem, e é o homem certo para Henry. E em algum lugar de Nova York, minha caríssima, há o homem certo para você, apenas esperando que você o encontre.*

*Eu tinha lhe dito que tenho algum dinheiro. Tenho, também, a possibilidade de ocupar uma enorme casa no Norte da Inglaterra, só que sem aquecimento. Pertence a parentes meus, mas ninguém a usa. Pretendo abrir alguns cômodos e viver lá. Para isso não precisarei mais que algumas libras e poderei escrever até que minhas juntas fiquem doendo. Durante o inverno, há poucas horas de claridade — Lawrenceville, em comparação, pode ser considerada tropical — mas ninguém me perturbará.*

*Junto a esta estão as chaves do meu apartamento, querida Anne. É a única coisa prática que posso fazer por você. Agora que Jennifer casou, está sozinha e ainda é difícil encontrar um bom apartamento. E, afinal de contas, foi por sua generosidade que fiquei com ele e toda a mobília. Acho que é muito justo que você fique com tudo. E não é muito. Levo o maravilhoso presente que me deu: a máquina de escrever. Se o apartamento a agrada, pode sublocá-lo. E não vá fazer nenhuma tolice, como por exemplo esperar por mim: previno-a de que pretendo me casar com a primeira solteirona gorducha que encontrar e que esteja disposta a cozinhar e a cuidar de mim. E, daqui a alguns anos, se por acaso conseguir escrever um livro que seja considerado bom, poderemos ambos dizer: 'Houve uma coisa, pelo menos, que ele fez com absoluta sinceridade'.*

*Eu a amei, Anne. Você é maravilhosa demais para aceitar uma pequena parte de uma pequena pessoa que tentava se dispersar em tantas direções. Por isso, de agora em diante, vou me concentrar em escrever e dessa maneira não poderei jamais ferir alguém que não seja eu mesmo. Agradeço-lhe por me ter proporcionado o ano mais belo de minha vida.*

*Lyon.*

JENNIFER

*Maio, 1947*

Jennifer estava sentada à beira da piscina, na sombra. Leu novamente a carta de Anne. Parecia que estava razoavelmente feliz

— era a primeira carta em que não mencionava Lyon. Talvez tivesse superado a crise. Como podia morar em seu apartamento? Teria esperança ainda de que, num dia qualquer, ele estaria de volta? Depois de cinco meses? E sem ter recebido jamais uma palavra dele? Isso mostrava bem que a gente nunca pode saber o que um homem tem dentro da cabeça. Tomemos, por exemplo, as lindas fotografias dela e de Tony. Pareciam tão felizes — o perfeito jovem casal de Hollywood!

O sol penetrou por baixo do guarda-sol. Jennifer se inclinou para ajustá-lo, para se proteger. Imagine. . . uma moça alérgica ao sol acabava por ter de morar justamente na Califórnia. Olhou com raiva para o sol, que parecia agora uma enorme bola alaranjada. Sempre lá. Na Califórnia, o sol era uma das coisas com que se podia contar sempre. Às vezes, podia haver uma leve bruma pela manhã; inevitavelmente, porém, aparecia aquele enorme disco cor de limão, a princípio timidamente, depois lentamente clareando o céu, até ficar sozinho no infinito azul-da-china. Jennifer suspirou. Desde o dia em que chegou, janeiro, o tempo era de verão. Como é que dava tantas laranjas se nunca chovia? Maio em Nova York, a gente podia realmente apreciar o bom tempo, quando chegava. Começava com um perfume no ar. Todos penduravam os pesados casacos de inverno no guarda-roupa e sentavam-se no Central Park para tomar sol. E em Nova York se podia andar. Só quem vive na Califórnia sabe que andar é um privilégio. Em Nova York se pode andar até mesmo à noite pelas ruas. Se a gente não tem o que fazer, pode descer a Quinta Avenida a pé, olhar as vitrinas, ir ao cinema, ou então descer a Broadway e comer um cachorro-quente. Aqui, se a gente for dar uma volta pelo Beverly Drive à noite, logo algum carro tenta nos apanhar.

Bem, pelo menos Anne tinha Nova York. De acordo com suas cartas, saía bastante, embora nunca mencionasse o nome de alguém. Provavelmente estava ainda esperando por Lyon.

E ela, que estava esperando? Que mais um dia se passasse? Uma festa à noite. Não que isso a emocionasse, mas era melhor que jogar paciência com Tony. Nem nisso Míriam permitia que ele se concentrasse, ficava sempre ao lado dele, "indicando a carta que

deveria jogar. Se ela ao menos o deixasse pensar sozinho, de vez em quando.

Tomou o resto do refresco; o gelo se derreteria e a bebida ficou com gosto de laxativo. Sentia preguiça de entrar na casa para apanhar outra garrafa. Na verdade, tinha preguiça de fazer qualquer coisa. E, quanto à festa... não prometia ser nada divertida. Puro interesse. Tony pretendia ganhar o melhor papel num filme de Dick Meeker, por isso ela devia ser muito gentil com ele. "Gentil e agradável" — eram as palavras que Míriam não cansava de lhe repetir aos ouvidos. "Não tente bancar uma grande personalidade. Aqui você não é ninguém e toda a gente é importante. Por isso, seja apenas gentil e agradável."

Fazia o melhor que podia. Enfrentava as festas tal qual um cadáver sorridente. Não fizera ainda amizade com ninguém. Míriam tinha razão: beleza é o que havia de mais comum em Hollywood, milhares de belíssimas desconhecidas. As garotas que ficavam perto do Schwab eram lindas, e as que pediam carona nos carros também eram lindas. Surpreendentemente, porém, a maioria das grandes estrelas não eram belezas espetaculares. Jane Wyman era míope, Barbara Stanwyck só era muito elegante, Rosalind Russel também. Joan Crawford era espetacular. E durante todos esses anos ela achava que tinha algo de especial, por ter belos dentes, um belo perfil, um busto enorme. Mas um busto grande não estava nem na moda: Adrian e Ted Casablanca tinham criado a moda dos ombros largos.

Seria mais uma noite vazia. Não era ninguém, apenas a Sra. Polar, mulher de um novato que prometia. Sim, ele era também do rádio, alguém diria. Isso em Hollywood não significava nada. O importante era trabalhar em filmes, e uma esposa não significava nada. De fato, uma esposa tinha tanta importância quanto um roteirista: necessária, porém anónima. Mesmo as estrelinhas ganhavam mais atenção nas festas. Elas estavam sempre disponíveis, prontas para qualquer tipo de ação. Conheciam todos os produtores e tinham sempre histórias engraçadas para contar, como aquela da ande estrela, que sempre gritava "mamãe" quando alcançava o clímax. . . Claro, as estrelinhas ganhavam todas as

atenções nas festas. Uma esposa, entretanto, essa vivia no limbo. Devia ser respeitada, mas, ao mesmo tempo, era muito insignificante para que a respeitassem. Na maioria das festas, acabava no bar, conversando com os garçons, que, em sua maioria, vinham de Nova York e discutiam nostalgicamente o Sardi, ou o Lindy. Melhor do que falar com outras esposas, deslocadas, que só sabiam comentar sobre empregadas domésticas e ténis.

Não podia nem ao menos se permitir sair às compras como fazia quando era solteira. Só lhe permitiram comprar um único vestido de noite durante os cinco meses em que estava ali: "Você tem mais roupas do que qualquer loja" — dizia Míriam. Talvez tivesse, mas se cansava depressa delas. Será que Míriam não sabia que era agradável vestir roupa nova? Claro que não, ela só tinha três vestidos, e quase iguais; ia à festa com um vestido de renda azul de cinco anos de idade, e uns sapatos ortopédicos brancos!

Míriam permitia que gastasse cinquenta dólares por semana. Mandava tudo para a mãe, e ela continuava escrevendo que era muito pouco. Tentou falar com Tony a respeito de sua situação financeira, mas quase nunca o via. Ele estava, invariavelmente, gravando, ensaiando ou estudando novas canções. E, na hora do jantar, sempre Míriam. À noite, na enorme cama, voltava a ser o Tony dos outros tempos, ansiando por ela. Depois de satisfeito, porém, não podia mais ser alcançado. Tentara explicar que, se pudesse ajudá-lo na sua carreira, e fazer realmente parte de sua vida, não ficaria tão entediada; ele não compreendia: "Míriam toma conta dessa parte. Por que não fala com ela?"

Quando tratava de dinheiro, era a mesma coisa: "Fale com Míriam, ela lhe dará tudo que você precisar". Míriam, entretanto, tinha todas as respostas prontas: "Para que precisa de dinheiro? Pago a comida e tudo. Cinquenta dólares são mais que suficientes para o seu gasto pessoal".

Não podia continuar assim. Por quanto tempo, ainda suportaria sentar-se à beira da piscina? Tinha lido três livros durante a semana, e era apenas sexta-feira. O sol começou novamente a penetrar sob o guarda-sol. Jennifer se levantou. Precisava fazer alguma coisa, ir a algum lugar. Talvez Neely estivesse em casa.

Acabara seu segundo filme e o estúdio lhe prometera um mês de férias. Entrou em casa e vestiu uma calça comprida. Estava feliz por Neely. *Q* primeiro filme dela fora um sucesso espetacular, e já vira algumas cenas do segundo, também muito bom. Quase nunca encontrava Neely. Às vezes, falavam por telefone. Mas Neely acabara de mudar o número novamente e Jennifer ainda não sabia o novo que não constava da lista.

Dirigiu o carro por oito quarteirões, ninguém andava a pé na Califórnia. Se Neely não estivesse em casa, iria ao Schwab. Talvez Sidney Skolsky estivesse lá; eles poderiam sentar e conversar. Sidney amava Hollywood, mas podia compreender como ela se sentia.

Mel abriu a porta. Vestia calção de banho, engordara um pouco e o tostado da pele lhe dava uma aparência sadia. Conduziu Jennifer à beira da piscina.

— Quer almoçar? Estou justamente comendo um sanduíche.

Jennifer sacudiu a cabeça e sentou à sombra. A piscina deles era idêntica à dela. A mesma forma de rim, uma cabana, um campo de ténis e um barzinho. Olhou para as colinas distantes. Será que Mel também ficava o dia todo sentado à beira da piscina?

— Neely está no estúdio — explicou Mel — experimentando o novo guarda-roupa.

— Pensei que estivesse de férias.

— Sim, um mês antes de começar a rodar o novo filme. Mas isso significa um mês de provas de vestidos, provas de maquilagem e organização da publicidade. Deve voltar a qualquer momento. Soube que Ted Casablanca está desenhando as roupas dela?

— Então está no topo. Ted só desenha para as grandes estrelas.

Mel sacudiu os ombros magros.

— Só em Hollywood é que isso pode acontecer: mulheres quase desmaiam porque um afeminado se resigna desenhando para elas. Em qualquer outro lugar, se você tem dinheiro para pagar, obtém o que deseja. Em Nova York, por exemplo, acha que Saks se incomoda em saber se a cliente fará justiça à sua criação? Por aqui é

tudo assim. . . Sabe que Neely está fazendo regime para emagrecer? Não é de se dar risada?

— Por quê? Engordou?

— Ela está pesando cinquenta e três quilos. Sempre pesou isso. Para a altura dela é o peso ideal. Esse Casablanca quer que ela emagreça sete quilos. Diz que seu rosto ficará mais interessante e que as roupas cairão melhor. Está tornando umas pílulas verdes e não come coisa alguma.

Neely chegou de repente, correndo e sem fôlego, como sempre. Ficou encantada de ver Jennifer.

— Você já soube? — perguntou ela. — Ted Casablanca está fazendo a minha roupa. Oh, Jennifer, ele é divino! Agora, para variar, vou ficar bonita. Ele está me fazendo alguns vestidos realmente fascinantes. Meu Deus, quando eu me lembro daquele vestido de tafetá cor de púrpura! Ted acha que deverei dar uma ideia de moleque travesso, mas chique. Afinal de contas, tenho dezoito anos agora; já é tempo.

— Ouvi dizer que você está fazendo regime.

— Claro. Mel, traga um copo de leite desnatado. Quer alguma coisa, Jennifer?

— Um refresco.

— Só temos club-soda. Não tenho em casa nada que engorde. Mel, faça uma limonada para Jen. Que tal?

Neely ficou olhando para Mel, que entrava na casa, os enormes olhos de criança cheios de preocupações.

— Oh, Jennifer, não sei o que fazer. Mel mudou de tal maneira. . . ele simplesmente não consegue se adaptar a isso. Tudo o que ele faz, faz malfeito.

— Eu não diria isso. Ele está arranjando muita publicidade. A história que saiu no *Mundo do Cinema* está ótima.

Neely sacudiu a cabeça.

— Foi o estúpido que fez aquilo. Disseram-lhe para sumir. Ele se intromete em tudo. Não o querem no palco de filmagem, acham que perco a naturalidade quando ele está lá. E Ted Casablanca me disse que Mel é a piada da cidade.

— Não acreditaria nisso. Você sabe como as bichas são maldosas.

— Bicha? — Os olhos de Neely faiscavam. — Não se atreva a chamá-lo assim! Oh, ele é maravilhoso! Tem trinta anos de idade e já ganhou três milhões de dólares. E não é bicha.

— Verdade?

— Claro. Que é que você acha que estive fazendo hoje? Experimentando vestidos? Isso foi o que eu disse a Mel. Nós fizemos foi outra coisa. De todas as maneiras possíveis. No seu maravilhoso estúdio, com ar condicionado. E deixe que eu lhe diga, ele não é. . .

— Parou de falar quando viu que Mel chegava com as bebidas.

— Já perdi mais de dois quilos. — Depois, tirou da bolsa um frasco cheio de pílulas verdes e tomou uma. — E que invenção esta! São maravilhosas. Tiram realmente o apetite. O problema é que não me deixam dormir à noite.

— Tente Seconal — sugeriu Jennifer.

— Funciona mesmo?

— Espetacularmente. São pequenas cápsulas vermelhas, que a livram de todas as preocupações e lhe dão nove abençoadas horas de sono todas as noites.

— Sem brincadeira? Então vou tomá-las. Mel, chame o Dr. Holt e diga-lhe que me mande cem.

— Cem? — a voz de Jennifer mostrou surpresa. — Neely, não são aspirinas. A gente só toma uma à noite. Nenhum médico lhe dará mais que vinte e cinco.

— Acha que não? Quer apostar? O Dr. Holt é o médico do estúdio e me dará tudo o que eu pedir. Mel, cha-me-o agora mesmo. — Mel foi pacientemente até o telefone. — Uma só cada noite?

Jennifer fez que sim. Não tinha razão para dizer a Neely que, às vezes, chegava a tomar três. Uma bastaria para Neely. Além disso, pretendia diminuir a dose, logo que acertasse as coisas com Tony.

Mel entrou em casa e Neely ficou olhando até vê-lo desaparecer. Então, puxou a cadeira para perto de Jennifer.

— Preciso providenciar um novo diafragma. Por duas vezes, no mês passado, Mel tentou me engravidar. . . o filho da mãe.

— Sempre pensei que você quisesse ter filhos.

— Sim, mas não com Mel. Vou me livrar dele.

— Neely!

— Olhe, ele é um chato. Sinceramente, Jennifer, ele mudou completamente. Não tem incentivo. Já discuti o caso com O Chefe e ele concordou. Mel só faz se intrometer em tudo. Insistiu em dizer que eu não devia emagrecer, que estou ótima assim como estou. Agora, que estou perdendo peso, estão me dando o tratamento que se dá a uma estrela glamourosa. Mel é um desses tipos que ama a rotina. Jamais se adaptará ou mudará de temperamento. Só tenho de ser cuidadosa, pois aqui a lei da comunhão de bens poderá fazer com que metade de tudo que tenho vá para Mel.

— E o que pretende fazer?

— Já está tudo planejado. — Baixou a voz. — O Chefe vai providenciar para que Mel tenha uma ótima proposta de uma agência de publicidade de Nova York. Farei com que ele vá, e O Chefe se encarrega de apanhá-lo numa armadilha, você sabe, com uma garota... e eu obterei o divórcio.

— Neely, você não pode. ..

— Bem, que mais posso fazer? Na semana passada, insinuei que devíamos nos divorciar; sabe o que ele fez? Começou a chorar como um bebe. Disse que não podia viver sem mim. Não é um chato? Quero um homem que me diga o que devo fazer, em quem eu possa me apoiar, e não alguém que se apoie em mim.

— Como sabe que ele aceitará o emprego?

— Eu lhe direi que, se ele fizer sucesso e ficar com o emprego, irei a Nova York trabalhar na Broadway. Teremos um bebê e moraremos lá.

— E você fará isso?

Neely olhou para Jennifer com estranheza.

— Deixar a Califórnia? E tudo isso? Você está maluca? Aqui alcancei o sucesso. Depois do meu segundo filme, pode estar certa de que serei uma estrela de primeira grandeza!

— Você poderia ser uma estrela também em Nova York, na Broadway.

— Ora, uma estrela na Broadway. . . Isso é ninharia. Quando se é estrela de Hollywood, então a gente é estrela no mundo inteiro. Sabe que meu filme já está sendo exibido em Londres? Imagine! Todos me conhecem em Londres. Com um só filme já sou dez vezes mais conhecida do que Helen Lawson jamais será. Quando se é estrela de cinema somos tratadas como estrela. Eu me lembro de que Helen Lawson tinha de tomar o trem para New Haven, como todos nós, e mudar de roupa em camarins horríveis. Aqui fazem tudo pela gente. O meu banheiro no estúdio é mais espetacular que o camarim da melhor estrela da Broadway. Meu camarim é do tamanho do apartamento de Helen Lawson em Park Avenue. Quando você vale milhões, como estou valendo agora, fazem tudo para a gente. Eu simplesmente mencionei, no outro dia, em conversa com O Chefe, que é como chamamos H. C. Bean, um homem realmente maravilhoso. . . gentil, com quem se pode falar como a um pai, como ia dizendo, apenas mencionei que desejava perder algum peso, sabe o que ele fez? Mandou construir uma sala de banho a vapor, do lado do meu camarim, e contratou uma massagista particular. Pagam por tudo isso. E quando quero ir a uma estreia, por exemplo, mandam um carro, com motorista, me emprestam vestidos e peles. E se o meu próximo filme fizer o sucesso que fizeram os dois primeiros, O Chefe disse que me darão um novo contrato, com um enorme aumento de salário, talvez dois mil dólares por semana.

— Isso é muito dinheiro, Neely!

— Minha agência diz que estou valendo mais. Talvez eles concordem com uns dois mil e quinhentos por semana. Tudo o que tenho a fazer é estalar os dedos. O Chefe disse que no próximo ano devo abandonar esta casa alugada e comprar uma, em Beverly Hills, que tem mais classe.

— Por que não vai com calma e guarda um pouco de dinheiro?

— E para quê? Não tenho mais medo. E sabe por quê? Porque sei que tenho talento, Jen. Nunca tinha acreditado nisso, sempre achei que qualquer pessoa podia cantar e dançar. No meu segundo filme, porém, percebi que também sabia representar. Viu a cena do

choro? Bem, aquilo não era glicerina. O diretor apenas me explicou a situação em que estava a moça, e eu a senti. E chorei realmente.

— Eu também chorei, quando assisti — disse Jennifer.

Neely se espreguiçou, braços abertos.

— Adoro esta cidade. Ela foi feita para mim.

Mel voltou.

— O Dr. Holt diz que foi uma boa ideia, que as pílulas estarão aqui a qualquer momento, Neely. . . Não quer ir ao cinema esta noite?

— Não posso. Preciso estar de pé às seis-da manhã. Teste de colorido.

Mel ficou olhando para a piscina.

— Eu, no entanto, não tenho de estar de pé hora nenhuma. Estou é quase maluco de ficar só por aqui, sentado. . .

Jennifer pensou em Mel quando voltava para casa. Será que Tony também achava que ela era um peso morto? Se Tony não conseguisse fazer o filme, insistiria para que voltassem a Nova York. Lá ele podia ter um programa de rádio; sabia, porém, que ele conseguiria o papel e tudo estaria na mesma. Dentro de pouco tempo, Tony poderia começar a achar dela o que Neely estava achando de Mel. Grandes estrelas trabalhariam com ele nos filmes, e as estrelinhas ficariam à sua disposição, fora dos filmes. Quanto tempo ainda aguentaria ficar sentada, só olhando? Perto dos vinte e sete anos, logo começaria a demonstrar a idade que tinha.

Quase passou um sinal vermelho quando pensou nisso. E não tinha pensado nisso antes: um filho! Ela teria um filho! Isto traria Tony para mais junto dela e a manteria ocupada. Oh, Deus, tinha de ser uma menina! Seriam tão amigas, iria amá-la tanto. . . seria uma mãe maravilhosa. Estava excitadíssima quando chegou à casa. Guardaria segredo do seu plano.

Vestiu-se cuidadosamente para a festa. Começaria seu novo projeto esta noite.

*Setembro, 1947*

Em agosto, não ficou menstruada. No começo, estava muito excitada para dizer qualquer coisa; mas em setembro já tinha certeza. Sua cintura tinha aumentado cinco centímetros. Foi a um médico, e ele confirmou o que imaginara e lhe deu os parabéns. Tony tinha uma gravação a fazer e ela não podia perturbá-lo. Tinha, porém, de contar a alguém, queria contar até ao guarda que dirigia o tráfego. Queria ir ao Schwab e contar a toda gente. Não seria justo, Tony gostaria de dar a notícia numa grande entrevista. Neely! Contaria a Neely. Eram quase cinco horas. Neely deveria estar terminando as filmagens do dia.

Dirigiu-se ao estúdio. O porteiro conferiu detidamente a sua identidade e conduziu-a ao bangalô de Neely. Ela estava se submetendo a uma massagem.

— Entre, entre — gritou-lhe. — Que coincidência! Eu ia justamente telefonar-lhe. Adivinhe o que aconteceu? Já está tudo combinado. Mel parte para Nova York amanhã.

— Ainda Ted?

— Claro. Quem pensa que sou? Alguma vadia? Sou mulher de um homem só. Ted e eu. . . — Parou de falar com Jennifer e se dirigiu à massagista: — Está bem, pode ir. Quero falar com a minha amiga em particular.

Quando a mulher saiu, Neely deixou cair a toalha que a cobria e perguntou:

— Que é que acha da nova Neely? Tenho cinquenta centímetros de cintura agora e peso quarenta e sete quilos.

— Ted gosta que você esteja tão magra?

— Se gosta! Gosta até do meu busto pequeno. Diminuiu ainda mais, mas ele diz que seios grandes lembravam-lhe vacas! E ficam péssimos com essa nova moda de ombros largos. Vamos nos casar assim que o assunto Mel estiver resolvido. E sabe do que mais? Vamos assinar um acordo de separação de bens; ideia do Chefe. Assim saberemos que estamos nos casando por amor e não pelo que temos.

Jennifer sorriu.

— Neely, sabe da última? Estou grávida de dois meses.

— Meu Deus! — Neely ficou imediatamente preocupada. — Bem, há um médico em Pasadena, dizem que é muito bom para isso. O Chefe manda para ele todas as garotas em dificuldades. Primeiro, tenta solucionar o caso com injeções, se não dá certo. . . o aborto é fácil. E faz tudo com anestesia.

— Neely, você não entendeu. Eu quero este filho. Eu o planejei. E estou felicíssima com ele.

— Oh, bem, então é maravilhoso! Sabe, já está começando a aparecer, agora que falou. Você até perdeu a sua maravilhosa cinturinha.

— Que me importa, se vou ter um maravilhoso bebê? — Jennifer imitou, rindo, o tom de Neely.

Neely sorriu com bom humor.

— Depois que ele nascer, eu lhe empresto algumas pílulas verdes para você recuperar a elegância.

:— Não há dúvida de que funcionaram muito bem com você.

— Sim, o problema é que a gente não pode deixá-las. No momento em que paro de tomá-las, como igual a uma maníaca. Mas dão uma energia impressionante. Parece que poderia dançar durante horas. E todas as noites eu lhe agradeço pelas pílulas vermelhas. Salvaram a minha vida. Ei, Jen, você já experimentou umas amarelas? Nembutal? Se a gente toma uma de cada, uma vermelha e uma amarela, menina, a gente dorme de verdade. Aprendi isso experimentando. As vermelhas fazem com que se adormeça rapidamente, seus efeitos duram apenas seis horas. As amarelas funcionam mais devagar, e os efeitos são mais prolongados. Por isso, pensei: por que não tomar as duas? Só faço isso nos fins de semana e, às vezes, chego a dormir doze horas seguidas.

— Agom que estou grávida não vou tomar mais nada. Não quero prejudicar o bebe.

— Sim, mas se você não dormir, fica abatida, não é?

— Pela primeira vez na vida, não estou preocupada com a minha beleza. Tudo o que desejo é ter um bebe perfeito. Se ficar acordada a noite inteira não me importarei.

Neely sorriu.

— Parece que você ficou sentimental, mas acho que também ficarei assim. Depois de me casar com Ted, e depois de assinar o meu novo contrato, então poderei ficar grávida. Enquanto isso, benditas as bolinhas verdes, amarelas e vermelhas.

Jennifer fazia votos que Tony não tivesse nenhum compromisso para a noite. Queria ir com ele até o pequeno restaurante do vale — sem Míriam — e contar-lhe tudo. Quando chegou em casa, viu um carro estacionado à entrada. Era de Delia, a empregada eventual, que vinha quando havia necessidade. Bem, isso significava alguma reunião à noite.

Míriam esperava por ela.

— Tony assinou o contrato hoje! — O rosto dela estava radiante. — Bastou que vissem os testes coloridos. Tem um contrato de cinco anos com a Metro e começará a filmar em duas semanas. Vista-se como uma dama esta noite.. . O diretor vem jantar aqui com a esposa. Mais tarde, o regente da orquestra e alguns músicos passarão por aqui.

Jennifer se vestiu cuidadosamente. Muito bem, então daria a notícia na hora do jantar, publicamente. Quando teve de lutar com o fecho do vestido, percebeu que não poderia esperar muito mais tempo. De qualquer forma, Tony não tardaria a notar.

Tomou um martini antes do jantar. Míriam ficou olhando para ela, um tanto surpresa. Jennifer brilhava, conversou gentilmente com a mulher do diretor; passava os canapés; fazia papel da esposa perfeita. Esperou até que o vinho fosse servido ao jantar e então se levantou, o copo para cima. Evitou cuidadosamente o olhar hostil de Míriam e disse:

— Quero fazer um brinde a mim. . . ou melhor, ao que tenho dentro de mim. Tony e eu vamos ter um bebê.

Todos fizeram coro ao brinde, e Tony pulou da cadeira e abraçou-a. Jennifer, entretanto, não deixou de perceber profundo suspiro de Míriam e o rosto espantado da cunhada. Quando passou a excitação do momento, os olhos dela se encontraram de novo com os de Míriam, desta vez o seu rosto exibia um sorriso satisfeito.

Quando o último convidado se retirou, Míriam disse a Jennifer.

— Vá para cima, mãezinha. Você precisa de muito descanso. Quero discutir alguns detalhes do filme com Tony e então mandarei o futuro papai para cima.

No momento em que Jennifer desapareceu, ela gritou para o irmão:

— Já não lhe disse que usasse alguma coisa?

— Eu usei. — Tony sorria timidamente. — Acho que foi um acidente.

— Que quer dizer com acidente? Aqueles preservativos que eu lhe compro são os melhores que existem. Não rompem nunca.

— Bem, eu deixei de usá-los há alguns meses. Jennifer disse que não precisava, que ela estava usando diafragma.

— Eu lhe disse para não permitir nunca que uma garota o convencesse disso. Poderia até apanhar uma doença.

— De Jen? — Ele riu. — E depois, é bem melhor sem eles.

— Um bebé agora vai prendê-lo.

— Não acho. Além disso, agora teremos muito dinheiro. Com o filme e tudo. . . E eu quero um bebé, vai ser divertido.

Miriam percebeu que Jennifer descia as escadas; por isso continuou:

— Com um bebé é claro que terá de ficar mais tempo em casa.

Jennifer parou no meio da escada, ouvindo. Tony, de costas para a porta, não podia vê-la.

— Muito bem, então ficarei mais tempo em casa —concordou Tony, sacudindo os ombros.

— E desistir daquela cantora ruiva?

— Quem lhe contou? — parecia aterrorizado.

— Saiba que não há nada que eu não perceba. Mas não tema. Não contarei a Jennifer.

— Contar a Jennifer o quê? — disse ela, entrando na sala.

Miriam fingiu surpresa. Tony parecia assustado.

— Não é nada, Jen. Miriam e suas ideias malucas. Só porque dou umas voltas com Betsy. Sabe, Betsy é a cantora do meu programa de rádio. Uma volta, isso é tudo.

— Umas voltas, e que voltas — interrompeu Míriam. — Três vezes por semana se encontram no camarim dele. Ele pode não estar usando os preservativos com você, mas eu lhe compro uma caixa por semana, e está sempre precisando de mais.

— Veja o que você fez agora — Tony se lamentou quando viu Jennifer sair correndo da sala.

— Tony, faça com que ela se livre desse bebê. Acredite em mim, Tony, não será bom para sua carreira. E há muitos médicos para fazer isso.

— Mas eu quero — disse ele teimosamente.

— Tony... — ela agora tentava adulá-lo — pense na imagem que o público tem de você. Um rapaz novo, bonito. O estúdio vai dizer que você só tem vinte e quatro anos. . . um bebê arruinaria tudo.

— Nada disso. Sinatra tem filhos. Bing Crosby, também. Você não vai tirar esse bebê de nós. — Subiu a escada atrás de Jennifer.

Ela estava atravessada na cama, soluçando, quando Tony entrou no quarto. Sentou-se e começou a acariciar-lhe o pescoço.

— Querida. Não se importe com o que Míriam disse. Nós teremos o nosso bebê.

— Não me importar? Deixar que ela arruíne nossas vidas. Permitir que ela lhe compre preservativos! E durante todo esse tempo, enquanto fiquei aqui, sentada, me aborrecendo mortalmente, você estava se divertindo com uma cantora! E eu aqui, vendo Míriam ficar cada dia mais man-dona!

— O que é que quer que eu faça?

— Pode dizer-lhe que suma, que eu serei a dona da casa daqui por diante.

— Não posso fazer isso a Míriam. Para onde é que ela iria?

— A qualquer lugar! Para bem longe de nós. Não me importo que você dê a ela metade do que ganha, temos de viver a nossa vida, ser marido e mulher, e não duas crianças que moram com Míriam.

— Quem iria cuidar de tudo? Quem assinaria meus cheques e estudaria meus contratos?

— Mas, Tony, todos os artistas têm agentes que cuidam disso. Você também poderia ter um.

— Por que contratar um agente, que poderia me roubar? Ninguém cuidará melhor dos meus negócios do que minha irmã, nem defenderá meus interesses melhor que ela.

— Mas eu não posso mais viver com ela.

De repente, a voz dele ficou tensa:

— Você está realmente pedindo que eu a atire na rua?

— Tony — a voz dela era suplicante — que espécie de vida temos tido? Nunca damos uma festa que não seja necessária à sua carreira, pois Míriam acha que entreter os amigos é gastar dinheiro à toa. Agora ela começou a falar em comprar esta horrível casa. Jamais perguntou se me agradava. E só Deus sabe para que nos servirá esta enorme casa. Do jeito que vivemos, poderíamos morar em dois cômodos. Na verdade, não vivemos.

— Tenho de ensaiar três vezes por semana — gritou ele. — Tenho de preparar o meu programa de rádio. Tenho de ouvir novas músicas, estudá-las, cantar em festas de caridade, posar para fotografias de publicidade. Que quer que eu faça? Que fique em casa lhe fazendo companhia? Você sabia o que era a minha vida quando se casou comigo. E Míriam, que nunca sai? Não sai nem a metade do que nós saímos. Fomos a três festas sem ela no mês passado, e por acaso você a ouviu reclamar?

— Não, mas vi quando ela tentou, pelo telefone, durante horas, obter um convite a mais. Fomos sem ela porque o estúdio mandou apenas dois convites. Só me admiro de que ela não durma conosco também.

— Antes de conhecer você, ela me dedicou a sua vida inteira. Foi ela quem me criou. E nunca se queixa. Ela não tem nenhum egoísmo. . . tão boa. . . e você quer que eu a jogue na rua.

— Ou eu ou ela, Tony.

Por um momento, ficaram ambos sem falar. Então, ele rompeu num riso infantil.

— Não acredito que esteja falando sério, querida. Você vai ter esse bebê. Fui contra ela nisso, não fui? Agora, vamos dormir.

Tony se despiu e depois, no escuro, começou a abraçá-la.

— Não decidimos nada — disse Jennifer desanimada.

— Que é que há para decidir?

— Míriam.

— Míriam fica. Você também.

Ela começou a soluçar baixinho.

— Vamos, venha cá. Por que está chorando?

Soluçou mais ainda.

— Não venha me dizer que está zangada porque pego a Betsy de vez em quando?

Jennifer pulou da cama. Bom Deus, que espécie de homem era Tony, afinal?

Ele sentou na cama e acendeu a luz. Parecia confuso.

— Mas eu não amo Betsy...

Jennifer sentou-se numa cadeira.

— Então por que fez isso? — Ela soluçava.

— Porque ela estava lá, suponho.

— Eu estava sempre aqui.

— Mas eu não podia vir correndo para casa durante os ensaios, e ela estava sempre lá. Olhe, isso não significa absolutamente nada. Prometo-lhe que nunca mais farei isso com Betsy. Sabe de uma coisa? Vou mandar Míriam despedi-la amanhã. Que acha? Agora, venha para a cama.

— Não é só Betsy, Tony. É você. Não consigo compreendê-lo. O que pensa. O que sente.

— Quero você agora mesmo. Isso é o que sinto. Venha, querida.

Só porque não sabia o que fazer é que foi para a cama e se submeteu a seus braços. Quando se satisfez, virou para o outro lado e caiu imediatamente num sono profundo. Jennifer levantou e tomou três pílulas vermelhas. Já era dia quando conseguiu adormecer.

Na manhã seguinte, quando Tony e Míriam foram ao ensaio, telefonou para Henry Bellamy. Contou-lhe tudo.

— Parece que o melhor que tem a fazer é fugir daí para salvar sua vida — disse Henry — Ela ainda é capaz de fazer com que perca

o bebê. Até por desgosto.

— Que é que faço?

— Depende. Que é que sente por esse brincalhão?

— Já não sei. Às vezes tenho pena dele, porque sei que Míriam fez nele uma lavagem cerebral. Outras vezes, como na noite passada, sinto verdadeiro asco. Tony, porém, tem uma certa docilidade, ele não é mau. Isso é que me intriga. Não há maldade alguma nele, apenas parece nunca ter crescido. A culpa é de Míriam, ela é que incutiu nele que a única coisa que tem a fazer na vida é cantar. Acho que poderíamos ser felizes se nos livrássemos dela, porque não conseguirei fazer com que ela compreenda isso.

— Jennifer, você é muito moça. Aconselho-a a cuidar de sua vida enquanto é tempo.

— Não sou tão moça como você pensa, Henry. Eu lhe menti a respeito de minha idade.

— E daí? Você tem ainda toda uma vida pela frente. Pelo que me contou, imagino que se ficar aí e tiver o bebê Míriam vai mandar nele também.

— Não!

— Então venha para Nova York. Vamos ver se Tony é homem suficiente para vir buscá-la. Tentarei até convencê-lo de que posso cuidar dos negócios dele tão bem quanto Míriam. Vamos aposentar a velha dama e você poderá fazer dele um homem. Se ele não concordar, então você não terá perdido nada.

— Você tem razão, Henry. Assim não é possível continuar.

— Reservarei uma suite para você no Pierre. Deixe um bilhete dizendo que viajou para Nova York para concorrer a um papel numa peça. Deixe a maioria de suas roupas aí, para que Míriam não possa alegar abandono.

— Tony e Míriam sabem que não posso trabalhar no teatro se estou grávida.

— Claro que sabem, mas isso é apenas uma formalidade legal. E escreva um bilhete idêntico a Anne, para que possa ter uma prova em caso de necessidade. E me mande um telegrama, dizendo que aceita a proposta que lhe fiz.

Jennifer seguiu os conselhos de Henry. Para sua satisfação, Tony tomou um avião e foi a Nova York para convencê-la a voltar. Andava de um lado para o outro na suite de Jennifer, jurava que a amava, que faria qualquer coisa que ela quisesse, qualquer coisa, menos se livrar de Míriam.

— E é só isso o que eu lhe peço — insistiu ela.

— Ela toma conta do meu dinheiro e da minha carreira. Não posso confiar em ninguém, a não-ser nela.

— E eu? Não confia em mim?

— Não me provoque, Jen. Você é a melhor fêmea que eu já tive, mas. . .

— Fêmea? É tudo o que sou para você?

— O que mais, quer ser? Por Deus, Míriam tem razão. Você quer que eu lhe pertença, quer me sufocar. Eu dou tudo o que tenho pela minha carreira.

— E a mim, o que é que me dá?

— Meu sexo. E deve bastar.

Tony voltou para a Califórnia, Henry preparou um acordo temporário. Jennifer receberia quinhentos dólares semanais até que o bebê nascesse e, daí por diante, mil dólares. A gravidez ficaria em segredo, até quando fosse possível. Pediria o divórcio depois que o bebê nascesse.

A separação dos dois mereceu a primeira página de todos os jornais. Durante a primeira semana, enclausurou-se no hotel e, com a ajuda das pílulas, dormiu durante quase o tempo todo. Finalmente, Anne conseguiu convencê-la a ir morar com ela; forçava-a a ir ao teatro e quase sempre a convidava para almoçar; ela, entretanto, permanecia desanimada.

Só tinha alívio à noite, com as bolinhas vermelhas.

*Outubro, 1947*

Jennifer estava no terceiro mês de gravidez quando Míriam chegou a Nova York. Chamou-a do aeroporto e disse que tinha de falar urgentemente com ela. Agora sentia o espírito fortalecido, Míriam já não a atemorizava. Talvez ela é que estivesse atemorizada.

Sua voz parecera desesperada. Talvez Tony estivesse deprimido, não conseguisse cantar: teria vindo pedir uma reconciliação? Bem, aceitaria, sob as condições que pretendia impor: Míriam deveria deixá-los e Tony se desculpar com ela.

Não que ela o tivesse perdoado, mas ainda tinha esperança de que ele, longe de Míriam, poderia surgir como um homem adulto. E depois, o bebê, é claro, mudaria muita coisa. Queria que a sua menininha tivesse um pai, que não crescesse numa casa cheia de mulheres, como ela. Tony mudaria, ficaria mais maduro. . . afinal, ainda era bastante jovem.

Quando fez Míriam entrar no apartamento, tinha certeza de que a sua aparência estava ótima e de que o apartamento estava limpo e arrumado — dona da situação. Conseguiu até ensaiar um sorriso e dizer:

— Sente-se, Míriam. Aceita um pouco de café?

A mulher sentou, tensa e ereta, na beira de uma cadeira. Seus olhos se fixavam na cintura de Jennifer.

— Nada de café. Esqueçamos as delicadezas sociais e Vamos direto ao assunto.

Jennifer continuou sorrindo.

— De que assunto você está falando?

Os olhos de Míriam quase se fecharam.

— O bebê é mesmo de Tony?

— Espere até que o veja — Jennifer disse ríspidamente. — Verá que será a imagem dele.

Míriam se levantou e começou a andar pela sala. Então voltou-se para Jennifer e perguntou:

— Quanto você quer para se livrar dele?

O olhar que Jennifer lhe lançou era de gelo.

— Vamos, se é dinheiro que você quer eu darei. Uma grande quantia, por escrito. E poderá ter também os mil dólares por semana, mesmo sem o bebê. Apenas lhe peço que se livre dele.

Jennifer parecia confusa.

— Tony sabe disto? É isto o que ele quer?

— Não, Tony não sabe que estou aqui. Eu lhe disse que ia a Chicago, para negociar com o patrocinador do seu programa. Estou

aqui por minha conta, para me entender com você antes que entre no quarto mês e seja tarde demais.

A voz de Jennifer era baixa e tensa.

— Míriam, jamais eu a odiei realmente, até este momento. Sempre pensei que você era egoísta, mas em benefício de Tony. Agora vejo que você é má.

— E você, a típica mãe norte-americana — rugiu Míriam —, ansiando por passear no parque, empurrando um carrinho de nené, não é?

— Sim, eu quero esse bebê — disse Jennifer, com determinação. — Míriam, durante toda a minha vida, nunca tive realmente alguém que me quisesse de verdade. Minha mãe e minha avó sempre acharam que eu só dava prejuízo. Só ouvia dizer que comia demais, que gastava muito sapato, que crescia depressa demais e perdia logo as roupas; me apavorava quando os sapatos ficavam pequenos. Depois, quando cresci, se interessavam apenas pelo dinheiro que eu poderia lhes dar. Por isso, casei com o príncipe. Não foi um caso de amor, mas, pelo menos, vi a possibilidade de poder sustentar minha mãe e minha avó, e tive a intenção de ser uma boa esposa para ele. Ele nem se importou comigo, estava apenas me usando também. Depois, amei Tony. Tudo o que pedi foi que você me desse uma oportunidade de ser uma boa esposa. Você nunca me deu. Sempre passou por cima de mim, sempre tentou me diminuir. Agora vou ter o meu bebê, que vai me amar e vai ser meu. E eu trabalharei para ele. Já estou economizando dinheiro, compro roupas agora. Depois que ele nascer, vou trabalhar como modelo e providenciar para que nunca lhe falte nada.

Por um momento, Míriam ficou silenciosamente olhando para os seus dedos grossos, e então disse:

— Jennifer, acho que a julguei muito mal. Eu lhe peço desculpas. Muito bem, volte para Tony, deixarei que você tome conta da casa, tentarei viver de acordo com você. Farei o que você quiser, mas não permita que esse bebê venha ao mundo.

— Míriam, saia! Não quero insultá-la; vou ter o bebê. E terei, também, Tony de volta, você vai ver. Quando ele souber que é pai,

vai querer vê-lo. E então vai nos querer ao seu lado, a mim e ao filho. Você verá. . .

— Jennifer. . . — O tom de Míriam era quase bondoso. — Ouça o que vou lhe dizer, e ouça bem. Você deixou Tony, e você era o grande amor da vida dele, certo? Por isso ele fez uma tentativa infantil para tê-la de volta. Isto é tudo. Desde então, ele tem estado cada noite com uma garota diferente. Esqueceu completamente de você em apenas três semanas.

— Por favor, vá embora! — Jennifer estava chorando. — Você já me magoou demais, por que continuar?

— Agora estou tentando ajudá-la. Se eu a detestasse, deixaria você fazer o que bem entendesse. Que é que eu tenho a perder? Do ponto de vista financeiro, já está tudo acertado e Tony terá de lhe pagar, por lei. Por isso, agora falo por você. Tentei que você se livrasse do bebê de todas as maneiras possíveis e ainda proteger Tony. Você é teimosa. Por que acha que lhe contei a respeito de Tony e das garotas? Para magoá-la? Não, apenas para impedir que fique mais magoada ainda. Porque nenhuma mulher aprende a sentir coisa alguma até o momento em que acalenta um filho. Torna-se uma parte da gente e a gente o ama de um modo que nunca julgaria possível. E se há alguma coisa de errado com ele, então nada mais pode causar o mesmo desespero que isto nos causa. Jennifer, você nunca achou que Tony é um tanto. . . infantil?

Jennifer olhou com estranheza para a cunhada, havia na voz dela algo que ela nunca notara.

— Sim, talvez seja um pouco infantil — admitiu. — Mas acho que a culpada é você.

— Jennifer, Tony é mental e emocionalmente uma criança.

— Porque você o protege demais.

— Não, esse é exatamente o motivo por que o protejo, e esse é o motivo por que você não deverá ter um filho dele. Para benefício seu e para benefício da criança.

— Não compreendo. . .

Míriam sentou-se ao lado dela.

— Jennifer, quando ele era criança teve convulsões alguma coisa errada dentro do seu cérebro. Os médicos do hospital tentaram

me explicar, mas eu era uma menina para entender. Não acreditava que pudesse haver algo de realmente errado. Avisaram que ele nunca seria normal; tinha apenas um ano e era tão lindo. . . Recusei-me a compreender. Só quando ele tinha sete anos e não conseguia passar do primeiro ano é que comecei a admitir. Já era mais velha, então, e mandei que lhe fizessem toda espécie de testes. Aí pude ter uma ideia de tudo. Você nunca notou, Jen? Tony mal consegue se interessar por uma história em quadrinhos. Só sabe somar até cinquenta, mas nem desconfia de que não é como os outros, porque sempre tomei conta de tudo e fiz com que acreditasse que não sabe essas coisas porque não há necessidade de saber. Continuo dizendo a ele que a única coisa que deve fazer na vida é cantar.

— Se ele teve uma convulsão quando era criança, seu atraso é consequência dessa convulsão. Não há motivo para que o nosso bebê não seja perfeito — argumentou Jennifer.

— O mal de que ele sofre é hereditário. Os médicos não sabem muito a respeito; há uma possibilidade de que Tony perca completamente a razão por volta dos cinquenta anos. E seu filho herdará o mal. Com sorte, a criança poderá estacionar na idade mental de doze anos, ou mais cedo.

Miriam fez uma pausa e ficou pensativa. Depois, continuou:

— Jennifer, você não pode imaginar como é. Quando compreendi tudo, procurei conforto na religião. Rezava muito. Ia a qualquer igreja e sempre levava Tony comigo. Quando o inscrevi para cantar no coro de uma igreja, descobri que tinha uma boa voz. Vi que era a sua única possibilidade. Tudo o que eu ganhava era para as lições de Tony. . . mas isso foi há muito tempo. E agora, o bebê que você espera poderá herdar a voz dele, mas herdará, coro certeza, também a sua-doença.

— E você? — perguntou Jennifer. — Perderá também a razão?  
Miriam sacudiu a cabeça.

— Somos filhos de pais diferentes. Tony nem sabe disso. Por favor, Jennifer, por você mesma, faça o que lhe pedi.

— Como posso saber que você está dizendo a verdade?

— Tenho todos os relatórios médicos aqui comigo — disse Míriam, tirando um grande envelope da bolsa. — Sabia que não iria acreditar em mim. E por que haveria de acreditar? Mostre isso a qualquer neurologista. Só lhe peço uma coisa, Jennifer. Não conte a ninguém, acabaria com a carreira de Tony, e com ele. Sei que vai acabar num hospital para doentes mentais algum dia, mas se esse fato se tornar público, irá para lá bem mais cedo. Por isso é que economizo. Você deve ter pensado que sou mesquinha; na verdade, fiz uma espécie de seguro e ponho nele cada centavo que posso. Não quero que Tony acabe num hospital de caridade depois que eu me for. Providenciarei para que tenha o que houver de melhor, daqui a uns quinze anos, espero.

Jennifer devolveu o envelope.

— Acredito em tudo o que me disse, Míriam. Ninguém inventaria uma história tão horrível.

Os olhos de Míriam estavam cheios de lágrimas.

— Jennifer. . . eu lhe desejo tudo de bom. Seja bem-vinda, se quiser voltar para Tony; acho, porém, que merece uma vida melhor. E por Deus, mantenha isso em segredo. Você haverá de encontrar outro rapaz. . . Por favor, seja boa para com Tony. Livre-se do bebê e esqueça-o.

Jennifer sentou e ficou olhando, imóvel, para o espaço, durante muitas horas, depois que Míriam foi embora. Então, levantou-se, tomou três pílulas vermelhas e foi dormir.

Jennifer nunca deu a Anne ou a Henry nenhuma explicação de sua súbita decisão. Ela mesma encontrou o médico, um homem simpático de Nova Jersey. Uma mesa de operações, uma enfermaria limpa e eficiente. Custou mil dólares. A enfermeira aplicou nela algo chamado sódio pen-total, que lhe proporcionou uma sensação ainda mais deliciosa do que o próprio Seconal. Quando acordou, tudo estava terminado. Duas semanas depois, parecia que nada havia acontecido. Sua cintura voltou à medida antiga e ela tomou um avião para o México, onde pediu o divórcio. Quando voltou, entrou na excitação das estreias de outono e num torvelinho de compras de novas roupas. Os vestidos agora estavam bem abaixo dos joelhos e toda a gente estava fascinada por uma pequena tela chamada

televisão. Tudo o que se podia ver eram lutas romanas e jogos de beisebol mas todos diziam que iria matar o rádio.

Jennifer assinou um novo contrato com a Agência Longworth e recomeçou a posar. Em pouco tempo os armários de Anne estavam cheios de roupas que Jennifer punha de lado. O telefone não parava de tocar e Jennifer estava outra vez mergulhada em uma intensa vida social, arrastando Anne com ela. Conhecia muitos homens, dava preferência, porém, a Claude Chardot, produtor de cinema, francês, gentil e encantador. Anne não o apreciava, mas Jennifer se atirou a um violento romance com ele. Tinham almoços que duravam três horas, beija-mão, jantar e dança no St. Regis. Ele quase não falava inglês e Anne ficou surpresa ao ouvir o francês fluente que Jennifer falava. Na véspera do Natal, Anne e Jennifer fizeram uma pequena árvore. Claude e alguns amigos vieram comemorar.

— Ele parte dentro de dez dias — disse Jennifer, melancolicamente.

— Você gosta dele? Quero dizer, gosta de verdade? — perguntou Anne.

Jennifer enrugou o nariz.

— Bem, ele é diferente. E você, o que acha dele? Seja sincera, Anne.

— Não posso dizer. Passo a metade do tempo sem entender o que ele diz, e a outra metade vocês ficam tagarelando em francês, enquanto eu procuro compreender o inglês truncado do amigo dele. Em todo caso, esse amigo dele, o François, me deu a entender que Claude tem uma esposa escondida em algum lugar.

— Naturalmente. E é provável que tenha também uma amante. Sempre que gosto de um homem, pode estar certa de que é um patife. . . Ele quer que eu vá a Paris.

— Você não está pensando em ir?

Jennifer encolheu os ombros.

— Quer que eu seja estrela de seus filmes. Disse que farei furor com esta cara de americana falando tão bem o francês.

— Mas você sempre disse que não sabe representar.

— Ele quer que eu faça filmes *sexy*. Artísticos, mas deverei aparecer semi nua.

— O quê?

— Na Europa isso é comum, Arme. Uma porção de grandes atrizes fazem isso. Não são filmes pornográficos, são filmes comuns, com enredo e tudo. Só que quando a gente toma um banho, por exemplo, esse banho é filmado.

— E por que você iria fazer isso?

— E por que não? Que possibilidade acha que, eu tenho aqui? Fui a sensação da temporada no ano passado. Logo terei vinte e oito anos e já fiz dois maus casamentos. Não acredito que encontre nenhum bom partido por aqui, com a minha reputação. Imagine, casada primeiro com um príncipe e, depois, com um astro de cinema. A maioria dos homens vai achar que sou inacessível para eles. Talvez Paris seja a resposta. Sei que Claude é fingido e que está fazendo todo esse romance comigo só para que eu assine o contrato. Só espera ganhar muito dinheiro comigo. E daí? Que é que eu tenho a perder?

— Mas faz tão pouco tempo que está em Nova York. . . Por que não arrisca esperar um pouco?

— Sou conhecida demais. Nada de novo vai me acontecer aqui. Bem, eu poderia entrar em alguma peça, mas não teria nunca um bom papel. E depois? Como modelo não sou lá grande coisa. Tenho bastante dinheiro da minha pensão, mas já estou farta do Stork, do Morocco, e das mesmas caras de sempre. E você? Está ainda apaixonada por Nova York?

Anne sacudiu a cabeça.

— Não, fiquei meio sem graça depois que Lyon se foi. Li no *Times* que o seu livro vai sair no mês que vem. Ele agora deve estar trabalhando no segundo.

— Você foi para a cama com alguém depois disso?

— Não. Não pude. Sei que é bobagem, mas ainda amo Lyon.

ANNE

*Janeiro, 1948*

Um almoço que durou três horas despediu Claude. Quando Anne chegou, a reunião já ia adiantada. Na mesa uma tigela de caviar iraniano e o inevitável balde de gelo com uma garrafa de champanha dentro. Jennifer, radiante entretinha Claude, seu amigo François e um homem que Anne não conhecia.

— Sou Kevin Gillmore — disse o estranho.

Jennifer sorriu.

— Anne, você já deve ter ouvido falar de Kevin Gillmore. É o dono dos cosméticos Gillian.

— Claro. Seus produtos são excelentes — respondeu Anne, servindo-se de caviar.

— Você também vai a Paris? — perguntou ele.

— Não, Jennifer é que será a nova sensação francesa.

— Ela vai conquistar a cidade de um golpe só — disse Claude, com seu sotaque pesado. — Por favor, Anne, depende de você que embarque logo. Deverá estar em Paris no fim do mês.

Jennifer sorriu alegremente e se aproximou de Claude.

— Estarei lá assim que conseguir meu passaporte e ajeitar algumas coisas.

— Não acha formidável? — disse Anne a Kevin, tentando disfarçar a sua falta de entusiasmo.

— Imagino que sim. Os seus dentes são naturais?

— O quê?

— Pergunto se são naturais ou se são postiços.

Anne sorriu, o modo de ele ir direto ao assunto desarmou-a.

— São meus mesmo. Por quê?

— E o seu cabelo?

Sentiu que corava e respondeu vagarosamente:

— É natural, também. Por quê?

— Já tinha notado. Conheço o suficiente a respeito de tinturas para saber disso. Mas ele é todo seu, ou está usando meia-peruca?

— Usando o quê?

— Meia-peruca, para dar mais volume.

— Acha que deveria usar?

Ele sorriu. Um sorriso que não combinava com as perguntas atrevidas que tinha feito, um sorriso humilde. Explicou:

— Bem, a maioria das moças precisa usar alguma coisa para ter essa aparência. Aí está a dificuldade em se achar a moça ideal. Ou elas têm bons cabelos e maus dentes, ou têm belos dentes, bonitos cabelos, mas um nariz feio. Acho que você é exatamente o que estamos procurando. O que eu quero dizer é que gostaria que você estudasse trabalhar para nós em uma base exclusiva.

— Trabalhar em quê? — Anne olhava para Jennifer, à procura de auxílio, mas ela estava sussurrando algo ao ouvido de Claude.

— Bem, como você sabe, a televisão logo estará por aí. Calculo que o rádio tem mais um ano de vida, pelo menos quanto aos grandes programas. O que eu quero é uma Garota Gillian. Essa moça será fotografada para anúncios de toda a nossa linha de produtos; para o cabelo, para as unhas, enfim, para tudo. Já vi muitas moças que serviriam para isso, mas todas são modelos muito conhecidos, ganham muito dinheiro para querer trabalhar exclusivamente para mim. Não quero que a Garota Gillian pose em modelos de Ted Casablanca para o *Vogue*, ou para os perfumes de Chanel no *Harper's*. Quero que seja identificada unicamente com os produtos Gillian. E, para começar, posso oferecer trezentos dólares por semana.

Anne bebeu o champanha lentamente, não sabia o que responder.

Kevin tomou o seu silêncio por uma recusa.

— Eu lhe darei contrato por um ano, com uma opção de quinhentos dólares por semana durante o segundo semestre. Se entrarmos na televisão, combinaremos outro ordenado.

Jennifer interrompeu:

— Que é que estou ouvindo?

— Estou dizendo à sua amiga que gostaria de transformá-la na Garota Gillian.

Os olhos de Jennifer se abriram muito.

— Que grande ideia! Anne é perfeita para isso.

— Também acho. Bonita, sem ser muito *sexy*. A típica garota americana — disse Kevin.

Claude levantou as mãos.

— Lá vêm vocês de novo com essa conversa. Vocês americanos não sabem simplesmente o que fazer com uma garota bonita. Querem sempre que todas se pareçam com a vizinha da frente. Se o público quisesse isso, então ninguém iria ao cinema. Tomemos o exemplo de Jennifer: sei que ela será um sucesso, justamente porque é diferente, isto é, é a garota com que todos os homens sonham.

— Concordo. Mas o mesmo não acontece com a propaganda — insistiu Kevin. — Claro que usamos o sexo também, mas de um modo sutil. Anne, por exemplo, é bonita. Agora, é um tipo de beleza com que quase todas as mulheres" podem se identificar. Uma estudante ou uma matrona podem imaginar que ficarão parecidas com Anne se usarem os nossos produtos, e nenhuma ousaria pensar que poderia ficar parecida com Jennifer. No cinema, você vende uma válvula de escape, eu preciso vender um produto. Anne é o tipo ideal para isso. Ninguém pensará que é a sua estrutura óssea que lhe dá essa beleza, o formato do seu rosto, a espessura de seus cílios. Todos pensarão que se usarem o produto que ela usa poderão ter a aparência que ela tem. A beleza de Anne não os assustará. A de Jennifer, sim.

— Bem, o que eu quero fazer é levar essa minha beleza perigosa a Paris — disse Jennifer. — Mas, Anne, acho que deveria aceitar a proposta de Kevin. Seria a mudança de que você precisa, como eu.

Anne enrugou a testa.

— Eu não sou modelo e estou muito feliz trabalhando para...

— Acho que é tempo de empoar nossos narizes — interrompeu Jennifer, levantando-se.

Quando seguia Anne até o toalete, Jennifer piscou para Kevin, que lhe mostrou os dedos trançados para dar sorte.

Sentaram diante do enorme espelho e Jennifer foi direto ao assunto.

— Muito bem, e por que não?

— Não sei nada a respeito de posar...

— Eu também não sei nada sobre cinema, e não é isso que vai me impedir de ir a Paris.

— Você se sairá bem...

— Não mude de assunto. Quanto é que você ganha com Henry, agora?

— Cento e cinquenta por semana. Isso não é o importante. Você sabe que vendi a casa por ótimo preço e Henry investiu o dinheiro para mim com muito lucro. Portanto, dinheiro é a última coisa de que preciso.

— Mas será excitante.

— Não posso deixar Henry.

— Henry? — Os olhos de Jennifer eram acusadores.

— Anne, você está falando comigo. Não quer deixar aquele escritório porque é uma espécie de elo que a prende a Lyon. Mas ele jamais voltará para você. Pare de sonhar que um dia ele vai aparecer para levá-la. Isso está acabado. Para sempre.

— Como é que você sabe? Na semana que vem o livro dele sai. Bem, acredito que ele virá para cá. Não é isso que faz a maioria dos escritores?

Jennifer brincou pensativamente com a alça de sua bolsa e depois disse:

— Anne, eu não ia lhe contar isso, mas acho que é melhor você saber. Lyon voltou para a Inglaterra.

— Voltou? Você quer dizer que ele esteve em Nova York?

Jennifer concordou solenemente.

— Por uma semana. Veio ver o editor. Reescreveu completamente o livro. Jogou fora tudo o que tinha escrito aqui, voltou à Inglaterra e escreveu tudo de novo. Por isso é que tem demorado tanto. Henry me disse que é um bom livro. Ele viu Lyon.

— Henry viu Lyon?

— Almoçaram juntos. Lyon começou a escrever o segundo livro. Conseguiu um bom adiantamento do editor. Pretende alugar um apartamento em Londres.

— Esteve com Henry, aqui. . . — Anne parou de falar quando as lágrimas começaram a correr por sua face.

Jennifer abraçou-a.

— Anne, não se martirize assim. Henry me contou que Lyon não pensa em nada a não ser em escrever. É a única coisa na vida

que o interessa agora.

— Henry sabe como eu me sinto. Por que não me contou que Lyon estava aqui?

— Porque Henry é um homem, e os homens se defendem uns aos outros. Anne, você nada deve ao Henry. E precisa de uma mudança. Foi o destino que fez com que encontrasse Kevin. Claude não o convidou. Ele entrou no restaurante sozinho, depois é que se juntou a nós. Acho que tinha de acontecer.

— Talvez você tenha razão — disse Anne lentamente. — Tenho mesmo de sair daquele escritório. Ele me parece um mausoléu.

— Agora, sim, você está sendo sensata. E saia daquele apartamento, também. Vamos, refaça a pintura. Não perca o emprego antes de consegui-lo.

A princípio, Henry ficou perturbado. Mas teve de admitir que a oferta de Gillian era excelente.

— Você é que deve ter arranjado isso — disse ele a Jennifer, que fora, com Anne, dar a notícia.

— Henry, você sabe que é melhor para ela — disse Jennifer candidamente. — Afinal, por quanto tempo espera ter Anne aqui? Ela não é a Srta. Steinberg, você sabe.

— Está bem, mas traga o contrato aqui antes de assinar — grunhiu Henry. — Vamos ver se conseguimos mais alguma coisa. A televisão vai entrar forte dentro em pouco. Não se deve deixar nada para ser negociado mais tarde. Se ele a quer agora para os anúncios, então terá de concordar em usá-la também na televisão.

— Mas, Henry — protestou Anne — acho que desmaiaria na frente de uma câmara de televisão.

— Não é muito diferente de uma câmara fotográfica, e então você já terá um ano de experiência. Enquanto isso, vá ver Lil Cole. Contrate, pelo menos, duas aulas particulares por semana. É caro, mas você pode pagar.

— Quem é Lil Cole?

— A melhor professora de dicção que existe.

— E por que preciso dela?

— Porque, na televisão, você precisará disso. E precisa perder esse sotaque de Boston.

— Mas, Henry, eu serei modelo, não atriz.

— Ouça, Anne, se você vai fazer uma coisa, procure fazê-la cem por cento. Não existe meio-termo em nenhum emprego. Como secretária, você foi ótima. Agora, como Garota Gillian procure ser a melhor possível. Acho que estar ocupada é o melhor que tem a fazer agora.

De repente, ele pareceu muito velho e cansado, como se todas as suas forças o tivessem deixado de um momento para outro. Anne não resistiu e o abraçou.

— Henry, eu amo você.

Ele brincou para esconder a emoção.

— Que é que diz a isso, Jennifer? Faz dois anos que sou louco por ela e agora que está indo embora é que diz que me ama.

— Henry, por favor, seja sempre meu amigo.

— Nunca se livrará de mim. Agora, desapareça. Vou já chamar a agência para pedir uma nova secretária. Quem sabe conseguirei uma nova Anne Welles?

— Não quer que eu fique até que arranje uma nova?

— Nada disso. Jennifer tem só mais alguns dias de Nova York. Vão cuidar de suas coisas. Por falar nisso, Jennifer, a sua pensão é de setecentos dólares por semana, deduzidos os impostos. Quer que eu lhe mande os cheques a Paris?

— Não. Fique com o meu dinheiro aqui e aplique-o. Talvez eu consiga ser tão rica como Anne.

Henry sorriu.

— Vocês ainda vão ser duas Rockefellers. Quem é que falou que esse mundo é dos homens?

— Estou ganhando meu dinheiro da forma mais difícil — disse Jennifer melancolicamente.

— Claro. Não é fácil ficar sentada cinco meses à beira de uma piscina. É duro.

— Tem razão. Foi muito divertido.

— E agora Paris a espera para fazer de você a Lana Turner francesa. Mas, faça o favor de não gastar todo o seu dinheiro. Você

já me deve dois mil, que descontarei da sua pensão. E não peça dinheiro; me dê a oportunidade de guardá-lo para você. Deus sabe que preciso de clientes como você.

— Isso me lembra uma coisa: preciso de mais mil, Henry — disse Jennifer docemente.

— Mas, Jennifer. . .

— Preciso de umas roupas. Afinal, tenho de fazer uma entrada triunfal em Paris.

### *Fevereiro, 1948*

Anne entrou apressada no 21 e se juntou a Henry, em sua mesa habitual.

— Desculpe o atraso, mas essa Lil Cole me mata — disse ela, sentando-se.

Henry notou que todos os homens tinham se voltado para olhá-la. Três semanas de retoque, a cargo dos maquiladores de Gillian, tinham processado uma mudança indefinível e perturbadora em Anne. Agora, era imediatamente notada, pintava os olhos, e o cabelo estava penteado de maneira a parecer mais volumoso e brilhante. Ainda parecia uma verdadeira dama; agora, porém, era mais atraente.

— Recebi uma longa carta de Jennifer esta manhã — disse ela, sem notar a excitação que provocara.

— E eu recebi outra, pedindo dinheiro. Como é que ela consegue gastá-lo tão depressa?

Anne sorriu e pediu uma salada.

— Não importa quanto ela ganhe, está sempre em débito. É uma compradora compulsiva. Não sei por que, nem ao menos aprecia as coisas que compra. Dá a maioria de suas roupas.

Henry sacudiu a cabeça.

— Espero que encontre algum bom sujeito por lá. Não acho que algum dia chegue a ser uma boa atriz, mas tem um rosto e um corpo que devia saber aproveitar. Quando perder isso, será o seu fim.

— Henry, será que você é como todo mundo, que julga Jennifer apenas pela estampa? Ela é uma moça maravilhosa, mas nenhum homem ainda se deu ao trabalho de descobrir isso. Pensei que você fosse diferente. Jennifer é uma ótima pessoa — ótima amiga — e muito boa. Uma das melhores moças que já conheci.

— Concordo. Só na superfície. Diga, Anne, qual é a profundidade dos sentimentos de Jennifer?

— Difícil de dizer. Não é pessoa que se abra. Sabe que eu nunca a ouvi falar mal de ninguém? Ela é muito boa para toda gente. Sei que boa é uma palavra engraçada de se usar falando-se de Jennifer, mas é a palavra adequada. Morei com ela e acho que sei. Já sobre Neely, todos pensam que ela é muito boa e doce, e não é. Neely é muito viva, não é boa. Jennifer é. Sabe que ela nunca fala nada contra o príncipe? Ou contra Tony e Míriam? Tudo o que diz é que não suportava o tédio da Califórnia. Ela é, essencialmente, uma solitária, sob aquela beleza toda, e tudo o que espera é que um homem a aprecie pelo que ela é como pessoa. Porque o que ela mais almeja é uma vida normal com marido e filhos.

— Como explica que ela tenha se livrado do bebê? Depois disso, diminuiu muito a meus olhos, sabe? Primeiro, me chamou da Califórnia porque Míriam queria que se livras-se da criança e ela não faria isso. Depois de eu ter lhe arranjado uma boa pensão, então não quis mais a criança. Acha que uma mãe e um filho não podem viver com mil dólares por semana?

— Ela nunca quis comentar o assunto, nem dar nenhuma explicação — disse Anne vagarosamente. — Alguma coisa deve ter acontecido para que ela, de repente, perdesse a coragem de criar o filho sozinha. Tenho certeza de que no dia em que encontrar o homem certo será uma esposa perfeita.

— E você?

— Tudo vai indo muito bem. Já terminei de fazer os testes. O primeiro anúncio sairá no começo da primavera, na semana que vem.

— Não é disso que estou falando. É do seu futuro. Você sabe, ser a Garota Gillian vai mudar muita coisa. Espere até que seu rosto esteja nas revistas e nos cartazes.

— Já passei por isso. Você se lembra? Há dois anos, a minha fotografia estava na primeira página de todos os jornais, como a Cinderela de Allen Cooper. E eu não mudei nada.

Henry disse lentamente:

— Pois eu acho que houve uma mudança. Você não quis se casar com Lyon Burke, não foi?

— Eu quis. . . Henry. Mais do que tudo no mundo. E ainda quero.

— Então por que não se casou quando houve oportunidade? Quando ele a pediu?

— Porque ele queria que vivêssemos em Lawrence-ville.

— É isso o que eu quero dizer. A moça que vi entrar no meu escritório teria ido até o fim do mundo pelo homem amado. Por isso a empreguei. Achei que era muito difícil de contentar e que não iria cair pelo primeiro bonitão que aparecesse. Eu não contava com a volta de Lyon. No momento em que ele chegou, pensei: "Adeus, Anne". Infelizmente, Lyon nunca foi capaz de se importar profundamente com alguém, homem ou mulher. Já eu e você somos do tipo que, quando gosta de alguém, transforma essa pessoa num deus.

— Tenho certeza de que Lyon me amava. . . — disse Anne, teimosamente.

— Não tanto quanto ama a si mesmo. Um homem que é capaz de cortar todos os laços, de um momento para o outro, é porque nunca considerou esses laços muito fortes Lyon e Jennifer são semelhantes neste ponto: podem apaixonar-se, mas são capazes de abandonar tudo sem que fique a mínima cicatriz. Isso porque o Número Um para eles são eles mesmos. Anne, você é muito jovem. Mantenha os olhos bem abertos, e quando surgir o sujeito certo, agarre-o e faça sua vida. Não prolongue demais as coisas.

— Não acredito que possa aparecer outro — disse Anne. — Lyon foi tudo.

— Lyon acabou — disse Henry rudemente. — De uma vez por todas.

— Compreendo muito bem. Isso, porém, não pode mudar o que eu sinto. Não posso simplesmente cair pelo primeiro homem que passar por mim. Claro que desejo me casar um dia, e ter filhos. Mas quero um homem que eu ame. E sei que nunca mais amarei outro homem como amei Lyon Burke.

— Ouça — disse Henry —, não acabe como eu. Eu também já amei uma só mulher em toda a minha vida: Helen Lawson. E sempre soube que ela não me amaria. Era incapaz de amar quem quer que fosse. Fiz dela uma estrela e nunca deixei de amá-la. E nunca me dei a oportunidade de achar uma outra garota. Olhe, como é que acabei? Sozinho.

— Quem sabe, você e Helen ainda poderiam. . .

— Está brincando?

— Você disse que a amava. . .

— Amei. Por aquilo que eu pensava que ela fosse, não por aquilo que ela é. Agora que vejo como ela é na realidade, estou velho demais para achar alguém. E ela está começando a ter a aparência do que realmente é: um velho couraçado. Eu mataria quem a chamasse assim na minha frente, mas posso dizê-lo a você. Claro que já não a amo; não posso, porém, romper com o hábito de pensar nela. Mesmo quando o amor se vai e prevalece a lógica, o hábito ainda está lá, pelo resto da vida. Por isso é que a aconselho a não começar nenhum hábito idiota aos vinte e dois anos. Lyon não perde um momento pensando em você, pode acreditar. Por isso pare de pensar nele.

Anne sorriu tristemente.

— Tentarei, prometo que tentarei. . .

HEELY

*1950*

Neely fechou a pasta com o argumento do filme. Não havia necessidade de relê-lo. Sabia tudo de cor. Espreguiçou-se na enorme cama e bebeu um pouco mais de uísque. Eram doze e meia e ela ainda estava completamente acordada. Talvez devesse tomar mais

uma pílula. . . já tinha tomado duas. Devia estar no estúdio às seis da manhã. Foi ao banheiro e engoliu outra pílula vermelha. "Vamos, boneca, faça o seu trabalho direitinho" — pensou.

Caiu de novo na cama. Viu que sua agenda de compromissos estava aberta. Será que devia se lembrar de algo? As letras bailavam diante de seus olhos, reconheceu a letra de Ted: "Venha para casa cedo, hoje. É o primeiro aniversário de Bud e Jud".

Céus, era hoje! E ela nem tinha olhado no livro. Andava tão atordoada com as pílulas, que mal conseguia levantar da cama de manhã. E teve de tomar dois comprimidos de Dexedrina para acordar completamente. Agora tinha perdido a festa de aniversário! Malditas retomadas de cena! Saiu da cama e foi para o quarto das crianças, na ponta dos pés. Um orgulho selvagem tomou conta dela quando olhou as duas cabecinhas louras adormecidas. "Bud e Jud" — pensou. "Mamãe não veio ao seu aniversário, mas ela ama vocês. Deus, como ela os ama! Se mamãe tivesse visto a agenda teria vindo. Sinceramente."

Entrou novamente no seu quarto. Ted devia estar provavelmente louco de raiva, consolando-se em algum lugar. Por Deus, não fora culpa dela. Simplesmente não tinha visto a maldita agenda. Quem é que pode enxergar alguma coisa às cinco da manhã? Deve ter havido um bolo com uma velinha. E, possivelmente, Ted e a Srta. Sherman tinham cantado o *Parabéns pra Você*. Uma grossa lágrima desceu pelo rosto coberto de creme. "Mas, céus! Eram apenas bebês. Nem sabiam que era o aniversário deles. Não ficaram magoados."

Ted devia estar se vingando dela. Onde estaria? Provavelmente se divertindo com algum. . . filho da mãe. Lembrou da primeira vez que o apanhara em flagrante. Céus! Com os braços em volta daquele ator inglês, e mordendo o pescoço dele. Naquela noite, tomou um frasco inteiro de pílulas e tiveram de lhe fazer uma lavagem estomacal! Sorriu Nunca mais faria isso novamente.

Depois disso, Ted foi duplamente carinhoso. Na noite em que ela voltou, abraçou-a e explicou que tinha feito aquilo com o inglês só porque se sentia inseguro. Ter sido indicado dois anos seguidos para um Oscar, sem ganhá-lo fizera com que se sentisse menos

homem, e inseguro. Foi nessa noite que ela concebeu os dois lourinhos que estavam dormindo. Eram seus. Sentiu uma onda de ternura percorrer o seu corpo. Tinha apenas vinte e dois anos. . . era a maior estrela da companhia. . . tinha uma casa em Beverly Hills. e gêmeos.

As pílulas não estavam funcionando. Ficou imaginando se Jennifer chegara a tomar três também. Apostava que sim. Uma pessoa precisava tomar algo para fazer os filmes que Jennifer estava fazendo. O último causara verdadeira sensação. No La Jola, ficava-se na fila horas para assistir ao filme. E lá estava Jennifer, com os seios descobertos falando francês como uma francesa. Talvez em Paris ninguém ligasse para aquilo, mas um traseiro nu ainda não era arte em si. E aquela história no *Life* ou no *Look*, não se lembrava, mostrando Jennifer em seu apartamento de Paris. Deixara claro que estava vivendo com aquele produtor francês, Claude Chardot.

Ficou pensando no que Anne devia estar achando daquilo tudo. Céus, tinha de escrever a Anne, e agradecer pelo novo livro de Lyon, que ela mandou. Os críticos diziam que ele se tornara muito comercial e que estava fazendo concessões. Ora, pode ser que precisasse de dinheiro, afinal de contas. O primeiro livro fora considerado ótimo, mas não rendera um centavo. Será que Anne ainda o amava? Devia sentir algo por Lyon, se fazia questão que as amigas lessem os seus livros. E os mexericos, dizendo que ela era a garota de Kevin Gillmore? Céus! Anne, a Garota Gillian. Não se podia abrir uma revista sem encontrar uma fotografia dela. E agora, domingo à noite, estrearia na televisão. Não podia esquecer. Imaginem, Anne na televisão!

Televisão. . . Céus, a pequena caixa negra estava assestando toda a gente na Califórnia. Como se pudesse algum dia prejudicar a indústria dos filmes! Estavam todos em verdadeiro pânico. Uma porção de gente estava sendo despedida em todos os estúdios e não se falava mais em longos contratos. Só pequenos, para um filme, ou, no máximo, dois. A sorte dela é que ela era tão grande. Mas como tinham pulado para que assinasse por cinco anos! Cinco belos anos, com o dinheiro fluindo sem parar, cinquenta e duas semanas por ano.

Desejou que Ted viesse para casa. Precisava que ele fosse lutar por ela no dia seguinte. As sequências de dança estavam muito cansativas. Claro que ela podia dançar muito bem, mas eram ridículas. Pediria a Ted que lhes dissesse que as roupas não eram próprias para as danças e eles teriam de colocar danças mais fáceis. Sentira muita falta de ar durante o dia. Aquelas pílulas eram maravilhosas para manter a gente acordada e magra, mas impediam que se dançasse durante duas horas seguidas; o coração começava a palpitar como um louco. Talvez Ted estivesse no escritório. Pode ser que nem estivesse brabo com ela, apenas trabalhando • até tarde. Estendeu a mão para o telefone. Não, se ele não estava no escritório, preferia não saber. E se ele estivesse, o que é que isso provava? Podia estar lá se divertindo com algum cara. Como é que ela poderia amá-lo? Nem um verdadeiro homem ele era. E depois, Mel nunca fora muito másculo também. Por que é que ela se sentia atraída por homens assim? No começo, pareciam tão fortes, ajudavam-na, diziam-lhe o que devia fazer, pareciam realmente fortes. Depois, fugiam.

Olhou para o relógio. Meia-noite. As pílulas não estavam funcionando. Precisava tomar mais um copo de uísque para que funcionassem. O uísque está lá embaixo. Que sorte ter descoberto que o uísque ajudava as pílulas. Será que Jennifer descobrira isso também? Sem o uísque, as pílulas eram nada. Bem, teria mesmo de descer para apanhá-lo.

Desceu as escadas de mármore, descalça. Os empregados dormiam. As luzes do salão de estar estavam apagadas. Enquanto procurava o comutador, ouviu o som de alguém que se atirava na piscina. Foi até a porta que dava para o pátio. Quem estaria na piscina? As luzes da cabana estavam acesas e refletiam na piscina. Ted! Respirou aliviada. Que maluco! Nadando sem roupa àquela hora! Começou a tirar o pijama. Pularia também na piscina e o surpreenderia. Não, isso a acordaria de uma vez, e precisava estar cedo de pé. Ia chamá-lo quando viu a garota sair timidamente da cabana, uma toalha enrolada à volta do corpo.

— Vamos, tire a toalha. A água está morna — gritou Ted.

A moça olhou para a casa escura.

— E se ela acordar?

— Está brincando? Com o que ela toma, nem um terremoto a acordaria. Vamos, Carmem. Ou eu vou buscá-la

A moça deixou cair a toalha acanhadamente. Na meia escuridão, Neely podia ver que tinha um lindo corpo. Apertou os olhos. Já vira essa garota em algum lugar. . Claro! Carmem Carver. Ganhara um concurso de beleza em algum lugar e o estúdio a estava testando.

Ted nadou até onde a moça estava. Ouviu-se um gritinho.

— Mas, Ted, na água, não! Não!

— Por que não? Já fizemos em todos os outros lugares.

Neely sentiu que o estômago dela se contraía. Isso não! Um rapaz ela conseguira aceitar, esporadicamente, até o psiquiatra explicara que não era propriamente uma infidelidade para com ela, era uma doença de que Ted sofria. Mas uma garota!

Pegou a garrafa de uísque e subiu correndo. Encheu o copo, tomou mais uma pílula e caiu na cama. Ted e aquela prostituta que fossem para o inferno! No dia seguinte, com uma tremenda ressaca, devia estar de pé às cinco da manhã. Um minuto depois, estava sentada na cama. Que aconteceria se não fosse ao estúdio? Em toda a sua vida jamais chegou cinco minutos atrasada para um ensaio, uma prova ou uma entrevista. E que ganhara com isso? Cinco mil dólares por semana. Que adiantava isso? A casa ainda não estava paga, o estúdio emprestara o dinheiro para comprá-la. O Dr. Mitchel dissera que a casa era importante para o seu senso de segurança, que faria desaparecer toda a instabilidade causada pela infância que tivera. Cada conselho desses custava vinte e cinco dólares. Amanhã, iria consultá-lo para que ele explicasse isso. Agora que começara a pensar, que é que Ted pagava em casa? Os empregados, o carro,, o escritório, a comida e a bebida. Talvez tivesse errado em assumir um acordo pré-conjugal. O *Vague* o contratou há pouco, crescia a olhos vistos. E ela, que é que tinha? Desde que o estúdio deduzira mil dólares por semana, pelo empréstimo para a compra da casa, o agente, a secretária particular, o imposto de renda. . . Céus! Não conseguia economizar um centavo. Bem, dentro de três anos a casa

estaria paga. Engoliu mais uísque. Um sentimento de euforia começou a dominá-la. Quando tudo estivesse pago, daria certo. . .

Certo? Santo Cristo! Ted lá embaixo com uma garota? Na piscina dela? Pulou da cama. Estava tonta, a cabeça pesava, precisava pôr aquela prostituta para fora de sua piscina. Segurou-se no corrimão, enquanto descia as escadas. Pôs a mão no comutador, e, triunfalmente, acendeu as luzes da piscina.

Ted e a moça saíram da piscina enquanto ela se aproximava com a garrafa de uísque na mão.

— Divertindo-se muito, crianças? Trepando na minha piscina? Não se esqueça de esvaziá-la, Ted. Não se esqueça de que seus filhos costumam brincar nela todas as manhãs.

A moça escondeu-se apavorada atrás de Ted. Neely esvaziou a garrafa de uísque dentro da piscina.

— Talvez isso a desinfete. — Depois, olhando para Ted, continuou:

— Muito bem, vejo que, pelo menos, desta vez é uma mulher, não um rapaz. Vamos ver se o Dr. Mitchel vai dizer que você precisa disso também.

Ted permaneceu silencioso, as mãos para trás, para proteger a moça. Este gesto deixou Neely ainda mais furiosa.

— Veja só quem você está protegendo, uma prostituta que contaminou a minha piscina. Minha querida, você não significa nada para ele. Sabe por quê? Ele costuma se divertir com rapazes. Por isso, das duas uma: ou você não tem seios, ou é lésbica.

A moça correu para a cabana. Ted permaneceu parado e, apesar de sua nudez, conseguiu manter uma atitude digna. Por uma fração de segundo, Neely desejou correr para ele, dizer que sentia muito, que o amava. Era tão alto e bonito. . . mas não podia perdoar isso tão facilmente.

— Muito bem, sua bicha. Comece a explicação.

Ted sorriu.

— Acho que você precisa usar óculos, ou então veria que ela não tem absolutamente o corpo de um rapaz. E depois, foi você quem me levou a isso.

— Eu?

— Sim, você quase me fez acreditar que era mesmo afeminado. Já tive experiências com rapazes. De algum modo maluco, achava que assim não estava sendo infiel. Ao mesmo tempo, você me fez acreditar que nenhuma mulher poderia me desejar. Quando foi a última vez que você me quis, Neely?

— Que quer dizer com isso? Você é meu marido. Claro que o quero sempre.

— Sim, me quer sempre perto de você, para que lute por você, desenhe seus vestidos, e a acompanhe às estreias. Como homem. . . você está sempre cansada para o sexo. Quando foi que nos unimos pela última vez?

— Vamos — gritou Neely. — Não vá agora torcer as coisas. Peguei-o em flagrante e é você quem está agora aí se refrescando na brisa, enquanto aquela vadia está na minha cabana. E ainda tem coragem de passar um sermão em mim! Quem é que está pagando por esta casa e por esta piscina?

— Quem é que quis esta casa? — perguntou Ted, enquanto amarrava despreocupadamente uma toalha à volta da cintura.

— Não podíamos viver no seu apartamento.

— Por que não? Só porque você precisa de um quarto de massagem, de uma sala de projeção, de toda esta ostentação?

— Eu nunca tive uma casa — Neely começou a soluçar. — Estava tão louca para ter uma, que na verdade não me importo de pagar por ela.

— Então, por que me atira isso ao rosto dez vezes por dia? E agora, quem está querendo torcer as coisas?

— Bem. . . — Neely quase não conseguia manter os olhos abertos. Parecia que a voz de Ted vinha de muito longe. Malditas pílulas, pensou, agora é que estavam começando a funcionar. Ficou olhando para Ted, que se sentara numa cadeira de praia. — Ted, eu chego do estúdio às seis. Esta noite não pude chegar antes das oito. Estou moída. Tenho de estudar as cenas do dia seguinte. Tenho de me submeter a massagens. Como é que, além de tudo isso, ainda posso pensar em sexo?

— Por que você assinou o novo contrato? — perguntou ele calmamente.

— Mas isso foi há seis meses. . . Será ,que ainda vai insistir no assunto?

— Neely, você agora é uma grande estrela. E eu estou ganhando muito dinheiro. Eu estava até disposto a anular o acordo financeiro que fizemos. E você poderia ter feito um contrato para apenas dois filmes por ano, com o estúdio que quisesse, e ainda lhe sobraria tempo para viver. Mesmo que você deixasse de trabalhar, posso ganhar o suficiente para nós. Sem me dizer nada, você resolveu e assinou aquele contrato por mais cinco anos.

— Devo ao estúdio o dinheiro para comprar a casa. E você sabe muito bem que, com todo esse pânico causado pela televisão, posso me considerar muito feliz por ter conseguido um contrato de longa duração. Quando a gente tem um contrato assim, pode se considerar garantida, com um estúdio inteiro a nos apoiar.

— Muito bem, então você tem a sua casa e o seu contrato. E eu acabo de reconquistar minha saúde mental. Nunca me senti um verdadeiro homem vivendo com você. De alguma forma, você sugou tudo o que havia de másculo em mim, Neely. Agora tudo isso acabou. Estou inteiramente recuperado.

— Com essa pequena prostituta?

— Ela faz com que eu me sinta um gigante.

— Ted, eu preciso de você.

— E quanto! Não como homem.

— Sexo! Sexo! É só nisso que você pensa? Eu gosto do sexo, mas no seu tempo.

— Claro, uma vez por mês, num domingo chuvoso? E nunca chove na Califórnia.

— Pare com isto! Aquela vadia ainda está lá. Mande-a embora.

— É o que vou fazer. — Ted levantou-se e se encaminhou para a cabana.

— E suba imediatamente. Quero falar com você.

Neely correu para dentro de casa, abriu uma nova garrafa, encheu um copo e foi para a cama. Talvez devesse passar por cima do que tinha acontecido. Talvez devesse agir com mais *glamour*. Cristo, ela o amava, adorava! Mas, depois de passar um dia inteiro

num cenário de filmagem, como era possível ser *sexy* à noite? Olhou para o pijama que estava usando. Talvez devesse usar camisolas provocantes. Céus, o rosto dela estava coberto de creme e o cabelo eriçado de mil modos, todo gorduroso. É que lhe lavavam a cabeça todas as manhãs no estúdio e por isso tinha de cobri-lo de lanolina à noite. Tinha o cabelo grosso e forte, e se dormisse com o laque e o pó que lhe punham no estúdio, em pouco tempo ficaria careca. Tinha de escová-lo todas as noites e enchê-lo de óleo.

Pensou na moça nua na piscina. Levantou-se cambaleante e ficou olhando para a imagem que o enorme espelho refletia. Oh, Deus, pareço uma bruxa! Afinal, aquela moça tinha todos os motivos para ser atraente. Para começar, não tinha de se preocupar em ganhar cinco mil dólares por semana, não era um dos maiores nomes do cinema. Era apenas uma moça tentando a sorte. Se fosse uma estrela estaria na cama, como ela, às nove horas da noite, cheia de creme e de lanolina. As lágrimas começaram a correr pelo seu rosto. Céus, durante toda a sua vida tinha sonhado com o que tinha agora. Uma grande casa, um homem que amasse, filhos. Tudo isso agora era seu, só que não tinha tempo para aproveitá-los.

Foi ao banheiro e tirou o creme do rosto. Seria bom se não tivesse tanto sono. Começou a remexer o armário. Onde estavam aquelas lindas camisolas? Muito bem, a amarela «serviria. Vestiu. Céus, e o cabelo? Achou um lenço de seda- amarelo e o amarrou à cabeça. Até que não ficou mal. Foi para a cama. Ted deveria estar de volta a qualquer momento. Ouviu o ruído do carro quando, partia. Bem, parece que a vadia foi embora, agora ele viria para ela, todo submisso. Deixaria que ele rastejasse um pouco e depois o surpreenderia, tomando-o nos braços e entre-gando-se a ele. E seria realmente boazinha, como nos velhos tempos, nos tempos em que não estava sempre cansada. Começou a ficar com muito sono. . . Deus, onde estará ele? Pulou da cama e correu escadas abaixo.

— Ted!

A piscina estava às escuras. Abriu a porta da frente e foi até a garagem. O carro não estava lá, talvez ele a tivesse levado para casa. M. . . se ela não tinha carro, poderia ter chamado um táxi.

Diria umas coisas boas quando ele voltasse. Começou a soluçar. E se não voltasse? O que foi que fizera?

Neely lutou contra o divórcio durante três anos. Depois do incidente da piscina, Ted mandou buscar todas as suas roupas, e ela não foi ao estúdio durante uma semana. O estúdio ficara furioso. Ao diabo com todos, pensara Neely, enquanto se atirava a uma orgia de barbitúricos. Ao diabo com Ted! No começo quisera o divórcio, Ted não podia fazer isso com ela! Mas O Chefe se opusera. Seria muito mal para a imagem que o público tinha dela. Era a vizinha da frente de toda a gente, a namorada da América, mamãe de dois lindos gémeos. Tinham já preparado uma quantidade enorme de reportagens sobre a vida dela e de Ted, com os gémeos. . . o casamento perfeito. Não, divórcio não. O Chefe não queria saber o que se passava entre eles, contanto que o público os considerasse um casal perfeito. Ela devia tentar tudo para conservar essa imagem.

O Chefe conversara também com Ted. Ele estava sob contrato com o estúdio, por isso devia concordar. Tinha de escoltar Neely às estreias, posar com ela para fotografias, fazer tudo para que o público continuasse a ignorar a verdade. Foi um pesadelo que durou três anos. Um filme atrás do outro... as dietas... as pílulas. . . saber que Ted estava em algum lugar com a garota, que a devia estar sustentando, pois ela não trabalhava. Para acalmar Neely, o estúdio colocou-a na lista negra e nenhum outro a empregaria.

O prémio da Academia apressou tudo. Foi o maior momento da vida de Neely. Nunca ousara sonhar que o ganharia algum dia. Quando chamaram seu nome, virou-se para Ted com um suspiro. O sorriso dele demonstrava que estava realmente contente por ela. Quase correu para o palco. Posou para os fotógrafos, para os jornais cinematográficos, Ted ao lado, segurando-a pelo braço. Tudo iria dar certo agora, Ted a seu lado, e o Oscar que havia ganhado, e Ted, sorrindo para ela.

Ficou com ela até que a última câmara tirou a última fotografia e até que tivesse recebido todas as congratulações. Então, levou-a para casa e deixou-a à porta. A ela, a estrela premiada com um

Oscar! Para ir para os braços daquela vadia. Muito bem, isso resolvia tudo.

Na manhã seguinte, mandou chamar O Chefe ao seu camarim. Agora estava por cima. Desta vez, ditaria os termos. Queria um divórcio imediatamente, e queria que o estúdio despedisse Ted Casablanca. O Chefe atendeu quase humildemente a todas as suas exigências. Céus, que força tinha um Oscar! Chegou também à conclusão de que não era caso de vida ou morte comparecer às filmagens todos os dias. Era a maior estrela de Hollywood e tinha um Oscar para provar isso. Se passasse mal à noite, que se ralassem. Era Neely O'Hara! E se engordasse alguns quilos de tanto comer caviar, e levasse uma semana 'para perdê-los que se ralassem. Os filmes dela davam uma fortuna. . .

Sentou no camarim, provido de ar refrigerado, a tremer. Era a terceira vez, em cinco semanas, que tinha saído do palco de filmagens. Maldito esse John Stykes. Podia ser o maior diretor do mundo, mas queria crucificá-la nesse filme. Arrancou os cílios postiços e começou a encher o rosto de creme.

— Senhorita, não faça isso — suplicou a criada particular. — Vão levar mais de uma hora para colocar a pintura novamente.

— Chega de trabalho por hoje — disse Neely sombriamente, enquanto retirava a maquiagem.

— Estamos atrasados com a filmagem. . .

— Estamos? Até você! Parece que toda gente por aqui se considera propriedade do cinema.

Alguém bateu à porta. John Stykes. Era um homem bonito, de uma beleza cansada.

— Vamos, Neely. Vamos continuar.

Percebeu o seu olhar de desespero quando viu que ela já estava com o rosto limpo de pintura.

— Sim, meu caro. Nada mais de trabalho por hoje.

— Muito bem — sentou-se — já são três horas. En-cerraremos as filmagens por hoje, começaremos mais cedo amanhã.

— Só quando eu concordar com essa última cena — retrucou Neely.

— Que é que há de errado com ela?

— Você sabe muito bem. Todas as tomadas focalizam apenas os nossos pés.

— Neely, o estúdio está pagando cinquenta mil dólares para que Chuck Martin faça essa dança com você. Ele é um grande dançarino. Que acha que deveríamos filmar? As orelhas dele?

— Não, deviam filmar a mim! E não os meus pés, não sou tão boa dançarina como ele.

— Não posso acreditar no que ouço — disse ele em tom jocoso. — Quer dizer que você admite que ele tem mais talento que você?

— Ouça, Chuck Martin tem dançado na Broadway nos últimos trinta anos. E isso é tudo o que ele é capaz de fazer: dançar. Tem idade suficiente para ser meu pai. Eu tenho só vinte e cinco anos, mas posso cantar, dançar e interpretar. Posso enfrentar o melhor deles quando se trata de cantar e interpretar. Sei que ninguém se compara comigo quando se trata de cantar. Ninguém! Quanto a dançar, concordo que não sou nenhuma Ginger Rogers ou Eleanor Powell. Tudo o que Chuck Martin pode fazer é dançar. Acho-o quase tão bom quanto Fred Astaire. Mas isso é motivo para que me façam parecer péssima?

— Se você admite que ele seja tão bom, então por que não nos deixa dedicar cinco minutos aos seus pés?

— Porque o filme é meu, e aprendi, com a minha primeira peça na Broadway, de uma grande conhecedora do assunto, que ninguém vai fazer sucesso explorando o meu talento. E afinal, quem precisa de Chuck Martin? Em todos os meus filmes tenho dançado com bailarinos sem renome.

— Foi O Chefe quem escolheu Chuck, pessoalmente.

John Stykes apanhou um cigarro, Neely também. Ele o acendeu para ela, ao mesmo tempo que perguntava:

— Desde quando você começou a fumar?

— No dia em que meu divórcio terminou. Descobri que me impede de comer.

— Não é bom para a voz, Neely.

— Só fumo uns dez por dia. Bem, então está combinado?

O diretor olhou para a empregada,

— Neely, poderíamos falar a sós?

— Claro. — Neely fez um sinal para que a empregada se retirasse. — Pode ir embora, Shirley. Esteja aqui às sete da manhã.

John Stykes sorriu.

— Ainda bem que não planeja agravar mais a situação.

— E por que deveria? O que quero é que você simplesmente planeje, esta noite, uma maneira de filmar aquela cena de modo que a focalizada seja eu, não os pés de Chuck Martin.

— Neely, ainda não lhe ocorreu o motivo pelo qual O Chefe não quis utilizar um desconhecido para esse filme?

— Claro, claro, televisão. Todo mundo se apavora facilmente hoje em dia com essa palavra. Mas não é o meu caso. Se O Chefe acha que contratar Chuck Martin por cinquenta mil dólares vai arrasar a televisão, então isso é com ele. Apenas não admitirei que o faça passando por cima de mim.

— Neely, seus últimos dois filmes deram prejuízo.

— Ora, deixe de conversa. Li as revistas e vi os relatórios. Meu último filme rendeu bruto quatro milhões, e ainda não foi exibido na Europa.

— Acontece que custou mais de seis milhões.

— E daí? A revista *Variedades* diz que será o filme de maior renda do ano.

— Claro, e faria com que o estúdio ganhasse uma fortuna com ele, se tivesse custado os dois milhões e meio do orçamento. O estúdio mantém em segredo as verdadeiras cifras, ninguém, porém, fez jamais um filme que passasse tanto do orçamento. O Chefe teve receio de publicar os relatórios, pois os acionistas convocariam imediatamente uma reunião extraordinária. Por isso, seu novo filme deverá compensar tudo isso. Querida, não se sabe de nenhum filme que tenha custado seis milhões.

— Estive gripada. A gente não pode ter culpa por ficar doente.

— Neely, você faltou dez dias por estar dopada com pílulas para dormir.

— Sim, e depois tive gripe.

— Eu não dirigi aquele filme, mas sei o que houve. Você passou o tempo a comer e a tomar barbitúricos. Claro que perdeu a resistência e ficou doente. Depois que sarou, levaram três semanas para fazê-la perder peso, e mesmo assim você tinha dez quilos a mais e todo o seu guarda-roupa teve de ser refeito.

— Muito bem, naquela ocasião eu estava preocupada com o divórcio e com San Burns, meu *camera-man* favorito, doente. E não venha me dizer que eu ganhei peso, o péssimo corte daquelas roupas é que me fazia parecer pesada. E aí está outra coisa que exijo, já que estamos no assunto: eles têm de contratar um novo desenhista para minhas roupas. Ted jamais permitiria que eu vestisse esse lixo.

— Ellen Small é uma grande desenhista, já ganhou nove prêmios da Academia.

— Muito bem, então ela que vista esses Oscars, não a mim.

— Neely, eu a aprecio muito, por isso é que estou falando a você e não diretamente com O Chefe. Não lhe direi que você largou as filmagens e foi embora. Claro que ele ouvirá mexericos a respeito de a gente largar às três horas hoje. Eu direi que terminamos a cena de hoje mais cedo do que esperávamos, e que já era muito tarde para começar a próxima. Mas quanto tempo você espera que ele vá suportar tudo isso?

— Isso?

— Essas suas explosões sentimentais.

— Escute aqui: não me sacrifiquei para chegar a estrela ainda ter de me preocupar com o que ele pensa. Quando é estrela, os outros é que devem se preocupar com a ente. Aprendi isso com Helen Lawson.

— Helen Lawson é algo que você não é: uma profissional consciente.

— E onde está ela agora?

— Ela pode estrelar uma peça na Broadway quando quiser.

— E o que é a Broadway? E o máximo que ela pode querer.

— E ela sabe muito bem disso. Helen Lawson, porém, nunca chegou um segundo atrasado na vida dela. E só tem uma coisa, uma grande voz, mas sabe disso. Pode tratar com pouco caso muita

coisa, mas é uma mulher de negócios. É um monstro diferente de você, Neely.

— Monstro! Seu. . . seu. . .

Ele riu e apertou-lhe o nariz.

— Claro que você é um monstro — disse, com bom humor. — Todas as estrelas são. Helen é uma estrela mecânica, uma voz. Você, ao contrário, tem. . . bem, o que eu quero dizer é que você, às vezes, chega a ser quase um gênio. Sente as coisas. . . até demais, às vezes. — Inclinou-se para ela e pegou suas mãos. — Neely, uma artista como você não se encontra todos os dias. Os acionistas, entretanto, não estão interessados em arte. Querem saber de dólares e centavos. Ouça, menina, nós estamos com dez dias de atraso; se você cooperar, poderemos recuperar o tempo perdido. Poderemos filmar a cena da boate em um dia, em vez de três. Já preparei tudo para amanhã. Os extras foram chamados, sei que posso consegui-lo. Trabalharei à noite nas cenas de multidão e poderemos usar sua substituta para as cenas em que você aparece de costas. Neely, ainda poderemos conseguir acabar o filme a tempo.

Neely ficou um tempo indecisa; então, mostrou um sorriso metálico.

— Você quase conseguiu me comover, Johnny. Esta foi a maior conversa que já tentaram me passar. Como você disse, sou um monstro e os monstros conhecem tudo. Há sete anos, se alguém tivesse me falado assim, teria pulado e dito imediatamente: "Sim, senhor, sim, senhor" — e teria gastado o meu traseiro de tanto trabalhar, e faria uma verdadeira fortuna para o estúdio.

— E faria de você uma estrela.

— Sim, e o que eu ganho com isso? — perguntou Neely, enquanto ia ao barzinho e se servia de uísque. — Toma algo?

— Cerveja, se você tiver.

Tirou uma cerveja do pequeno refrigerador e continuou:

— Isso é o que ganhei; tenho a melhor cerveja do mundo e não posso tomá-la porque engordo. Tenho uma piscina, que também não posso usar, porque não devo tomar sol. Isso é mau para os filmes coloridos. Tenho dois armários cheios de roupas lindas, que

não posso usar, porque devo ficar em casa à noite, a fim de estudar as cenas do dia seguinte. John. . . — Ajoelhou-se. — Como foi que aconteceu tudo isso?

Ele passou a mão pelos cabelos dela.

— É que tudo lhe aconteceu depressa demais.

— Não, essa não é a resposta. Trabalhei toda a minha vida em teatro de variedades. Não sou uma dessas garotas que ganham um concurso de beleza e a quem o estúdio tem de ensinar a falar, a andar e a representar. Fui contratada porque tenho talento. Claro, sempre me ensinaram alguma coisa. Tive de ler os livros certos, ou melhor, os que O Chefe achou adequados, para que eu não parecesse uma mentecapta durante as entrevistas. Mas tive de entrar com o meu talento. Tenho vinte e cinco anos e me sinto como se tivesse noventa. Já tive e perdi dois maridos. Tudo o que tenho a fazer é estudar textos, estudar canções, estudar novas danças, passar fome, tomar pílulas para dormir, depois tomar pílulas para ficar acordada. . . Deve haver uma outra maneira de viver.

— Acha que sua vida no teatro de variedades era mais divertida?

— Não, e detesto quem diz que tudo era lindo quando passava fome. Era detestável. Contratos por uma noite, viagens em trens sem aquecimento, público horrível. . . Mas havia algo que me ajudava a suportar tudo isso: a esperança. Tudo era tão horrível que eu sabia que só podia mudar para melhor, e sonhava com o sucesso e a segurança, e pensava em como seria maravilhoso conseguir um pouquinho que fosse disto tudo. E essa esperança mantinha a gente de tal forma que nada parecia muito mau. Quando me sento aqui e começo a pensar. . . céus, aqui estou eu. . . consegui tudo. . . e é tudo uma droga! E daí?

— Você" tem seus filhos, Neely. No momento, está ocupada em ser estrela, mas há de encontrar o sujeito certo então terá de escolher entre o amor do público e o amor de, um homem. E verá que também não é fácil renunciar ao amor da massa, principalmente quando se chegou até onde você chegou. Você terá de pesar tudo

isso e perguntar se o amor do público, que consegue com o seu talento é suficiente para compensar a falta do outro.

— Não, não é. Quero dizer: o que é que esse talento proporcionou a mim? Tudo o que faço é dá-lo aos outros. Será que isso é tudo? Eu o tenho, mas devo continuar a dá-lo aos outros e fico sem nada. Não é uma loucura? Menino, espere até que eu apresente este problema ao Dr. Mitchel.

— É seu analista?

Neely confirmou com a cabeça.

— Não que precise de um, realmente. É outra maluquice. Ele era o analista de Ted. Imagine! Eu, a garota mais normal do mundo, acabar contando com um ajustador de parafusos! Fui consultá-lo, pela primeira vez, quando uma coisa horrível aconteceu com Ted, e acabei me acostumando a correr para ele todas as vezes que precisava de um conselho. A princípio, era sempre por causa de Ted, depois, ele começou a escarafunchar o meu passado, como se fosse minha culpa o fato de Ted ter problemas. Continuei, e acabei descobrindo uma porção de coisas a respeito de mim mesma. Sabe, John, nunca soube o que é ter o amor de uma mãe. Por isso, diz ele, é que considero tão importante ser uma estrela. . . porque necessito do amor das massas.

— Isso é besteira! — John estava furioso. — Ouça, há uma porção de estrelas de cinema que gostam de ser adoradas pelo público e que têm pais maravilhosos. Você é uma estrela porque tem talento, e não porque não teve amor materno. Eu já estou cansado de todos esses doutor-zinhos, que jogam todas as culpas sobre as pobres mães deste mundo. Muito bem, então sua mãe morreu muito cedo. Será que foi de propósito? Neely, acredite que você estaria bem mais sossegada se esquecesse toda essa conversa desse doutorzinho. Convença-se de que chegou até onde está por suas próprias qualidades.

— Mas eu sou neurótica, John. Descobri que tenho uma infinidade de neuroses.

— E~daí? Talvez por isso mesmo é que você é uma estrela. Talvez você deixe de ser o que é se ele lhe curar todas as neuroses. Eu também tenho as minhas esquisitices mas não é por isso que vou

dar vinte e cinco dólares por hora a um camarada só para que ele me diga que o meu pai me maltratou e o que eu sinto é simplesmente falta de carinho da minha mãe. E se for verdade? Que é que poderei fazer para remediar? Ir a Minnesota, dar um soco no nariz do meu velho? Ele tem oitenta anos. Ou chamar uma *call girl* grisalha e fazer com que ela me acalente e me sirva uma mamadeira? Ouça uma coisa: tudo o que aconteceu é jornal de ontem. O que interessa é o dia de hoje e o dia de amanhã. Mais nada.

Neely suspirou.

— Tudo parece tão fácil do modo como você expõe as coisas. E quando se passa longas noites sozinha. . . por Deus, como as noites são horríveis! Sabe, John, um psiquiatra enxerga as coisas de todos os ângulos e a gente sente que é a única pessoa a quem podemos falar. Ele está lá para nos servir e para nos ajudar. É a única pessoa em quem posso confiar.

John levantou-se.

— Muito bem, então consulte-o esta noite. Mas, Neely, ouça o que eu digo e faça a si mesma um favor: vamos filmar amanhã a cena da boate e esqueça o que disse sobre o guarda-roupa. Aprenda as canções e ajude a terminar o filme logo.

Os olhos dela ficaram pequenos.

— Ah, então era isso toda essa conversa fiada? Só para me amaciar antes de ir para o matadouro?

O diretor bateu com o copo na mesa.

— Neely, você tem razão. Você precisa de um psicanalista. É isso então que o cinema conseguiu fazer de você? Desconfiada de tudo? Deixe-me dizer ainda: se lhe falei como um pai, foi porque sentirei muito se tiver de ver você e o seu talento irem esgoto abaixo.

— Por quê? Só porque não vou vestir umas roupas horríveis?

— Não, porque se você continuar a fazer filmes que dão prejuízo, nem todo o talento do mundo a ajudará neste negócio.

— Sou o maior sucesso de bilheteria do ano.

— Neely, quando os acionistas tomam conhecimento das cifras, não querem saber se os seus filmes levam filas à volta do

Radio City, nem do sucesso que você faz nas revistas de cinema. De que lhes adianta seu êxito diante do público se não ganham dinheiro com isso?

— Não acredito que estejam perdendo dinheiro — disse teimosamente. — Devem estar tão preocupados com a televisão que acham que os meus filmes devem compensar por tudo. Claro, o que eu tenho a fazer é trabalhar como uma louca só para que O Chefe possa sentar-se em seu palácio ou ir à sua casa de praia e dormir com todas as estrelinhas. E quem é que tem de pagar por tudo isso? Eu e o meu talento.

— Neely, no ano passado, três filmes de segunda classe e sem grandes estrelas deram mais lucro do que seus dois últimos filmes. Um deles custou oitocentos mil dólares e rendeu quatro milhões. Se você ainda não acredita que os filmes deram prejuízos, então pergunte aos seus agentes.

— Quem é que confia neles? Eles têm de obedecer ao estúdio.

— Então tente, pelo menos, confiar em mim. . .

— Muito bem, digamos que confie em você. Agora, o que quer que eu faça? Que vá amanhã ao estúdio e que vista aquele vestido que me faz parecer um sorvete de creme?

— Neely, você fica bem com aquele vestido.

— Fico horrível — respondeu ela, servindo-se de mais bebida.

— Não, o que você quer são as roupas de Ted Casablanca. Como você não pode tê-las, nunca mais ficará satisfeita com nenhuma outra.

— Isso não é verdade. — Neely estava quase chorando. — Agora, parece que estou ouvindo o próprio Dr. Mitchel.

— Ah, então ele também já lhe disse?

Ela sorriu.

— Muito bem, talvez você tenha razão.

— Você é uma boa menina. Então, estamos combinados para amanhã?

Concordou. John beijou-a na face e saiu.

Neely sentou-se e tomou mais uísque. Eram quase seis horas, telefonara para o Dr. Mitchel, marcando uma consulta para as nove.

Isso queria dizer que não estaria livre antes das dez. Chegaria em casa às onze, não iria para a cama antes de meia-noite. Assim, não teria tempo de aprender as letras das canções. . . ligou de novo para o Dr. Mit e cancelou a consulta.

Sentada na cama, com o jantar na bandeja a seu lado tentava decorar a letra das canções. Não devia ter tomado tanto uísque. Sua cabeça não queria funcionar. Talvez fosse melhor dormir e acordar mais cedo. Poderia estudar as letras das cinco às sete da manhã. Com oito horas de sono ficaria em forma.

Mandou embora o jantar sem tocá-lo. Melhor que fi. casse sem jantar, já estava pesando cinquenta quilos. Além disso, as pílulas sempre funcionavam melhor com o estômago vazio. Tomou duas vermelhas e uma amarela. E meio copo de uísque, por cima. Já estava começando a sentir aquela tontura deliciosa. Acabou de tomar a bebida e ficou esperando pela sensação de anestesia que as pílulas proporcionavam antes de adormecer. Mas a sensação tardava. A tontura só não era suficiente, ela ainda podia pensar. E invariavelmente punha-se a pensar na sua solidão, e em Ted e naquela garota. Não tinha ninguém. Estava tão só como quando fazia parte de Os Gaúchos, viajava com Char-lie e Dick, e dormia sozinha nos quartos de hotel, sem ninguém no mundo que se importasse com ela.

Começou a transpirar e sentiu o suor escorrer pelas costas. Levantou-se da cama e trocou de pijama. O Dr. Mitchel tinha razão: ela estava desenvolvendo uma tolerância para com as pílulas. Talvez se tomasse mais uma amarela. . . Não, isso faria com que ficasse tonta e de ressaca de manhã, e precisava aprender aquelas canções. Céus! Naquela manhã tomara três pílulas verdes para aguentar as filmagens. Tomou mais um copo de uísque. Quem sabe, se tomasse mais uma vermelha. . . Claro, o efeito vinha mais depressa. Engoliu-a rapidamente! E era melhor não tomar todo aquele uísque de uma vez, mas tomá-lo aos golinhos, ate que as pílulas fizessem efeito. Tentaria ler um pouco, isso sempre ajudava a adormecer. Anne mandara outro livro de Lyon. Esse era novamente um livro pouco comercial, mais literário, recebido com ótimas críticas. E daí? O fato é que o livro não estava vendendo.

Subitamente, desejou que Anne estivesse com ela. Anne sempre sabia o que fazer. Pena que tivesse obtido tanto sucesso na TV. Se não fosse isso, teria proposto que trabalhasse para ela como secretária particular. Céus, isso não seria o máximo? É claro que Anne deveria estar ganhando fortuna na televisão. Não se podia ligar o aparelho que se topasse com ela, fazendo propaganda de algum batom, de algum produto para o cabelo. E por que não? Especialmente se eram verdadeiros os mexericos sobre um romance com Gillmore. Mesmo assim, a verdade é que Anne tinha classe. Não era como Jennifer. Imagine, diziam que <sup>Hollywood</sup> mandara chamá-la e ela se recusava a vir. Jennifer dizendo não a Hollywood! Devia estar fazendo uma verdadeira fortuna com aqueles filmes franceses em que mostrava os seios e o traseiro. A queridinha dos filmes de arte! Filmes de arte, uma ova! Se tais filmes fossem feitos em Hollywood, todo mundo acharia que eram pornográficos. Pelo contrário, Hollywood agora estava ditando moral: nada de decotes ousados, de beijos prolongados, e havia cláusulas morais em todos os contratos. E essa Hollywood implorava a Jennifer que viesse filmar ali. Claro que pretendiam cobrir-lhe o traseiro e tudo. Mas ganharia tanto quanto uma grande estrela, só porque tinha permitido que um dia filmassem seus peitinhos!

Tomou outro grande gole de bebida. Não tinha sono. Só estava conseguindo ficar bêbada. E faminta! Por Deus, vivia passando fome! Desejou que não tivesse mandado o jantar embora. Havia caviar no refrigerador. . . Não, não devia. Maldito Ted, que a ensinara a gostar de caviar. As roupas que usaria no filme já estavam justas demais. Nunca comia nada, e se comesse agora, por cima de todas as pílulas e do uísque que tomara. . . engraçado, era justo com John. . . ele a tratara tão bem, hoje. . . engraçado, nunca tinha notado como os olhos dele eram azuis, em contraste com a pele queimada de sol. Devia ter uns cinquenta anos, mas era um homem muito bonito. John. . . se ele estivesse ali e a tomasse, nos braços, ela se sentiria protegida. . .

Olhou para o relógio. Dez e meia. Quem sabe John viria agora? Poderia dizer à mulher que tinha de discutir uma cena. Provavelmente estava agora preocupado com ela, pensando se iria

chegar na hora, no dia seguinte. Sorriu. Não, não pediria que viesse naquela noite, já passara lanolina no cabelo. Amanhã trabalharia como louca, e o convidaria para jantar e trabalhar com ela à noite. Seria mais do que uma aventura momentânea. Faria com que ele ficasse e a tivesse nos braços, até que adormecesse. Talvez até viesse com frequência, se ela cooperasse para terminar o filme. Exigiria, daí por diante, que todos os seus filmes fossem dirigidos por ele. Os filhos dele já estavam crescidos, quem sabe, poderia estar sempre com ela? Telefonaria agora e diria que estava estudando. Seria um bom começo. . . pelo menos faria com que ele dormisse pensando nela.

Chamou o estúdio e pediu o número do telefone dele. Discou e ficou esperando, até que uma voz de mulher atendeu. Neely murmurou:

— É a Sra. Stykes?

— Não, aqui é Charlotte, a empregada.

— O Sr. Stykes está?

— Não, madame. O senhor e a senhora saíram para jantar.

Quer deixar recado?

— Não. — Desligou.

Saiu com a mulher. Devia, provavelmente, estar no Romannoff, dizendo a ela como conseguira enganar Neely O'Hara. Podia quase ouvi-lo. . . "Posso fazê-la comer na minha mão. Ela pode ser uma estrela, no fundo é uma irlandesinha suja, que está apavorada. É só saber como lidar com ela". Muito bem, ninguém manejaria Neely O'Hara! Podia ter nascido uma pobre irlandesinha, agora era uma grande estrela e podia fazer tudo o que quisesse.

Saiu da cama e desceu as escadas, na ponta dos pés. De repente, parou.

— Por que diabo estou andando na ponta dos pés? Afinal, esta é a minha casa.

Ninguém na cozinha. Foi até o refrigerador e abriu uma enorme lata de caviar. Pegou uma colher, começou a comer, enquanto dizia:

— Neely, vamos fazer uma farra!

Quando terminou, recomeçou a falar:

— E agora? Vamos, Neely, você pode ter tudo o que quiser... Porque você é uma grande estrela e um grande talento. . . Pode ter tudo. Vamos abrir mais uma lata de caviar? E por que não? Não fui eu que o comprei? Muito bem, e vamos levar esse patê para cima, no caso de querer comê-lo mais tarde. Nada é bom demais para Neely O'Hara.

Pegou uma nova garrafa de uísque e cambaleou escada acima. Pôs bebida no copo e entrou no banheiro.

— Vamos, Neely, que pílula vai tomar? Verde, amarela ou vermelha?

Decidiu-se por mais duas vermelhas. Engoliu-as, deitou na cama e telefonou para o mordomo:

— Ouça, Charlie, ligue para o estúdio amanhã e diga que Miss O'Hara tem larin... laringite. E não atendo ninguém. Vou dormir... e comer... e dormir... e comer. . . talvez por uma semana. E amanhã, quando acordar, quero uma montanha de panquecas com manteiga e quilos de geléia. Vou fazer uma orgia!

*1956*

Neely vestiu-se cuidadosamente. Calça comprida branca, um blusão que escondia o rolo de gordura que se formara à volta de sua cintura. Céus, fora difícil perder os cinco quilos desta vez. As provas de guarda-roupa para o próximo filme começariam dentro de uma semana e agora, de repente, O Chefe queria falar com ela. Ficou pensando o que seria.

Deram-lhe o recado na tarde do dia anterior. Edie Frank, um dos assistentes, dissera, casualmente:

— Srta. O'Hara, O Chefe gostaria que almoçasse com ele amanhã. Se puder.

Se puder? Essa é boa! Como se alguém tivesse coisa mais importante a fazer quando O Chefe chamava. Como essa gente tinha memória curta! Três anos atrás, quando ganhou o Oscar, O Chefe é que viera até ela. Muito bem, tinha certeza de que esse novo filme poria as coisas nos seus devidos lugares. Céus, que papel! E as

canções! Na certa, seria indicada para mais um Oscar, se é que não ia ganhá-lo.

Sentou-se diante da enorme mesa colonial americana, tentando parecer jovem e bem disposta. Era assim que ele gostava de vê-la. Sempre achara que O Chefe devia ter nascido velho. . . nunca mudava... o cabelo branco em contraste com a pele eternamente bronzeada e cheia de manchas de fígado. Os olhos dele piscavam e suas pequenas mãos brincavam com os papéis que estavam sobre a mesa.

— Queridinha, sabe por que mandei chamá-la?

— Não, senhor, mas é sempre um prazer vê-lo. (Conhecia bem o protocolo adequado.)

— Leu os jornais de ontem?

(Oh, céus, aquele prêmio: Miss Veneno 1956 — Neely O'Hara.)

— Não é muito agradável, concorda? — continuou o velho.

— Oh, o senhor sabe como são esses prêmios distribuídos pela imprensa — falou Neely, com uma voz de menininha. — Claro que fiquei sentida ao saber. Toda a gente me disse que não significa nada. Os jornalistas se reúnem e cada ano escolhem um pato. No ano passado, escolheram Stewart Lane e, no entanto, ele continua a ser o maior da Twentieth.

— Não, não continua. — A voz ainda era suave e doce. — Ele nunca se recuperou. Todos os seus filmes deram prejuízo depois da Guerra. Mas é que o contrato dele ainda tem dois anos, por isso o estúdio está quieto.

— Os meus filmes todos são sucesso de bilheteria.

— Para a bilheteria, sim. Para nós, não.

Neely ficou aborrecida. Bem, de novo a velha conversa dos atrasos, do não-comparecimento aos ensaios etc.

— Esse novo filme será muito caro — declarou. — Os preços subiram demais. Estamos agora competindo com a televisão, e as pessoas não vão sair de casa para ver um filme qualquer. Agora têm diversão de graça em sua própria casa. A televisão não é mais apenas uma caixa de madeira. Está ficando boa, e vai ficar ainda melhor.

Neely começou a brincar com as unhas. Que diabo! Não fora ela quem inventara aquela coisa maldita! Ele que fosse gritar com o General Sarnoff!

— Estaremos pondo mais dinheiro em *Vivamos esta Noite* do que em qualquer filme que tenha sido feito até hoje. Qualquer atraso será nossa ruína. Sam Jackson já sabe que não poderá sair do planejamento.

— Sam é um dos meus produtores favoritos — disse Neely.

— Fiz um trato com Sam. Ele vai ganhar mil dólares por dia em que a filmagem estiver adiantada.

Então ia mesmo ser uma corrida de ratos.

— No primeiro dia de atraso, ele sai do filme.

— Você quer dizer que tirará Sam Jackson de um filme?

— Tirarei qualquer pessoa que não atender a minhas exigências. Hollywood mudou muito, queridinha. O último artista que tínhamos sob longo contrato já se foi. O seu contrato tem ainda um ano, e quando terminar. . . se negociarmos outra vez, não será como antes.

Pode ter certeza que não será, pensou Neely. Formarei uma companhia e terei minhas ações. .. seu agente lhe *explicará* tudo.

— Não, queridinha — o velho suspirou —, tudo está mudando. Agora já não posso dizer aos acionistas que cuidem dos seus narizes. Agora tenho de dar a eles sempre uma resposta e a única resposta que aceitam é lucro.

Ela concordou com a cabeça e ficou imaginando se demoraria muito para terminar esta entrevista. Era apenas o sermão de rotina. Que coragem, chamá-la apenas para isto. E além do mais, estava com fome. Bem que ele poderia ao menos mandar buscar o almoço. Ainda não comera nada, só tinha tomado uma pílula.

— Por isso é que estou tirando você desse filme — disse ele.

Ela o olhou atônita.

— Queridinha, não posso me arriscar. Sam Jackson é facilmente substituível, se for necessário. Se você começa o filme, não poderei fazer o mesmo. Teria de começar tudo de novo.

— Você não pode me substituir antes que eu comece o filme. . . — gaguejou Neely.

— Por que não? Olhe-se bem. Está gorda novamente. As provas começarão na semana que vem e você não está em forma. Não, querida, seria um risco grande demais. Jannie Lord terá o papel.

— Jannie Lord! Mas ela está apenas começando! — Neely continuava a achar que O Chefe estava tentando assustá-la.

— Ela fez três filmes baratos, que acabaram dando ótimo lucro. Há reportagens sobre ela em todas as revistas de cinema deste mês. Esse filme fará dela uma grande estrela. E, para maior segurança, o galã do filme será Brick Nelson.

Neely achara esquisito que tivessem contratado Brick Nelson, um ator caro, para trabalhar no filme. Em geral, nos seus filmes, só havia ela de grande. Rememorou as cláusulas do seu contrato. Não, ele não estava brincando. Como podia tirá-la do filme se já anunciara que o papel era dela? Que motivo daria?

— Não há nada que você possa fazer legalmente — disse ele, como se tivesse lido seus pensamentos. — Reescreveremos o argumento para adaptá-lo a uma garota mais jovem.

— Uma garota mais jovem! Ouça, eu tenho só vinte e oito anos, e isso não é propriamente meia-idade.

— Aparenta quarenta — disse ele, despreocupadamente.

— Estou sem maquilagem — defendeu-se. ela.

— Está com olheiras enormes. . . Tem um duplo queixo. Em suma: você está um bucho.

As lágrimas agora molhavam sua face sardenta. Uma semana de dieta e de sono e ela estaria completamente em forma. Ele sabia disso. Então, por que a tratava assim?

A secretária interrompeu para dizer que o chamado telefônico para Paris estava pronto. O Chefe levantou o fone com o rosto já transformado por um sorriso untuoso.

— Alô — gritou, como as pessoas gritam quando falam para distâncias enormes. — Sim, posso ouvi-lo muito bem. Maravilhoso, não? Sim, Sr. Chardot. . . Recebi sua carta esta manhã. Por isso resolvi telefonar-lhe. Os seus termos são, bem. . . impossível não é a palavra adequada. Claro que estou interessado em fazer um filme com a Srta. North, e estou mesmo disposto a aceitá-lo como co-

produtor. Um contrato para um filme, dando-lhe cinquenta por cento dos direitos, não é possível. Além disso, vamos pôr roupa nessa estrela, e quem garante que ela exercerá a mesma atração sobre as plateias? Sim, sei que nos últimos três filmes ela não apareceu sem roupa. Mas, sejamos sinceros, Sr. Chardot, e concordemos em que ela não é nenhuma grande atriz. E se não concorda em me dar opção para um segundo filme, então, nada feito. Gastarei rios de dinheiro na propaganda dela, e depois „um outro estúdio a agarra e se aproveita de tudo para um segundo filme? Quero um contrato para três filmes, e saber suas condições. O dinheiro será depositado em um banco suíço. Quanto? Mas, meu caro senhor, onde arranjou essa cifra? Acredite, ninguém lhe pagará isso, Sr. Chardot.

Parou de falar por um instante, depois disse:

— Sr. Chardot, Louie Esterwald vai procurá-lo esta tarde. . . O quê? Ah, oito horas da noite aí? Nunca acerto com essa diferença de hora. Muito bem, então amanhã de manhã. Ele fará as negociações. . . fala francês. . . e podemos esperá-lo aqui em setembro? Bem, se esperarmos até fevereiro já será 1957. Quero notificar a meus acionistas que temos um filme de Jennifer North programado para 1956 ainda. Como? Já começou a rodar o novo filme dela? Vai terminar dois até novembro? Por Deus que o invejo. Ficarei feliz se conseguir terminar um até lá. É que vocês não têm problemas de sindicatos e de televisão. Espere mais alguns anos e verá.

Encerrado o seu conta to com Chardot, pediu uma nova ligação internacional. Neely esperava pacientemente, ele brincava com um lápis. Bateu o fone com fúria, dizendo:

— Uma demora de vinte minutos!

De repente, pareceu lembrar-se dela.

— Muito bem, você pode ir.

— Pensei que íamos almoçar — disse ela, atónita.

— Você pode passar bem sem almoço. Com essa barrica, é melhor até. Eu diria que está grávida de quatro meses, se já não a tivesse visto assim várias vezes. Tenho de esperar a chamada para Louie Esterwald. Imagine, o trabalho que estou tendo só para que essa prostituta venha fazer um filme comigo. Dez anos atrás, a indústria a teria jogado fora. Agora, todos os estúdios lutam para tê-

la. Alguma coisa de errado está acontecendo a este país. Estamos ficando imorais. A televisão é a culpada. Sempre fizemos filmes limpos, agora temos de lutar contra a televisão usando todas as armas possíveis: seios, traseiros, prostitutas francesas. . .

— Ela não é nenhuma prostituta francesa — disse Neely. — É uma garota americana, e ótima moça. Já moramos juntas.

Ele se interessou imediatamente.

— Você morou com Jennifer North?

— Há onze anos. Estivemos juntas em *Tocando as Nuvens*. Ela era apenas corista, depois casou com Tony Polar. Morou aqui na Califórnia.

— Eu me lembro! Ele era casado com uma Jennifer. . . — sacudiu a cabeça. — Não pode ser a mesma moça. Esta só tem vinte e três anos.

Neely riu amargamente.

— Todas têm vinte e três anos nos filmes franceses. Sei que é a mesma Jennifer com quem morei. Ela deve ter. . . Céus, não sei, eu tinha dezessete anos e ela dizia que tinha vinte e um. . .

— Se é assim, deve ter trinta e dois. — Estava surpreso.

— Certo. E você diz que estou velha aos vinte e oito.

— Essa moça deve saber se cuidar. E é digna de confiança. Vai terminar dois filmes até novembro. Acaba de ganhar um prêmio qualquer, num festival de cinema, e agora pensa que é atriz. .. Falta de sorte a minha. . . Os franceses a tiveram quando ela andava nua, e eu vou tê-la agora que é atriz.

— E eu? Que faço? Fico sentada esperando? — perguntou Neely.

— Sente-se e emagreça. Continuará sendo paga todas as semanas.

— E quando será o meu próximo filme?

— Depois veremos.

Os olhos dela faiscaram de fúria,

— Quem você pensa que é para me tratar assim?

— O patrão. E você não passa de uma ordinária que eu transformei em estrela. Só que ultimamente você não tem correspondido. Por isso, vai apenas sentar e aprender uma grande

lição. Observe o nascimento de novas estrelas, como Jannie Lord, por exemplo. Talvez isso ponha algum senso nessa sua cabeça. Agora desapareça, tenho coisas mais importantes a fazer.

— Posso sumir daqui e nunca mais aparecer. — Levantou-se.

Ele sorriu.

— Faça isso e nunca mais conseguirá trabalhar em lugar algum.

Neely soluçou durante toda a viagem de volta para casa, enquanto dirigia negligentemente pela estrada através das montanhas. Nada importava mais. Que faria? Iria para casa e, lá, ficaria sentada? Nem os gémeos precisavam dela realmente. Adoravam a babá e com ela iam à escola. Quando todos soubessem que fora substituída no filme, logo depois de ganhar o título de Miss Veneno, então estaria realmente só. Ninguém procura os derrotados. Céus, como é que as pessoas conseguem ser tão mesquinhas? Trabalhara tanto, lutara tão duramente, agora todos estavam prontos a crucificá-la.

Entrou em casa e apanhou uma garrafa de uísque no bar. Foi para seu quarto, baixou as persianas, desligou o telefone e engoliu cinco pílulas. Nem com cinco pílulas conseguia dormir ultimamente. Na noite passada, dormira três horas, à força de cinco pílulas vermelhas e duas amarelas. Tirou a roupa e deitou-se.

Devia ser meia-noite quando acordou. Abriu a janela, noite alta. Nada para fazer. Entrou no banheiro e, sem perceber, subiu na balança. Tinha perdido um quilo. Ei, quem sabe esse era o melhor método? Tomaria pílulas antes e dormiria o tempo todo, sem comer. Num instante perderia cinco quilos. Tomou um comprimido de vitamina, acreditava que isso lhe conservaria a saúde, tomou mais algumas pílulas vermelhas com um generoso gole de uísque, voltou para a cama.

Podia ver o sol escoar-se através da cortina quando acordou. Cambaleou até o banheiro. Estava completamente tonta, sem sono. Não, não subiria na balança. Melhor esperar mais para ter uma surpresa maior. Sentia-se vazia. . . melhor tomar duas vitaminas. . . Claro, continham tudo o que lhe era necessário. Encheu o rosto de creme, o cabelo de lanolina. Muito bem, esta seria também uma

cura de beleza. Pareceria uma verdadeira boneca quando acordasse. Tomou cinco pílulas amarelas e duas vermelhas, estas apressavam o funcionamento das primeiras. E havia ainda um bom gole na garrafa.

Quando abriu os olhos, achou tudo muito branco e muito limpo. Que fazia essa maldita agulha no seu braço? E essa garrafa virada de cabeça para baixo? Cristo! Estava num quarto de hospital. Tentou sentar-se, uma enfermeira veio correndo.

— Descanse, Srta. O'Hara — disse a moça, com voz profissional.

— Que estou fazendo aqui? Que foi que aconteceu?

A enfermeira mostrou-lhe um jornal. Cristo! Na primeira página, sua fotografia, das primeiras que tirara no estúdio, juvenil e sorridente; ao lado, outra, carregada por dois homens, com a cabeça para trás, os pés descalços. Leu os títulos: *Estrela toma dose excessiva de barbitúricos e o presidente do estúdio diz que foi acidente*. Quando leu de que modo O Chefe correria em seu auxílio, sorriu levemente. Claro que devia estar assustado. Mas não declarara que ela não faria mais o filme. Continuou lendo, avidamente.

"A Srta. O'Hara e eu tivemos uma discussão há cinco dias" (Céus, cinco dias!) "e eu sugeri que talvez ela estivesse muito cansada para começar outro filme em seguida. Assegurou-me que não estava, e que tudo de que necessitava eram uns dias de repouso. Obviamente, era isso que ela estava tentando fazer. Ficar em forma para o filme. Se ela viver — um soluço sufocou a voz do Chefe (claro, ele podia derramar lágrimas melhor do que a maior das atrizes e devia estar apavorado, pensando que ela tivesse deixado uma carta de suicida.) ... Se ela viver, terá o maior papel de sua vida no maior filme que já fizemos. Não é verdade que a substituímos por Jannie Lord. Ninguém é capaz de substituir Neely O'Hara. Tínhamos considerado mudar o argumento no caso de a Srta. O'Hara achar que não devesse fazê-lo. Então, talvez Jannie Lord pudesse substituí-la. Entretanto, tudo o que queremos é que Neely O'Hara faça o papel. Uma vez em cada geração nasce uma atriz como ela."

Neely sentiu-se maravilhosamente bem. Havia uma porção de elogios a respeito dela, feitos por vários astros que tinham

trabalhado com ela, e até por gente que mal conhecia. Era como se tivesse morrido e estivesse lendo os elogios fúnebres. Gostou da sensação. Céus, parece que esperavam mesmo que ela morresse. Devia ter chegado perto para que O Chefe se manifestasse como se manifestou. Agora tinha de dar o papel a ela.

— Estive muito mal? — perguntou à enfermeira.

— Mal? Até poucas horas não tínhamos mais esperanças. A senhora passou vinte e quatro horas numa tenda de oxigénio.

— Mas tomei só umas poucas pílulas. Tudo o que eu queria era dormir um' pouco.

— Sua sorte foi o mordomo ter chamado o médico imediatamente. Ele a encontrou respirando com muita dificuldade. Ficou preocupado, a senhora não tinha comido nada durante três dias.

Neely sorriu.

— Aposto que agora estou bonita e elegante.

A enfermeira virou-se bruscamente e saiu. Um momento depois, o médico entrava no quarto.

— Sou o Dr. Keegan. — Pelo nome, soube que era o médico particular do Chefe. — Muito bem, conseguimos — disse, animadamente.

Claro que conseguimos, pensou ela. Sabendo que O Chefe receberia um relatório detalhado, apressou-se a sorrir.

— Fez uma grande tolice, moça. Que é que ganhou com isso?

Ganhei o meu papel no filme, pensou. Mas continuou apenas sorrindo, e deixou que duas lágrimas rolassem pelo rosto, enquanto dizia:

— É que eu não queria mais viver. . . se não fizesse o filme.

— Ah, sim. . . o filme. Vamos ver isso mais tarde. Agora não posso dizer se poderá fazê-lo.

— Claro que vou fazê-lo — gritou, sentando-se na cama.

— Você passou muito mal. Se eu achar que não deve fazer o filme, direi ao estúdio. Não posso deixá-la ter uma recaída.

Então era assim! Essa era a maneira que ele encontrou para safar-se da confusão. Claro que o médico iria dizer que não estava em forma para as filmagens.

Sorriu docemente.

— Bem, esperemos que o senhor me ache em forma. Porque foi ideia do Chefe que eu perdesse peso. E quanto mais rápido, melhor. Foi ele, também, quem me iniciou nas pílulas verdes — quando eu só tinha dezoito anos — e para que eu perdesse o apetite. E, muitas vezes, trabalhei uma semana sem comer, sob as ordens dele. Por isso, é melhor que o senhor me ache em forma. Vejamos: as provas para o guarda-roupa começarão em poucos dias. Estou suficientemente magra para poder comparecer a elas. Depois, terei uma semana inteira para descansar antes das filmagens.

No dia seguinte, advogado e agente estavam a seu lado. Saíra vitoriosa. Depois das declarações que fizera aos jornais, O Chefe não podia tirá-la do filme. Eram melhores do que qualquer contrato. A simpatia do público também estava com ela. Ela, porém, que não perdesse nem um dia, nem mesmo uma hora de filmagem, senão estaria frita, dissera o agente. O Chefe estava furioso com ela, e se vingaria mesmo que tivesse de sacrificar o filme. Neely lhe passara a perna, e ele não gostava de perder.

Ficou nervosa no primeiro dia de filmagem. Sam Jack-son também lhe parecera muito nervoso. Na verdade, todos pareciam muito nervosos. Mas havia estudado muito bem a cena. Sabia tudo de cor.

— Ensaiaremos a cena uma vez e, em seguida, filmaremos — sugeriu Sam. — Vamos começar pela cena da boate, em que você pede silêncio ao público e depois canta. Extras! Cada um no seu lugar. Vamos começar.

A cena foi preparada, ela representou o seu papel. Foi tudo bem. Por que estariam todos tão nervosos? E por que estaria Sam evitando os seus olhos? Não costumava ser assim. Ou estaria nervoso por saber que qualquer atraso poria fora do filme? Afinal, todos sabiam que O Chefe era um filho da mãe. . . falaria com Sam, no fim das filmagens do dia.

Calada, ficou olhando enquanto as câmaras eram colocadas nos lugares. Será que Sam estava louco pelos mil dólares diários? Ninguém podia filmar definitivamente uma cena da primeira vez.

Céus, todos sabiam que, se conseguissem filmar uma cena por dia, estariam fazendo muito.

As luzes iluminaram o palco, tudo ficou pronto para a filmagem. . . Céus, ela nunca tinha filmado uma cena depois de um único ensaio. Ninguém fazia isso.

Saiu-se razoavelmente. Esqueceu algumas palavras, mas, como primeira filmagem, estava bem. Talvez até pudessem aproveitar alguma coisa dessa tomada. Dirigiu-se sorrindo para Sam quando a cena terminou.

— Você se esqueceu da letra — disse ele.

Ela sacudiu os ombros.

— Duas linhas só. A trilha sonora já está gravada. Filmaremos outra vez.

— Está bem. Mas esta será a última.

Por Deus, devia estar doente. Não terminaria nunca o filme, apavorado daquela maneira. Muito bem, o funeral era dele.

Voltou ao palco de filmagem. Dessa vez, tropeçou nos fios do microfone que devia carregar na mão.

— Corte! — gritou Sam. — Você está se sentindo bem, Neely?

— Estou ótima. Calma, Sam. Não me diga que esperava uma tomada definitiva já na segunda vez.

— Não, esperava consegui-la da primeira.

— Sam, você está doido? Sei que a coisa vai mal para o seu lado. Mas não precisa entrar em pânico. Até mesmo O Chefe daria risada, se soubesse que você pretende filmar uma cena inteira logo da primeira vez.

Ele a ignorou completamente e se dirigiu ao resto do pessoal:

— Aprontem-se para a cena número três.

Neely começou a sair do palco e depois parou bruscamente. Por Deus, isso seria fazer exatamente o que O Chefe tinha planejado. Voltou,, ficou tremendo. Neely O'Hara tendo de suportar aquilo de um diretor apavorado. Sabia que todos a estavam olhando. Ninguém jamais a havia tratado assim.

Voltou ao seu lugar no palco. Ficou sob as luzes tremendo, enquanto a maquiladora refazia a sua pintura. Cena número três. Disse as palavras que devia. Cena quatro. Cena cinco. Cena seis...

No fim da tarde, estavam na cena número quinze. Aquilo era ridículo. Nunca fizera mais de oito tomadas num só dia. Sam a forçava àquilo; não podia se lembrar de mais nada, nem de que sua vida dependia daquilo.

— Hora de jantar — gritou Sam. — Todos de volta aqui às sete horas.

Pausa para o jantar! Há muito tempo que não trabalhava à noite, e ele nem a tinha consultado. Foi até Sam.

— Presumo que vai filmar as cenas em que não apareço.

— Não, vou filmar a mesma cena até que você me dê um desempenho decente.

— Eu não, meu caro! Cooperei o dia todo. Cheguei aqui na hora certa e saio na hora certa. Não vou arrebentar o meu traseiro a fim de que você ganhe mil dólares a mais por dia. — E saiu do palco.

— Se você se retirar, porei isso no meu relatório.

— Como quiser — gritou ela. — Tenho os meus direitos.

Todos voltaram ao palco às sete da noite. Esperaram até às dez. Chamaram Neely ao telefone, de sua casa disseram que tinha ido dormir e não atenderia mais ninguém naquela noite.

Sam Jackson dispensou todos:

— Não filmaremos amanhã. Até segunda ordem.

Entrou no carro e se dirigiu até uma pequena casa na praia. Buzinou. A porta se abriu. Uma moça belíssima, com um longo cabelo negro, vestindo roupão, apareceu à porta. Acenou para que ele entrasse.

— Bem, Jannie, o papel é seu.

A moça abriu a boca num sorriso que mostrou os seus dentes perfeitos.

— Oh, Sam. Você conseguiu. Estou tão contente.

Virou-se, então, para o homem de cabelos brancos, que estava sentado numa poltrona, fumando calmamente.

— Ouviu o que Sam disse?

O velho sorriu. Depois, levantou-se e abriu o roupão da moça, revelando um corpo perfeito. Então, ele, que mal chegava aos

ombros da jovem deusa, acariciou-lhe os seios com a mão queimada de sol.

— Olhe bem, Sam. Olhe, mas não toque. Isso é meu.

— Sim, senhor — respondeu Sam.

— Só quero que saiba. Você é jovem, pode ter certas ideias. .

A moça abraçou-se ao velho.

— Mas eu o amo. . . você sabe disso.

— Muito bem, Sam. Belo trabalho. Convoque todo mundo para depois de amanhã. E mande um telegrama a Neely dizendo que não compareça. Assine o meu nome.

O homem de cabelos brancos encarou sério a moça.

Sam concordou com a cabeça e foi embora.

— Muito bem, agora você será uma grande estrela, Jannie Lord. Só precisa se lembrar de uma coisa: você me pertence. Nunca esqueça isso.

— Sim, senhor.

E caiu de joelhos, enquanto começava a acariciá-lo.

ANNE

*1957*

Anne pôs o fone no gancho pensativamente. Kevin Gillmore estendeu o braço e pegou sua mão.

— Neely, outra vez? Deite-se aqui, vamos discutir o assunto.

Anne recostou-se em sua própria cama.

— Não é tão simples, Kevin.

— Notei que você ficou aborrecida com o telefonema. Aposto que ela quer vir morar com você.

Vendo que Anne continuava em silêncio, prosseguiu:

— Você, no fundo, continua sendo a puritana da Nova Inglaterra, não é? Por que não disse logo: "Claro, Neely, tenho duas camas, mas é que o meu fulano vem muitas vezes passar a noite comigo"?

Anne pegou o texto que estivera estudando e respondeu:

— Porque não tinha razão para dizer isso. Estou preocupada. Neely está em péssimo estado.

— Por quê? Por ficar sentada ganhando dinheiro sem fazer nada durante sete meses e porque não quiseram negociar sua opção depois disso? Hoje em dia não é desgraça ficar sem um contrato de longa duração. Nenhum estúdio faz mais isso.

— Ela parecia tão desesperada. . . disse que quer deixar Hollywood.

— No momento em que ela chegar aqui, todos os produtores da Broadway estarão atrás dela. Ela pode também fazer televisão. O que quiser.

— Mas eu ouvi uns mexericos... — Anne pegou um cigarro. Kevin impediu que ela o acendesse.

— Venha aqui, para que a gente não precise gritar um para o outro.

Anne sorriu.....

— Kevin, quem vai gritar sou eu, se for para a frente das câmaras sem ter decorado este texto.

— Usará os cartões.

— É melhor quando não uso. Gosto de tê-los lá para segurança; sai muito melhor quando sei de cor o que estou falando.

— Anne, você gosta mesmo de mim? — perguntou Kevin.

— Gosto muito. — Pôs o texto na cama e esperou pacientemente. Sempre começava assim.

— Mas não está loucamente apaixonada por mim. Ela sorriu.

— Essa espécie de amor é para os mais jovens, e fica bem para o primeiro amor.

— Ainda está apaixonada por aquele escrevinhador?

— Há muitos anos que não vejo Lyon. Ouvi dizer que está escrevendo roteiros para o cinema, em Londres.

— Então, por que não se apaixonou por mim?

— Gosto de sua companhia, Kevin. — Apertou-lhe a mão. — Gosto de você na cama. Gosto de trabalhar para você. Talvez isso seja amor.

— Se eu pedisse que casasse comigo, gostaria mais de mim?

Anne mediu bem as palavras para responder.

— No começo isso teria significado muito. Não gostava de ser apontada como a "garota de Kevin". Agora o mal já está feito. . . — completou sem emoção; já tinham conversado sobre isso tantas vezes. . .

— Que mal é esse, afinal? Hoje você é famosa. É conhecida em toda a parte como a Garota Gillian.

— E, também, como a garota de Kevin. Agora não importa. Mas eu queria tanto um filho. . . na verdade, ainda quero.

— Anne — ele saiu da cama e começou a andar pelo quarto —, você tem agora trinta e um anos. Não acha que é um pouco tarde para começar a ter filhos?

— Conheço mulheres que tiveram o primeiro filho aos quarenta.

— Eu tenho cinquenta e sete. Tenho um filho adulto e uma filha casada, que me deu um neto, agora- com dois anos. Que achariam se me casasse com você e tivéssemos um filho, mais novo que meu neto?

— Muitos homens se casam tarde e começam família nova.

— Estive casado com Evelyn durante vinte e cinco anos. Que Deus a tenha em paz. E passei por tudo que se passa quando se tem filhos pequenos: babás, férias de verão, sarampo, fraldas, e não acho que terei paciência para passar tudo isso de novo. Agora que tenho mais liberdade e mais dinheiro do que posso gastar, quero ter uma vida fácil, sem responsabilidades, e uma mulher que esteja também livre para viajar comigo, divertir-se, enfim. Quando estive casado nunca pudemos nos divertir. Tudo era luta, então. Eu estava começando o meu negócio, Evelyn só cuidava de criar as crianças. Nunca viajamos além de um fim de semana em Atlantic City, de vez em quando, mesmo assim ela estava sempre preocupada com as crianças que deixara com a empregada. Quando as crianças cresceram, e eu prosperei nos negócios, era muito tarde, Evelyn já estava doente. Passei cinco anos vendo-a morrer cada dia um pouco. Quando fez um ano que ela tinha morrido, conheci você e soube imediatamente que era a mulher que eu queria.

Anne tentou sorrir.

— Estou contente por você ter me encontrado. Mas uma moça não sonha em ser a garota de alguém, apenas. Sonha também em ser esposa e mãe.

— Já pensei muito nisso, Anne. Sei que os meus filhos não aprovariam. — Sentando-se na beira da cama, junto a ela, continuou: — Além disso, acho que assim é melhor; uma vez casada, você ficará segura de mim e isso não é muito bom.

Kevin voltou à sua cama, e em poucos minutos estava perdido na consulta da página financeira do *Times*.

Anne voltou ao texto. Sabia que dentro de alguns meses ele voltaria novamente ao assunto, e tudo terminaria da mesma forma. Kevin sentia-se culpado por não se casar com ela, mas, na verdade, ela já não se importava. Talvez fosse mesmo muito tarde para pensar em crianças. E uma certidão de casamento não proporcionava necessariamente a certeza de fidelidade ou de felicidade. Pensou em Jennifer e na pobre Neely.

Verdade que todos sabiam que era a garota de Kevin, era, também, a Garota Gillian, e ele é que fizera isso possível. Gostava do trabalho, mantinha-a ocupada e era lucrativo. Também gostava de Kevin. Não, era mais do que gostar. Talvez fosse amor. Não o amor que conhecera com Lyon. . . a união física com Kevin deixava-a absolutamente fria; muitas vezes se perguntou que atração poderia ele sentir por ela nessas circunstâncias. Quando se lembrava do selvagem abandono com que se entregava a Lyon, dos beijos profundos e dos abraços que se prolongavam noite adentro, então achava que sua relação com Kevin era absolutamente anti-séptica.

No começo, as relações de ambos tinham sido puramente comerciais. Gradualmente, viram-se envolvidos em um convívio social. Gostava da companhia dele e achara mais fácil aceitar os convites de um homem do que lutar contra o assédio de vários. Arme ajudara muito a sua indústria e Kevin tinha sido sempre muito paciente com sua inexperiência como modelo. Sem essa paciência, não teria conseguido o êxito que conseguiu. Ele estava sempre presente aos ensaios, conferia todas as luzes, ajudava-a quanto a entonação perfeita, auxiliava-a a escolher o vestido adequado. Em pouco tempo, dependia dos seus conselhos e do seu julgamento.

Notava que um grande número de modelos praticamente se atirava aos braços dele, bem como belas divorciadas e estrelinhas de todo tipo, procurando subir. Sabia da paixão que lhe devotava uma ex-estrela de cinema, muito famosa, muito elegante. Kevin Gillmore poderia ter escolhido entre muitas, mas a queria. Conseguiu esquivar-se durante um ano e, como nesse tempo não tivesse encontrado ninguém que conseguisse sequer interessá-la, resolveu aceitar Kevin.

Lembrou-se da primeira vez que se uniram. Fora incapaz de fazer algo mais que se submeter. Permitiu que ele a tomasse, que se satisfizesse, nada mais. Ele nunca lhe pedira mais que isso. Às vezes, se esforçava para lhe dar uma resposta mais sentida e Kevin a aceitava como prova de paixão. Anne logo percebeu que, apesar de todo o cosmopolitanismo que o caracterizava, Kevin era um homem sem sofisticação alguma em relação ao ato do amor. Obviamente, se casara em estado de pureza e, certamente, a mulher devia ser igualmente casta e sem imaginação; com toda certeza, nunca tinham avançado ao limite de alguns beijos e do ato mecânico propriamente dito. Claro que depois da morte da mulher ele deve ter conhecido algumas garotas e, com certeza, algumas delas com muita experiência; ele, provavelmente, atribuía as outras formas de amor a mulheres de pouca moral. Anne era uma dama, assim como sua mulher. Por isso, aceitava a sua frigidez como o atributo normal de uma dama, e, como era cavalheiro, nunca ousara esperar mais do que isso.

Não, a vida com Kevin não tinha altos e baixos, e, provavelmente, era assim o verdadeiro amor adulto. Às vezes, Anne se julgava uma mulher de sorte. Havia muitas mulheres que passavam a vida sem jamais conhecer o amor que ela conhecera com Lyon Burke, e nunca conseguiram o amor sólido que experimentava com Kevin. Até o fato de não se ter casado com ele não era problema. Jamais o forçara a isso, e tinha certeza de que, se ameaçasse deixá-lo, ele a pediria imediatamente em casamento. Não, estava perfeitamente feliz com o estado das coisas, certa de que Kevin estaria sempre a seu lado.

Neely chegou na semana seguinte. Anne quase não conseguiu esconder o choque que lhe causou a transformação da amiga. Engordara muito, seu rosto estava fofo e, apesar de estar vestindo uma roupa muito cara, parecia desmazelada. O esmalte das suas unhas estava lascado, uma meia estava desfiada, e ela parecia toda amarrotada. Mais que tudo, parecia ter algo de morto em seu semblante. Neely não brilhava mais como antes. Seus olhos ficavam mortícios quando falava.

Foi uma ouvinte atenta; Neely contava as suas penas, os planos diabólicos do Chefe, os casamentos fracassados, os males de Hollywood. . . Anne falou muito pouco de si. Falou do seu trabalho e da sua amizade com Kevin; e quando Neely perguntou, com um vestígio de sua voz de menininha, se dormiam juntos, pareceu contente quando Anne respondeu afirmativamente.

Kevin foi um anfitrião perfeito. Se a presença de Neely interferiu em sua vida particular, soube esconder muito bem a irritação. Levou as duas moças a todos os espetáculos e boates da cidade. Neely sempre causava sensações nos lugares aonde iam. Parecia reviver com os aplausos. Deixou de beber, comprou novas roupas, perdeu cinco quilos em duas semanas, e raramente tomava mais de três pílulas para dormir. Seus olhos começaram a brilhar novamente e ela voltava a ser a garota cheia de vivacidade que Anne conhecia.

Numa noite de setembro, quando saíam de um teatro, uma enorme multidão cercou Neely, impedindo-a de entrar no táxi. Rindo e acenando para todos, ao mesmo tempo que assinava autógrafos, Neely estava sendo arrastada pelos fãs, quando Kevin, ajudado por um guarda, conseguiu abrir caminho até o táxi.

No táxi, Kevin passou o lenço pelo rosto e sacudiu a cabeça encantado.

— É fantástico! Se eles ficam tão loucos só para vê-la, o que não fariam se você cantasse!

— Desmaiariam em êxtase — riu-se Neely. — Na verdade, meu público sempre foi louco por mim. Havia filas enormes no Radio City para todos os meus filmes. O mal é que meus filmes sempre saíram caros demais. O público sempre gostou de mim.

Kevin continuou olhando para ela de um modo estranho e sua voz tremia quando disse:

— Você tem razão. Todos os seus filmes sempre tiveram grande êxito. O seu público ainda a adora e a quer. Neely. . . façamos um espetáculo para a televisão. Eu patrocinarei. Vou comprar uma hora inteira. Por Deus, tenho certeza de que será uma sensação.

— Você está brincando? Eu, fazendo televisão? Uma hora inteira... ao vivo, sem possibilidade de voltar atrás e filmar novamente se não sair bem?. Céus, eu morreria.

— Se você cantasse as canções que lançou não precisaria temer nada — insistia Kevin. — Nada mais que isso: você ali, parada, cantando as suas canções.

— Esqueça isso — respondeu Neely. — Já ouvi falar que essas câmaras de televisão fazem a gente parecer mais gorda e mais velha. E, afinal, para quê? Meus agentes estão negociando um contrato para três filmes com a Metro.

À medida que as aparições de Neely em público continuavam a gerar verdadeira onda de excitação, Kevin ia ficando obcecado com a ideia.

— Tente convencê-la :— pedia a Anne. — Ela poderá ensaiar durante quatro semanas. A companhia pretende introduzir um novo produto no mercado e essa publicidade valeria milhões para a Gillian.

— Mas não posso forçá-la, se ela está com medo — dizia Anne. — Se alguma coisa sair mal, eu me sentirei responsável.

— O que poderia sair mal? Afinal, ela não.- é uma dessas atrizes sem talento fabricadas por Hollywood. Neely cresceu dentro do teatro de variedade, trabalhou na Broadway, tem muita experiência. A televisão está cheia de gente sem talento algum, que da noite para o dia se transforma em grande astro só porque os verdadeiros artistas como Neely não se decidem a arriscar. E olhe, não estou pedindo uma série de programas, apenas um grande espetáculo. E isso será muito bom para ela também.

— Concordo, Kevin, mas você é quem deve lhe vender a ideia. Eu sou apenas amiga dela e quero continuar.

Kevin falou sobre o assunto muitas vezes mais e Neely sempre se negava com bom humor. Dizia que estava gozando suas primeiras férias na vida, seu primeiro contato com os fãs, uma compensação tardia dos longos anos em que esteve enclausurada, trabalhando nos estúdios. Kevin, entretanto, aproveitava todas as ocasiões para que Neely assistisse a espetáculos que a faziam recordar o seu passado. Comprou entradas para a estreia da nova peça de Helen Lawson, esperando que ao vê-la, no palco, Neely sentisse toda a excitação que representava trabalhar para uma audiência.

A estreia de Helen foi um grande acontecimento. Estivera desaparecida da Broadway durante um longo período, em que esteve novamente casada, desta vez com um rico fazendeiro da Jamaica. Na época do casamento, dera numerosas entrevistas e fizera solenes declarações de que havia, finalmente, encontrado "o verdadeiro amor de sua vida". Todos os jornais publicaram fotografias de Helen pendurada ao braço de um senhor grisalho. Ela ia vender seu apartamento em Nova York, e todos os móveis, para assumir o humilde posto de dona-de-casa na Jamaica. Essa vida maravilhosa não durou mais de seis anos. Helen voltou e foi, outra vez, assunto de primeira página. Aquilo não passava de "uma pequena cidadezinha tropical, repleta de gente rica, que não tinha o que fazer, e de pessoas sem importância". Toda gente cuidava de mexericos e de se embriagar. O "homem maravilhoso" não passava de um sujo que bebia demais e tinha ligações com inúmeras mulheres. Ela obteve um divórcio mexicano e foi, imediatamente, contratada para estrelar um novo musical.

Houve, ainda uma vez, uma típica estreia de Helen Lawson. Todas as pessoas certas estavam na audiência, ansiosas por aplaudir e dar as boas-vindas à "rainha". Os aplausos foram magníficos quando ela surgiu em cena; mas, após dez minutos de espetáculo, o ar parecia ter ficado "pesado" no teatro. Kevin olhava para Neely, sentada na beira da cadeira, examinando atentamente Helen. Perdeu as esperanças de vê-la entusiasmada quando Neely sussurrou:

— Céus, pensei que ela fosse velha quando a conheci; vendo-a agora posso dizer que ela era uma adolescente.

Kevin teve de admitir que Neely tinha razão. Helen não mais beirava a meia-idade; era definitivamente uma senhora de meia-idade. Tinha engordado muito, embora as pernas continuassem bonitas e ela mostrasse com elegância o cabelo negro.

— Meninos, ela praticamente andou mergulhando em potes de tintura — murmurou Neely. — Não que eu não goste de cabelo preto, mas essa cor de ébano está tão negra que até parece piada.

— Devia usar os produtos Gillian para pintura — comentou Kevin. — Pelo menos dão um ar mais natural.

— Nada mais pode ajudá-la — sussurrou Neely. — E, desta vez, nem o argumento da peça é bom. Por que será que aceitou fazer isso? Afinal, é uma mulher muito rica.

— Que mais poderia fazer? — disse Kevin cuidadosamente. — Uma atriz só está viva quando está representando.

— Ora — disse Neely, batendo-lhe com a mão —, não me venha com esses velhos clichés.

— A peça ainda pode melhorar — interrompeu Anne.

— Não, minha cara, é um fracasso e eu posso senti-lo — disse Neely.

Tinha razão. Anne chegou a simpatizar com a senhora de meia-idade que lutava valentemente para fazer o papel de mocinha romântica. Sua voz continuava forte, como sempre; percebia-se nela, porém, um leve tremor, à medida que a peça avançava. Helen pôs tanta energia em seu papel que parecia querer salvar a peça com a própria vida.

No final, foi chamada várias vezes ao palco. O público ainda fazia questão de homenagear a sua rainha. Todavia, os comentários ouvidos à saída foram bastante reais: "o primeiro fracasso de Helen. . .", "a culpa não foi dela, mas do texto...", "a direção foi péssima...", "a Helen de antigamente podia transformar qualquer texto em, sucesso. Lembra-se da *Senhora do Sol*? Muito bem, o texto não valia nada, a Helen salvou a peça. . .", "convenhamos, toda atriz tem direito a um fracasso. . .", "claro, não na idade dela, já é muito tarde para se refazer. . .", "procedem com mais cuidado com os cavalos de corrida, que, pelo menos, são postos a reproduzir. . .", "pelo que ouvi dizer, Helen não acharia a ideia má. . .",

"acredito, mas com quem? . . .", "ainda acho que ela tem belas pernas e um cabelo lindíssimo. . .", "claro, alguma coisa devia sobrar. . .", "meu querido, eu estudei música no colégio, e posso dizer que havia um vibrato na voz dela. . .".

— Não posso ir cumprimentá-la — disse Neely. — Sei que ela deve saber que estou aqui, mas que é que posso lhe dizer? Que os cenários estavam muito bonitos?

— Vocês querem ir ao Sardi's? — perguntou Kevin. — É quase certo que ela irá lá receber as homenagens de costume.

— Quer apostar? — respondeu Neely. — Ouça, Helen sabe melhor do que ninguém que bomba foi essa estreia. E não pretende sentar-se no Sardi's à espera das edições matutinas do *Times* e do *Tribune*. Além disso, Franco Scalla vai estreiar esta noite, no Persian Room. Foi uma sensação no Ciro; fui vê-lo todas as noites. Não perderia, por nada, sua estreia em Nova York.

Conformado, Kevin telefonou para a boate e reservou uma mesa. Quando chegaram lá, verificaram que o lugar estava lotado com a mesma gente e os mesmos colonistas que estiveram na estreia de Helen. Quando o maître viu Neely, mandou colocar apressadamente uma mesa, à frente de um grupo que tinha pago regamente pelo lugar. Podia-se notar a excitação que tomou conta de todos quando Neely entrou.

Kevin pediu champanha, Neely mal tomou um gole. Anne ficou olhando para o público e pensando no novo anúncio que devia estudar para o dia seguinte. Era tarde, via-se que o espetáculo não ia começar na hora anunciada. No dia seguinte, teria de usar os "cartões". Olhou para as pessoas que se aglomeravam na porta. Nada mudava nas estreias desse género. Sempre as mesmas pessoas, impacientes por serem encaminhadas às mesas, oferecendo dinheiro, disfarçadamente dobrado, para obter melhores lugares; os mesmos empregados, que se apressavam a colocar novas mesas à volta da pista de dança, e que fingiam não ouvir o protesto dos ocupantes das mesas cuja visão era prejudicada. As mesas que, originalmente, faziam a primeira fila agora eram parte da terceira. A pista de danças não chegava a ter metade do seu tamanho primitivo. Quando parecia impossível colocar mais alguém

na sala, Anne percebeu que colocavam mais uma mesa no lado oposto ao deles. .

Helen fez sua entrada, acompanhada de um esguio jovem. Era um dançarino da peça, de uma beleza feminina, idiotamente feliz por ser o centro da atenção geral. Helen devia saber que aquele rapaz tinha um "companheiro de quarto"; o rapaz, entretanto, representava, sem falhas, o papel de acompanhante perfeito. Segurava a mão dela, ouvia atentamente tudo o que ela dizia, ria no momento certo, e extasiava-se com as apresentações e cumprimentos que Helen distribuía entre os amigos. O *maître* respondia com uma paciência resignada às perguntas que Helen fazia em voz alta. Através da sala, Anne pôde ouvi-la dizer:

— Sei que este é um daqueles lugares que não servem nada durante os espetáculos; por isso, traga logo algumas garrafas antes que seja muito tarde.

Finalmente, as luzes diminuíram e Franco Scalla foi apresentado, um cantor de voz possante, principalmente quando cantava música italiana. Todos já tinham lido os elogios que a crítica lhe fizera e estavam ansiosos por fazer dele um astro consagrado. Forçaram-no a cantar novamente alguns números. Então, depois de um encantador discurso de agradecimento, que o seu sotaque fazia ainda mais atraente, ele se dirigiu a uma das mesas e, solenemente, introduziu a "gigante da comédia musical, a rainha das rainhas, a grande dama, a máxima estrela há muitas décadas. . . Helen Lawson".

Helen forçou um sorriso mecânico. Levantou-se e acenou bem-humorada para a audiência. Os aplausos foram muitos e prolongados, cheios de respeito. Em seguida, Franco voltou-se e apontou para Neely; todos seguiram o seu gesto. Quando falou, tinha a voz suave, cheia de admiração:

— E agora, a estrela que todos nós amamos. . . a cantora que as cantoras adoram. . . — Parou, como se não lhe ocorressem outros adjetivos adequados para Neely; sorriu e disse com simplicidade: — A Srta. Neely O'Hara.

O aplauso foi ensurdecedor. Algumas pessoas se levantaram e, de repente, todos estavam de pé, clamando, implorando, que ela

cantasse uma canção. Kevin também se levantara. Anne não sabia o que fazer. Notou que Helen e o jovem dançarino continuavam sentados; batiam palmas displicentemente; o dançarino olhava para ela de modo idiota, esperando por uma ordem qualquer.

Neely, finalmente, se levantou e foi até o microfone. Agradeceu a todos e procurou se desculpar por não cantar. Quando a audiência recomeçou a aplaudir mais forte, virou-se para a orquestra graciosamente e, depois de uma breve confabulação a respeito do tom e do compasso, foi para o centro do palco e começou a cantar.

Neely brilhou. A voz dela era clara e alta e a audiência reagiu como se fosse uma seita de fanáticos assistindo a uma ressurreição. Cantou seis canções antes de poder deixar o palco. Voltou à mesa com os olhos estáticos, molhados de lágrimas de emoção. Colunistas vieram até a mesa para felicitá-la, senhoras ricamente vestidas pediram-lhe autógrafos "para minha filhinha". Neely, prazerosamente, assinou *menus*, cartões e pedaços de papel. Quando o dilúvio acabou, tomou todo um copo de champanha.

— Sabem de uma coisa. Sou bem capaz de vir a gostar disto.

— De cantar numa boate? — perguntou Kevin, esperançosamente.

— Não. De tomar champanha. É muito bom. Claro que é mais seguro tomar uísque ou vodca, mas esta noite é uma exceção. Só que é melhor não fazer disto um hábito, pois engorda demais. Olhem para o velho encouraçado do outro lado: tudo aquilo é resultado de sólidas vindimas.

— Neely, você esteve grande esta noite — comentou Kevin.

— Claro. É fácil ser grande com essas canções. Hoje em dia não escrevem mais disto.

— Mas é isso que você faria no meu espetáculo.

— Voltando sempre ao mesmo ponto, hem? — sorriu Neely.

— Neely, o público a adora. . .

— Claro. E adoram os meus filmes também. Será minha culpa se os sindicatos e a indústria fazem com que os filmes saiam tão caros?

— Dizem que não é só isso, Neely. . .

Os olhos dela se fecharam e ela perdeu um pouco do bom humor.

— E posso saber o que é que dizem exatamente, meu senhor?

— Dizem que você é que fazia os custos subirem. . . que você não tem muito senso de responsabilidade. . . que você perdeu a voz.

Anne se mexeu nervosamente na cadeira, tentando lançar um olhar de aviso a Kevin, que olhava firmemente para Neely.

— Muito bem, você acaba de me ouvir cantar. Está vendo que não se deve acreditar em tudo que os jornais dizem.

— Não acredito porque a ouvi esta noite, e nenhuma das pessoas que estão aqui acredita. Mas são poucas pessoas, Neely. O público, em geral, acredita naquilo que lê. E também os produtores de cinema.

O sorriso dela se desvaneceu.

— Ouça, estou tendo uma noite maravilhosa. Já me levantei e cantei para pagar o jantar. Que mais quer de mim?

— Um espetáculo na televisão.

— Lá vamos nós novamente — Neely suspirou.

— Estou falando sério, Neely. Você convenceu a todos nós esta noite de que ainda pode cantar como um anjo. Por que não convencer o mundo? Já imaginou quantas pessoas poderá alcançar com um grande programa de televisão? Eu lhe daria publicidade com semanas de antecedência. O país inteiro estaria assistindo. . .

— Esqueça isso — disse Neely, tomando mais champanha. — Ei, a garrafa está vazia. Não quer pedir mais?

Kevin fez sinal ao garçom para trazer mais uma garrafa, Anne olhou para o relógio. Neely pegou Anne pelo braço.

— Ora, vamos. Não seja desmancha-prazeres. Esta é a minha grande noite.

— Mas já é uma e meia, e eu tenho um ensaio amanhã muito cedo.

— E daí? — riu Neely. — Anne, afinal, são só anúncios. Não é como se você estivesse estrelando um filme de De Mille. Além disso, conheço o seu patrão e posso arrumar as coisas para você. — Piscou

para Kevin, e continuou: — Vamos terminar esta outra garrafa, está bem? Primeiro vamos empoar nossos narizes.

Anne suspirou e seguiu Neely até o toalete. Neely aceitou, com modéstia, a adulação das mulheres que estavam na saleta, enquanto Anne ficou pacientemente esperando que todas fossem embora. Finalmente, ficaram sozinhas. Neely sentou-se diante de um espelho e começou a pentear os cabelos.

— Ouça, Anne. Tire Kevin de cima de mim. Acho que ele é um ótimo sujeito, e' tudo isso, mas ultimamente parece um disco quebrado. Diga-lhe, de uma vez para sempre, que não vou fazer espetáculo de televisão.

— Bem, você não pode culpá-lo por tentar — disse Anne.

— Certo. Agora já chega. Além disso. . .

A porta se abriu e Helen Lawson entrou. Por um longo momento, ela olhou friamente para Anne; depois, como que mudando de ideia, acenou, dizendo:

— Que bom vê-la de novo, Anne. Ouvi dizer que você agora é uma grande estrela de televisão.

Anne tentou sorrir e achar uma resposta adequada. Helen poupou-lhe o trabalho, sentou-se imediatamente ao lado de Neely e disse, batendo-lhe nas costas:

— Você esteve grande esta noite, garota. Quem me dera ter um Cole Porter ou um Irving Berlin naquela droga que eu fiz esta noite. Ouvi dizer que você estava no teatro. Por que não veio me cumprimentar?

— Bem, é que nós saímos para vir aqui. . . Você sabe como é difícil manter uma reserva — gaguejou Neely.

— Ora, não me venha com essa m. . . — disse Helen. — Com os diabos, é claro que ninguém gosta de ir aos bastidores depois de uma droga. Como é que fui deixar que me convencessem a fazer aquela porcaria. . . Enfim, esta é a história da minha vida. Tudo porque resolvi dar a dois compositores desconhecidos uma grande oportunidade.

O sorriso de Neely era amistoso.

— Bem, claro que alguém precisa ajudar os novos. E se você não consegue fazer deles um sucesso, quem é que pode?

— Eu sempre me arrisco. E é assim que nascem as estrelas, como você. Arrisquei quando me liberei de uma cantora de cabaré para dar oportunidade a uma garota; mas nunca recebi agradecimento por isso.

O rosto de Neely se anuviou.

— Não foi a sua peça que me levou a Hollywood, Helen. Foi o meu espetáculo na boate.

— E como é que foi parar lá? Você me usou como escada.

— Muito bem, Helen, eu me lembro de ter agradecido todas as noites, mas agradeço novamente. Obrigada, Helen. Anne, vamos embora.

— Não admito que me trate assim. Leio os jornais e sei que é hoje uma cantora sem contrato. Para a coitadinha a quem eu dei uma oportunidade, você até que foi bastante longe. Mas. . .

Neely voltou-se e olhou para Helen, com os olhos faiscantes de raiva. A atendente do toailete chegou mais perto, fascinada com a quebra da monotonia.

— Vamos, Neely — disse Anne rapidamente. — Kevin está esperando.

Neely não tomou conhecimento da amiga e perguntou a Helen:

— Do que foi que você me chamou?

Helen se levantou e lançou-lhe ao rosto:

— Coitadinha! Que mais pensa que era? Uma atrizinha de terceira classe, uma vagabunda que nunca foi à escola. Fiquei até surpresa de que você fosse capaz de ler as letras das músicas. E só deixei que entrasse na minha peça por ser amiga de Anne.

— Você, amiga de Anne! Você só queria que ela fizesse o papel de alcoviteira para você.

— Pare de dizer asneiras. Anne e eu sempre fomos amigas. Tivemos um desentendimento, mas estava só querendo ser amiga dela quando quis impedi-la de se envolver com aquele bastardo inglês. Tudo o que fiz foi para o bem dela. — E falando com Anne: — No fim, demonstrou ser mesmo um bastardo. Não foi, Anne? Quer dizer que eu tinha razão. Sempre continuei achando que você é uma de minhas melhores amigas.

— Vamos, Anne — disse Neely. — Este rasgar de sedas está me deixando sensibilizada. Aqui. . . (e fez um gesto obsceno).

Helen ignorou Neely e mostrou o seu antigo sorriso para Anne.

— O que eu disse é verdade, Anne. Nunca tive uma verdadeira amiga. Sempre gostei de você, anjo, e estou tão emocionada com o seu sucesso. Agora que estou de volta, poderemos sair juntas, como nos velhos tempos.

— Vamos, Anne — interrompeu Neely.

— Para que tanta pressa? — perguntou Helen-inocentemente.

— Aonde é que vai? Pelo que ouvi dizer, você dispõe de muito tempo, no momento.

— Depois que saírem as críticas de sua estreia de hoje, você também terá muito tempo livre — respondeu Neely.

Helen sacudiu os ombros.

— A minha peça poderá 'receber péssimas críticas, mas amanhã eu terei, no mínimo, meia dúzia de ofertas para estrelar novas peças. E você, o que é que tem na agenda? Mais alguns concertos gratuitos, como o desta noite?

— Com o vibrato que exibiu esta noite, dentro de pouco tempo você não poderá nem cantar de graça. E, além disso, não me lembro de ter ouvido alguém pedir que cantasse esta noite.

Um leve tom de vermelho subiu ao rosto de Helen. Quando falou, sua voz era aguda:

— O que é que uma vadiazinha acabada sabe sobre um vibrato? Tenho estado na crista da onda durante trinta anos e aí continuarei pelo tempo que desejar. Quanto a você, melhor mesmo que continue cantando de graça, pois é tudo que conseguirá. Claro que aplaudirão. Qualquer audiência aplaudirá qualquer número extra que não esteja pagando. Na verdade, você está acabada. E agora saia do meu caminho; você pode não ter para onde ir, eu tenho um cara esperando por mim ali fora.

— Um cara! — Neely riu. — É aquilo que você chama de cara? É melhor mesmo que você não o deixe esperando. De agora em diante, tudo o que você poderá conseguir para acompanhá-la a algum lugar será um desses afeminados, isto é, se você pagar as contas.

— Você deve conhecer tudo a respeito deles. . . esteve casada com um! E olhe que nem a ele você conseguiu conservar. Nem mesmo com os gémeos para ajudá-la. Por falar nisso, eles também são afeminados?

Levantou-se para sair, Neely bloqueou-lhe o caminho.

— O que foi que você disse a respeito dos meus filhos? — A voz de Neely tremia.

— O que é que há de errado em ter dois pequenos afeminados? Ouvi dizer que são muito bonzinhos para com as mães. E agora, saia do meu caminho.

Tentou passar por Neely e alcançar a porta.

— Não vai sair assim, seu trapo velho. — Neely pulou atrás dela e a puxou pelos cabelos; ficou espantada com a coisa que tinha nas mãos, ao mesmo tempo que Helen levava as mãos à cabeça, horrorizada.

— Uma peruca! — gritava Neely, segurando os longos cabelos negros, à altura dos olhos de Anne. — Céus, o cabelo é tão falso quanto ela própria!

Helen tentou arrancar a peruca das mãos de Neely, que pulou para trás.

— Devolva o meu cabelo, sua vadia — gritava Helen. — Custou trezentos dólares.

Neely colocou a peruca na cabeça e começou a valsar pela sala.

— Ei, o que acham de mim morena? Helen corria atrás dela.

— Me dá isso, sua maldita!

— Fica muito mal em você, Helen. Acho ótimo esse corte de cabelo à escovinha.

Helen passava as mãos na cabeça e dizia:

— Aqueles cabeleireiros da Jamaica não sabiam trabalhar com tinturas; quando fiz uma permanente aqui, no outro dia, meu cabelo caiu todo. Agora, venha cá e devolva a minha peruca, Neely.

Neely correu para um dos reservados. Helen tentou impedi-la, mas a outra foi mais rápida e se fechou lá dentro. Daí a pouco, o barulho da descarga.

— O que está fazendo? — gritou Helen e voltou-se para Anne.  
— Veja, ela a jogou na privada. Vou matar essa vagabunda.

Helen gritava palavrões, Anne e a atendente tentavam fazer com que Neely raciocinasse. A única resposta que obtinham eram as descargas, uma atrás da outra. Helen batia na porta, Neely ria lá dentro. De repente, ouviram um borbulhar estranho, seguido de um barulho maior, e um rio de água começou a escorrer por debaixo da porta, inundando a sala.

Neely abriu a porta e saiu andando na ponta dos pés, rindo histericamente.

— Oh, que inferno! — ria. — Essa coisa ridícula nem ao menos some pelo encanamento.

— Está estragada — dizia Helen. — Que é que faço agora? Como posso voltar lá novamente? — Na mão da atendente, a peruca, completamente molhada, parecia um animalzinho ensopado.

Anne ficou olhando para ela, sem falar, enquanto a água escorria pelo chão.

A atendente quebrou o silêncio para dizer:

— Senhorita O'Hara, isso não foi bonito. A senhora arruinou o encanamento.

Neely riu.

— Mande a conta. Valeu a pena.

Depois pegou a bolsa, deu uma nota de cinco dólares para a mulher e disse a Anne:

— Vamos, deixemos a velha águia careca chorar em paz. Espero que o seu mancebo não congele aí fora sozinho.

Anne seguiu-a. Quando estavam fora, disse a Neely:

— Bem, não acho que foi justo o que você fez.

— Justo? Devia tê-la matado.

— De qualquer maneira, não acho certo. Ela não poderá sair de lá naquele estado, até que todos saiam.

— Muito bem, então perderá uma noite e amanhã poderá comprar outra peruca. Amanhã ainda me lembrarei das coisas que ela disse sobre os meus filhos. Então, quer dizer que estou fracassada, que só poderei cantar de graça, hem? Essa miserável. . .

— Dirigiu-se diretamente à mesa e perguntou: — Kevin, você ainda quer fazer o tal programa?

O rosto de Kevin abriu-se num largo sorriso.

— Muito bem, você acaba de fechar um bom negócio — disse Neely, servindo-se de champanha. — Prepare o contrato e submeta-o à aprovação dos meus agentes e dos meus advogados.

— Amanhã, bem cedo, cuidarei disso — respondeu Kevin, feliz.

Enquanto falavam do espetáculo, a boate foi ficando vazia. Neely e Anne olhavam o rapaz que acompanhava Helen, com os olhos grudados na porta do toalete.

— Que será que aconteceu a Helen Lawson? — disse Kevin, enquanto pagava a conta. — Provavelmente está envolvida com algum de seus fãs.

— Vai ver que um deles arrancou os seus cabelos — disse Neely, inocentemente.

Quando passaram pela mesa de Helen, ao sair, Anne percebeu que o rapaz mexia freneticamente nos bolsos, para juntar dinheiro e pagar a conta que o garçom apresentava. Kevin apertou o braço de Anne e disse, dirigindo-se a Neely:

— Você não vai mudar de ideia a respeito do programa, não é, Neely?

Ela enfiou alegremente o braço no de Kevin.

— Claro que não. Vou arrebentar o meu coração de tanto cantar para você e o seu produtorzinho; só que você vai me pagar um monte de dinheiro por isso.

— Com o máximo prazer.

Kevin olhou para Anne com gratidão. As mulheres eram engraçadas. A gente podia pedir uma coisa até de joelhos e não conseguir nada; deixe que duas mulheres fiquem dez minutos empoadando o nariz, e tudo pode acontecer.

Kevin inundou os jornais com a propaganda do espetáculo de Neely na televisão. Neely foi entrevistada pelas maiores revistas e os colunistas de televisão concordavam que seria o maior acontecimento do ano. A nova forma de entretenimento estava

ficando adulta. Finalmente, os telespectadores entrariam agora em contato com um talento genuíno.

Kevin contratou um dos melhores coreógrafos, um grande diretor e um ótimo produtor. Apressou a fabricação dos novos produtos, que seriam lançados com o espetáculo, previsto para o princípio de novembro. Prometia ser algo sensacional.

Neely mudou-se para um hotel, instalou lá um piano e passou o mês de outubro ensaiando, fazendo regime para emagrecer, trabalhando com disciplina férrea. Estava disposta a mostrar a Hollywood quem era, e obrigar Helen Lawson a engolir suas palavras. Então estava acabada. . . não tinha responsabilidade, só conseguia cantar de graça? Gostaria de ter visto a cara de Helen lendo os jornais. Todos os jornais noticiaram que Neely iria ganhar o maior salário já pago em televisão. Também não se cansaram de aplaudir sua coragem de enfrentar o novo veículo.

Neely não tinha receios. Claro que não havia, como no cinema, a possibilidade de refilmagem, o espetáculo seria ao vivo. Melhor ainda, assim mostraria a Hollywood e a todos do que era capaz. Entretanto, nas entrevistas, fez questão de parecer nervosa e amedrontada, tal como a Neely adolescente. . . "Claro que sentia medo. . ." Secretamente, tinha o êxito como certo. Cantaria doze canções, seis das quais do seu repertório. Tudo o que teria de dizer estava escrito em enormes cartazes, colocados à sua frente. Céus, se o pessoal de Hollywood soubesse que era tão fácil, a televisão estaria cheia de ex-artistas de cinema. Essas opiniões, Neely guardou só para si; na véspera do grande dia, tomou três comprimidos de Seconal. A prova dos vestidos começaria às dez horas da manhã, e ela chegou à hora certa, bem disposta a descansar. A primeira hora foi gasta com testes de maquiagem. O ensaio começou às onze e meia. Neely se desincumbiu do diálogo introdutório com um entusiasmo juvenil. Começou então a primeira canção. Quando deu início ao terceiro compasso, o diretor gritou:

— Corte!

Saiu da cabina e se dirigiu ao cenário.

— Neely, você está cantando para a câmara errada.

— Não sei o que quer dizer — disse Neely. — O que me compete fazer é cantar. A câmara é problema de quem a está operando.

— A câmara 1 estava focalizando você na introdução. Quando começar a cantar, deve se virar para a câmara 2.

— E qual é a câmara 2?

— A que tem a luzinha vermelha. Você canta a primeira parte da canção virada para ela, e se volta para a câmara 3 na hora do coro. Depois, novamente para a câmara 2.

— Céus, para que tantas câmaras?

— Querida, parece mais difícil do que é realmente. Lembre-se apenas de que a câmara com a luzinha vermelha é a que está focalizando você. Não há possibilidade de engano.

Neely recomeçou a cantar, prestando atenção nas câmaras. Tudo foi bem, mas perdeu de vista os cartões. Da outra vez, concentrada nos cartões, esqueceu de olhar para a câmara 3.

— Não se preocupe com os cartões — implorava o diretor. — Eles a seguirão. Preste atenção apenas nas câmaras e siga-as.

— É que eu estou acostumada a ser seguida pelas câmaras — lamentou-se Neely.

O diretor era muito paciente.

— Você vai conseguir. Vamos tentar de novo.

Houve mais dois ensaios. O rosto do diretor começou a demonstrar desespero.

— Neely, você ficou fora do alcance das câmaras por duas vezes.

— Mas tenho de me movimentar quando canto.

— Certo, garota. Fazemos marcas de giz no chão, assim posso planejar a posição das câmaras.

— Não posso. Eu me movimento intuitivamente e sempre de maneira diferente.

E assim continuaram, hora após hora, ensaiando diante das câmaras. A maquiagem de Neely começou a escorrer e o cabelo-a grudar na cabeça. Às cinco horas da tarde, não tinham terminado o ensaio. O diretor deu alguns minutos de pausa para o jantar. Chegou perto de Neely e abraçou-a pelos ombros.

— Às seis horas faremos um ensaio tal como deverá ser o espetáculo, sem parar. Se você se enganar, continue cantando, temos de marcar o tempo. Em seguida, eu lhe comunicarei todos os erros e os cortes que deverão ser feitos; você terá tempo para maquilar-se e tomar fôlego antes de ir para o ar.

O ensaio final com o vestido pareceu a Neely um verdadeiro pesadelo. A luz vermelha das câmaras parecia pular constantemente,, e os cartões com as letras das músicas ficavam confusos debaixo das fortíssimas luzes. Começava a cantar uma canção com sentimento, sabendo que a entonação estava perfeita. Fechava os olhos. . ., de repente, abria-os em pânico. Lembrava-se de que não havia a maravilhosa câmara de Hollywood que registrava todos os seus gestos e que ninguém iria escolher as melhores cenas e juntá-las para o filme. Não. Agora havia apenas aqueles monstros de olho vermelho, que precisava seguir, e os enormes cartões com as palavras que ela perdia de vista cada vez que fechava os olhos. Onde estavam agora? Pulou uma frase da música, o diretor dissera para continuar assim mesmo. . . Deus, onde estavam os cartões? Na da esquerda, com a luzinha vermelha. Graças a Deus, a canção tinha terminado. E agora? Que dizia o cartão? Ah, sim; era a hora de Anne apresentar o produto. Graças a Deus, Anne já estava falando e ela podia respirar um pouco. Não, já devia estar nos bastidores, trocando de roupa, aquela era a pausa de três minutos. Lá estava a criada, acenando desesperadamente. Apenas três minutos para mudar de vestido, e Anne já estava na metade do anúncio. . .

— Não posso! — gritou. — Não posso fazê-lo! Como posso sentir uma canção, se tenho de me preocupar também com marcas de giz, câmaras e troca de roupas? Se acho, que devo fechar os olhos, então tenho mesmo de fechá-los. .. Não posso, não posso!

Kevin estava na sala de controle. Correu ao encontro do diretor. Os dois tentaram acalmar Neely.

— Não posso continuar. Farei o papel de uma idiota.

— Neely, você é uma profissional — implorava o diretor. — Quando o teatro ficar cheio de gente e você ouvir os aplausos, mudará de ideia.

— Não — soluçava ela. — Preciso de uma semana de ensaio com as câmaras. Não posso seguir oito coisas ao mesmo tempo e ser perfeita. Não posso me preocupar com marcas de giz e, ao mesmo tempo, observar os cartões e as câmaras. Não posso.

— Neely. — Anne pegou-a pelo braço. — Você se lembra daquela vez em Filadélfia? Você representou seu papel em *Tocando as Nuvens* no mesmo instante em que foi notificada.

— Eu não tinha nada a perder então — chorava Neely. — E era uma criança. Agora sou uma estrela, e se não for perfeita estarei acabada.

— Você estará ótima — repetia o diretor.

— Não e não! Não vou fazer o espetáculo.

— Neely, você tem de fazê-lo — desta vez era Anne. — O horário já foi comprado. . . começará dentro de uma hora.

— Eu não posso — continuava soluçando Neely.

— Então nunca mais conseguirá trabalhar — disse o diretor.

— E quem é que quer? Se eu nunca mais pisar num estúdio de televisão, ficarei feliz.

— Não falo só de televisão. Falo também do cinema, do rádio, do teatro. . . de tudo.

— Quem disse?

— Se você desiste de um espetáculo como esse, estará quebrando um contrato. Todos os sindicatos estão unidos para isso.

— E o que aconteceria se eu caísse morta?

O diretor sorriu friamente.

— Infelizmente, não acredito que esse seja o caso.

— Você não podia simplesmente anunciar que fui atacada de laringite? — pediu Neely.

O diretor suspirou.

— Neely, o médico do estúdio teria de examiná-la e, como a estação participa dos anúncios, o prejuízo seria tremendo. Agora, Neely, você tem uma hora para descansar antes do espetáculo. Vá para o seu camarim e não pense em nada. Descontraia-se e descanse.

Neely obedeceu e chamou rapidamente o hotel. Dez minutos depois, um mensageiro lhe entregava' um frasco cheio de pílulas

vermelhas.

— Agora, minhas bolinhas — disse Neely, olhando para as pílulas — façam o seu trabalho direitinho; desta vez não terão uísque para ajudá-las, para que não digam que eu estava embriagada. Engoliu rapidamente seis, enquanto se deitava e dizia baixinho: — Vamos, bolinhas. Hoje ainda não comi quase nada e vocês trabalham depressa num estômago vazio. . .

Em dez minutos, começou a sentir a cabeça leve, mas não achou suficiente. Assim ainda seriam capazes de acordá-la, com um café bem forte. . . Foi até o banheiro e tomou mais duas. Ouviu ainda os sons do público, que começava a encher o auditório, e da orquestra afinando os instrumentos. Engoliu mais duas. Ouviu alguém chamá-la pelo nome, ela já estava flutuando bem longe dali.

. .

Tiveram de projetar um filme em lugar do espetáculo. Anunciaram que o *show* de Neely O'Hara não seria transmitido devido a dificuldades técnicas. Kevin não denunciou o procedimento de Neely, mas a estação se encarregou disso. Acharam que Neely deveria ser um exemplo, pois uma porção de grandes cartazes tinham sido contratados para a temporada e, se ela não fosse punida, outros desastres poderiam ocorrer. Por isso, recebeu uma suspensão de um ano. Durante esse período, não poderia trabalhar no cinema, no rádio, em teatro, boate ou televisão.

No começo não se importou. Voltou para a Califórnia e permaneceu à beira de sua piscina. Os jornalistas a atacavam sem piedade. Declararam que ela era uma temperamental, insinuaram que estivera bebendo, e todos concordavam em que a carreira dela estava encerrada.

Às vezes permanecia dias inteiros na cama, até que sua governanta fazia com que se levantasse e fosse à piscina. Às vezes, de madrugada, saía de carro, à procura de um bar, onde pudesse tomar cerveja e misturar-se às pessoas, com um lenço amarrado à cabeça, sem pintura, para que ninguém a reconhecesse. Não se importava, tinha bastante dinheiro e podia ficar um ano sem fazer nada. Quando passasse o período da suspensão, voltaria à forma-antiga, e talvez fizesse um espetáculo na Broadway. Seria até

divertido. Surpreenderia a todos. Enquanto isso, poderia comer tudo que quisesse. . . beber também. E havia sempre as maravilhosas bolinhas amarelas e vermelhas. Tomava até umas novas, de listras azuis.

Anne ficou terrivelmente chocada com o procedimento de Neely. Seu instinto lhe dizia que deveria tê-la seguido à Califórnia, pois não estava em condições de ser deixada sozinha. Entretanto, seus compromissos na televisão não podiam ser ignorados, nem sua lealdade para com Kevin. Sentiu-se pessoalmente culpada pela desistência de Neely, que custara uma pequena fortuna. Ele teve de pagar pelo horário, pelos anúncios, pelos músicos, por tudo.

À medida que as semanas foram passando, sua preocupação por Neely foi anulada pelas constantes crises na televisão. Fazia testes em cores e, algumas vezes, o calor dos holofotes era simplesmente insuportável. Mesmo assim, nunca pensara em deixar a televisão, pois na verdade não havia outra coisa que desejasse fazer. Algumas vezes apareciam notícias nos jornais a respeito de Neely; algumas falsas, outras verdadeiras. Parecia que todos estavam convictos de que Neely passava por uma fase de autodestruição deliberada, e Anne não conseguia mais associar a imagem da atual Neely, nervosa e torturada, com a garota viva e feliz com quem morara, na Rua Vinte e Dois. Aquela era a Neely verdadeira. O fantasma que Hollywood criara desapareceria um dia, e a antiga Neely retornaria.

Parecia impossível que um ambiente pudesse mudar tanto uma pessoa. Ela, ao contrário, sentia-se igual à que chegara a Nova York, dez anos atrás. Sabia, porém, que se analisasse as coisas profundamente não acharia Nova York um conto de fadas. A Quinta Avenida já não lhe despertava emoção alguma; nem mesmo a gigantesca árvore de Natal, erguida no Rockefeller Center, um espetáculo. Todas as estreias, nos teatros ou nas boates, contavam sempre com as mesmas pessoas. Ainda assim, era um mundo bem mais interessante que o de Lawrenceville. Lá as pessoas hibernavam, enquanto a vida passava por elas. Pelo menos ali estava em cena, tomando parte nas coisas que aconteciam. Mas faltava alguma coisa. Às vezes, olhava-se demoradamente no

espelho, tentando ver-se objetivamente. Teria mudado? Agora usava mais maquilagem. Parecia incrível que tivesse ido ao Morocco usando apenas um pouco de pó e o batom. Agora sentia-se nua se não estivesse usando pintura, sombra nos olhos e lápis nas sobrancelhas. Quanto às roupas, ainda insistia que fossem simples e de cores neutras; as etiquetas, porém, eram de costureiros famosos. Há muito tempo trocara o casaco de *vison* de Jennifer por um outro, desenhado pelo mais famoso peleteiro de Nova York.

Certa vez, por um rápido momento, o tempo parecera não ter passado, a julgar pela expressão com que a olhara Allen Cooper. Encontraram-se acidentalmente no Colonial. Ela estava com Kevin e Allen lhes apresentou a esposa, uma jovem muito bonita, que usava um anel idêntico ao que Allen lhe dera um dia. Naquele momento, chegou até a pensar que o rapaz devia ter uma gaveta cheia deles, um para cada ocasião. Muitas vezes tinha imaginado o que faria, ou o que sentiria, se subitamente encontrasse Allen. E tal como acontece com as coisas longamente antecipadas, quando o encontro se deu, foi tudo natural e sem dramaticidade. Allen estava perdendo o cabelo, mas ainda usava gravata listrada e se fazia acompanhar por Gino. Este, sim, envelhecera muito, e ganhara um certo aspecto de fragilidade que algumas pessoas adquirem com a idade. Parecia estar sumindo a olhos vistos.

Sabia que Allen gostaria de parecer diferente; a velha admiração, entretanto, estava mais do que nunca presente em seu olhar.

- Anne. . . você está maravilhosa!
- Você também está ótimo, Allen.
- Nós sempre a vemos na televisão, não é, Gino?
- Claro, claro — respondeu Gino.

Houve uma pausa. Por Deus, será que depois de dez anos não havia nada mais a dizer?

— Allen sempre comenta a seu respeito quando vemos seus comerciais — disse a mulher de Allen.

— Fico contente em saber que me assistem; a maioria das pessoas aproveita para ir ao refrigerador buscar cerveja quando apareço.

— Não, sempre vejo os anúncios, embora não use os produtos Gillian, pois o meu maquilador diz que. . . — Parou subitamente, alertada pela pressão de Allen no seu braço.

Kevin veio em seu auxílio dizendo:

— Tenho certeza de que alguém tão jovem e bonita como a senhora não necessita do auxílio de cosméticos.

A moça enrubesceu com o elogio e sorriu.

— Que é que há com a nossa mesa? — reclamou Gino, impaciente. — Se tivéssemos ido ao El Morocco, em vez deste lugar, não estaríamos esperando aqui de pé.

O maître fez sinal a Kevin de que sua mesa estava pronta. Houve as despedidas de praxe, Anne e Kevin foram saindo, enquanto Gino continuava a falar sobre o péssimo atendimento e sobre a excelência do El Morocco.

Anne ficou um pouco triste. As pessoas se separavam, os anos passavam, encontravam-se novamente, e o encontro não era uma reunião, não propiciava lembranças alegres, unicamente a triste constatação de que as coisas já não eram tão boas como antes. Ficou contente por saber que Lyon continuava na Inglaterra. Detestaria encontrá-lo assim e verificar que perdia cabelo, e que-a moça que o acompanhava era jovem demais e insípida demais. O melhor era conservar intactas as boas recordações.

Pensou em Jennifer. Estaria com medo de voltar? No último momento, recusara a proposta da Century, resolvendo ficar na Europa. Estaria com medo de Hollywood? Por quê? Era uma das maiores estrelas da Europa e seus filmes faziam enorme sucesso nos Estados Unidos. Aparecia belíssima nas telas, se bem que Anne conhecesse todos os truques que se podia fazer com a iluminação; Jennifer tinha trinta e sete anos, apesar de toda a propaganda, que dava a ela dez anos menos. Talvez estivesse certa, Neely era um exemplo vivo de como Hollywood podia se tornar ameaçadora.

JENNIFER

1957

Sim, Jennifer tinha medo de Hollywood. Um medo mortal. Meio vidro de Seconal e uma lavagem de estômago convenceram Claude a não assinar o contrato no ano anterior. Entretanto, a oferta que chegara este ano era tão fantasticamente enorme, que simplesmente não podia ser rejeitada. Um milhão de dólares depositados num banco suíço, livres de impostos, por três filmes. Claro que a metade seria de Claude. Mesmo assim, meio milhão de dólares era uma grande quantia. Aos trinta e sete anos, a beleza dela ainda estava intacta, e as finas linhas que iam surgindo no seu rosto eram facilmente disfarçadas, com uma iluminação adequada. Claude daria a palavra final em tudo e providenciaria para que as câmaras fossem cobertas por lenços de seda, e que a iluminação fosse suave. Claro, haveria o perigo das fotografias. Os repórteres estariam no aeroporto, em Nova York, e uma grande recepção em Hollywood. O maior perigo eram as câmaras com *flashes*. Claude, entretanto, acharia um modo de evitá-las. Talvez fizesse uma entrada à La Garbo, escondendo-se dos fotógrafos.

Uma semana depois de ter assinado o contrato, Claude apareceu no apartamento de Jennifer, de manhã cedo.

— Recebi um telegrama dizendo que o dinheiro está depositado.

— Em contas separadas? — perguntou Jennifer.

— Sim. Aqui está o número da sua. Guarde-o num cofre. Já guardei o meu.

Ela se espreguiçou na cama, feliz.

— Não é maravilhoso? Posso ter férias de três meses antes de partir. Talvez vá a Capri, depois a Nova York. Usarei uma peruca preta e assistirei, com Anne, a todos os espetáculos. Afinal, poderei me divertir um pouco. Ah, será bom falar inglês novamente.

Claude puxou as cobertas da cama e pediu que ela se levantasse. Abriu então a janela e deixou que a luz do dia penetrasse no quarto.

— Você está maluco?

— Fique assim como está, perto da janela. Jennifer estremeceu. Estavam em setembro; o sol, fraco, esforçava-se por romper as nuvens que toldavam o céu de Paris.

— Sim, temos de fazer — suspirou Claude.

— O quê?

— Uma operação plástica.

— Você está mesmo maluco — disse ela, vestindo o roupão.

Ele a arrastou até o espelho.

— Muito bem, olhe-se aqui, à luz do dia. Não, não levante a cabeça nem sorria. Quero que se olhe em repouso.

— Claude, estarei sempre maquilada, e conheço bem os meus melhores ângulos. Ninguém terá oportunidade de me ver assim.

— Que me diz dos maquiladores, das cabeleireiras do estúdio. . . as notícias correm.

— Não acho que esteja parecendo exatamente uma bruxa. Na verdade, estou muito bem para os meus trinta e sete anos.

— Mas não aparenta vinte e sete.

Jennifer estudou a imagem que se refletia no espelho. Bem, uma pequena flacidez debaixo do queixo, não muito grande, na verdade, e desaparecia se ela levantasse o queixo; de outra forma era visível. Sim, percebia o que Claude queria dizer. Percebia-se aquela leve frouxidão da pele, que indica se estamos nos vinte e poucos... ou nos trinta e poucos. Não propriamente rugas ou linhas, era algo que dizia que o frescor da mocidade tinha passado. Não se notava isso num local com iluminação adequada, mas, enfim, a coisa estava lá. Talvez Claude tivesse razão. Mas, por Deus, uma operação de levantamento da face aos trinta e sete anos! Sempre tinha pensado em mulheres de caras lívidas e sessenta anos de idade quando ouvia falar em levantamento da face! Lembrou-se das vezes em que encontrara alguma monstruosidade de sessenta anos de idade, de rosto branco e esticado, e alguém murmurando: "Ela tem sessenta e cinco anos e fez operação plástica, mas não ajudou nada". Não, o risco era grande demais.

— Claude, não permita que Hollywood o deixe em pânico. Eu já vivi lá. Não é tão horrível quanto você pensa. Todo mundo lá tem medo de todo mundo. Eu me arranjarei.

— Não quero que você simplesmente se arranje — vociferou Claude. — Você é a causa do sexo na Europa, e toda a gente de Hollywood está esperando conhecê-la para compará-la com seus

próprios símbolos do sexo. La Monroe, Elizabeth Taylor e outras são jovens.

— Eu não sou Liz Taylor nem Marilyn Monroe. . . Sou Jennifer North. Sou eu.

— E o que pensa que você é? Apenas uma face e um busto bonitos. Isso é o que você é. Isso é o que você sempre foi.

— Não apareci nua nos meus últimos sete filmes.

— Não foi preciso, a imagem já estava criada. Você pode vestir até um saco de estopa, todos saberão o que há por debaixo dele. Conhecem de cor cada polegada do seu corpo e podem imaginá-lo, não importa o que você vista. Nunca pense que você tem qualquer outra coisa para oferecer.

— Se é assim, essa imagem existe também nos Estados Unidos, pois todos viram os meus filmes lá.

— Jennifer, você então não confia no meu julgamento? — Agora se mostrava mais gentil. — Claro que você tem algo diferente. Há muitas estrelas nuas no cinema europeu, nenhuma delas pode sequer se comparar a você, porque você tem um ingrediente extra, isto é, uma doçura juvenil que nenhuma garota francesa parece ter. Elas podem ser picantes, travessas, ingênuas, só você tem o frescor da garota americana. Mas esse frescor só pode ser possível com muita juventude, e com o rosto jovem. A despeito do seu cabelo platinado e do seu busto sensual, existe alguma coisa em você que dá a impressão de inocência e até de infantilidade. . . quase de pureza. No momento, nenhum problema com o seu corpo, ainda é esplêndido. Mas você terá de perder cinco quilos.

— Isso não! Veja o que aconteceu com Neely. Agora estou tomando de três a quatro pílulas para dormir, quero me manter sem olheiras, e não vou começar a tomar pílulas para reduzir o apetite. Meço um metro e setenta e estou pesando cinquenta e sete quilos. Não acha que estou suficientemente magra?

— Para as cenas de nu, sim. Não para o guarda-roupa de alta-costura com que pretendem vesti-la. Não vai tomar pílula nenhuma para emagrecer; irá para a Suíça, para uma cura de sono.

— Essa cura de sono não é para esgotamento nervoso?

— Para emagrecer, também. Já os informei de que você deseja perder cinco quilos. Para isso, terá de dormir durante oito dias; quando acordar, estará descansada, magra e linda. Depois disso, haverá provavelmente mais flacidez em sua face; então, pensaremos na operação plástica.

Viajando através das montanhas de Lausanne, Jennifer pensava em Maria. Tudo parecia ter acontecido há tanto tempo e, no entanto, ela se lembrava com muita clareza.

A clínica era belíssima. Registrou-se com um nome suposto e apenas algumas pessoas de confiança conheciam sua verdadeira identidade.

— Você não deve absolutamente se preocupar — dissera o médico-chefe. — Você dormirá, mas nós faremos com que se levante para as refeições, e uma enfermeira estará ao seu lado durante todo o tempo. Vai comer sem perceber, passeará pelo quarto e será levada ao banheiro, e não saberá nada disso. Um pouco de exercício é necessário para o bom funcionamento dos pulmões. A enfermeira mudará a posição do seu corpo a cada hora. Quando acordar, terá perdido quilos.

Jennifer sorriu.

— E terei também perdido uma semana da minha vida. Sabe, sempre imaginei que essas curas de sono só eram usadas para distúrbios emocionais.

— É verdade. Claro que não pode curar perturbações que tenham raízes profundas, que levaram anos para se formar. Para isso, existe a terapia psiquiátrica e até o eletro-choque. Mas a cura do sono é ótima para depressões. Vou lhe dar um exemplo. Temos aqui uma senhora, casada com um grande diretor de cinema de Hollywood. Um de seus filhos menores caiu na piscina e morreu afogado. Ela está inconsolável, incapaz de encarar o futuro. Seu marido e os amigos têm sido muito compreensivos e ela mesma sabe que o tempo acabará cicatrizando a ferida; no momento não pode suportar essa ideia. Sente que não será capaz de viver durante os meses e mesmo anos que serão necessários para diminuir a intensidade da dor que experimenta agora. Aí é que uma cura de sono pode ajudar. Façamos de conta que o nosso cérebro é

composto de vários nichos e que cada nicho carrega um pensamento ou uma lembrança. Se nós começamos a pensar unicamente em determinada coisa, então o pensamento ficará gravado indelevelmente, e quando o pensamento cessa, o nicho correspondente começa a se esvaziar e com o tempo é eliminado. A enorme tragédia da perda do filho está profundamente gravada na mente dessa senhora. Com três semanas de sono, essa ferida começará a cicatrizar. Quando acordar, terá consciência de que perdeu um filho, mas a dor insuportável passou. O alívio que viria durante uns cinco anos será conseguido em apenas três semanas, e isto livrará a pobre mulher de anos de angústia. Jennifer sorriu.

— Muito bem, se algum dia eu me transformar numa gorducha infeliz, farei a cura das três semanas. No momento, quero apenas perder cinco quilos.

— Em oito dias terá conseguido isso.

Tudo foi muito simples. Uma enfermeira sorridente trouxe-lhe uma taça de champanha para ajudá-la "a ter bons pensamentos e a dormir". Enquanto bebia, apareceu um jovem médico. Mediu sua pressão e conferiu seu pulso, antes de aplicar-lhe uma injeção. Jennifer largou o copo. Nunca havia experimentado uma sensação como aquela. Começava na ponta dos pés e ia subindo pelas pernas, pelas cadeiras e, subitamente, sentiu-se no ar, flutuando; depois, não sentiu mais nada.

Devia ter dormido a noite toda, pensou. O sol entrava no quarto quando abriu os olhos. A enfermeira apareceu, carregando a bandeja do café. Jennifer sorriu.

— Me disseram que eu dormiria durante as refeições, mas estou completamente acordada.

— Acontece que você dormiu durante as refeições — disse a enfermeira sorrindo.

— Então por quanto tempo dormi?

— Oito dias.

— Então quer dizer. . . — Sentou-se na cama, espantada.

A enfermeira concordou.

— Sim, a senhorita perdeu cinco quilos.

— Que coisa divina! — exclamou Jennifer. — Deus, que invenção esta!

Voltou a Paris e Claude estava radiante.

— Já combinei a operação de levantamento da face.

Desta vez ela não discutiu. A rápida perda de peso deixou-a um tanto encovada. De repente, Claude disse:

— Dispa-se.

Ela o olhou surpreendida.

— Claude, isto está morto entre nós há muitos anos.

— Não é nada do que você está pensando — disse ele irritado. — Só quero verificar se a perda de peso causou algum dano ao seu corpo.

Jennifer tirou a roupa.

— Acho que não. Além disso, que diferença pode haver? Não vou mesmo fazer filmes sem roupas em Hollywood.

Claude inspecionava clinicamente o seu busto.

— Já combinei também algumas injeções de hormônio para os seus seios, para conservar sua firmeza. Essas injeções serão dadas enquanto você convalescer da operação plástica.

— E onde terá lugar todo esse espetáculo?

— Não é fácil, mas consegui. Você irá à Clínica Plástica amanhã, usando nome suposto.

Claude tinha razão. Não foi fácil. Uma operação bastante desagradável e um período de convalescença que exigiu tudo dela. Seis semanas de isolamento, olhando para o rosto inchado e cheio de manchas, os olhos injetados de sangue, e os horríveis pontos negros atrás das orelhas. Preocupou-se o tempo todo, imaginando se algum dia voltaria ao normal, se cometera algum erro. Aos poucos, contudo, os pontos foram sendo retirados e as cicatrizes passaram de um vermelho vivo a um rosa suave, que empalidecia dia a dia. O inchaço desapareceu e o ânimo de Jennifer ressurgiu. Claude tinha razão. A operação foi um enorme sucesso. Ela mesma não se lembrava de ter um rosto tão perfeito aos vinte anos. Não que parecesse ter vinte anos agora, mas estava linda. Nenhuma linha em seu rosto, e a pele esticada estava impecável. Tinha certeza de que poderia passar pelo exame mais minucioso que lhe fizessem em Hollywood.

Chegou ao aeroporto de Nova York num claro dia de dezembro. Agradeceu mentalmente a Claude, quando os repórteres começaram a espocar os *flashes* em seu rosto. Notou que vários jornalistas a examinavam detidamente, e ela sorria confiante. Não sentia medo da luz do sol ou dos olhares minuciosos, sabia que a sua aparência estava perfeita. Os jornalistas também acharam isso, todos comentaram que, em pessoa, ela era ainda mais bonita do que nos filmes.

Insistiu em permanecer em Nova York uma semana, para estar com Anne. Falaram durante horas sobre os inúmeros romances de Jennifer. Por fim, Anne contou o seu caso com Kevin.

Jennifer suspirou.

— Não me importa que você diga que ele é formidável, eu o considero um patife por não se casar com você.

— Isso não tem a menor importância — insistia Anne. — Não estou apaixonada por ele, e assim é melhor.

— Vejo que você ainda procura o amor romântico, não é? — perguntou Jennifer. — Sabe, Anne, cheguei à conclusão de que uma

mulher pode amar ou ser amada, mas dificilmente as duas coisas ao mesmo tempo.

— Por quê?

— Não sei. Tudo me faz acreditar que as coisas são assim. Você, por exemplo: Allen a amava e queria casar com você. E Kevin a ama. Mesmo assim você pode abandonar qualquer um deles sem sentir nada. Mas você amava Lyon. . . e ele foi capaz de abandoná-la.

— Não. . . eu fui a culpada de tudo. . . Se você soubesse quantas noites, mesmo agora, permaneço acordada, imaginando o que deveria ter feito para que desse tudo certo.

— Teria concordado em ficar em Lawrenceville?

— Claro. Não seria para sempre. A carreira de Lyon como escritor teria sido a mesma. Seu primeiro livro fez grande sucesso e obteve boa crítica, mas não fez dinheiro. Então, teria escrito aquele horrível livro comercial, depois mais alguns e, finalmente, escreveria enredos para o cinema. É isso o que ele faz em Londres agora. O mesmo aconteceria aqui, só que ele estaria em Nova York, escrevendo para a televisão, ou em Hollywood. De qualquer maneira, estaríamos juntos. Mas eu entrei em pânico; se tivesse tido tempo para pensar. . .

— Um homem que pode ir embora assim. . . Anne, não acredito que ele se importasse muito com você.

Anne disse firmemente:

— Ele me amava. Tenho absoluta certeza.

— Claro, da mesma forma que Allen pensava que você o amava. Da mesma forma que Kevin imagina que você o ama. Esse, então, tem tanta certeza de você que acha, que não precisa pedi-la em casamento. Anne, se você acha mesmo que Kevin a ama, deve fazer com que ele se case com você. Ser amada é uma coisa bastante rara. A mim, nunca aconteceu.

— Ora, Jen. A Europa toda a ama. E agora você terá também a América.

— Amam meu rosto e meu corpo, não a mim. Há uma diferença tão grande nisso, Anne.

— Eu, por exemplo, Jen, a amo.

— Pena não sermos "diferentes". Faríamos um belo casal.

Anne riu.

— Se fôssemos, talvez não desse resultado, você mesma disse: um ama e o outro é amado. Ou talvez seja diferente com as lésbicas.

Jennifer olhou para longe. . . Não, mesmo entre elas, uma ama e a outra é amada.

— Muito bem, você tem Kevin, eu tenho Hollywood.

— Mas você está adorando o seu sucesso, não está? — perguntou Anne.

Jennifer sacudiu os ombros.

— Às vezes. Mas odeio o trabalho. Nunca fui uma mulher de carreira. Não sou uma atriz dedicada. E sempre tive a minha porção de publicidade, primeiro com o príncipe, depois com Tony. No fim, vejo que tudo se resume nisso: não fui eu realmente quem conseguiu o príncipe, Tony ou a minha carreira. Meu corpo e meu rosto fizeram isso por mim. Por Deus, daria a minha vida por alguém que me amasse pelo que eu sou.

— Se é isso que deseja, Jennifer, você vai consegui-lo. Tenho certeza disso.

Jennifer agarrou a mão de Anne.

— Reze para que isso aconteça, Anne. Desejo sair dessa corrida de ratos. Quero um homem que me ame, e quero um filho. Não é tarde demais. Reze para que eu encontre o homem certo e possa mandar Claude e todo o resto para o inferno.

ANNE

*1960*

Kevin Gillmore sofreu um grave ataque de coração na primavera de 1960. Durante duas semanas, teve de permanecer inerte dentro de uma tenda de oxigênio. No momento em que se sentiu mais forte, pegou na mão de Anne e perguntou:

— Anne, acha que escaparei?

Ficou mais sossegado quando ela apertou sua mão e concordou com a cabeça.

— Prometa-me uma coisa — sussurrou ele. — Se escapar, você se casa comigo?

Ela forçou um sorriso não comprometedor.

— Não fale, Kevin. Apenas descanse e fique bom logo.

Lágrimas vieram aos olhos dele.

— Por favor, Anne. Tenho medo. Não posso encarar o futuro sozinho. Por favor. . . sei que só vou ficar bom se souber que você se casará comigo, que estará sempre ao meu lado.

— Kevin, você vai ficar bom, mas precisa descansar.

— Sei que é muito tarde para os filhos que queria ter, Anne. Eu lhe darei todo o resto, venderei a fábrica e viajaremos . . . Mas diga que se casará comigo.

Anne sorriu.

— Muito bem, Kevin. Prometo.

Anne permaneceu ao lado de sua cama durante seis semanas. À medida que ele se sentia mais forte, falava no casamento, nas coisas que fariam, e como ele a compensaria por tudo. Anne se resignou. Por que não se casar com Kevin? Que mais poderia esperar? Tinha agora trinta e cinco anos. Bom Deus, trinta e cinco anos! Como é que isso aconteceu? Ela se sentia sempre a mesma por dentro; de repente, porém, verificava que fizera trinta e cinco anos e que o tempo corria. Um ano se diluía no outro, tanta coisa tinha acontecido, e todavia tão pouco. Perdera sua chance para o grande amor e para os filhos. Mas havia outras compensações: era rica e independente. Seu investimento original se multiplicara várias vezes, Henry empregara o dinheiro em vários negócios, sempre com êxito. Todos os anos, Kevin lhe dava ações da companhia, que duplicavam de valor. Não, nenhum problema de dinheiro. Mesmo que nunca mais trabalhasse, poderia viver muito bem, era uma mulher rica.

Aliás, dinheiro nunca fora o seu problema. Mesmo no começo, guardava cinco mil dólares no banco. Nunca era como Jen, que precisava mandar dinheiro para a mãe; Jennifer precisava se sair bem, custasse o que custasse. Anne estava muito feliz com o sucesso da amiga em Hollywood: estrelara cinco filmes maravilhosos, todos coloridos. As cenas de canto eram dubladas, as

de dança, a distância, também; era o rosto de Jennifer, porém, que aparecia nas tomadas a curta distância. O nome dela fora ligado ao de um diretor e ao de um ator, e diziam que sua última conquista era um produtor. Pelas cartas e pelos telefonemas, Anne sabia que ela ainda estava procurando.

Quando sua estada no hospital chegava ao fim, Kevin começou a programar a lua-de-mel.

— Você tem certeza de que não se importará em deixar o seu trabalho? — perguntava ansiosamente.

— Meu trabalho? — Anne riu. — Kevin, você sabe muito bem que recebi tudo de você numa salva de prata.

— Não é verdade. Eu a ensinei a posar, você fez o resto. Você sempre foi ótima. Deu grande lucro à companhia.

— Bem, acho que a companhia sobreviverá se eu me retirar.

Apertou a mão dela.

— Eu a amo, Anne. Venderei a companhia e. .. — Anne concordou.

— Agora, descanse. Planeje nossa lua-de-mel enquanto eu não estiver aqui.

Ele apertou mais forte a mão dela.

— Você tem de ir?

— Ainda estou trabalhando para você. E temos um espetáculo esta noite.

— Anne, não sei se você sabe. . . Não poderá haver nada de sexo entre nós por enquanto, ou talvez nunca mais.

— Não se preocupe com isso, Kevin.

Começou a soluçar.

— Vou perdê-la. Sei que vou.

Anne sentiu quase repulsa por esse homem a quem a doença roubara a dignidade. Bateu no seu ombro gentilmente.

— Estarei sempre com você, Kevin. Prometo.

Kevin voltou novamente ao seu escritório no mês de agosto, cheio de vitalidade. Os dias terríveis passados na tenda de oxigênio não eram agora mais que uma lembrança. Muito bem, a doença não o derrubara. Sentia-se melhor do que nunca. O repouso lhe fizera

bem, ia se casar com Anne. Ficar sozinho assustava-o, às vezes. Digamos que alguma coisa acontecesse durante o sono?

— Estou me esforçando para fazer o melhor negócio possível com a companhia — dissera a Anne. — Quero doze milhões de dólares e a presidência honorária. Preciso ter certeza de que a companhia manterá a mesma classe de sempre; afinal, tem o meu nome. Penso que poderei resolver tudo no começo do próximo ano; em fevereiro no máximo. Mas, se você quiser, poderemos nos casar imediatamente. . .

— Já que esperamos tanto tempo — Anne sorriu —, vamos fazer tudo direito. Quero me casar e sair para a lua-de-mel.

— Então, fevereiro. Casamos e saímos para uma longa lua-de-mel ao redor do mundo.

— Ao redor do mundo? Não apenas Londres, Paris, Roma? Também o Oriente, a Índia, a Grécia, a Espanha?

— Claro. Notei que você falou na Espanha. Muito bem, vamos virar a Espanha de pernas para o ar e achar Neely. Prometo.

Anne se preocupava constantemente com Neely. Depois do vexame na televisão, Neely ficou parada durante o ano que durou sua suspensão. Então, com enorme campanha publicitária, foi contratada para fazer um grande filme colorido para um dos principais estúdios cinematográficos. Estava magra, elegante, exuberante. A volta de Neely O'Hara foi um grande acontecimento. Após algumas semanas de filmagem, entretanto, começaram a circular boatos, pelas colunas dos jornais, os rumores de costume: Neely estava atrasando a filmagem, Neely estava adoentada, Neely tinha laringite. No fim, estourou a bomba: o filme seria suspenso, com um prejuízo de meio milhão de dólares! Mais uma vez, foi chamada de irresponsável. Houve até boatos de que ela perdera a voz.

Dez dias depois, sem qualquer aviso, apareceu no apartamento de Anne. Sem um tostão, mas seus advogados estavam providenciando a venda da casa, o que lhe renderia muito dinheiro. Anne consentiu que viesse morar com ela, apesar de saber das dificuldades que ia lhe causar. A televisão obrigara Anne a uma vida muito regrada: hora certa para estudar os textos, hora certa

para os ensaios e sempre reservava algumas horas para um completo descanso antes de enfrentar as câmaras.

Neely se intrometeu como um ciclone. O telefone não parava de tocar e um fluxo constante de jornalistas exigia entrevistas exclusivas. Grande número de admiradores fazia cerco constante ao edifício. Anne, porém, sabia que Neely precisava muito dela e que ela ficaria por poucas semanas. As poucas semanas acabaram se transformando em meses, e o apartamento estava sempre em completa desordem. Anne perdeu três empregadas, Neely quebrou um abajur e uma mesinha, caminhando meio inconsciente pela sala. Anne vivia constantemente esvaziando vidros e mais vidros de pílulas, enquanto Neely parecia ter um estoque sem fim e lugares incríveis para escondê-las. Quando não estava dormindo, sob o efeito de sedativos, andava descalça pelo apartamento, com uma garrafa de uísque na mão, amaldiçoando Hollywood.

Kevin insistiu para que se mudasse e ela foi para a suite de um hotel às expensas dele. Kevin deixou bem claro que ela poderia ficar lá durante o tempo que quisesse.

Quando recebeu o dinheiro da venda da casa, Neely saiu misteriosamente do hotel. Algumas semanas depois, contudo, ressurgiu numa delegacia de polícia de Greenwich Village, onde foi acusada de perturbar o sossego público com as festas que dava em seu apartamento. Estava irreconhecível nas fotografias dos jornais: gorda, inchada, os olhos injetados, o cabelo caindo sobre os olhos.

Anne correu para ela. Neely estava instalada num luxuoso apartamento da Quinta Avenida, mas o lugar parecia um quarto barato; repleto de garrafas de uísque vazias, a maior parte dos móveis estava quebrada, manchada ou queimada por pontas de cigarro. A roupa de cama estava tão amarrotada que parecia não ter sido mudada desde que Neely ocupara o lugar.

— Me deixe morar com você, Anne — balbuciava Neely. — Tenho muito dinheiro, mas não suporto ficar sozinha. Por isso é que dou festas. Veja o que fizeram do meu apartamento. Este lugar era lindo quando o aluguei. A dona do apartamento está me processando pelos danos, e eu tenho de sair daqui. . .

— Neely, você tem de tomar juízo. Falei com seus agentes, eles acham que você é ainda um grande nome, que poderia estrelar um espetáculo na Broadway.

— Não, lembre-se de que sou irresponsável. Ninguém confiaria em mim.

— Se você resolvesse fazer o espetáculo e provar que não é irresponsável, todos mudariam de opinião.

— Não posso cantar, Anne. Perdi a voz.

— Ninguém conseguiria cantar, vivendo como você vive. Você não devia fumar, Neely, está fumando muito, mais do que eu. Escute: por que não procura se internar por alguns dias num hospital. . . ?

— Não, isso não! É o que o meu novo psiquiatra, o Dr. Gold, quer que eu faça. Insiste para que eu vá passar uns tempos numa fazenda de repouso, em Connecticut, a mil dólares por mês. Acontece que não estou maluca. Sou apenas muito infeliz.

— Muito bem, então por que não em um hospital comum, como o Monte Sinai ou o Doctors? Deixe que eles a desintoxiquem dessas pílulas, que regulem sua vida.

— Não. Quero morar com você. Prometo que não tomarei nenhuma pílula. Juro.

Anne já ouvira as mesmas promessas outras vezes, mas prometeu pensar no assunto. Mais tarde, telefonou para o médico de Neely. O homem estava preocupadíssimo com o estado dela. Concordou em que algumas semanas num hospital ajudariam, mas não era a solução. Neely precisava de tratamento psiquiátrico urgentemente.

Nessa noite, Neely desapareceu. Com certeza, ficou apavorada com a perspectiva de se ver confinada. Ninguém soube. Tinha em seu poder mais de cem mil dólares, mas, do jeito que gastava, até essa quantia não duraria muito tempo. Surgiu de repente em Londres e os jornais noticiaram sua chegada nas primeiras páginas, dando-lhe as boas-vindas. Compareceu a várias festas e foi contratada para o Palladium; no último momento, cancelou a apresentação. Surgiram então várias histórias sobre sua presença na Espanha, onde parece que ficou residindo. Fez um filme lá, que

recebeu muita publicidade, e nunca foi exibido. Seu nome foi, aos poucos, desaparecendo dos jornais. As cartas que Anne escrevera foram devolvidas com o carimbo de "endereço desconhecido". Neely parecia ter se evaporado.

JENNIFER

*1960*

Jennifer chegou a Nova York no fim de novembro, sem publicidade alguma. Anne ficou surpreendida com o telefonema da amiga.

— Preciso falar com você, Anne — disse Jennifer alegremente.  
— Estou hospedada no Sherry.

— Estarei aí num minuto. Aconteceu algo de errado?

— Não, tudo está perfeito. Divino! Anne, soube que Kevin está vendendo a companhia. Quando será o casamento?

— Marcamos para 15 de fevereiro.

— Ótimo. Talvez possamos fazer uma cerimônia dupla.

— O que foi que disse, Jen?

— Venha para cá. Olhe que estou falando de um hotel.

Jennifer estava impaciente quando Anne chegou.

— Já mandei preparar uns sanduíches e uns refrescos. Vamos ter um bate-papo comprido, como antigamente. Você tem tempo?

— A tarde inteira, Jen. Quem é ele?

Os olhos de Jennifer brilharam.

— Anne, estou tão feliz! Até não me importo de fazer quarenta anos na próxima sexta-feira. Ainda posso ter filhos, e, francamente, ter quarenta anos não tem a menor importância agora.

Quarenta! A palavra foi um choque para Anne. Jennifer com quarenta anos de idade! A aparência dela era maravilhosa! Lembrou-se de como Helen Lawson parecia velha aos quarenta anos e de como sua própria mãe parecia acabada aos quarenta e dois. Jennifer ainda tinha um corpo perfeito e a pele lisa. Parecia ter vinte e cinco anos.

— Você se lembra quando assisti ao comício do Partido Republicano, pouco antes da convenção? perguntou Jennifer.

— Se me lembro. Kevin até disse que você foi a culpada da adesão de alguns democratas. — Anne riu.

— Muito bem, isso tudo foi publicidade que o estúdio arranjou. Eu disse que faria qualquer coisa se eles conseguissem me libertar de Claude. Custou um bocado caro, mas conseguiram. Não imagina como eu estava farta de vê-lo me tratar como se fosse apenas uma coisa que rendia dinheiro. Não que o estúdio seja diferente, mas eles fazem as coisas com mais delicadeza. Fingem até que eu tenho talento, imagine. — Jennifer não conteve uma risada.

— Ora, Jen, você esteve ótima em seu último filme.

— Também achei que não estava tão mal. Foi o meu primeiro filme sério. Mas está dando prejuízo.

— Isso não significa nada. Todas as grandes estrelas fazem, de vez em quando, um filme que dá prejuízo. O seu nome estava no terceiro lugar na lista dos maiores sucessos de bilheteria no mês passado.

Jennifer sacudiu os ombros.

— Ouça, se eu não tivesse encontrado quem encontrei, então estaria em estado de choque nesse momento. O pessoal do estúdio está histérico, imaginando que isso tenha consequências no filme que farei em seguida. Todos estão correndo para contratar o melhor roteirista, o melhor dire-tor, os melhores escritores. Eu poderia estar me importando menos. Esta manhã, descobri duas pequenas rugas sob os meus olhos e nem isso conseguiu me preocupar.

— Quem é ele? — insistiu Anne.

Jennifer empurrou o sanduíche que mal havia tocado, e começou a tomar o refresco.

— Bem, você se lembra daquele grande baile em Washington? Ele estava lá. Nós nos encontramos em todas as recepções e coquetéis. Sempre foi muito gentil comigo, mas não caiu logo por mim, como acontece com os outros. Ficava sempre a certa distância, mas. . .

Anne estava ficando exasperada:

— Quem é ele, Jen?

Os olhos de Jennifer quase se fecharam; ela ficou observando a reação de Anne quando murmurou:

— Winston Adams.

Anne quase explodiu.

— Você quer dizer, o senador?

Jennifer fez que sim.

— Você. . . e Winston Adams!

Jennifer se levantou de um pulo e deu a volta no quarto.

— Sim! Winston Adams: senador, membro do Registro Social, e milionário. É milionário há várias gerações. Mesmo que ele não tivesse um centavo, não teria a menor importância. Eu o amo!

Anne recostou-se. Winston Adams! Cinquenta anos, muito atraente, brilhante e imensamente popular.

— Mas, Jen, ouvi dizer que ele é a grande esperança dos republicanos para concorrer à Presidência.. .

— Sim, e renunciou a isso tudo por mim.

— Como foi que aconteceu?

Os olhos de Jennifer tomaram uma expressão suave.

— Bem, como eu disse, nós nos conhecemos. Conheci dúzias de senadores e tirei fotografias ao lado de todos eles. Com exceção de Winston Adams. Ele se recusou a ser fotografado ao meu lado.

— Muito inteligente — retrucou Anne. — Ótima maneira de atrair a sua atenção.

Jennifer sacudiu a cabeça.

— Não, ele foi sincero nisso também. Na véspera do dia em que devia partir, ele telefonou e me convidou para jantar, queria falar comigo. Nessa noite, fui ao seu apartamento pensando que havia uma grande festa — o jantar era só para nós dois.

— O coração dele é democrata — sorriu Anne.

— Não, não aconteceu nada. Nem ele tentou. Havia lá um empregado durante o tempo todo. Foi quando me explicou que não teve a intenção de ser grosseiro quando se recusou a posar comigo, que simplesmente não era do feitio dele. Começamos a conversar e ele me perguntou uma infinidade de coisas, e ouviu tudo o que eu dizia com grande interesse. Falamos sobre Paris. Ele frequentara a

Sorbonne, na juventude, e queria saber as mudanças que a cidade sofrera desde a guerra.

— Por que fizeram tanto segredo? — perguntou Anne. — Ele não é casado.

Jennifer sorriu.

— Não será mais segredo agora. Na semana passada, fez dois anos que a mulher dele morreu, achava que não ficaria bem dar a notícia antes disso.

— Está bem. Ouvi dizer que eram muito dedicados um ao outro.

— Só na aparência. Foi um desses casamentos arranjados, como seria o seu se tivesse ficado em Lawrenceville. Ambos de ótimas famílias, com muito dinheiro. Claro, ele achou que a amava quando casaram. Mas ela era de temperamento muito frio e odiava o sexo. Não que isso seja a coisa mais importante entre nós — disse Jennifer rapidamente. — Ele saiu comigo durante dois meses sem ao menos tentar. Nós nos encontramos em lugares pouco concorridos, Kansas City, Chicago. . . e eu usava uma peruca negra. Aí, ele veio passar uma semana na Califórnia e. . . aconteceu. Anne, ele é divino! Tão delicado e gentil. E me ama pelo que sou. Ficou pasmado quando viu meu busto. Pensou sempre que era postiço. E nunca assistiu a nenhum dos meus filmes feitos na Europa. Anne, é o primeiro homem que se apaixona por mim, e não pelo meu corpo. No começo, era tão tímido que hesitava em me tocar. Agora. . .

— Descobriu o sexo — disse Anne sorrindo.

— Age como se o tivesse inventado. O melhor de tudo é que ficou atraído por mim sem isso. E depois, Anne, quer ter filhos. A mulher dele era um daqueles tipos equinos de Maryland, de peito achatado, nunca teve filhos.

— Mas, Jen, ele não é bem um jovem, e o que a faz tão certa de que terá filhos?

— Olhe, eu já fiz sete abortos. Todos os meus órgãos são perfeitos; quando eu disse a Win que queria largar a carreira e ter filhos, ficou tão feliz que chorou. Chorou de verdade, Anne. Sempre achou que a vida passou por ele sem lhe dar aquilo que ele realmente queria, isto é, uma mulher que pudesse amar, e filhos. Por

isso é que se afogava em trabalho. Agora não se importa se o nosso casamento destruir a sua carreira. Diz que os republicanos não elegerão um presidente nos próximos oito anos, e não podem cassar o seu mandato de senador só porque vai se casar com uma estrela de cinema. Tudo o que ele quer é o que eu quero: um lar e filhos.

— Ele sabe sua verdadeira idade?

Jennifer sacudiu a cabeça concordando.

— Ficou encantado. Claro que não lhe contei sobre a operação plástica. Melhor não assustá-lo. Achou bom eu não estar na casa dos vinte, pois então poderia achá-lo velho demais. Uma vez, quando fui visitá-lo em sua fazenda, passei o fim de semana usando rabo de cavalo e nenhuma pintura — ele me achou maravilhosa. Oh, Anne, é tudo tão divino! Na semana que vem, irei a Hollywood jogar a bomba. Terminarei meu próximo filme, pois já filmaram os exteriores, já provei o guarda-roupa, e direi a eles que isso é tudo, mesmo que gritem muito. Nunca mais trabalharei no cinema, e não me importo.

— Quando será o casamento?

— Bem, a partir dessa noite sairemos juntos em público. Vamos ao teatro e depois a um jantar no 21, com o Senador Belson e senhora. Provavelmente estaremos em todos os jornais amanhã, e Win vai timidamente declarar que estamos noivos.

Anne sorriu.

— Então nos veremos lá, nós também vamos ao 21 para cear. Provavelmente você estará lá quando chegarmos. Vamos com algumas das pessoas que estão comprando a companhia de Kevin.

Jennifer apertou a mão da amiga.

— Oh, Anne, não acha maravilhoso? Nós vencemos! Conseguimos sucesso, segurança, e um homem que nos ama e respeita.

Anne sorriu, mas sentiu um nó na garganta.

Quando se encontraram, nessa noite, no 21, Jennifer resplandecia e Anne teve de admitir que o Senador Winston Adams tinha uma aparência imponente. Bem alto, cabelos grisalhos, um porte atlético que sugeria ginástica diária. Jennifer veio à mesa deles

para as apresentações costumeiras, com o senador fazendo questão de ser gentil com Anne:

— Sinto como se já a conhecesse. Além de vê-la sempre na televisão, Jennifer fala muito de você.

Anne ficou observando Jennifer durante muito tempo. Os olhos da amiga quase não deixavam a face do senador. Havia adoração neles, e demonstravam um amor genuíno. Anne sentiu inveja dela quando olhou para Kevin. Graças a Deus, ele tinha se recuperado. Era tão bom e generoso e, no entanto, não conseguia sentir nada por ele. Do contrário, poderiam estar casados há muito tempo. Com Lyon fora diferente; ela até se oferecera para sustentá-lo. Queria ficar com ele durante todos os segundos de sua vida, adivinhar seus pensamentos. . . Mas, por Deus, por que ainda pensava nele? Como dizia sempre Henry, continuava "apaixonada por uma imagem.

No dia seguinte, Jennifer estava na primeira página dos jornais. O Senador Adams declarou que se casariam no começo de 1961. Em grande estado de agitação e felicidade, Jennifer voltou a Hollywood, para fazer seu último filme.

### *1961*

Jennifer retornou a Nova York na primeira semana de janeiro. O Senador Adams ficou em Washington por alguns dias e Anne ajudou a amiga na compra do enxoval.

— Quero tudo diferente — insistia Jennifer. — Tudo lindo, mas que não chame a atenção. Você tem de me ajudar, Anne.

Estavam na cabina de provas da Bergdorf, quando, de repente, Jennifer encostou-se à parede, perguntando:

— Anne, você tem uma aspirina? — Estava terrivelmente pálida, com os olhos dilatados. A vendedora correu em busca da aspirina enquanto Jennifer sentava-se. — Pare de fazer essa cara horrorizante, Anne. Toda essa agitação fez com que o meu período se adiantasse, sinto dores terríveis.

Anne voltou ao normal e disse:

— Você me assustou mortalmente.

— A dor já passou. Tenho a impressão de que é isso que a gente sente para dar à luz. Pela amostra, acho que vou procurar um médico adepto do parto sem dor para ter meus filhos.

A vendedora apareceu com a aspirina, acompanhada da gerente da casa, visivelmente preocupada.

— Também sofro disso — disse a mulher. — Às vezes quase subo pelas paredes. Ainda bem que é só uma vez por mês.

— Você tem sorte — disse Jennifer. — Ultimamente, tenho passado por isso cada duas ou três semanas.

Jennifer escolheu três vestidos. A vendedora agradeceu, pediu um autógrafo para a sobrinha e lhe desejou boa sorte.

Mais tarde, quando estavam na Palm Court, tomando uma bebida, Anne perguntou casualmente:

— Quando foi que você se submeteu a um exame médico completo pela última vez, Jen?

Jennifer ficou pensando um pouco:

— Deixe-me ver: meu último aborto foi há quatro anos, na Suécia, onde é legal. O doutor me disse, na ocasião, que eu tinha uma saúde de ferro.

— Bem, acho que deveria fazer um exame. O meu médico é ótimo.

— Sim, talvez eu faça isso.

O Dr. Galen estava muito calmo enquanto preenchia a ficha de Jennifer. O exame interno terminara e ela estava sentada defronte à mesa do médico.

— Há quanto tempo vem acontecendo isso?

— Há alguns meses. Não liguei importância, mas Anne insistiu tanto para que eu viesse consultá-lo. Como vou me casar na próxima semana, achei bom saber se tudo estava em ordem; pretendo começar a ter filhos imediatamente após o casamento.

— O senador está na cidade?

— Não, no momento está em Washington; estará aqui na semana que vem.

— Muito bem, então a senhora poderá internar-se no hospital esta noite.

— Esta noite? — perguntou Jennifer amassando o cigarro. — Há algo de errado?

— Nada de errado. Se a senhora não estivesse planejando se casar na semana que vem, então aconselharia a esperar até o próximo período. O que tem são pólipos no útero, coisa muito comum. Entrará no hospital esta noite, faremos uma raspagem amanhã; poderá sair no dia seguinte. Estará perfeitamente bem no dia do casamento.

Quando Anne soube, ficou alarmada e telefonou ao médico. Confirmou o que dissera a Jennifer. Anne ajudou a amiga a fazer a mala e a acompanhou até o hospital. Ficou no quarto enquanto Jennifer era levada para cima. Que bom que não era nada sério; Jennifer queria tanto um filho...

Que coisa engraçada, mesmo sendo tão amigas, Jennifer nunca lhe dissera por que não quis que o filho de Tony nascesse.

Depois de uma hora, o Dr. Galen desceu. Anne sentiu que alguma coisa não estava bem.

— Ela continua sob o efeito da anestesia — disse ele.

— Que foi que houve? — inquiriu Anne. Vejo que não foi tão simples como pensou.

— Eram apenas pólipos, como eu disse. E não há nada de errado com ela ginecologicamente. Mas, enquanto o anestesista conferia as batidas do coração com o estetoscópio, percebeu que havia um Carço no seio, do tamanho de uma noz. Ela deve ter percebido isso.

Anne empalideceu.

— Acredito que a maioria desses caroços não significa nada de grave, não é?

— Retirei o caroço — disse o médico vagarosamente — com uma pequena incisão que não deixará marca, e mandei imediatamente fazer a biópsia. É um tumor maligno e o seio terá de ser removido, imediatamente.

Anne ficou horrorizada.

— Meu Deus, por que foi acontecer isso com Jenni-fer, justamente agora? — Sentiu que as lágrimas corriam pelo seu rosto. — O senhor falará com ela — soluçou. — Eu não posso.

Jennifer abriu os olhos lutando por acordar. Sorriu para a enfermeira, que estava ao lado dela.

— Está tudo bem? — perguntou.

— O Dr. Galen está aqui — disse a enfermeira alegremente.

O médico pôs a mão na testa dela com suavidade.

— Então, já acordou?

— Sim. . . era o que o senhor disse? Pólipos?

— Sim, nessa parte tudo está perfeito. Jennifer, por que não me disse que tem um caroço no seio?

Instintivamente, ela levou a mão ao seio e sentiu o pedaço de esparadrapo.

— Retiramos o caroço. Há quanto tempo notou?

— Não sei. . . — Estava novamente sonolenta. — Há um ano, mais ou menos.

— Agora durma. Falaremos a respeito mais tarde.

Através da sonolência, causada pela anestesia, sentiu o pânico crescer dentro dela. Agarrou o braço do médico.

— Falaremos a respeito de quê?

— Acho que deveremos fazer uma nova operação em seu seio amanhã.

— Que operação?

— Uma mastectomia. O Dr. Richards se encarregará disso. É um dos melhores cirurgiões de seio.

— O que é uma mas. . . como é a palavra?

— Teremos de remover o seio, Jennifer. O tumor é maligno.

Ela lutou para sentar-se.

— Não! — gritou. — Isso nunca! — Caiu para trás e alguma coisa foi injetada no seu braço.

Dormiu algum tempo; quando acordou, agarrou o braço da enfermeira, perguntando:

— Diga, foi um sonho, não foi? Efeito da anestesia, não é? Não é verdade o que ele disse sobre meu seio, é? Diga. . .

— Vamos, vamos, descanse um pouco — disse a enfermeira docemente.

Viu piedade no rosto dela. Então não fora um sonho. Era verdade.

Anne correu para o escritório de Kevin e lhe contou a história entre soluços. Ele ouviu tudo em silêncio, depois perguntou:

— Qual foi o prognóstico do Dr. Galen? Há esperança?

Anne replicou impacientemente:

— Esperança? Então você não entendeu uma palavra do que eu disse?

— Entendi muito bem. Um seio deverá ser removido. É terrível, mas não é o fim do mundo. Anne, você sabe que há inúmeras mulheres que vivem toda uma vida útil e feliz depois de uma operação dessas? A questão é fazê-la a tempo.

Anne olhou para ele agradecida. Sim, isso era bem de Kevin. Sempre achando o melhor lado de todas as coisas. Chamou o Dr. Galen ao telefone, e ouviu dele que tinha todos os motivos para um prognóstico otimista; aliás, o Dr. Richards manifestara a mesma opinião. O tumor não era grande e a média de sobrevivência a uma operação dessas era atualmente bastante alta. Se não houver metástase, o prognóstico é excelente; isso, entretanto, só poderia ser conhecido depois da operação e do exame das glândulas linfáticas.

Já acalmada pela atitude decidida de Kevin, Anne voltou ao hospital. Jennifer estava completamente acordada e estranhamente calma. Estendeu o braço e apertou a mão de Anne, dizendo:

— O Dr. Galen telefonará a Win. Ele deverá chegar a qualquer momento.

— Ele já lhe contou?

Jennifer sacudiu a cabeça.

— Não, eu lhe pedi para não dizer uma palavra. Acho que eu devo dar a notícia. — Depois, virando-se para a enfermeira, disse sorrindo: — Eu estou bem. Posso falar um pouco com minha amiga em particular?

— Não deixe que ela tome nenhum líquido, pelo menos por duas horas — disse a enfermeira. — A senhora quer pedir uma enfermeira especial para esta noite?

— Não, a operação será amanhã e o Dr. Galen já providenciou enfermeiras para todo o tempo. Eu estou muito bem, apenas nos deixe sozinhas.

Esperou que a enfermeira saísse e então pulou da cama.

— Que é que está fazendo? — perguntou Anne alarmada.

— Saindo daqui imediatamente.

— Jennifer, você está doida? — disse Anne agarrando-a pelo braço.

— Ouça, não vou permitir que me desfigurem. Como teria Win a coragem de se aproximar de mim depois disso?

— Você mesma disse que ele se apaixonou por você, não pelo seu corpo. Agora, deixe de ser ridícula.

Jennifer, porém, já estava tirando as roupas do armário.

— Vou sair daqui. Resolvi enfrentar o risco. Já retiraram o câncer e não vou deixar que removam o meu seio.

— Jennifer, é a única maneira de se ter certeza. Outra parte do seio pode estar afetada.

— Não me importo. Já é terrível que eu não possa dar a Win nenhum filho, e não vou para ele deformada.

— Sair daqui é o mesmo que se suicidar. Além disso, acha que é justo para com Win? Casar-se com ele e, talvez depois de um ano, fazer com que ele passe por isto? A mulher dele era doente. E o que isso tem a ver com filhos? Você poderá tê-los, o Dr. Galen me disse que ginecologicamente você está perfeita.

— Mas não devo engravidar, foi o que ele disse. Uma gravidez poderia precipitar algum tumor maligno nos ovários. Há uma conexão direta entre os seios e os ovários. Na verdade, ele disse que depois da operação pretende me submeter a um tratamento de raios X, para me esterilizar. O que eu teria então para oferecer a Win? Uma vida sem filhos e um corpo mutilado.

— Você ofereceria você! Isso é tudo o que ele quer. Você mesma disse que estava cansada de ser apenas um corpo. Agora chegou a hora de provar isso. E se quer filhos, pode adotá-los.

Vagarosamente, Jennifer voltou à cama.

Anne continuou:

— Ninguém precisará saber de nada. Só você e Win. Ele a ama e não vai se importar de não ter filhos. Disso eu tenho certeza. E se você adotar um filho, você o amará como se fosse seu. E a operação não significará nada. Sinceramente, Jen, com as drogas

que existem hoje para evitar a dor, e com os maravilhosos seios falsos que se podem comprar, francamente não será o fim do mundo.

Jennifer ficou olhando para o teto.

— Sabe, acontece uma coisa engraçada. Durante toda a minha vida, a palavra câncer significava a morte, o terror, algo de tão terrível que me fazia encolher de medo. E agora eu tenho um. E o mais engraçado de tudo é que não estou nem um pouco apavorada com o câncer em si, mesmo que ele signifique uma sentença de morte. Só me importa na medida em que ele prejudicará minha vida com Win, me impedirá de lhe dar filhos e me deixará desfigurada para ele.

— Ninguém notará, Jen. Há pessoas que sofrem acidentes de automóvel, que têm o rosto desfigurado; algumas mulheres são completamente destituídas de seios e se arranjam. Sempre a ouvi dizer que não valia a pena ser apenas um corpo. Muito bem, tenha coragem, acredite em você mesma e comece a provar tudo isso que sempre disse. E comece a acreditar em Win.

Jennifer conseguiu sorrir fracamente.

— Muito bem, então é melhor que eu mude esta camisola de hospital. Quero os meus *trecos* de maquilagem. Quero estar o mais bonita possível quando lhe contar.

Sentou-se na cama e começou a pentear o cabelo. Quando acabou de vestir uma camisola espetacular, olhou para o seio doente e murmurou:

— Adeus, meu caro. Você ainda não sabe, mas não vai estar aí por muito tempo.

Kevin juntou-se a Anne no hospital. Os dois lá estavam quando Winston Adams chegou. Anne arrumou as luzes de tal modo que Jennifer parecia exatamente uma estrela de cinema, e ela mesma estava quase feliz. Depois de alguns minutos, Kevin e Anne se retiraram.

No momento em que a porta se fechou, ele correu para a cama e tomou Jennifer nos braços.

— Por Deus, quase morri de susto. O médico me pareceu tão estranho ao telefone. Disse que você precisava se submeter a uma

operação, e até insinuou que o casamento devia ser adiado. Mas agora que a vejo tão linda. . . que operação é essa, minha querida?

Jennifer olhou-o firmemente.

— Bem, será uma operação bastante grave. Haverá uma cicatriz e eu não poderei lhe dar filhos. Ficarei. . .

— Não, não quero ouvir uma palavra — disse ele, olhando-a com adoração. — Posso lhe dizer uma coisa? Eu concordei em ter filhos só por sua causa. Na minha idade, realmente não faço questão de tê-los. Mas eu queria agradá-la e fazer sua vontade, por isso fingi que seria muito importante para mim. Tudo o que me importa é você, compreende?

Ela o apertou mais contra o seu corpo, enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto.

— Oh, Win — sussurrou.

— Você teve medo de me perder? Minha querida, você jamais me perderá. Não se convenceu ainda que comecei a viver quando a conheci? — disse, beijando-lhe o busto através da camisola. — Você é tudo o que eu quero. Não me importo com bebês. . . Você é a única mulher que despertou alguma coisa em mim. Antes de conhecê-la, cheguei até a pensar que era diferente. Pobre Eleanor. . . ela não tinha culpa, mas nunca conseguiu me excitar e, provavelmente, eu a deixaria fria também. Com você. . . a princípio eu a evitei, você se lembra?

Jennifer concordou e fez com que ele encostasse a cabeça no seu peito.

— Você me transformou — continuou — e eu percebi que não fugia de você, mas de mim. No momento em que você entrou no meu apartamento, fiquei sabendo: tudo poderia ser diferente. Jennifer, você me ensinou a amar. Jamais viverei sem você. — E acariciou-lhe os seios. — Estes são os bebês que eu quero, enterrar meu rosto em sua perfeição, todas as noites. — Quando percebeu o curativo num dos seios, alarmou-se. — Que é isto? O que lhe fizeram.

— Não é nada. . . um pequeno cisto — respondeu Jennifer, com um sorriso petrificado.

— Será que não vai ficar uma cicatriz? — Ele estava genuinamente horrorizado.

— Não, Winston, não haverá cicatriz alguma, pode ter certeza.

— Isto é o que importa. Deixemos que retirem os seus ovários, o que quiserem, que não faz diferença alguma. Contanto que jamais toquem neles. — Continuou acariciando-a. — Por que o médico me pareceu tão misterioso ao telefone? Não quis dizer uma palavra sobre o seu estado, só disse para vir imediatamente.

— Bem. . . é que ele sabia que eu queria ter filhos e. . .

— Então por que não disse simplesmente que você precisava de uma histerectomia? Esses médicos. . . Enfim, estou muito feliz por ter vindo. Agora posso voltar pensando em você. Não poderei estar aqui antes de sexta-feira. — Escreveu um número de telefone num papel e disse:— Peça a Anne que me telefone assim que a operação estiver terminada. Se eu não estiver, saberão onde me encontrar.

Ficou parado à porta, olhando-a como se nunca a tivesse visto antes.

— Eu a amo, Jennifer. Só a você. Você acredita nisso, não é?

— Sim, Win. Eu sei. — E sorriu.

Muito tempo depois, Jennifer ainda conservava o sorriso nos lábios. O Dr. Galen passou por seu quarto à meia-noite:

— Vamos operar às oito horas da manhã — disse ele alegremente. — Fique descansada que tudo sairá bem.

— Tenho certeza disso.

Eram três horas da manhã quando Jennifer se levantou da cama. Abriu silenciosamente a porta. O corredor estava fracamente iluminado; ela percebeu uma enfermeira perto do elevador. Fechou a porta e começou a se vestir. Por sorte, tinha vindo de calças compridas e casaco militar, para despistar os fotógrafos. Pôs um turbante na cabeça e saiu para o corredor na ponta dos pés.

Andou grudada à parede e escondeu-se na saliência que abrigava o refrigerador de água. A enfermeira estava sentada sob uma luz intensa, fazendo anotações num livro. Não tinha possibilidade de alcançar o elevador sem passar por ela. Teve de

ficar ali parada, rezando para que durante a noite acontecesse alguma coisa que tirasse a enfermeira dali. Rezava, também, para que ninguém a encontrasse.

O enorme relógio continuava a tiquetaquear, e a enfermeira escrevia. Sentiu que o suor escorria pelo pescoço. De repente, ouviu uma campainha tocar. Graças a Deus! Alguma paciente estava chamando. Mas a enfermeira continuava escrevendo. Será que era surda? A campainha tocou novamente, com mais insistência. A enfermeira se levantou preguiçosamente, olhou para ver o número do quarto que estava chamando e, calmamente, saiu para o corredor.

Jennifer esperou até que ela entrasse num quarto e, então, correu para o elevador. Não. . . demoraria demais esperar até que o elevador subisse e o barulho seria grande. Melhor ir pelas escadas. Desceu oito lances de escadas até chegar à entrada, quase sem fôlego. Olhou à volta, preocupada. Ninguém a notara. O ascensorista estava fumando e conversando com o caixa. Foi para a rua e andou alguns quarteirões, até encontrar um táxi. Chegou ao hotel às quatro horas da manhã.

Quando a enfermeira encontrou o quarto vazio, na manhã seguinte, notificou imediatamente o Dr. Galen. O médico ligou para o hotel onde Jennifer se hospedava. Não obtendo resposta do quarto, insistiu para que o gerente arrombasse a porta.

Ela estava deitada na cama, com o mais belo vestido do seu guarda-roupa e perfeitamente maquilada. Ao lado, um vidro vazio de pílulas para dormir, e dois bilhetes:

*"Anne: nenhum maquilador funerário faria melhor trabalho que eu mesma. Graças a Deus, tinha as pílulas. Só sinto não poder ficar para o seu casamento. Sinceramente,  
Jen."*

O bilhete para Winston Adams dizia:

*"Querido Win: tive de ir para salvar seus bebês. -Muito obrigada por ter quase realizado meu sonho.  
Jennifer."*

O Senador Adams não deu a ninguém explicação pelo bilhete. Quando os jornalistas o assediaram, respondeu simplesmente: "Sem comentários". Anne conservou o mesmo mutismo. O Dr. Galen se recusou a discutir a doença de Jennifer. Declarou apenas que ela havia sofrido uma ligeira operação no dia anterior e não podia acrescentar mais nada.

O funeral foi um pesadelo. Uma enorme multidão, reunida em frente à igreja, fez parar o tráfego na Quinta Avenida. A polícia montada foi requisitada para restabelecer a ordem e o tráfego. Os jornais publicaram a história da vida de Jennifer e a fotografia de Anne estava nas primeiras páginas. Para aumentar a confusão, a mãe de Jennifer chegou à cidade, concedendo entrevistas com a maior boa vontade a qualquer repórter disposto a ouvi-la, soluçando na hora certa, e exigindo um inventário completo de todas as roupas e jóias da filha.

Anne teria sido capaz de atender à mãe de Jennifer, mas a súbita aparição de Claude Chardot causou novas complicações. Ele apresentou um testamento que o fazia herdeiro de tudo. Enquanto isso, Henry Bellamy procurava freneticamente um testamento com data posterior, para anular o do francês. Como se tudo isso fosse pouco, Neely apareceu.

Estava desolada por ter perdido o funeral. Estivera na Espanha, mudou-se para o apartamento de Anne e passou a ser o centro da atenção dos jornalistas, depois que a história de Jennifer começou a perder o interesse. Neely estava muito elegante e atraente, pronta para trabalhar, não antes de se recuperar da morte de Jennifer.

Anne conseguiu fazer bem os seus programas de televisão, apesar de tudo. Os anúncios eram realizados agora em videoteipe e os novos donos da empresa imploravam que ficasse com eles, oferecendo-lhe um enorme aumento de salário. A publicidade que tivera com a morte de Jennifer fez com que a sua cotação ficasse ainda mais alta. Mas a tragédia de Jennifer adiou o casamento de Anne e Kevin, marcado agora para o mês de abril.

Depois de três semanas, o nome de Jennifer deixou de ser mencionado pelos jornais. Foi então que surgiram novos cabeçalhos: o Senador Adams renunciara ao mandato, depois de sofrer um esgotamento nervoso; pretendia viajar durante um ano.

O suicídio de Jennifer causou novas especulações. O Dr. Galen declarou que só o senador, na qualidade de noivo, tinha direito de conhecer a natureza da doença de Jennifer. Só ele, não os jornalistas.

Anne preparou vários anúncios e voou para Palm Beach. Neely estava perfeita. Parecia que tudo pegara fogo: desde a voz aos enormes olhos que brilhavam. Neely já não era mais uma criança, mas seu jeitinho travesso era o mesmo de sempre. O lábio que tremia, o risinho nervoso, o esforço infantil de agradar, tudo sempre igual. Parecia impossível, mas ela estava melhor do que nunca. Mais uma vez, foi considerada "um génio", "uma lenda viva". Teve um retorno espetacular. Assinou, em seguida, um contrato para fazer um filme em Hollywood.

Estava novamente na crista da onda.

NEELY

1961

Neely jogava descuidadamente roupas dentro de uma mala e dizia:

— Vou comprar roupas novas lá. Céus, deixei uma quantidade enorme na Espanha. Será que posso deixar alguma coisa aqui com você?

— Deverei estar casada antes da sua volta, Neely, e, como planejamos viajar, talvez eu alugue o apartamento.

— Bem, então vou levar tudo. Pareço uma cigana, com coisas esparramadas por toda parte. É bom que tenha acontecido isso, eu já estava me sentindo entediada. Anne, o que foi que aconteceu ao dinheiro de Jennifer?

— Vai todo para a mãe dela. Henry descobriu que o testamento apresentado por Claude era falso; assim mesmo ele

ganhará cinquenta por cento na reapresentação de qualquer filme que Jennifer tenha feito com ele. O resto será da mãe dela, na maior parte pelas e jóias. Não havia muito dinheiro.

Neely sacudiu os ombros.

— Bem, para uma garota sem talento, até que ela se saiu muito bem. Por que motivo você acha que ela se suicidou?

— Já lhe disse que não sei, Neely.

— Bem, não acho que Jennifer tivesse qualquer doença, como muita gente imagina. Alguns acham que estava tuberculosa e já ouvi até boatos de que tinha um câncer incurável. Acho que a verdadeira razão do seu suicídio foi porque ela estava começando a envelhecer.

— Isso é ridículo! Jennifer estava mais linda do que nunca.

— Mas seu último filme foi uma bomba. Claro que vai fazer dinheiro, por causa da publicidade "que obteve agora. Ela estava decadente, essa é a verdade.

— Neely, ela tinha decidido abandonar o cinema depois de se casar.

— Sim, li todas essas lorotas na Espanha, sobre como ela encontrou o verdadeiro amor, etc, etc. Cá para nós, o senador não é exatamente um Rock Hudson. Quando era jovem, e casada com Tony, aborreceu-se de ficar o dia todo sentada à beira de uma piscina. Não, o que eu acho é que não teve forças para enfrentar a realidade. Estava envelhecendo e sabia que a sua beleza não duraria muito, e que não se conformaria em se dedicar apenas ao senador. Por isso, fez o que fez. Já o meu caso é diferente, pois eu tenho talento e tanto faz que esteja gorda ou magra, bonita ou feia. Olhe para Helen Lawson; agora que já não tem mais voz, vai trabalhar em filmes para a televisão. Mesmo sem voz, sobreviverá, porque tem talento.

— Helen sobreviverá — disse Anne vagarosamente — porque é incapaz de ter qualquer emoção. A infelicidade que sente é como a infelicidade de uma criança, que pode ser remediada com um brinquedo novo. Mas quem tem voz, mesmo você, deve cuidar dela.

Três semanas depois, Neely voltou. Estava em um estado bem próximo ao colapso.

— Anne, minha voz! No terceiro dia da gravação sumiu. Não posso mais cantar!

Anne tentou acalmá-la. Coisas assim aconteciam a todos os cantores. Depois, havia ótimos médicos de garganta.

— Não, estou acabada. Fui examinada por uma infinidade de médicos. Eles dizem que não tenho nada, que a causa é psicológica, que são os meus nervos. Mas não é isso. Deus está me punindo por ter falado de Jennifer daquela maneira. Tiveram de cancelar o filme. Agora é mesmo o fim.

— Deus não age dessa maneira — disse Anne pacientemente. — Se há alguém punindo alguém é você mesma.

— Claro, isso mesmo foi o que disse o meu último psicanalista. Diz que tenho complexo de autodestruição e estou tentando me punir por alguma coisa imaginária. Tudo isso é besteira. Nunca fiz nada de errado.

Neely descobriu um novo psiquiatra, muito bem recomendado, o Dr. Massinger. Desta vez foi Anne quem insistiu para que Neely morasse com ela. Estava convencida de que uma intensa terapia, associada ao apoio que ela pudesse lhe dar, curaria Neely.

Neely se esforçou para não desarrumar o apartamento, só que nunca dormia. Saía à noite, com alguns músicos e, quando voltava, sentava-se no sofá da sala até de manhã, engolindo pílulas para dormir e ouvindo os seus antigos discos.

Certa manhã, Anne se levantou e viu Neely sentada, com lágrimas no rosto.

— Estou acabada, Anne. Tentei cantar junto com os meus discos e não consegui.

— Mas o Dr. Massinger diz que são apenas os seus nervos, Neely, que sua voz vai voltar.

— Ele diz que Hollywood me deixa nervosa, Anne. Por isso é que tentei cantar essa noite, pela primeira vez, sozinha, sem câmaras ou luzes. E a minha garganta se apertou, Anne. Não posso mais cantar.

— Dê tempo ao tempo, Neely. Afinal, só se passaram algumas semanas.

Neely se levantou, foi ao banheiro e engoliu mais uma pílula.

— Você tem algum uísque, Anne? Já não funcionam sem ele.

Anne lhe deu uma garrafa, e percebeu que este seria mais um daqueles dias terríveis, em que Neely ficava num estado de semi-inconsciência pela quantidade de pílulas que tomava. Era domingo e tinha planejado ficar em casa. Convidara Kevin para o almoço e pretendia fazer o único prato de que era capaz: caçarola de caranguejos. Neely ficaria dormindo o dia todo. Por isso, telefonou a Kevin, dizendo que passaria o dia no apartamento dele, e depois poderiam comer no Lúchow.

Neely ouviu quando a porta se fechou. Não estava dormindo, mas achou mais fácil fingir. Anne ficava tão nervosa quando ela passava o dia bebendo e tomando pílulas, temendo que ela ateasse fogo em si própria. Sentou-se e se serviu de mais um uísque. Acendeu um cigarro e percebeu que era o último. Tinha certeza de que Anne escondera os outros por motivos de segurança. Bem, cairia logo no sono.

Encheu o copo novamente e achou que estava bebendo depressa demais. Melhor sorver o uísque devagar, com mais algumas pílulas. Procurou as três pílulas que deixara sob o traveseiro. Engoliu-as e começou a tomar o uísque bem devagar. Começou a se sentir letárgica, mas não conseguia adormecer. Encheu de novo o copo. "Diabo, a garrafa está quase vazia." Sem cigarros. Quem sabe, se tomasse mais algumas pílulas.. . Tomara tantas que achava perigoso. O Dr. Massinger já a prevenira de que qualquer dia a sua tolerância poderia não ser muito grande. E daí? Sem voz, por que não? Tinha dez mil dólares ainda. Céus, não, não tinha. Mandara um cheque de mil e duzentos para pagar a escola dos gémeos, pagara vinte e cinco dólares diários ao psicanalista por três semanas a fio, gastara algumas centenas com a viagem. E, ultimamente, assinara uma quantidade enorme de cheques. Talvez não tivesse mais do que cinco mil dólares. Quanto tempo duraria essa quantia? Não poderia ficar com Anne eternamente, ela se casaria no mês seguinte. Céus, onde é que ia conseguir dinheiro? A casa fora vendida, não tinha nenhum seguro. . . Talvez o melhor fosse engolir o vidro inteiro de pílulas. Ted tomaria conta das crianças; os gémeos não se importavam realmente com ela. Quando

esteve a última vez com eles, só os ouvira dizer: "Me dê, compre pra mim..."

Ninguém que realmente se importasse se ela morresse. Ninguém, a não ser, talvez, Deus.

— Ei, Deus, você está mesmo aí em cima? Você tem mesmo um longo cabelo branco e barba? Você entende o que eu digo? Pode me dizer o que é que há de errado comigo? Céus, nunca pedi muito. Tudo o que eu queria era um apartamento e um sujeito que me amasse. E eu tentei, mas você sempre estragou tudo. Por que me deu uma voz bonita se não quis que eu me tornasse grande? E por que a tirou de mim?

Tomou o resto do uísque e colocou a garrafa sobre o tapete.

— Ei, Jen, você está aí em cima também? Sei que você não tem um par de asas para ficar voando por aí, mas talvez você esteja em algum lugar de onde possa me ouvir. Será que você se sentiu como eu estou me sentindo? Céus, bem que gostaria de estar com você. . . Pelo menos tem que ser melhor do que aqui. O que é que me resta? Mais um dia, mais uma noite, ir ao Jilly com uns sujeitos que não representam nada e que querem apenas ser vistos comigo, isto é, enquanto eu pago a despesa. Céus, estou com trinta e dois anos, e isso não é ser jovem. Deve haver alguma espécie de céu. . . Não aquelas bobagens de anjos e harpas, mas talvez um lugar como a Terra, e onde não haja problemas. Sim, deve haver. Senão, vejamos as pessoas que acreditam nisso, como o Presidente e Clare Boothe Luce. Talvez eu deva me tornar católica. Acho que nasci católica, mas nunca fui a igreja. Só que ainda acho que deve haver um céu, Jen, senão para onde irão, por exemplo, aquelas criancinhas mortas por Hitler? Um Deus que olhe para as pessoas que nascem cegas e surdas como Hellen Keller. Se não houver alguma coisa depois desta vida, então Deus seria injusto. Por que motivo, então, uma mulher como Hellen Keller nasce privada da vista e da audição e alguém como você, Jen, tem tudo perfeito, se não há uma compensação depois desta vida? Claro que deve haver um céu. É só olhar para minha irmã, vivendo em Astória, com aquele idiota do Charlie, enquanto eu obtive todo o sucesso. Ei, Jen, a

gente sofre para morrer? Você tem medo? Fique comigo, Jen. .. Vou engolir mais algumas pílulas e me juntar a você.

Correu para o banheiro à procura do vidro que escondera atrás dos saís de banho. Restavam apenas seis! Engoliu-as rapidamente. Seis eram pouco, mas, e se ela tomasse um vidro cheio de aspirinas por cima? M. . ., só cinco aspirinas no vidro! Engoliu as aspirinas. Não havia mais uísque, mas Anne tinha um pouco de Bourbon guardado para Kevin. Isso, por cima do uísque. Ao sair do banheiro, cambaleou e deixou cair o copo que tinha na mão. Céus, Anne ficava tão furiosa quando ela quebrava coisas. Parou, tentando pegar os cacos, era um simples copo de bar; conhecendo Anne como conhecia, devia ser de cristal, provavelmente, ou coisa parecida. Apanhou um pedaço bem grande. Sim, isso resolveria tudo, um corte profundo no pulso, e um funeral como o de Jennifer. Será que ela também causaria briga depois de morta? Ted Casablanca insistiria para que fosse enterrada em Hollywood, ou sua irmã surgiria em cena para reclamar o corpo? Céus, imagine ser enterrada em algum cemitério nojento de Astória. Anne lutaria para que tudo fosse feito com dignidade, queria ter o maior funeral. . . ainda maior que o de Jennifer. Bem maior que o de Jennifer. Seria difícil. Muito bem, então tão grande quanto o de Jennifer. E se não existissem nem céu nem Deus? Então estaria morta e não poderia ver nada? Mas e se estivesse quase morta? Então haveria a mesma confusão, e tudo seria como daquela vez em Hollywood, com todo mundo pedindo para que ela voltasse e toda a gente se desculpando. Aí, se melhorasse dos nervos, talvez pudesse cantar novamente e tudo seria maravilhoso outra vez.

— Bem, então vamos tomar primeiro um pouco de Bourbon — disse ela, indo até o bar.

Achou a garrafa e um copo, que começou a encher. Ainda com o caco de vidro na mão, foi para o quarto de dormir. Deitou na cama, tomou um grande gole de bebida e estudou o pulso. Se ela cortasse as veias que ficavam do lado, sem cortar a grande, que poderia significar morte certa. . . Enfiou o vidro profundamente no pulso, evitando a veia mais grossa. Muito bem, o sangue já começava a escorrer. Céus, era uma grande quantidade de sangue,

e estava correndo bem depressa. Talvez tivesse cortado alguma coisa importante. Meu Deus, não parava mais! Pegou freneticamente o telefone. Onde estaria Anne? O sangue escorria rapidamente e agora aquelas malditas pílulas começavam a funcionar. Foi o Bourbon.

Chamou a telefonista. Uma voz impessoal respondeu.

— Eu sou Neely O'Hara — murmurou. — E estou morrendo. . .

— Qual é o seu número? — perguntou a telefonista.

— Meu número? — Olhou para o telefone. Tudo estava começando a ficar confuso. — Não sei. . . não está na lista. . . não posso me lembrar. . . ajude-me, por favor. . . cortei meu pulso. . . o sangue. . .

— Qual é o endereço?

— Rua Sessenta e Dois, Oeste. O apartamento pertence a Anne Welles.

— A estrela de televisão? — A voz já não era mais impessoal.

— Claro, claro. . . — Neely deixou o telefone cair e seus olhos começaram a se fechar. Esforçou-se para abri-los. Deus, arruinara os lençóis de Anne, o braço estava dependurado sobre o tapete dourado, manchado. Céus, nunca mais Anne permitiria que morasse com ela.

— Por favor, telefonista, corra. . . — Todo aquele sangue e ninguém aparecia. . . mas ela não iria morrer. Não se morre quando se pode raciocinar tão claramente. . . Estou com sono. . . não estou morrendo. . . estou com sono. . . malditas pílulas. . . Agora é que começaram a funcionar.

Neely abriu e fechou os olhos rapidamente. O cheiro era de hospital. Isso queria dizer que ela estava viva. A sirena da ambulância. . . abriu os olhos de novo. Anne estava sentada do outro lado do quarto, ao lado de Kevin. Levantou-se e veio para perto dela.

— Neely, graças a Deus, você acordou.

Neely sorriu levemente.

— Sinto muito pelo apartamento. . .

— Esqueça-se disso.

— Onde estou?

— No Hospital Park North.

Neely franziu o nariz.

— Por que não me levaram ao Doctor? Ouvi dizer que é divino.

Kevin atravessou o quarto e a interrompeu:

— Ouça aqui, mocinha. Você tem muita sorte de estar aqui. Sabe para onde queriam levá-la quando chegamos ao apartamento? Ao Bellevue.

— Só faltava isso! — disse Neely, lutando para sentar-se.

— Foi sorte que tivéssemos resolvido ir até o apartamento de Anne; ela queria ver se você estava bem. Quando chegamos lá, encontramos uma ambulância e a polícia. E estavam prontos para levá-la ao Bellevue; há uma lei que os obriga a levar para lá todos os que tentam o suicídio. Depois, essas pessoas são mantidas lá durante um certo tempo, para ficar sob observação.

— Céus!

— Foi Kevin quem salvou a situação — disse Anne. — Apontou para o copo quebrado e insistiu para que considerassem tudo um acidente.

— Sim, e tive de fazer uma distribuição de notas de vinte dólares, para que concordassem comigo. E não tivemos tempo de escolher um hospital; veio para o mais próximo, seu estado era crítico.

— Eu não queria me suicidar — disse Neely. — Os jornais noticiaram alguma coisa?

— Na primeira página — respondeu Anne, sentando-se numa cadeira perto da cama. — Neely, nós temos que fazer alguma coisa sobre a sua vida.

Os olhos de Neely se encheram de lágrimas.

— Fazer o quê? Já não posso cantar.

— Está tudo aqui — disse Kevin, apontando para a própria cabeça. — Não há nada de errado com a, sua garganta.

— Então diga isso à minha garganta. Eu quero cantar, estou pronta para cantar, mas não posso.

— Muito bem: dentro de alguns dias você poderá sair deste hospital. E depois? — perguntou Kevin.

— Não voltarei para o apartamento de Anne, não se preocupe. Vou morar num hotel — disse Neely, os olhos cheios de lágrimas.

— Mas não pode continuar assim, Neely, vivendo de pílulas e de bebida. Talvez da próxima vez não tenha tanta sorte.

Neely espreguiçou-se.

— Se eu pudesse dormir. . . mas dormir de verdade, digamos, por uma semana. Aí tenho certeza de que ficaria completamente boa. Nunca consigo dormir mais do que algumas horas. Faz tanto tempo que não tenho realmente uma noite de sono. . .

— A cura pelo sono — disse Anne de repente.

Kevin e Neely ficaram olhando para ela interrogativamente.

— Sim, a cura pelo sono. — E explicou como Jennifer se submetera a ela para perder peso, e que era também usada para curar distúrbios emocionais.

Neely ficou entusiasmada.

— Uma semana de sono! Tenho certeza de que depois disso poderia cantar. Mas... na Suíça, aposto que deve custar uma fortuna.

— Se é um tratamento legítimo, então tenho certeza de que existe aqui também — declarou Kevin.

— O Dr. Massinger foi contrário a tal tratamento. Sim, conhecia a cura pelo sono; achava, porém, que as perturbações emocionais de Neely estavam tão enraizadas que, em sua opinião, precisava ser internada pelo menos um ano em um sanatório.

— A depressão dela não é causada por uma circunstância específica; é bem mais profunda, e é evidente, pelo histórico de sua ficha, que ela já apresentava tendências suicidas dez anos atrás. Recomendei-lhe um sanatório na primeira vez em que a examinei, mas ela se recusou a seguir meu conselho. Tem vivido unicamente de pílulas desde então; agora não tem outra alternativa. Ela deve ser internada.

O médico recomendou vários sanatórios; Neely, entretanto, se recusou terminantemente a internar-se.

— Eu, viver no meio de doidos? Não, meu caro. Eu quero o tratamento suave, como Jennifer. Champanha para começar, uma

enfermeira simpática, uma agulha salvadora. . . e o sono, um sono maravilhoso.

Depois de muita procura, Kevin, finalmente, encontrou um grande sanatório particular no Estado de Nova York. Faziam a cura pelo sono, e teriam prazer em receber a Srta. O'Hara para esse tratamento. Tudo seria feito com a maior discrição e jamais isso chegaria ao conhecimento dos jornais.

Num belo domingo de março, Kevin e Anne levaram Nelly a Haven Manor. Anne sentiu-se mais confiante quando viu os imensos e bonitos gramados que circundavam os prédios. Neely tomou algumas pílulas a fim de ganhar coragem.

Entraram num grande prédio estilo Tudor, foram introduzidos em um salão em cujas paredes havia vários quadros, que representavam alguns benfeitores já falecidos. Foram atendidos pelo Dr. Hall, chefe do corpo médico. Ele apertou a mão de Neely, dizendo-lhe:

— Sou um grande admirador seu, Srta. O'Hara.

Neely sorriu levemente.

— Agora, queira por favor preencher estes formulários. Neely assinou seu nome em várias folhas de papel.

— Muito bem, então vamos a essa cura pelo sono — disse alegremente.

O médico apertou um botão e apareceu uma senhora de branco, que lhes foi apresentada pelo Dr. Hall.

— Esta é a Dra. Archer, minha assistente, que encaminhará a Srta. O'Hara ao seu quarto.

Neely apertou a mão de Anne dizendo:

— Não sei como lhe agradecer. Virá então me buscar daqui a uma semana?

Anne concordou e Neely virou-se para Kevin:

— Sei que você está arcando com todas as despesas. Muito obrigada.

— Não, não estou. Eu me ofereci para isto. Anne, porém, insistiu em pagar tudo ela mesma.

Neely olhou para Anne com um sorriso encabulado:

— Você sempre a postos, não é? Obrigada.

— Só quero que fique boa — respondeu Anne.

— Tudo o que quero é dormir por muito tempo. . .

Saiu da sala apoiada no braço da Dra. Archer.

Quando Anne se levantou, o Dr. Hall apressou-se a dizer:

— Srta. Welles, Sr. Gillmore. . . podemos falar um pouco?

— Claro — disse Anne sentando-se novamente.

— Falei pelo telefone com o Dr. Massinger e tenho aqui comigo todo o histórico da Srta. O'Hara. Sabemos que a cura do sono não será a solução para o caso dela.

— Mas, o senhor disse. . . — começou Anne embaraçada.

— Sim, eu disse que estávamos aptos a aplicar a cura pelo sono, mas eu não tinha visto a ficha da paciente nem falado com o médico dela. Por isso, agora mesmo eu hesitaria em recomendá-la. Não há dúvidas de que haveria uma grande melhora aparente, que poderia durar algumas semanas, talvez um mês. Então começaria a voltar aos antigos hábitos e, eventualmente, poderia se suicidar. Ela é um grande talento, devemos fazer o possível para salvá-la.

— Como? — perguntou Anne.

— Certamente, não com curas de sono e pílulas. Esta moça é agora uma viciada. O vício das pílulas é tão sério quanto qualquer outro vício, e muito mais difícil de curar, porque infelizmente é muito fácil para um viciado consegui-las. É bem mais difícil, por exemplo, conseguir heroína, cocaína, ou morfina. Sabem que no dia em que tentou se suicidar, a Srta. O'Hara tomou cinquenta pílulas de dormir? Conferimos com o farmacêutico e este confirmou que aviara a receita na noite anterior. E o Dr. Massinger nunca as receitou; cada receita era assinada por um médico diferente. O vidro de pílulas estava vazio quando ela foi encontrada e também algumas garrafas de bebida, o que é uma combinação altamente perigosa. Ainda assim, cortou as veias, pois a sua tolerância é a tolerância de um viciado.

— O que é que o senhor recomenda? — perguntou Kevin.

— Gostaria de tentar uma terapia psiquiátrica profunda, ainda não o eletrochoque. Esperamos que não venha a precisar dele. Acredito firmemente que, com algum trabalho, poderemos devolver ao mundo uma grande cantora.

— Quanto demoraria isso? — interrogou Anne.

— No mínimo, um ano.

— O senhor não conhece Neely. Ela sairá imediatamente do hospital se não lhe administrarem a cura pelo sono.

O sorriso do Dr. Hall era cansado.

— Mas ela assinou estes papéis. Quando assinou, pensava que estava apenas assinando o registro de admissão; Isto, na verdade, é uma autorização para um confinamento de, no mínimo, trinta dias.

— Trinta dias — disse Anne pensativa. — Se eu conheço Neely bem, o senhor jamais conseguirá mantê-la aqui por mais tempo.

— Não, mas a senhora pode fazer isto.

— Eu? Nunca!

— Então seremos obrigados a apresentar o caso a um tribunal.

— Como assim?

— Se os nossos médicos concordarem que ela precisa de um tratamento prolongado, poderemos apresentar o caso num tribunal. Três psiquiatras de fora serão chamados. Se a opinião deles coincidir com a nossa, o tribunal dará uma ordem de confinamento por três meses, que é automaticamente renovada depois desse prazo. Fazemos isso muitas vezes, para eliminar o sentimento de culpa de parentes e amigos do doente.

— Mas nós prometemos buscá-la em uma semana.. .

— Srta. Welles, admiro profundamente o talento da Srta. Neely O'Hara. Cobramos mil e quinhentos dólares por mês de internação e temos centenas de pessoas à espera de uma vaga. Aceitamos a Srta. O'Hara sem demora, porque achamos que devemos isso ao seu talento. Peça-lhe que nos proporcione a oportunidade para curá-la.

— Ela tem horror a sanatório.

— Ela não está em condições de decidir coisa alguma em relação ao seu futuro. Na verdade, se ela for abandonada a si mesma, não terá futuro algum.

Kevin resolveu dar sua opinião:

— Acho que o Dr. Hall sabe o que diz. Vamos, pelo menos, tentar.

Anne concordou e perguntou:

— Quando poderemos vê-la?

— Não antes de duas semanas. Mas a senhora pode me telefonar diariamente e eu a manterei informada. Garanto que a encontrará muito melhor quando vier visitá-la.

Anne ficou silenciosa durante a viagem de volta. Kevin resolveu quebrar o silêncio:

— Mil e quinhentos dólares por mês durante um ano? Acho melhor, Anne, que você me deixe cuidar disto.

— Não, essa responsabilidade é minha. Kevin, estive pensando. . . se assinasse aquele contrato com a Gillian. . . Eles me ofereceram dois mil dólares por semana.

— E o nosso casamento? A nossa viagem?

— Se esperamos até agora, não acha que mais alguns meses não farão diferença? Além disso, não poderia ficar muito tempo ausente com Neely em Haven Manor. Terei de visitá-la.

— Você não quer se casar comigo, quer, Anne?

— Eu quero, mas. . .

— Não, não quer. Por isso está pagando as contas de Neely. Para não me dever nenhum favor.

— Kevin, esperei muitos anos até que você decidisse que estava apto a se casar comigo. Acho que podemos dedicar alguns meses a Neely.

— Bem, poderíamos deixar de viajar alguns meses até Neely melhorar. Posso concordar com isso. Mas por que não podemos nos casar? E por que você insiste em continuar trabalhando?

— Porque, se tiver de pagar o tratamento de Neely, terei que continuar trabalhando. Falei com Henry Bellamy no outro dia e fiquei sabendo que tenho perto de um milhão de dólares, parte em ações e parte em dinheiro. Contudo, não poderia pagar as despesas de Neely no sanatório sem tocar no meu capital ou vender algumas ações. Henry não quer que eu faça isso. Se eu assinar o contrato com a Gillian, por vinte e seis semanas, então poderei pagar por Neely. Isso adiaria nosso casamento para outubro e acredito que,

nessa altura, Neely já estaria perto da recuperação total. Então poderíamos viajar, e é o que faremos, eu lhe prometo.

Kevin ficou olhando para o espaço. Tinha de concordar. Maldita Neely, cada vez que aparecia era só para lhe causar transtornos.

Anne suspirou.

— Pobre Neely! Creio que agora ela já deve ter sido informada de tudo. Imagino como ficou furiosa.

A princípio, Neely foi muito paciente. Sentou-se no consultório da Dra. Archer, respondendo a todas as perguntas que a médica lhe fazia, fumando um cigarro atrás do outro e ansiando pela agulha que faria com que dormisse uma semana. O telefone da Dra. Archer tocou. Neely imaginou que fosse o Dr. Hall dando ordens, pois a médica respondeu:

— Sim, doutor. Claro. Fico muito satisfeita com isso e concordo inteiramente.

Neely bocejou. Muito bem, então concordaram. Seria bom que se apressassem. A Dra. Archer apertou um botão e Neely ficou olhando para os seus sapatos ortopédicos. Por que não faziam esses sapatos um pouco mais bonitos? Então, viu entrar na sala um novo par de sapatos brancos, e um uniforme também branco.

— Esta é a Srta. O'Hara — disse a doutora. — Leve-a para o Edifício n.º 4.

— É lá que fazem a cura do sono? — perguntou Neely, com bom humor, enquanto seguia a enfermeira. Esta apenas sorriu e a conduziu por uma série de corredores subterrâneos. À entrada de cada um, retirava um molho de chaves do bolso e abria a porta, que fechava imediatamente após terem atravessado.

— Ei, onde é esse lugar? Em Nova Jersey? Acho que já andamos bem uma milha.

— Haven Manor tem vinte prédios, sem incluir o ginásio e o edifício de terapia ocupacional. Os prédios são separados, mas há uma passagem subterrânea que os liga uns aos outros. Nós saímos do Edifício da Administração, passamos pelos Edifícios n.ºs 2 e 3 e estamos agora nos aproximando do Edifício n.º 4. — Havia quase uma nota de orgulho cívico em sua voz.

O Edifício n.º 4 parecia uma casa particular. Neely viu mulheres de várias idades, assistindo à televisão, numa sala grande. Todas pareciam perfeitamente normais, pensou. Céus, o tamanho dos quartos! O quarto que ela ocupava, na Rua Cinquenta e Dois, era três vezes maior. Cada quarto tinha uma cama, uma mesa, uma cadeira e uma janela. Talvez a estivessem conduzindo a uma suite de luxo no andar superior, ou coisa semelhante. Claro que aquele não era o departamento onde administravam a cura do sono.

A enfermeira parou à porta de um cubículo, no fim do corredor.

— Este será o seu quarto.

Neely ia protestar mas pensou: ora, que diabo, que diferença fazia se não tinha uma vista panorâmica? Afinal, ficaria dormindo o tempo todo. Sentou-se na cama e disse à enfermeira:

— Muito bem, pode trazer a agulha.

A enfermeira saiu e os minutos foram passando. Neely olhou para o relógio. Onde, diabo, estavam todos? Chamou alto pela enfermeira e apareceram duas.

— Quer alguma coisa, Srta. O'Hara?

— Acertou. Estou esperando que me ponham a dormir.

As enfermeiras trocaram um olhar indagador.

— Estou aqui para me submeter à cura pelo sono — repetiu Neely.

— A senhora está no Edifício n.º 4, e este é destinado aos ajustamentos.

— Ajustamentos?

— Todos os novos pacientes ficam aqui alguns dias, para avaliarmos o problema de cada um. Ao fim desse tempo, são enviados para o edifício mais adequado a cada caso.

Neely caminhou até a mesa e abriu a bolsa, de onde tirou um cigarro.

— Chamem o Dr. Hall, deve haver um engano.

Uma das enfermeiras apanhou rapidamente os fósforos.

— O que é que está fazendo? — gritou Neely.

— Não admitimos fósforos aqui.

— Então como vou acender os cigarros?

A enfermeira tomou a sua bolsa e disse:

— A senhora não pode fumar. Isso só lhe será permitido em certas horas, e sob supervisão.

Neely tentou arrancar-lhe a bolsa das mãos, mas eram duas contra uma. Por fim, gritou:

— Chamem o Dr. Hall!

— São ordens dele. Agora, vamos, Srta. O'Hara. Às cinco horas terá direito a dois cigarros. Vamos sair e conhecer as outras clientes.

— O quê? Esperam que eu conviva com doidas? Eu sou Neely O'Hara, e escolho meus próprios amigos. Chamem imediatamente Kevin Gillmore ou Anne Welles. Isso é ridículo. Vou sair imediatamente.

Dirigiu-se à porta; uma das enfermeiras, porém, interceptou-a.

— Ela ainda tem o relógio de pulso — disse uma das enfermeiras, enquanto o retirava sob a violenta reação de Neely.

— Ei, esse relógio custou mil dólares — gritou.

— Será guardado no cofre e a senhora o receberá de volta, juntamente com os outros objetos pessoais, quando deixar o sanatório.

Neely começou a sentir um verdadeiro pânico. Jamais sentira um medo tão desesperado em toda a sua vida.

— Por favor, chame Anne Welles. Ela vai esclarecer tudo.

Meia hora depois, as duas pílulas que tomara já haviam perdido o efeito e ela estava mais acordada do que nunca. Neely sentia-se, às vezes, furiosa, às vezes, apavorada. E aterrorizada também. Tocou a campainha. Apareceu uma enfermeira muito gentil, mas muito evasiva. A Srta. O'Hara poderia fumar um cigarro imediatamente se tivesse a bondade de se dirigir ao salão. Na verdade, era bom que se apressasse, pois se perdesse a vez só poderia fumar novamente às nove horas.

— Quem, diabo, é você para me dizer a que horas posso fumar? — gritou. — Isto não é um hospital de caridade. Este lugar custa muito dinheiro e exijo que me tratem com respeito.

— Nós a respeitamos, Srta. O'Hara, e em troca esperamos que respeite o regulamento de Haven Manor.

— Não sigo nenhum regulamento. Eu é que os faço! Sou Neely O'Hara!

— Sabemos disso. Todos nós admiramos muito o seu trabalho.

— Então faça o que eu digo — insistiu Neely.

— Só atendemos às ordens do Dr. Hall e da Dra. Archer.

— Muito bem, então chame o Dr. Hall.

Voltou as costas à enfermeira e sentiu-se ainda mais amedrontada. Talvez esse Dr. Hall a tivesse atraído para uma armadilha. Não, ele não podia se atrever a tanto. Ela é que estava tão amedrontada que imaginava coisas. Se Anne e Kevin souberem disso, ele vai pagar caro. Mas tudo não deve passar de um mal-entendido.

A enfermeira voltou depois de dez minutos para lhe dizer que, se quisesse fumar antes do jantar, devia sair imediatamente, pois só dispunha de dez minutos para isso.

— Não vou me juntar às doidas!

A enfermeira desapareceu e Neely começou a andar pelo quarto. Sim, bem que ela precisava dessa cura pelo sono. E também de algumas pílulas, pois suas mãos estavam começando a tremer. Céus, ultimamente precisava tomar uma média de duas pílulas a cada hora, "apenas para se manter calma. Talvez a cura pelo sono acabasse com aquele hábito. Céus, depois da Espanha, vinte a trinta bolinhas por dia! Por outro lado, foi uma sorte ela ter saído de lá, antes de se tornar uma viciada irrecuperável. Maldito aquele Dr. Madera, que me dera a primeira injeção de Demerol. .. Céus, que sensação maravilhosa! Todo o medo desaparecia. Depois da injeção, permanecera na cama durante seis horas, com um sentimento de felicidade e bem-estar que jamais conhecera. Sentia que poderia cantar melhor do que nunca, alcançar notas jamais alcançadas e permanecer magra, sem precisar tomar as pílulas verdes.

Claro que, quando terminava o efeito, ela se sentia miserável. Como poderia encarar mais um dia, mais um amante, mais uma festa? Sempre havia, porém, o Dr. Madera para isso. Aprendera em Hollywood que uma boa desculpa era se queixar de "dor nas costas". Não havia aparelho de raios X que pudesse desmentir isso e

nenhum médico poderia ter certeza de que não era verdade. Uma queixa assim sempre proporcionava alguns dias de descanso. Funcionou muito bem com o Dr. Madera, que resolveu contribuir com o Demerol. Em Hollywood, entretanto, não seria possível consegui-lo. E o Dr. Madera fora tão generoso que lhe dera três injeções por dia durante um ano inteiro.

Depois de algum tempo, ela não ficava apenas deitada quando tomava o Demerol. Conseguia sair, ir a boates e cantar. Nunca cantara melhor em sua vida. Se o filme que estrelara na Espanha fosse liberado nos Estados Unidos, o sucesso seria enorme. Alcançara o pináculo com ele; estava magra e elegante, não tinha vontade de comer quando tomava Demerol. E os olhos pareciam dois carvões de tão negros — a droga fazia aumentar as pupilas. A sua voz, porém, era clara e pura.

Foi quando Ted lhe telegrafou da Califórnia, dizendo que reclamaria a custódia dos gêmeos se ela não voltasse para cuidar deles. Como se ela fosse permitir que seus filhos vivessem em companhia daquela vadia! Para cúmulo de tudo, o suicídio de Jennifer. Teve de abandonar a Espanha e o Demerol. As pílulas ajudavam, mas precisava de tantas, ultimamente! Pelo menos trinta por dia. E hoje tomara apenas seis, sendo que as duas últimas há duas horas. Onde, diabo, estaria o Dr. Hall? Quando é que iriam começar?

Uma enfermeira apareceu para dizer que o jantar ia ser servido. Será que poderia fazer o favor de vir à sala de jantar? Não, não iria.

— Não, o que eu quero é um cigarro e algumas pílulas de Seconal para esperar o Dr. Hall. Traga pelo menos seis.

Pulou para a cama. Sentia a garganta arder. Céus, se pudesse tomar alguma coisa. . . qualquer coisa. Aquele quarto, que mais parecia uma gaiola, estava começando a deprimi-la. Se não acontecesse alguma coisa imediatamente, iria embora. E ninguém poderia impedi-la; afinal, não estava numa prisão. Ouviu passos. Sentou-se. Quem sabe iriam começar a agir agora? Apareceu uma enfermeira, carregando uma bandeja com o jantar.

— Srta. O'Hara, se prefere comer em seu quarto. . .

A enfermeira não teve oportunidade de terminar a frase. A paciência de Neely estava esgotada. Pegou a bandeja e a atirou longe. A enfermeira desviou-se, uma outra chegou correndo. Neely então explodiu:

— Eu não quero comer e não pretendo confraternizar. Tudo o que eu quero é dormir. Agora, tragam o meu cigarro e comecem essa cura pelo sono imediatamente; de outra forma, vou embora. Já aguentei demais.

A enfermeira, que parecia ser a chefe, tomou a palavra:

— Srta. O'Hara, não haverá nenhuma cura pelo sono.

— O que é que está dizendo?

— Falei com o Dr. Hall. Não haverá cura pelo sono nem barbitúricos. A senhorita vai sarar com psiquiatria e terapia.

— Vou embora! — Neely dirigiu-se à porta mas foi impedida por quatro braços que a agarraram.

— Tirem essas mãos imundas de cima de mim — gritou. — Quero ficar sozinha.

Avançou para as enfermeiras, com os punhos cerrados, e uma delas começou a dar ordens.

— Levem-na para Hawthorne.

Apareceram mais algumas enfermeiras, que arrastaram Neely pelo corredor. Aquilo não podia estar acontecendo! Ela, Neely O'Hara, empurrada por quatro enfermeiras! E aquele grito selvagem estava saindo de sua própria garganta! Ela não estava tendo um acesso, estava só furiosa com a traição que lhe fizeram.

Lutou e gritou durante todo o percurso, enquanto portas eram abertas e fechadas, até chegarem à entrada do outro prédio. Apareceram mais duas enfermeiras. Foi arrastada a outro corredor e jogada em outro cubículo; mesmo em sua fúria, notou a diferença: ali não havia tapete, nem cortinas, nem mesa. Apenas uma cama, tal qual numa cela. Foi colocada na cama. Arrancaram-lhe a calça comprida, rasgando-a. Ainda bem que trouxera mais uma.

Uma jovem enfermeira apareceu e sentou-se ao lado dela.

— Vamos, Srta. O'Hara, precisa comer alguma coisa.

— Quero ir para casa — gritou Neely.

— Vamos jantar, vamos conhecer as outras pacientes.

— Quero dormir. — Neely começou a soluçar. Caíra numa armadilha. Olhou para a janela e viu que não tinha grades. Apenas uma tela. E as telas podiam ser cortadas. . . Mas com quê? Saiu correndo do quarto e chegou a uma grande sala. Viu muitas pacientes sentadas, assistindo calmamente a um programa de televisão. Olhou à volta com um olhar selvagem. Com que poderia cortar a tela? Olhou para a estante de livros. Estava cheia de livros e quebra-cabeças. . . e, também, um jogo de xadrez. Agarrou um peão. A cabeça dele era pequena e, quem sabe, se ela batesse com bastante força, conseguiria romper a tela. Saiu correndo para o quarto com o peão na mão.

A enfermeira continuava sentada na cama, olhando calmamente. Deixe que ela olhe, pensou Neely; sou mais forte que ela e não poderá impedir que eu fuja. Abriu a janela. A enfermeira continuou imóvel. Começou a bater na tela com a peça de xadrez, sem parar de soluçar. Deve haver um ponto fraco nesta tela, por onde poderei começar a rasgar, pensou. Deve haver. . .

— Essa tela é feita de aço — disse a enfermeira calmamente. — E, mesmo que conseguisse fugir, não sairia da propriedade. A área total é de vinte e cinco acres e os portões estão fechados.

Neely deixou cair o peão e sentou na beira da cama, soluçando. A enfermeira tentou acalmá-la, mas os soluços se tornavam cada vez mais violentos. Pensou em Anne e Kevin. Já deviam estar em Nova York, imaginando provavelmente que ela estivesse dormindo. Pensou no apartamento de Anne. Por que não tinha ficado lá? Ao menos, poderia fumar quando quisesse, tomar pílulas, beber uísque. . . Pensou em Hollywood. O Chefe. . . a quem estaria agora controlando? E Ted. . . Era mais cedo na Califórnia, talvez três horas. . . E devia estar fazendo sol. Ted provavelmente estava à beira da piscina com a mulher. E ela, a grande Neely O'Hara, presa numa fazenda de doídos! Soluçou mais alto ainda.

Deve ter ficado mais de uma hora assim, pois quando olhou para a janela viu que já estava escuro. A enfermeira-chefe apareceu. Em um broche, no seu avental, se lia: "Srta. Schmidt". Neely achou-a com cara de touro.

— Srta. O'Hara, a menos que consiga se acalmar, teremos de fazer alguma coisa.

Muito bem, então, apesar de tudo o que lhe disseram, podia conseguir alguns barbitúricos ali. Ela lhes mostraria se não era capaz de quebrar o regulamento. Neely O'Hara mudaria tudo. Começou a gritar bem alto.

Imediatamente, a enfermeira reapareceu.

— Vamos, precisa parar com isso, está incomodando as outras pacientes.

— Elas que vão à m.. . — berrava Neely. Seus gritos ficavam cada vez mais altos e mais agudos.

A enfermeira fez um sinal com a cabeça para outras duas enfermeiras, que agarraram Neely pelos braços e a arrastaram pelo corredor abaixo. Ela gritava, lutava, dava pontapés, mas as enfermeiras eram muitas. Levaram-na para um banheiro enorme. A Srta. Schmidt e as outras duas pedi-ram-lhe que tirasse a roupa.

— Não vou lhes dar este espetáculo — gritou Neely.

A Srta. Schmidt fez outro sinal para as duas enfermeiras, que despiram Neely à força. Nua, tremendo, foi forçada a se deitar numa banheira coberta por uma tela, que lhe deixava apenas a cabeça de fora. Puseram depois um travesseiro sob a sua cabeça. Uma das enfermeiras sentou-se a uma mesa próxima, munida de um lápis e de um caderno de notas.

Neely continuava a gritar, embora achando que o banho estava muito bom. Sempre gostou de longos banhos de imersão, e este até que era bastante especial. A água tépida entrava de um lado da banheira, saindo por outro, sempre borbulhando à sua volta, o que lhe dava uma sensação de relaxamento. Pensava em tudo isto, enquanto continuava a gritar.

A Srta. Schmidt voltou e se ajoelhou ao lado dela. Seus olhos demonstravam bondade.

— Srta. O'Hara, por que não tenta relaxar e ajudar o banho a fazer o seu trabalho?

— Quero sair daqui — gritava Neely.

— A senhorita ficará nesta banheira até 'parar de gritar ou até adormecer.

— Fique sabendo que não há água suficiente em todo esse maldito Estado que me consiga fazer dormir — berrou Neely no rosto da enfermeira.

— Já houve pacientes que ficaram quinze horas nesta banheira — respondeu a Srta. Schmidt, levantando-se. — Voltarei daqui a uma hora; talvez a senhorita esteja mais calma então.

Uma hora! E já estava começando a ficar rouca. A garganta doía. Queria deitar-se para trás e descansar, mas era exatamente isso que queriam que ela fizesse. Estava com fome, queria fumar um cigarro e tomar umas pílulas. Recomeçou a gritar, amaldiçoando o Dr. Hall, o hospital, as enfermeiras... até começar a soluçar. Notou que a enfermeira parava de escrever quando ela parava de falar e apenas soluçava. Então, era isso. Escreviam todas as palavras ditas pelas pacientes, para que o Dr. Hall pudesse ler. Não, não iria parar, e ninguém descansaria enquanto Neely O'Hara estivesse ali.

Gritou novamente. Usou a pior linguagem possível e notou que a enfermeira corava enquanto escrevia as obscenidades que dizia. Em alguma parte da sua mente, sentiu compaixão pela enfermeira. Era uma jovem, de uns dezenove anos, e não era culpa dela. . . afinal, não foi ela que fez o regulamento. Assim mesmo, continuou a gritar todas as obscenidades que já ouvira na vida. Enquanto isso, batia na tela com os joelhos, já arranhados. De repente, conseguiu passar a cabeça pelo buraco da tela e mergulhar na banheira. A enfermeira pulou, puxou-a para fora e tocou uma campainha. Outras enfermeiras vieram e tornaram a abertura, para a cabeça, menor. Neely continuava gritando, a enfermeira escrevendo.

Quando mergulhou, pôde notar um pequeno furo na tela, bem perto do dedão do pé. Sempre gritando, enquanto a enfermeira escrevia, Neely começou a enfiar o pé pelo furo, que se tornava cada vez maior. A fim de distrair a enfermeira, continuava a blasfemar e a xingar, enquanto ia lentamente aumentando o tamanho do buraco na tela. Então, com um esforço sobre-humano, enfiou o pé inteiro pelo buraco da tela, e dobrou violentamente a perna, de modo que o joelho bateu contra o seu peito. Houve o forte ruído de uma coisa que se rasga e a tela se abriu. Neely pulou para fora da banheira. Uma avalanche de enfermeiras chegou correndo,

liderada pela Srta. Schmidt. Uma nova tela foi colocada sobre a banheira, enquanto Neely tinha uma pequena satisfação, ao ouvir uma das enfermeiras murmurar:

— Jamais alguém rasgou a tela da banheira!

Devia ter gritado durante uma eternidade. Trocaram a enfermeira, esta também era bastante jovem, mas as blasfêmias de Neely a deixavam completamente impassível. Neely, rouca, exausta — as costas doíam. . . os joelhos doíam.. . o dedão do pé parecia ter quebrado com o esforço de rasgar a tela — continuava a gritar. A porta se abriu. Um médico entrou. Puxou uma cadeira e sentou-se ao pé da banheira.

— Boa noite. Eu sou o Dr. Clements. Estou fazendo a ronda da noite.

Notou que eram nove horas no relógio do médico. Devia estar naquela banheira há umas três horas.

— Posso ajudá-la?

Eu não estou doida, eles é que estão, pensou. Aqui está ele sentado, calmamente, e eu só com a cabeça do lado de fora desta banheira, e simplesmente me pergunta se pode me ajudar.

— Há algo que eu possa fazer?

Neely olhou para ele e as lágrimas começaram a correr pelo seu rosto.

— Que espécie de psiquiatra é você? Ainda pergunta se pode me ajudar? Por Deus, todos os médicos deste lugar sabem por que estou aqui. Todos vocês sabem que fui enganada. Prometeram uma cura de sono e só porque estou reclamando, porque tenho direito, me enfiaram nesta banheira.

— Uma cura pelo sono? — A surpresa dele não era fingida.

— Sim, por isso é que vim para cá. Para dormir durante oito dias. Foi o que me prometeu aquele maldito Dr. Hall. No momento, porém, em que meus amigos foram embora, tudo mudou.

O médico olhou para a enfermeira, que sacudiu os ombros. Olhou, então, de novo para Neely.

— Estou aqui apenas fazendo a ronda, pois é minha noite de plantão. Nada sei a respeito do seu caso. Mencionarei isso no meu relatório amanhã e tenho certeza de que tudo ficará acertado.

— Tão fácil, não é? — Desta vez Neely não estava gritando, porque percebera uma preocupação autêntica nos olhos do homem. Quem sabe ela poderia convencê-lo? — O senhor está aqui para me ajudar. Acha que desta maneira está me ajudando? Foi para isso que estudou? Para fazer um apontamento a meu respeito e depois ir para casa dormir sua própria cama, enquanto eu fico aqui dentro da água? <sup>se</sup> o senhor fosse um ser humano realmente, me daria um cigarro, algo para comer, algumas pílulas de Seconal. . . e não apenas uma anotação no seu caderno.

O medico saiu da sala; Neely renovou esforços para começar a gritar. A garganta doía, e ela se sentia muito cansada. Se pudesse parar de gritar. . . A água permanecia sempre na mesma temperatura, bem que poderia adormecer ali mesmo. . . Mas isto seria dar a eles uma vitória. Toda a gente ficava na banheira até dormir. . . menos Neely O'Hara! Se perdesse essa primeira batalha por certo perderia as outras. Recomeçou a gritar tão alto quanto possível. .

Uma hora depois, o médico voltou acompanhado da Srta. Schmidt. Abriu uma pasta, despejou alguma coisa em um copo, que entregou à enfermeira.

— Falei com o Dr. Hall pelo telefone. Ele concorda em que a coisa mais importante no momento é fazê-la dormir. Pelo menos esta noite.

A enfermeira segurou o copo na altura dos lábios de Neely, para que ela bebesse.

— Não farei nada antes que me tirem daqui — disse Neely, virando o rosto para o outro lado.

— Tome isto — disse a Srta. Schmidt suavemente. — Você dormirá imediatamente e nós a tiraremos daqui. Eu prometo.

Neely compreendeu. Tinham dito que não a tirariam dali antes de ela dormir; no fim, tiveram de lhe dar alguma coisa para dormir. A vitória era sua. Então, nada de barbitúricos, hem? Que diabo seria aquele líquido turvo que lhe ofereciam? Permitiu que a enfermeira a fizesse beber até a última gota.

Jesus! Aquilo sim é que valia a pena! O efeito foi instantâneo. Era maravilhoso! Parou de gritar e a mais incrível das sensações tomou conta dela. Sentiu que retiravam a tela e que alguém esfregava o seu corpo com uma toalha. . . ajudavam-na a vestir uma camisola.

— Não temos nenhum quarto particular vago neste,, edifício, Srta. O'Hara — dizia a enfermeira. — A senhorita pode me ouvir? Teremos que levá-la a um dormitório coletivo.

Ainda estava escuro quando acordou. Onde, diabo, estava ela? Num comprido dormitório cheio de camas. . . Céus! A fazenda de doidos! Que horas seriam?. Pulou para fora da cama. A enfermeira, sentada do lado de fora, pulou:

- Sim, Srta. O'Hara.
- Que horas são?
- Quatro horas da manhã.
- Estou com fome.

Ofereceram-lhe uma bandeja com biscoitos e leite. Deixaram que sentasse no banco do *hall*, para não acordar as outras pacientes. Acabou de tomar o leite. Poderia fumar um cigarro? Não, não podia. Eram gentis, mas não podiam ^ dar o cigarro. Muito bem, que fariam agora? Não tinha mais sono, e além disso, alguém roncava no dormitório. A enfermeira se desculpou dizendo que um apartamento particular ficaria vago dentro de alguns dias.

Neely voltou à cama. Dentro de alguns dias! Sairia dali assim que clareasse o dia. Teriam de lhe permitir telefonar para Anne.

Devia ter dormido novamente porque, quando percebeu, havia grande atividade à sua volta. Toda a gente estava de pé e uma nova enfermeira apareceu.

— Bom dia, Srta. O'Hara. Levante-se e arrume a cama. O banheiro é no fim do corredor.

— Arrumar a cama? — disse Neely bruscamente. — Não com o preço que cobram, irmã. Há quinze anos que eu não faço a minha cama e não é agora que vou recomeçar.

— Eu a arrumarei para você — disse uma bonita jovem de cabelo cor de areia. — Meu nome é Carole.

— Por que faria isso para mim? — perguntou Neely, enquanto observava a moça pôr os lençóis em ordem.

Ela sorriu.

— Você ganhará uma nota negra se não fizer a cama. Hoje é seu primeiro dia, mas vai se acostumar.

— Por que é que eu deveria me incomodar com uma nota negra? — perguntou Neely.

— Bem, você não pretende ficar no Pavilhão Hawthorne a vida toda, pretende? Vai querer mudar para o Fir, depois para o Elm, para o Ash, e daí para a clínica dos não residentes, não é?

— Até parece uma escola.

— E de certo modo é. Este é o pavilhão para as mais perturbadas. Eu já estava prontinha para ir para o Elm, mas. . . explodi. Já faz dois meses que vim para cá. Espero ser transferida para o Fir em breve.

Neely seguiu Carole até um enorme banheiro, onde umas vinte mulheres escovavam os dentes e conversavam. Eram de todas as idades, algumas estavam em seus quarenta e poucos; havia uma simpática senhora, de uns setenta anos; Carole devia ter vinte e cinco; umas sete ou oito de sua idade, e algumas mais novas que ela. Falavam como estudantes num dormitório de escola. Neely ganhou uma escova de dentes e uma funcionária apareceu, carregando uma grande caixa.

— Muito bem, garotas, aqui estão os seus batons.

Neely não podia acreditar no que via. Na caixa, vinte batons, cada um com uma etiqueta, onde estava escrito o nome da dona. Viu o seu próprio, que deviam ter tirado de sua bolsa e etiquetado. Passou-o nos lábios e o devolveu à funcionária.

Entrou então na fila para pegar a roupa. Uma funcionária entregou-lhe um *soutien*, uma calcinha, um par de sandálias, uma blusa e uma saia. Para seu espanto, eram as suas próprias roupas, todas com o nome na etiqueta. E ela não as trouxera. Portanto, Anne devia ter enviado essas roupas por mensageiro, durante a noite.

Isso significava que Anne sabia que ela não estava sendo submetida à cura pelo sono. O medo que sentiu a desnoiteou.

Vestiu-se devagar, tentando pôr em ordem os pensamentos. Seguiu Carole até o salão de recreação. O sol entrava pela janela dando uma falsa impressão de alegria. Olhou para o relógio. Céus, eram apenas sete e meia! Como suportaria passar aquele dia que apenas começava?

A Srta. Schmidt foi substituída pela enfermeira do dia. Parecia-se com a superior, e as outras cinco ou seis enfermeiras pulavam quando ela dava ordens. Neely reuniu-se às companheiras para o café. A sala era grande e alegre, e elas ficavam quatro em cada mesa. Decidira que não comeria, mas o prato de ovos com *bacon* lembrou-lhe que estava faminta. Comeu fartamente e voltou com as outras para a sala de recreação.

Achou as companheiras bem-educadas. Sabia que a haviam reconhecido, olhavam-na e sorriam gentilmente, como que para evitar que ela se sentisse acanhada. A aparência dela devia estar péssima. O cinto da sua saia fora retirado. Tinha o cabelo todo encaracolado e os joelhos arranhados, lembrança da noite passada na banheira. Desejou participar da camaradagem e do bom humor das companheiras. Todas agiam como se gostassem muito daquele lugar.

Carole apresentou-a a todas. Céus, mas elas pareciam perfeitamente normais e saudáveis! Sentou-se, imaginando o que aconteceria em seguida. Uma enfermeira entrou e todas as mulheres se puseram alegremente à sua volta; abriu uma caixa e foi chamando cada uma pelo nome, até mesmo "Miss O'Hara". Neely foi até lá. Céus, como eram organizados! Até seu maço de cigarros estava etiquetado. Cada uma das mulheres ganhou dois cigarros e uma outra enfermeira pôs-se ao lado da primeira, para acendê-los. Neely aspirou profundamente a fumaça do primeiro cigarro que fumava em doze horas! A primeira baforada a deixou tonta, a segunda, satisfeita, a terceira desanuviou-lhe a cabeça. Imaginem, ficar sem fumar um cigarro desde a tarde anterior, ela, que chegava a fumar dois maços por dia! Levantou-se lentamente e se dirigiu à mesa onde estava sentada a Srta. Weston.

— Gostaria de dar um telefonema — disse Neely. — Que devo fazer?

— Telefonemas não são permitidos — disse a moça alegremente.

— Bem, então como posso me comunicar com os meus amigos?

— A senhora tem permissão para escrever cartas.

— Onde posso obter papel e caneta?

A enfermeira olhou para o relógio e disse:

— Acho melhor esperar um pouco; está na hora da sua consulta médica.

— Com o Dr. Hall?

— Não, com o Dr. Feldmann. É apenas uma consulta de rotina.

Era um clínico-geral, não um psiquiatra. Tirou um pouco de sangue do dedo e do braço e ouviu o seu coração.

Neely pediu a uma enfermeira que lhe acendesse o segundo cigarro. Uma moça bonita, de cabelos escuros, aproximou-se dela.

— Não se importe com o exame médico. Fazem isso para controlar a saúde geral. Seria embaraçoso para eles que alguma de nós morresse de câncer, ou de outra coisa qualquer, enquanto estivesse tratando apenas da cabeça.

Neely olhou para a moça e ficou imaginando como ficaria linda com uma maquilagem apropriada. A estrutura óssea do rosto era perfeita e os olhos brilhavam. Devia ter tido um corpo bonito, se bem que agora estivesse um tanto gorda, feria talvez uns trinta anos.

— Sou Mary Jane — disse, enquanto se sentava, segurando uma caixa no colo. — Deixe que eu a inicie na vida aqui. Quando você for ao ginásio, compre uma caixa de papel de cartas. Custa apenas um dólar.

— Eu não tenho dinheiro.

— Você pode mandar pôr tudo na sua conta.

Ela abriu a caixa e Neely viu que continha papel de carta e um maço de cigarros.

— Onde foi que você conseguiu. . . ?

A moça silenciou-a com um gesto rápido.

— Nos dias de visitas, a gente tem permissão para fumar com as visitas. Faça com que lhe tragam um pacote de cigarros quando a visitarem. Você então esconde os cigarros e, na hora de fumar, poderá fumar até uma dúzia.

— Mas a enfermeira que acende os cigarros notará se a gente acender mais de dois.

— Você poderá acender o seu cigarro no de uma companheira. Isso é permitido. Só não nos permitem ter fósforos. Na verdade, as enfermeiras não se importam com a quantidade que fumamos. Acho que reconhecem termos direito a algum prazer na vida, afinal.

Neely sorriu.

— Você parece normal. Por que está aqui?

— Fiz isso para me vingar do meu marido, mas o tiro saiu pela culatra. Aquele bastardo tem montes de dinheiro e arranjou outra mulher. Pediu que eu lhe desse o divórcio e então eu fingi ter um colapso nervoso. Foi o maior erro de minha vida.

— Por quê?

— Tomei três pílulas e escrevi uma carta suicida. Quando acordei estava no Bellevue. Menina, lá é que a gente é capaz de ficar louca de verdade. Loucas por toda parte, gritando e tendo acessos. O meu medo foi tanto que comecei a gritar também; então, me puseram uma camisa-de-força. Depois, porque meu marido tem dinheiro, me internaram aqui. Quando quis sair, meu marido providenciou para que tal não acontecesse. Já estou aqui há cinco meses. Eu estava no Edifício Elm, onde permitem que se fume à vontade e onde podemos usar cintos e maquilagem. Quando soube que ele conseguira me manter internada indefinidamente, tive uma crise histérica, e eles me mandaram para cá. Por isso, aconselho-a a fazer direitinho tudo que lhe mandarem, não como eu, que me recusava a comer e a cooperar. Como resultado, passei praticamente três semanas naquela maldita banheira. Convença-se desde já que só existe uma maneira de sair daqui: a deles. Tenho me comportado como um anjo, e em breve serei transferida para o Fir. Depois de algum tempo, irei para o Elm, depois para o Ash, em seguida, para o bangalô dos semi-internos. . . depois, fora daqui para sempre.

Neely gelou de medo.

— Isso me parece que vai levar alguns meses. . .

— Mais ou menos um ano — disse Mary Jane alegremente.

— E você não se incomoda?

— Claro que me incomodo. Tanto me incomodo que passei uma semana a gritar. Mas a verdade é que não se pode com eles. Mostram a sua ficha a seu médico, ao advogado, ou a quem é responsável por você. A coisa parece bem pior quando está em letras de forma: "A paciente teve um ataque histérico. Teve de ser contida. Passou doze horas na banheira". Aí, eles dizem ao seu advogado: "Agora, assine aqui para que ela permaneça no sanatório mais três meses. O senhor, certamente, deseja fazer tudo para que uma mulher saudável e normal seja restituída à sociedade, não é verdade?" Claro que pelo preço que cobram, não se importam com a demora. Por isso, resolvi não lutar mais. Além disso, que é que perco, afinal? Não tenho lugar para onde ir. Hank, meu marido, está com a tal garota, e, pelo menos, não pode se casar com ela. E tem que gastar comigo mil e quinhentos dólares por mês.

— Mas é que eu vim para cá esperando ficar oito dias, para fazer a cura pelo sono.

— Para fazer o quê? — Mary Jane olhou-a com estranheza.

Neely explicou-lhe o que era a cura pelo sono, e Mary sorriu:

— Não acredito que façam isso por aqui. Na verdade, não nos dão nem uma aspirina.

— A mim deram alguma coisa na noite passada — disse Neely orgulhosamente.

Mary Jane sorriu.

— Menina, é verdade que você rasgou a tela? Todas só falam disso.

Neely fez que sim com a cabeça.

— É também vou sair daqui, pode estar certa.

Mary Jane continuou a sorrir.

— Muito bem, fico torcendo. Mas conte como é que vai fazer. Olhe para a Peggy; fizeram uma lavagem cerebral no marido dela.

Peggy aproximou-se delas. Era loura atraente, uns vinte e cinco anos de idade.

— Contando a ela todas as nossas histórias tenebrosas? — perguntou.

— Por que é que você está aqui? — Neely se dirigiu à loura.

— Porque era completamente maluca — respondeu a moça alegremente.

— Não, não era — disse Mary Jane. — É que ela perdeu dois bebês em seguida, que nasceram mortos. Qualquer uma ficaria deprimida.

— Tudo o que sei — Peggy conseguiu sorrir — é que começava a chorar à vista de simples bonecas numa vitrina. Quando cheguei aqui, ainda foi pior. Recebi quarenta choques elétricos. Só agora estou começando a me sentir humana novamente.

Neely sentiu a garganta apertada pelo terror. Tratamento de choques! Mary Jane parece que leu os seus pensamentos e apressou-se a dizer:

— Não se preocupe. Ainda que achem que você precise de tal tratamento, têm de obter permissão de quem é responsável pela gente para administrá-lo.

— Anne nunca dará permissão para isso — disse Neely, sossegada.

— A menos que eles lhe façam uma lavagem cerebral, como fizeram ao marido de Peggy. Quando a Dra. Archer e o Dr. Hall começam a trabalhar as pessoas, elas acabam concordando com tudo. O marido de Peggy, por exemplo, apareceu no primeiro dia de visitação. Peggy estava ótima, queria apenas sair daqui. O marido ficou contentíssimo e foi ao escritório, para as formalidades de retirada do paciente. Só voltou a vê-lo duas semanas depois e, no dia seguinte, começaram o tratamento de choques com ela.

— Por quê?

— Não culpo Jim — começou Peggy. — No começo, eu o culpava, agora compreendo. Mostraram-lhe a minha ficha. Davam-me como deprimida, não dormia, chorava o tempo todo, enfim, tinha todos os sintomas de uma maníaca-depressiva. Mas quem não choraria, perdendo duas crianças, e, ainda por cima, ficando aqui,

confinada? Conseguiram convencer Jim; se eu fosse para casa, talvez ficasse pior e até incurável. Claro que Jim quer uma mulher feliz; por isso, assinou os papéis para o meu confinamento.

Neely ouviu muitas histórias semelhantes. Ninguém era maluca. Na verdade, todas pareciam mais normais do que muita gente que Neely conheceu lá fora. No meio da sétima história que lhe estava sendo contada, a enfermeira interrompeu:

- Vamos, minhas senhoras!
- E agora? — perguntou Neely.
- Ginásio de esportes — explicou Mary Jane.

Seguiram a enfermeira, formando filas duplas. Passaram por corredores onde as portas eram abertas e trancadas novamente. Finalmente, chegaram a um grande ginásio. Havia uma quadra de *badminton*,<sup>2</sup> mesas de pingue-pongue, e outros jogos. Um grupo saía quando elas entraram; Mary Jane acenou para algumas das moças e explicou a Neely:

— Aquele grupo é do Fir. Usam o ginásio das oito às oito e trinta. Aquelas moças que eu cumprimentei foram promovidas na semana passada do Hawthorne para o Fir.

Neely sentou-se num banco, enquanto as outras escolhiam lugar para os jogos. Comprou uma caixa de papel de cartas, mas se recusou a experimentar sapatos para os esportes, alegando que não ficaria muito tempo. Tinha de escrever para Anne, sem demonstrar pânico. Mary Jane lhe dissera que, se o demonstrasse, isso seria usado contra ela.

Saíram do ginásio às nove e meia, quando entrava um novo grupo. Foram levadas a um outro edifício, de terapia ocupacional. Todas as mulheres se dirigiram aos seus trabalhos e uma professora explicou a Neely que ela poderia trabalhar com mosaicos, tricô, ou qualquer outra coisa que lhe agradasse. Não queria fazer coisa alguma, sentou-se a um canto. Por Deus, como foi que isto aconteceu? Olhou pela janela, A grama começava a ficar verde; um coelho atravessava o jardim. Pelo menos ele podia ir aonde quisesse. Era livre, Neely não podia suportar a clausura. Ficou olhando para a professora, que pacientemente ensinava suas companheiras. .Claro, às cinco da tarde, a professora ficaria livre para ir aonde quisesse. E

ela precisava de um cigarro. E precisava de uma pílula. Por Deus, daria qualquer coisa por uma pílula. Sentiu que começava a transpirar na base do pescoço. Seu cabelo estava úmido e sentia uma dor terrível nas costas. Ia desmaiar. A professora veio correndo até ela.

— Minhas costas — queixou-se Neely.

— Feriu-se no ginásio? — A professora era toda atenção.

— Não, sempre sofri das costas. Estão doendo novamente.

A instrutora perdeu imediatamente o interesse.

— Tem uma sessão com o seu psiquiatra às duas horas da tarde. Poderá contar a ele.

E assim foi passando o dia. Pelas duas horas, quando falava com o médico, tinha vontade de gritar. Era um homem magro, de face avermelhada, chamado Dr. Seale, que escrevia enquanto ela falava. Desabafou a sua ira. Falou da injustiça, da traição que lhe fizeram, da cura pelo sono que lhe prometeram, da forma como estava sendo empurrada de um lado para o outro. Fumava um cigarro atrás do outro, o que era permitido durante as consultas ao psiquiatra.

— Tenho novamente uma dor terrível nas costas — lamentava-se Neely. — Por favor, dê-me alguns comprimidos de Seconal.

O médico continuou escrevendo, e perguntou:

— Há quanto tempo a senhora vem tomando Seconal?

Neely perdeu a paciência.

— Ora, vamos! Não queira fazer disto um caso de polícia. Se todas as pessoas que tomam Seconal estivessem num sanatório, o senhor teria aqui a metade de Hollywood e toda a Avenida Madison e a Broadway.

— A senhora acha normal tomar pílulas para dormir durante o dia, para aliviar a dor nas costas?

— Não, claro que preferiria uma injeção de Demerol — disse Neely, divertida com a surpresa estampada na face do médico. — Sim, Demerol. Na Espanha eu tomava isso todo o tempo. E funcionava muito bem. Cheguei até a fazer um filme. Por aí, pode ver que duas simples pílulas de Seconal são apenas um aperitivo

para mim. Agora, vamos, me dê algumas. Se pudesse tomar duas a cada hora, talvez suportasse isto aqui.

— Fale-me sobre sua mãe, Srta. O'Hara.

— Ora bolas! Não me diga que vamos começar com essas besteiras de Freud. Olhe, já exploraram toda essa parte da minha vida, na Califórnia. Levei cinco anos e gastei vinte mil dólares para convencer os psiquiatras de que nunca conheci minha mãe, e que não me lembro dela. Se vou começar tudo de novo, estarei velha quando sair daqui.

— Então mandarei buscar as suas fichas na Califórnia — disse o médico.

— Não ficarei aqui durante tanto tempo. Vou escrever à minha amiga esta noite mesmo.

— Ficaré, pelo menos, trinta dias.

— Trinta dias?

O médico explicou a respeito dos papéis que ela havia assinado, e Neely sacudiu a cabeça.

— Que armadilha! Pensam em tudo aqui.

— Voltarei a vê-la amanhã, a esta mesma hora — disse o médico, levantando-se.

— Muito bem, talvez eu possa me divertir durante esses trinta dias. Mas, depois disso, poderei sair, não é?

— Veremos — disse o médico vagamente.

— Veremos? Como assim?

— Ao fim de um mês, nós avaliaremos o seu estado, e se acharmos que está apta. . .

— Nós? Que quer dizer com isso? Eu é que resolverei se quero sair ou não. Quem é que poderá me impedir?

— Srta. O'Hara, se insistir em sair daqui sem que concordemos com isso, então teremos que expor o caso a quem é responsável, isto é, a Srta. Welles. Pediremos a ela que a deixe por mais três meses, se não resolver ficar por si mesma.

— Suponhamos que Anne recuse?

— Então submeteremos o seu caso a uma junta imparcial.

Neely retesou-se de medo.

— Sim, senhor, vocês têm uma bela armadilha.

— Não se trata de uma armadilha, Srta. O'Hara. Tudo o que queremos é curar as pessoas. Se deixássemos sair alguém que não estivesse curado, e essa pessoa se suicidasse algum tempo depois, ou então ferisse alguém. . . bem, isso não nos daria uma boa reputação. Se se submetesse a uma operação num hospital, e quisesse sair antes que o corte cicatrizasse, o seu médico teria todo o direito de impedi-la de fazer isso. Aqui em Haven Manor, quando damos alta a uma pessoa, pode crer que ela estará apta a retomar seu lugar na sociedade.

— Claro, no asilo para velhos.

O médico sorriu.

— Acredito que ainda tem uma lógica e produtiva vida à sua frente. Não creio que um ano ou dois aqui farão muita diferença.

— Um ano ou dois?! — Neely começou a tremer. — Ouça, concordo em ficar durante os trinta dias, já que não há outro remédio. Mas nem um dia a mais.

— Faremos o seu teste de Rorschach agora. Conheceremos novas coisas por ele.

— Ouça, doutor — disse Neely segurando-o pelo braço. — Não sei nada a respeito desses testes, mas, talvez, através deles o senhor constate que eu sofro de alguma espécie de loucura. É claro que não posso ser normal. As pessoas normais não chegam nunca a ser estrelas, nem chegam aonde cheguei. Se o senhor pegar os frequentadores do Sardi's e do Chasens e lhes aplicar esse tal de teste verá que todos deveriam estar num sanatório por alguns anos. O senhor não percebe que são exatamente as nossas esquisitices que nos fazem ser o que somos?

— Concordo com isso, e acho essas esquisitices ótimas quando trabalham a favor do artista. Só que, quando começam a levá-lo para o caminho da autodestruição, então a nossa intervenção é necessária.

— Não é o meu caso. Apenas as coisas não deram certo comigo. Ouça: quando a gente tem um estúdio que nos trata, durante anos, como se a gente fosse Jesus Cristo, é claro que ele acaba tomando a forma de uma mãe bondosa. Eles fazem tudo pela gente: arranjam passagens de avião, escrevem os nossos discursos,

tomam conta das entrevistas com os jornais, pagam até nossas multas de tráfico. A gente vai gradualmente ficando na inteira dependência deles, e achando que eles estão se incomodando com a gente, que estão nos protegendo. Aí, quando nos atiram à nossa própria sorte, sentimo-nos como se fôssemos um rebotalho. E isso nos magoa e nos marca. Eu me senti como se fosse, novamente, apenas Neely.

— E quem é apenas Neely?

— Ethel Agnes O'Neil, a garota que devia fazer seu próprio trabalho sujo, lavar suas roupas de baixo, e abrir seu próprio caminho. Neely O'Hara tinha quem fizesse tudo por ela, o respeito das pessoas. E é assim que deve ser, se a gente tem verdadeiro talento, para que a gente possa se concentrar no trabalho. Por isso é que perdi a voz. Não podia fazer tudo sozinha.

— Mas Ethel Agnes O'Neil fazia tudo sozinha — disse o médico.

— Claro, aos dezessete anos, podemos fazer qualquer coisa. Não se tem nada a perder. Quando a gente não tem nada, pode tentar tudo. Ultimamente não tenho trabalhado, mas ainda sou uma legenda viva. Não posso arriscar a minha reputação artística. Por isso é que fiquei apavorada com aquele filme em Hollywood. O contrato era para apenas um filme, e não havia nenhum estúdio por trás de mim, poupando-me o futuro. Estavam apenas servindo-se de mim para ganhar rapidamente dinheiro à custa do meu nome. Sabia que o filme era péssimo, e eles também sabiam disso; ainda assim daria dinheiro. Foi quando perdi a voz e perdi de verdade. O Dr. Massinger me explicou isso; o estúdio, entretanto, me chamou de irresponsável, e isso resolveu o assunto deles.

— Mas acabou de dizer que o estúdio era como uma segunda mãe.

— Isso já não acontece. A televisão mudou tudo. Até mesmo O Chefe já tem de obter a aprovação dos acionistas para tudo. Ouvi dizer que estão tentando demiti-lo. Tudo está mudado.

— Então a senhora tem de mudar também, adaptar-se às novas circunstâncias.

— Talvez, só que isso não pode significar que tenha de andar por aí amedrontada. Sou uma estrela e tenho de agir como tal, aconteça o que acontecer.

— Conversaremos amanhã — disse o médico, levando-a à porta.

— Quando poderei ver Anne?

— Dentro de duas semanas.

Duas semanas! Neely voltou à sala de recepção. Conseguiu esconder seis cigarros dentro da caixa de papel de cartas e devolveu o maço à enfermeira. Não tinha fósforos, daria um jeito.

Houve, em seguida, uma hora de recreio, quando todas as internas escreviam cartas ou jogavam baralho. Depois, a hora de fumar, e parecia que todas fumavam um cigarro atrás do outro. Neely escreveu uma longa carta a Anne, em que extravasava toda a sua ira; terminou exigindo que ela a retirasse imediatamente dali. Dobrou a carta e a enfiou no envelope. Quando ia fechá-la, a enfermeira pediu' que não o fizesse.

— Escreva apenas o nome do seu- médico, no lugar do selo. Ele lerá a carta e, se achar que deve ser mandada, porá no correio.

— A senhora quer dizer que o Dr. Seale vai ler tudo o que escrevi?

— É o regulamento.

— Mas isto não está certo. Uma pessoa deve ter um pouco de intimidade.

— Isso é feito para proteger o paciente.

— Para proteger essa corja nojenta, isso sim.

— Não, Srta. O'Hara. Às vezes, acontece que um paciente está deprimido, e descarrega sua hostilidade justamente sobre a pessoa a quem mais ama. Digamos, por exemplo, que uma mulher é enviada para cá pelo marido. Ela pode ter sido sempre uma esposa fiel e devotada, mas, enquanto está sob tratamento, pode sofrer alucinações que a levem a escrever ao marido que ela o odeia, que lhe foi infiel, e é até capaz de mencionar nomes de amigos do casal, dizendo que foram seus amantes. Nada disso é verdade; agora, como é que o marido pode ter certeza? Só por isso é que o médico lê as cartas antes de serem enviadas. Se a senhora escreveu que

odeia o sanatório, ou então coisas pouco elogiosas em relação ao Dr. Seale, não tenha receio, a carta será enviada. A ele interessa apenas proteger o paciente.

Neely entregou-lhe a carta, pensando que, afinal, o Dr. Seale iria saber a opinião dela a seu respeito, e que o achava com cara de berinjela. Sentou-se, com o rosto apoiado nas mãos. Por Deus, tinha de sair dali, pensou.

Mary Jane deu-lhe um tapinha nos ombros e disse:

— Não se sente nessa posição. Tomarão nota de que você está em estado de depressão.

Neely riu alto e amargamente.

— Não ria assim — insistiu Mary Jane —, consideram isso histeria. Se tem vontade de rir, ria normalmente. E não evite a companhia das outras, ou anotarão que você é anti-social. . .

— Ora, pare com isso! — exclamou Neely. — É demais!

— Mas é verdade. Senão, por que haveriam de manter seis enfermeiras para cada grupo de vinte pacientes? Estamos sempre sob O. C, isto é, Observação Constante. Duas vezes por semana, as enfermeiras se reúnem com os médicos e lhes apresentam relatórios a nosso respeito: a instrutora de terapia ocupacional, a instrutora do ginásio de esportes, todos. Você já tem duas anotações prejudiciais: ficou amuada no ginásio e não cooperou na terapia ocupacional. Não concordou em fazer nenhum dos lindos cinzeiros de cerâmica. Lembre-se: há sempre um par de olhos a observar a gente em toda parte.

Durante a sessão da tarde de terapia ocupacional, Neely resolveu fazer uma cigarreira de madeira. Sempre apontarei para ela dizendo que essa é a minha cigarreira de mil e quinhentos dólares, pensou. Trabalhou freneticamente com a lixa na madeira, suavizando as asperezas. Tinha a esperança de que a instrutora a estivesse observando.

Às cinco, foram levadas à sala de massagem: chuveiro, massagem, ducha escocesa. Poderia ter sido divertido, mas ela odiou cada minuto do ritual. Invejou as companheiras, que se entregavam à rotina como se estivessem se divertindo numa colônia de férias. Talvez para algumas delas o sanatório não passasse de

uma agradável quebra de monotonia numa vida desinteressante, o que não era o seu caso. As costas doíam horrivelmente, suas mãos tremiam. Se não conseguisse uma pílula imediatamente, começaria a gritar. Ondas de náuseas começaram a invadi-la. Não devia vomitar, isto seria anotado contra ela. Apertou os dentes, correu para o banheiro e vomitou em segredo. Voltou e tomou uma ducha escocesa. Muito bem, faria o jogo deles, pelo menos até a visita de Anne. Aí, então, convenceria Anne de que estava boa. Devia fazer tudo para sair dali passados os trinta dias. Por Deus, um ano naquele lugar, jogando *badminton* e fazendo trabalhos artísticos e manuais, a deixaria realmente doida.

Às seis horas da tarde, voltaram ao pavilhão Hawthorne. Sentaram-se no salão e se ofereceram bombons umas às outras. Não era de estranhar que todas fossem gordas. Mary Jane contou que engordara oito quilos em cinco semanas. De repente, Carole, a moça que lhe arrumara a cama, levantou-se da cadeira e começou a gritar.

— Você me insultou! — gritava para a moça que estava a seu lado.

— Carole, eu estava lendo e não disse uma palavra — respondeu a outra, demonstrando surpresa.

— Você disse que eu era uma homossexual latente — gritou Carole. — Vou matá-la por isso. — E correu para da.

Duas enfermeiras conseguiram separá-las imediatamente. Carole dava pontapés e lutava com as enfermeiras, berrando insultos e ameaças, enquanto era arrastada para fora da sala.

— Dois dias na banheira vão acalmá-la — comentou Mary Jane.

— Será que a moça disse alguma coisa? — perguntou Neely.

— Não. Carole é paranóica, apesar de ser uma criatura ótima. Às vezes, passa semanas se comportando divinamente, até que um dia, sem motivo algum, começa a imaginar coisas. Não acredito que sare. Já está aqui há dois anos.

Dois anos! Qualquer pessoa ficaria doida depois de passar dois anos neste lugar. O terror de Neely agora era total. As costas doíam insuportavelmente, a garganta queimava, mas tinha de suportar.

Tinha de suportar! Estaria sonhando ou seria realidade? Por Deus, a gente sempre lia a respeito de atrizes que faziam uma porção de maluquices e que eram internadas em sanatórios. Tudo parecia tão fácil, tão agradável, até. Teriam elas também sido colhidas numa armadilha e sentido alguma vez o terror que sentia agora? Teria sido ela a única a cair em tal armadilha? Ouça, Nelly — disse a si mesma —, você vai conseguir. Você começou do nada e chegou a ser a estrela que foi. Você vai sair daqui, aguente tudo com ânimo forte.

O jantar foi servido às seis e meia. Depois, todas tomaram banho de chuveiro e sentaram-se no salão, vestindo pijamas e roupões. Algumas assistiam a um filme de televisão, Neely lembrou-se de ter tido uma ligeira aventura com o artista que aparecia nele. Meu Deus, quanta gente feliz lá fora. Se algum dia saísse dali, seria novamente uma grande artista. Nada de cenas, nada de explosões temperamentais, e só duas pílulas por noite. Precisava de um cigarro, já fumara os que havia guardado. Mary Jane deu-lhe um punhado. Algumas moças começaram a contar-lhe a história de suas vidas e ela fazia esforço para parecer interessada. Nenhuma delas era louca, todas estavam ali por engano.

Às dez horas da noite, a cama. Deitada, depois de alguns minutos, ouviu a respiração regular de suas companheiras, o que indicava que já estavam dormindo. Como podia alguém adormecer àquela hora? De meia em meia hora, entrava uma enfermeira, lanterna na mão, iluminando cada cama. Neely fechava os olhos e fingia dormir, pois concluiriam que estava perturbada se não conseguisse dormir. Ouviu o relógio bater meia-noite, e depois uma hora. Ficou pensando nos pequenos luxos que todas as pessoas podiam desfrutar e que lhe eram vedados: acender um abajur ao lado da cama e ler, acender um cigarro. Se pudesse ter isso, nem se importaria de não ter pílulas ou uísque; ficar deitada assim, porém, era simplesmente ridículo. Céus, se conseguisse sobreviver àquela noite, teria uma prova de que era realmente forte. Nada mais poderia vencê-la.

Duas horas! Tinha de ir ao banheiro. Será que anotariam isso como um ato neurótico? Céus, fazer xixi era normal. Levantou-se e

saiu para o corredor. Duas enfermeiras se colocaram imediatamente ao seu lado, perguntando;

— Algum incômodo, Srta. O'Hara?

— Não, quero apenas fazer xixi. De vez em quando, tenho vontade de fazer xixi, à noite.

Foi ao banheiro comum, enquanto uma enfermeira ficou junto à porta, do lado de fora. Meu Deus, nem aquilo podia fazer à vontade.

ANNE

*1961*

Anne estava sentada à janela fumando. A visita fora deprimente. Neely implorando e soluçando, pedindo que a livrasse. O Dr. Hall, a Dra. Archer e o Dr. Seale, lendo relatórios, demonstrando que Neely estava absolutamente perturbada, que tinha um esgotamento nervoso de ambulatório com tendências suicidas, e que tirá-la do sanatório seria o mesmo que assinar o seu atestado de óbito. Antes de falar com os médicos, prometera a Neely retirá-la imediatamente do hospital; depois que ouviu os relatórios, achou-os mais impressionantes que as lágrimas de Neely.

Como poderia enfrentar os olhos da amiga e lhe dizer que teria que ficar internada, pelo menos, por mais três meses? Resolveu assinar a autorização. Kevin insistira nisso. Teria feito a coisa mais acertada? Os médicos afirmavam que Neely devia estar num sanatório há muito tempo, que hoje em dia isto não estigmatizava ninguém, e que quando Neely se recuperasse faria coisas ainda mais notáveis do que fizera até agora. Claro que seria duro para Neely, mas, considerando os resultados, valia a pena. Além disso, não estaria num lugar qualquer, mas num hospital que, antes de tudo, era belíssimo. Bem, por mil e quinhentos dólares por mês, tinha mesmo que ser lindo. Os olhos de Neely, entretanto, continuavam a atormentar a sua consciência; estar encarcerada assim devia ser horrível, não importa em que lugar. Visitaria Neely novamente dentro de duas semanas. Talvez a encontrasse mais conformada.

Na próxima visita, Anne achou Neely de muito bom humor. Fora transferida para o Pavilhão Fir.

— Fui promovida — disse ela quando Anne entrou. — Já posso usar lápis de sobrancelhas e tenho um armário. Ganho um maço de cigarros, dia sim, dia não. Você trouxe o pacote que lhe pedi? Ótimo. Ainda não tenho permissão para acendê-los, mas a enfermeira da noite é minha fã. A noite passada, me levou para o quarto dela, para que eu assistisse a um velho filme meu pela televisão. E fumamos feito doidas.

Neely engordara, mas tinha boa aparência. As costas ainda doíam, dizia ela, e não conseguia dormir. Mas conseguiria suportar tudo aquilo por mais três meses. Ela até compreendia que tinham feito uma espécie de lavagem cerebral em Anne. Era o que faziam com toda a gente. Neely odiava o lugar; as companheiras, porém, eram agradáveis. Apenas não eram tão normais como pareciam. Mary Jane era alcoólatra, e Pat Toomey, a moça da alta sociedade, que dizia estar lá só porque seu marido queria ficar com os filhos, afinal nem tinha filhos! Desde os dezesseis anos vivia entrando e saindo de sanatórios.

— Comparada com essas gatas, sou mais normal que uma torta de maçãs. E aparentemente todas são normais — disse Neely.

Em maio, Neely teve uma recaída. Aproveitando-se da amizade com a enfermeira da noite, que fora despedida imediatamente, conseguiu roubar um vidro de Nembutal. Acharam o vidro pela metade, debaixo do seu colchão. Ela lutou violentamente quando lhe tomaram as pílulas e teve um acesso de fúria que só foi acalmado depois de dez horas de banheira. Voltou para o Edifício Hawthorne. Quando Anne a visitou, Neely estava de mau humor e calada.

Anne continuou a visitá-la todas as semanas. Tinha assinado um novo contrato com a Gillian. Kevin vendera a companhia, mas sua constante presença no estúdio era pior que um protesto. Secretamente, Kevin culpava Neely por tudo. Estava certo da devoção de Anne, pois ela lhe pertencia com ou sem casamento. Senão, não teria ficado com ele durante todos os anos em que era contra o casamento. Sabia que não devia estar sempre no estúdio, pois os novos donos tomavam conta de tudo e a companhia ia muito

bem. Mas ele não tinha com o que ocupar o tempo. Uma visita ocasional aos corretores, a ida diária ao barbeiro, um almoço com o advogado. . . isso não conseguia ocupar o seu dia. Por isso, acabava todos os dias no estúdio, para ver Anne fazer os comerciais. E cada vez que ia prometia a si mesmo que essa seria a última vez.

Acabava de prometer isso novamente. O dia estava frio e chuvoso, como se não fosse junho. Ficou sentado no átrio enquanto Anne ensaiava no estúdio. Bem, dentro de três semanas, a série sairia do ar; Anne prometera que tirariam férias juntos nessa ocasião. Provavelmente, escolheria algum lugar perto de Dunne Deck para poder visitar Neely todas as semanas. Jerry Richardson, o diretor, aproximou-se com um estranho.

— Kevin, quero apresentar-lhe um velho amigo meu, que esteve comigo na guerra. Kevin Gillmore, Lyon Burke.

Kevin sentiu o sangue gelar quando ouviu o nome. Devia ser o mesmo, o nome não era comum. A aparência dele era mais de ator que de escritor. Tinha um belo porte, também, e a pele tostada. Kevin sentiu-se subitamente muito pálida e muito velho. Ficou também consciente de quanto o seu cabelo era ralo. Os cabelos de Burke eram negros e espessos, com alguns fios prateados nas têmporas. E que sorriso tinha o filho da mãe. . . Kevin sorriu nervosamente e apertou a mão de Lyon.

— Vai juntar-se à companhia? — perguntou Kevin.

— Não, cheguei há alguns dias e, ao almoçar com Jerry, ele me contou que está trabalhando aqui uma velha amiga minha, Anne Welles. Vim cumprimentá-la.

— Vou ver se ela está livre — disse Kevin rapidamente. — Fui eu quem a descobriu, quem a transformou na Garota Gillian. Vamos, ela está no estúdio.

Tomou o braço de Lyon. Tinha de estar presente ao encontro dos dois, para ver a reação de Anne.

Ela estava fazendo a última prova de roupa; por isso, Kevin e Lyon sentaram-se no auditório. Kevin sabia que Anne não podia vê-los, por causa dos fortes refletores; por isso, desviou a atenção para as reações de Lyon. Ele estava olhando o ensaio com interesse.

— Mas ela é ótima! — disse, virando-se para Kevin, como se estivesse fazendo uma descoberta surpreendente.

— Ela foi ótima desde o começo — disse Kevin com cuidado.

— É a primeira vez que a vejo trabalhar. Estive muito tempo na Europa.

— Haverá uma pausa agora. Quer vir falar com ela? — Kevin se esforçou para dar um tom despreocupado à voz.

— É claro! — disse Lyon, levantando-se imediatamente, seguindo Kevin.

Anne discutia algumas mudanças quando os dois homens apareceram. Ela olhou para Kevin e sorriu, ao mesmo tempo em que piscava o olho, de um jeito que queria dizer "Estarei com você num minuto". Seu olhar passou por Lyon e voltou imediatamente, como que não acreditando no que via.

— Sou eu mesmo — disse Lyon num sorriso amplo, tomando-lhe ambas as mãos.

Anne sorriu fracamente. Sentiu que os lábios tremiam. Lyon, mais atraente do que nunca. . . De algum modo, conseguiu balbuciar que tinha prazer em revê-lo.

— Podemos sentar um pouco? — perguntou ele. — Estas luzes são infernalmente quentes. Ou será que você tem de continuar o ensaio?

— Não, na verdade, estou livre até a hora de gravar.

— Tenho de resolver alguns assuntos no escritório — disse Kevin. — Por que é que vocês dois não vão conversar um pouco? Devem ter muita coisa a falar.

Dizendo isso, afastou-se. Anne sabia que essa era uma das atitudes mais dolorosas que Kevin já tomara em sua vida. A dor que sentia ao fazer essa exibição de orgulho e dignidade era revelada pela rigidez de seus ombros enquanto se afastava. O coração de Anne voou para ele. Kevin estava apavorado; esforçava-se, entretanto, para mostrar coragem. O mesmo acontecia com ela, enquanto conduzia Lyon ao seu camarim. Então, de repente, ele está de volta. E devo esquecer quinze anos de silêncio e abrir-lhe os braços — pensou Anne. Ainda assim, é isso justamente o que desejaria fazer. Mal posso olhá-lo sem querer estender a mão e tocá-

lo. Mas agora há Kevin em minha vida. . . Onde estaria eu agora sem ele? E onde estava Lyon, durante todos esses anos?

Chegando ao camarim, sentaram-se. Anne deixou que ele acendesse um cigarro e esperou deliberadamente que ele falasse primeiro.

— Bem, afinal, parece que você tinha razão — disse ele.

— A respeito de quê?

— De Nova York, do seu verdadeiro amor — disse Lyon com um amplo movimento dos braços. — Você gosta disto aqui, e você venceu. Estou muito orgulhoso de você, Anne.

— Você também venceu, Lyon.

— Não, em termos de dólares e de sucesso de alto estilo, mas a gente pode dizer que venci, porque afinal estou fazendo aquilo que realmente sempre desejei fazer. E acredito que você ainda seja a moça que disse, uma vez, que todos nós temos a obrigação de proporcionar uma oportunidade a nós mesmos..

— Que está fazendo em Nova York?

— Estamos terrivelmente fascinados com o lado comercial da televisão de vocês e com a rapidez com que os artistas se convertem a ela. Um jornal me contratou para escrever uma série de artigos sobre todos os aspectos dessa televisão: das cantoras, que ganham milhões gravando um único disco, sucesso pela televisão; dos vaqueiros da televisão, que acabam donos de grandes fábricas, e das garotas que ficam milionárias, anunciando uma marca de esmalte para as unhas.

— Vocês ainda não têm disso por lá? — perguntou Anne sorrindo.

— Ainda não. Imagino que teremos tudo isso com o tempo, pois estamos com uns dez anos de atraso em relação a vocês. Poderei, portanto, preparar as Ilhas Britânicas para essa invasão, que chegará lá algum dia. Claro que está longe daquilo que pretendia fazer, mas foi uma surpresa agradável. Pelo menos me dá a oportunidade de visitar os Estados Unidos novamente.

— Quanto tempo pretende ficar?

— Umas seis semanas, mais ou menos.

— Já esteve com Henry?

— Almoçamos juntos ontem. Ele me disse que está cansado, que pretende vender a agência. George Bellows está tentando obter dinheiro para a compra, e, se ele não conseguir, a Johnson Harris comprará a parte de Henry. Estive com George, também. Não há dúvida de que a aparência dele é bastante próspera, mas não o invejo. É sempre a mesma corrida de ratos — acrescentou Lyon, acendendo um cigarro.

— Não se consegue nada facilmente, Lyon.

— Não, nem mesmo este trabalho jornalístico que pretendo fazer. Há uma porção de cifras que deverão ser anotadas e conferidas, e alguma pesquisa. Mas é divertido.

Debruçou-se sobre a mesinha e pegou as mãos de Anne.

— E você? Nem casamento, nem filhos; Henry me disse que ainda está solteira.

Anne virou o rosto e intimamente torceu para que a pesada maquilagem disfarçasse o seu rubor. Lyon continuava a segurar suas mãos e a falar:

— Eu também ainda estou na estaca zero, e esta é a minha única queixa. Nunca mais houve alguém como você, Anne. Nem poderia haver. — Fez uma pausa, depois continuou. — Gostaria de vê-la enquanto estiver em Nova York, Anne. Se você não puder, compreenderei, pois Henry insinuou que você e Kevin Gillmore...

— Claro que poderemos nos ver, Lyon.

— Ótimo! Quando?

— Amanhã à noite, se você quiser.

— Onde posso encontrá-la?

— Deixe que eu o chame — disse Anne rapidamente. — Estarei fora o dia todo amanhã.

Lyon anotou o seu endereço e o telefone num pedaço de papel. Anne notou que o hotel ficava a três quarteirões do seu apartamento. Sorriu e disse que o chamaria por volta das seis no dia seguinte.

— Muito bem, então jantaremos juntos — disse Lyon, alegremente, enquanto se levantava. — Agora, preciso ir, pois sei que você gostará de descansar um pouco antes de aparecer diante

daquelas câmaras. Estou tão orgulhoso de você, Anne. . . Então, até amanhã.

Anne permaneceu sentada durante longo tempo, sem se mexer. Então, Lyon voltara. Nada havia mudado. Nada? Ela já não tinha vinte anos e esse tempo provocara mudanças. Agora havia Kevin, que lhe dera amor, confiança em si mesma e a carreira. Kevin precisa tanto de mim, pensou, mas é só aparecer Lyon que começo a agir como uma idiota, pronta a esquecer todos estes anos de silêncio sem uma palavra. Amanhã vou telefonar a ele e dizer que estou ocupada. Talvez nem o chame. Talvez o deixe esperando, tal como o esperei durante anos.

Mas sabia que voltaria a vê-lo.

Kevin não tocou no assunto até o fim do jantar. Perguntou, então, despreocupadamente, o que fazia Lyon em Nova York. Ela contou e Kevin ouviu-a atentamente, enquanto olhava para o copo de conhaque que tinha nas mãos. Depois, disse:

— Bem, agora que o conheci, compreendo .perfeitamente que uma moça de vinte anos se sinta atraída por ele. Claro que o achei um pouco vistoso demais, bonito mesmo, e, ainda por cima, aquele afetado sotaque inglês. Acredito que uma mulher, jovem e impressionável, o ache irresistível.

— Sim — disse Anne, tomando a sua bebida. — Acontece que parte do seu encanto é devido à inconsciência que ele tem de sua boa aparência.

— Ora, não queira enganar a si mesma. — A voz de Kevin demonstrava um leve traço de irritação. — Aquele pássaro conhece a força que tem e se aproveita de sua estampa. Não faz o mínimo gesto em vão. E sabe, também, como agradar os homens. Até eu teria simpatizado com ele se não fosse o seu Lyon Burke.

Anne sorriu e apanhou um cigarro.

— Anne — o tom de voz dele mudara —, diga alguma coisa. Não vê que estou apenas tentando parecer calmo, tal como nos filmes de cinema? Pelo amor de Deus, diga alguma coisa que me ajude, alguma coisa à qual eu possa me agarrar. . . diga que ele a deixou indiferente.

— Não, Kevin. Mentiria se dissesse isso.

— Pretende vê-lo novamente?

— Se você me pedir que não o veja, não o verei.

— Mas você gostaria de vê-lo? — A voz dele implorava uma negativa.

— Talvez seja melhor para nós dois que eu o veja. Talvez agora descubra que tudo o que me atraiu nele não existe na realidade. Como você mesmo disse, a aparência dele impressiona a gente; na verdade, agora não sei quem é Lyon Burke. Talvez nunca o tivesse conhecido realmente, e tivesse me apaixonado pela ideia que fazia dele. Henry me preveniu a respeito disso. Mas, se eu e você pretendemos ainda ser felizes juntos, então tenho que conhecer a verdade.

— Você quer dizer que tudo entre nós poderá terminar, só porque esse filho da mãe recebeu a incumbência de fazer uma reportagem? Você bem sabe que, se não fosse por isso, jamais se teriam encontrado novamente.

— Sei disso, Kevin. E quero dizer que gosto de você e que nada poderá apagar todos os anos em que estivemos juntos. Mas Lyon foi um marco tão profundo na minha vida que, afinal, agora eu gostaria de saber se valeu a pena.

— Não, não o veja. — Seu tom era áspero.

— Kevin, por favor. — Anne olhou à volta, pouco à vontade.

— Anne. . . — Agarrou a mão dela, quase derrubando um copo de água. — Anne, você é a minha vida. Sei que não posso viver sem você.

— Você não terá de viver sem mim, Kevin.

— É uma promessa? — Ela viu os olhos dele marejados de lágrimas, fixos nos seus.

— Sim, é uma promessa — respondeu Anne arrasada.

Anne foi incapaz de chegar a uma decisão no dia seguinte. Pegou uma dúzia de vezes o telefone para cancelar o compromisso com Lyon e não chegou a completar a ligação. Talvez não valesse a pena e pudesse voltar-lhe as costas, feliz e aliviada. Isso resolveria tudo. Tinha prometido a Kevin que não o abandonaria; não lhe prometera, entretanto, que não veria Lyon. E ela simplesmente precisava ver Lyon.

**Encontraram-se no** Little Club às sete. Ele estava sentado no bar quando Anne entrou; foi ao encontro dela para conduzi-la até uma mesa.

— Você não é o tipo que fica bem sentada num bar — disse Lyon, olhando para ela firmemente, enquanto esperava o aperitivo. — Anne, você está linda. Não mudou nada. Não, não é verdade. Está bem mais bonita agora.

— Você também não mudou muito.

— Sabe, muitas vezes pensei em você — continuou Lyon. — Às vezes, quando ansiava por você, ficava imaginando loucas fantasias. . . Dizia a mim mesmo que provavelmente a esta altura você devia estar transformada numa gorda matrona, com cinco ou seis pirralhos dependurados na saia. Pelo menos, assim, podia voltar a trabalhar.

— Oh, Lyon. . . também cheguei a imaginar que, provavelmente, você devia estar careca — disse Anne, rindo.

Depois disso, o diálogo se desenvolveu com naturalidade. Anne contou-lhe a respeito de Jennifer, omitindo, porém, a verdade. De alguma forma, Anne sentia que a imagem de Jennifer devia permanecer bela para sempre na memória de todos, e não enodada pela ideia de um câncer. Discutiram, depois, a respeito de Neely. Henry já lhe contara a história, e Lyon não podia acreditar que aquilo pudesse acontecer à garota inocente e viva que tinha conhecido.

— O talento dela é incontestável. É incrivelmente popular na Inglaterra. Os filmes dela eram de ótima qualidade para o padrão de Hollywood. Apesar de toda a artificialidade com que a rodearam, conseguiu sempre destacar o seu enorme talento. Acha que ela se recuperará?

Os olhos de Anne mostravam tristeza.

— Bem, dizem que a tendência que ela tem para a autodestruição não poderá ser nunca totalmente curada. Com muito tratamento, poderá ter uma vida normal novamente, mas sempre haverá essa tendência no seu subconsciente. Pelo menos, é a opinião dos médicos.

— Talvez por isso eu nunca tenha realmente alcançado o topo — disse Lyon. — Às vezes, acho que todos os verdadeiros artistas são um pouquinho anormais. E eu sou normal até demais. Consigo dormir no momento em que a cabeça toca o travesseiro, não bebo em excesso e nunca tomo uma simples aspirina.

— Acho que eu também sou uma artista de segunda classe. Talvez fume um pouco demais, mas nunca tomo mais de um aperitivo e, embora não goste de admiti-lo, às vezes caio no sono no meio do filme a que estou assistindo.

Lyon riu e continuou:

— Não, Anne, não é verdade. Você é de primeiríssima classe, e não há outra como você. Sinceramente, Anne. Até hoje, todas as mulheres que encontrei não conseguiram sobreviver à sua lembrança.

Continuaram conversando a respeito de Nova York, e das mudanças que Lyon notara na cidade. Tomaram café irlandês, que Anne achou ótimo, e ainda estava a elogiá-lo quando Lyon a olhou nos olhos e disse:

— Anne, nada mudou. Estou louco para tomá-la nos braços, neste momento. Sinto como se nunca nos tivéssemos separado.

— E eu gostaria de estar em seus braços, Lyon.

Lyon sorriu.

— Melhor pagar a conta e sair voando daqui.

Era inacreditável. Estar deitada ao lado dele, olhando a fumaça desvanecer-se na luz da mesinha-de-cabeceira. .. Não houve hesitações nem obstáculos a vencer; uniram-se numa perfeita fusão de amor e desejo. Foi uma realização completa. Quando o apertou nos braços, soube, mais uma vez, que era muito mais importante amar do que ser amada. . . e sabia que teria de tomar uma decisão. Sabia que Lyon a amava à sua maneira. Seria suficiente? Sentiria falta da devoção total de Kevin? Sabia que com Lyon esse papel seria dela. Estaria ela apta a oferecer-lhe essa espécie de amor, depois de tanto tempo?

Lyon acariciou-lhe as costas.

— Anne, foi maravilhoso. Sempre foi.

— Para mim também, Lyon. Só com você.

— Anne, acontece que Kevin Gillmore existe — disse ele calmamente. Sentiu que ela se retesava. Acariciou-lhe os cabelos e continuou: — Toda a gente sabe disso, querida. E sabem, também, que ele quer casar com você. Você sabe que não apareci ontem no estúdio por acaso, não é? Fiz questão de me encontrar com Jerry Richardson e queria encontrar com Kevin Gillmore. . . e você.

Anne se despreendeu dele e sentou-se.

— Que é que queria que eu fizesse? Que ficasse sentada todos esses anos, simplesmente rezando para que você voltasse? Lyon. . . nunca uma carta, uma palavra. . . nada.

Lyon pôs os dedos sobre os seus lábios, para impedi-la de falar.

— Claro que eu compreendo. Eu queria escrever. Meu Deus, quantia cartas cheguei a escrever. . . mas este maldito orgulho! Sempre esperava que cada novo livro trouxesse o grande sucesso, que me faria voltar como um herói, para arrancar a mulher amada dos braços de quem quer que fosse. Acontece que não sou nenhum herói e, bem. . . Kevin Gillmore é um bom homem, e, pelo que ouvi, apaixonadíssimo por você.

Anne permaneceu silenciosa.

— Se eu tivesse um pouco de caráter, não a veria mais depois desta noite — disse ele.

— Lyon! — Havia medo na voz de Anne.

Ele riu.

— Eu disse se tivesse caráter. Desconfio que nunca tive muito e, vendo-a novamente agora, o resto se desvaneceu. — E, muito sério, acrescentou: — Anne, estarei sempre aqui. É só me chamar e estarei a seu lado. Mas isso é tudo.

— Que quer dizer com isso?

— Que voltarei a Londres, assim que terminar a reportagem. Já tenho o esboço feito para um novo livro.

— Não poderia escrever aqui?

— Talvez. Mas não poderia viver tão bem quanto vivo lá. Tenho um bom apartamento e ganho um bom dinheiro, com alguns artigos que escrevo. É uma vida bem diferente desta, mas me agrada. O que ganho dá muito bem para dedicar horas, várias horas

por dia, a escrever aquilo que realmente gosto de escrever. É uma existência um tanto solitária; sempre tenho, porém, a esperança de que o próximo livro será "o tal". Acredito no que estou fazendo, e agradeço a você por isso. Sei que a perdi por causa disto, mas talvez não desse certo nem da outra maneira.

— Por que é que não? — perguntou Anne teimosamente. — Se, naquele almoço no Barberry, eu não abrisse a boca para insistir com você para que tentasse escrever, então, talvez, você fosse o maior agente teatral da cidade, estaríamos casados, teríamos filhos, e. . .

— E estaríamos nos odiando mutuamente. Não, Anne. Não acredito que haja lugar para o casamento quando se está lutando pelo êxito. E também não creio que tivesse dado certo, se você concordasse com aquela minha ideia louca de morar em Lawrenceville. Acredito simplesmente que nasci para viver sozinho, apesar de. estar feliz em tê-la novamente comigo. Abençoarei cada minuto que estivermos juntos e a lembrança deles estará comigo nas noites solitárias e frias que me esperam na Inglaterra.

Tomou-a novamente nos braços e toda a dor que ela sentira, ao ouvir estas últimas palavras, se desvaneceu no milagre do amor que sentia por aquele homem.

Era quase dia quando Anne chegou ao seu apartamento. Quando enfiou a chave na fechadura, percebeu uma luz acesa no interior.

— Como conseguiu voltar tão cedo? Ainda nem é dia. — Kevin estava sentado na sala, fumando.

Ela caminhou para ele e tirou o cigarro de sua boca.

— Você não fumou mais desde o ataque cardíaco. Que é que está tentando provar?

— Por que essa preocupação repentina com a minha saúde? Parece que não me resta muito futuro depois desta noite.

— Kevin, por que é que veio aqui?

— Porque sabia que estava com ele. Conte tudo. Será que ele conseguiu libertá-la de todas as suas inibições?

— Pare com isso. Sabe que lhe faz mal exaltar-se assim. Vamos, se quiser passar a noite aqui, é melhor se deitar.

— E você? Iria para a cama comigo esta noite? Se fosse, há uma boa palavra para uma mulher assim. Bem, você iria?

— Kevin. . . não houve sexo entre nós desde seu ataque cardíaco. Não que eu me importe com isso, pois compreendo que se trata de sua saúde, e.. .

— E da minha idade, vamos, não tenha medo de dizer.

— Tudo o que aconteceu esta noite diz apenas respeito a Lyon e a mim. Nada tem a ver com os sentimentos que dedico a você.

— Eu tenho de aceitar isso? Deixar que Lyon seja o garanhão, enquanto eu banco o pobre arrimo fiel?

— Você é meu amigo, é parte de minha vida. . . alguém a quem quero muito. Lyon é. . . algo diferente.

— Muito bem, então terá de escolher.

— Se você me força a isso. . . Agarrou-lhe a mão.

— Não! Não! Anne, não me deixe.

Ela teve vontade de recuar; em vez disso, acariciou-lhe a cabeça quando ele começou a soluçar. Meu Deus, que coisa terrível ver um homem desintegrar-se. A culpa era dela, ou seria da doença e da idade dele?

— Kevin, não pretendo deixá-lo.

— Mas sei que pretende continuar a vê-lo. Como poderei suportar que venha para mim depois de ter estado nos braços dele?

— Kevin, nós dois sabemos que eu estive com Lyon. Ele vai voltar para a Inglaterra e sabe tudo a nosso respeito. Disse mesmo que achou você um bom sujeito.

— Disse isso movido pelo que há de inglês nele. Então você não sabe que todos os ingleses são decadentes? Provavelmente, acha muito excitante dividi-la comigo.

Anne suspirou pacientemente. Aquele não era o verdadeiro Kevin. Falava movido unicamente pelo medo de perdê-la.

— Kevin, eu ficarei com você.

— Por quê? Então ele não a quer?

Anne voltou-se e foi para o quarto, onde começou a se despir. Inacreditável que tudo se repetisse. Kevin fizera-a lembrar-se de Allen Cooper. A mesma expressão desolada, a mesma fúria infantil. É

mais uma vez Lyon entrava em cena, sem pedir nada, sem prometer nada, enquanto ela se sentia dividida ao meio. Qual seria, na realidade, a dívida dela com Kevin? As relações de ambos estavam bem longe de ser excitantes. Ainda assim, jamais lhe dera motivos para ter ciúmes ou preocupações. Houve muitas tentativas de homens bem mais jovens e atraentes que Kevin, e ela as ignorou. Ela lhe dera quatorze anos de felicidade. Será que isso não pagava qualquer obrigação que porventura, lhe devesse? Ainda assim, sabia que ele precisava dela. Ficara ali sentado a noite inteira, fumando, esperando. E ela sabia muito bem o que era sentar e esperar por alguém. De repente, sentiu uma onda de piedade por Kevin. Oh, meu Deus! Como parecera 'velho e vulnerável de repente. Não, não podia feri-lo.

Anne voltou à sala e o viu ainda sentado, olhando para o espaço, encolhido, vencido. Abriu-lhe os braços, dizendo:

— Kevin, eu amo você. Vamos, vá dormir um pouco. Já é tão tarde. Eu estou aqui, sempre estarei, enquanto você me quiser.

— Promete que não o verá nunca mais? Promete?

— Prometo, Kevin, nunca mais o verei.

Durante duas semanas, lutou contra o desejo de telefonar a Lyon. Tentou não pensar nele. Embora ele não a tivesse chamado, Anne sabia que ele estava lá; esperando que o chamasse. Anne reuniu todas as suas reservas de autodisciplina e conseguiu suportar. Houve noites em que esteve sozinha, obcecada pela necessidade de falar com ele, de telefonar, de correr os três quarteirões que separavam o seu apartamento do hotel dele. Ficou parada no terraço do apartamento, a respirar o ar perfumado da noite, e a olhar para as estrelas. Uma noite como esta tinha sido feita para o amor, para estar com Lyon, e não para ficar assim sozinha. Invariavelmente, vinha sempre um telefonema de Kevin, como para se certificar de que ela estava em casa. Nunca tinha feito isso; agora, porém, dera para lhe telefonar nas horas mais estranhas. Muitas vezes se despedia dela dizendo:

— Bem, minha pequena, então lá vou eu para o meu reino de solteiro. Esta noite, o seu velho deseja apenas tomar um banho morno e ir para a cama.

Três horas depois, chegava silenciosamente ao apartamento dela, dizendo:

— Não pude dormir, será que posso passar a noite aqui?

Anne então sorria e sentia piedade, vendo-o feliz e aliviado ao verificar que ela estava em casa sozinha.

Uma noite estava com Kevin e um dos novos proprietários da Gillian no 21 quando Lyon entrou. Era no fim de junho, uma noite muito quente. Anne estava cansada, trabalhara o dia todo gravando comerciais para a televisão. De repente, levantou os olhos e viu Lyon, entrar, acompanhado de uma moça, que Kevin disse ser um peixão. Ele não a viu e o maître apressou-se a conduzi-los para o outro lado do salão. De onde estava, podia vê-lo sem ser vista. A moça devia ter uns dezenove anos, longos cabelos pretos, a pele bronzeada, e era evidente que tivera algum trabalho para conseguir aquele tom. Um belo rosto, e o vestido branco e justo que usava fazia sobressair as formas jovens do seu corpo. A mão com suas longas unhas prateadas permanecia na mão de Lyon o tempo todo. Ele parecia fascinado pelo que ela dizia. A certa altura, ela disse alguma coisa que fez com que Lyon se inclinasse para trás e desse aquela sua risada característica. Depois, curvando-se para a frente, depositou um rápido beijo na ponta do nariz da garota. Anne sentiu-se fisicamente doente. Quantas noites passara com moças como aquela, enquanto ela, acordada, desejava estar com ele, pensava nele, pensava que ele também estivesse sozinho, esperando apenas que ela o chamasse. . .

Foi sua pior noite em muitos anos. A enormidade do seu desespero a assustava. Nunca mais tinha se sentido tão infeliz, desde que Lyon a deixara. De repente, sentiu que todas as suas emoções, que ela julgara mortas, estavam agora mais presentes do que nunca. E que tinham estado apenas adormecidas, à espera de serem ativadas novamente. Continuou com os olhos pregados em Lyon e na moça, agradecida por Kevin ter começado uma acirrada discussão a respeito de ações e opções.

Finalmente, o jantar interminável chegava ao fim. Ao sair, lançou um último olhar a Lyon. Ele prestava a máxima atenção a uma história que a companheira contava.

Disse a Kevin que sentia dor de cabeça, mas, mesmo assim, ele insistiu em subir. No momento em que entraram, ele disse, com calma:

— Eu também os vi.

— Quem?

— Seu amante e a bela dama. E vi você lá sentada, engolindo o próprio coração. Agora talvez saiba como eu tenho me sentido. — O tom da voz de Kevin era grosseiro.

— Kevin, estou cansada. . .

— Ela poderia ser sua filha, Anne.

— Ora, Kevin, tenho apenas trinta e seis anos.

— Muitas mulheres têm filhos aos dezessete anos. Sim, minha querida, não há dúvida que ela poderia ser sua filha. Ouça, boneca, o seu Lyon ainda está na ativa. Ainda pode escolher o que quiser. Alguma vez lhe ocorreu que ele tivesse dormido com você apenas "em memória aos velhos tempos"? Por piedade, tal como você faz comigo. Muito bem, agora somos iguais, em certo sentido, você e eu. Dois rejeitados. E saiba que eu também começo a ter pena de você. Com certeza, deve estar ainda sonhando com aquela noite de amor. Agora sei que deve ter sido apenas uma noite que ele se dignou a oferecer, talvez movido pela piedade e por algum sentimento de culpa.

A raiva que ele sentia cresceu quando percebeu que os olhos de Anne escureciam de sofrimento.

— Claro que foi apenas isso. Pediu-lhe, por acaso, que me deixasse para se casar com ele? Aposto que não. Se ele se casar algum dia, será com um *peixeão*. O seu tempo passou, querida. Sim, ainda é uma bela mulher, que se aproxima dos quarenta. Mas ele gostou de você quando tinha vinte anos, e mesmo então teve coragem para deixá-la. E foi o velho Kevin que recolheu os pedaços e a fez rica e famosa.

Foi até a porta mas voltou para acrescentar:

— Sabe de uma coisa? Eu mesmo poderia arranjar uma garota de vinte anos, se quisesse. Não se preocupe, acho que vou ficar com você mesmo. Só que daqui por diante eu tomarei as decisões. Amanhã você vai pedir demissão; não estou mais disposto

a andar por aí enquanto você trabalha. E faremos aquela viagem ao redor do mundo que planejamos, só que agora não sei se há motivos para casarmos primeiro. Pensarei a respeito disso.

Anne não tirou o olhar de Kevin durante todo o tempo em que ele falou.

— Kevin, sei que você realmente não quis dizer uma palavra do que disse. Você não é isso.

— Sim, minha cara. Finalmente, recuperei minha sanidade mental. Durante todos esses anos eu me sentia tão grato por ter os seus favores! Sim, só até esta noite. Meu Deus, o que o ciúme pode fazer a uma pessoa. Você simplesmente, se desintegrou diante dos meus olhos. De repente, você me pareceu completamente acabada em comparação àquele *peixeão*. As rugas de ansiedade que apareceram em seu rosto. . . minha deusa caía do pedestal. Vi uma loura acabada olhando com inveja para uma bela garota que lhe roubara o macho.

— Kevin, por favor, saia. Sei que não pensa nada disso.

— Não queira mais bancar a grande dama comigo. Isto acabou. Você não passa agora de um refugo. Quer que prove o que digo? Eles devem estar no hotel dele agora. Claro que ele não podia esperar muito tempo. Você tem coragem de lhe telefonar? Telefone e diga que quer vê-lo agora. Quero cronometrar o tempo que levará para tomar o maior fora de sua vida.

Anne voltou-se e caminhou para o quarto; ele foi atrás e fez com que se voltasse.

— Ainda não acabei de falar, e terá de me ouvir até o fim. Já não lhe disse para acabar com essas atitudes de grande dama?

— Kevin, você realmente me odeia tanto?

— Não, tenho apenas pena de você. Assim como você sempre teve de mim".

— Então, pode ir embora, Kevin. E para sempre.

— Não, minha cara, agora não. Só depois de vê-la descer pelo esgoto abaixo. Vamos, chame-o — dizia, com o telefone na mão. — Você já deve saber o número de cor. Se você não o chamar, eu o farei. Direi que você nem conseguiu jantar, por ter ficado doente de

ciúmes. Sim, eu também sei o número dele de cor. Afinal, eu e você passamos duas semanas inteiras pensando nele, não foi?

Começou a discar. Anne agarrou o fone, Kevin o tomou novamente, e continuou a discar.

— Muito bem, agora fale com ele, ou então eu falarei.

A telefonista já havia ligado para o quarto de Lyon.

Anne rezava para que ele não estivesse. Aquilo não podia estar acontecendo. Devia ser um pesadelo. Ouviu o ruído. ..

— Alô? — Era a voz de Lyon.

— Lyon? — Anne mal podia falar.

— Anne?

— Vamos, continue — sussurrou Kevin. — Diga-lhe que você quer ir ao hotel dele.

— Lyon. . . gostaria de ir até aí. . .

— Quando?

— Já.

Houve uma pequena pausa. Então, numa voz clara e alegre, ele disse:

— Preciso de dez minutos para organizar as coisas; venha em seguida.

— Obrigada, Lyon. Estarei aí.

Desligou o telefone e olhou para Kevin. O rosto dele estava pálido.

— Claro, eu devia ter desconfiado. Será uma bacanal a três. Não lhe disse que os ingleses estavam decadentes? E você vai assim mesmo, porque não tem outra escolha.

— Oh, Kevin. . . por que fizemos uma coisa destas, um ao outro?

— Eu apenas acabo de constatar que dediquei um enorme número de anos a uma vagabunda. Uma vagabunda que se faz passar por dama.

Kevin saiu batendo a porta. Por um momento, Anne permaneceu parada, e a raiva que sentira foi lentamente se transformando em alívio e tristeza. Kevin tivera a decisão. Deus, que coisa terrível era o ciúme. Era capaz de transformar um homem forte como Kevin em um aleijado emocional. Não sentia, porém, nenhuma

animosidade contra ele. Sentia-se aliviada, acima de qualquer coisa; como se lhe tivessem tirado um enorme peso das costas. Não importa o que acontecesse entre ela e Lyon, ela nunca mais teria de se casar com Kevin. Aquilo terminara. . . e para sempre. Era livre agora.

Renovou a maquilagem e caminhou apressadamente pelos três quarteirões que a separavam de Lyon.

A porta se abriu e Lyon abriu-lhe os braços.

— Eu já estava quase perdendo as esperanças. Os olhos dela percorreram rapidamente o quarto.

— Ela já foi embora — disse ele calmamente.

Anne fingiu não compreender.

— Eu a vi quando saía do 21. A minha deliciosa companheira ficou excitada. "Oh, aquela não é Anne Welles? Eu a adoro na televisão."

— Eu também vi você, Lyon.

— Bem, pelo menos isso a trouxe para mim, outra vez. Ele atravessou o quarto e preparou dois aperitivos, numa mesinha que servia de bar.

— Sabe de uma coisa? Hoje em dia o mundo dos espetáculos está completamente mudado, confesso que não consigo compreendê-lo. Essa Connie Masters, por exemplo, vendeu seus dois últimos discos aos milhões e o público inglês a adora. Por isso me incumbiram de escrever sobre a excitante vida que ela leva.

— E quem é Connie Masters?

— A sensação com quem estive esta noite. Não me lembro que nunca ouviu falar dela?

Anne sacudiu a cabeça negativamente, ele sorriu.

— Já vi que eu e você somos parte da geração perdida. Pensamos logo em Ella, Dinah, ou Neely, quando alguém começa a falar de cantores. Mas a sensação atual é Connie Masters. Tem dezenove anos e todas as companhias cinematográficas estão atrás dela para contratá-la. Eu não suporto ouvir qualquer dos seus discos sem antes tomar um uísque duplo.

— Sei — disse Anne. — Todos os dias se ouve falar de gente nova. Acho que os adolescentes são os grandes responsáveis por

esses cartazes.

— Bem, posso dizer que cumpri minha missão para com a imprensa inglesa e para com os amantes da música. E o seu telefonema me salvou justamente de me exceder na missão.

— Quer dizer que você pretendia. . .

— E por que não? A gente se sente muito solitário, esperando por um telefonema que não vem nunca. Não que eu não compreenda. . . isso não. Acontece que ela estava aí, toda enroscadinha nessa cadeira, justamente contando que adora homens de certa idade. Que queria que eu fizesse? Que abrisse a porta e a mandasse embora?

— Ora, Lyon, não acredito que você se sinta tão indefeso assim. — Riu Anne.

Ele atravessou o quarto e fez com que ela se levantasse.

— Sinto-me bem mais seguro com você, apesar de achá-la encantadora e perigosa. — Beijou-a e a apertou fortemente. O abraço foi interrompido pelo tilintar do telefone.

— Deve ser ela — sorriu Anne.

Lyon atendeu e ela notou que seus olhos se estreitavam. Finalmente, disse com voz gelada:

— Sugiro que o senhor mesmo fale com a dama. — Estendeu-lhe o telefone: — Kevin Gillmore.

— Não quero falar com ele — disse Anne, voltando-se de costas.

— Sugiro que fale — disse Lyon.

Anne notou que ele não teve a preocupação de colocar a mão no fone, para que Kevin não os ouvisse. Ela apanhou o fone.

— Kevin?

— Anne! Anne, perdoe-me! Acabo de dizer a Lyon que algo estranho me aconteceu esta noite. Fiquei louco, Anne. Façamos de conta que esta noite nunca existiu. Não quis dizer uma palavra do que disse. Anne, você está me ouvindo?

— Kevin, não adianta. Está tudo terminado.

— Anne, por favor! Volte para casa. Tudo o que eu falei não é verdade. Você pode continuar a trabalhar. . . pode fazer tudo o que quiser. — A voz dele parecia sufocada. — Eu me caso com você

amanhã, ou quando quiser. Estarei sempre ao seu lado. Farei tudo o que quiser. Tudo. Por favor. Quando eu a vi infeliz, só porque ele estava com aquela garota, fiquei doido, você nunca ficou assim por mim. Queria feri-la tanto quanto você me feriu. Por favor, Anne. . . — Agora soluçava. — Sei que sou velho. Se você quiser se encontrar com Lyon Burke, eu também compreenderei. Apenas peço que não me conte. Você pode fazer tudo o que quiser, só lhe peço que me perdoe e que não me abandone.. .

— Kevin. . . você está bem? — perguntou Anne, percebendo que ele sufocava.

— Sim. Apenas andei depressa demais. Estou no seu apartamento. Corri até aqui. Anne. .. por favor. Para Lyon, você é mais uma fêmea, para mim você é a vida.

— Kevin. . . amanhã conversaremos.

— Anne, não poderei dormir pensando que você está aí nos braços dele. Anne, por favor. Esta noite, não. Volte apenas esta noite. . . E deixe que eu durma na outra cama. De agora em diante, juro que não a vigiarei mais. Fique comigo esta noite. Por favor, Anne. Não posso lutar contra ele. Sei que não sou tão jovem nem tão saudável... por favor. . .

— Está bem, Kevin.

— Então você vem? — A esperança que a voz demonstrava era ainda mais patética que as lágrimas.

— Sim, imediatamente — disse Anne desligando e virando-se para Lyon.

— Outra vez entre dois fogos? — perguntou ele.

— Lyon, que é que eu devo fazer?

— Eu diria que é uma questão de resolver a quem é que você quer agradar: a você ou à sua consciência? Que é que procura, afinal? A felicidade ou a paz de espírito?

— Mas, Lyon, não é a mesma coisa?

— Não. A paz de espírito não vem sempre junto com o amor. Tenho certeza de que, se voltar para Gillmore, você terá paz de espírito e a consciência tranquila. Comigo, você terá que lutar com a sua consciência. Acontece que quase sempre o amor é uma espécie de luta.

— Está tentando dizer que me ama?

— Bom Deus, devo escrever isso em letreiros luminosos para que me acredite? Claro que a amo.

— Como posso acreditar, se durante estas duas semanas você nem tentou me convencer?

— Estou falando de amor, não do verbo esmolar. O amor não deve transformar a gente em mendigos. E eu não quero o amor, se tiver de pedir por ele. E eu desprezaria alguém que suplicasse o meu amor. O amor é algo que deve ser dado, algo que não pode ser comprado com palavras ou com piedade, ou mesmo com a razão. Eu nunca lhe suplicarei nada, Anne. Eu a amo, e você deve saber disso. E sempre a amarei.

— Lyon, você também sabe que eu sempre o amei e que sempre o amarei.

— Então, por que estamos aqui parados a discutir o óbvio? Você está aqui, e eu quero que continue aqui — disse, sem fazer um movimento para se aproximar dela.

— Mas você disse que vai voltar para a Inglaterra. . .

— E Kevin está aqui. Eu falava de amor, enquanto você pensava em geografia. De alguma forma, esta conversa me parece bastante familiar. . .

— Mas o amor significa estar juntos, fazer planos juntos. . .

— O amor é um sentimento. Para você, é um contrato estampilhado e sujeito a determinadas regras.

Lyon foi até onde ela estava e pegou suas mãos.

— Anne, é tarde demais para isto. Sim, voltarei a Londres onde já me acostumei a viver. Você tem tudo isto. Talvez seja melhor para você se voltar para Kevin, ele se encaixa direitinho no seu estilo de vida. Tudo o que tenho para oferecer são apenas mais algumas semanas.

— Você nunca pensou que eu poderia gostar de Londres, Lyon?

— Anne, sou escritor. Talvez não dos melhores, mas me esforço para sê-lo. Você já não é mais a garota de vinte anos, cheia de entusiasmo e disposição para datilografar meus manuscritos. Com o tempo, isso a aborreceria e você acabaria odiando tudo.

Anne virou-lhe as costas e saiu quase correndo do quarto; chegou ao elevador e apertou o botão. Talvez ele viesse correndo atrás dela. O elevador chegou e ela ainda lançou um olhar esperançoso na direção da porta fechada do quarto. Em seguida, entrou no elevador e desceu.

Caminhou lentamente em direção ao seu prédio. Quando lá chegou, atravessou vagarosamente o saguão. Tinha de pensar rapidamente. Lyon a amava, mas não lhe oferecia nenhum futuro. Kevin precisava dela, e lhe oferecia toda uma vida de devoção. Kevin poria tudo num contrato, com as cláusulas que ela quisesse. . . Mas de que valeria um contrato que lhe daria, em troca, uma devoção que não queria? Ela estava sempre tentando forçar Lyon a fazer alguma coisa. Que importância tinha se ele não a convidasse para ir a Londres? Podia simplesmente ir atrás dele. Londres não ficava no fim do mundo. .. isso, entretanto, seria suplicar, e Lyon não gostava de súplicas. "O amor deve ser dado, não caçado."

Foi andando até a saída do prédio. Kevin estava lá em cima e precisava dela. Como é que podia magoá-lo tanto por causa de algumas semanas de felicidade? De repente, vieram-lhe à mente todos os anos que perdera com ele, e todos os anos perdidos que a esperavam, depois que Lyon se fosse. . . E Lyon estava ali agora, e ela podia estar com ele. Sim, isso era tudo. Aproveitar as semanas que Lyon lhe oferecia e aceitar o fim, quando ele chegasse. Aí, então, se Kevin a quisesse ainda, os dois seriam o que ele mesmo dissera: dois refugos. Agora, porém, havia Lyon. E ela ficaria com ele todos os minutos que pudesse. Começou a andar depressa; depois, correu, até alcançar o hotel. A subida do elevador foi angustiante. Lyon «abriu a porta e abraçou-a. Ela agarrou-se a ele.

— Enquanto você estiver aqui, Lyon, estarei com você. Nada de perguntas. Nada de amanhã. Só importa todos os segundos que pudermos estar juntos. Eu o amo.

Ele segurou seu rosto entre as mãos e, olhando-a bem nos olhos, disse baixinho:

— Transformaremos cada segundo em horas. Eu a amo, Anne.

Encontrou Kevin no dia seguinte. Estava desfigurado. Tentou explicar que tinha de ver Lyon. . . e que quando ele se fosse, se Kevin não a quisesse mais, compreenderia.

Kevin ficou olhando para ela em silêncio, o rosto cheio de manchas avermelhadas. Finalmente, disse:

— Você é tão decadente quanto o seu macho inglês. E vai me pagar toda essa humilhação. — Saiu batendo violentamente a porta.

Desta vez Kevin não telefonou chorando. Nos dias que se seguiram, ele se esforçou infantilmente para aparecer nos lugares da moda com uma variedade assombrosa de garotas famosas. Kevin, que detestava boates, ia todas as noites a elas, acompanhado das mais espetaculares mulheres que chegavam à cidade. Inventaram até uma piada, dizendo que ele provavelmente esperava essas celebridades à porta do avião, para conseguir logo um encontro.

Seu último ato contra Anne foi tentar cancelar o seu contrato com a Gillian. Como ainda fazia parte da diretoria, insistiu em dizer que tinha todo o direito de proteger a imagem da companhia que ele criara. Dizia que Anne já estava ultrapassada e que a Garota Gillian devia ser mais jovem, mais atraente, um novo rosto afinal.

Isso motivou uma reunião de diretoria para decidir a questão. Kevin foi derrotado por maioria absoluta e Anne recebeu novo contrato, por mais dois anos, e um aumento de dez mil dólares. O novo contrato era exclusivamente para televisão, pelo que Anne vinha lutando há muito tempo, cansada de posar, também, para jornais e revistas. Soube da atitude de Kevin contra ela, mas não chegou a odiá-lo por isso. Sentia apenas piedade dele e muita tristeza por terem acabado em inimizade.

Nas semanas seguintes, a excitação por sua nova ligação com Lyon excedeu a tudo o que Anne já conhecera na vida, Lyon admirava-a, inclusive por sua celebridade, quando era reconhecida pelos fãs; e Anne procurava se concentrar a fim de conseguir fazer o seu trabalho. Interessava-se por saber como estava saindo a série de reportagens em que Lyon trabalhava e gostava de ouvi-lo falar a respeito da maneira como apresentaria as suas ideias. Não pretendia tomar propriamente uma posição contra a televisão americana, mas

expor com franqueza suas ideias. Anne lia os rascunhos e, frequentemente, ajudava-o com valiosas sugestões.

Ainda que tivessem residências separadas, Lyon passava todas as noites no apartamento de Anne. Uma noite disse:

— Virei buscá-la às sete; primeiro preciso passar no meu *armário* para mudar de roupa.

Daí por diante, sempre se referiam ao seu quarto de hotel como o *armário*. À medida que as semanas passavam, Anne ia ficando cada vez mais consciente de que o fim se aproximava. Ele ainda não falara na partida, mas ela sabia que não tardaria. Começou, então, a sentir um desespero que a oprimia progressivamente. De repente, porém, numa noite de julho, Anne sentiu um fio de esperança. Estavam jantando num restaurante ao ar livre, do Village, quando Lyon disse, olhando para o céu:

— Esta foi uma sugestão maravilhosa. Em Londres sinto muito a falta desse clima maravilhoso de Nova York. A gente nunca pode contar com uma noite como esta. Quase sempre a chuva é inevitável.

— É a primeira vez que o ouço dizer alguma coisa agradável sobre Nova York — disse Anne, tentando dar um tom casual à voz.

— É que meu amor por você me faz ver as melhores coisas que existem na cidade. Você gosta de chuva? Em Londres chove sempre.

Então estava acontecendo! Ele já não estava querendo separar-se dela. Devia tomar muito cuidado para não forçar coisa alguma. Dele devia partir a ideia. Anne olhou para a cinza do cigarro e disse:

— Nunca estive em Londres.

— Pense a respeito disso, então — foi tudo o que disse.

Desse dia em diante, Anne não conseguiu pensar em outra coisa. Discutiu o assunto com Henry.

— Nunca daria certo — insistia Henry. — Estive no apartamento dele, quando fui à Inglaterra, no ano passado. Ele o acha um palácio, mas não tem aquecimento central, Anne. E só quatro cômodos.

— Eu tenho muito dinheiro, Henry. Poderemos ter o apartamento que quisermos.

— Você ainda não aprendeu a lição? Ninguém jamais pagará coisa alguma a Lyon, se ele não puder pagá-la. Vocês dois teriam de viver do ordenado dele.

— Pois então viveremos — disse Anne com determinação. — Viverei onde ele quiser, só não posso viver sem ele, Henry. Eu serei feliz com ele em qualquer lugar. Até mesmo em Lawrenceville.

— E o seu contrato com a Gillian? Se você o romper nunca mais poderá trabalhar para a televisão.

— Henry, quanto dinheiro eu tenho?

— Mais de um milhão de dólares.

— Então, por que motivo deveria trabalhar?

— E o que pretende fazer em Londres?

— Estar com Lyon.

— Ouça, Anne. Você já não é uma garota para mudar assim completamente de vida. Nem Lyon. Ele já está estabelecido lá, com seu método de vida. Você não terá amigos e ele ficará sentado atrás da máquina de escrever o tempo todo. Que é que você fará?

— Não sei. Sei apenas que não poderei mais viver sem ele.

Henry ficou pensativo por alguns momentos, depois disse:

— Só vejo uma solução satisfatória. Você terá que fazer com que ele fique em Nova York.

— Como? Ele já terminou o trabalho que o trouxe aqui, e, além disso, gosta de viver em Londres.

— Tente ganhar tempo. Cada dia que ele ficar em Nova York vai deixá-lo mais habituado com a cidade. Enquanto isto, deixe-me pensar algo. Vou falar com alguns amigos da Editora Barter; tentarei fazer com que eles o contratem para escrever artigos para as suas revistas. Só que tudo deverá parecer pura coincidência.

— E que adiantará isso?

— Ficaré mais algum tempo em Nova York, e o tempo se encarregará de outras coisas.

Foi Neely quem, casualmente, veio com uma ideia. Anne fazia a costumeira visita semanal e elas estavam sentadas no jardim do sanatório conversando. O calor era sufocante, mas Neely preferia

ficar fora. Bem gorda, sua aparência demonstrava que estava perto da recuperação total. Chegara ao Pavilhão Ash, a apenas um degrau da clínica dos não-residentes.

— Então, poderei ir a Nova York nos **fins de** semana — disse Neely alegremente.

— Neely, acha isso prudente?

— Claro, é assim que funciona. Afinal, não se pode ficar aqui presa durante seis meses e depois solta sem mais nem menos. Eles fazem a coisa gradualmente. Primeiro, colocam a gente durante um mês no edifício dos não-residentes. Uma vez lá, a gente pode sair algumas noites, para ir ao cinema da cidadezinha local, ou então ao cabeleireiro. Se tudo sair bem, permitem que a gente passe um fim de semana em Nova York. Na segunda-feira, quando a paciente volta, é examinada cuidadosamente, para verificarem se está perturbada de alguma forma. Depois de algum tempo, permitem que a gente fique em casa uma semana. Depois, dão a alta, mas a gente deve consultar diariamente um psiquiatra indicado por eles. É a tensão lá de fora que os preocupa.

— Você quer dizer o trabalho?

— Não, qualquer tensão. Aqui não existe tal coisa. Se consigo dormir, durmo. Se não, que importa? O pior que poderá acontecer é não conseguir fazer um bonito cinzeiro no dia seguinte, na aula de terapia ocupacional, ou então não poder jogar uma partida de *badminto*. E posso comer -o que quiser. Céus, estou pesando quase oitenta quilos! Mas que importa isso? O mais importante de tudo é que posso cantar. E estou cantando que mais pareço um canário.

— Oh, Neely, estou tão contente! Eu sabia que você, conseguiria.

— Aconteceu assim: uma vez por mês, há um baile aqui, com os doidos do sexo masculino. Eles se arrumam e se vestem todos bonitinhos e nós também fazemos o mesmo; vamos todos para o ginásio, sob supervisão, é claro. Eu vou porque não tenho outra escolha e porque, se recusar, terei má nota na ficha. Há uma pequena orquestra, e numa dessas noites eu me levantei e comecei a cantar. Não foi grande coisa, porque o pianista é um professor da cidadezinha. Mas cantei assim mesmo, até que um dos loucos, de

cabelos brancos e olhar esgazeado, se aproximou. É um doente crónico, para o qual não há esperança, e eu nunca o vira antes. Ficaré aqui a vida inteira, sob custódia, e para isso é preciso ser um doido realmente rico. O Edifício Eva abriga as mulheres incuráveis, e o Edifício Adão abriga os homens. Estão separados de nós por doze acres e nós nunca os vemos, a não ser nesses bailes. Quando ele se aproximou de mim, a enfermeira quis impedi-lo, mas o Dr. Hall estava lá e fez sinal para que ela o deixasse. Soube depois que esse homem não falava há dois anos e, por isso, o médico queria ver o que é que ele faria. Eu estava cantando um dos velhos números de Helen Lawson e ele ficou me olhando, sem fazer nada.

"Continuei a cantar, e, quando comecei uma das minhas canções, ele, de repente, cantou comigo, na maior harmonia que se pode imaginar. Foi tão maravilhoso que quase morri de emoção! Anne, esse sujeito era realmente um cantor fantástico. E, além disso, o rosto dele era familiar. Cantamos durante uma hora inteira e, no final, todos bateram palmas, até o Dr. Hall e a Dra. Archer. Quando terminamos, o doido afagou minha face com a mão, dizendo:

"Neely, você sempre foi grande. Aliás, nós dois sempre fomos". Virou-se e foi embora. Eu fiquei parada, até que ouvi a voz do Dr. Hall ao meu lado: "Faz dois anos que ele está aqui, sempre piorando. Mantemos sigilo absoluto a respeito; vejo, porém, que vocês se conhecem. Por favor, não diga nada a ninguém; nós o chamamos de Sr. Jones".

Neely confessou a Anne que não sabia quem era o homem, mas que pretendia descobrir e, por isso, disse ao Dr. Hall.

— E eu, como deverei chamá-lo, se ele me chama de Neely?

— Bem, pode chamá-lo de Tony, Tony Jones.

— Tony? — Anne não compreendia.

— Tony Polar! — exclamou Neely. — Ele tinha uma espécie de doença mental inata. Por sorte, ele e Jennifer não tiveram filhos, pois teriam ficado doidos como Tony.

O aborto de Jennifer. Então, ela sabia! E guardou segredo para sempre. Os olhos de Anne se encheram de lágrimas.

— Neely — disse —, Jennifer nunca contou isso a ninguém e eu tenho certeza de que ela sabia. Por favor, não conte nada a quem quer que seja.

— Por quê? Afinal, não está mais casado com Jen. Ela morreu, você se lembra?

— Mas morreu sem nunca ter contado isso a ninguém. Queria que fosse segredo. Por ela, e também por ele. . . Por favor, sim, Neely?

— Está bem; afinal, quem se importaria com isso agora?

— Bem, ainda pode dar muitos mexericos. Melhor que pensem todos que Tony simplesmente se retirou da cena. Houve boatos de que ele estava na Europa. Ninguém sabe a verdade, e deixemos que assim seja.

— Está bem, mas a meu respeito não há segredos. Já recebi uma oferta para escrever artigos sobre a minha vida para uma revista. George Bellows está procurando um escritor-fantasma para escrevê-la.

— George Bellows? Como é que ele sabe onde você está?

— Bem, você deve estar lendo os colunistas. Estão sempre escrevendo que estou gorda, e não tenho mais voz, ou, então, que estou magra e também não tenho voz. Por isso escrevi a um deles dizendo que estavam certos, isto é: que estou gorda e que nunca cantei melhor em minha vida. Pedi, então, ao Dr. Hall que me deixasse gravar uma fita aqui, e a enviei ao Henry Bellamy, para que ele a tocasse para a imprensa. Ele deve ter incumbido George disso, pois logo recebi a sua visita. Ele conseguiu esta oferta e quer ser meu agente quando eu sair daqui. Está tentando levantar dinheiro para comprar a parte de Henry, você sabe.

— Lyon me disse que a Johnson Harris quer comprar a companhia de Henry.

— Se George conseguir o dinheiro, ele é quem vai comprar a parte de Henry. E conseguirá se puder convencer a bêbada da mulher dele a abrir mão do dinheiro. Ela é riquíssima, você sabe?

— Que mulher bêbada? Então George é casado?

— George é muito sabido. Está casado com essa mulher há vinte anos. Casou por interesse, é claro. Pensou que ela não duraria

muito; apesar de tudo, o fígado dela está aguentando bem, e ela ainda controla o dinheiro. Acho que o único meio de George conseguir o dinheiro é abreviar a vida dela de alguma forma, coisa de que ele é bem capaz, na minha opinião. Sempre detestei aquele sujeito.

— Pelo menos, conseguiu esta oferta.

— Bem, ele terá uma comissão. Eu lhe disse que tinha onde usar os vinte mil; você tem me sustentado aqui, no sanatório, e eu terei de lhe devolver o dinheiro. E também precisarei de dinheiro quando sair. Mesmo assim, não gostaria de ver George tomar conta do escritório de Henry. Tenho arrepios só de pensar nisso.

A ideia começou a tomar forma na mente de Anne enquanto dirigia de volta a Nova York. Quando chegou, tinha todos os planos esboçados. Levou o carro à garagem e telefonou a Henry, dizendo que jantariam juntos, queria falar com ele. Encontraram-se num pequeno restaurante da Rua Cinquenta e Três.

— E por que não? — disse Henry, depois que ela expôs o plano. — Lyon é a pessoa mais indicada para escrever a história da vida de Neely. Conheceu-a desde o começo, e isso faria com que ele ficasse, pelo menos, mais um mês em Nova York.

— Mas você é que vai vender a ideia ao George, e ele é que deve falar com Lyon, para que ele jamais saiba que eu tive algo a ver com isso.

Lyon gostou da oferta de George, mas não queria visitar Neely. Achava que devia se lembrar dela como quando a conheceu, com o rosto de adolescente. Falou com ela pelo telefone, enviou o esboço para que o lesse e Neely ficou maravilhada com o estilo de Lyon. No fim de setembro, Lyon estava' pronto para escrever a reportagem na forma definitiva.

No começo de outubro, Henry foi urgentemente intimado por Anne a almoçar com ela no 21. Os olhos dela brilhavam enquanto apresentava seu novo plano a Henry. Ele a ouviu atentamente e, quando ela terminou, declarou, levantando as mãos:

— Você é pior do que uma divisão Panzer, mas não acho que dará certo.

— E por que não?

— Porque ele não quer ser dono de uma agência. O que Lyon gosta é de escrever.

— Henry, você pode tentar. Diga a ele que não lhe agrada a ideia de que o trabalho de sua vida seja agora comprado pela Johnson Harris. Por favor, Henry, tente.

— Mas, Anne, ainda que eu diga que lhe emprestei o dinheiro, ele descobrirá a verdade.

— Cuidarei disso quando o momento chegar. Agora, Henry, não há um minuto a perder.

Lyon tomou lentamente sua xícara de café e declarou:

— Fico muito lisonjeado com sua oferta, Henry, mas. . . acho que não sou o homem certo.

O garçom encheu novamente a xícara de café de Henry e ele esperou até que o homem se retirasse para responder.

— Ouça, Lyon. Dediquei toda a minha vida à firma. O escritório da Johnson Harris não merece- ficar com as grandes estrelas que eu ajudei a criar. George Bellows não merece grande coisa também. Claro que a Johnson pretende ficar com ele, fazê-lo vice-presidente, ou coisa que o valha, contanto que a sua posição seja tão pouco importante que ele seja obrigado a pedir demissão. Não tenho dormido à noite, pensando em como resolver esta situação. Por isso é que lhe ofereço um empréstimo, para que você compre a agência com George.

— E por que eu? Por que não empresta o dinheiro a George?

— Por que acha que George não foi capaz de levantar o dinheiro ainda?

— Porque deve ser muito dinheiro, creio.

— Não, é porque todo mundo sabe que ele será incapaz de dirigir a firma sozinho. George é um grande administrador, mas não tem tato para lidar com gente. A metade dos clientes abandonará a agência. Se eu apontar você para me substituir, e se o fizer com a publicidade certa. . . podemos começar com boatos nas colunas teatrais, dizendo que mandei chamá-lo em Londres. . . deixaremos os boatos crescerem. . . Lyon, pode crer que muita gente ainda se lembra de você por aqui.

Lyon sacudiu a cabeça.

— Agradeço-lhe muito, Henry, mas não vou aceitar. Estou muito feliz em Londres. E não desejo agora me submeter à tremenda pressão de uma agência. Odeio essa corrida de ratos, e adoro escrever.

— E a respeito de Anne?

Lyon estudou o cigarro.

— Ela sabe de sua oferta?

— Não. — Henry esperava que a sua voz estivesse convincente. — E é melhor assim, pois ela não gostaria que você decidisse sob pressão.

— Mas é um empréstimo tremendo, Henry.

— Não preciso de dinheiro. Tudo o que quero é me aposentar. O último eletrocardiograma me convenceu disso, e eu gostaria de ver a continuação do que realizei. Você poderá pagar um pouco cada ano. Não me preocupo com dinheiro.

— Você ficaria muito sentido se eu recusasse?

— Sim, ficaria. Já me abandonou uma vez, Lyon, quando eu precisava muito de você. E agora preciso novamente de você, para cuidar da agência com George.

*1962*

No dia 2 de janeiro de 1962, Bellamy & Bellows passou a chamar-se Bellamy, Bellows & Burke. George era presidente, Lyon era vice-presidente e Henry se aposentou. Lyon, entretanto, fez questão de conservar o nome dele na firma. O coquetel para a imprensa e os clientes se transformou em festa de noivado quando Lyon anunciou que ele e Anne se casariam no dia seguinte.

Quando a festa transcorria bem animada, Henry tomou Anne pelo braço e ninguém chegou a notar a breve conferência em particular.

— Ele terá de saber a verdade no ano que vem — sussurrou Henry.

— Por quê?

— Anne, no próximo ano, vocês terão de fazer a declaração de renda em conjunto. Então ele saberá que você lhe emprestou

dinheiro para comprar a firma. Como sabe, ele lhe estará pagando os juros do dinheiro, e isso você terá de declarar.

— Mas você não poderia emprestar esse dinheiro a ele, e eu o emprestaria a você, e. . .

— E todos nós nos veríamos encrencados com o imposto de renda. Anne, a verdade é que eu não tenho tanto dinheiro quanto você. Nunca cheguei a ganhar dois mil dólares líquidos por semana, nem fui presenteado com sólidas ações da Gillian. E não tive nenhum Henry Bellamy investindo esse dinheiro para mim durante anos, até que fosse praticamente dobrado. Anne, em suma, não poderei usar o meu dinheiro para vender a minha própria firma. Por falar nisso, vendi suas ações da Gillian. Triplicaram de valor, mas sabemos que vão sofrer uma grande queda. Tive, também, de vender algumas outras ações. Portanto, já vê que não se trata de uma simples brincadeira. Quase todo o seu dinheiro está investido na firma; por *mo* espero que George e Lyon tenham muito sucesso.

— Como será que Lyon vai reagir quando souber de tudo no ano que vem? — perguntou Anne.

— Depende. Se estiver feliz com o seu trabalho e obtendo grande sucesso, acredito que dará boas, risadas ao saber. Afinal, como é que alguém pode achar ruim se a mulher que amamos nos empresta secretamente dinheiro para podermos casar com ela?

— Só me preocupo com a tremenda gratidão que ele lhe devota por tudo isso. Não pára de falar que precisa se esforçar ao máximo para corresponder à confiança que você deposita nele. Diz que na verdade só aceitou sua proposta por isso.

— Bobagem. Ele não perdeu tempo em pedi-la em casamento. Portanto, acho que esse foi o fator principal.

— Talvez. Pelo menos tenho um ano antes que os problemas surjam. E, mesmo assim, talvez não haja problemas; a verdade é que não posso viver sem ele, Henry. Tentei isso durante quinze anos, e não posso chamar aquilo de vida. Farei tudo para ter Lyon: mentir, fingir, tudo, enfim. Apenas reze por mim, para que tudo corra bem quando o segredo for descoberto.

— Se eu a conheço bem, a essa altura você estará 'esperando um filho, a firma irá de vento em popa, e Lyon ficará secretamente

feliz por você ter tomado uma atitude que lhes propiciou serem felizes juntos.

Casaram-se no dia seguinte, no apartamento de Henry. O juiz Wellman, grande amigo de Henry, oficiou o ato, e George e a mulher foram os padrinhos. Anne e Lyon voaram para uma lua-de-mel de quatro dias em Palm Beach. Tinham concordado em viver no apartamento de Anne. George e Lyon retirariam setecentos dólares por semana da firma, mais as despesas; os lucros ficariam na firma e os dividendos seriam distribuídos ao fim de cada ano fiscal.

Em dois meses apenas, Lyon conseguira que os maiores artistas ingleses assinassem contrato com a firma. Consequira, também, atrair alguns clientes de outras agências e queria abrir um escritório na Califórnia. George era mais cauteloso.

— Vamos planejar tudo cuidadosamente — dizia ele. — Sei que temos uma grande quantidade de clientes, mas o melhor negócio agora é vender programas de televisão. Precisamos de uma Carol Burnett, de um Danny Thomas, de uma Judy Garland. . .

— Concordo — disse Lyon prontamente. — Acontece que esses já têm ótimos agentes. Além disso, esse é o caminho mais fácil. Acho que nós é que temos que criar os nossos cartazes. Esse é que é o papel do verdadeiro agente. Henry criou Helen Lawson. Se nós fizermos uma estrela, também, então todas as estrelas vão querer que trabalhem para elas.

George conferiu uma lista que tinha na mão e disse:

— Não vejo aqui nenhum cartaz em potencial. Lyon ficou pensativo. Depois, disse:

— Se o filme de Peter Shay com a Metro for bom, então poderemos conseguir para ele um contrato para três filmes. Talvez consigamos. . .

George sacudiu a cabeça.

— Não. Ele é um ator característico. Nós precisamos é de um tipo romântico, ou um grande cómico, ou uma mulher. Além disso, Peter vai querer trabalhar também na Inglaterra, e você sabe como são os ingleses. Não quero insultá-lo — corrigiu George —, mas, não importa quão bem eles estejam aqui, estão sempre voltando para a ilha deles com o dinheiro que ganharam conosco.

Lyon sorriu e disse:

— Saiba que aquela pequena ilha pode ser o paraíso. A gente pode até ser feliz lá.

— Claro. O lar é onde está o coração. Isso, porém, não nos ajuda nada. Espere. . . tive uma ideia. Há alguém que nós poderíamos conseguir. E, se conseguirmos fazer dela novamente um cartaz, então estamos feitos. Falo de Neely O'Hara.

— Não vale a pena. Além disso, está ainda no sanatório; e cá para nós, George, acho que está acabada.

— Uma artista como Neely nunca está acabada. O público gosta de sofrer a tragédia de seus ídolos, de se identificar com eles. Ela tentou se destruir no auge da carreira. Todos falam a respeito dela como se tivesse morrido, e ninguém acredita que ela consiga se recuperar e voltar ao que era. Tudo isso é bom para nós, porque se nós conseguirmos trazê-la de volta, para o topo, teremos feito o impossível. Então veremos as grandes estrelas passarem todas para nós. Pensarão: "Se eles fizeram isso com Neely O'Hara, o que não farão comigo?" Os atores são muito engraçados: não conhecem o significado da palavra gratidão quando se trata de seus interesses.

— Com Neely não estaremos tratando propriamente com uma fracassada, mas com uma mulher emocionalmente doente, e que poderá se desfazer em pedaços a qualquer momento. Anne diz que está gordíssima, e além disso já não tem dezoito anos.

— Tem trinta e três anos e eu concordo com tudo o que você disse. Só que ela é um dos maiores talentos que temos. Tenho algumas gravações em fita que ela fez na semana passada. Ela é uma paciente não-residente e passou o último fim de semana comigo e com minha mulher. De fato, está gorda como uma leitoa, mas canta como um passarinho.

— Talvez leve um ano para emagrecer e poderá desintegrar-se emocionalmente, como já aconteceu antes.

— Não lhe pediremos para emagrecer. Esse é o seu ponto. Poderá ficar gorda, contanto que cante. E isso é tudo que importa.

— E o que faremos com uma cantora gorda?

— Conseguiremos contratos para concertos. Você sabe quanto poderá ganhar em concertos pelo país inteiro? Lena Horne, Judy

Garland, Liberace, todos eles ganharam fortunas. Toda a gente vai querer vê-la, pelo menos, por curiosidade. Em um ano ganharemos tanto com os seus concertos como todos os nossos outros artistas juntos. Se conseguirmos fazer com que Neely funcione durante um ano, todas as estrelas virão para nós.

— Se você quer arriscar, concordo — disse Lyon. — O filho é seu. Tomarei conta do escritório enquanto você toma conta do lançamento da nova Namorada da América.

— Não pense que é fácil assim — disse George lentamente. — Ela não é exatamente louca por mim, e minha mulher é péssima influência para Neely. Minha mulher é alcoólatra, como você deve saber. Neely gosta de você e deve obrigações a Anne.

— Um momento — disse Lyon abruptamente. — Anne trabalha duramente, e a última coisa de que precisamos em nossa vida é Neely O'Hara.

— Tudo o que lhe peço é que a convença a assinar um contrato conosco e eu farei o trabalho sujo. Cuidarei da publicidade e providenciarei os contratos. Viajarei com ela. Tudo o que você tem a fazer é conseguir que ela aceite a nossa oferta. Ela pode deixar o sanatório quando quiser, e nós lhe conseguiremos uma suite de hotel. Pagaremos tudo, incluindo a preparação, os ensaios, tudo. Contrataremos uma pessoa para lhe fazer companhia, noite e dia, para vigiá-la; e eu conheço a pessoa indicada: uma massagista dinamarquesa, forte como um touro. Manteremos uma escrita de tudo o que gastarmos com ela. Quando ela começar a trabalhar, descontaremos o que nos deve de cada recital até que tenhamos de volta todo o dinheiro. Se não der certo, sempre poderemos declarar a despesa no imposto de renda.

— Será uma grande cartada.

— Temos pouco a perder e a publicidade que teremos valerá o investimento de alguns milhares de dólares. Se ela tiver sucesso, poderá pagar a dívida que tem com Anne, que deve passar dos vinte mil dólares.

— Não estou gostando muito da ideia, mas, se você quer tentar, eu concordo. Estamos entendidos: farei apenas a oferta inicial; em seguida, passarei a bola para você.

— Você verá que mandarei o nosso pequeno foguete à Lua, e ele nos levará junto.

Anne entrou no apartamento e ligou imediatamente o condicionador-de-ar. Era o dia de folga da empregada e uma tremenda onda de calor se abatera sobre a cidade. Correu ao banheiro para vomitar, e colocou uma toalha úmida na testa. Em geral, as outras mulheres enjoavam de manhã; com ela era diferente: enjoava à noitinha. Tinha certeza agora de que estava grávida. Dez dias de atraso. Bem, não estava absolutamente certa, porque em fevereiro já lhe acontecera um atraso de duas semanas nas regras e ela e Lyon haviam até comemorado. Depois, o sonho se desvanecera. Desta vez não disse nada a Lyon e, no dia anterior, começara a ficar nauseada. Deus queira que seja verdade. Tudo era tão maravilhoso, e agora teriam um filho. Queria uma menina, e que fosse parecida com Lyon.

Era tão feliz que estava com medo. Ninguém tinha o direito de ser tão feliz assim. A única coisa que manchava a sua felicidade era o pensamento de que se aproximava o tempo de fazer a declaração de renda, quando Lyon saberia da verdade sobre a transação com a firma. Mas os negócios iam bem e, àquela altura, já teria o filho. Henry achava que Lyon a perdoaria; nunca, entretanto, se podia prever, com segurança, as reações dele.

Juntos foram visitar Neely e Lyon mal pôde disfarçar o choque que sentira ao vê-la. Estava deformada pela gordura, os olhos quase invisíveis, enterrados pelas bochechas, e não se via mais sinal do pescoço. Apesar disso, o mesmo entusiasmo da Neely adolescente. Curiosa aquela disposição quase infantil, emergindo daquela montanha de gordura.

Neely concordou imediatamente em assinar o contrato. Franziu o nariz quando Lyon mencionou que o dono da ideia era George. Disse que não gostava de George, mas, uma vez que Lyon era sócio dele e Anne, sua melhor amiga, tinha todo o prazer em assinar. Na mesma semana, já estava hospedada em um pequeno hotel no centro da cidade, com Christine, a massagista e guardiã dinamarquesa. Christine não era gorda, apenas imensa. Parecia

capaz de atravessar a nado o Canal da Mancha. E tinha prometido que poria Neely em forma.

— Neely não precisa emagrecer — disse Anne. — Nem deve sofrer qualquer pressão nesse sentido. A aparência dela não é o mais importante. Tudo o que deve fazer é se concentrar no canto.

Christine foi prevenida a respeito de pílulas e bebidas alcoólicas; prometeu ficar vigilante durante as vinte e quatro horas do dia, a duzentos dólares por semana.

Anne saiu do banheiro e acendeu as luzes da sala. Ser-viu-se de uma dose de conhaque, na esperança de que isso melhorasse sua náusea. Neely estava trabalhando duro, ensaiando quatro horas por dia, e George já concluía todos os planos para a publicidade. O primeiro concerto de Neely seria em Toronto, de modo que as críticas locais não alcançassem Nova York se algo não saísse bem.

Anne olhou à sua volta, pensativa. O apartamento era bonito; agora, porém, que ia ter um bebê, devia se mudar. E seria liberada do contrato com a Gillian. Teria então tempo de procurar e decorar um novo apartamento. Como decoraria o quarto do bebê? A excitação a deixou tonta. Oh, Deus, tomara que seja verdade.

Duas semanas depois, suas esperanças foram confirmadas. A princípio, as emoções de Lyon foram dúbias. Ele estava contente, mas sabia que o fato revolucionaria a vida que levavam. Anne deixaria o trabalho em junho, o bebê era esperado para janeiro. Sua cintura tinha aumentado alguns centímetros. Anne convenceu Lyon de que tudo seria mais fácil do que ele imaginava, e isso fez com que o entusiasmo dele ressurgisse.

Em meados de junho, voaram para Toronto, para assistir ao concerto de Neely. Anne sentou-se na plateia, temendo pela amiga. Tanta coisa dependia do sucesso daquela estreia! George e Lyon pensavam no investimento, Anne no que significava para a vida de Neely. Ela estivera calma nos bastidores. Rira muito dizendo que, afinal, não tinha nada a perder, e sempre poderia voltar para o sanatório, para fazer cinzeiros. George, porém, apertava as mãos nervosamente e Lyon mostrava os olhos cheios de ansiedade.

As luzes se apagaram e a orquestra atacou um tema que Neely fizera famoso em um de seus filmes. A pesada cortina se abriu e

Neely apareceu sozinha no palco. Vestia um simples vestido preto, curto. Suas pernas ainda eram bonitas, e o vestido escondia um pouco o ventre volumoso. Houve um murmúrio de admiração na plateia — todos ainda conservavam a imagem de Neely dos filmes. Ela percebeu isso e sorriu.

— Estou gordíssima — disse sorrindo —, mas uma porção de cantoras de ópera também são gordas. Só que eu não vou lhes oferecer ópera. Estou aqui apenas para cantar do fundo do meu coração, e, se o meu coração estiver grande e gordo também, então, vamos ter muita música.

O aplauso foi ensurdecedor. Neely conquistara a plateia antes mesmo de começar. Sua voz estava clara e belíssima. A audiência parecia hipnotizada. Acolheram-na imediatamente em seus corações. Anne nunca ouvira aplausos iguais.

O mesmo aconteceu em Montreal. Quebrou todos os recordes de bilheteria. Em Detroit, as entradas foram todas vendidas muitas semanas antes de sua chegada. A essa altura, os jornais de Nova York estavam cheios de notícias a respeito de sua volta, mas George insistia em mantê-la viajando por mais algum tempo. Viajou com ela até setembro, enquanto Lyon ficara tomando conta do escritório em Nova York. Anne fora liberada do seu contrato e usava todo o tempo de que dispunha para decorar o grande apartamento que encontrara. Sua gravidez era agora evidente e cada movimento do pequeno ser dentro dela aumentava a sua felicidade. A Gillian lhe oferecera uma licença, mas ela insistira em se desligar definitivamente. Anne sentiu uma pequena satisfação ao ver que usavam uma moça diferente todas as semanas, pois não encontraram nenhuma que a substituísse.

Finalmente, George chegou à conclusão de que Neely estava pronta para cantar em Nova York. A estreia foi marcada para novembro, num grande teatro; dois espetáculos por dia, Neely seria a única atração. Uma semana antes da estreia já estavam vendidas as entradas para as três semanas programadas.

A estreia de Neely em Nova York foi um tremendo sucesso artístico e sentimental. A plateia aplaudia histericamente a volta de sua órfã querida. Anne notou que o corpo de Neely ia, lentamente,

tomando forma outra vez. Estava ainda gorda, mas já não era grotesca. Christine conseguira, com sua massagem, reduzir uns quinze quilos do seu peso. O pescoço começava a aparecer, apesar dos dois queixos. Depois da primeira canção, entretanto, a magia de sua voz fez com que toda a gente esquecesse o resto.

As dificuldades começaram durante a segunda semana em Nova York. George e Lyon estudavam as melhores ofertas para novos concertos. Havia propostas para programas de televisão, para várias peças na Broadway, e Lyon insistia para que continuassem com os concertos.

— Pelo menos durante mais um ano — dizia ele. — Talvez a gente consiga fazer com que ela emagreça mais uns dez quilos. Não creio que volte a ter o corpo de uma sílfide novamente, mas a dureza do trabalho e as massagens de Christine podem fazer maravilhas. Aí poderemos pensar em filmes e em televisão.

— Acho que teremos de aceitar uma peça na Broadway, ou, então, um filme, pois ela se recusa terminantemente a continuar viajando — disse George.

— Mas acabamos de assinar contratos para concertos em Los Angeles, São Francisco e o Palladium de Londres — respondeu Lyon.

— Tivemos uma bela discussão ontem à noite, Neely e eu. Ela sabe que está novamente na crista da onda e a velha doença do estrelismo acaba de voltar. Não há mais lugar para a gratidão, apenas para explosões temperamentais. Disse que quer ficar parada num lugar e desconfio que isso quer dizer que a nossa garota quer um homem.

— Meu Deus! Quem é que vai querê-la? — perguntou Lyon.

George sorriu.

— Ouça, isso está me dando dor de cabeça durante todos esses meses. Esquecemos que ela, afinal, é um ser humano. Talvez lhe tivessem dado salitre no sanatório, mas só lhe posso dizer é que ela está louca por um homem. Por algum tempo, andou com um saxofonista que, certamente, sofria da vista. Ele a manteve feliz até deixar a orquestra. Deixar? Acho que fugiu para salvar a pele. Arranjou vários companheiros de uma noite, mas disse que estava farta disto e que queria ter um apartamento e um sujeito firme, que

estivesse à mão. Desconfio, também, que a agência Johnson Harris deve estar por trás disso, e devem ter enviado algum sujeito, com tipo de galã, para elogiá-la e beijar sua mão. Estou sentindo que ela quer escapar, também.

— Deixe que ela se vá — respondeu Lyon com um sorriso. — Se a agência Johnson Harris quer comprar o contrato, nós o venderemos. . . por meio milhão de dólares.

— Eu também pensei nisso — respondeu George. — Só que não devemos jogar fora a isca quando os peixes estão fisingando. Amanhã vou almoçar com Paul Elsom.

Lyon assobiou, admirado.

— Bem, isso com certeza começará a avalanche.

— Seus dois últimos filmes bateram todos os recordes de bilheteria. Se a gente conseguir que assine conosco, então teremos a metade dos astros de Hollywood. Neely é a nossa isca. Vamos fazer tudo para conservá-la.

— Muito bem, então comece a trabalhá-la.

— Já tentei, Lyon, mas vamos encarar a realidade: ela jamais gostou de mim; no começo, não tinha outra escolha. Agora, ela pode se dar ao luxo de não querer trabalhar mais comigo. A noite passada, me chamou de porco. Imagine, aquela vaca me chamando de porco. Não, Lyon, agora é a sua vez.

Lyon estava sentado no camarim de Neely. A vespéral chegava ao fim e ele olhava os telegramas enfiados atrás do espelho. Todos os grandes cartazes tinham enviado congratulações e votos de sucesso. De longe, Lyon podia ouvir a orquestra atacando o tema principal e os aplausos da plateia. Retesou-se à espera da batalha que viria.

Neely ficou agradavelmente surpreendida quando o encontrou à sua espera.

— Graças a Deus, aquele porco do seu sócio ficou longe de mim. Tivemos uma discussão tremenda na noite passada.

Aceitou um copo de cerveja, que Christine lhe ofereceu, e continuou:

— Que beleza! Era disso que eu precisava. Quer um copo, Lyon?

— Não, obrigado. Quer jantar comigo, hoje?,

— Claro. Anne também vai?

— Não, só nós dois.

— Então George resolveu mandar o primeiro time, hem? Não tenha ilusões de que vou continuar viajando, mas aceito o jantar. Sabe onde poderemos comer alguns *escargots* decentes?

— Vamos ao Louise's. Ela é capaz de fazer qualquer coisa.

— Ótimo, quero comer uma montanha de manteiga temperada com alho, e torradas de pão preto, com cerveja por cima. Esta é a parte agradável de fazer um espetáculo sozinha. Não há um galã para fazer cara feia com o meu hálito. E também não tenho um sujeito com que me preocupar depois do espetáculo — acrescentou, com um tom triste.

— Isso virá mais cedo do que você pensa — respondeu Lyon.

— Você tem Nova York a seus pés.

— Sim, mas não tenho ninguém em meus braços. Quero ter alguém, e pretendo escolher agora. Sei que não estou esbelta, mas, também, não sou nenhum monstro. E não quero alguém apenas para dormir comigo. Quero alguém que se incomode comigo, que eu possa respeitar. . . e amar.

— Vamos falar nisso depois de pedir os *escargots* — sugeriu Lyon.

Neely pediu duas dúzias. Lyon contentou-se com seis e continuou a ouvir suas reclamações. Teve de admitir que ela tinha razão: sua vida se resumia apenas ao trabalho.

— Neely — disse Lyon, segurando-lhe a mão —, creia que eu posso compreender perfeitamente o seu ponto de vista. Mas concorde em fazer apenas Hollywood, São Francisco e Londres. Depois você ficará em Nova York e talvez façamos um filme, ou uma peça na Broadway. Farei as sondagens necessárias. Se encontrarmos algo conveniente, poderemos marcar a estreia para o outono. Acho que uma peça teatral seria o melhor para você.

— Quem irá comigo à Califórnia e a Londres?

— George, naturalmente.

— Então esqueçamos isso — disse ela com determinação.

— Ora, Neely, você e George podem ter os seus desentendimentos; na verdade, ele não é tão mau assim. Lembre-se de que todo o plano para o seu retorno foi elaborado por ele.

— E não teria sucesso se não fosse o meu talento — disse ela, mal-humorada.

— Sim, mas George soube prever isso, e soube acreditar em você.

— E você não acreditou?

— Para ser franco, não. Confesso que tinha as minhas dúvidas.

— Pensou, então, que eu estava acabada?

— Nunca duvidei do seu talento. Eu temia o mau resultado sobre os seus nervos, se tivesse de fazer regime para emagrecer. Foi George que insistiu em dizer que o público a aceitaria tal como você estava. E ele tinha razão.

Neely largou o pedaço de pão que estava prestes a mergulhar na manteiga e empurrou o prato para longe.

— Você fala de mim como se eu fosse algum monstro.

— Ora, Neely. Você sabe o que eu quero dizer. Acho que você é maravilhosa: um enorme talento e uma grande personalidade.

— E uma gorda desajeitada, não é?

— Isso também não. Na realidade, algo diferente do que você era nos filmes.

— Acredito que nenhum homem se apaixonaria por mim agora. Percebi que até meus filhos ficaram olhando para mim com estranheza, quando me visitaram em Detroit. Por Deus, como são bonitos! Estou contente que estejam com Ted. Quase morri quando Ted obteve a custódia deles, agora parece que foi melhor. Ainda acho que ele é meio tarado, mas os meninos não sabem disso. Nunca esquecerei a cara que fizeram quando me viram. O mais alto, Bud, me disse: "Mãe, vimos um filme seu na televisão, mas agora a senhora está bem diferente".

— Você não tem necessidade de ser magra — insistiu Lyon.

— Poderia ser, se tivesse um bom motivo para isso — disse Neely. — Sei que não posso emagrecer unicamente porque um estúdio exige isso de mim, mas poderei emagrecer por amor.

Quando encontrei Ted, ele me pediu que emagrecesse seis quilos, e foi fácil. Só porque eu queria fazer, porque queria agradar a Ted. Por isso é que eu quero ficar aqui, Lyon. Quero encontrar um cara, me apaixonar por ele. Odeio me olhar no espelho.

— Neely, é a sua voz e a sua personalidade que fazem de você uma estrela, não a medida da sua cintura — insistiu Lyon.

— Eu adoro vestidos bonitos. Não quero continuar a vestir um simples vestido preto no palco, como agora. Acontece que não tenho incentivo para emagrecer. Se eu me apaixonar, aí, sim, gostarei novamente de mim e poderei emagrecer.

— Faça Hollywood, São Francisco e Londres. O resto virá por si.

Por um momento, Neely ficou pensativa, depois disse:

— Muito bem, aceito; só se você for comigo.

— Neely, como é que eu posso?

— Ouça, Lyon, não suporto George. Se tiver de olhar para aquele cara-de-lua todos os dias, vomito. Ele não é nem capaz de jogar baralho. Você joga baralho?

— Neely, não posso me ausentar agora. Anne está no fim da gravidez. O bebê deverá nascer em seis semanas.

— Ah. . . eu tinha esquecido. — De repente, seu rosto se iluminou e ela acrescentou: — Por que então não transfere os meus concertos para depois do nascimento do bebê? De qualquer forma, um descanso me faria bem.

— E eu não poderia deixar Anne, então, com um bebê pequeno.

— Anne viria junto. Ouça, Lyon, eu tive gémeos, sei como é isso. Nos primeiros meses, tudo o que eles precisam é de uma boa enfermeira. Até os três meses de idade os bebês nem enxergam.

— Pensarei a respeito — respondeu Lyon.

Não foi difícil adiar o espetáculo do Palladium. Nova data foi marcada para meados de fevereiro. Todavia, foi impossível mudar as datas de Los Angeles e São Francisco. Neely deveria cantar nessas cidades entre o Natal e o Ano-novo. Lyon tentou esconder o problema de Anne; Neely contou. Ela fora ver o novo apartamento deles. Tudo estava finalmente em ordem. Anne, que parecia quase

não ter engordado na gravidez, mostrava cada peça com orgulho de dona-de-casa, principalmente o quarto do bebê. Sentaram-se a um canto, Anne tomava um *sherry*, Neely, cerveja. A neve tinha começado a cair e Anne acendeu a lareira.

— É a primeira vez que acendemos a lareira, Neely. Faça um voto.

— Por quê?

— A gente sempre deve formular um desejo quando faz uma coisa pela primeira vez.

— Então desejo que você tenha o bebê esta noite.

— Por quê? Não deverá nascer antes de um mês.

— Eu sei. Mas não irei a Los Angeles a menos que Lyon vá, e ele não irá antes do bebê nascer e de você poder ir.

Anne sabia dos atritos entre George e Neely; esta, porém, era a primeira vez que ouvia falar em adiamento de concertos.

— Eu não irei a Londres nem mesmo em fevereiro — Anne falou. — Como poderei deixar o bebe sozinho?

— Claro que poderá — respondeu Neely. — Nessa altura, ele não será um ser humano ainda.

— Para mim agora já é um ser humano — disse Anne' com ardor.

— Ora, Anne, ele não tem noção de coisa alguma nos primeiros meses. Toda essa conversa de que sorriem para a gente é besteira. Meu médico me contou que eles só têm noção de luzes e de manchas. Não conseguem focalizar a imagem da gente até a idade de três meses. Qualquer enfermeira poderá tomar conta do bebe melhor do que você.

— Esperei muito tempo por este bebê, Neely. E valeu a pena, por ser fruto do amor entre mim e Lyon. Jamais abandonarei o nosso bebê.

— Suponha que Lyon tenha que viajar. A-final, você não pode esperar que ele nunca saia de Nova York.

— Então viajaremos juntos, os três.

— Muito bem, mas eu não irei à Califórnia sem ele.

— Neely. . . por favor. Não posso passar o Natal sem Lyon. E é muito arriscado para mim viajar agora.

— E eu? — perguntou Neely. — Será que tudo tem que ser feito para a sua conveniência? Você tem tudo. Sempre teve. Tem dinheiro, o homem que ama e o bebê que deseja. E eu? Eu não tenho nada. Apenas o meu trabalho. Consegui me reabilitar, isso é tudo. E estou trabalhando para pagar o que lhe devo.

— Neely, eu nunca lhe pedi o dinheiro — protestou Anne.

— Eu sei. Mas já disse a George e Lyon que quero lhe devolver tudo o que devo. Depois do concerto na Califórnia terei pago tudo. Além disso, estou fazendo muito dinheiro para a agência de seu marido, e indiretamente isto vem em seu próprio benefício também. Vivo num hotel, com aquele touro da Christine, que vive me vigiando, e tudo o que peço é que Lyon vá comigo à Califórnia, por dez miseráveis dias, pois não conseguirei suportar Hollywood sozinha. Será a primeira^ vez que voltarei àquela cidade. Acha que será fácil para mim enfrentar aquela gente, que ficara me olhando e sussurrando: "Veja como ela está gorda..." E eu tenho que sorrir e ganhar a sua simpatia? Sei que o meu talento vai conquistá-los, como sempre, mas é esse primeiro minuto que me apavora. Preciso de alguém nos bastidores, que me anime antes de entrar no palco. Preciso, Anne. Se não há uma face amiga para me animar, tenho certeza de que tomarei uma pílula ou uma bebida. E não com cerveja. Seria o meu fim. No sanatório, me disseram que quando eu' tomar uma única pílula, ou um único uísque, será o começo do fim.

— Então se Lyon quiser ir eu concordo — disse Anne.

— Você sabe muito bem que, se você diz a coisa assim, ele não irá.

— Não, Neely, estou sendo sincera. Se ele resolver ir, não o impedirei.

— Tem de ser mais que isso. Você tem que obrigá-lo a ir. De outra forma, juro que não darei o concerto. Sempre posso ter um ataque de laringite ou coisa que o valha.

Lyon se recusou terminantemente a deixar Anne sozinha e ficou ressentidíssimo com a tática de chantagista usada por Neely.

— Essa leitoa gorda não vai ditar a nossa vida — disse Lyon furioso. — Ela pode ser importante para a agência, mas não tanto quanto pensa.

— Lyon, vocês estão a ponto de conseguir as maiores estrelas para a agência. George me contou que as coisas estão fervendo, e que tudo poderá ir por água abaixo se Neely abandonar vocês. E é bem possível que ela o faça, espalhando o boato de que vocês lhe recusaram assistência pessoal no momento em que ela mais precisava.

— Então é melhor que ela nos deixe logo. Se eu e George tivermos que planejar todo o nosso futuro sobre aquele montículo de banha, então é porque temos muito pouca fé em nós mesmos. Não sei como George se sente a respeito, sei que estou cansado de ouvir dizer quão desesperadamente precisamos de Neely para conseguir outros contratos. Talvez ele não ache que tenha muito a oferecer a um cliente; acontece que Henry acreditou em mim a ponto de me oferecer praticamente a agência de mão beijada. Henry Bellamy jamais permitiria a uma Neely O'Hara controlar a sua vida.

— Helen Lawson fez sua parte — lembrou Anne.

— Acontece que ele amava Helen, e aí está toda a diferença. Nós, no entanto, ressuscitamos Neely e isto nos deixa quites com ela. O fato de que Henry confiou cegamente em mim me dá coragem para deixar que Neely se-vá. Não pretendo depender de ninguém.

No dia seguinte, Lyon voltou para casa mais cedo que de costume, os olhos gelados por uma fúria incontida. Tirou o casaco e ficou olhando de modo estranho para Anne. Ela levantou o seu volumoso corpo da cadeira em que estava e começou a lhe preparar uma bebida. Sentia a crise. . . Alguma coisa acontecera no escritório. Lyon pegou o copo em silêncio.

— Dificuldades com George? — perguntou Anne.

Lyon sentou-se e tomou um grande gole. Continuou olhando-a insistentemente.

— Anne, me diga uma coisa. Você acha que devo ir à Califórnia com Neely?

— Eu não espero o bebê antes de meados de janeiro. Claro que não gostaria de passar o Natal sem você, mas estou tentando ser objetiva.

— Então me diga o que devo fazer, Anne — continuou Lyon naquele mesmo tom estranho.

— Você deve decidir — respondeu ela. — Saberei compreender qualquer que seja a sua decisão.

— Não. Você vai decidir. Tal como decidiu tudo o mais. Diga: quanto pesará o nosso bebê? Já sei que vai ser uma menina, você já decidiu isso. Existirá alguma coisa que você não controle?

— Lyon, o que está tentando dizer?

— Você sabe. Por Deus, eu devo ser a piada da cidade. Fui comprado por Anne Welles. Aposto que toda gente sabia, menos eu. Soube por acaso, por Neely.

— Neely? Como podia ela saber? — Anne estava apavorada. Nunca tinha visto aquela expressão nos olhos de Lyon.

— Eu sei, deveria ser um segredo. Foi o que Henry lhe disse. Mas eu não tardaria em saber, de qualquer forma. Todos os cheques que enviei semanalmente a Henry voltavam a você. Tudo isso aparecerá em nossa declaração de renda.

— Como é que Neely soube?

— Henry. Neely foi falar com ele na esperança de que convencesse você a me deixar viajar. Então Henry lhe contou. Disse-lhe que tinha certeza que você tomaria a atitude que fosse melhor para a agência; afinal, o dinheiro era seu. Neely mal pôde esperar chegar ao escritório para me contar. Claro que George fingiu não saber de nada. Agora, diga: todos já sabiam há muito tempo, não é?

— Lyon, ninguém sabia. Henry não devia ter contado a Neely. Eu mesma queria lhe contar tudo, quando chegasse a hora. Só fiz isso porque o amo e porque não suportaria vê-lo voltar à Inglaterra.

— E conseguiu. Você pode comprar tudo o que quiser. Foi isso o que aprendeu com Kevin Gillmore? Tudo tem o seu preço, é só descobri-lo.

— Mas o meu dinheiro é seu também — disse Anne, lutando contra o pânico que se apoderava dela. — Fiz isso apenas por amor a você. Queria me casar com você e ter um filho seu. Não consegue compreender?

— Não. Tudo o que posso compreender é que George ficou parado, sorrindo, para dizer: "Ânimo, Lyon. Estamos no mesmo barco. As nossas esposas são as donas do negócio". Acontece que eu não sou nenhum George Bellows. E, por Deus, eu juro que, de agora em diante, os negócios virão em primeiro lugar. Trata-se do seu dinheiro, e eu vou devolvê-lo até o último centavo. Há, entretanto, alguma coisa mais importante que o dinheiro: meu orgulho e meu amor-próprio. Só conseguirei tê-los novamente quando conseguir dobrar o seu maldito investimento.

— Lyon! — Anne atirou-se a ele e o abraçou. — Você não entende que fiz tudo por amá-lo?

— Agora só compreendo uma coisa: a agência Bella-my, Bellows & Burke será a maior da cidade. Da cidade, não, do mundo! Você a comprou para mim, minha cara, e vai ter um lucro fantástico com ela. Vou lhe mostrar. E a primeira coisa que vou fazer é reservar as passagens para levar a nossa leitoa a Los Angeles. O Natal que vá para o | inferno. Nós vamos para a frente e a toda velocidade.

Jennifer Burke nasceu no dia de Ano-novo. Veio ao mundo com duas semanas de antecedência e proporcionou uma passagem de Ano-novo aflitiva para Anne e o médico. O trabalho de parto durou quinze horas. Quando finalmente chegou, vermelha e enrugada, a mãe só conseguiu ver nela a realização de um milagre de beleza.

Anne sentiu-se muito solitária quando Burke partiu. Embora ele telefonasse todos os dias da Califórnia, podia sentir o abismo que havia entre eles agora. Sentia-o até nas eventuais frases de carinho. Quando o bebê chegou, parecia que uma ponte fora lançada. Depois de acordar da anestesia, Lyon telefonou e ela disse, quase em tom de desculpa:

— Bem, é uma menina.

— Estou contente. Sou muito velho para jogar futebol com um garoto, e acho que me divertirei muito mais ensinando uma filha, adolescente a dançar.

Chamava-a de duas a três vezes por dia, enquanto ela estava no hospital. O sucesso de Neely em Los Angeles quebrara recordes. Ela se preparava para ir agora a São Francisco. Anne se importaria? Mais três semanas?

— Claro que não — disse Anne rapidamente, ansiosa por evitar qualquer discussão sobre a firma ou sobre o trabalho de Neely, agora que tudo ia bem novamente. — Jennifer Burke será uma senhora quando você a conhecer, mas tentarei manter viva a sua lembrança até lá.

— George me disse que vai tirar umas fotos dela. Mande-as para mim quando estiverem prontas.

— Já lhe mandei as que ele tirou no hospital. Ela parece um velho gnomo mas sei que vai ser linda. O pouco cabelo que ela tem é bem preto.

Lyon chegou a Nova York no fim do mês. Jennifer pesava quase cinco quilos e tinha perdido as rugas. Era toda cor-de-rosa e branca, e Lyon estava muito feliz. Sorria enquanto estudava a fisionomia da filha.

— Temo muito que vá ficar parecida comigo. — Fez uma careta. — Anne, você devia ter se concentrado melhor; eu queria

uma cópia de você.

— Acontece que eu queria que ela se parecesse com você.

Lyon viera correndo do aeroporto para casa e agora iria para o escritório.

— Vamos comemorar o nascimento da herdeira com um jantar hoje à noite — disse, antes de sair.

À noite, a Srta. Cuzins, enfermeira do 'bebê, ajudou Anne a entrar numa cinta; não era muito confortável, mas, após tantos meses, queria que Lyon a achasse elegante outra vez. Não estava de todo mal, pensou, estudando-se diante do espelho. Seu peso voltara ao normal, apenas a cintura... a cinta ajudava. Depois", fazia apenas um mês e poderia dormir com Lyon naquela noite. Fazia tanto tempo já.. . pobre Lyon. O médico tinha prevenido que poderia ser doloroso no princípio, mas tudo o que lhe importava era ter novamente Lyon em seus braços.

A secretária dele telefonou às seis horas. Lyon estava em conferência e pedia que o encontrasse no Danny, às sete horas. Desligou o telefone, ligeiramente desapontada. Planejava tomarem o aperitivo em casa, e depois um jantar em algum lugar sossegado, onde não houvesse perigo de encontrar gente conhecida. Gostava do Danny, mas um jantar lá significava dezenas de pessoas parando à mesa deles para discutir negócios. Normalmente, Anne não se importava com isso; aquela noite, porém, devia ser muito especial.

Sentou-se a uma mesa perto do bar e esperou. Eram quinze para as oito, estava no segundo uísque quando, finalmente, Lyon apareceu. Ele correu para ela e a beijou na face.

— Perdoe-me, estávamos assistindo a um vídeo-teipe na NBC. A máquina enguiçou e tudo teve de ser feito novamente. Querida, você lembra de Jim Handly e de Buddy Hoff? E, é claro, conhece o Bill.

Sentaram-se todos a uma grande mesa e continuaram a discutir, o vídeo-teipe a que tinham assistido. Pela conversa, Anne deduziu que o *tape* pertencia a Bill Mack, que procurava negociá-lo com os Três B, como eram agora conhecidos Bellamy, Bellows & Burke. Lyon estava entusiasmado. Tinha certeza de que poderia oferecê-lo à CBS ou à ABC, e talvez pudessem refazer tudo com Joey

Kling, o comediante que acabara de assinar contrato com a agência. Ele era o comediante do ano.

— Vai se apresentar no Palladium, com Neely — explicou Lyon. — Deverá aparecer a qualquer momento, ficou de vir me buscar aqui.

— Buscá-lo? — Anne perguntou, surpresa.

— Meu anjo, tudo isso foi resolvido há apenas três horas. Joey vai a Washington tratar de sua estreia.

— Você não vai com ele, vai?

— Sou absolutamente obrigado a ir. Neely pensa que fará um concerto individual lá amanhã, e eu tenho de lhe explicar como será importante para Joey deixá-lo trabalhar com ela amanhã.

— Não o invejo — disse Bud Hoff.

Lyon sorriu.

— Neely já sabe que haverá outros artistas nos espetáculos que fizer em Londres; mas, aqui nos Estados Unidos, isso é novo para ela. Até agora, sempre trabalhou sozinha. Tenho certeza de que, quando eu lhe explicar que acabamos de contratar Joey. . . ela compreenderá. Neely compreende as coisas quando a gente se dá ao trabalho de lhe explicar tudo direitinho.

Lyon viajaria naquela mesma noite! Anne não conseguia mais pensar em qualquer outra coisa. Naquela mesma noite!

— Quando estará de volta? — perguntou.

— Dentro de duas semanas. Amanhã cedo telefonarei. Talvez você possa voar para lá no fim de semana. Acha que Jennifer pode ficar dois dias sem você?

— Você tem de ir mesmo esta noite, Lyon?

— Sim. Pretendia ir amanhã, mas preciso tratar da publicidade de Joey e é melhor estar lá bem cedo.

Então havia planejado ficar com ela apenas uma noite!

De repente, ouviu a voz de Joey Kling:

— Vamos, Lyon, o carro está esperando, estacionado em lugar proibido.

Lyon pulou da cadeira e ainda pôde dizer:

— Ponha a despesa na conta da agência, Bud. Boa noite, meu anjo, telefone amanhã. Bud, por favor, leve Anne para casa, sim?

Anne não foi passar o fim de semana em Washington. A Srta. Cuzins não fizera nenhuma objeção; Lyon, entretanto, nunca mais tocou no assunto. Na sexta-feira, disse apenas:

— Amanhã telefono à mesma hora.

— Por que não vai até ele e pergunta o que é que há de errado? — perguntou Henry.

Anne continuou olhando para a xícara de café, como se ela pudesse dar uma resposta miraculosa.

— Porque, basicamente, nada está errado. É que existe apenas essa intangível indiferença.

Henry Bellamy suspirou. Anne estava pálida e muito magra. Tinha parecido desesperada quando lhe telefonou e pediu que jantasse com ela. Temera pelas perguntas que ela, fatalmente, faria.

— Henry, o bebé já tem três meses e Lyon passou, exatamente quatro dias com ele. Um dia entre Califórnia e Washington, e três dias entre Washington e Londres. Faz agora um mês que está em Londres. Neely está sendo um sucesso. Sei que insistem para que ela fique mais tempo por lá; não vejo, porém, motivo para que Lyon fique também.

— Que diz George?

— Sempre a mesma coisa. Neely não ficaria em Londres sozinha. Que Lyon é um verdadeiro deus para ela; e a única pessoa a quem ela obedece. E que ela está trazendo muito dinheiro para a agência.

O sorriso de Henry era triste.

— Isso é o que recebe um agente de sucesso. A esposa sempre sofre.

— Agora eles têm uma porção de grandes astros. Tudo vai indo maravilhosamente bem. Por quanto tempo ainda pretende bancar a ama-seca de Neely? Ela me parece estar muito bem agora. Acho que já possa se sustentar sobre os seus próprios pés.

— Eles estão no negócio há pouco tempo, Anne. Todos estão de olhos neles. George é um grande administrador, mas é a personalidade de Lyon que conta. E sempre haverá uma estrela precisando de uma ama-seca. É melhor que aceite essa verdade.

— Você quer dizer que passarei a vida assim?

— Com o tempo você se acostumará — respondeu Henry.

— Não, eu não.

Henry ficou silencioso algum tempo, depois disse:

— Anne, a gente não pode ter tudo o que quer. Estive no seu apartamento e devo convir que um lugar daqueles custa algum dinheiro. E Lyon será sempre o tipo que paga suas próprias despesas.

— Henry, por que acha que ele não me pede para que eu vá a Londres?

— Você nunca esteve lá, Anne. Talvez ele ache que devia mostrar-lhe a cidade, e acontece que está preso o dia inteiro naquele teatro. Não creio que você gostaria de ficar lá nessas condições.

— Se ele me explicasse as coisas assim eu compreenderia. Poderia sair sozinha... assistir a algumas peças... contanto que eu o visse de vez em quando.

— Não se preocupe. Ele deve voltar logo.

— Deverá estar aqui dentro de uma semana... e daí? Quem sabe onde Neely dará o próximo espetáculo? E lá irá ele novamente!

— Cuide dos problemas à medida que surgirem — aconselhou-a Henry.

Lyon voltou dez dias depois. Só poderia ficar uma semana. Neely faria um filme na Europa, com um elenco de primeira. As filmagens seriam feitas na França e na Itália.

— Não vai ganhar uma fortuna com esse filme — explicou Lyon. — Mas, pelo menos, provará a Hollywood que agora tem senso de responsabilidade, e eu pretendo fazer o impossível para terminar o filme bem antes da data prevista.

— Lyon, deixe-me ir com você — disse Anne de repente.

— Não daria certo.

— Por que não?

— Neely pode ser um monstro, às vezes, você sabe. O sucesso dela em Londres foi arrasador. Você não pode imaginar o que é cair no gosto daquela gente. A lealdade deles para com seus ídolos é inacreditável. Gritam o seu nome quando ela passa pela rua e formam filas durante horas só para vê-la. Dois caras da Johnson

Harris foram até lá, com uma tremenda oferta da televisão; todas as agências estão tentando arrebatá-la de nós. E tudo isso está lhe subindo à cabeça.

— Ela deve ser grata a você e a George. Foram vocês que a colocaram onde está.

— Neely já pagou toda a dívida que tinha com você e com a agência. Agora, está fazendo muito dinheiro para nós. Ela acha que os papéis se inverteram e que nós é que lhe devemos lealdade e gratidão.

— Mas o que é que tudo isso tem a ver com a minha viagem à Europa?

— Será uma distração do trabalho. E Neely sentiria isso.

— Como poderia? Afinal, sou uma mulher. E sou a melhor amiga dela. Como poderia ela se prejudicar?

— Ela é uma grande força agora. E tem plena consciência disso. Não se esqueça de que quando ela concordou em fazer um espetáculo em conjunto, com Joey Kling, nós conseguimos um grande contrato para ele na televisão. Esse contrato prevê cento e cinquenta mil dólares por semana, e nós ganharemos grande parte disso, ou seja, quinze mil dólares por semana durante trinta e nove semanas. E Neely foi diretamente responsável por tudo isso. No próximo ano, conseguiremos para Neely um programa mensal de televisão, a duzentos mil dólares cada um. Portanto, você vê, pelo menos agora, tudo gira em torno de Neely. Se você estiver lá, eu, naturalmente, terei de dividir o meu tempo. "Vou querer lhe mostrar Paris, Roma e, naturalmente, estarei muito tempo a seu lado. Não há dúvida, então, de que negligenciarei Neely. Por favor, minha querida, compreenda. Dentro de mais um ano estarei apto a pagar o empréstimo que me fez. No momento, Neely é ainda a espinha dorsal dos Três B e deve ser tratada com o máximo cuidado.

— Tenho certeza de que Neely não se importaria. Foi ela quem primeiro sugeriu que eu viajasse e deixasse o bebê aqui.

— Mas, Neely... bem, ela está bem diferente agora. Tudo o que ela consegue pensar é Neely. Você tem de compreender isso, Anne. Você não a viu nunca nos tempos de sucesso. Ela só corria para você quando as coisas iam mal. Então, era humana. Agora é

insuportável. Tenho de vigiá-la durante todo o tempo, para evitar que ela deixe as outras pessoas doidas, e para que chegue a tempo ao teatro. Ela recuperou a velha força, e começou a ter explosões temperamentais. Por sorte, posso sempre controlar essas explosões, só espero que continue assim. Tenho, porém, de dedicar a ela todo o meu tempo.

Os três meses seguintes foram verdadeiramente insuportáveis para Anne. Ficava tanto tempo com Jennifer, que a enfermeira reclamou de não ter o que fazer. Continuavam a chegar notícias do fantástico sucesso de Neely na Europa. Lyon escrevia esporadicamente e telefonava uma vez por semana. O filme ia muito bem, embora tivessem sido obrigados a refilmar o começo porque Neely emagrecera muito. Dizia que estaria de volta no fim de junho. Depois, passou-se uma semana sem que Anne recebesse qualquer notícia dele.

Por isso, resolveu telefonar-lhe no dia 4 de julho, mas a telefonista do hotel em Paris disse que Lyon deixara o hotel há uma semana, sem comunicar novo endereço. A telefonista pensava que ele voltara para os Estados Unidos. Sim, a Srta. O'Hara também tinha deixado o hotel no mesmo dia.

Anne estava espantada. Será que Lyon viajara de navio? Por quê, se dizia estar louco para vê-la e à filha? Telefonou a George Bellows e ele lhe pareceu muito evasivo. Sim, Lyon e Neely deviam voltar a qualquer momento. Não, não tinha se comunicado com eles nos últimos cinco dias.

Nessa noite, Anne foi para a cama e tentou assistir à televisão. Não conseguia prestar atenção a nenhum programa. Começou a ler os jornais da manhã. De repente, uma notícia na coluna teatral parecia escrita em néon:

Quem sabe quem é a estrela cantora, que fez um retorno espetacular e que atribui o seu sucesso e a sua recuperada elegância a seu novo amor? Acontece que essa história de amor talvez não tenha um final feliz. O seu amor é o próprio agente, que está muitíssimo bem casado com uma conhecida beleza da televisão.

O estômago de Anne se revoltou. Não podia ser verdade! Sim, Lyon tinha contado que Neely emagrecera muito. Sentiu que ia

desmaiar. Não, disse a si mesma. Muito bem, podia ser verdade que Neely tivesse se apaixonado por Lyon. Não era muito difícil. Isso, entretanto, não queria dizer que Lyon estivesse também apaixonado por ela. Lyon podia, muito bem, estar mantendo Neely a distância. Talvez até, tivesse previsto tudo. Por isso, não concordou que ela fosse à Europa. Estava tentando protegê-la. Talvez estivesse passando por momentos realmente difíceis.. . Mas, onde estaria agora?

Num súbito impulso, levantou o fone do gancho e pediu uma ligação para a Califórnia, para o Beverly Hills Hotel. Rezou para que suas suspeitas não se confirmassem. Ouviu a voz da telefonista do outro lado do fio. Sim, o Sr. Burke estava no hotel há três dias. Sim, a Srta. O'Hara também. Não, não estavam no momento. Eram apenas nove horas na Califórnia. Gostaria de tentar mais tarde? Anne cancelou o telefonema e caiu sobre o travesseiro. Lyon já estava na Califórnia há três dias e não lhe telefonara. Vestiu apressadamente uma calça comprida e saiu para a rua.

Parecia que Henry tinha demorado séculos para abrir a porta.

— Meu Deus, que foi que houve? — disse ele, sonolentemente.

Amarrou o robe na cintura e fez com que ela entrasse no apartamento. Acendendo as luzes, fez um sinal para que sentasse.

— Sente-se, Anne. Que foi que aconteceu?

Anne estava histérica.

— Você também leu — disse, apontando para os jornais que estavam espalhados pelo chão. — Henry, não banque o desentendido comigo. Acabo de descobrir que Lyon está nos Estados Unidos há vários dias e que está na Califórnia com Neely, agora. E nem se deu ao trabalho de me telefonar.

— Vamos tomar alguma coisa — sugeriu Henry.

— Henry. . . ajude-me. — Soluçou Anne, afundando numa poltrona.

Henry preparou calmamente um uísque e o colocou na mão dela.

— Agora vamos deixar a histeria e encarar os fatos como eles são. Você quer salvar o seu casamento, não quer?

— Então, você acredita nisso?

— Sei disso há algum tempo.

Anne não conseguia falar. Olhava para Henry, com o ar de quem perdeu o último amigo que tinha sobre a Terra.

— Você não é a primeira mulher cujo marido dá uma escapadela, e não será a última. Deve apenas escolher entre Lyon e o seu orgulho.

— Mas nunca mais será a mesma coisa.

— Não, não será. A poeira das estrelas terá ido embora e você o terá. E, se eu a conheço bem, vai concordar que ter um pouco de Lyon será melhor do que não ter Lyon nenhum.

— Henry, como poderá ele me respeitar se souber que aceitei isso?

— Aí é que está. Ele jamais deverá saber que você sabe. Do contrário, você terá que pedir a sua liberdade. E é isso que Neely está esperando. Ouça, acredito que Lyon entrou nisso inocentemente. Mas bancar o Svengali não é tão fácil, e tudo contribuiu para que acontecesse o que aconteceu. Lyon precisava de algo assim, para o seu ego. Ele tem espírito criativo, Anne, e sentiu que você o comprou e o impediu de continuar a carreira que escolhera. Tudo isso é besteira, pois, se ele tivesse um enorme talento mesmo, nada o impediria de escrever. Agora ele está novamente criando alguma coisa. De uma massa informe de gordura, ele acabou criando uma estrela elegante e atraente, que depende dele até para respirar. Agora, ele já não é apenas um agente, é, também, um criador. Sente-se um semideus e nenhum homem consegue resistir a isso. Neely representa a sua parte, bancando a pobre desamparada. Naturalmente, é tão desamparada quanto uma serpente, embora não pareça assim aos olhos dele. Para Lyon, você é que é a forte, o seu Svengali. Na realidade, você não tem nem a metade da força de Neely, pois as Neelys deste mundo são indestrutíveis. E você, com o seu ar de auto-suficiência, você faz com que Lyon se sinta menos homem, ao contrário do que acontece quando ele está com Neely. Provavelmente, ele sente que foi castrado por você, e duas vezes: uma, quando você preferiu a cidade a ele; agora, porque lhe comprou a agência.

— Se ao menos você não tivesse contado isso a Neely.

— Foi no fim de dezembro. Você e Lyon estavam felizes, e Neely era sua melhor amiga, pelo menos foi o que pensei. Ela veio falar comigo, porque sabia que você me daria ouvidos. Queria que eu a convencesse a viajar depois que o bebê nascesse. Soluçou, jurou que nunca iria sem Lyon, ameaçou... Disse que você não se importava com a agência por ser milionária, e que, provavelmente, gostaria que Lyon se aposentasse. Por isso, contei a ela que não era verdade, que, na realidade, se tratava do seu dinheiro. Como é que poderia imaginar que justamente Neely iria usar isso contra você? Sabe quantas vezes ela me disse que devia a própria vida a você? Foi você quem a colocou em *Tocando as Nuvens*, com a ajuda de Lyon. Foi você quem falou com Gill Case, para que ela substituísse Terry King. Você foi quem pagou o seu tratamento no sanatório. Jamais poderia imaginar que justamente Neely iria se voltar contra você, como rival em seu amor por Lyon. Foi um grande erro da minha parte, que eu cometi com a melhor das intenções. Agora, a única coisa que você tem a fazer é encarar os fatos. Com você, Lyon deixou de se sentir um grande homem. Surgiu então Neely, e o elevou às alturas. Tudo o que você tem a fazer é esperar que ele caia. em si.

— Como? — A voz de Anne quase implorava.

— Deixando de querer bancar Deus, sendo mulher por algum tempo. Espere até que a serpente que existe em Neely se revele. Lyon não é nenhum idiota. Sempre achei que o seu caso com Lyon estava errado desde o começo. Você o queria e o conseguiu. E já sofreu demais para simplesmente passar uma esponja no passado. Seu único recurso, agora, é agir como se não soubesse de nada. Sei que vai ser muito difícil, quase impossível. Tudo indica que as coisas vão ficar bem mais quentes com Neely antes de esfriar. Se você, porém, conseguir suportar isso, então o ciclo passará por uma reversão, ele acabará por odiar Neely. Ela vai tentar castrá-lo, como fez com outros homens. Você devia ouvir Ted Casablanca falar dela. Ela é toda mel e açúcar no coração; mas, como todas as estrelas, é aço puro por baixo. Com o tempo, e se você fizer bem o seu papel, você será a pobre mulher que ele enganou e ele se sentirá culpado e

desejoso de protegê-la. O casamento estará um pouco trincado e, talvez, você nem queira mais Lyon; se quiser, você o terá. Será uma grande batalha de nervos, mas acredito que você conseguirá ganhá-la.

— Tentarei. . . Henry. O meu mundo sofreu um colapso. Acho que esta noite tomarei uma pílula pela primeira vez.

— Vamos, Anne, aja como adulta. Isso tinha de acontecer. Você tem várias alternativas. Uma delas é abandonar tudo e salvar o seu orgulho. A outra é esta: se você o ama realmente, e tem estômago para isso, atravesse a crise até que ele volte para você.

— Não posso viver sem Lyon — soluçava.

— Então comece a se controlar. Faça uma cena com ele e o estará atirando diretamente nos braços de Neely.

— Ela está gorda e horrorosa. Não é possível que ele a queira.

— Já não está. Acabo de voltar da Califórnia e os vi juntos no Chasens. Está maravilhosa e não deve pesar nem cinquenta quilos.

— Neely?

— O amor é capaz disso, imagino. Ela perdeu uns cinco quilos na primeira viagem a Los Angeles, talvez outro tanto em São Francisco e em Washington, e os três meses na Europa fizeram o resto. Não come coisa alguma, e a gente tem a impressão de que, a qualquer momento, vai começar a flutuar. Está absolutamente desvairada por Lyon. Não tira os olhos dele nem por um momento.

Anne enterrou o rosto nas mãos.

— Henry, por favor, pare com isso. Que é que está tentando fazer? Quer me matar?

— Não, estou tentando apresentar-lhe a verdade. Uma vez que você a conheça, poderá lutar contra ela. A surpresa poderia derrotá-la, Anne. Por isso, é melhor que saiba de tudo. E agora,-o pior de tudo: Lyon não está propriamente se esquivando dela.

— Não, não. . . — gemeu Anne.

— Agora, pare de gemer e vamos esboçar um plano. Anne olhou para Henry não acreditando no que ouvia.

— Henry, você deve estar louco. Está tudo acabado. . . tudo!

— Muito bem, então cuidarei do divórcio. Lyon lhe pagará uma pensão e o sustento da criança. Tenho certeza de que

concordará com tudo.

Ela começou a soluçar.

— Não, não desistirei dele assim. . .

— Então trate de se compor, tome o seu uísque, e comecemos a planejar.

— Prefiro um Seconal — sorriu Anne, fracamente. — Jennifer e Neely costumavam chamá-lo de bolinha. Nunca tomei uma pílula em minha vida. Acho que nesta noite mereço uma. Onde poderei consegui-la?

Henry foi até o armário de remédios e voltou com um frasco.

— Tome, aqui há um suprimento para dois meses. Tirei algumas para mim.

— Você também?

— Faz vinte anos. É o equipamento-padrão para a nossa espécie de trabalho. Tome uma e vá para a cama. E não fume. Se você nunca tomou uma, vai agir bem depressa.

Anne pegou o vidrinho e foi embora. Durante a corrida de táxi, dezenas de visões de Neely e Lyon passaram por sua mente. Em casa, ficou por alguns momentos olhando para o vidrinho de pílulas que tinha na mão. Eram vermelhas e brilhantes. Tirou todas do vidro e as contou. Sessenta e cinco. Sem dúvida, Henry confiava nela. E por que não? Ela não iria entregar os pontos assim. Tinha uma filha, que precisava dela, e um marido que ela devia reconquistar. Tudo o que precisava era de algumas horas de evasão, pata esquecer, por uma noite, o pesadelo em que subitamente se transformara a sua vida. Engoliu uma pílula.

— Muito bem, bolinha, vamos ver se merece a fama que tem.

Foi para a cama e recolheu do chão os jornais da manhã. Começou a ler. Em dez minutos, as letras começaram a se misturar. Fantástico... a cabeça estava leve... os olhos queriam se fechar. . . ia dormir. Amanhã pensaria em tudo novamente.

Lyon chegou uma semana depois. Disse que tinham feito a rota polar e passado uma semana na Califórnia. Anne fingiu surpresa e ele a olhou de um modo estranho.

— Quer dizer que você não sabia que eu estava na Califórnia?

— Como poderia saber? Pensei que você estivesse retido na Europa.

Lyon virou as costas, não tão depressa que ela não pudesse ver a surpresa em seus olhos. Ele estava preparado para lhe dar uma porção de explicações e elas não lhe foram exigidas. Jantaram no Colony e, depois, passaram sua primeira noite juntos depois de muito tempo. Anne se mostrou terna e amorosa com ele. Foi difícil, tinha vontade de arranhá-lo, para deixar evidência de que ele lhe pertencia. Sentiu-se torturada ao imaginar Neely e Lyon na cama; conseguiu, porém, afastar esses pensamentos e correspondeu aos abraços dele com verdadeira paixão.

Passaram cinco maravilhosos dias juntos. Anne quase começava a acreditar que tudo estava bem, que qualquer desentendimento entre eles pertencia agora ao passado. Então, Neely chegou. Tinha sido contratada para fazer dez espetáculos para a televisão, que iriam ao ar uma vez por mês. A gravação dos programas começaria em agosto, o primeiro seria apresentado em setembro e ela estaria livre durante a segunda metade de julho. Por isso, viera a Nova York, em busca de divertimentos.

Era uma terça-feira. Anne não sabia que Neely ia chegar. Tinha combinado ir ao teatro com Lyon; depois, iriam ao Copa encontrar-se com o agente de um cantor. Parecia que todos os agentes estavam tentando obter uma ponta no espetáculo de televisão de Neely para seus clientes.

A secretária de Lyon chamou-a às cinco horas. O Sr. Burke fora convidado para uma reunião com os patrocinadores e não lhe seria possível ir ao teatro com ela. Pedira a Bud Hoff que a acompanhasse ao teatro e os encontraria mais tarde no Copa.

Anne não pensou em nada errado. Brincou com a filhinha, tomou um banho demorado e se vestiu. Bud foi buscá-la na hora certa e a levou ao teatro. Foram depois ao Copa, onde já os esperava o agente. Anne explicou que Lyon fora retido pela reunião, que não deveria tardar. O agente concordou e disse:

— Eu já previa que ele talvez se atrasasse: Neely acaba de chegar a Nova York.

Anne sentia que corava; conseguiu, entretanto, exibir um sorriso impassível.

— Ah, sim. . . e, por falar nisso, a que horas Neely chegou, Bud?

Bud pareceu não se sentir à vontade quando respondeu:

— Ao meio-dia, acho. Pelo menos foi a essa hora que recebemos o seu primeiro telefonema.

Anne pediu um aperitivo.

— Pobre Lyon, pensou que ela ficaria algum tempo no Arizona com os filhos.

Houve uma ligeira troca de olhares aflitos entre o agente e Bud, ou era imaginação dela? Quantas pessoas saberiam de toda a verdade?

Anne continuou a fazer comentários favoráveis ao espetáculo e ao cantor. A cadeira vazia de Lyon parecia zombar dela. Esforçava-se por conservar um sorriso nos lábios enquanto procurava desculpas para a ausência de Lyon. Percebeu que o agente estava desapontado, não tanto quanto ela.

— Provavelmente, houve alguma dificuldade com o espetáculo de Neely na televisão. Vocês sabem. . . ela depende muito de Lyon. Tenho certeza de que ele vai ficar sentido de perder este espetáculo; Bud se encarregará de lhe contar tudo, não é?

Claro que Bud contaria. Mais uma vez, juraria que viu uma significativa troca de olhares entre os dois.

Eram três horas da manhã quando Bud a deixou à porta do apartamento. Sabia que Lyon não estaria em casa. Entrou na ponta dos pés, foi até o berço da filha, beijou-a e a cobriu. Queridinha, querida Jennifer, com o mesmo cabelo do pai e os olhos azuis. Era tão linda! Anne sentiu que as lágrimas queriam brotar de seus olhos, à medida que a garganta se apertava. Não, devia permanecer calma até a chegada de Lyon. Nada de lágrimas. Precisava engolir a história que ele contasse.

Às cinco horas, foi novamente à sala, na ponta dos pés. Talvez ele tivesse chegado e resolvido dormir na saleta, para não perturbá-la. Mas a sala e a saleta estavam vazias. Oh, Lyon, por quê? E Neely, como podia fazer uma coisa daquelas? Foi até o banheiro e engoliu

uma pílula vermelha. Tomava uma todas as noites, até o dia em que Lyon chegou. Tinha a impressão de que foram as pílulas que salvaram sua sanidade mental. Não tomara nenhuma depois que ele voltara, mas lá vamos nós, novamente, bolinhas. Pelo menos, faziam as noites mais suportáveis; os dias eram mais fáceis, havia Jennifer e, muitas vezes, almoçava com Henry ou outras pessoas conhecidas.

Conhecia muitas mulheres que almoçavam no 21 e no Little Club, que estavam sempre lutando para encher seus dias; eram casadas com assistentes de Lyon, com diretores e clientes. Nunca mais conseguira ter amizade íntima com mulher alguma depois de Neely e de Jennifer. As amizades devem começar cedo na vida, depois dos trinta é mais difícil fazer novas amigas. Nessa idade, há menos esperanças, menos aspirações e menos sonhos para serem divididos. Ainda assim, sempre conseguia companhia para um almoço ou uma tarde de compras. E a noite? Muito depois de Jen e a Srta. Cuzins estarem dormindo, ainda estava bem desperta, pensando em Lyon, vendo seu rosto, seu sorriso, imaginando-o com Neely. Quando não conseguia suportar mais, procurava alívio nas pequenas pílulas vermelhas. Em poucos minutos, a imagem de Neely e Lyon era substituída por um sono sem sonhos. E assim foi durante toda aquela semana.

E agora tudo começava outra vez. Na cama, imaginava quanto tempo Neely pretendia ficar. Talvez fossem apenas alguns dias. O quarto parecia estar sumindo... graças a Deus, a pílula funcionou.

Não soube quanto tempo estivera dormindo, estava vagamente consciente da presença de Lyon, e de seus movimentos silenciosos no quarto. Esforçou-se por abrir, os olhos. .. já era dia. Viu Lyon no banheiro.

— Lyon? — Sentou-se na cama. Olhou para o relógio e viu que eram oito horas. Teria voltado agora? Viu sua roupa na cadeira.

Ele saiu do banheiro em cuecas, sorrindo.

— Desculpe tê-la acordado.

— Que horas são?

— Oito. Estou me vestindo.

Sentou-se rapidamente na cama, para esconder o frescor dos lençóis. Então resolveu fingir que dormira em casa.

— A que horas você foi dormir? — perguntou ele, casualmente, enquanto amarrava os sapatos.

— Às três — mentiu Anne. (Malditas pílulas, que a deixavam tão tonta).

— Eu cheguei às quatro e você estava dormindo profundamente — disse Lyon, com despreocupação.

Anne deixou a cabeça cair sobre o travesseiro.

— Neely chegou à cidade — disse ele, enquanto vestia uma camisa limpa.

— Sim, Bud me contou.

Anne sabia que ele estava prestando atenção em suas reações. Fechou os olhos.

— Ela foi à reunião com os patrocinadores. Há alguns detalhes que deseja modificar no programa, e alguns pequenos problemas que têm de ser resolvidos. Exige mais instrumentos na orquestra e quer que eles paguem por isso, e insiste para que a estação pague pelas despesas menores. Levamos horas para decidir.

Até às oito da manhã? Anne continuava com os olhos fechados.

— Depois fomos cear com os patrocinadores. . . e você sabe como Ted Kelly gosta de beber. Não, você não o conhece ainda; ele acaba de entrar para a agência. Estive com ele no PJ, tentando acalmá-lo. Quase lhe telefonei para o Copa, mas ele, com certeza, insistiria em ir também, por isso, achei que o melhor era bancar a ama-seca até o fim. Ainda bem que o PJ fecha às quatro. Vim direto para casa.

Meu Deus! Não posso suportar isso! Tenho de gritar! Apenas mordeu os lábios e permaneceu em silêncio.

— Você está acordada, querida?

Quando Anne concordou fracamente, Lyon continuou:

— Você também deve ter bebido um pouco demais, para estar assim tão quebrada. Por falar nisso, faça um programa com uma de suas amigas esta noite, terei de ir com Neely e uns sujeitos da agência até o Village, para preparar alguns atos.

Agora estava completamente acordada.

— Posso ir com vocês?

— Você odiaria — disse rapidamente. — E é puro trabalho. Nenhum deles vai levar a esposa. Se você for, dará um ar diferente ao encontro. Da próxima vez, todos vão levar as esposas e a gente faz um acontecimento social. E depois não se pode visitar uma porção de lugares com um enorme *entourage*.

— Neely estará lá. — disse Anne.

— Mas é claro. O espetáculo é dela. E ela deve aprovar qualquer ato que a gente queira introduzir. — Fez uma pausa, sorriu e continuou: — Estou ouvindo a voz de Jenni-fer. Juraria que ela está dizendo: papá. Tomarei o meu café em companhia da nossa beldade. E você volte a dormir, sim?

Anne não o viu nas cinco noites seguintes; ouvia-o, entretanto, todas as manhãs, quando trocava de roupa. Algumas vezes acordava, e fingia acreditar que ele acabava de acordar. Tinha o cuidado de desarrumar a cama, e sempre uma desculpa apropriada: "Mais espetáculos, que fora obrigado a ver, reunião na agência, gravação de uma cena com Neely, a escolha de novas canções para um novo álbum de músicas". E todas as noites a generosa pílula vermelha, para mergulhá-la no abismo do nada.

No sexto dia, uma nova crise. Lyon acabara de sair, depois de lhe dizer que tinha passado a noite com Ted Kelly outra vez. Só os dois. Anne havia fingido que acreditava e agora estava recostada no travesseiro. Mas não conseguiu dormir novamente. Foi ao banheiro e tomou mais uma pílula.

Era uma hora da tarde quando acordou. Chamou a criada e lhe disse que não estava se sentindo bem, que tomaria café com torradas na cama. A criada trouxe a bandeja e os jornais da tarde. Abriu, despreocupadamente, um deles e ficou chocada com a fotografia que viu. Era de Neely e Lyon. A legenda dizia: "A Srta. O'Hara, dançando no El Morocco, com seu agente pessoal, Lyon Burke".

Neely parecia ótima. De repente, Anne se deu conta de que não via Neely há muito tempo. . . talvez há oito ou nove meses. Agora, Neely nem se dava ao trabalho de esconder sua aventura com Lyon. Não, quando tinha o cinismo de olhá-lo assim nos olhos, radiante, sorrindo. . . E Lyon também parecia muito feliz. Meu Deus,

continuavam! Agora Lyon fora apanhado em uma mentira. Se ao menos não tivesse contado aquela de Ted Kelly. Discou para Henry.

— Jogue fora o jornal — disse ele. — Não ouse confrontá-lo com a fotografia. Deixe que acredite que você não a viu.

— Henry, não posso mais continuar. . . — soluçou Anne. — Não posso. . .

— Venha para cá, Anne — pediu Henry. — Vamos discutir o caso.

Henry ficou andando de um lado para o outro enquanto falava.

— Admito que é duro — disse ele. — Não pensei que ele se tornasse tão imprudente. Imaginei que se contentasse com as viagens. Imaginei que você jamais tivesse de suportar que eles, praticamente, fossem para a cama sob o seu nariz.

— Que é que eu posso fazer? Sou motivo de riso para muita gente. Nem posso almoçar fora. Ontem mesmo, eu disse a três amigas, durante o almoço, que Lyon estava ansioso para que Neely voltasse à Califórnia, porque estava cansado de bancar a sua ama-seca; notei que as três ficaram sem saber o que dizer. Agora não poderia mais encará-las.

— Acha que seria bom eu falar com Lyon? Falar como amigo, sem que ele soubesse que você esteve aqui.

Anne sacudiu a cabeça.

— Não, Lyon saberia. Ele sabe que você é a única pessoa em quem confio.

De repente, Henry levantou o telefone.

— Que é que você vai fazer?

— Vou chamar Neely, então. Direi que estou lhe oferecendo meu conselho de amigo, coisa de que ela precisa muito. Vá ao quarto e ouça a conversa na extensão.

Anne ficou ainda na sala, e ouviu Henry cumprimentar Neely por sua elegância e seus muitos êxitos. Depois, disse:

— Neely, acabo de ler os jornais da tarde. Que diabo é isso entre Lyon e você?

Anne não gostou da expressão de Henry quando ouviu a resposta. Foi então para o quarto e levou, vagarosamente, o telefone ao ouvido.

Neely estava falando:

— Ouça, Henry, adoro você, mas desapareça.

— Neely — disse Henry, calmamente —, não me interessa saber como você se sente. Mesmo que você não sinta gratidão para com Anne, ainda assim precisa pensar em sua imagem perante o público. Toda gente sabe que Lyon é casado com Anne. Até agora, houve apenas algumas insinuações veladas dos colunistas, mas, isto... afinal, os patrocinadores não gostariam de um escândalo e. . . Lyon está vivendo com Anne.

— Com os diabos! Só vai para casa trocar de roupa, de manhã. Está ansioso para que Anne descubra, mas ela está sempre dormindo.

— Talvez você esteja apenas imaginando que ele quer ser apanhado em flagrante, Neely.

— Não seja idiota! Ele tem passado todas as noites comigo. Quando bateram aquela foto no El Morocco, na noite passada, ele até disse: "Talvez seja melhor assim. Se a foto for publicada, talvez tudo venha à luz". Foi isso exata-mente o que ele disse. Apenas teme contar tudo a Anne, teme que não suporte. . . e, na verdade, ele adora aquele bebe que eles têm.

— Neely, você terá que pagar por tudo isso um dia. Você não pode estender a mão e agarrar o que bem entende, sem pensar no sentimento das outras pessoas. Todos pagam pelos seus erros.

— Eu não sou todos! — gritou Neely. — E já é tempo de eu ter tudo que quero. Sabe por quê? Porque durante toda a minha vida eu só dei, entende? Mesmo quando criança. . . aqueles Gaúchos não sabiam dançar nem nada, e era eu quem levava o ato para diante. Meu cunhado é conferente no Macy's agora. Nunca mais conseguiu apresentar um ato depois que eu os deixei. Fiz dinheiro para o estúdio; no fim, me deram um pontapé. Nada conseguirá me destruir, você sabe muito bem que não há ninguém como eu. E não tenho de viver pelas regras feitas para as pessoas comuns, porque não sou uma pessoa comum. Nada pode me destruir, eu lhe garanto: nem pílulas, nem Demerol, nem sanatórios, nem a obesidade, nada. E eu nem preciso comer quando estou com Lyon. Posso beber, tomar pílulas para emagrecer, pílulas para dormir,

tudo está bem. Henry, o meu talento faz o mundo feliz, E Lyon me faz feliz. Não tenho o direito de ser feliz? Para isso preciso de Lyon. E quem, diabo, é essa Anne?

— Apenas a maior amiga que você já teve na vida.

— Sim, claro. Ouça, ela foi feliz porque eu lhe dediquei algum tempo. Por que é que ela não gostaria de ser minha amiga? Eu sou uma estrela, uma personalidade. E quem é ela, afinal, se quisermos falar a verdade? Mesmo quando eu era criança, tinha mais talento do que ela. Sim, ela tem boas maneiras, tem pose, isso é tudo. Quem é ela agora? Uma loura magricela, que anunciava esmalte para unhas na televisão, e que dormiu com um velho bastardo durante anos. Depois usou o dinheiro que ele lhe deu para comprar Lyon, e agora quer bancar a Virgem Maria com o Menino. Muito bem, eu não ganhei o meu dinheiro porque era fotogênica, ganhei porque tinha talento. Ela já conseguiu tudo o que queria com aquela pseudoclasse que tem. Ela tem trinta e oito anos agora, eu tenho trinta e quatro, acontece que a minha aparência não tem importância alguma. Nunca teve. Se você é amigo de Anne, diga-lhe para dar liberdade a Lyon. Aí, ela pode fazer uma operação plástica e, quem sabe, algum Kevin Gillmore, ou qualquer outro idiota, fique com ela. Ela sempre foi boa para atrair milionários.

Com um ruído violento, Neely desligou o telefone.

Anne colocou o fone no gancho outra vez e foi até o espelho. As rugas sob os seus olhos estavam mais fundas e havia rugas evidentes em volta da boca. Engraçado, nunca tinha pensado na sua aparência em relação a Lyon, mas. . .

— Saia da frente desse espelho — disse Henry, entrando no quarto. — Aquele monstrinho tem olheiras que vão até o queixo. E folgo em saber que ela pensa que pode beber agora. O fígado dela está arruinado.

Anne começou a tremer. Henry se aproximou dela e abraçou-a.

— Ora, você sabe que ela estava falando apenas para me impressionar e para que eu falasse com você.

— Talvez ela tenha razão, Henry; talvez Lyon queira a liberdade.

— Lyon não falou uma palavra, e você me disse que ele desarruma a cama. Pelo menos ainda mente a você e procura se desculpar.

— Devo agradecer pelos pequenos favores... — soluçou ela.

— Agente firme, Anne. Neely disse que nada poderá destruí-la e ao seu talento. Nada, a não ser ela mesma. E é o que vai acontecer, pode acreditar.

Anne sacudiu a cabeça.

— Não. Isto é o fim da linha. Não posso mais continuar.

— Sim, você pode. E vai fazê-lo. Você tem classe, e pode ser tão forte e dura quanto aquela serpente.

Lyon nem ao menos telefonou para se desculpar naquela noite. Simplesmente não apareceu. Anne estava para tomar a pílula, à meia-noite, quando ouviu a filha chorar. Jen era um bebé ótimo, que geralmente dormia a noite toda. Devia haver algo errado. E era a folga da Srta. Cuzins. Correu para o quarto da filha, que estava com o rosto vermelho e gritando. Anne levantou-a e procurou algum alfinete que a estivesse machucando. Jen estava molhada, mas não havia nenhum alfinete. Trocou-lhe a fralda, ofereceu-lhe água e ela continuava a chorar, ainda mais alto. Estava febril, seriam os dentes? Anne esfregou-lhe um remédio nas gengivas, muito recomendado pela Srta. Cuzins; Jen, porém, continuava inquieta e soluçante. Resolveu tomar sua temperatura. Quarenta graus! Com o bebe no colo, correu até o quarto da criada e bateu na porta. A mulher saiu sonolenta, amarrando o roupão; segurou o bebé enquanto Anne procurava telefonar para o médico.

Era uma sexta-feira e ele saía da cidade para o fim de semana. Deram-lhe o número de um outro médico. Disseram-lhe que estaria só dentro de uma hora. Oh, Deus, o que é que iria fazer? Onde estava Lyon? Chamou Henry, ninguém respondeu. Sim, sua casa ficava em Westporte. Será que todos tinham ido embora?

Resolutamente, discou para o hotel onde Neely estava hospedada. Disse seu nome à telefonista e, depois de algum tempo, Neely respondeu.

— Alô, Neely — disse Anne, numa voz que se esforçava por ser natural. — Lyon está aí?

— Não.

— Tenho de encontrá-lo. É urgente.

— Bem. . . — Neely estava bocejando. — Se ele me chamar eu lhe direi.

— Neely, Jen está doente.

— Chame um médico.

— Já chamei, ele está fora. Jen está com quarenta graus de febre.

— Não se aflija. Os bebês frequentemente têm febre alta e não é nada. Dê-lhe meia aspirina.

— Mas, se Lyon chamar, por favor, diga a ele.

— Claro, claro. Agora, boa noite. Tenho uma gravação amanhã, e preciso dormir. Meus gémeos sempre tinham febre. Isso não é nada.

E desligou.

Acreditou em Neely. Nem Neely poderia ser tão insensível. Então, onde estaria Lyon?

Neely pegou o telefone e deixou uma ordem para que não a perturbassem. Onde diabo estava Lyon? Ah, sim, no Hotel Victoria, com os arranjadores, escrevendo novos versos para o seu tema musical. Disse que ficaria lá até as duas, e que depois viria ter com ela. Será que devia chamá-lo e contar a respeito da filha? Ora, não era nada. Os bebês sempre têm, febre. Isso era coisa de Anne, usando a única arma que ainda tinha contra ela. Até que ponto podia chegar! Muito bem, não iria cair nessa. Estaria dormindo quando Lyon chegasse. Deixaria um bilhete no travesseiro, dizendo que tinha tomado pílulas à meia-noite. Vejamos, agora era uma hora e quinze. Se dissesse que tomara pílula à meia-noite, seria natural esquecer o chamado de Anne. Ele, provavelmente, iria dormir em casa com sua horrível mulher, se ela estivesse dormindo quando ele chegasse. Tomou então três pílulas e um copo de uísque. Muito bem, então ele que fosse para casa uma noite. Ela o teria para si todas as outras noites. Já meio tonta, desejou que o novo tema fosse bom. O nome dela apareceria como compositora, um truque imaginado por Lyon. Todos os compositores estavam atrás dela, para que ela gravasse suas músicas ou as cantasse na televisão. Agora,

ganharia como co-autora dessas músicas. Sorriu feliz quando as pílulas começaram a funcionar. Finalmente, dormiu.

Jen foi levada ao hospital às duas da manhã. O médico chegara, pensou que fosse pólio, depois viu que era pneumonia. Quando Lyon chegou, e viu que Neely estava dormindo, foi para casa. Para seu espanto, as luzes estavam acesas, mas não havia sinal de Anne. A criada, chorosa, contou-lhe o que acontecera. Saiu correndo do apartamento e voou para o hospital. Anne estava sentada na sala de espera, apavorada. Mal olhou para ele.

— Que foi que aconteceu com ela?

— Está numa tenda de oxigénio agora. Duas enfermeiras estão com ela. Não me deixam entrar.

— Estive trabalhando com os compositores no novo tema musical de Neely. Trabalhamos até tarde, e, quando cheguei em casa, vi que você não estava. . .

— Chamei Neely há algumas horas — disse Anne inexpressivamente.

— Eu não estava com ela — disse Lyon, justificando-se. — Por que teve a ideia de chamá-la?

— Porque pensei que ela talvez soubesse onde você estava. Faz uma semana que você não aparece, tratando dos negócios dela, suponho.

Lyon olhou-a cuidadosamente:

— Há uma enormidade de trabalho na preparação de um espetáculo de televisão. Decidimos que ela deverá ter um novo tema musical que a identifique.

— Lyon, se você não se importa, preferia não falar a respeito do espetáculo de Neely agora. Estou doente de medo a respeito de Jen.

Lyon estendeu a mão e pegou a mão tremula de Anne. Foi um gesto inconsciente e natural, que apanhou Anne desprevenida. Teriam eles, algum dia, sido íntimos? Teria esse maravilhoso estranho lhe pertencido algum dia realmente? Era um estranho agora, amarrado a ela pela lei, pertencendo a outra pessoa. E ainda assim o amava. Era uma constatação chocante. Queria odiá-lo; mas, se isso era possível, desejava-o ainda mais. Decididamente, não

tinha orgulho. . . Nunca o deixaria ir-se. . . a menos que ele lhe pedisse. Deus, não deixe que isso aconteça! E que coisa terrível ser necessária uma tragédia para trazê-lo a seu lado.

Parecia ter passado uma eternidade até o médico aparecer. Ambos suspenderam a respiração. O médico estava sorrindo. Tudo estava bem. Sim, a febre baixara. Graças à penicilina e à tremenda força que tinham os bebês.

Lyon vinha ao hospital todas as noites às sete horas. Anne, em um quarto, pegado ao do bebê, passava todo o tempo no hospital. Ele chegava, brincava, fazia caretas para Jen. Insistia em levar Anne para jantar, todas as noites, no restaurante do hospital. Ficava, no mínimo, duas horas. Pelo menos isso interferia com os planos de Neely, pensou Anne.

Dez dias depois, levaram Jennifer para casa. Lyon encheu o apartamento de flores. Jantaram em casa e ele brincou com a filha. Nessa noite, amaram-se pela primeira vez em muitas semanas e dormiram abraçados.

Eram quatro horas da manhã quando o telefone tocou. Anne foi a primeira a acordar. Estendeu o braço e atendeu. Era Neely. Anne percebeu que ela devia estar dopada pelas pílulas.

— Ponha esse filho da mãe ao telefone — berrou.

— Ele está dormindo, Neely.

— Acorde-o.

— Não farei isso.

— Você ouviu o que eu disse? Acorde-o ou vou eu mesma aí e faço isso.

Lyon abriu os olhos. Anne murmurou que era Neely, e ele pegou o telefone.

— Que foi que houve, Neely? — Precisava estender o braço sobre Anne para atender, e ela podia ouvir a voz aguda de Neely.

— Estive esperando a noite toda por você — gritava ela.

— O bebê saiu do hospital esta noite.

— E daí? Ela não vai para a cama às sete horas?

— Era a primeira noite dela em casa.

Anne fechou os olhos. Ele estava se desculpando por ter passado uma noite com a própria mulher!

— Bem, então venha para cá.

— Neely, são quatro horas da manhã.

— É melhor que venha já. Tomei sete pílulas e se não vier tomarei mais dez.

— Neely, você vai dar uma entrevista ao *Life* amanhã.

— Mande-os à m. . . Eu não darei entrevista a menos que você venha para cá.

— Está bem, Neely. Vou já para aí.

Anne ficou olhando-o, enquanto ele se levantava. Preciso suportar isto, pensava. Na verdade, ele não queria ir lá naquela noite. Ela o forçou. Se eu conseguir suportar, esta será a minha primeira vitória. Anne deitou a cabeça no travesseiro e viu quando ele se aproximou, já vestido.

— Anne. . . você compreende?

— Sei que você não quer ir, Lyon.

— Anne. . . isso tem sido terrível para você. Acho que teremos de fazer algo a respeito.

A vitória se desvaneceu. Teria ele coragem de trocá-la, e à filha, por Neely?

— Não podemos continuar assim, nem. você, nem Neely, nem eu — disse ele.

— Eu posso, porque sei que não será sempre assim, Lyon. Você está enredado nisso.

— Neely precisa de mim. É um grande talento, Anne, sem disciplina alguma. -Tem de ser levada pela mão. Você, no entanto, é forte, Anne.

Lágrimas encheram seus olhos quando disse:

— Não sou forte, Lyon. A única coisa que existe em mim é o meu amor por você.

Lyon deu-lhe as costas e deixou rapidamente o quarto.

Quando a nova temporada de televisão começou, Anne voltou ao trabalho. Henry apresentou-a ao produtor de um programa, que a contratou imediatamente. O programa ia ao ar todos os dias e a mantinha ocupada. Ajudava-a a suportar o fato de que Lyon passava cada vez mais tempo com Neely.

No fim de setembro, Neely e Lyon foram à Califórnia para gravar o primeiro programa, que foi uma sensação. Neely estava entre os dez melhores na cotação e Lyon era apontado como o realizador de tudo. Anne espantou-se com o prestígio de Neely; imediatamente, uma infinidade de grandes estrelas assinaram contrato com Lyon e George. A revista *Variety* publicou uma reportagem sobre os Três B, a maior agência de Nova York. Tudo isso conseguido através de Neely.

Lyon fez algumas breves viagens a Nova York. Às vezes, durante essas visitas, Anne chegou a achar que ainda havia uma chance. À noite, quando ele a apertava nos braços, quase esquecia que fazia o mesmo com Neely. Havia sempre os chamados da Califórnia, para lembrá-la de que Neely vinha em primeiro lugar.

Lyon veio a Nova York, alguns dias depois do Natal, carregado de brinquedos para Jennifer e com uma belíssima jóia para ela. Anne estava bem consciente de que ele se repartia novamente: Natal com Neely, depois, Nova York, para comemorá-lo com elas também, embora mais tarde.

Três dias depois, Neely chamou-o, exigindo que voltasse imediatamente. Anne estava sentada na saleta, ouvindo a conversa na extensão do telefone.

— Estarei logo aí — disse Lyon, com uma leve exasperação na voz.

— Esta noite — retrucou Neely. — Você sabe que dia é amanhã? Véspera de Ano-novo!

— E dia 1.º de janeiro é o primeiro aniversário da minha filha — respondeu ele com firmeza.

— M. . ., comemore-o hoje. A garotinha não notará a diferença.

— Eu notarei. Agora, seja uma boa moça. Você é convidada a uma porção de festas, e um dos rapazes da agência poderá escoltá-la. Estarei aí no dia 5, o mais tardar. Tenho de ficar aqui para assistir à estreia de *Minha Doce Beldade*.

— Essa Margie Parks vai ser apenas um zero.

— Eu a vi em *Anjo Azul*, no ano passado — disse Lyon. — Tem ótimas qualidades.

— Terão de usar microfone com ela — insistiu Neely. — Ela canta muito bem, sou a primeira a admitir quando alguém é bom. Sabe. usar a voz como se fosse um instrumento. Ouvi dizer, porém, que quase foi substituída nas representações fora da cidade. Ela canta com a garganta e não vai durar muito. Ficará queimada em poucos anos, e isso também teria me acontecido, se eu não tivesse tido a ajuda de Zeke Whyte.

— Bem, como estamos interessados em que assine contrato conosco, terei de ir à estreia.

— Você quer dizer que perderá seu tempo trabalhando com ela? — O tom de voz de Neely era perigoso.

— Claro que não. Nem George, tampouco. Ela tem apenas dezenove anos e Bud Hoff vai tomar conta dela. As mulheres o adoram e ele será uma ótima ama-seca.

— Bud Hoff é um. . . — disse Neely. — Vive como se fosse uma dádiva de Deus às mulheres. Ele e seus ternos e gravatas escuros. Céus, todos os seus rapazes parecem usar uniforme. Bem, acho que precisam de sujeitos assim. . . — Neely bocejou. — As malditas pílulas estão, finalmente, começando a funcionar. Quando diz que estará aqui?

— No dia 5, o mais tardar — prometeu ele.

— Você me ama?

— Você sabe que sim — disse Lyon rapidamente.

— Quanto?

— Terrivelmente.

— Mais do que Anne e o bebê?

— Assim parece. Agora, Neely, preciso desligar. Anne está em casa e pode querer telefonar.

— Espero que nos tenha ouvido.

— Você se diverte magoando as pessoas?

— Não, mas se ela soubesse talvez lhe desse a liberdade.

— Talvez ela saiba, Neely.

— Você lhe contou?

— Não, mas Anne não é insensível nem estúpida. E os boatos circulam rápido nesta cidade.

— Então, por que ela não o deixa livre?

Lyon ficou em silêncio.

— Bem, então vou telefonar-lhe e contar tudo. Aí ela terá de deixá-lo. O orgulho dela não lhe dará outra alternativa.

— Não faça isso — disse Lyon.

— Eu vou. . .

— Não faça isso. Nem adiantaria, porque já falamos no assunto.

— Quando? Você não me contou.

— A noite passada.

Anne esperou que seu suspiro não tivesse sido ouvido. Nunca estiveram tão unidos como na noite passada.

— O que aconteceu? — perguntou Neely.

— Nada. Disse que já sabia de tudo e que fecharia os olhos. Jamais me dará o divórcio.

— Muito bem, então vou armar um escândalo em público, para obrigá-la.

— Você já tentou isso, Neely. Os jornalistas gostam de você e nunca publicam tudo o que vêem.

— Darei uma entrevista coletiva. Direi que você quer se casar comigo e que sua mulher não lhe dá o divórcio.

— E você sabe o que acontecerá ao seu espetáculo? Há uma cláusula moral no contrato. O seu patrocinador vende comida. Cancelariam seu contrato tão depressa que. . .

— Que me importa? Iríamos à Europa, eu faria um novo filme.

— Neely, tenho um sócio e isso prejudicaria a agência. Não posso pensar unicamente em mim.

— Você e essa m. . . de agência. Muito bem, quando eu tiver um milhão de dólares, você fará um acordo com George e eu o terei noite e dia comigo, todos os segundos. . .

— Vejo-a no dia 5, Neely. — E riu.

— Essa não. Telefone amanhã ao meio-dia, hora daqui.

— Farei isso.

— Você me ama?

— Adoro.

E todos os três desligaram.

1964

*Minha Doce Beldade* foi o maior sucesso da temporada. Anne viu a pequena e magra mocinha de sorriso torto enfeitiçar a plateia. Andava pelos dezenove anos e, mesmo inexperiente, tinha aquele algo que marca uma *estrela*.

— Tivemos muita sorte — sussurrou George a Anne. — Lyon insistiu em assinar o contrato com ela ontem. Todas as agências estarão atrás dela depois desta noite.

— Esta vai ser a sua dor de cabeça exclusiva — respondeu Lyon, debruçando-se sobre Anne.

— Está brincando? Ela ficará muito feliz sendo servida por Bud, ou por Ken Mitchell, ou qualquer dos outros rapazes do escritório:

O pensamento de Anne voou para aquela noite do passado, há tantos anos, quando sentara ao lado de Lyon para assistir à estreia de Neely. Era, também, uma boa garota, sem explosões temperamentais. Há dezenove anos... Ela amava Lyon, então, e o amava agora. Ouvindo as conversas telefônicas dele com Neely estava consciente de que vencera a batalha. Mas, por mais estranho que parecesse, a vitória não tinha sabor algum. Agora Lyon mentia para Neely, dizendo que pedira o divórcio. Na verdade, ele não queria se divorciar, não queria ficar preso a Neely, agora que a serpente que havia dentro dela estava começando a se mostrar. Amanhã era dia 5, Lyon, entretanto, não fizera qualquer referência à viagem. Até falava de uma estreia que não queria perder, no dia 8. Teria ela realmente vencido, ou se tratava de uma trégua? Neely ainda estava presente, e talvez sempre estivesse, daí por diante. Teria Lyon apreciado o corpo de Neely? Acharia que, com Neely, era a mesma coisa que com ela? Nunca saberia.

Até os bastidores pareciam os mesmos. Margie Parks parecia muito jovem e muito vulnerável, embaraçada pela presença de seus novos e brilhantes agentes e pelas celebridades que se congratulavam com ela.

Anne sentou-se entre Lyon e George durante a festa que comemorou a estreia, depois do espetáculo. A certa altura, quando

Lyon deixou a mesa, para falar com algumas pessoas, Margie se aproximou e sentou-se no lugar dele.

— Quero que saiba, Sra. Welles, que sempre fui grande admiradora sua.

— Na televisão? Ora, aquilo não é nada.

— Eu a adoro no seu programa atual. Quando a senhora era a garota Gillian, eu quase desmaiava. Lembro-me que tinha dez anos de idade quando roubei um dólar de minha mãe para comprar um batom Gillian. Eu queria me parece com a senhora.

Anne sorriu. De repente, compreendeu como é que Helen Lawson se sentia. Era tão maravilhoso ser jovem; pensar que a gente seria eternamente jovem. Ainda assim sabia que era o símbolo do sucesso para Margie Parks. Era lisonjeada, casada com um homem importante, e uma mulher de sucesso em sua carreira. Margie não era bonita, vestia um vestido verde que não melhorava em nada a sua aparência. O casaco que usava era de seda preta, parecido com o que ela comprara em Bloodmingdale. Notara o olhar que Margie pôs no seu casaco de *vison*. Será que Margie imaginava que seu farto cabelo devia agora ser pintado? Ou que as rugas, debaixo de seus olhos, tinham que ser disfarçadas com maquiagem apropriada? Num ambiente de luzes suaves, como o daquela noite, sabia que chamava a atenção. Muitas cabeças ainda se voltavam quando ela entrava nutria sala. Aparecia bem na televisão e sabia que, com maquiagem e luzes apropriadas, poderia continuar ainda por quinze anos. Nunca, porém, fingiria ser mais jovem do que era. Toda gente sabia quantos anos tinha.

Margie falava sem parar. Lyon estava visivelmente aborrecido e eles a deixaram aos cuidados de George uma hora mais tarde. Nesta noite, Lyon lhe parecera muito cansado. Em casa, havia uma porção de recados de Neely. Lyon não se esforçava por esconder suas conversas de Anne, e nelas mantinha uma atitude impessoal e reservada. Sim, tinham contratado Margie Parks. Claro que ela não era um grande talento. Sim, estaria lá dentro de alguns dias.

Mas o sucesso de Margie foi enorme. O álbum das canções da peça vendera espetacularmente bem, e os compactos que gravara

estavam entre os dez mais vendidos. Em abril, George conseguiu-lhe um contrato na televisão, com um programa semanal. Os Três B representavam esses programas.

Lyon continuou a viajar frequentemente para a Califórnia. Os espetáculos de Neely iam bem, ela assinara contrato para a próxima temporada. Os Três B abriram uma nova agência na Califórnia e muita gente de Johnson Harris veio trabalhar para eles.

Neely era líder dos acontecimentos sociais de Holly. wood. Alugara uma casa enorme e empregara criadagem completa, suas grandes festas eram frequentadas por todas as pessoas importantes da cidade. Estava gravando o último espetáculo da temporada quando George pediu a Lyon que viesse a Nova York. Os patrocinadores queriam um esboço do que seria o programa de Margie Parks da próxima temporada.

— Você é o criador, meu caro — disse-lhe George. — Eu vendi o programa, agora -você terá de organizá-lo.

Lyon saiu da Califórnia às escondidas. Deixou uma nota para Neely, dizendo que voltaria em quarenta e oito horas. Esperava evitar uma cena e sentia-se despreocupado em fazer isso — dois terços do último espetáculo de Neely já estavam gravados em vídeo-teipe.

Lyon reuniu-se com os diretores e patrocinadores. Tudo estava indo bem. O diretor telefonou-lhe da Califórnia, dizendo que Neely estava furiosa, mas, por enquanto, cooperava. Lyon sossegou e resolveu não voltar à Califórnia. Levou Anne ao teatro e a pequena Jennifer para o seu primeiro passeio de pónei no Central Park.

Estavam na cama, assistindo ao último programa de televisão, quando este foi interrompido para uma notícia: "Neely O'Hara foi conduzida ao hospital em estado grave".

Alguns instantes depois, George estava ao telefone: já tinha telefonado para o hospital e Neely estava fora de perigo. Tomara todo o conteúdo de um frasco de pílulas. Lyon vestiu-se, enquanto Anne arrumava sua mala. Havia um avião que saía à uma e meia para a Califórnia, e ele poderia tomá-lo. O programa de Neely não estava todo gravado ainda, mas Joey Kling iria para lá e faria o

resto. De qualquer maneira, dariam um jeito até a hora de o programa ir para o ar.

Neely estava de olhos fundos e sentia-se fraca quando Lyon chegou ao seu quarto no hospital. Ela sobreviveria. Estendeu os braços para Lyon.

— Oh, Lyon, quando eu soube, pensei que seria o fim. Só queria morrer.

— Quando soube do quê? — perguntou Lyon, passando-lhe a mão pelos cabelos.

— Li a notícia no estúdio. Dizia que você tinha sido chamado para proporcionar a Margie Parks o "tratamento de estrela".

— E por isso você tentou... — Sua voz traduzia espanto.

— Ouça, Lyon. Concordaria em que você veja sua mulher de vez em quando, e, talvez, até lhe perdoe alguma escapadela com outra garota, jamais, porém, permitirei que você faça uma nova estrela enquanto trabalha para mim.

— Neely, nossa firma não foi planejada para agenciar apenas uma estrela.

— Eu fiz a sua porca agência e posso desfazê-la também. Lembre-se sempre disso. Se eu me desligo dela, a metade de seus clientes sairá comigo. Você precisa, de mim, meu caro, portanto, de hoje em diante, quando eu estalar os dedos esteja aqui.

Lyon levantou-se e saiu calmamente do quarto.

— Lyon! Volte aqui! — berrou Neely.

Lyon voltou a Nova York no avião seguinte. Convocou George para uma reunião imediatamente.

— George, você já pagou a sua mulher?

George sorriu.

— Não, e nem pretendo.

— Eu acabo de assinar meu último cheque para Anne. Não lhe devo mais nada. De agora em diante, todos os riscos que eu assumir serão por minha conta. Não devo mais nada a ninguém.. .

— Não se esqueça de que é meu sócio.

— Claro que não. Mesmo assim, cheguei à conclusão de que teremos de desistir de Neely. Não vale a pena a agonia. Não precisamos mais dela.

— Não acha que isto vai nos prejudicar? — perguntou George.

— De modo algum. O espetáculo de Margie Parks vai nos trazer o dobro do lucro, ir ao ar semanalmente. E, depois, temos Joey Kling. Neely entra em decadência dentro de pouco tempo, talvez não neste ano, ou no próximo, mas decairá. Nós não devemos estar ligados a ela nessa ocasião. Nós a ressuscitamos e todos sabem disso. Vamos deixá-la enquanto está na crista da onda.

— Que é que o faz pensar que Neely não terá êxitos cada vez maiores? Aquela estada no sanatório fez maravilhas com ela.. .

Lyon sorriu.

— Quanto acha que alguém pode durar, tomando duas injeções de Demerol por dia?

— Ela disse que eram injeções de vitamina — retrucou George.

— E que vitamina! George, estamos formando uma ótima equipe com os rapazes e nós dois somos uma boa combinação. Ninguém chega a seus pés quando se trata de vender, e eu tenho me saído bastante bem na parte criativa, com os clientes e com o nosso pessoal. Não podemos esbanjar metade das nossas forças viajando pelo país, para bancar ama-seca e amante desse polvo. Por Deus, George, ela engole vivas as pessoas! Só Deus sabe como foi que Anne conseguiu sobreviver a isso. Terminemos com Neely agora. Soube que Abe Kingman, da Johnson Harris, foi à Califórnia para falar com ela. Que fique com eles.

— Muito bem, telegrafe a ela você mesmo. Acho que merece essa pequena satisfação — disse George sorrindo.

Neely assinou contrato com a Johnson Harris e se fartou de falar da ineficiência de seus ex-agentes. Os Três B, entretanto, não ficaram prejudicados com isso; em setembro, o programa de Margie Parks foi lançado ao ar com enorme sucesso.

Neely, por sua vez, começou a nova temporada muito bem. Três agentes da Johnson Harris se revezavam ao lado dela, durante as vinte e quatro horas do dia.

— Você acha que ela estará bem? — perguntou Anne. Lyon sacudiu a cabeça.

— Por algum tempo, sim. Mas ela tem a mania da autodestruição. Assumiu compromissos grandes demais: uma casa enorme, muitos empregados, muitas recepções. Ela é novamente uma grande estrela e isso já quase acabou com ela uma vez.

— Se tem uma recaída. . . — Anne não podia deixar de se preocupar. A tendência autodestrutiva de Neely era tão pateticamente mórbida. . .

— Isto acontecerá um dia destes — respondeu Lyon.

— E o que acontecerá depois?

— Fará uma nova volta triunfante, e outra, e outra, tantas quantas o seu físico aguentar. É uma guerra civil em miniatura essa luta entre suas emoções e seu talento e a força física. Um dos lados terá de ser vencido. Alguma coisa terá de ser destruída.

*1965*

Anne estava pensando que não devia ter permitido que a convencessem a dar aquela festa de Ano-novo. Olhava para o fluxo interminável de convidados que entravam e saíam, juntavam-se diante do elevador e aglomeravam-se perto do bar. George e Lyon insistiram para que desse a festa; na verdade, dar uma festa não era tão simples como ir a uma festa. A gente podia sempre se retirar de qualquer outra, mas, na festa da gente, tinha que suportar tudo até o fim.

A gente famosa que trabalhava na Broadway começou a chegar. Passava de uma hora, e ela não vira Lyon desde o rápido beijo que trocaram à meia-noite. Já era 1.º de janeiro, segundo aniversário de Jennifer. Desvencilhou-se dos convidados por um momento e foi até o quarto" da filha. A fraca luz noturna desenhava a silhueta da criança que dormia.

— Feliz Ano-novo, meu anjo — murmurou Anne. — Eu a amo, queridinha, por Deus, como eu a amo!

Abaixou-se, beijou-a na testa e saiu silenciosamente do quarto. A sala estava cheia de gente e barulho. A saleta e o bar também. Anne entrou no quarto e fechou a porta. Não, aquilo não estava certo. A anfitriã não podia agir daquele jeito. Além disso, se

ela fechasse a porta, alguém poderia bater. Não era delicado. Abriu então a porta e apagou a luz. Melhor assim. Se abrisse a porta e apagasse as luzes, ninguém a veria. Desejou que ninguém entrasse no quarto. Sua cabeça latejava.

Deitou-se na cama. Os risos e as vozes pareciam vir de longe. . . e a música.. . ouviu um copo quebrar-se. . . mais risos. . . De repente, ouviu passos. Meu Deus, alguém se aproximava. Sim, duas silhuetas entraram no quarto. Continuou deitada, esperando que saíssem logo.

— Fechemos a porta — murmurou a moça.

— Isso chamaria atenção.

Era a voz de Lyon. . . mas não conseguiu distinguir quem era a moça.

— Eu o amo, Lyon. — A voz parecia familiar.

— Ora, você é apenas um bebê.

— Não importa. Sei que o amo. Meu programa na semana passada foi o melhor de todos, porque você supervisionou tudo pessoalmente.

Foi silenciada com um beijo.

— Lyon, você estará lá todas as semanas?

— Tentarei.

— Tentar, não. Esteja lá. — A voz era insistente. — Lyon, sou uma das maiores estrelas da agência agora.. .

— Margie, você está tentando fazer chantagem com o meu amor? — perguntou Lyon docemente.

— Foi isso o que Neely O'Hara fez?

— Nunca houve nada entre mim e Neely.

— Ah! De qualquer maneira, vai haver alguma coisa entre mim e você. Céus, estou louca por você.

Lyon beijou-a novamente.

— Agora seja uma boa moça, e voltemos à festa antes que notem a nossa ausência.

Anne continuou deitada até que saíssem. Depois, levantou-se e ajeitou o vestido. Foi ao banheiro e tomou uma pílula vermelha. Estranhou não sentir pânico algum. Agora era Margie Parks. . . Engraçado, não doía tanto desta vez. Ainda amava Lyon, mas o

amava menos. Depois de romper com Neely, ele esteve mais devotado que nunca. E ela não tivera nenhuma sensação de triunfo. Alguma coisa dela tinha ido juntamente com Neely. Agora sabia que sempre haveria uma Neely, ou uma Margie. . . e cada vez isso a magoaria menos, e ela amaria Lyon menos, até que um dia não existiria mais nada — nem mágoa, nem amor.

Escovou o cabelo e retocou a maquilagem. Estava muito bem. Tinha Lyon, o belo apartamento, a filhinha, uma bela carreira, tinha Nova York, enfim, todas as coisas que um dia desejara. De agora em diante, nunca mais ficaria seriamente magoada. Estaria sempre muito ocupada durante o dia e, à noite, isto é, nas noites solitárias, teria sempre as bolinhas vermelhas para lhe fazer companhia. Naquela noite, tomaria duas. Por que não? Afinal, era véspera de Ano-Novo.

Notas:

<sup>1</sup> Do ídiche, pode ser traduzido por babaca. (N. do T.)

<sup>2</sup> *Esporte que se joga com uma raquete e peteca, e uma rede que separa os competidores. (N. da Ta.)*